SYSTEMA

DE

SOCIOLOGIA

POR

THEOPHILO BRAGA

Um systema social que se extingue, um novo systema chegado ao seu estado de inteira maturidade, e que tende a constituir-se, tal é o caracter fundamental assignado á época actual pela marcha geral da Civilisação.

AUGUSTO COMTE, *Opusculos* (App. gener., p. 47).

A politica não podia tornar-se uma sciencia emquanto se não baseasse sobre observações, e só podiam existir observações depois da duração de uma Civilisação bastante prolongada. Era preciso o estabelecimento de um systema social, admittido por uma população muito numerosa, e composta de muitas nações grandes, bem como toda a duração possivel d'este systema, para que uma theoria se podesse fundar sobre esta grande experiencia.

In., *Ib.*, p. 94.

LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
31 Rua da Cruz de Pau 33
1884

SYSTEMA

DE

SOCIOLOGIA

OBRAS DE THEOPHILO BRAGA

(1864-1884)

EPOPÊA DA HUMANIDADE

Visão dos Tempos, 1 vol.— Tempestades sonoras, 1 vol.—Ondina do Lago, 1 vol.—Torrentes, 1 vol.—Miragens seculares, 1 vol.

FONTES TRADICIONAES DA LITTERATURA PORTUGUEZA

Historia da Poesia popular, 1 vol.—Cancioneiro popular, 1 vol.—Romanceiro geral, 1 vol.—Cantos populares do Archipelago açoriano, 1 vol.—Cantos populares do Brazil (Introd. e Notas) 2. vol.—Floresta de Romances com forma litteraria, 1 vol.—Contos tradicionaes do Povo portuguez, 2 vol. — O Povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições, 2 vol. (*No prelo*).

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA

Introducção á Historia da Litteratura portugueza, 1 vol.—Epopêas mosarabes, 1 vol.—Trovadores gallecio portuguezes, 1 vol.—Formação do Amadis de Gaula, 1 vol.—Poetas palacianos do seculo XV, 1 vol.—Bernardim Ribeiro e os Bucolistas, 1 vol.—Os Quinhentistas, 1 vol.—Historia de Camões, 1 vol. - Eschola de Camões, 1 vol.—Bibliographia camoneana, 1 vol.—Historia do Theatro portuguez, 4 vol.—Seiscentistas e Arcades (*Inedito*).—Bocage, sua Vida e Epoca litteraria, 1 vol.—Historia do Romantismo, 1 vol.—Theoria da Historia da Litteratura portugueza, 1 vol.—Manual da Historia da Litteratura portugueza, 1 vol.—Questões de Litteratura e Arte portugueza, 1 vol.

EDIÇÕES CRITICAS: Cancioneiro portuguez da Vaticana, 1 vol.— Obras de Christovam Falcão, 1 vol.— Obras completas de Camões, 3 vol.—Parnaso de Camões, 3 vol.—Os Lusiadas (Edição para o Centenario), 1 vol.—Excerpto de um Cancioneiro quinhentista, fol.—Gaia, de João Vaz, fol.—Obras completas de Bocage, 6 vol.—Antologia portugueza, 1 vol.—Parnaso portuguez moderno, 1 vol.

SOCIOLOGIA, POLITICA E HISTORIA

Systema de Sociologia, 1 vol.—Historia universal, 2 vol.—Origens poeticas do Christianismo, 1 vol.—Poesia do Direito, 1 vol.—Historia do Direito portuguez, 1 vol.—Traços geraes de Philosophia positiva, 1 vol.—Soluções positivas da Politica portugueza, 3 vol.—Estudos da Edade media, 1 vol.—As Lendas christãs, 1 vol. (*No prelo*).—Espirito do Direito civil moderno, fol.—Caracteristicas dos Actos commerciaes, fol.

VARIA.—COLLABORAÇÃO JORNALISTICA

Folhas verdes, 1 vol.—Grammatica portugueza elementar, 1 vol.—Contos phantasticos, 1 vol.—Bibliographia critica, 1 vol.—O Positivismo, 4 vol.—A Era Nova, 1 vol.—Revista de Estudos livres, 1 vol.—Theocracias litterarias, fol.—Os criticos da Historia da Litteratura, fol.—Excavações bibliographicas, fol.—Plutarcho portuguez, 2 vol.

SYSTEMA

DE

SOCIOLOGIA

POR

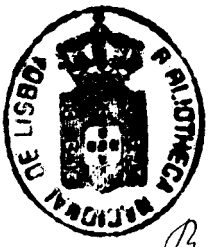
THEOPHILO BRAGA

Um systema social que se extingue, um novo systema chegado ao seu estado de inteira maturidade, e que tende a constituir-se, tal é o caracter fundamental assignado á época actual pela marcha geral da Civilisação.

AUGUSTO COMTE, *Opusculos* (App. gener., p. 47).

A politica não podia tornar-se uma sciencia emquanto se não baseasse sobre observações, e só podiam existir observações depois da duração de uma Civilisação bastante prolongada. Era preciso o estabelecimento de um systema social, admittido por uma população muito numerosa, e composta de muitas nações grandes, bem como toda a duração possivel d'este systema, para que uma theoria se podesse fundar sobre esta grande experiencia.

ID., *Ib.*, p. 24.



R. 6427

LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO
31 Rua da Cruz de Pau 33
1884

PROLOGO

O nome de *Sciencias sociaes* foi dado indistinctamente a um certo numero de sciencias concretas e especiaes formadas sobre o exame de phenomenos particulares que se passam nas sociedades humanas; algumas d'essas sciencias, como o *Direito,* organisadas sem a disciplina do espirito de conjuncto, tornaram-se verdadeiramente estereis, sendo exploradas por uma classe que faz consistir o saber n'uma pericia de pratica material, como os advogados; outras sciencias, como a *Economia politica* e a *Moral,* eram organisadas sob o criterio de uma exagerada generalidade, pretendendo tornal-as centro de coordenação da complexissima phenomenologia dos agregados humanos, e por isso a Economia desbaratou-se por longo tempo na discussão metaphysica da creação de valor, e a Moral no problema da sancção da consciencia. Alguns dos principaes phenomenos sociaes, como a *Religião,* a *Linguagem,* a *Arte,* eram estudados de um modo tão alheio a toda a subordinação philosophica, que os profundos especialistas da mythographia, da philologia, da esthetica, creando as bases da investigação comparativa e da filiação historica, nem suspeitaram que estavam contribuindo para a organisação de uma sciencia geral constituida por todos esses resultados positivos. A *Historia* era considerada uma erudição academica, estudada

por pulverulentos antiquarios, que occupavam a critica em restabelecer series dynasticas ou a reivindicar glorias militares; só muito tarde é que a Historia, como sciencia, achou o seu destino philosophico, sendo por isso empregada como o meio de estabelecer a continuidade social na humanidade, sem o que não é possivel conhecer as condições naturaes e as fórmas do progresso. Porém com a *Politica* davam-se inconvenientes ainda maiores; assim como as theologias se insurgiram por muito tempo contra os que sem serem padres se dedicavam á exploração dos mythos e da hierologia, os homens praticos e privilegiados que geriam a governação, consideravam a Politica um segredo de estado, e as especulações sobre esta ordem de phenomenos um verdadeiro perigo social, que convinha abafar por todos os modos, distrahindo a attenção dos povos da observação dos negocios publicos por meio de festas cesaristas *(Panem et circenses)* e sepultando nas Bastilhas aquelles que fóra da participação do poder ousavam discutir as manifestações da auctoridade. Sob esta pressão, a Politica foi abandonada á pratica ministerial, e significando apenas a somma dos motivos da acção governativa, comprehendeu na sua noção vulgar todos os crimes do poder pessoal, todas as violencias de um empirismo que atropella a evolução social em nome da Ordem.

A falta de uma sciencia geral formada pela contribuição de todas as sciencias concretas da phenomenologia social, é que não permittia attingir-se o espirito de conjuncto, esse alto gráo philosophico de positividade, que, procurando o encadeamento e mutua dependencia dos factos pela theoria, é o correctivo fecundo da estreiteza das especialidades. N'este estado de elaboração scientifica, a Politica havia de pretender representar por si só a sciencia geral dos agregados humanos, obdecendo ainda á illusão de que as sociedades subsistem pela acção dos governos, florescem ou definham segundo a sua influencia.

Os estudos de Anthropologia e de Psychologia, de Ethnographia e de Statistica, relacionando os phenomenos sociaes com a dependencia anterior de leis organicas e mesologicas, vieram iniciar o criterio da positividade na comprehensão dos phenomenos sociologicos, demonstrando que esses phenomenos estão na sua quasi totalidade independentes da vontade e da acção individual; a historia comparada, isto é, o estudo das instituições sociaes transformando-se de civilisação para civilisação, como a familia, a propriedade, a linguagem, a arte, a moral, diminue a importancia que se ligava ás altas individualidades, aos instituidores, aos grandes eponymos das nações, como personificações mythicas das forças immanentes nas sociedades. E assim como um pedagogo boçal em vez de facilitar as condições do desenvolvimento intellectual da criança, lhe incute conhecimentos pela auctoridade e pela intimidação bruta, extinguindo-lhe a espontaneidade natural, tambem os politicos empiricos, na sua falsa ideia da acção individual sobre o agregado social, não têm feito mais do que abusar da força, malbaratar as energias nacionaes, e embaraçar estupidamente a marcha da humanidade. Basta cotejar os extraordinarios progressos intellectuaes e economicos dos povos com os absurdos da sua organisação politica, como a organisação scientifica da instrucção publica e a religião de estado coexistindo na mesma administração centralista, ou como o largo desenvolvimento da actividade industrial embaraçado pelos recrutamentos e pela esterilidade e parasitismo dos grandes exercitos, cooperando para a mesma ordem; emfim por este simples cotejo se observa a irracionalidade da politica empirica, que produz na collectividade ruinas mais profundas, do que os curandeiros na saude individual.

Um dos gráos mais espontaneos da positividade, é o do conhecimento da invariabilidade das leis naturaes; só muito tarde os phenomenos sociaes chegaram a esta condição para se converterem em sciencia; só muito tarde se eliminaram os arbi-

trios da auctoridade, que pareciam complicar o problema tornando impossivel a previsão sociologica. Coube ao seculo XIX a missão de completar o quadro das sciencias cosmologicas e biologicas com o novo grupo das sciencias sociologicas, e estabelecendo-se a mutua dependencia entre ellas, relacionaram-se pelas deducções das leis geraes, constituindo-se um conhecimento novo, esse espirito de conjuncto que as disciplina,—a Philosophia positiva, esboçada pelo genio de Augusto Comte. A creação da *Sociologia* só foi possivel depois dos progressos fundamentaes da Biologia no principio d'este seculo, e depois da especialisação de um grande numero de sciencias concretas formadas pela investigação de dados phenomenos sociaes.

Diante d'esta concepção geral, a Politica torna-se uma sciencia de applicação, como a agrimensura em relação á Mathematica, a pilotagem em relação á Astronomia, a metalurgia com relação á Chimica, ou a medicina com relação á Biologia. Esta relatividade essencial e subordinação ao espirito de conjuncto eis o primeiro caracter de positividade em Politica; porém, como sciencia de applicação, a Politica tornar-se-ha de mais em mais positiva, quando, destinada a ser um meio de coordenação de forças sociaes, realisar a conformação dos actos com os principios. É assim que a Politica, comprovando as deducções da Sociologia, se fecundará pela pratica de novos principios abstractos descobertos por esta, da mesma fórma que as Artes technologicas, comprovando leis geraes da physica e da chimica, alargam o seu campo de producção industrial. O que vêmos com a Agronomia, em relação ás praticas tradicionaes da rotina agricola, dá-se com a Politica positiva, que tende a eliminar o empirismo perturbador das castas privilegiadas ou dynastias, e do favoritismo ministerial, estabelecendo a coordenação dos factores sociaes no conhecimento scientifico d'esses factores. As grandes crises alimenticias, como as fomes periodicas da Edade media, acabaram pelos recursos da Agro-

nomia; assim acabarão as crises sociaes, como as guerras internacionaes, as hostilidades de bandeira, as repressões preventivas, a imposição de instituições caducas e abusivas, as revoltas de classes, quando as energias sociaes forem coordenadas pela competencia scientifica, que na acção governativa se exprime pela noção positiva da Politica. Esta renovação do criterio philosophico é uma segurança social.

A difficuldade de organisar no seu conjuncto a sciencia abstracta da Sociologia, embaraça de alguma fórma a constituição positiva da Politica, isto é, como sciencia concreta ou de applicação. No estado actual d'esta ordem de estudos, notam-se dois processos na organisação da Sociologia, conforme os meios methodologicos empregados pelos pensadores. Uns procuram o estabelecimento de leis geraes, accumulando *inducções* sobre uma grande copia de factos tomados das narrativas dos viajantes, dos usos e costumes dos diversos povos, comparados com os de outras épocas historicas, coordenando-os em uma successão evolutiva como quem procura determinar as origens organicas das Sociedades. Outros visam a tirar *deducções* da marcha geral das grandes raças progressivas e das mais altas civilisações, para d'ahi chegarem ás *previsões* scientificas sobre as tendencias das sociedades, e o meio de as coadjuvar de um modo pratico ao mais facil advento de um estado normal. Ao primeiro, chamam-lhe escola *ethnographica,* ao segundo a escola positiva. Spencer, Letourneau, e os ethnologos allemães, como Waitz e Wundt, consideram a Sociologia como uma ethnogenia, e embrenham-se na complicação descriptiva dos factos concretos remontando do passado, ou começando as suas especulações desde as sociedades selvagens e rudimentares. O methodo é errado, porque a condição philosophica da Sociologia consiste nas considerações do *conjuncto* e não de detalhe, e em estabelecer *previsões,* as quaes só são possiveis observando do modo mais geral o percurso das mais elevadas e completas civilisações.

Poucos philosophos comprehendem o caracter peculiar do *criterio deductivo* em Sociologia. Quando Vico, no seculo passado, especulou sobre o «começo da Humanidade ou da Civilisação entre as Nações» accumulou todos os factos *inductivos* conhecidos pela erudição do seu tempo «reduzindo estas opiniões dispersas ao estado de Sciencia». Como no seu tempo não era possivel a concepção de uma Sociologia, elle chamou á sciencia que já presentia, e á falta de melhor titulo, SCIENCIA NOVA *para servir ao conhecimento da natureza das Nações*. O material de erudição augmentou no nosso seculo com a Ethnologia, com a Prehistoria, com a Mythographia, com a Demopsychologia, com a Symbolica, com a Nacionalitteratura, mas o espirito philosophico não foi alcançado pelos criticos que ainda se debatem para darem uma designação geral a esta somma de factos concretos. Os inglezes chamam-lhe *Folk-Lore,* e Spencer, *Sociologia;* a mesma confusão dá-se na Allemanha.

Uma tal sciencia é *descriptiva,* e por isso é subalterna e não substitue a sciencia geral e abstracta dos agregados humanos, a qual conduz ao estabelecimento de *previsões,* cujo destino é a applicação pratica por via da Politica. Convém distinguir os dois processos methodologicos: na Sociologia descriptiva, coordena por meio de *inducções* em um agrupamento mais ou menos artificial todas as manifestações dos agregados humanos; ou deriva por um trabalho *deductivo* sobre os elementos organicos e primordiaes da sociedade, e da reconstrucção historica da evolução dos diversos estados e typos sociaes, quaes as fórmas normaes que tendem a prevalecer na existencia social. Exemplifiquemos os dois processos. Equiparando as manifestações dos agregados humanos a movimentos de um corpo no espaço, podem esses actos ser descriptos segundo os detalhes de um apparelho locomotor; assim uma Sociologia concreta póde dividir-se em duas partes capitaes: AGENTES DIRECTOS do movimento e AGENTES REFLEXOS.

Os AGENTES DIRECTOS são *Excitantes,* comprehendendo as Necessidades, Instinctos, Paixões, Sentimentos e Opiniões; e *Actuantes,* comprehendendo como Immediatos, a Familia, a Tribu, a Nação e a Associação, e como Automaticos, os Costumes, a Linguagem e a Religião. Os AGENTES REFLEXOS, manifestam-se em condições diversas: 1.º *Transmittindo a acção,* taes como o Commercio, os Contractos, a Escripta, a Justiça; 2.º *Obedecendo ou resistindo,* taes como a Tradição, a Imitação, o Culto, o Estado, a Moral; 3.º *Dirigindo a acção,* como o Governo, a Policia, a Administração; 4.º *Augmentando a acção,* como o Ensino, as Viagens, Allianças e Federações; 5.º *Multiplicando os movimentos,* como as Invenções, as Sciencias, a Industria e a Arte; 6.º *Sustentando a connexão das partes remotas,* como a Constituição, a Politica e o sentimento nacional; 7.º *Facilitando os movimentos na sua coexistencia e independencia,* como a Liberdade e a Civilisação.

Bem conhecemos quanto este processo é artificial, e que as analogias podem buscar-se ou na Mechanica racional, como sugeriu Sophie Germain, ou nas funcções organicas, como faz Spencer; feitas as descripções dos phenomenos sociaes sob uma disposição qualquer, o que se conclue? Nada, porque esse material accumulado não conduz ás deducções finaes. Em uma sciencia geral e abstracta deve predominar a synthese sobre a analyse e as noções explicitas sobre a accumulação dos factos implicitos. É por isso que a Sociologia, como sciencia fundamental, deve tomar o phenomeno social nas suas mais elevadas manifestações, taes como as Civilisações áricas, e d'estas especialisando as Civilisações europêas como o unico campo possivel de *previsões,* e derivando as suas deducções da marcha da Civilisação occidental.

Como exemplo da applicação do *methodo deductivo,* apresentamos o seguinte encadeamento dos elementos constitutivos da sociedade: 1.º typo: Reunião de *Familias* ligadas pelo paren-

tesco ou pela auctoridade paternal, dando logar á *Tribu genealogica,* á *Aristocracia* militar ou de nascimento, a uma *Realeza* hereditaria ou electiva, a um *Senado* ou Conselho dos antigos ou *Pares,* e a um *Culto domestico.* 2.º typo: Reunião de Familias ligadas pela dependencia e garantia do mesmo solo, formando a *tribu local,* vivendo pelo *trabalho agricola* e *industrial,* dando logar á estabilidade civil, ao *estatuto territorial* ou o *Municipalismo,* com uma *Propriedade commum* e *Culto publico.* 3.º Pelo encontro e fusão d'estes dois typos sociaes estabelecem-se as seguintes relações: a) Troca de productos entre as classes agricolas ou sedentarias com a tribu familista, pelo *Commercio;* b) Lucta entre os dois elementos, ora prevalecendo a base genealogica com a Realeza, ora o elemento local ou burguez com a *Democracia,* com a *Republica* e *Proletariado.* 4.º Dentro de cada um d'estes elementos se produzem ainda differenciações profundas: a) Na tribu genealogica prepondera a classe que tem o privilegio do Culto, ou o *Sacerdocio* como casta, confundindo o poder espiritual com o temporal na *Theocracia;* b) ou por circumstancias historicas domina a classe guerreira, a *Aristocracia;* c) n'esta, se ella se impõe á *Realeza* pela subordinação hierarchica das pessoas, constitue o poder senhorial ou o *Feudalismo;* d) se a Realeza se apoia no elemento local, tornando exclusiva a soberania, estabelece se a *Monarchia,* nas fórmas *imperial, dynastica, absoluta* ou *constitucional,* segundo as relações de dependencia entre os elementos aristocratico ou democratico. 5.º N'esta desintegração social dá-se o phenomeno da eliminação gradual do typo genealogico, e da preponderancia crescente do typo local: a) primeiramente pela fatalidade biologica da decadencia e extincção das Aristocracias; b) depois os Reis ou Imperadores, que concentravam na sua pessoa todos os poderes, vão lentamente abdicando:—o poder militar em *Generaes,* organisando-se a força publica de milicia e policia;—a vontade ou arbitrio despotico, em uma *Legis-*

lação escripta, que regula as relações sociaes nos seus mutuos interesses;—a intervenção da auctoridade em um tribunal de *Justiça,* vigiando pela observancia das regras ou obrigações constituidas;—o *Governo,* ou exercicio do poder executivo é entregue aos mais competentes, ou a um conselho de *Ministros*, até que o Rei fica essa ficção parlamentarista que — reina e não governa. 6.º Terminada a abdicação da Realeza, embora conservada ainda pelo sophisma de um accordo e ponderação entre o elemento aristocratico e o democratico (Constituições monarchico-representativas), chega-se á concepção racional de um centro coordenador de todas as energias sociaes, como synthese dos interesses geraes, *(Estado)* que por meio da egualdade perante a *Lei* opéra a identificação dos antigos elementos pessoaes e locaes em uma mesma unidade, *(Nação)* que se fortifica ligando entre si os cantões ou provincias por um pacto voluntario e bilateral de *Federação.*

Só depois d'este encadeamento deductivo dos factos sociaes é que é possivel estabelecer *previsões,* que dirijam as applicações praticas da Politica.

Para que a Sociologia chegue a abranger o pleno conhecimento do facto social e de todos os seus elementos, depende da contribuição de muitas sciencias concretas, umas estudadas sem espirito de conjuncto, outras reduzidas a applicações materiaes, outras mal esboçadas ainda, como a *demographia* e a *demopsychologia;* no estado porém em que se acha a Sociologia, as noções geraes em que ella se funda já podem exercer uma activa influencia no rapido desenvolvimento d'essas sciencias concretas, como vêmos pela transformação operada pela escola historica na concepção scientifica do Direito, ou pelo criterio da filiação e analyse comparativa no conhecimento das Religiões. D'aqui resulta uma acção reflexa que tornará cada vez mais proximo o momento em que a Sociologia ficará completa, deductiva nos seus processos, e uma verdadeira physica social, como primeiramente lhe chamou Augusto

Comte. A Politica, como sciencia concreta e de applicação, torna-se para a Sociologia um meio experimental de verificação, da mesma fórma que a pratica medica é tambem um meio de comprovação das leis biologicas; n'este intuito é já possivel a existencia de uma Politica positiva, porque se reconhecem leis sociaes de uma invariabilidade similhante á das leis cosmicas, cuja energia convem aproveitar, e mesmo tendencias, que importa facilitar coadjuvando-as para que se tornem effectivas. A Politica positiva é a sciencia que coordena entre si os movimentos sociaes segundo o caminho da menor resistencia; a Politica empirica, desconhecendo a invariabilidade das leis sociaes, atropella essas energias pela violencia bruta, complicando a existencia da sociedade, e submettendo-se por fim á ordem das cousas. O velho aphorismo *Fata viam inveniunt,* exprime esta resistencia da condição natural ao arbitrio de vontades irracionaes dos que governam; os progressos humanos têm até hoje sido realisados exclusivamente pela *evolução,* isto é, pelas forças latentes de uma coordenação espontanea, que são por si a manifestação secundaria da immutabilidade das leis que regem os phenomenos sociologicos.

Emquanto se desconheceu a relação de dependencia dos phenomenos sociaes para com outros anteriores de ordem biologica e cosmologica, não era possivel constituir em sciencia essa complexissima variedade de factos que são os modos de existencia das sociedades humanas, e que se tornaram o objecto de outras tantas sciencias descriptivas. Estabeleceram-se primeiramente as relações de dependencia entre materia bruta e a materia organica, destruindo-se a supposta solução de continuidade entre o mundo physico e o mundo moral; depois a subordinação da vontade pessoal ás leis invariaveis da natureza, longe de quebrar o nosso individualismo fortalece-nos pela necessidade de um conhecimento seguro d'essas fatalidades cosmicas. Taes foram os progressos

que conduziram á primeira systematisação da nova sciencia da Sociologia. As especulações sobre os phenomenos sociaes, segundo as velhas noções theologicas e metaphysicas, não tinham uma base objectiva, e por isso prevalecia a imaginação sobre a observação, fabricando-se systemas sociaes ou utopias, a cuja cathegoria pertencem a obra de Platão, de Rousseau, de Fourier. Outros especularam sobre a accumulação de elementos objectivos, mas sem um ponto de vista de conjuncto, porque ainda não existia estabelecido o campo da observação social pela noção de uma continuidade historica; tal é a obra de Aristoteles, de Macchiavelli, e em geral dos particularistas quer do campo juridico, como Vico e Montesquieu, Savigny e Carlos Comte, quer do campo moral como d'Holbach na sua Ethocracia, quer do campo economico como Adam Smith e Dunoyer. A renovação da Historia no seculo XIX facilitou as condições para a formação da Sociologia, porque pela historia é que se determina a solidariedade objectiva da especie, e se adquire a noção da continuidade subjectiva expressa vulgarmente e philosophicamente n'essa palavra Humanidade. A Sociologia, como sciencia geral vem corrigir essa erudição fragmentaria e sem destino com que são estudadas as sciencias sociaes concretas do Direito, Moral, Litteratura, Arte, Geographia, Archeologia, Chronologia, Estatistica, Economia politica, Ethnologia, Philologia e tantos outros capitulos importantes esterilisados em uma especialidade mesquinha.

Quem diz sciencia, diz *previsão;* só adquire valor e importancia aquelle phenomeno natural ou moral que pela sua immutabilidade é capaz de ser previsto. A Sociologia conduzindo-nos ás previsões sociaes, hade realisar a ordem d'estes phenomenos manifestando-se em condições fóra do arbitrio pessoal. E como a toda a previsão succede uma applicação, e a cada theoria uma pratica, a essa sciencia geral seguir-se-ha uma arte correlativa, ou a Politica positiva. Existe uma

Sociologia, porque já hoje se poderão apontar grupos de *previsões* nas fórmas da actividade, da affectividade e da intellectualidade sociaes e no consensus substituindo a Theocracia pela Sociocracia./Alargar a área d'essas previsões, comproval-as e acceleral-as pela intervenção politica ou governativa e pela disciplina pedagogica, eis o destino d'esta sciencia, que vem completar a synthese objectiva sobre os dados do mundo exterior, e reorganisar a synthese subjectiva pela dependencia da observação.

SYSTEMA

DE

SOCIOLOGIA

PRELIMINARES

OPPORTUNIDADE DA PHILOSOPHIA POSITIVA NA SYSTEMATISAÇÃO DA SOCIOLOGIA

I. A crise dos espiritos: Necessidade da dependencia das idéas subjectivas das noções objectivas. II. As bases fundamentaes da Philosophia positiva: *Lei dos tres estados* e *Classificação historico-dogmatica dos conhecimentos humanos*, intervindo na disciplina mental. — Comprovação diante dos progressos scientificos actuaes. III. A crise dos espiritos continuada nas perturbações sociaes: Destino final da Philosophia positiva na fundação de uma Sociologia. IV. Estabelecimento das tres syntheses sociaes de accordo com os dados da Psychologia, segundo Herbart, Mill e Bain — A disciplina da actividade social: a *synthese activa*, éra da industria e fim das actividades militares destructivas; a *synthese affectiva*, éra dos deveres como fonte de todos os direitos, ou da Moral fundada na solidariedade humana; a *synthese especulativa*, a éra da racionalidade ou do accordo entre os principios e os factos — Applicações á sciencia concreta da Politica.

A consciencia humana tantos seculos illudida com as explicações tradicionaes do supernaturalismo e com as theorias gratuitas da metaphysica, e o destino das sociedades tantas vezes desviado do seu curso progressivo pela influencia d'estas falsas noções, vão caminhando para um estado novo que se póde já caracterisar,—em quanto ás concepções individuaes pelo estabelecimento da unanimidade proveniente da verificação scientifica, e em quanto á finalidade social pela descoberta do accordo entre a ordem e o progresso achado por meio da comprehensão da historia e das condições de evolução. Nos individuos, por mais atrazados, revela-se este estado pela *descrença*, e nas sociedades as mais decahidas accusa-se pela *indifferença politica* diante de um conservantismo inintelligente e de uma aspiração revolucionaria indefinida.

Esta reciprocidade entre a crise dos espiritos e a da sociedade foi comprehendida pelo genio de Comte, pretendendo achar-lhe a intima disciplina. Herbart, o fundador da Psychologia experimental, sustentava que esta sciencia seria sempre incompleta em quanto estudasse o individuo separado da sociedade; pelo seu lado Stuart Mill insistia em que não era possivel organisar uma perfeita Sociologia sem partir dos dados da Psychologia. A somma das descobertas scientificas, que foram elevando o criterio individual, accumuladas desde o seculo XVI até hoje, chegou a influir nas fórmas da mentalidade moderna, produzindo esse estado de criticismo espontaneo a que Littré chama *positividade;* a série das leis naturaes achadas e demonstradas era tal, que Augusto Comte pôde assentar a sua coordenação dogmatica, deduzindo um systema de noções unanimes a partir dos phenomenos cosmologicos para o homem e para as sociedades. Esse enorme processo philosophico é ao que se chama na expressão vulgar o *Positivismo.* De 1822 a 1842, Augusto Comte realisou o seu trabalho no *Curso de Philosophia positiva.*

Por outro lado, as revoluções da Europa, provocadas pelos conflictos da razão contra o sentimento nas luctas religiosas, e pela antinomia entre a auctoridade e a liberdade, no regimen politico, perturbações conhecidas pelo facto da dissolução do regimen catholico-feudal de que a crise franceza de 1789 foi a ultima expressão, todos estes factos revelaram a Comte a necessidade de achar um principio de ordem, que não fosse a estabilidade, e uma fórma de progresso que não fosse a agitação anarchica. Tal foi o pensamento da Sociologia, desenvolvida no *Systema de Politica positiva.* (1851 a 1854)

É esta a doutrina que maior apoio offerece ás intelligencias perturbadas pelo influxo de tradições e instituições que ainda luctam contra a acção das causas que as eliminam; no meio das brilhantes hypotheses deduzidas prematuramente da Etherodynamica e dos factos embryogenicos, é a que dá mais segurança ao criterio pela verificação, e a que mais tolerancia incute nos espiritos ou allucinados pela aspiração revolucionaria ou desalentados pelos retrocessos imprevistos. No meio da incoherencia doutrinaria das escholas e theorias, e sobre tudo nas applicações immediatas de methodo e criterio é que se conhece o valor da Philosophia positiva.

Apresentando n'este escripto as bases fundamentaes da Philosophia positiva, contradictadas por Huxley, comproval-as-hemos pelas grandes descobertas scientificas realisadas desde 1842 pelos continuadores de Meyer; mas o nosso fim especial

consiste na applicação d'esses principios á exposição de uma Sociologia, aproveitando o facto altamente significativo da generalisação do criterio historico que tanto distingue o nosso seculo. Infelizmente nas escholas officiaes a Philosophia é uma série de definições, mais ou menos palavrosas, que se entregam á memoria até ao dia do exame, conservando-se ahi as velhas cathegorias do ontologismo, uma psychologia de faculdades, uma ideologia de innatismo, uma logica de fórmulas dialecticas e uma theodicêa de revelação. Os sabios especialistas julgam tambem a philosophia uma inutilidade, ou por que desvairam no seu campo de exploração, ou por que chegaram á gloria sem ella.

Mas todo o homem tem um certo numero de sugestões ou problemas no seu espirito, que muitas vezes não sabe propôr, gostando por isso de ouvir fallar d'elles com franqueza. Taes são o *Porque?* e o *Para que?* das coisas. Por esta necessidade natural se acceitaram as theologias com todo o seu cortejo de causalidades e as metaphysicas com todas as suas phantasticas finalidades, e ambas, pelo predominio exclusivo das noções subjectivas, fazendo das instituições monstruosidades estupendas. Que vivissimo interesse não despertará a doutrina que responde de novo a estes problemas, demarcando e eliminando o que é *incogniscivel,* e indicando o *Como?* isto é o processo seguro para penetrarmos o *desconhecido?*

Se os individuos podem chegar a esta nova situação da consciencia pela educação intellectual de uma Philosophia que é a synthese das noções objectivas, as sociedades dependem na sua emancipação moral da intervenção dos espiritos dirigentes, sobretudo quando estes exercem a acção politica conforme os principios da Sociologia. É para a constituição d'esta sciencia que devem tender todos os esforços.

I

O modo de manifestação dos phenomenos do mundo physico explica-nos o apparecimento de certos estados da consciencia humana; assim como não existem revoluções na natureza e tudo se desenvolve por uma evolução lenta e inapreciavel, assim na historia os grandes successos só se tornam extraordinarios por terem sido apreciados fóra da dependencia das

causas incessantes que provocaram uma dada manifestação definitiva. Quem póde dizer que vê germinar a semente, ou quem poderá observar o crescimento da planta, de sorte que não interrompa a successão das transformações que se deram n'esse organismo até se mostrar completo? E comtudo a planta apparece-nos formada, virente, com o seu porte altivo e continuando a especie. Na ordem historica a impossibilidade de acompanhar a evolução é ainda muito mais difficil; tomemos para exemplo o facto da Revolução franceza. Desde que Luiz XIV synthetisou o seu systema politico na maxima cesarista —*O estado sou eu,* a estabilidade das instituições politicas ficou dependente da longa existencia d'este monarcha; mas a vida social tem orgãos que estão fóra da acção ainda das mais poderosas individualidades, e a vida nacional franceza progrediu em quanto á cultura litteraria, á actividade philosophica, á industria, pela adhesão aos grandes successos humanos, taes como a emancipação da America; tudo progrediu menos a fórma politica, submettida a essa obcecada maxima cesárea desde Luiz XIV até Luiz XVI. Nem os monarchas, nem os seus ministros, nem os grandes titulares e funccionarios previram que durante estes longos reinados pessoaes se dera uma grande crise na consciencia franceza; succedeu portanto um phenomeno natural, que todos julgaram extraordinario e assombroso. Esse progresso evolutivo passado nas cousas extra-politicas e nas consciencias ultrapassou os progressos pretendidos do estado, e como as ondas que assaltam de todos os lados o baixel, a obra da Revolução franceza fez-se é verdade, inconscientemente pelos individuos, e logicamente na historia. E por isso que era um facto natural e evolutivo, não pôde retroceder, apezar da colligação do direito divino europeu que contava d'essa hora em diante o seu paroxismo.

Estes dois exemplos da marcha inapreciavel da evolução, e o apparecimento das crises imprevistas, apezar de fataes, chamadas perturbações e revoluções, estas duas ordens de factos explicam-nos o porquê do estado da consciencia moderna, que se manifesta em contradicção com a maior parte das instituições sociaes. A este estado apparentemente extraordinario da consciencia moderna, que vamos descrever, é ao que se chama a *crise dos espiritos,* crise de contradicções que produzem a anarchia nos sentimentos religiosos, nos deveres da moral, na dignidade politica, no interesse industrial, nas concepções scientificas, nas producções artisticas, e até nas syntheses philosophicas. Descrever este estado, precisar a parte onde se dá o conflicto entre a consciencia e as instituições, e provar como

evolutivamente se chegou a este estado anarchico, será o meio indirecto de demonstrarmos a necessidade de estabelecermos a unanimidade nos sentimentos, nos deveres, na auctoridade, no interesse, na especulação scientifica, na inspiração artistica, unicamente por meio de uma philosophia que faça a synthese das novas concepções humanas que de longe vieram produzindo este estado de dissidencia.

De longe, dizemos, porque desde o seculo XVII que está criada a Physica e que a *Astronomia* entrou no seu periodo deductivo; desde que estes estudos pelo rigor das suas previsões se tornaram sciencias, deu-se immediatamente o conflicto entre a auctoridade espiritual das explicações theologicas e a verificação experimental da sciencia. Galileu symbolisa esta dissidencia. Desde o seculo XVIII que a Chimica se constituiu em sciencia, e desde esse periodo, reconhecida a impossibilidade da transmutação da materia pela alchimia, surgiu a industria, dando o valor aos productos pelo maior numero de necessidades que vieram satisfazer. O proletariado devia então sahir do seu isolamento da gleba, crescer como o joio e tender a absorver tudo, e a oppôr á riqueza dos grandes proprietarios a riqueza inexgotavel das grandes producções. A *Physica* veiu manifestar novas forças da natureza postas ao serviço do homem; a *Chimica* veiu destruir o vicio do maravilhoso que se ligava ao interesse do que trabalha, como ainda nos paizes atrazados succede com as loterias. No meiado do seculo XVIII dá-se tambem a emancipação da America do norte; a consciencia moderna observa como a constituição de uma sociedade se faz independentemente da soberania hereditaria, e como a tradição nacional póde ser substituida pelo sentimento homogeneo da resistencia. No principio do nosso seculo começa a constituição scientifica da *Biologia,* e começam a cahir por terra as fatuas hypotheses da origem divina da linguagem, das theorias automaticas das sensações, e pela relatividade das percepções e das idéas entra-se em um campo novo da responsabilidade e da finalidade humana.

N'esta altura da actividade da intelligencia, o conflicto entre a consciencia e as instituições que mantinham as velhas cousas não se deu sómente nos sentimentos religiosos e na theologia, veiu dissolver tambem as vagas concepções metaphysicas. A sciencia começou então a ser auctoridade para alguns espiritos isolados; e o estado condescendendo com a tradição religiosa, aggravou a anarchia, em reconhecer o poder scientifico querendo desciplinal-o a seu sabor pela intervenção directa no ensino publico. A sciencia já não era um homem,

que facilmente se abafava, era essa impersonalidade da consciencia humana, que se manifesta pelo estado moral, por uma tendencia commum, por uma mutua tolerancia, por um vago presentimento do que ha de transitorio nas cousas que affectam a estabilidade da força bruta.

A anarchia dos espiritos tornou-se decisiva sobretudo pelas extraordinarias descobertas no campo da Sociologia, descobertas que provocam os espiritos os mais medianos a considerarem a instituição social como um producto organico e independente da protecção providencial da auctoridade. Descobriu-se o passado historico do homem nas excavações que patentearam a vida de raças pre-historicas e de civilisações rudimentares, que explicam a continuidade da evolução humana até á alta civilisação egypcia. Descobriram-se os geroglyphicos e os cuneiformes, chaves das civilisações primeiras do Egypto, da Assyria, da Phenicia; descobriu-se o sanskrito e o zend, e assim se conseguiu ler os livros sagrados dos *Vedas* e do *Avesta,* mais antigos e mais importantes do que a Biblia. Viu-se então como o homem recebeu as suas primeiras impressões diante do espectaculo da natureza, como converteu esses phenomenos em causas de si mesmo, como fez divindades, como as adorou, e como essas divindades se transformaram nas tres phazes do fetichismo, do polytheismo e do monotheismo. D'estes elementos fecundissimos surgiram novas sciencias, isto é, novas concepções que vieram pôr a consciencia humana em desaccordo com as instituições filhas e guardas do passado; essas sciencias foram a ethnologia, que explica o genio das raças e o porque de dadas fórmas da civilisação e as leis da historia; foram a sciencia comparativa da linguagem, a sciencia comparativa das religiões, a sciencia das origens do direito, das litteraturas, a archeologia, emfim fez-se uma sciencia de tudo quanto nos podia conduzir mais intimamente a penetrar o movel do progresso humano e os vestigios inconscientes d'esse progresso.

D'este estado de concepções positivas nasceu um novo sentimento, o da solidariedade humana, manifestado pela palavra Humanidade. A esta serie de concepções, desligadas e adquiridas mesmo por mera curiosidade é ao que Littré chamou tão justamente estado de *positividade;* por isso repetimos as suas palavras, como divisa da nossa empreza: «todo aquelle que, por pouco que seja, augmentar a somma de positividade nos espiritos, trabalha no sentido geral da civilisação e presta um serviço social.» Os grandes serviços que os sabios modernos têm feito pela elevação d'este estado de positividade são

immensos; basta assentar a eliminação do sobrenatural nos destinos humanos, negação que vae penetrando no senso commum. Mas esta noção não é completa e por isso augmenta o estado de anarchia mesmo no espirito d'aquelles que mantêm a integridade dos dogmas ou o perstigio da auctoridade politica. Para que essa anarchia cesse, para que a consciencia moderna ponha em harmonia comsigo as instituições tradicionaes, é preciso que forme d'essas noções scientificas uma synthese universal que substitua o indefinido da crença, o imperativo de uma moral independente dos dogmas, o accordo da civilisação com a politica, e que dê um pensamento á inspiração artistica e á actividade do trabalho derivado da nova comprehensão dos destinos do homem.

Esta synthese gigante já foi tentada por uma das maiores intelligencias da nossa especie, o encyclopedico Augusto Comte. Examinemos as bases d'esta synthese, que tende a produzir a unanimidade nos espiritos, e por tanto a verdadeira ordem a par do progresso nas sociedades.

II

Duas concepções fundamentaes servem de base á Philosophia positiva, a chamada *lei dos tres estados,* e a *classificação hierarchica dos conhecimentos humanos;* estas duas concepções pertencem principalmente á ordem historica dos factos, visto que pela sua analyse e deducções conduzem á noção dogmatica de todo o positivismo:—a impossibilidade de conhecer noções absolutas, como a de principio e finalidade, e a limitação dos nossos conhecimentos á inducção experimental e deducção relativa. A origem historica d'estas duas bases dá-lhes esse caracter de realidade, d'onde todas as deducções que d'ellas se derivarem se fortalecerão com a possibilidade de uma verificação e com a tendencia para estabelecer a unanimidade no assentimento das intelligencias. A determinação d'estas duas bases do systema philosophico foi um resultado da analyse do estado mental do mundo moderno, e da filiação d'este estado como consequencia da evolução intellectual da humanidade através da historia.

Com a dissolução do regimen catholico-feudal, o espirito critico e de livre exame não acceitou mais as explicações cos-

mogonicas e moraes apresentadas pelos dogmas religiosos; d'esta marcha historica resultou da parte da religião uma definição estreita da sua orthodoxia nos concilios e nos Syllabus; da parte do espirito scientifico, um grande numero de descobertas na astronomia, na physica, na industria, na grande navegação vieram apoiar a nova direcção mental com factos decisivos para procurar a verdade unicamente no dominio da realidade das cousas pelo instrumento da experimentação. A medida que novas demonstrações dos phenomenos da natureza se agrupavam em corpo de doutrina, alargava-se a dissidencia dos espiritos, que já não podiam vergar-se á adhesão de todo o systema dos dogmas religiosos, e não tendo, apezar da multiplicidade dos factos scientificos, um systema integral ou theoria que dirigisse as suas concepções, fluctuavam em um estado de criticismo indisciplinado ou de anarchia mental que atrazou os grandes esforços de renovação do seculo XVIII iniciados pela phalange dos genios encyclopedicos, que a conceberam. O estado de anarchia mental, que se reflectiu nas crenças, nos costumes, na politica e nas sciencias, é esse phenomeno a que se chama Revolução, com manifestações intermittentes desde a Renascença até 1789; no campo das crenças foram as heresias, nos costumes a preponderancia da classe burgueza pela industria, na politica foram os estados geraes, e nas sciencias o criterio exclusivo da observação e da experiencia, que assignalam essa marcha revolucionaria tendendo para disciplinar-se em um regimen consciente e evolutivo. Se a religião se subtilisava nos devaneios metaphysicos, e se a philosophia explicava o universo por exclusivas deducções subjectivas sem outro trabalho mais do que o inventivo da imaginação com uma apparencia de coherencia logica, julgando-se assim independente dos processos scientificos, as sciencias accumularam os seus factos sem nexo, sem a luz da theoria para dirigir a observação, e sem a dependencia mutua das diversas especialidades como comprovações anteriores. Em poucas palavras, a philosophia, isto é, a theologia e a metaphysica, julgaram-se independentes das sciencias para formularem a explicação integral do universo; as sciencias desenvolviam-se sem a preparação nem o intuito de um ponto de vista philosophico.

Foi no auge d'esta crise mental que o genio de Comte terminou a sua educação polytechnica; e tendo descoberto pelos vicios do ensino, pelas perturbações sociaes e conflictos da sua individualidade o facto da anarchia dos espiritos, procurou determinar uma base positiva sobre a qual as concepções

humanas achassem um apoio que as harmonisasse em uma completa unanimidade. O seu trabalho consistiu, primeiramente, na analyse das concepções subjectivas que constituem o campo de toda a philosophia *á priori*, caracterisando a progressão e variabilidade das explicações gratuitas da theologia *tradicional*, e da metaphysica *provisoria*, e substituição d'essas explicações por *demonstrações definitivas* das sciencias. A esta modificação progressiva e ascendente das concepções mentaes da humanidade, estado theologico, metaphysico e positivo, chamou Augusto Comte a *lei dos tres estados*, que se verifica mais ou menos amplamente nas civilisações historicas, e d'aqui deduziu a natureza espontanea e provisoria das noções theologicas e metaphysicas.

Para conhecer que a somma das demonstrações accumuladas pelas sciencias, desligadas entre si e sem plano synthetico, era já bastante para determinar o estado mental positivo da humanidade, Augusto Comte tentou primeiramente descobrir se existia algum nexo doutrinario ou dogmatico entre todas as sciencias, quaes os processos da methodologia peculiares a cada uma, e quaes os problemas irreductiveis ou inverificaveis, que as sciencias haviam regeitado para poderem progredir. Do primeiro trabalho resultou a *classificação dos conhecimentos humanos*, fundada na parte dogmatica pela generalidade decrescente e complicação crescente dos phenomenos da natureza observados pelas sciencias, e na parte historica pelo modo como a propria humanidade na sua marcha evolutiva foi explorando gradualmente cada ordem de phenomenos desde as theorias theo-cosmogonicas sideraes até ás fórmulas aphoristicas da moral social. D'este modo a classificação dos conhecimentos humanos deixou de ser um luxo erudito ou uma systematisação arbitraria, como em Bacon ou Ampère, e fixou a subordinação das sciencias a um regimen philosophico. D'este regimen ou disciplina resultou a delimitação do campo proprio de cada sciencia, e portanto uma clara comprehensão do seu objecto, e uma maior perfeição no seu methodo especial; resultou um maior poder de demonstração, pelos recursos fornecidos por outras sciencias correlativas; uma mais evidente utilidade pelos subsidios prestados a outra ordem de investigações, e por ultimo um systema de educação intellectual partindo do estudo das sciencias mais abstractas até ás mais concretas, estabelecendo a verdadeira capacidade geral no accordo entre os conhecimentos encyclopedicos como base dos conhecimentos especiaes.

Se a classificação dos conhecimentos humanos foi um pri-

meiro processo de convergencia philosophica a que submetteu as sciencias, por seu turno a philosophia tambem foi subordinada ás sciencias excluindo da sua synthese todos os problemas de natureza inverificavel pela experiencia, irreductiveis pela demonstração, e incognisciveis.[1] Foi por esta via que o absoluto se excluiu das soluções positivas, e que o *relativo* foi dado como o objecto da actividade humana, como fonte de todas as verdades verificaveis, e como o meio de se extinguir a anarchia dos espiritos e da sociedade, estabelecendo a unanimidade das concepções que por seu turno modificam as instituições.

A consequencia pratica da influencia da philosophia sobre as sciencias, foi primeiramente a systematisação da *Biologia* (botanica, entomologia, conchyliologia, zoologia, anatomia, physiologia, pathologia, etc.) e depois a subordinação do facto social aos methodos de observação e experiencia pela filiação historica. A lei dos *tres estados* das noções intellectuaes determinada por Comte impõe-se sobretudo pela prova historica fornecida pela marcha progressiva dos conhecimentos humanos. Quando em 1833 Blainville professava o seu grande curso de physiologia, reconheceu a affirmação do joven reformador na propria evolução das sciencias medicas: «Recorreu-se primeiramente á intervenção de uma causa divina que se collocou fóra do universo, e depois no proprio universo. N'esta época até os medicos reconheciam *doenças sagradas,* que resultavam de uma acção immediata da divindade. Mais tarde attribuiu-se os phenomenos a faculdades particulares, verdadeiras entidades criadas pelo espirito, como se torna evidente na physiologia, onde nós vêmos quasi todas as funcções apresentadas como dependendo de uma faculdade especial; a digestão, por exemplo, reconhecer por causa uma faculdade digestiva; a intelligencia ser devida á faculdade intellectual; os actos de nutrição e forças nutritivas, assimiladoras, á sensibilidade organica, segundo Bichat; as diversas sensações a outras tantas sensibilidades particulares, etc. Ao mesmo tempo, o conjuncto dos phenomenos era attribuido á acção de uma entidade superior, de um *enormon* ou *impetus faciens,* de uma *archêa,* de uma *alma,* por assim dizer, corporal, de um *principio vital,* da *natureza;* Blumenbach imaginou o seu *nisus formativus*. Finalmente, recorreu-se a forças; mas não se avançou mais por ter-se tomado esta expressão aos physicos, porque se não lhe conservou o sentido hypothetico que estes lhe dão, e transformou-se estas forças em sêres reaes.»[1] Blainville partindo d'esta poderosa

[1] *Cours de Physiologie,* tomo I, p. 52.

orientação devida ás primeiras lições de Comte, sentiu a necessidade de formar uma physiologia positiva, e partiu do methodo, como a primeira tentativa de uma constituição racional das sciencias biologicas. D'este modo a Philosophia positiva, pela organisação scientifica da *Sociologia,* recebeu um caracter de synthese integral, que a torna mais completa do que todas as theologias e metaphysicas, para as quaes a sociedade e as suas creações eram arbitrios providenciaes. Pela dependencia da Sociologia da Biologia, no facto individual explicavel pela physiologia, no facto collectivo pela hygiene ou mesologia, a philosophia positiva separou-se dos dogmas theologicos e metaphysicos como um verdadeiro estado mental do homem moderno; a theologia e a metaphysica partem do estudo do homem para a comprehensão do universo, a philosophia positiva procede do conhecimento dos phenomenos do mundo exterior, cosmologicos e biologicos, para se elevar ao conhecimento dos phenomenos psychologicos e sociaes por onde se manifesta o homem.

III

A *Philosophia positiva,* de Augusto Comte, é o primeiro esboço de uma synthese integral do *estado de positividade* da consciencia moderna; o facto de ser a primeira tentativa justifica a impossibilidade da sua constituição definitiva, e a necessidade de uma ratificação constante á medida que varios factos scientificos se forem prestando a mais vastas deducções. A philosophia é uma necessidade do espirito humano para submetter os phenomenos complicados do universo a uma systematisação racional; esta systematisação, que é, como lhe chama Robin, um repouso mental, precisa ser renovada successivamente ao passo que as sciencias alargam dia a dia o campo da sua observação. Sob este ponto de vista particular, e de dependencia da philosophia das sciencias, nunca a synthese pela primeira vez estabelecida por Augusto Comte pôde ser considerada como inalteravel, como entendem os discipulos testamenteiros, nem deve ser atacada por processos dialecticos, como lhe faz Huxley. É certo que a constituição philosophica de Comte veiu satisfazer a necessidade mais urgente da consciencia moderna; o proprio Huxley, tão distincto nas sciencias cosmolo-

gicas e biologicas, o confessa quando diz: «este philosopho me convenceu, do que me confessarei sempre reconhecido, que não sómente é possivel organisar a sociedade sobre uma base nova e puramente scientifica, mas ainda, que é este o unico fim possivel a que devem tender todos os nossos argumentos e todas as luctas politicas.»[1] Atacar o systema de philosophia positiva de Augusto Comte, porque as sciencias naturaes se desenvolveram mais, tornando phenomenos provados certas hypotheses anteriores, como o *ether,* ou porque os phenomenos chimicos, biologicos e psychologicos foram submettidos a uma unica demonstração pelas modificações do movimento, é limitar o estado de positividade da geração moderna unicamente ao trabalho de Comte. Por isso o bom senso impõe, que se aproveite da grande synthese o que é definitivo, e que se comprovem pelas novas descobertas as bases em que assenta essa philosophia.

Os ataques que o positivismo tem soffrido da parte dos theologos e dos metaphysicos não servem senão para pricipitar aquelle que os lêr na apathia mental. Porém os ataques dirigidos pelos homens acostumados aos methodos scientificos têm uma importancia grave, que é preciso reconhecer, discutindo-os como symptomas de uma necessidade urgente de ratificação da synthese de Comte; as descobertas scientificas têm-se accumulado tão rapidamente, que o tempo é chegado de se fazer a synthese das nossas concepções a intervallos muito proximos. Huxley, no seu ensaio *Do Positivismo nas suas relações com a sciencia,* manifesta inconscientemente esta necessidade moderna, atacando as bases da philosophia positiva; este ataque é filho da confusão da obra de Comte com o trabalho de qualquer systematisação do estado de positividade da consciencia de hoje, quando a obra de Comte é o primeiro monumento historico produzido por este estado tão elevado dos espiritos, mas que não embaraça qualquer outra construcção mais definitiva. Huxley discute como particular e accidental a *lei dos tres estados;* como contradictoria a *classificação hierarchica dos conhecimentos humanos,* e finalmente como calcada sobre os moldes de um catholicismo sem christianismo a *constituição da Sociologia.*

Discutindo as objecções de Huxley, reconhecemos a necessidade de uma comprovação nova das bases do Positivismo diante das grandes descobertas scientificas. Ratificaremos a

---

[1] *Les Sciences naturelles,* pag. 209.

lei dos tres estados, pelos factos da physiologia psychica, e pelos da ethnologia dos selvagens; a *classificação dos conhecimentos humanos* pela unidade causal dos phenomenos pelas leis do movimento, e portanto procurando se essa ordem hierarchica coincide com a successão das condições do movimento; por ultimo mostrando as consequencias da *constituição da Sociologia* em ter tido por base o facto historico da *auctoridade,* e não o facto biologico da *população.*

Tentando este trabalho critico, exporemos primeiramente a concepção de Augusto Comte, em seguida a objecção de Huxley, propondo a modificação á doutrina ou adduzindo a comprovação a esses grandes principios fundamentaes.

Estas tentativas provisorias nada têm de commum com a profunda renovação da synthese integral, que tem de se fazer, submettendo por seu turno as sciencias á unidade philosophica; trabalho gigante, mas possivel desde que o espirito moderno attingiu as doutrinas etherodynamicas, e mais possivel tendo como primeiro degrão a concepção de Comte.

IV

Stuart Mill caracterisa muito bem este lado impessoal do Positivismo: «A base da philosophia de Comte, não é exclusivamente d'elle. É a propriedade geral do seculo, postoque esteja ainda longe de ser universalmente acceita, mesmo entre os espiritos especulativos. A Philosophia positiva não é uma rec[illegible]invenção de Augusto Comte, mas uma simples adhesão [illegible] tradições dos grandes espiritos scientificos, cujas descob[illegible] fizeram da raça humana o que ella é. Mr. Comte nunca apresentou a sua doutrina sob um outro aspecto, mas pela maneira como elle a tratou, tornou-a sua.» Estas profundas raizes historicas da mentalidade positiva que vem desde Aristoteles até aos Arabes, d'estes a Galileu, a Bacon, a Descartes, Newton, Hume e Kant, é que tornam a systematisação de Comte verdadeiramente inabalavel. Tentando subordinar as noções subjectivas aos dados objectivos, como é que Augusto Comte podia ostentar originalidade, a não ser no modo de coordenação, na methodologia? Quando elle foi poderosamente original, regulamentando os ritos do culto sociolatrico, abandonou a construcção positiva, e os seus mais ca-

ros discipulos, como Littré, receiaram pelas suas faculdades. Quanto mais repetidas se acharem as bases do Positivismo nos escriptos dos pensadores que precederam Comte, tanta mais segurança devemos ter na sua construcção philosophica. Pelo facto de Turgot esboçar a evolução mental dos *tres estados,* nem por isso elle e os que lhe succederam souberam tirar a immensa luz contida n'esta descoberta para deduzir a synthese da nova philosophia. Apezar das numerosas tentativas de *classificação dos conhecimentos humanos* de Sam Boaventura até Ampère, esse trabalho não passou de uma curiosidade esteril, e só Comte é que viu o seu destino como recurso indispensavel de unificação dogmatica no meio da dispersão da especialidade crescente das sciencias concretas. O seu cunho individual, que o torna o reorganisador da consciencia moderna, vem-lhe d'esta superioridade de vistas.

Se a *lei dos tres estados* o levou a achar o estado mental positivo como condição para a nova Philosophia, a *classificação dos conhecimentos humanos* fel-o comprehender que no encadeamento dos phenomenos cosmologicos e biologicos faltava completar a serie pela subordinação dos phenomenos sociologicos ás leis geraes do universo. Foi assim que pelo processo dogmatico, Comte concebeu a nova sciencia fundamental da Sociologia, e que pela marcha historica viu definido tambem o seu logar, sendo a Mathematica e a Astronomia constituidas na Grecia, a Physica no seculo XVI, a Chimica no fim do seculo XVII, a Biologia no fim do seculo XVIII, e depois da grande crise europêa de 89 a Sociologia. Muitos espiritos eminentes fizeram preciosas observações sobre phenomenos sociaes, como Aristoteles na sua *Politica,* Macchiavelli no *Discurso sobre Titio Livio,* Vico na *Sciencia Nova,* a eschola [illegible]sseza em Hume e Fergusson, depois Montesquieu e d'Holb[illegible]mas nenhum teve esta vista de conjuncto, esta subordinação [illegible]henomeno social a todas as energias anteriores, desd[illegible]ora-ção sensorial até á simples lei dynamica. Como fundador da Sociologia a gloria de Augusto Comte é indiscutivel.

Ao estabelecer a transição dos phenomenos biologicos para a Sociologia, Comte não reconheceu a necessidade de constituir uma sciencia concreta dos phenomenos sensoriaes a que se chama Psychologia. Stuart Mill condemna a philosophia positiva por não ter incluido no seu quadro hierarchico a Psychologia, então intraspectiva, dizendo, que não só Comte não podia formar sem ella uma logica e uma theoria do criterio, como lhe era impossivel sem ella crear uma perfeita Sociologia. Completo equivoco do philosopho inglez; a logica e a theo-

ria do criterium deduziu-a Comte dos processos peculiares a cada uma das sciencias fundamentaes, a *observação,* a *experiencia,* a *comparação* e a *filiação,* variando o criterio entre a a inducção e a deducção conforme essas sciencias consideravam um maior numero de relações do menor numero de objectos. Assim a propria serie das Sciencias fundamentaes é em si uma logica e um criterio, desde a Mathematica, extremamente deductiva, até á Sociologia, necessariamente inductiva. Lewis, respondendo á objecção de Stuart Mill, como eminente psychologista, exclama: «Se se trata de reconhecer na Psychologia uma sciencia independente, separada da Biologia, e de lhe assignar á parte um logar na hierarchia das sciencias abstractas, então estou com M. Comte.» Um dos homens que mais revolucionaram a Psychologia, Herbart, tentando tornal-a experimental leva as observações para o campo social: «o homem observavel pela psychologia deve ser o homem sociavel e cultivado, que representa a historia da sua especie chegada ao mais alto gráo.» Definindo o campo d'esta sciencia concreta, continúa: «A materia da Psychologia é a percepção interna, o commercio com os outros homens de todos os gráos de cultura, as observações do educador e do homem de estado, as narrativas dos viajantes, dos historiadores, dos poetas e dos moralistas, as experiencias sobre os loucos, os doentes e os animaes.» Por seguir estes dados psychologicos Herbert Spencer fez uma Sociologia que é uma simples Ethnologia, só com differença do nome. Augusto Comte tomou do conhecimento positivo da Psychologia os dados indiscutiveis do nosso sêr, a Actividade, o Sentimento e a Vontade, que Bain tambem acceita sob o nome de Volição, Emoção e Intelligencia, e sobre elles deduziu as tres syntheses sociaes, a *activa* ou do trabalho, (guerreiro ou industrial) a *affectiva,* ou da subordinação sentimental, (religiosa ou moral) e a *especulativa* ou racional, (segundo as phases theologica, metaphysica ou positiva). Constituindo a sciencia da Sociologia, é certo que elle não podia tomar esta ordem de phenomenos senão na sua maior altura e desenvolvimento, isto é, nas civilisações modernas do Occidente. Foi assim que elle pôde deduzir a lei scientifica da successão das tres syntheses: *Agir par affection, penser pour agir.* O valor da concepção sociologica de Comte torna-se mais evidente, quando assignava á Moral o destino exclusivo das sociedades humanas, pela solidariedade e o altruismo; Stuart Mill, que dispendera grandes esforços intellectuaes para compôr um tratado de *Economia politica,* não perdoava a Comte o seu desdem por esta sciencia.

Basta comprehender o plano da sua Sociologia para vêr como Comte, tirando aos economistas a pretenção de formarem uma Sciencia social pela consideração do facto exclusivo da producção, reduziu a Economia politica a occupar ao lado da Moral a verdadeira missão de organisar a *synthese activa*. N'esta alta comprehensão elle ligava uma singular importancia aos escriptos economicos de Dunoyer, que na sua *Liberdade do Trabalho* se affastára dos problemas batidos dos outros economistas, procurando a razão d'esse facto na evolução historica da sociedade. Se Dunoyer não conheceu a influencia de Comte, como crêmos, ella foi reflectir-se na grande reorganisação economico-politica na America, no proprio Carey, que a cada passo dos *Principios da Sciencia social* cita o fundador da Philosophia positiva.

Como dissemos, a Sociologia de Augusto Comte é apenas conhecida por dois fragmentos; a morte embaraçou-o de formar o seu tratado completo; iniciou-o começando pela conclusão, a *Politica positiva*, encetando o primeiro volume da *Synthese subjectiva;* porém a *Synthese affectiva* (Moral) e a *Synthese activa* (Economia ou theoria da Industria) não chegaram a ser esboçadas, porque se extinguiu aquella incomparavel existencia. Esta parte dos trabalhos de Comte tem ficado um tanto desconhecida por effeito do descredito lançado sobre um culto ou religião sociolatrica annexada ás doutrinas theoricas. Nós consideramos esse culto como um dos vestigios psychologicos da grande commoção social da Europa no fim do seculo XVIII, e assim nos collocamos de prompto em condições de fazer justiça a todos. O abalo da Revolução de 89 assim como produziu o Culto da Razão continuou os seus effeitos no Fourierismo, no Saint-Simonismo e em outras fórmas mystagogicas mais ou menos poeticas. Depois da ruina da Grecia e da Judeia e da revolução social que produziu em Roma o Imperio, deram-se essas commoções religiosas do mithraismo, do orphismo, do gnosticismo, do christianismo, e sobretudo este ultimo soube aproveitar-se do abalo social da invasão dos barbaros para se propagar entre elles n'esses momentos de allucinação. Não admira que Augusto Comte recebesse esta orientação sentimental do seculo XVIII, e que conhecendo-a tambem em uma sociedade profundamente perturbada pela dissolução do regimen catholico-feudal, tentasse em boa sinceridade de espirito systematisar essas tendencias.

Não acompanhamos a concepção sociologica de Comte em quanto ás suas fórmas religiosas, mas reconhecemos que nas sociedades modernas alguma cousa se passa, que tendendo

a satisfazer necessidades de sentimento, vae ao mesmo tempo substituindo as religiões. A synthese activa está sendo realisada espontaneamente nas *Exposições*, formadas pelos productos dos esforços pacificos; a synthese affectiva, correspondendo ás novas noções moraes da solidariedade humana, manifesta-se pelos *Centenarios* dos grandes homens ou dos grandes successos; a synthese especulativa, como reconhecimento geral do poder espiritual da Sciencia, effectua-se por meio dos *Congressos*, em que a patria se alarga na humanidade. Comte quiz ir mais longe do que o permitte a marcha espontanea dos factos; achou-se por isso no dominio da phantasia. Eliminada esta parte, a doutrina theorica é de primeira importancia, e como diz Lewis, o que a conhecer adquiriu o plano definitivo ou a unidade da sua vida.

Depois da dissolução do regimen catholico-feudal a Europa procura uma nova doutrina para adhesão, e uma nova auctoridade para subordinação; foi a comprehensão d'esta necessidade que levou Comte a emprehender a disciplina da positividade mental e social. Comtudo persistirá por muito tempo ainda o mal estar da transição, que se póde bem caracterisar pela perturbação dos orgãos mais profundos da civilisação: na synthese de todas as forças activas vêmos a lucta entre o capital e o trabalho representada na agitação da classe operaria pelo Socialismo, e na classe industrial pelo conflicto da concorrencia exacerbado pelo Proteccionismo dos governos; na synthese affectiva vêmos a religião tentar readquirir a subordinação das consciencias ao passado pela condemnação de todos os progressos humanos, esforçando-se para aproveitar todos os momentos que favoreçam a retrogradação pela intervenção abusiva do Clericalismo na familia, no ensino e na esphera civil; na synthese especulativa, vêmos os sabios submeterem-se ao biblicismo, ou confinarem-se em estreitas especialidades, deixando o poder espiritual, que lhes competia manter, desacreditar-se pela dissolução indigna da Pedantocracia dos ideologos palavrosos, universatarios, jornalistas e parlamentares, que sob o regimen de transição chamado o Constitucionalismo, têm tornado a historia politica d'esta prolongada época a vergonha do seculo XIX.

A transição importa um fim para que se tende; a Sociologia, fazendo com que prevaleça o criterio da relatividade na direcção dos phenomenos sociaes, está destinada a activar o advento da humanidade ao seu estado normal. Esse estado, nunca previsto pela metaphysica revolucionaria, e da qual nos afastou pelos seus heroicos mas desgraçados sacrificios, póde ser caracterisado:

1.º Emquanto á nossa existencia intellectual, depois de ratificadas as noções subjectivas pelos dados concretos da objectividade, pela *subordinação da analyse á synthese.*

2.º Emquanto ás nossas paixões, sentimentos e interesses, pela *subordinação do egoismo ao altruismo.*

3.º Emquanto á nossa existencia em collectividade, pela *manifestação do progresso como consequencia da ordem.*

A transição, prolongada pela incompatibilidade de manter o passado no absolutismo das fórmas theocratica e aristocratica com a situação da consciencia moderna, e ao mesmo tempo pela incoherencia sentimental do radicalismo democratico sem plano reconstructivo, essa transição torna-se uma anarchia systematica, explorada pelos que governam, e da qual a Europa soffre ha bem um seculo. Soffre retrocessos em nome da ordem, e revoluções em nome do progresso. Conciliados estes dois termos pela Sociologia, só pelo desenvolvimento d'esta sciencia é que nos aproximaremos do estado definitivo ou normal da humanidade, a — sociocracia.

CAPITULO I

OS PRINCIPIOS DEDUCTIVOS DA SOCIOLOGIA

Decomposição das energias sociaes nos seus factores originarios: I. Do condicionalismo cosmologico: A lei de *Conservação* e a lei de *Transformação* continuadas no facto social da *Ordem* e *Progresso,* em mutua coexistencia. II. Do determinismo biologico: A passagem do *Automatismo* organico para a *Consciencia,* repete-se na transformação das instituições *tradicionaes* em *pactos voluntarios.* III. Do relativismo sociologico: Eliminação do absoluto nas noções psychologicas e factos sociaes.—Coexistencia do Individuo e do Estado pelo accordo da Auctoridade com a Liberdade.

A difficuldade da *previsão* nos phenomenos sociaes ainda os menos inconscientes, como a politica, é a prova de quanto se está longe da constituição da Sociologia, isto é, de uma *sciencia* geral e abstracta dos phenomenos que se passam nos aggregados humanos ou sociedades. Todas as sciencias fundamentaes foram formadas pela applicação do methodo deductivo estabelecendo a relação em uma somma incalculavel de factos observados e minuciosamente descriptos; a Biologia resente-se ainda no seu atrazo do excesso das inducções, que se systematisaram em grupos formando sciencias concretas ou descriptivas em vez de monographias. Cuvier pretendia pa[illegible]vsar essas sciencias em *descripções exactas,* e Lamarck demonstrou a impossibilidade de se elevar á concepção synthetica todas as vezes que o espirito se preoccupa com as

infinitas particularidades de qualquer sciencia concreta. Os phenomenos sociaes mais importantes, como as linguas, as religiões, as fórmas de governo, a arte, o direito, a moral, a industria têm sido estudados, quer como pequenas syntheses philosophicas, quer como quadro do desenvolvimento historico da humanidade; por esta dupla fórma o methodo inductivo tem influenciado poderosamente no estudo dos phenomenos sociaes, chegando algumas intelligencias ao errado ponto de vista de dispensarem toda a systematisação philosophica. *Nihil prœter facta.* A perfeição em que já se acham algumas sciencias particulares de dada ordem de phenomenos sociaes, é que por um lado limita algumas intelligencias no criticismo de uma especialidade, mas é tambem o que faz presentir a constituição de uma sciencia superior, formada de todos esses resultados positivos, ou a Sociologia. Applicar a deducção a essas sciencias concretas é um processo philosophico, mas incompleto; assim estabelecer a synthese sociologica sobre as fórmas da Auctoridade, sobre o problema da População, sobre o desenvolvimento das noções moraes, sobre a disciplina das idéas scientificas, sobre o determinismo das raças, sobre o condicionalismo mesologico, sobre a orientação e continuidade historica, tudo isso immenso para a actividade de um só cerebro, é pouco para determinar as bases da Sciencia dos aggregados humanos, isto é da disciplina de coordenação consciente dos movimentos sociaes.

Assim como nos aggregados chimicos mais complicados é maior a sua instabilidade, tambem nos phenomenos sociaes, dependentes de todos os condicionalismos e determinismos anteriores, o seu principal caracter é a sua complicação de tal fórma crescente, que o facto sociologico se póde caracterisar pela multiplicação imprevista dos effeitos. Pertence a Spencer esta precisa caracteristica. Por ella se explica a marcha historica nos phenomenos sociaes, onde vêmos admittir-se o *acaso* para explicar dadas transformações sem relação anterior conhecida, o *accidental* e o *occasional,* tudo isto traduzido em phrases mais ou menos pomposas de designios da providencia, acção dos grandes homens, descobertas fortuitas e catastrophes imprevistas; e se a philosophia positiva chegou a examinar os estados mentaes que motivaram estas concepções, promovendo a sua mais facil dissolução, ella tambem foi a primeira que expoz a necessidade do criterio do *relativismo* como consequencia forçada da natureza complicadissima dos phenomenos sociaes. Se os phenomenos cosmicos e biologicos são por assim dizer tão invariaveis, que podem ser

reproduzidos pela experimentação ou comprehendidos pela comparação, os phenomenos sociologicos são por sua natureza complicada tão modificados pelas circumstancias fortuitas, que só pelo seu longo encadeamento em série, e pelo methodo da filiação historica é que podemos achar-lhe um sentido; se nos phenomenos cosmicos o seu encadeamento leva á noção philosophica da *transformação,* se nos phenomenos biologicos essa transformação se accentua n'uma fórma particularisada de *evolução,* nos phenomenos sociologicos essa evolução sem typos definidos, e portanto de uma natureza ainda mais especial, é o que se chama o *progresso.* Deduzir dos actos das pessoas o encadeamento das cousas é o primeiro ponto de vista generico do sociologista; a maior somma de dados relativos é que póde trazer uma comprehensão mais clara. E, se no governo das sociedades as noções absolutas são sempre monstruosas e injustas, e todo o desenvolvimento das sociedades humanas tem consistido em abrandar as fórmas severas da auctoridade e da lei attenuando-as pela consideração das circumstancias, é admiravel esta concordancia entre a pratica e a theoria, porque a Sociologia tem por fim como sciencia geral o fundar a critica dos actos sociaes sobre o ponto de vista do maior *relativismo,* e o dirigir esses aggregados n'esse sentido.

Os espiritos que se entregam á especulação dos phenomenos mais geraes e abstractos da materia adquirem uma aptidão especial e exclusiva, a que se dá o nome de *genio mathematico,* que os torna incompativeis com outras manifestações da intellectualidade; a natureza extremamente complicada dos phenomenos sociaes, e sua progressão imprevista com effeitos fecundos de causas ás vezes inapreciaveis, exigem uma capacidade mental de tal fórma attenta ás circumstancias complexas dos factos, um poder de coordenação logica e de encadeamento historico, que os designaremos como o *genio sociologico,* a mais assombrosa manifestação da actividade mental, e o mais elevado gráo da consciencia.

Em geral admiram-se muito os grandes mathematicos; porém Augusto Comte já os considerava em menos conta junto das exigencias intellectuaes para apreciar os phenomenos sociaes. A deducção em Sociologia não é um trabalho logico, como no estabelecimento da funcção e na resolução da equação, em que se póde operar quasi automaticamente, como se vê o uso das taboas arithmeticas e trignometricas; se na Mathematica existe alguma cousa que ajuda a fazer uma idéa da deducção em Sociologia, será o espirito do calculo differencial

e a incerteza do calculo das variações. A difficuldade de generalizar sobre a maior relatividade, é que fez com que a Sociologia fosse a ultima sciencia a constituir-se, e que os modernos trabalhos sejam ainda tão impotentemente descriptivos. Estabelecido o caracter de complicação crescente dos factos sociologicos, e a exageração dos effeitos, desde que outras sciencias se constituiram, todas as suas relações systematisadas em doutrina deductiva ajudarão a decompôr as causas apparentemente insensiveis nas suas energias anteriores; é por isso que a par dos trabalhos *descriptivos*[1] dos modernos sociologistas se deve proseguir nos esforços *deductivos,* como meio de nunca esquecer a dependencia dogmatica das sciencias cosmologicas e biologicas, onde não ha phenomeno que se não continue na ordem sociologica. Assim a lei da *transformação* da materia, termo relativo do principio universal da *conversação* da energia, influenciando na lei da *evolução,* ou variação subordinada aos *typos da especie,* continúa a exercer-se mais complicadamente nos aggregados humanos na fórma de *progresso* coexistindo com as forças de conservação ou *ordem.* As deducções em Sociologia devem comprehender todos estes factores, e a Sciencia da progressão social só se tornará fundamentalmente deductiva, quando, como disse Spencer, os factos passados nos aggregados humanos poderem ser convertidos em funcções de movimento. Tal é o ponto de vista moderno, que o proprio Spencer não pôde seguir, pela sua extrema difficuldade; explicam-se os phenomenos sideraes como equilibrios operados na passagem de uns para os outros movimentos; explicam-se os phenomenos physicos segundo essas mesmas leis de mechanica geral, sendo os estados da materia funcções de movimento, e sendo os aggregados chimicos o resultado da redistribuição de energias deslocadas. Nos phenomenos biologicos a concepção dynamica anterior acha-se complicada com um novo factor, isto é, a força que se exercia pela intensidade immediata suppre essa intensidade pela *acção do tempo.*

Explicar a natureza dos movimentos sociaes, e reduzil-os á simplicidade da fórma dynamica, primeiro de ordem biologica, depois de ordem cosmologica, eis o processo *deductivo* em Sociologia, e o modo como o homem tendo um maior gráo de consciencia de si saberá conhecer a somma dos estimulos a que obedece n'esse acto de reacção motriz a que

---

[1] A *Sociologia* de Spencer é simplesmente uma Ethnologia.

chama *vontade,* exercendo-a em cooperar para que as sociedades sejam dirigidas pelas noções scientificas e não pelas necessidades instinctivas.

Desde que a *instabilidade* é o caracter predominante dos corpos organicos, instabilidade que se aggrava nos agrupamentos humanos pelos estimulos ou modificadores cosmicos, pelos accidentes casuaes que dão á vontade emocional uma direcção imprevista, pela incalculavel somma de effeitos resultantes de causas apparentemente indifferentes, podendo dizer-se que essa instabilidade toma a fórma de uma progressão de variabilidade, tão rapida que só póde ser conhecida pela investigação historica,—parecerá á primeira vista impossivel achar um principio fixo, um ponto de apoio d'onde se estabeleçam deducções no exame dos phenomenos sociaes. Esta apprehensão dominou os philosophos antigos, para quem a Historia era uma curiosidade esteril, porque consideravam os phenomenos sociaes como incapazes de serem subordinados a uma coherencia logica. A apprehensão antiga desappareceu muito tarde, porque os phenomenos sociaes foram explicados como productos da vontade dos reis, ou da acção dos grandes homens; mas do confronto dos actos collectivos com os psychologicos da personalidade humana é que se penetrou na melhor comprehensão dos factos sociaes, e assim se foram relacionando com as causas anteriores, taes como as de acção mesologica, de hereditariedade, até chegar á origem dynamica das energias cosmicas e identificação dos movimentos sociaes essa transformação de forças iniciaes. Portanto, apesar da profunda instabilidade dos productos biologicos, chegou-se a determinar a evolução da unidade cellula, e a sua construcção em typos especificos; apesar da progressão de mobilidade nos aggregados sociaes, onde o individuo varía com a edade e com o meio, e onde a collectividade se move por necessidades crescentes e adaptações forçadas, ainda assim existe um ponto fixo em volta do qual se subordinam todos os impulsos relativos cuja resultante dá o movimento social: esse ponto fixo consiste em determinar o que ha de inconsciente na marcha das sociedades, para d'ahi se poder desintegrar a transformação do movimento biologico, remontando até á sua decomposição em movimento cosmico. Este ponto fixo é o que subordina entre si todas as sciencias, e só n'esta dependencia final é que a Sociologia é possivel como uma sciencia abstracta. D'esta complexidade de elementos relativos sobre que opéra, é que ella tira tambem o seu caracter de applicação, como sciencia destinada a coordenar todos os movimen-

tos da sociedade, introduzindo na comprehensão dos actos humanos e dos seus motivos um extremo *relativismo,* completamente em harmonia com o caracter da instabilidade do phenomeno sociologico.

Reduzidos todos os complicadissimos phenomenos sociaes á simples concepção do *movimento,* procede-se á analyse d'este phenomeno geral decompondo-o nos diversos impulsos que se *transformam,* e nas diversas energias que se *conservam* ou persistem, remontando desde a ordem cosmica e biologica até ás oscillações peculiares do desenvolvimento das sociedades. Este processo moroso mas seguro é a unica via por onde se póde chegar á fundação scientifica da Sociologia; tudo o que não fôr isto é descriptivo. Só decompondo os movimentos complexos dos factos sociaes nas suas energias primitivas, biologicas e cosmicas, é que se póde chegar á comprehensão deductiva, e é este o ponto em que a sciencia então completa passa a operar como philosophia. A Sociologia, sendo como sciencia abstracta uma integração dos complicadissimos movimentos, independentes e coexistentes, que se propagam na sociedade, como applicação prática deverá definir-se a sciencia da coordenação das energias sociaes, ou a realisação consciente do Estado no accordo voluntario dos factores *staticos* da Ordem com os factores *dynamicos* do Progresso.

O homem que conhecer a sciencia da Sociologia, isto é, o condicionalismo da Conservação, e o determinismo da Revolução, sem contrariar nenhuma d'estas forças, saberá coordenal-as em um accordo consciente. Tal é a perspectiva do futuro humano, em que as paixões, como presentiu Fourier, não serão açaimadas como querem as religiões asceticas, mas sim disciplinadas, perante a consciencia da continuidade e solidariedade humana, como os estimulos mais fortes que podem impulsionar a actividade do individuo. As paixões humanas são grandissimas forças desaproveitadas, são a vibração emocional da impressionabilidade organica, quer como reacção immediata ao estimulo, quer como acto reflexo ou aspiração. São estes os primeiros motores sociaes; as opiniões, ou as sugestões intellectivas vêm mais tarde, á medida que os movimentos automaticos se vão tornando conscientes. É como forças que se devem estudar os impulsos passionaes e nacionaes, para comprehender os movimentos de vontade e liberdade operados pelo individuo e pela collectividade humana. A noção de força estava limitada pela concepção dos geometras, e desnaturou-se tambem em uma entidade metaphysica transcendente e em conflicto com a materia.

A força revela-se pelo movimento, e o movimento é uma deslocação no espaço; por aqui se póde inferir que a força não é uma propriedade da Materia mas um accidente variavel segundo a sua situação no espaço. Por esta concepção acaba a entidade metaphysica Força para se reduzir a uma simples noção de mechanica. A noção do Espaço é que adquire um maior desenvolvimento, como o Meio, não onde se passam sómente os phenomenos da Materia, mas que actúa directamente e constantemente no modo de manifestação d'esses phenomenos. O Espaço é-nos revelado aos sentidos pelos corpos que se deslocam, e d'aqui vem a falsa idéa de um Meio inerte, como da exiguidade da nossa duração veiu a incapacidade de apreciar a acção evolutiva do tempo. Ora o Espaço é um Meio; os movimentos materiaes dos atomos e moleculas, variam segundo a maior acção d'esse meio; assim a dissociação extrema da Materia é o resultado de um Meio rarefeito, como a aggregação cellular é o resultado de um Meio especial, em que o Tempo e a Orientação hereditaria modificam de um certo modo a acção do Espaço. Por isso quando se procura explicar os phenomenos do universo pela concepção ou synthese dynamica, os espiritualistas querem separar para uma categoria inexplicavel os phenomenos psychologicos, e mesmo os sociaes, como não sendo reductiveis ás condições do movimento ou lei mechanica. Esta illusão mental dá-se por via da incompleta noção de força, separada da expressão positiva — modificação de meio. Se as forças mais geraes da mechanica, como a gravidade e a impenetrabilidade, são a simples acção do meio cosmico sobre os aggregados materiaes, por certo que á medida que forem apparecendo outros phenomenos de deslocação, procuraremos outras forças, por isso que esses phenomenos se passam em novos meios. Assim nos espaços intermoleculares ou inter-poricos existem modificações de meio que se nos dão a conhecer pelo nome de propriedades da materia, ou forças physicas; bem como nos espaços inter-atomicos se dão phenomenos de combinação e de estado nascente, a que se chama força de *affinidade*. Se nos elevarmos na série de complicação dos equilibrios materiaes, nos mais instaveis ou organicos vamos achar esses phenomenos subordinados á acção de um meio especial, o plasma, em que uma outra acção, a do tempo, se complica exercendo-se como força n'essa manifestação dynamica chamada *funcção*. É assim por esta comprehensão da força como acção de Meio, que a *vontade* se póde definir uma reacção motriz, que tornada consciente se manifesta um meio social a *liberdade*.

Ao estabelecer-se a concepção dynamica dos phenomenos biologicos, psychologicos e sociologicos, a primeira cousa a fazer é o achar a equivalencia das forças por meio das quaes se produzem os equilibrios, e os movimentos ou passagem para novos equilibrios n'estes corpos, como todos os outros, subordinados ás leis mechanicas. É este o trabalho dos especialistas das sciencias inductivas. Uma Biologia fundamental só perderá o estreito caracter descriptivo que tem, quando pelas energias vitaes dispendidas e adquiridas se puder fazer a equação dos factores que cooperam n'este movimento; Carpenter já tentou esta via. Nos phenomenos psychologicos o movimento tem sido estudado nas differenças entre a impressão recebida e a reacção motriz da consciencia; Herbart iniciou pela primeira vez o estudo dos phenomenos sensoriaes submettidos á condicção do numero. Carey applicou o criterio dynamico á Economia politica. Spencer comprehendeu tambem que uma Sociologia verdadeiramente scientifica será fundada sobre as leis do movimento deduzidas da complicação extrema dos factores que ás modificam ou orientam.

É este o prospecto scientifico da reorganisação das sciencias; mas sobre este trabalho compete á Philosophia estabelecer uma equação mais simples: Achar o movimento limitado pelos seus dois equilibrios fundamentaes ou termos da oscillação; é assim que os estados staticos podem coexistir com os dynamicos, que a conservação póde coexistir com a redistribuição, eliminando-se as falsas idéas subjectivas de creação e de destruição. Assim, nos movimentos biologicos dá-se uma inteira oscillação entre a persistencia dos typos (orientação) e a sua transformação (adaptação segundo a menor resistencia). A eschola de Darwin, em lucta com os monogenistas, tem profundamente esclarecido estes dois termos apparentemente antinomicos. Nos phenomenos de ordem sociologica dá-se uma egual oscillação fechada entre os dois termos *automatismo* e *consciencia*. A eschola de Hartmann, a dos physiologistas Maudsley, Luys, etc., e a de Lewis, têm tambem estudado estes dois termos de toda a actividade psychologica. Nos phenomenos sociaes Augusto Comte determinou as bases fundamentaes da Sociologia, accentuando os dois termos da oscillação dos aggregados humanos na coexistencia da Ordem e do Progresso. Ao fazer-se a synthese dynamica é esta a disciplina a seguir na concepção d'esses phenomenos attribuidos outr'ora a uma força ou *quid* mysterioso, como o *principio vital*, na Biologia, o *Eu* na Psychologia, e a *Providencia* no destino das sociedades.

Nenhuma das energias sociaes póde ser comprehendida, e consequentemente dirigida, sem a resolver nas suas componentes biologicas e cosmologicas; a incompleta constituição da Physica e da Chimica antes do desenvolvimento e comprovação das doutrinas thermo-dynamicas, a falsa Psychologia intraspectiva, viciada pela moral catholica do *homo duplex* (conflicto entre o corpo e o espirito) antes da fundação do methodo objectivo physiologico, todo este atrazo tornava impossivel, além da anarchia do empirismo governativo, a resolução dos phenomenos sociaes nas suas energias anteriores. Tal é a causa do estado rudimentar da Sociologia como sciencia geral. E é pelo encadeamento d'essas energias que ella se desenvolverá, estabelecendo assim a correlação entre o mundo physico e o mundo moral pela dependencia de um e pela successão do outro. Tentaremos um schema das causas e fórmas permanentes do movimento, de ordem cosmologica, biologica e social, como meio de ensaiar a decomposição das energias sociologicas nas forças de que derivam:

I. Condicionalismo physico	*Conservação*	
	Tansformação	
II. Determinismo biologico	*Typo especifico*	
	Evolução	Automatismo
		Consciencia
III. Relativismo sociologico	*Tradição*	Costume
		Sobrevivencia
		Recorrencia
	Progressão	Collectivismo
		Individualismo.

I

Para achar a equivalencia das transformações do movimento cosmico em progressão social, basta seguir o modo como as energias anteriores se modificam segundo os novos meios. O desenvolvimento extraordinario da Astronomia trouxe para as deducções philosophicas a lei dynamica da *acção egual á reacção,* que se póde traduzir em uma fórmula mais simples: *persistencia da energia.* Com o desenvolvimento da Physica descobriu-se a impenetrabilidade da materia, ou por uma

fórmula mais geral, a sua *indestructibilidade,* ou conservação, a que os processos da Chimica, pela analyse quantitativa, vieram dar a demonstração irrefutavel. Ha portanto a integridade da Materia, e a integridade do Movimento, como condições absolutas de todos os phenomenos no universo; a successão e o encadeamento d'esses phenomenos só podem ser conhecidos por meio de uma relação por onde se descubra a equivalencia e reciprocidade das forças que actuam no equilibrio que se observa. Tudo quanto se passa no universo está sujeito á lei de *Conservação* ou da integridade da Materia, e á lei de reciprocidade e equivalencia das forças, ou de *Transformação;* as falsas miragens subjectivas de creação e de destruição sendo por esta via das sciencias inductivas eliminadas do criterio humano, deixarão á mentalidade uma base segura de concepções, em que o *Condicionalismo* exprimirá a noção mais geral do dynamismo do universo. Os metaphysicos presentiam uma harmonia preestabelecida, que os dispensava da investigação do encadeamento phenomenal, mas essa harmonia não é anterior á manifestação é coexistente e condicional, é uma relação mediata. Conforme os diversos meios em que se passem os phenomenos, assim o seu *condicionalismo* cosmico ha de apparecer sob outras fórmas mais complicadas, mas na essencia sempre reductiveis aos seus dois termos de Conservação e de Transformação. Tem custado immensamente a descobrir estes elementos nos phenomenos biologicos, onde as theorias transformistas são combatidas pela persistencia dos typos organicos ou especies; comtudo, a experimentação physiologica conseguiu descobrir as condições da actividade organica, dando ao encadeamento funcional subordinado á fórma de estimulo o nome de *Determinismo*.

Quando Cuvier pretendeu immobilisar as deducções zoologicas impondo como limite da sciencia as *descripções exactas* e mais nada, formulou n'estas palavras a sua methodologia, que a sua alta posição official obrigava a conciliar com a orthodoxia preponderante: «Certas leis de coexistencia nos orgãos eram então necessarias, e n'isto se resumia tudo; para estabelecer outras era preciso provar a falta de liberdade na acção do principio organisador, o que temos visto não passar de uma chimera.» Esta fórmula resente-se do dogmatismo polemico com que Cuvier reagia contra os trabalhos de synthese zoologica de Lamarck, e contra as comprovações de Geoffroy Saint-Hilaire; mas n'esta fórmula vêmos os dois pólos de toda a concepção philosophica, o *Condicionalismo* e o *Determinis-*

mo, ainda vagamente concebidos. Cuvier acostumado aos bellos estudos de reconstrucção paleontologica, e de classificação, em que revelou o seu genio iniciador, não podia deixar de ligar á *exposição dos factos o detalhe das suas circumstancias,* e foi até este ponto que o seu criterio avançou. O que é o detalhe das circumstancias senão a descripção dos modificadores mesologicos, ou dos impulsos que as revelam através dos factos dando-lhe fórmas diversas de manifestação? O estudo das circumstancias começado no campo biologico desenvolveu-se em uma sciencia concreta da Mesologia, mas ampliado a todos os phenomenos do universo torna-se uma base de concepção philosophica, isto é, a complexidade das relações systematisadas como *Condicionalismo.* O condicionalismo phenomenal tende cada vez mais a ser melhor definido, desde que as manifestações da materia como equilibrios de movimento forem conhecidas pelas condições dynamicas da energia. Cuvier não previa a extensão d'este novo criterio quando admittia certas leis de coexistencia; se a previsse não consideraria como «*falta de liberdade de acção no principio creador*» as consequencias successivas das condições. Acceitando provisoriamente a entidade subjectiva e gratuita do principio creador, vêmos que outros espiritos egualmente subordinados á orthodoxia theologica, como o P. Secchi, reconheceram a solidariedade entre a manifestação e a condição, e como a entidade do principio creador não tinha em que intervir, porque tudo se explica no universo por condições de movimento, reservou-lhe o papel de primeiro impulsor da energia. A dependencia immediata entre a condição da existencia e o facto, foi mais tarde estudada ainda no campo biologico, sobretudo desde que Magendie e Claude Bernard iniciaram a experimentação physiologica; a esta dependencia fatal deu Claude Bernard a lucida designação de *Determinismo,* sem se preoccupar com a falta de liberdade do principio creador. Este novo criterio é tão fundamental, que durante toda a vida scientifica de Claude Bernard lhe serviu de philosophia, sem que ninguem ousasse filial-o no metaphysicismo espiritualista ou no materialista. A concepção do *Determinismo* não podia ficar confinada no campo das sciencias biologicas, sob pena de viciar-se nas questões da psychologia; todos os actos da phenomenalidade do universo são *condicionados,* e portanto a verdadeira comprehensão do *Determinismo* só póde dar-se estabelecendo a sua relação com o *Condicionalismo.* Taes são as bases novas de toda a deducção philosophica.

A complicação do *Condicionalismo* physico e do *Determi-*

nismo biologico continuados no phenomeno social, basta para dar a esse phenomeno um caracter particular de dependencia, de subordinação anterior, de concomitancia, não fallando já dos elementos psychicos e individualistas que entram na manifestação da vontade e da consciencia, que tornam difficilima a sua analyse e quasi irreductivel ás leis dynamicas; esse caracter particular será o criterio fundamental do conhecimento do facto sociologico, e o que bem explica a difficuldade de prevêl-o, é o seu extremo *Relativismo*. Se foram os astronomos e os physicos os que descobriram o condicionalismo dos equilibrios da materia; se foram os physiologistas que, através das falsas miragens da noção theologica de creação e metaphysica de finalidade, descobriram o determinismo das fórmas e funcções organicas; foram tambem os politicos dirigidos pelo sentimento da equidade e pela suavidade dos costumes, que abandonaram gradualmente as noções absolutas da governação, realisando a justiça na maior somma de circumstancias, o direito no maior accordo das vontades, e a liberdade na coexistencia da independencia do maior numero. O criterio do *Relativismo* acabará para sempre com a violencia partidaria, e introduzirá na governação dos povos a necessidade periodica de modificações de constituição, pelo conhecimento da multiplicidade dos effeitos revelada a cada instante nas exigencias sociaes. As leis dynamicas que regem o Condicionalismo physico, a *independencia e coexistencia dos movimentos,* (d'Alembert) e o *movimento no sentido da menor resistencia,* (Maupertuis) continuam-se sob uma fórma nova e especial no Determinismo biologico, na *divisão do trabalho funccional e sua coordenação em um centro,* sendo a instabilidade dos equilibrios organicos modificada no sentido da menor resistencia, que é o que constitue o seu *Determinismo*. Nos phenomenos biologicos preponderam sentidos determinados, como é em primeiro logar o typo organico, desde a cellula e sua construcção em dados tecidos até á individualidade que constitue a especie, o automatismo da funcção, a orientação, a hereditariedade, o atavismo, a sobrevivencia, a regressão e recorrencia, muitas vezes prevalecendo sobre as causas constantes de differenciação. No *Relativismo* sociologico todas estas causas anteriores se exercem de um modo que o mais leve impulso da acção se revela por uma extraordinaria multiplicidade de effeitos. A fórma complexa da lei de *Conservação,* continua-se na sociedade por manifestações de estabilidade aggravadas por todos os automatismos que constituem o typo da raça; taes são os costumes, a tradição, a

superstição, a imitação, a auctoridade, a força do collectivismo; a fórma da lei de *Transformação,* modificada no determinismo da evolução biologica, nos phenomenos sociaes revela-se no progresso em que os actos automaticos se tornam conscientes, em que as funcções se dividem, (poder temporal separado do espiritual) em que os agentes de acção se individualisam, e que os individuos se destacam da collectividade por aptidões extraordinarias, productos de uma heterogenia organica.

Vê-se portanto que é possivel o processo de reducção dos factos sociaes ás suas energias anteriores, isto é, decompôr o Relativismo que motiva a actividade humana, no seu Determinismo biologico e no seu Condicionalismo cosmologico. É assim que o facto social será explicado como funcção de movimento. As doutrinas dynamicas são de uma antiguidade remotissima; as suas comprovações são modernas, e as suas applicações recentes, sobretudo na Biologia; parecerá por ventura extranho submetter os factos sociaes ás leis geraes da mechanica, mas o *numero statistico,* desde Quetelet, veiu mostrar que esses phenomenos, apesar da intervenção do arbitrio individual, seguiam o seu caminho. A Sociologia é a ultima sciencia que se submette á deducção de um principio geral. Sendo a Materia o equilibrio transitorio da passagem de um para outro movimento, o seu conhecimento está limitado á relação d'esse movimento segundo os dois termos da sua oscillação. Tudo quanto se passa no meio cosmico só póde ser explicado segundo essa relação de movimento; sob esta direcção fizeram-se extraordinarias especulações metaphysicas, por Leucippo, Democrito, Aristippo, Epicuro e Lucrecio, Descartes, Kant e Leibnitz; Bacon e Locke fizeram observações positivas, e desde Grimaldi até hoje têm-se succedido as experiencias scientificas de tal fórma, que se póde formular como synthese definitiva da philosophia este aphorismo de Huyghens: «Todas as causas dos phenomenos naturaes devem conceber-se como acções mechanicas;» e que Newton dá como base de todo o trabalho philosophico: «Deduzir dos phenomenos da natureza dois ou tres principios geraes de movimento, e depois explicar como as propriedades de todos os corpos e os phenomenos são a consequencia d'estes principios manifestos, seria fazer um grande progresso na philosophia...» Esses principios geraes de movimento estão achados; Grimaldi descobre que a luz é um fluido em movimento, d'onde Fresnel tira a theoria das ondulações; Rumford observa o movimento transformando-se em calor, cuja equivalencia me-

chanica foi formulada por Meyer; as applicações das leis do movimento aos phenomenos cosmicos são feitas por Watereton e Thompson, aos phenomenos physicos por Tyndall e Secchi, aos phenomenos chimicos por Gaudin e Lami, aos phenomenos biologicos por Meyer, Joule e Carpenter. No campo vastissimo da Sociologia é mais difficil a applicação do criterio dynamico, considerando já a uma grande altura a renovação da Economia politica por Carey, que seguiu essa nova orientação scientifica. O movimento do universo reduz-se a uma oscillação entre os dois termos extremos *condensação* e *repulsão;* estes dois extremos equivalem-se, por que as experiencias chimicas mostram que os corpos mais densos são os mais explosivos; os phenomenos physicos revelam-nos forças aggregativas, e forças essencialmente repulsivas como o calor, a electricidade e a luz; antes de Newton ter introduzido nas sciencias cosmologicas a hypothese da *attracção* universal, as doutrinas da synthese cartesiana baseavam-se sobre a theoria das forças *repulsivas* ou turbilhonares. Prevaleceu a hypothese de Newton, até que só muito tarde a descoberta do radioscopo veiu demonstrar que os phenomenos de attracção eram apparentes e explicaveis por forças de repulsão, como a *affinidade* chimica se explicava por uma desigual transmissão d'essas forças repulsivas. O ponto de vista não é tão moderno como parece, e já para o profundo criterio de d'Alembert, com a sua capacidade analytica de geometra, a theoria das forças repulsivas da concepção turbilhonar de Descartes: «tinha a singular vantagem de dar a razão da gravitação dos corpos pela força centrifuga do proprio turbilhão, e eu não receio avançar que esta explicação da gravidade é uma das bellas e engenhosas hypotheses que a philosophia tem imaginado.» (Prol. da *Encyclopedia.)* O modo da propagação do movimento está estudado na Mechanica, e reduz-se a uma lei bem simples, formulada explicativamente por varios chimicos, mas de um modo preciso por Trémaux: Entre corpos similhantes o movimento transmitte-se completamente, e manifesta-se como *repulsão;* entre corpos differentes transmitte-se desigualmente, e a menor transmissibilidade manifesta-se-nos como *aggregação.* Este principio acha-se applicado plenamente a todos os phenomenos astronomicos, physicos, chimicos, e biologicos; é elle o que dirige tambem os movimentos sociaes. A repulsão entre corpos similhantes está traduzida por Spencer com relação aos phenomenos sociaes na fórmula: *Homogeneidade incoherente,* e a aggregação entre corpos differentes na *Heterogeneidade coherente.* Temos aqui os dois

termos necessarios de toda a oscillação de movimento na progressão social; a redacção de Spencer segundo o sentido sociologico é de uma grande clareza para a decomposição em forças dos diversos equilibrios sociaes ou instituições. Assim, importa exemplificar o movimento cosmologico, n'esse Condicionalismo dos modos da sua transmissão, e o movimento biologico n'essa maior differenciação segundo a maior instabilidade dos seus equilibrios.

A applicação d'este ponto de vista dynamico não é um esforço logico; corresponde á subordinação dos factos que constituem as diversas sciencias hoje sem differenças essenciaes. As leis abstractas do movimento são as mesmas nos corpos estellares e nos systemas moleculares; a chimica, que parecia formar um corpo de observações peculiares, tornou-se uma continuação da physica como comprehendendo os phenomenos que resultam do trabalho de redistribuição das energias physicas. Entre a chimica mineral e a organica é que existia uma transição apparentemente brusca, mas Fremy estabeleceu a relação de continuidade na sua monographia dos corpos sulphoazotados; diz elle: «quando dois corpos que se combinam formam um terceiro no qual é impossivel encontrar alguns dos caracteres dos corpos que o produziram é preciso admittir necessariamente que as moleculas primitivas perderam, de algum modo, a sua individualidade para darem nascimento a agrupamentos novos. Este ultimo caso observa-se frequentemente na chimica organica. Estes phenomenos da reunião de duas moleculas em uma só são raros em chimica mineral; poderia citar-se algumas combinações ammoniacaes em que o agrupamento que constitue o ammoniaco desappareceu completamente.» A descoberta de Fremy consistiu na reacção de dois acidos mineraes (sulforoso e azotoso) com duas bases sob a influencia da agua, sem que os novos acidos apresentassem as propriedades dos corpos que os formaram. D'esta ordem dos sulphoazotados conclue Fremy: «parece estabelecer a existencia de uma nova familia de compostos chimicos, que pela sua composição, pelo conjuncto das suas propriedades parecem collocar-se entre a chimica mineral e a organica, e tendem a approximar estes dois ramos da sciencia.» Os carburetos do hydrogenio, como o provou Berthelot, estabelecem a relação da chimica organica com os productos dos organismos vivos; a histochimia com a individuação dos typos biologicos, a nevrologia com os phenomenos de ordem psychica, que se continuam sob a fórma de automatismos ou actos inconscientes vão até se desenvolver nos agrupamentos sociaes. A sepa-

ração entre phenomenos physicos e moraes é meramente arbitraria; não existe antinomia entre elles; assim como o criterio e a comprehensão do factor *tempo,* que distingue os phenomenos biologicos, esclareceu todos os problemas da geologia, eliminando a acção dos cataclysmos, explicando-os pelas causas actuaes, tambem a relação de anterioridade, ampliando mais esse mesmo criterio evolutivo, tirará aos phenomenos psychicos e sociologicos ou moraes esse caracter maravilhoso, a que se agarram ainda as theologias. O ponto de vista dynamico abrange toda a phenomenalidade do universo, e a *homogeneidade incoherente* tanto se dá nas nebuloses sob a fórma de movimento de repulsão, como nas raças humanas que não attingiram a aggregação nacional; a *heterogeneidade coherente,* que começa no nucleo solar, é a mesma que se manifesta na especialisação de funcções nos organismos superiores, e na differenciação ethnica das raças que formaram civilisações duradouras. Conhecida a fórma geral de todo o movimento, que consiste em uma oscillação, e as suas manifestações repulsivas e aggregativas, nada mais resta do que exemplificar com o que se passa na progressão social. O processo não é de simples analogia; sabidas as condições em que se operam certas fórmas de movimento, assim, como sciencia geral e abstracta, a Sociologia descobrirá os meios por onde um certo numero de factos automaticos dos povos se tornarão conscientes, e indicará as vias por onde um certo numero de estimulos podem ser aproveitados segundo o bem estar geral, que não é outra cousa mais do que a menor resistencia do meio cosmico.

O condicionalismo do movimento cosmologico apresenta-se sob duas fórmas, a *repulsão* entre corpos similhantes, e *aggregação* entre corpos differentes; observemos a sua continuidade na marcha social. Os odios e as antipathias pessoaes são qualidades que se manifestam entre pessoas do mesmo temperamento e caracter, a quem os mesmos appetites pareciam dever approximal-as; esses odios continuam-se em uma fórma mais intensa entre povoações da mesma raça em territorios contiguos, a tal ponto que essa aversão local, que é a causa das separações dispersivas do cantonalismo, ainda hoje apparece nas povoações visinhas, que se injuriam a distancia vindo provocar-se sob as mutuas fronteiras. Os muros que separavam as povoações antigas, como ainda entre os romanos, eram construidos sobre as sepulturas que os santificavam. O estimulo organico do egoismo, sem a differenciação dos impulsos altruistras, apenas produz esses rudi-

mentos ou esboços sociaes da *Horda*, do *Bando* ou da *Tribu*, cuja aggregação é artificial pela pressão da necessidade de momento, mas que insensivelmente se dispersa, quando a differença de um chefe não converteu a tribu em um familismo sedentario. O arguto Machiavelli comprehendeu o motivo da dispersão cantonalista, e o modo como esses elementos homogeneos attingem a aggregação consciente do Federalismo. Diz o grande politico italiano, no *Discurso sobre Tito Livio*: «Os homens em collectividade não são proprios para fundarem instituições; elles não podem abranger nenhum util conjuncto pela razão da diversidade de opiniões que têm entre si; mas tambem, uma vez alcançado o conjuncto, pela mesma razão elles não poderão chegar a um accordo para abandonal-o.» (Liv. I, cap. I.) A diversidade de opiniões quer aqui dizer a sua incoherencia pela similaridade do atrazo mental entre elles; Machiavelli continúa, comprovando o seu ponto de vista: «um só homem é bem capaz de constituir um Estado; mas bem curta será a duração d'esse Estado e das suas leis, se a execução ficar confiada ás mãos de um só; o meio de assegural-a é confial-a á guarda de muitos.» Por aqui se vê que são necessarios mais outros estimulos de differenciação do que os que começam nos Chefes, que podem quando muito servir-se da violencia para unificarem todos os cantonalismos, apagando as suas tendencias separatistas; se a necessidade da resistencia contra o arbitrio do Chefe produz uma liga de defesa para a liberdade individual, então essa unificação pela força, como a de todos os grandes imperios antigos e modernos, é convertida em um pacto voluntario, de commum accordo, que constitue o Federalismo. Pelo principio notado por Machiavelli se conhece como ao regimen das grandes monarchias succederá na progressão social o regimen da democracia; as nações que nunca venceram a pressão monarchica, como o Egypto, a Assyria, Babylonia, a Persia, a Media, a Judea e Roma extinguiram-se; e a Grecia teve o explendor da sua civilisação no periodo da sua democracia. A estabilidade das raças no agregado social depende tambem da similaridade organica, e da falta de differenciação do meio territorial. As raças celticas, que occuparam a Italia, a França, a Bretanha e a Hispania não constituiram nações; chegaram a esses cantonalismos rudimentares, que os romanos e os germanos facilmente submetteram e com quem se fusionaram. O que se dá com os povos dá-se com as familias n'esse phenomeno de selecção artificial chamado Aristocracias; onde se formou esta classe priviligiada, ella teve sempre a maior somma das

vantagens territoriaes, o uso exclusivo das armas, a cultura e exercicio da força, e um bem estar que devera assegurar-lhe o aperfeiçoamento e a perpetuidade. Apparentemente contra todas as leis da selecção, as Aristocracias extinguem-se pela similaridade organica, pois que ellas fazem consistir a sua pureza no circulo estreito dos seus cruzamentos; extinguiu-se a aristocracia grega, romana e medieval, e ainda hoje as castas reaes ou dynasticas que sobrevivem cáem no albinismo, no critinismo e em breve, como o provou Haeckel, se extinguirão pela degenerescencia. A falta de estimulo de outros povos leva povos adiantados a ficarem improgressivos, da mesma fórma que o isolamento leva o individuo á imbecilidade; n'estas condições nos apparecem os Mexicanos e Peruanos, e no extremo Oriente os Chinezes. As migrações da raça árica para a Europa foram devidas á dispersão interna da sua homogeneidade ethnica, e pelo encontro de outros povos no seu caminho com os quaes se fusionaram, produziram as grandes civilisações grega, romana e moderna, que deram á raça árica a hegemonia da Humanidade. A falta de estimulo de povos differentes faz com que se regresse ao nomadismo, como os Ciganos, bem como o isolamento religioso do Judeu, considerando-se o povo escolhido de Deus, foi a causa da desaggregação de uma nacionalidade attingida transitoriamente por effeito dos cruzamentos em Babylonia durante o captiveiro e das transplantações assyricas. A uniformidade de terreno, taes como as grandes planicies, produzem o atrazo da sociedade, sempre assaltadas pelos povos das montanhas, e dá-se tambem a tendencia dispersiva e nomadismo selvagem, como nos pampas. Estes factos serão ampliados quando sobre a fórma do automatismo estudarmos adiante o movimento social dependente do Determinismo biologico.

A *aggregação* entre corpos differentes, ou a *heterogeneidade coherente,* como a denomina Herbert Spencer, explica os phenomenos mais complexos do aggregado humano chamado Civilisação. Carey, nos seus *Principios da Sciencia social,* adopta a noção da heterogeneidade coherente como sociologicamente expressa pela palavra *individualismo;* apoia-se n'este bello pensamento de Goëthe: «Tanto mais imperfeito é um sêr, quanto as partes individuaes que o constituem se parecem reciprocamente, e ellas mesmas se assemelham ao todo. Um sêr é mais perfeito quanto são dissimilhantes as partes que o compõem. No primeiro cazo estas partes são mais ou menos uma reproducção do conjuncto; no segundo são totalmente differentes. Quanto mais parecidos são esses

elementos, tanto menor é a subordinação reciproca que existe entre elles: a subordinação das partes indica um alto gráo de organisação.» Carey, apoia-se ainda na opinião de Guyot, que submette ao mesmo principio os aggregados sociaes: «As differenças são as condições do desenvolvimento: as trocas mutuas que resultam d'estas differenças, dispertam e manifestam a vida. Quanto mais consideravel é a diversidade de orgãos, mais a vida do individuo é activa e se eleva a uma ordem superior. Tanto mais consideravel é a diversidade das individualidades e das relações em uma sociedade de individuos, assim é mais consideravel a somma de vida, mais o desenvolvimento da vida é geral, completa e de uma ordem elevada.» Carey, que introduziu o criterio dynamico na sciencia social, confirma o principio formulado por Goëthe e Guyot por factos de natureza economica: «Nas sociedades as mais imperfeitas os trabalhos não tem variedade, e consequentemente o desenvolvimento da intelligencia é minimo, pela similaridade das partes que as compõem, como se póde facilmente constatar nos paizes puramente agricolas. A maior diversidade dos trabalhos corresponde uma consideravel exigencia de esforços intellectuaes, os elementos constitutivos da sociedade tornam-se dissimilhantes, o conjuncto adquire perfeição como póde verificar-se immediatamente comparando um districto puramente agricola com um outro onde se achem felizmente combinados a agricultura, a industria e o commercio. A differença, eis o ponto essencial para a associação.»[1] Carey tira d'este principio deducções luminosissimas que comprova pelo desenvolvimento politico dos povos, em que o maior gráo de civilisação foi attingido por que a differenciação social não desappareceu na identificação centralista; é assim que as diversidades individuaes produzindo o aggregado da associação resistem na fórma federativa á tendencia absorvente e unitaria do empirismo do Estado. Os factos historicos coincidindo com a doutrina theorica, ao passo que a comprovam, recebem d'ella uma luz philosophica, cuja evidencia a tornará applicavel ás coordenações fundamentaes da politica. Os casamentos exogamicos começaram pelo rapto, pela seducção selectiva, e terminando com a promiscuidade da mulher do hetairismo endogamico, deram-lhe bases juridicas de contracto na fórma do dote, e tornaram a mulher um movel de idealisação. A monogamia é o caracteristico de todas as raças que attingiram

[1] *Principes de la Science sociale*, t. I, p. 53. (trad. Leduc e Plauche).

as fórmas mais completas da civilisação. Nos casamentos é ainda frequente a preferencia do homem corpulento pela mulher de estatura meã, a predilecção da mulher ruiva do norte pelo homem de cabellos negros do sul, a preferencia do obeso pela mulher magra. A differenciação ethnica produzida pela adaptação ao meio cosmico tem sido uma das maiores causas da cohesão social; sabe-se a influencia das altitudes no organismo humano, desde a deformação e degradação dos cretinos, dos logares baixos, até á agilidade e lucidez dos habitantes das montanhas; os povos *acadicos* ou das montanhas, e os *sumirs,* ou dos valles e bordas dos rios, revelam na relação dos seus nomes com os logares que occupavam na época da civilisação chaldaica, os conflictos que se deram entre elles, occupando os valles ferteis o Acad, por ter desoccupado por violencia o Sumir, confinado em uma resistencia defensiva nas montanhas. A civilisação do delta da Chaldêa proveiu d'este conflicto de differenciação, em que decahiram cultos que se tornaram magia, e mythos religiosos que se tornaram epopêas. Este facto, que se repete na formação das epopêas da Grecia, quando o espirito nacional convergia para resistir contra a Persia; quando os mythos germanicos pela decadencia diante do proselytismo catholico se tornaram as Gestas; e quando a Finlandia revelava o espirito nacional no *Kalevala* quando a Russia a submettia, vem comprovar esta affirmação de Lamcke, que é uma das fórmas da heterogenia coherente: Assim como a combinação de dois corpos produz um augmento de calor, assim a fusão ou o encontro de duas raças produz um augmento de poesia. Do encontro de duas raças resulta o predominio numerico de um elemento, com o predominio moral do vencido na revivescencia das suas tradições, que são uma nova efflorescencia da mythologia nacional decahida, uma actividade de aspiração ideal, que produz poesia, e o meio de crear uma base emotiva da unificação nacional. No cruzamento das raças existe uma lei notada por Müller, em que desde que um dos elementos entra de novo na constituição do producto differenciado, este regressa a esse typo exclusivo; foi por ventura este o motivo por que as raças semiticas decahiram da civilisação, formada pelos estimulos de contacto com os turanianos e kuschitas. Nos povos conhecidos pelo nome generico de Turanianos, a civilisação humana teve n'elles o seu periodo rudimentar, porque a differenciação ethnica foi-lhes imposta pelo meio cosmico; uns eram agricolas, e outros trabalhavam o bronze e o ferro. Os povos de industria *agricola* detestavam os povos *pastoraes,* como ainda se conserva no mytho

de Abel e Caim, e no facto historico da separação dos Arias em Aryanos e Iranianos, que vieram a produzir as duas grandes civilisações da Persia e da India. A differenciação das castas na sociedade primitiva proveiu de um progresso, a especialisação de funcções, como a creação de um corpo especulativo ou sacerdotal, a organisação da força ou segurança publica, e a actividade exclusiva de um agente da aproximação dos productos industriaes; a sua superioridade hierarchica explica-se pela maior antiguidade em que cada uma se constituiu; os escravos, e classes degradadas provieram dos accidentes da guerra, e foram sempre um grande estimulo de actividade social pelos seus instinctos egualitarios. Assim deu-se o conflicto entre a casta *sacerdotal* e a *guerreira,* prevalecendo esta como um Feudalismo, e reduzindo-se a outra a simples poder espiritual; mas n'estas luctas para garantir-se contra o poder temporal os sacerdotes hallucinaram as classes inferiores lisongeando-as, admittindo-as ao culto, ou assimilando as suas cerimonias tradicionaes, e os Senhores ou guerreiros, tornados de chefes temporarios dynastas, tambem lisongearam o maior numero dando-lhe garantias politicas, como aconteceu com a realeza da Europa, que se apoiou nos servos da gleba, que se elevaram á dignidade de povo. Assim de uma heterogenia organica e differença de gerarchia se produziu essa coherencia ou vinculo juridico conhecido na civilisação moderna como uma cousa normal a *egualdade civil,* que tende a completar-se no *suffragio universal,* a manifestação definitiva da *Democracia.* Estas differenças de castas estabelecem differenças nas instituições, taes como a propriedade, a religião, a familia, o direito individual, como se observa tão claramente na civilisação romana, onde os plebeus não tinham o *jus sacrorum* e o *jus honorum,* onde se observa o antagonismo entre *populos* e *plebs,* entre o *jus civile* e *æquitas,* entre a *agnatio* e a *cognatio,* a *justæ nuptiæ* e o *concubinatus,* os *jus quiritum* e *in bonis,* o *strictum jus* e a *bonæ fidei.* A reacção das instituições entre si são uma das condições do progresso; as instituições estrangeiras, como vêmos em Solon com relação ao Egypto, e com as Doze Taboas com relação á Grecia, e hoje com as Cartas Constitucionaes com relação á Inglaterra, indicam-nos a força da heterogenia coherente, base fundamental de todo o aggregado nacional. Observemos este facto.

O condicionalismo cosmologico, pela sua generalidade fundamental, deve ser procurado nos phenomenos sociaes considerados tambem na sua maior generalidade, taes como os

agrupamentos humanos no seu conjuncto, ou nacionalidades. Abstrahindo dos factores internos, cuja heterogeneidade determina a cohesão social em série historica e civilisação, os conjunctos nacionaes são tanto mais fixos quanto as differenciações mesologicas se tornam ethnicas, e quando as differenciações ethnicas não se dispersam n'uma variabilidade como a mesticagem, nem pela regressão ao typo primitivo. O condicionalismo cosmologico observa-se directamente na formação das raças humanas; apesar de todos os inconvenientes das classificações antropologicas desde Blumenbach até Haeckel, que luctam com a necessidade de reduzir as differenciações *raças* á simplificação do typo humano, existe uma base dynamica reconhecida—a temperatura e a situação geographica, que explicam os phenomenos de variação taes como ainda se observam n'esta longa fusão ou basculação de povos. Considerando segundo o bello ponto de vista de Cuvier, os *planaltos,* como os primeiros focos de desenvolvimento, onde as altitudes graduam a temperatura, temos no nosso globo tres *planaltos* que correspondem aos tres typos humanos que se descobrem através das suas variedades, e se confirmam pela persistencia do *habitat* primitivo conservado pela parte mais numerosa e portanto inconsciente da raça; são o planalto do Caucaso, o planalto uralo-altaico, e o planalto do Atlas. Estes tres pontos de differenciação apresentam tres climas diversos. Póde-se procurar a sua acção por meio de comprovações morphologicas, como os craneos brachycephalos, dolychocephalos, mesaticephalos, correspondendo ainda aos tres typos antropoides, o orango, o chimpanzé e o gorrilla; a comprovação physiologica leva ás mesmas conclusões, em quanto ás tres côres epidermicas, *amarella, branca* e *negra,* originadas por causas bem profundas e constantes, por isso são caracteristicas em todos os vetebrados, como o provou Burmaester; o mesmo emquanto aos cabellos *lisos, crespos* e *encarapinhados*. A comprovação ethnica, em que, apesar das grandes migrações humanas, o *habitat* primitivo corresponde ainda aos centros da differenciação, o Caucaso para a raça branca, os Urals para a raça amarella, e Atlas para a raça negra, confirma-se tambem na evolução historica, em que se caracterisam sempre tres raças primordiaes, através das fórmas de todos os seus productos sociaes, e na constituição nacional provocada pelo encontro de complicadas migrações. A antropologia ainda não apresentou uma designação scientifica para estas tres raças, consistindo as tentativas para isso em formar-lhes o nome por um caracteristico dos seus *deuses,*

dos seus *eponymos,* ou da *topologia,* sendo este ultimo meio ainda assim mais correcto; os nomes Indo-europeu, Syro-arabe e Scytho-mongolico exprimem modificações seculares e accidentaes, muito remotas do typo simples da differenciação, que por isso só se podem empregar como um meio provisorio para a discussão dos agrupamentos historicos. Na raça branca, ha tres variações fundamentaes, a familia *aryana,* a *iraniana,* e o ramo *arameano;* na raça amarella, ha a familia *mongolica, boreal,* e *vermelha;* na raça negra, ha o *preto,* o *kuschita* ou *ethyope,* e o *australiano.* Quem abstrahir dos accidentes ante-historicos dos cruzamentos de todos estes elementos humanos, e procurar a persistencia das causas da differenciação em outros meios, como por exemplo o meio ethnico e o historico, encontra sempre a multiplicação dos seus effeitos nos productos sociologicos; taes são os tres systemas linguisticos *monosyllabico, agglutinativo* e *flexional;* na religião os cultos *fetichistas, polytheistas* e *monotheistas;* nas fórmas sociaes o *familismo,* o *cantonalismo,* e a federação espontanea em *nacionalidades;* e mesmo na evolução intellectual, a persistencia, em um estado *syncretico,* ou de confusão do abstracto com o concreto, em um estado *discretico,* ou separação do abstracto e do concreto, e por ultimo a capacidade de converter o abstracto em concreto ou estado de *positividade.* Nas aptidões ethnicas vêmos ainda representado o impulso dos differentes meios ou acção do condicionalismo cosmologico, nas fórmas do trabalho com que o homem assegurou o seu logar ao sol, taes como a industria *fabril* (metalurgia nas raças amarellas) a *pastoral* e a *agricola,* que reagem sobre as fórmas da aggregação social, na religião, na familia e na propriedade. Tambem as Civilisações primitivas só podem ser bem apreciadas caracterisando-as pela acção dos diversos meios que as provocaram sendo umas verdadeiramente *isoladas,* como a egypcia, a chaldaica, a babylonica, e a assyrica, e como taes sem condições de estimulo e de variação que lhes assegurasse a perpetuidade não obstante a sua grandeza; outras *cosmopolitas,* como a phenicia, a judaica, a arabe, e pela sua dispersão, que as tornava propagadoras das civilsações isoladas, susceptiveis de regressarem á incoherencia do seu nomadismo; outras finalmente *improgressivas* como a chineza, a mexicana, a peruana, que pela sua situação afastada de todo o contacto esgotaram-se em um automatismo, que caracterisa muitas sociedades e industrias animaes. As migrações provocadas pela pressão do numero, além das condições da subsistencia, pela incursão das raças belicosas das montanhas

nos valles ricos, seguiam um caminho procurando os sitios accessiveis, da mesma fórma que um liquido, e sómente as raças perseguidas é que se fortificam nas montanhas; a figuração do globo por meio de relêvos continentaes e orographicos póde coadjuvar a descoberta de muitos factos para os quaes não existe uma razão historica. Depois dos valles, os deltas offerecem as primeiras condições materiaes de cohesão social; os primeiros occupantes d'esses centros protegidos de incursões, fecundos pelos seus detritos, e com a temperatura dos climas insulares, pelo facto da primasia vieram a constituir uma differenciação de classe, e foi esta a origem de todas as *aristocracias,* como as Cem familias na China, os Eupatridas na Grecia, os Patricios em Roma, e a nobreza veneziana como tão claramente o explica Machiavelli. Depois dos deltas, as peninsulas são um estimulo mais activo de cohesão social, como vemos em a peninsula do Dekan, onde se fórma a vasta civilisação hindu, a peninsula grega e a peninsula italica, que tornaram a bacia do Mediterraneo o agente das civilisações da Grecia e de Roma, base fundamental de todo o progresso humano até hoje. Sobretudo a situação da Grecia, formada de ilhas e de grandes variações orographicas, estava em condições de receber os progressos adquiridos do Egypto com a capacidade methaphysica, e pela Asia menor todos os elementos artisticos e poeticos dos povos semitas. A raça tambem manifesta a heterogenia que motiva a sua consistencia nacional, onde a comprehensão federalista das amphyctionias, pela coexistencia da autonomia local com o espitito nacional, dá á civilisação um caracter consciente; sobre um fundo semitico, os dois elementos ethnicos o Dorico e o Jonico souberam aproveitar-se dos estimulos da cultura phenicia, e produzir essa civilisação extraordinaria que se baseou pela primeira vez sobre noções racionaes, algumas das quaes chegaram á coordenação de sciencias, como a mathematica e a astronomia. A fórma da Federação exigia o contacto da vida publica, e portanto o exercicio da palavra, a creação da Eloquencia como uma arte de produzir e de se apropriar das emoções da multidão, e a necessidade dos jogos festivaes, onde a força se cultiva como uma actividade especifica da funcção muscular. Este encontro nos certames ou antagonismos differenciaes, que se revelava entre os poetas, como entre Eschylo e Sophocles, entre os oradores, como Demosthenes e Eschines, entre os philosophos, como em Platão e Aristoteles, provocava a expansão de todas as forças immanentes n'essa collectividade, de sorte que á primeira

ameaça da sua autonomia pelos exercitos da Persia, a tradição nacional vibrou em todos os espiritos e tomou a fórma de consciencia nas epopêas homericas. Na constituição historica de Roma vêmos pequenas tribus vivendo isoladamente nos seus cantões, os Ramnenses, no *Mons palatinus,* e os Titienses no *Collis quirinalis;* a preponderancia do elemento sabino, revelando-nos uma heterogenia explica-nos como a acção de uma individualidade, Numa, fórma uma genocracia, ou o *Fedus æqum;* a lucta com Alba Longa, onde se conservavam as tradições italicas, depois da sua destruição, determina a incorporação da tribu dos Lucerenses, acantonados no Mons Cœlius, n'esse rudimento de Federação, contribuindo pela vivacidade da orientação tradicional á preponderancia do elemento latino em Tullo Hostilio. A palavra *Hostis,* o estrangeiro, está significando aqui a hetorogenia coherente, que assimilou na unificação romana as tribus locaes que sob Servio Tulio constituiram as classes sociaes dos Clientes e dos Plebeus; as tribus de raça, organisadas em curias, formavam uma aristocracia privilegiada, ciosa dos seus direitos primitivos e exclusivos, e as tribus locaes luctaram para fazer reconhecer-se em direito, com autonomia civil. O desenvolvimento da Civilisação romana proveiu do conflicto constante da genocracia e da timocracia, oscilando a transformação social nos Comicios *curiata,* em que o poder era exercido pela *patrum auctoritas,* da época patricia; ou pelos comicios centuriata, da época patricio-plebea. O encontro do elemento familista romano com povoações existentes no solo italico *(alieni juris)* que tornou servas, produziu esse movimento de coordenação que levou o Romano ao pleno equilibrio politico chamado Estado.

Gœthe, observando os desenhos do pintor allemão Cornelius e do pintor francez Paul Delaroche sobre o seu poema do *Fausto,* notou que o artista allemão procurava dar ao Doutor o caracter e o typo de um glanteador *francez,* e o artista francez visava dar-lhe a expressão caracteristica do genio *allemão.* Este facto tão bem observado revela-nos como é que na aggregação dos elementos ethnicos de um povo é sempre o *estrangeiro* o que melhor comprehende, exprime e synthetisa o caracter nacional; a Allemanha e a França do norte são antropologicamente um mesmo povo, desmembrado por circumstancias historicas alheias á sua propria natureza, e por isso este instincto ou intuição superior dos dois artistas revela uma aspiração ainda latente, mas que a civilisação europêa ha de realisar. Este facto encontra-se com bastante

clareza nas grandes raças historicas que formam a corôa da civilisação humana, as semiticas e as aryanas; cultos semiticos, como as religiões orgiasticas da Syria e os cultos babylonicos, são assimilados e desenvolvidos pelos aryas, como a religião do Mithraismo entre os Persas, e o culto de Aphrodite entre os Gregos; por outro lado o Jehovismo entre os Judeus desenvolve-se sobre os elementos dogmaticos do Daevas árico. Max Müller, em um bello schema figurado, mostra como o Budhismo e o Christianismo só se desenvolveram fóra da raça que os produzia; o Budhismo, organisado por uma especulação do subjectivismo religioso entre os Arias, adquire a sua maxima propagação proselytica em uma raça inferior, a raça amarella, perpetuando-se em extensão no Thibet e na China; pelo seu lado o Christianismo elaborado pelo judeu, e confinado na estreiteza do espirito semita, acha a sua efflorescencia dogmatica, cultual e poetica entre os ramos áricos ou os povos indo-europeus. O mesmo phenomeno de hetorogenia coherente se repete com invenções concretas, como a *escripta:* o egypcio usando dos symbolos ideographicos respeita-os na sua immobilidade, e não póde com elles exprimir as noções abstractas, e portanto conserva-os em um corpo sacerdotal, que mantém a immobilidade no espirito de um povo, reservando-se o segredo da iniciação das idéas moraes. O phenicio usa os mesmos symbolos ideographicos, mas tira-lhes todas as consequencias reduzindo-os a uma generalisação, e simplificando-os em expressão phonetica, dotando a humanidade com o *alphabeto,* um dos agentes da transmissão das noções adquiridas, que tirou á tradição o mysterio augural e deu á actividade humana um dos seus mais conscientes estimulos. É o elemento *estrangeiro* o que melhor exprime a caracteristica nacional; mesmo n'esta pequena nacionalidade portugueza, os seus melhores poetas apresentam essa origem de uma heterogenia, como em Camões, oriundo de um emigrado da Galiza, Bocage, de um francez, e Garrett, de um irlandez.

Na constituição social da Europa moderna, encontramos tambem tres raças, notadas por Tacito na Inglaterra, por Cesar na França, e por Strabão na peninsula hispanica, e confirmadas nos bellos estudos antropologicos de Paul Broca; uma raça primitiva ou autochtone, fusionada com outra que fez a sua grande invasão de norte ao sul e de leste a oeste, produzindo a raça dos Aquitanios de cabellos negros, (Auch, Ausci, Auskes, Euskes, Vascos e Bascos) e os Celtas de cabellos castanhos, que occuparam a Irlanda, a Hespanha e a Italia; a invasão

posterior dos Kimris, ou Cimbros, espalhados pela Europa occidental, de cabellos louros, corpulentos, e de indole vagabunda veiu influir na regressão ao typo louro e tornar secundario o sangue indigena. N'estas condições ethnicas da Europa é que entraram os ramos imigrantes indo-europeus; o Romano, em conflicto com essas raças, tirou a sua cohesão do regimen da guerra, e só quando estendeu *o direito de cidade* ao mundo, é que se dissolveu o Imperio. A Europa tendia para a constituição de Estados independentes como centros de differenciação social, e por isso destinada a ser o centro de toda a civilisação humana desde que esses estados attingissem a força da aggregação nacional. A entrada das raças germanicas na historia veiu activar este movimento; estes povos estavam ainda no seu familismo primitivo, e a sua aggregação no *mallum,* ou assembléa ao ár livre, provinha da differenciação entre os *homens-livres,* pastores e agricultores que adoravam Hertha, e a *banda militar,* que constituia uma nobreza hereditaria, e que adorava Odin. Emquanto estes dois elementos sociaes foram independentes e coexistentes, a sua coordenação politica produziu o *Placitum,* e cada um d'esses elementos teve o seu desenvolvimento particular, como se póde descobrir pelo estudo comparativo dos varios estados europeus; assim á classe dos homens livres pertencem os *Arimani,* (entre os Lombardos) os *Rachimburgos,* (entre os Frankos) os *Ricos-Homens,* (nos Visigodos) os *Frilingos,* (nos Anglo-Saxões); á classe da banda guerreira pertencem os *Herzog,* (Duque) com funcções temporarias e electivas, e o *Graf,* (Conde) com auctoridade militar e civil, o *Markgraf,* (Marquez) e os *Farones,* (Barões). Quebrado o equilibrio entre estes elementos, é pelo desenvolvimento exclusivo da banda guerreira, que os *homens livres* decaem da sua egualdade que tinha no *mallum* e no *placitum,* formando esses gráos variados de servidão, o *aldius,* o *leude* e o *vassu.* Com a nobreza das armas os grafs e farones apropriam-se da propriedade e constituem-se em Feudalismo. Começa n'este ponto uma nova elaboração social; o *herzog,* querendo converter as suas funcções temporarias e electivas de chefe em vitalicias e heriditarias, ou a realeza do *Konig,* lucta com o poder feudal para se tornar independente d'elle, e apoia-se nos homens-livres decahidos, isto é, nas classes servas, algumas das quaes se haviam ligado em *Germania* ou *Irmandades.* É esta a origem das Monarchias na Europa, que por muitas conciliações vieram a esse equilibrio social provisorio, primeiro no *Witte-nagemot* ou *côrte,* e pelo reconhecimento politico do terceiro

estado na fórma representativa do governo! É este o primeiro esboço do principio do *individualismo*, factor consciente que tem, no seu conflicto com o Estado, de provocar progressos imprevistos para a Humanidade. Não fazemos aqui a historia social da Europa; simplesmente observamos a coordenação dos movimentos, segundo o condicionalismo cosmologico, tanto mais claro quanto se observa nas grandes collectividades, da mesma fórma que o numero statistico é tanto mais condicionado quanto se compara em maiores periodos de tempo. Da exposição dos elementos communs á Europa da Edade media, Italia, França, Inglaterra e Hespanha, conclue-se da existencia dos tres factores de differenciação politica: instituições *livres,* instituições *feudaes*, e instituições *monarchicas;* conforme a preponderancia accidental de cada um d'esses elementos assim variaram as instituições: na Italia prevalecem as *Communas;* na Hespanha a *Monarchia;* na França o *Feudalismo;* em Inglaterra a justa proporção entre as instituições livres e feudaes mantidas como condição de existencia da monarchia deu em resultado o regimen parlamentar. As consequencias d'estes diversos equilibrios resumem-se no *centralismo* exclusivo, ou na dissociação cantonalista, conforme a acção d'estes diversos elementos acima estudados. São dois movimentos de oscilação inconsciente, que a Sociologia tende a coordenar. Onde as *Monarchias* attingiram a sua independencia de acção, fizeram renascer o espirito da administração romana ou continuaram-no, e pela violencia material impozeram a *Centralisação,* que tudo atrophia matando todas as iniciativas; onde prevaleceram as *Communas,* e a autonomia do Feudalismo principalmente, ficou o estimulo da *Descentralisação.* O estudo d'estas diversas orientações politicas provenientes de camadas sociaes amalgamadas empiricamente, é o que extinguirá o falso antagonismo entre o Individuo e o Estado, entre a provincia e a capital, entre a Liberdade e a Auctoridade, entre a Revolução e a Conservação. A noção do Individualismo provém de uma clara comprehensão do *determinismo biologico;* esta força de especialisação funccional nos explicará a necessidade do seu reconhecimento para que esse equilibrio denominado Ordem acabe por uma vez de ser um producto empirico.

II

No desenvolvimento das sociedades humanas um facto particular as distingue de todas as outras sociedades animaes, é a affirmação gradual do *individualismo,* primeiramente pela preponderancia das castas, depois pelo predominio de classes, e por fim pelos factos de heterogenia psychologica dos grandes homens, cuja acção se reflecte no modo como as instituições automaticas e empiricas vão sendo modificadas por esforços voluntarios. O Individuo e o Estado são os pólos dentro dos quaes oscilla este movimento a que na politica se chama o conflicto entre a liberdade e a auctoridade; estudado este movimento na fórma complexa dos aggregados sociaes as civilisações historicas, esse antagonismo perpetuo entre a revolução, ou as aspirações progressivas indisciplinadas, e a conservação, ou instincto da estabilidade tradicional, está revelando que estas duas forças só pódem ser coordenadas quando forem ambas reconhecidas como condições organicas indispensaveis de realisação da Ordem. Para que essas duas forças apparentemente antagonicas sejam conhecidas e harmonisadas entre si, é preciso investigar as suas origens naturaes, isto é, o seu *determinismo biologico,* que sob outras fórmas se exerce nos aggregados sociaes. Assim como no condicionalismo physico, a força de conservação coopéra com a força de transformação n'esse justo accordo que produz a harmonia do universo, assim no *determinismo biologico*, essas duas condições da materia se repetem em uma fórma mais complicada, a conservação do *typo especifico* e a transformação evolutiva, produzindo o encadeamento seriario dos organismos vivos. Para comprehender como nas sociedades animaes o *individualismo* se destaca a pouco e pouco da *collectividade* só a evolução organica é que nos póde fornecer os factos do impulso inicial e por elles demonstrarmos como é esse o destino das sociedades mais perfeitas. Nos organismos rudimentares as funcções são indistinctas; á medida que os organismos se elevam em uma maior variedade de funcções, estas especialisam-se em apparelhos distinctos e independentes como meio de serem mais perfeitamente exercidas. O *typo especifico*, que é um dos modos de conservação nos aggregados animaes, é o que prepondera nas sociedades inferiores, em que as individualidades se não destacam; é esta a base de cohesão sobre que se agrupam essas fórmas instinctivas de sociedade por onde se dis-

tinguem certos animaes, e que hoje se estudam como origens naturaes, como se póde vêr pelo importante livro de Espinas. Subordinadas ao *typo especifico*, as sociedades animaes são improgressivas, da mesma fórma que nas sociedades humanas esta estabilidade se continúa sob a fórma de dependencia da auctoridade tradicional. Observando os costumes dos animaes que vivem em sociedades rudimentares, notam-se factos que nas sociedades humanas são poderosos estimulos de progresso; taes são o par conjugal, o sacrificio pela prole, a preferencia pela especie, a communidade, a direcção governativa, a divisão do trabalho em classes especiaes, a previsão economica, os recursos industriaes e a estrategia defensiva, a linguagem emocional, sentimentos altruistas para com outras especies, o criterio da orientação no espaço, finalmente as aversões e os antagonismos. Qualquer d'estas tendencias bastava para tornar-se um estimulo de progresso; por que é, pois, que as sociedades animaes são um modo estacionario do seu funccionalismo organico? Porque esse modo de ser não tem sido modificado pelos impulsos da individualidade, pela acção da vontade sobre a fatalidade. Quando um dia, por effeito de uma clara comprehensão da natureza humana, se universalisar a acção do individualismo, o typo especifico tornado consciente na differenciação da raça, será uma base espontanea de cohesão social n'esses rudimentos das grandes confederações ethnicas até hoje desmembradas pelas aversões nacionaes; taes são essas vagas aspirações expressas na politica incoherente de hoje sob as palavras pan-*slavismo*, pan-*germanismo*, e pan-*latinismo*. Da mesma fórma a civilisação hellenica, base de todos os progressos do Occidente, destacou-se da evolução espontanea dos povos orientaes pelo individualismo moral reconhecido na constituição democratica das suas cidades, pelo individualismo intellectual exercido na organisação de sciencias, de systemas philosophicos e de concepções artisticas, e pelo individualismo economico, motor das expedições maritimas e d'esse cosmopolitismo que tornou a Grecia o fóco de todas as civilisações do Mediterraneo.

Caracterisando os elementos da civilisação grega, escreve Denis: «a obediencia não tinha entre os gregos nada de humilhante nem de servil; não abatia *o valor moral do individuo*, elevava-o. Demais, a lei fazia do estado, não alguma cousa de analogo aos corpos juntos formados de partes juxtapostas uma ás outras, mas um corpo uno, e animado, do qual, cada membro vivia simultaneamente uma vida propria, e a vida de todo o conjuncto. Estenda-se o estado oriental

pela superficie do globo inteiro não temos mais do que um immenso rebanho; estenda-se ahi a cidade grega, tomada nos seus principios verdadeiramente organicos, e teremos a humanidade.»[1] Na civilisação hellenica apparece o sentimento altruista na sua mais alta concepção, o sacrificio espontaneo do individuo á communidade n'estes factos assombrosos de virtudes civicas, que apparecem na historia como apoios da consciencia. Este accordo mutuo das duas forças impulsoras da actividade individual e da actividade social é a primeira condição do progresso humano; só póde ser realizado nos pequenos aggregados ou *Cidades*, federadas entre si, como nas amphyctionias gregas; desde que por effeito da conquista um povo se alarga em um immenso territorio, a sua unificação só póde ser conseguida por um violento regimen de centralisação administrativa ou de todas as forças vivas concentradas no Estado, que embaraça todo o desenvolvimento das iniciativas individuaes. Roma, pela situação especial em que se achava entre povos barbaros, sustentou-se pelas conquistas, e no seu organismo interno todas as liberdades do individuo eram derivadas do poder do estado; facilmente se identificou esse poder do estado com a *personalidade* imperial, e uma vez entrados na via do despotismo, o direito do cidadão, tal como a faculdade de fazer testamento, foi considerado como um previlegio concedido pelos imperadores. Na dissolução do imperio, as provincias reagem contra essa capital do mundo, mas pelo facto das invasões germanicas, em que o direito pessoal foi substituido ao direito territorial, manifesta-se desordenadamente o individualismo espontaneo, que se disciplina na hierarchia feudal. Guizot caracterisa a Civilisação n'este mutuo accordo: «Dois factos se comprehendem n'este grande facto; subsiste por duas condições e revela-se por dois symptomas: o desenvolvimento da actividade social e o da actividade individual, o progresso da sociedade e o progresso da humanidade. Onde quer que a condição exterior do homem se alarga, se eleva, se melhora, por toda a parte onde a natureza intima do homem se manifesta com vigor, com grandeza, por estes dois signaes, e muitas vezes apesar da profunda imperfeição do estado social, o genero humano applaude e proclama a civilisação.» O movimento social progressivo resulta d'estas duas forças, apparentemente eguaes e contrarias, quando attingem uma mutua synergia; se o estado prevalece sobre o indivi-

---

(1) *Hist. des Theories et des Idées morales*, t. II, 420 (1856.)

duo e lhe atrophia o seu desenvolvimento proprio, como em Roma, ou se o individuo não reconhece a subordinação ao estado, como no periodo das invasões germanicas, ha uma incoherencia dispersiva que se manifesta ao primeiro relaxamento dos vinculados da auctoridade, ou vive-se n'esse estado de guerra de todos contra todos, como se vê na jurisprudencia barbara da vindicta pessoal e da herança do crime. O homem teve a vida desligada do nomadismo e do trogloditismo antes de perder a sua personalidade animal n'esse todo homogeneo das sociedades empiricas; n'este conjuncto indistincto da *tribu* patriarchal, em que apenas existe a unica differença do chefe, e de que as primitivas sociedades do Oriente apesar das castas e das classes são um exemplo de estabilidade, n'esta homogenidade é que começa a estabelecer-se a agitação progressiva pela differenciação individual. E' como nos organismos vivos, em que a mesma cellula se agrupa diversamente formando a variedade dos tecidos histologicos, em que se hão-de especialisar os orgãos que hão-de estabelecer a divisão do trabalho funccional. Nas sociedades primitivas as individualidades destacam-se ainda de um modo complexo; a liberdade e as tendencias egualitarias estimulam as classes escravisadas ou degradadas, as ideias novas na religião, na moral ou na industria apparecem d'entre seitas e corporações dissidentes, e só muito tarde é que os Spartacos ou os Lutheros, os Galileus ou os Dantons se destacam no aggregado social com um completo individualismo. As duas forças apparentemente antinomicas da individualidade e da collectividade, são, segundo o condicionalismo cosmologico, a causa primordial de todos os movimentos na sociedade; constituem uma heterogeneidade coherente; e se se quizer bem comprehender o seu caracter essencial como base de todo o progresso humano, é preciso remontarmo-nos á sua origem organica. O progresso determinado pela historia consiste n'este desenvolvimento crescente do individualismo, que, traduzido em linguagem da sciencia biologica, significa a divisão do trabalho funccional nas sociedades. Isto mesmo se vê comprovado nas sociedades mais atrazadas, onde a industria é tanto mais morosa e imperfeita quanto mais complexa. Por outro lado, o limite natural da acção do estado tende tambem a ser fixado scientificamente, extinguindo essa intervenção permanente nos actos sociaes como se observa na sancção official, na arbitrariedade policial e na concorrencia com o trabalho particular.

A origem biologica do facto social assim como justifica o natural desenvolvimento do individuo como um factor da di-

visão do trabalho funccional, assim tambem reduz a acção do estado á de um centro coordenador dos diversos movimentos que se opéram livremente no organismo da sociedade. Todas as luctas que provocaram a transformação progressiva das sociedades humanas têm consistido no conflicto d'estas duas forças, o individualismo, em que se especialisam as funcções sociaes, e a collectividade ou o Estado, em que se unificam os diversos elementos sociaes. Se a separacão entre o poder espiritual e o temporal foi uma das grandes condicções do progresso humano, se a divisão dos poderes na esphera politica foi o primeiro passo para a liberdade, se a divisão do trabalho é a fonte da grande actividade economica da éra industrial em que entramos, por outro lado a unificação pela crença nas épocas theocraticas ou pela egualdade perante a lei no periodo do civilismo, esta dupla oscillação está-nos revelando que nenhum dos seus termos póde ser desconhecido, sem que a sociedade humana se esgote n'esses movimentos desorientados da revolução sem intuito ou da conservação inconsciente. Estas duas forças sociaes só podem ser bem dirigidas decompondo-as no seu *determinismo biologico;* e não é esta concepção uma simples miragem illusoria de analogia, porque essa oscillação que se dá no funccionalismo organico em actos de origem inconsciente, praticados automaticamente, e que com o tempo se convertem em conscientes e voluntarios, é a mesma que se repete no aperfeiçoamento das instituições sociaes, como vêmos na constituição da familia, da propriedade, dos costumes, da linguagem, da religião, da arte e das fórmas governativas. Os povos antigos tiveram a intuição maravilhosa da relação entre os phenomenos biologicos e os phenomenos sociaes; quando as instituições civis estavam ainda confundidas com as instituições religiosas, a Hygiene era o centro em volta do qual se codificava a legislação, quer na formação da familia, quer na cultura das aptidões militares, quer no intuito do isolamento nacional. A legislação da China, da India, da Persia, da Judeia, da Grecia, de Roma, deu ás prescripções hygienicas a importancia de instituições, chegando alguns actos a formarem parte essencial do ritualismo religioso; e por isso, como diz Cruveilhier, «a hygiene teve sempre um duplo fim, o da conservação individual, e um ponto de vista social, o da apropriação do organismo á funcção.» É legitima a analogia que se estabelece entre as funcções organicas e as funcções sociaes; mas em vez de decompôr-se as forças de progressão social nas suas energias anteriores, isto é, no seu determinismo biologico,

cae-se insensivelmente no erro de transplantar a phraseologia das sciencias biologicas para servirem de expressões translatas dos phenomenos sociologicos. Este mesmo caso se dá com a nomenclatura da Mechanica servindo para traduzir o movimento social. Exemplificaremos os dois casos; a illustre Sophie Germain, nas *Considerações geraes sobre o estado das Sciencias e das Letras nas differentes épocas da sua cultura*, transporta a explicação do movimento social para a linguagem da mechanica: «Poder-se-ia affirmar por exemplo, que a Mechanica racional completa, apresenta com as sciencias politicas similhanças taes, que os theoremas de que a primeira se compõe se tornam com relação aos segundos, proposições cuja verdade é incontestavel.—Assim, o equilibrio entre muitas forças resulta de que a acção de umas é opposta em direcção e em potencia egual á das outras. Ellas se compõem e decompõem, produzindo então resistencias em um sentido que não é o da sua acção directa. A mesma causa tem logar com relação ás forças que nascem no estado de sociedade. Se ellas são oppostas em direcção e eguaes em potencia, o estado de repouso conserva-se por si mesmo. Ha arte em mudar o sentido no qual ellas actuam, oppondo-lhes obstaculos. O parallelogrammo das forças poderia servir de emblema para este genero de recursos.» Depois de descrever as fórmas de equilibrio, Sophie Germain exemplifica com a analogia: «Os dois casos de equilibrio stavel e de equilibrio instavel se observam egualmente no estado social. Notam-se causas proprias para o agitar, produzirem umas vezes ligeiros movimentos que cessam por si mesmo, outras vezes revoluções completas, que não permittem ao estado de paz interior de reapparecer senão ao cabo de grandes mudanças na ordem social. Se se quizer levar a comparação mais longe, a analogia nunca será desmentida.» A analogia é um estimulo da imaginação no processo inductivo, e por isso fecunda; mas desde que pelas similhanças notadas se queira tentar a deducção synthetica, a analogia torna-se uma miragem seductora que esterilisa toda a unificação philosophica. A simples designação de *Physica social* bastou para introduzir na critica dos phenomenos sociologicos um mais seguro processo analytico, d'onde resultou a constituição de uma nova sciencia fundamental; traduzir essa ordem de phenomenos em equivalentes de mechanica racional é um exercicio da imaginação pela similaridade das analogias, mas não é dar bases deductivas á sciencia da Sociologia. O movimento social é complexo, e por isso as suas energias peculiares, que são verdadeiras

funcções de movimento, só podem ser apreciadas decompondo-as nas energias anteriores d'onde derivam, isto é, reduzindo-as ao impulso directo do seu *condicionalismo cosmologico*. Na systematisação de uma Sociologia, Littré reconhece tambem os perigos da analogia da nomenclatura biologica, mas na sua tentativa emprega o methodo biologico. Diz elle: «As ultimas discussões no seio da nossa associação tem mostrado concorrentemente que estamos todos inclinados a fazer servir a linguagem biologica á expressão das noções sociologicas, mas que era um verdadeiro inconveniente. Effectivamente, cada applicação de um termo biologico em sociologia é ou uma simples analogia, ou uma metaphora. Nem os orgãos, nem as funcções são em sociologia o que são em biologia. Uma parte do erro e da confusão provém d'esta translação das significações. E' preciso afastar promptamente uma tal causa de equivocos.»[1] Apesar d'este conhecimento effectivo, Littré no seu pequeno ensaio de sociologia applica o methodo biologico, e em especial fazendo a transferencia da nomenclatura, como se nota nas suas divisões de *Sociergia* e *Socioauxia*, exprimindo o trabalho e o desenvolvimento do organismo social, e a *Sociotaraxia*, em que reune as fórmas das perturbações que se dão n'esse meio. Aqui cabem as mesmas criticas oppostas ás analogias mechanicas; o movimento do organismo social não é similhante ao movimento biologico, porque este segue um curso previsto, em phases, periodos ou evoluções successivas de tal fórma dependentes entre si, que iniciado um impulso todas as outras fórmas se desdobram com uma fatalidade tão ligada á sua propria condição de existencia, que Claude Bernard chegou a exprimir pela lucida palavra *determinismo*, que encerra em si uma profunda concepção philosophica. O movimento social, depende na sua totalidade de factores biologicos, é verdade, mas a multiplicação dos effeitos, que o caracterisa, a parte do accidental e do fortuito na sua impulsão são tão constantes, que em rigor não só se não podem prevêr as fórmas da sua expansão na historia, como tambem está sujeito ás modificações da vontade individual. Assim, se ao circuito completo do movimento biologico se póde dar o nome bem expressivo de *evolução*, é um erro applicar esta designação aos movimentos sociaes, como se faz geralmente obedecendo a esse instincto da analogia entre os phenomenos biologicos e sociologicos.

---

[1] *Revue de Philosophie positive*, t. IX, p. 154.

Se alguma palavra póde exprimir com rigor as fórmas do movimento social, é a que contém a noção generica da multiplicação dos effeitos, a que exprime uma marcha sem estadios definidos; a *progressão* é realmente o modo da actividade social, como a *evolução* o é para a actividade biologica. Na figuração schematica do progresso humano tem-se conseguido representar o movimento das sociedades pela curva hyperbole, o que dá uma ideia clara dos modos da *progressão*. [1]

Os orgãos e as funcções sociaes não são os orgãos e as funcções biologicas, mas umas energias são consequencias das outras; portanto, para comprehendermos a natureza do movimento social, importa decompol-o nas forças elementares organicas, ou mais claramente no seu *determinismo biologico*. Claude Bernard definiu este processo scientifico, que é a me-

[1] Augusto Comte exprime-se por esta fórma: «A Sociologia statica tinha determinado unicamente o systema geral das asymptotas proprias á orbita da humanidade, sem nada decidir com relação á curva em si mesmo, que podia diversamente adaptar-se a estes typos fundamentaes. Porém a dynamica social acaba de fixar o curso effectivo conforme a explicação especial de um arco bastante estendido para permittir um prolongamento consoante a destinação pratica de um estudo em que as previsões não devem ser nunca exageradas.» Esta ideia foi desenvolvida por P. Gastão Mesnier, no *Ensaio de Philosophia anthropologica*, p. 83: «O progresso das sociedades humanas, depende do tempo e de aperfeiçoamentos successivos, poderá ser representado por uma curva referida a estes dois elementos, como eixos coordenados. — O progresso principiou com os tempos no infinito passado, e portanto, a curva que o representa deve ser tal, que não córte o eixo dos tempos ou das abcissas, senão no infinito: isto é, deve ser esse eixo uma linha asymptotica á curva. Como é legitima a hypothese de que o progresso se encaminha para a perfeição absoluta, tambem a curva que temos em vista não deverá tocar o eixo dos *aperfeiçoamentos*, ou das ordenadas, senão em um ponto ideal, ou no infinito, e este eixo será egualmente asymptotico á curva. Deverá portanto a curva aproximar-se cada vez mais de cada um dos eixos, á medida que se affastar mais do ponto de intersecção ou da origem das coordenadas, sem que possamos comtudo comprehender o ponto do seu contacto.» O sr. Mesnier appresenta duas figuras para a demonstração geometrica, e termina em uma nota: «Longe de mim a ideia de que o progresso humano se conforma exactamente ás leis quantitativas que regem a formação da hyperbole: observo apenas a analogia nas relações dos elementos quantitativos respectivos, e tomo a curva hyperbole por ser a mais geralmente conhecida: outra qualquer, que satisfizesse ás condições de ser asymptotica aos eixos coordenados, e de offerecer a relação da desigualdade entre as differenças das coordenadas e as differenças das abcissas... exemplificaria do mesmo modo o nosso argumento.» (Op. cit., p. 91.)

thodologia do estudo dos phenomenos organicos: «O que se chama *determinismo* de um phenomeno não é outra cousa mais do que a *causa determinante* ou a causa proxima, quer dizer, a circumstancia que determina a apparição do phenomeno e constitue a sua condição ou uma das suas condições de existencia. A palavra *determinismo* tem uma significação inteiramente differente da palavra *fatalismo*. O fatalismo suppõe a manifestação necessaria de um phenomeno independentemente das suas condições, emquanto que o *determinismo* não é senão a condição necessaria de um phenomeno cuja manifestação não é forçada.»[1] O fatalismo ficou excluido da linguagem scientifica como um absurdo, como uma das noções imaginosas da finalidade. A exemplificação d'estas fórmas de movimentos *condicionados* e *determinados*, é que nos mostra como se complicam como componentes no movimento social. Nos corpos physicos o movimento é transmittido, pelos agentes dynamicos e mechanicos, e termina desde que se acaba o impulso; nos corpos organicos, uma vez transmittido o primeiro impulso, essa energia renova-se por si mesmo nas condições do meio exterior e segue um curso determinado, transformando-se em uma serie successiva de manifestações ou planos typicos, a que se chama evolução. A noção synthetica do movimento organico expressa pela palavra *evolução* completa-se pela noção analytica de *determinismo*. Fecundado o ovulo pela cellula spermatica, entrou em trabalho uma simples vesicula transparente, de volume infinitesimo e com granulações imperceptiveis, tirando ao liquido em que nada as condições para se inchar, desdobrar-se, transformar-se, até definir esse traço indicativo da espinha dorsal, em volta da qual se enrolam os rudimentos membranosos que por uma evolução successiva hão-de formar a pelle e os intestinos. Dado o primeiro impulso genetico, seguem-se por um *determinismo* d'esse primeiro acto as séries de movimentos ou fórmas do periodo embryonario, ou a evolução gradual dos varios orgãos, tão subordinados a esta dependencia anterior, que os phenomenos de teratologia são a demonstração evidente de um trabalho perturbado por accidente na sua continuidade evolutiva. Se na vida intrauterina o feto se apodera dos elementos que elabora inconscientemente, até se achar apto a transitar para um novo meio em que o mundo exterior lhe fornece os principaes estimulos da energia individual, esse *determinismo*

[1] *La Science expérimentale*, p. 55.

de que deriva não está ainda acabado; a sexualidade, as faculdades intellectuaes seguem tambem um desenvolvimento gradual, mais ou menos activo segundo a situação e a natureza do meio social. O *determinismo biologico* continúa-se muito profundamente nas fórmas da aggregação das sociedades; os homens precisam assimilar a si as subsistencias que têm de arrancar ao meio cosmico, e d'aqui resultam os problemas tão complicados da população, e a creação das industrias, bem como o cosmopolitismo que os leva á posse do planeta.

Por outro lado a indole das populações conhece-se pelo modo da sua alimentação, como se vê pelo saxão, que come carne, ou pelo indu das castas inferiores que se sustenta com arroz. No conflicto vital, que se continúa na historia, esta circumstancia do determinismo biologico é de um grande alcance, como se vê pela eliminação de raças e de civilisações. A sexualidade é o phenomeno biologico que mais actúa, depois da necessidade da alimentação, sobre a collectividade social; a selecção do par conjugal é a resultante de um determinismo, sempre ligado á inconsciencia emocional, expresso por este anexim popular: «Quem casa não pensa; quem pensa não casa.»

São estas as duas grandes forças organicas que determinam a aggregação social e a dirigem; é incisivo o conceituoso dito de Schiller: «emquanto os philosophos não sabem governar o mundo, a fome e o amor encarregar-se-hão d'esse trabalho.» Os dois grandes phenomenos iniciaes das sociedades humanas a *Familia* e a *Propriedade* são as instituições emergentes de um determinismo organico, a que correspondem na actividade individual o *amor* e a *fome*, como notou Schiller. Segundo a concepção progressiva da relação sexual e sua disciplina em moral, assim a Familia variou, modificando-se como a consagração consciente d'esse facto natural e instinctivo, tornando-se um dos mais poderosos estimulos não só do aperfeiçoamento individual, como da elevação da collectividade. A necessidade da alimentação tambem variou segundo os recursos que o homem foi alcançando para garantir a sua subsistencia, e a Propriedade nas suas fórmas reflecte ainda hoje todas as variações historicas por que passara este determinismo biologico. Ainda hoje o Amor e a Propriedade estão em um estado emocional assombrosamente primitivos, e embora os codigos analyticos regulem com severidade estas fortes paixões, quer por sacramentos, quer por contractos civis, são ellas ainda hoje os mais poderosos esti-

mulos do homem, a ponto de o fazerem por vezes regressar ao canibalismo e á perfidia do primitivo typo selvagem. As duas paixões do Amor e da Propriedade succedem-se com a edade, e substituem-se uma á outra, e tanto o ciume como a avareza se identificam na mesma preoccupação do egoismo. Estes dois estimulos organicos produzem impulsos dispersivos, e as sociedades que obedecem a qualquer d'elles difficilmente se unificam; assim uma das causas que fez decahir as raças semiticas da hegemonia da humanidade foi com certeza a sua polygamia, ao passo que o progresso sempre crescente das raças aryanas foi devido á disciplina moral da monogammia. As raças improgressivas estacionaram por causa do seu isolamento, confinadas em um territorio inaccessivel a outros povos, bem como a ausencia de systema de propriedade se manifesta nos povos nomadas pela falta de cohesão social. Os dois factos primordiaes da Sociologia descriptiva são: 1.º Um grupo natural constitutivo de toda a sociedade em qualquer época do seu desenvolvimento, e que é a base da sua estabilidade,—a *Familia*. 2.º Um sólo apropriado por parcellas a differentes familias, transmittindo-o entre si, por via da communidade ou directamente,—a *Propriedade*. Como estabelecer um accordo entre estes dois estimulos dispersivos, e que só põem em relevo as qualidades egoistas? Pela subordinação a uma concepção de uma familia abstracta, ou *Nacionalidade*, primeiro nucleo de convergencia dos sentimentos altruistas; e pela concepção de uma propriedade abstracta dando fórma á unificação nacional, ou a *Patria*, isto é, o territorio sagrado onde estão sepultados os paes. Se nos diversos orgãos do sêr vivo é preciso um centro coordenador de todas as funcções, tambem no corpo social essas duas poderosas fórmas egoistas só podiam ser disciplinadas por uma forte emoção—o terror religioso, que foi a sancção primordial dos actos sociaes.

A Religião foi o primeiro agente de unificação social pela crença, tanto mais facil de radicar-se quanto ella se funda na unanimidade dos ignorantes. Ao passo que a sociedade se desenvolve, especialisando as suas funcções em novos organismos, e na sociologia descriptiva vêmos com relação á Familia, as castas e as classes, e com relação á propriedade a riqueza industrial, commercial e hereditaria, assim tambem vão variando os agentes de unificação, taes como a Legislação, o Governo, o Estado. Familia, Propriedade e Religião são tres instituições que mutuamente se influiram e se modificaram, de forma que não é possivel comprehender a marcha de

cada uma separadamente. O homem faz o Deus á sua imagem, reflectindo se por isso o estado social na concepção que o homem faz da divindade. Em uma sociedade rudimentar em que prepondera o regimen da maternidade, o Deus é o fetiche-feminino, a Terra-Mãe, a Virgem, que tira de si mesmo os deuses e todas as cousas criadas. Em uma sociedade que se transformou pelo regimen da paternidade, os patriarchas, os eupatridas e patricios, fazem o seu Deus masculino, criando tudo pela sua mão; o lingam é o symbolo phálico da mão, como em Jehová, ou é um pae, como o Diaus-Piter ou Jupiter. Em uma sociedade em que prepondera o regimen familista, a mulher não perde o seu logar, e o filho entra n'este agrupamento como parte integrante; na sociedade indiana o pae, a mãe e o filho constituem uma trindade natural transportada para a concepção divina, primeiro pela renovação pelo avatar ou incarnação, depois pela trimurti ou triada./Com relação á Propriedade repetem-se as mesmas concordancias; a actividade do homem, a natureza do seu trabalho, influem tambem nas fórmas da concepção divina. Nas sociedades *agricolas*, em regimen de maternidade, o fetiche primordial é a Terra em todas as suas idealisações, Virgem-Mãe, Virgem-Meretrix, kteis, com todos os accessorios da Terra, os montes, as cavernas e as arvores. O hetairismo representa-se na hierarchia das divindades femininas. Sacrifica-se á divindade feminina o adolescente, o macho, como mais agradavel e mais propiciatorio. Em uma sociedade *pastoral* prepondera o culto siderico, os phenomenos da luz, nas regiões quentes a Lua, nas regiões frias o Sol; dá-se o antagonismo entre a luz e as trevas, e a imaginação exerce-se na representação mythica ou personificação dos phenomenos da natureza. O Fogo, na aggregação familista, como uma incarnação da luz celeste, concilia no culto as duas sociedades agricola e pastoral, ou mesmo a metalurgista. Esta acção reflexa das tres instituições Familia, Propriedade e Religião verifica-se tambem na historia moderna da Europa; a profunda transformação social operada pela Revolução franceza veiu dissolver o regimen catholico-feudal, em que a Religião, pela relação de hierarchia se ligava ao Feudalismo, fórma de propriedade; libertada esta da immobilidade senhorial, deu-se a renovação religiosa, desmoronando-se o olympo catholico, não por effeito de incredulidade, porque se poz no seu logar o emblema artificial da Deusa-Rasão. E mais tarde todos os pensadores que se preoccuparam com o problema de uma reorganisação theorica ou racional da sociedade, fo-

ram fatalmente levados a architectarem a par da reforma da familia um systema religioso, como Saint Simon, remontando-se outros até ás concepções cosmogonicas, como Carlos Fourier na theoria dos *quatro movimentos,* e até o proprio Augusto Comte procurou dar á Religião uma base demonstrada.

A Familia e a Propriedade complicam-se em um conflicto particular, a que os economistas deram o nome de Problema da População; consiste na tendencia natural dos nascimentos a excederem o limite das subsistencias. É uma equação inilludivel, que importa restabelecer sob pena do exterminio pela fatalidade das cousas. As Religiões primitivas, uma vez tornadas proselyticas, trataram de captar a crença do maior numero lisonjeando-lhe a sua necessidade; com a seducção do apetite indisciplinado da sexualidade, as religiões tornaram-se *orgiasticas*, e com a alliciação da vontade e das ambições dos que se achavam sem propriedade exaltaram-os com a idéa de um *communismo* hallucinador. No Christianismo ainda apparecem estas duas fórmas, provocadas por um determinismo biologico, no mysticismo molinista ou quietista, e na organisação das ordens monachaes mendicantes com voto de pobreza. Tal foi a solução que as Religiões no exercicio da unificação social deram ao problema da População.

O empirismo governativo deu-lhe outras soluções, algumas d'ellas atrozes, como o infaticidio e o assassinato dos velhos, até que a sciencia tomou o problema pondo-o em novas bases. O principio da População, tão bem formulado por Malthus, foi confundido com os remedios propostos por este economista para evitar os conflictos com a subsistencia; esta confusão lamentavel foi a causa de se não ter ligado toda a importancia a esse profundo facto biologico para base statica da Sociologia. Na realidade o facto da População é independente da vontade individual, e por isso póde ser bem observado, sem que os remedios propostos pelo observador para o dirigir sejam efficazes; só pela cooperação de todas as instituições sociaes para realisarem previsões seguras ácerca d'esse facto fatal do desdobramento da população, é que cessarão os males da miseria, da doença e da assistencia official ligados á existencia do proletariado. Effectivamente, á parte a manifestação de accidentes particulares, no seculo XIX, n'este cume da civilisação humana, Carey demonstrou que se as condições favoraveis de existencia multiplicaram a população, por outro lado a alliança da Sciencia e da Industria multiplicou tambem a producção das subsistencias, de

modo que se vae realizando a equação longos seculos insoluvel. No emtanto as profundas observações de Malthus subsistem não só como uma indicação para o empirismo governativo, como para comprehendermos no passado humano como as sociedades realisaram abruptamente esse equilibrio, sem hypocrisia moral.

Vimos até aqui pela investigação do *determinismo biologico,* como na collectividade social se destacava o individualismo, condição de desenvolvimento de todo o trabalho organico, e consequentemente como lhe correspondia a necessidade da subordinação crescente de todas essas forças em um centro coordenador, o Estado. O justo accordo n'estes dois extremos da oscillação social é a primeira condição do progresso; não póde realizar-se de um modo espontaneo, porque qualquer d'essas forças é absorvente e exclusiva, e até certo ponto inconsciente. Se os povos antigos tiveram a intuição das relações entre o governo das sociedades e a Hygiene, a critica scientifica restabelecendo a mesologia dos phenomenos sociaes continúa a Hygiene sob a fórma de Economia politica, como coordenadora das relações mais geraes da sociedade, como são a producção e a troca. Na physiologia humana trata-se de um modo descriptivo das funcções do organismo vivo que exercem o movimento de oscillação vital entre a assimillação e desassimillação; deductivamente a physiologia procurará estabelecer a equação entre as energias dispendidas produzindo esta synergia constante que se chama vida. Mas para que estas energias se adquiram, o proprio organismo estimulado pela necessidade estabelece *relações* com o meio cosmico, ou funcções que correspondem aos estimulos de determinados meios; ao conhecimento d'estes modificadores chama-se Hygiene. Ora ao conhecimento do modo como as funcções de relação por seu turno reagem sobre o meio cosmico apropriando-se das suas energias chamaremos Economia politica, no seu sentido mais abstracto. A Economia, como primeira coordenação empirica dos movimentos sociaes, comprehende: 1.° *A theoria da Industria*, ou o conhecimento experimental das energias cosmicas; e a transformação d'essas energias por adaptação consciente ás necessidades, ou o *Trabalho.* 2.° *O Commercio,* ou a redistribuição das energias e equivalencia pelo valor na troca. 3.° A equação entre as forças dispendidas (capital e trabalho) com as forças adquiridas (População e subsistencias.) 4.° *A Politica*, como coordenação segundo a menor resistencia das forças individuaes com as collectivas.

No desenvolvimento d'esta acção coordenadora, a comprehensão da industria dependeu do progresso tardio das sciencias; o commercio dependeu das relações internacionaes que só se effectuaram na éra da paz iniciada pelas descobertas maritimas dos portuguezes; a Economia limitava-se á noção errada da balança do commercio, que ainda hoje se conserva sob a forma de proteccionismo das pautas das alfandegas; a Politica era simplesmente o exercicio das aberrações de vontades despoticas. É por isso que o verdadeiro organisador da Economia politica, Adam Smith, dizia, que era mais feliz e susceptivel de desenvolver-se uma sociedade sem governo, entregue ás condições da sua propria estabilidade, do que dirigida pelos arbitrios de um poder sem plano. É justamente o que se dá nos corpos organicos, em que o centro coordenador é tambem com frequencia o principal perturbador das funcções vegetativas, sempre perfeitas quando entregues a si mesmas. Definiremos mais amplamente este centro.

Um phenomeno caracteristico dos corpos organicos é terem qualidades que se não encontram em nenhum dos seus elementos constitutivos; esta propriedade especialissima continúa-se de um modo pasmoso nos aggregados sociaes. Nunca a moralidade ou a sciencia de um seculo poderá ser perfeitamente representada por um individuo; a collectividade social é como o deposito de força viva accumulada de todas as energias parciaes. Isoladamente nenhum individuo é capaz de formar uma linguagem, uma religião, uma arte, uma industria, uma sciencia, uma forma de governo, mas estas profundas creações sociaes, estes estadios do progresso humano são resultantes de forças que individualmente são impotentes. É a consciencia d'esta força superior ao homem como individuo que o ha-de subordinar ao respeito da collectividade, que lhe ha-de inspirar o sentimento do altruismo, e que lhe ha-de dar como thema de idealisação para todos os seus actos a concepção unificadora da Humanidade. É refugiando-nos n'esta concepção que se alcançam as mais proficuas consolações moraes; contra os desalentos que nos infligem os actos indisciplinados das personalidades ha a segurança que a collectividade se equilibra sobre a noção do dever; contra a estabilidade ou mesmo retrocessos do nosso tempo ha a convicção de que nenhum progresso se perde na humanidade. Uma grande parte das instituições sociaes está entregue á guarda d'esta força collectiva, tal é o predominio da opinião publica; outra é garantida no seu exercicio modificando-se na imper-

sonalidade do grande numero; assim o principio da auctoridade é reconhecido como residindo na totalidade da nação, e é expresso pela forma generica do *suffragio universal*, que encerra a livre manifestação mas indistincta de cada vontade individual. A auctoridade é transmittida a um parlamento, ainda com caracter collectivo, que legisla com um saber e com um desinteresse que se não encontra em nenhum dos seus membros separadamente. O mesmo com relação á justiça distributiva; o jury possue as garantias da impersonalidade, emfim, a impassibilidade de julgamento, facil de attingir, mas que exigida a um homem isoladamente seria obrigal-o a ser heroe, a exceder a inteireza do stoicismo. É o conhecimento d'este organismo collectivo, tão diverso dos seus elementos componentes, individuos, que distingue essas naturezas privilegiadas, os instituidores, que sabem levar a multidão, fundar estados, apoiar as leis redigindo-as segundo a corrente das opiniões. Quando perguntavam a Michelet, por que não servia a democracia entrando na acção militante da politica, respondia com uma grande intuição das cousas: *Il me manque l'art de mener les hommes.* O psychologista pode muito bem conhecer o funccionalismo moral do homem mas só o sociologista é que pode ter o conhecimento d'esse composto, a sociedade, que possue em si creações, fórmas e modos de actividade inteiramente extranhos ao modo de ser do homem emquanto individuo.

O caminho da menor resistencia, que caracterisa o modo de propagação do movimento biologico, estabelece-se pela equivalencia entre a intensidade da acção e a sua continuidade; é o que em linguagem da mechanica se diz por uma fórmula precisa—a força á custa de tempo. Os corpos organicos, formados de radicaes compostos, são equilibrios complicados e quasi sempre instaveis, que só pódem manter-se conforme a menor resistencia que encontrarem; d'aqui a sua intima relação com o meio cosmico, a sua necessidade constante de adapção a esse meio, a sua transformação gradual ou evolução, e a necessidade de conformação com os typos definidos ou especialisados, quer seguindo os movimentos anteriores, *orientação,* quer apoiando-se nas formas determinadas, *natalidade* e *hereditariedade,* quer finalmente reagindo contra o desequilibrio da transformação repentina pela *regressão* e pelo *atavismo.* Todas as energias biologicas são subordinadas á acção do Tempo, que n'esta ordem de phenomenos é o factor indispensavel para que se exerça o determinismo do trabalho organico. O factor tempo só muito tarde

chegou a ser comprehendido, e só pela fundação de uma Geologia baseada nas causas actuaes, de que Lyell foi o principal systematisador, é que se comprehendeu que se as actividades chimicas levaram myriades de seculos a estabelecerem-se n'este pequeno planeta, as actividades biologicas são não só a continuação d'essas actividades, mas que nenhuma fórma organica se fixou em um periodo de tempo que se possa materialmente demarcar. A introducção do factor tempo no exame dos phenomenos biologicos é moderna e produziu já uma revolução nas sciencias, chegando esse criterio a ser tão fecundo, que toma o caracter de uma philosophia a que se dá o nome de *evolucionismo*. Não fallaremos no vicio de linguagem, notado por Littré, de applicar o nome de evolução aos phenomenos successivos que se dão na ordem sideral, e muito menos na applicação por analogia d'este termo aos periodos historicos das sociedades; porém este vicio de linguagem proveiu da necessidade da consideração do factor Tempo e da fecundidade das suas deducções. Nas sociedades humanas o Tempo é a condição fatal do desenvolvimento, e a sua acção só póde ser comprehendida como uma continuação do *determinismo biologico*. Não se póde repentinamente produzir um organismo vivo; é mesmo inobservavel a acção do tempo nos phenomenos sociaes, e d'isto proveiu o ser desconhecido este grande factor por todos os philosophos antigos; se nos puzermos a observar a germinação de uma semente, o crescimento de uma planta, só o conseguimos por confrontos interrompidos; se quizermos descrever a marcha de uma sociedade, aqui a acção do tempo é mais incoercivel quanto todos esses phenomenos de uma duração secular excedem a media de muitas vidas encadeadas em geração. É por isso que o criterio historico é em Sociologia a forma como o factor Tempo póde ser considerado, e esse criterio consiste em relacionar cada presente a cada passado, e só assim se comprehende o actual, descobrindo a sua direcção e o modo como modifical-o. A eschola historica do direito na Allemanha surgiu da primeira comprehensão d'este criterio applicado por Savigny ás instituições juridicas, e foi tal a sua luz, que como o moderno evolucionismo, chegou a constituir-se em philosophia. A sua applicação á sciencia social é tambem fecunda; e se as forças conservadoras que preponderam nas sociedades humanas as salvaram da intervenção abrupta das individualidades prepotentes, hoje chegou-se á conclusão scientifica de que os progressos não se decretam e que só são definitivas aquellas transformações politicas, mo-

raes ou economicas que se conformam com a aptidão ethnica e que se radicam pela acção do tempo. A disciplina mental deduzida historica e psychologicamente do desenvolvimento do individuo e da sociedade, constituindo os estados *theologico*, *metaphysico* e *positivo*, facilita a comprehensão da dependencia do factor tempo; uma sociedade que persiste no estado theologico, resistirá a todas as modificações do criterio e das instituições resultantes das demonstrações scientificas, e só depois de experimentar a dissolução espontanea do discretismo metaphysico, é que lhe será facil o substituir o dissentimento das explicações pela unanimidade das demonstrações. Os grandes propagadores de verdades moraes têm sido martyres, ou as suas doutrinas ficaram sem efficacia, por não conhecerem este determinismo biologico da dependencia do tempo; mesmo as ideias mais scientificas não acham assentimento nos espiritos mais cultivados, quando ellas não têm o apoio das sciencias anteriores de que são corollario; Aristoteles formulou o criterio da *comparação* para o conhecimento dos organismos vivos, e que seculos não foram precisos para que d'este principio se derivasse toda a Biologia! O movimento da terra em volta do sol era já cabalmente conhecido pela astronomia grega, e que seculos não decorreram para que Galileo o deduzisse de novo em condições de demonstração e portanto de unanimidade. Durante cincoenta annos as doutrinas transformistas de Lamarck ficaram relegadas no campo das hypotheses phantasistas, até que por uma elevação gradual dos espiritos se deram as condições para que a mesma doutrina reapparecesse sob uma fórma mais demonstrativa em Darwin. Aqui repete-se uma circumstancia natural, de aggressão contra a nova doutrina do darwinismo, por uma causa explicavel pelo determinismo biologico; nos velhos preponderam as energias adquiridas, resistem por força statica, regressam ás impressões primitivas, e incapazes de se interessarem pelo presente, esquecidos mesmo do successo de hoje, vivem pela recordação do passado que representam com intensidade em todas as suas particularidades. É por isso que as ideias novas na sociedade hão-de encontrar sempre o antagonismo dos velhos, e só pela successão de uma geração por outra que é o que hontem era uma theoria perigosa ou irrealisavel, é hoje uma conquista do progresso, uma realisação da liberdade ou do bem estar nos costumes e nas instituições. Se a morte é inherente a todas as fórmas da actividade organica, o limite da evolução normal onde se fecha o circuito da natalidade, este remate do determinismo bio-

logico é para esta ordem de phenomenos um modo da sua renovação, que se continúa nos phenomenos sociaes com o mesmo caracter; a mortalidade é uma eliminação natural das forças de conservação, sobretudo porque no regimen social dominam os preconceitos de que a velhice representa a experiencia, a razão, a moralidade, e por lhe andar ligada espontaneamente a investidura da auctoridade. As sociedades antigas foram patriarchaes; as leis derivavam a sua força da antiguidade immemorial, e ainda hoje a superioridade entre os individuos, o *senhor*, funda-se na tradição inconsciente do que é mais velho, *(senior)* por onde se afferem os gráos das aristocracias. Contra estes preconceitos a morte torna-se um modificador essencial para a realisação dos progressos sociaes, como o notára Maudsley. A comprehensão do factor Tempo ainda não existe vulgarisada nas sciencias biologicas, como vamos vêr; no problema das gerações espontaneas procurando-se a demonstração scientifica por meio da experimentação, ainda se não reconheceu a necessidade de attender á parte que compete á acção do tempo na construcção organica; esta acção é complexa, não só na continuidade, como na dependencia de meio e de hereditariedade. Poderão os experimentadores supprir estas condições fataes na tentativa de constituição dos germens? Não imaginamos meio possivel; d'aqui a insolubilidade do problema, embora reconheçamos que, tendo passado o nosso globo por um periodo de incadescencia em que não era possivel nenhum germen, a vida começou effectivamente n'elle por uma acção *espontanea*. Tambem nas reformas sociaes não podemos simular a acção do tempo para pôr em circulação as ideias mais generosas ou justas; podemos sómente aproveitar as forças adquiridas, e construir com os elementos faceados pela marcha do passado, isto é, procurando realisar os progressos simplesmente relativos. É assim que se decompõe o relativismo sociologico nas suas energias anteriores do determinismo biologico. Pelo exame da acção do tempo nos phenomenos organicos, vê-se n'elles prevalecerem as forças staticas de conservação, e que esta mesma tendencia conservadora é na fórma de adaptação o modo como attingem o seu progresso. Este determinismo biologico produz nas sociedades esses phenomenos capitaes do *Costume*, do *Habito*, da *Sobrevivencia*, da *Recorrencia*, da *Tradição*, da *Superstição* e da *Religião*, que são as forças conservadoras que persistem de um modo espontaneo nas sociedades as mais elevadas. O costume é uma orientação social; muitas vezes acabou a causa

que determinava essa fórma da actividade, mas fica a direcção adquirida; não se pratica o acto, mas faz-se a menção d'elle, tal como vêmos nos Symbolos do direito no seu periodo emocional, e nas ceremonias especialmente do casamento nas camadas inferiores ou isoladas da sociedade. As noções primitivas, apezar de modificadas por novas e mais verdadeiras concepções, sobrevivem a par de todos os progressos em costumes inexplicaveis logo que se não conheça a sua connexão com o estado mental de que provieram. É por este meio que se podem achar as fontes organicas de noções as mais transcendentes. Exemplifiquemos.

A ideia de immortalidade tem a sua origem em uma persistencia do estado fetichista; segundo Mariner, os habitantes da ilha de Tongams crêem que se um animal morre vae immediatamente para as planicies de Bolotoo; se uma pedra, uma espada, ou qualquer producto artificial se quebra, torna-se immediatamente immortal compartilhando-a com o homem em Bolotoo. A mesma crença se depara entre os Cafres Koussas. A esta concepção fetichista se liga o costume ainda actual de quebrar o copo por onde se fez uma saude especial; tem a mesma fonte de recorrencia ethnica. As fórmas metaphoricas da linguagem poetica correspondem á realidade de uma concepção primitiva. No polytheismo deu-se o processo natural de converter todas estas almas immortaes n'essa theoria da alma universal de Platão, ou no dogma da emanação e da absorpção do pantheismo da India. No monotheismo, apesar do desenvolvimento das noções scientificas, é a antiga recorrencia que ainda nos embaraça com essa miragem anthropomorphica do Eu psychologico.

A concepção fetichista dá logar a duas ordens de especulações, as que constituem as fórmas *religiosas,* e as que dão elementos para as noções *physocologicas.* A este estado primitivo do espirito humano, a que Tylor chama *animismo,* dariamos um nome que abrangesse o syncretismo d'essas duas ordens de especulações tão differentes, o culto fetichista e a crença animica, chamar-lhe-iamos *Metaphorismo.* Só assim é que se póde explicar esse factó que se dá em bastantes raças selvagens em que não apparece o minimo vestigio de crença religiosa, conservando-se em um atheismo espontaneo. O desenvolvimento do animismo fetichista perpetuou-se transformando-se em theorias philosophicas, e produziu cultos de expiação, que se conservaram em religiões superiores e abstractas. Nas sociedades primitivas, em que se dava o conflicto da população com as subsistencias, em que se recorria á morte

das crianças como um freio preventivo, o facto do nascimento dos *gemeos* era um mal na familia; d'aqui se conservou nos costumes serem os *gemeos* um objecto de aversão entre quasi todos os povos primitivos e ainda hoje entre os selvagens, como os indegenas de Bali, os Khasias, do Industão, os Ainos, do Japão, em Guiné e na America; mesmo na Europa da Edade média, como se vê pelo poema do *Cavalleiro do Cysne,* e na lenda de Santa Genoveva, os *gemeos* produziam a accusação da mulher, a morte de ambos ou de um só, e penitencias da parte dos paes. Persistia a noção primitiva com inconsciencia, e por isso na Edade média se dava a explicação nova, de que não podendo o pae gerar mais de que um filho, os gemeos eram a prova flagrante do adulterio da mulher. Como este facto podem-se apresentar milhares de outros, como a *couvade,* proveniente da simulação material que dava ao homem a prova da paternidade, e todos os costumes da *anthropophagia,* provenientes da falsa noção animista, a que tambem se ligam o sacrificio da viuva na sepultura do marido, o exterminio dos clientes sobre a sepultura do seu chefe ou senhor, e dos guardas e amigos nos funeraes do seu rei. A systematisação de uma Ethnologia só poderá fazer-se subordinando a parte descriptiva dos costumes á comparação, para por uma simplificação gradual se chegar á noção primitiva que determinou esses actos. É a concordancia dos actos com as noções mentaes, as determinações emotivas, que constituem essas manifestações staticas a que em Sociologia se chamam Instituições. As suas fórmas e desenvolvimentos só podem ser comprehendidos pela decomposição das energias biologicas que n'elles cooperaram; o phenomeno biologico da *edade* reapparece na diversidade de acção dos velhos e das crianças. O velho é essencialmente conservador, e a sua energia manifesta-se na transmissão automatica das impressões e noções recebidas; é esta força statica a que se chama a *Tradição;* a criança, educada no meio antigo, não tem relação moral com elle, mas adapta-se a elle por uma outra fórma de automatismo a *Imitação.* É o accordo d'estas duas forças, que produz o aperfeiçoamento, como se vê pelas instituições da Moral e da Arte. Na Moral imita-se o costume antigo, na Arte imitam-se as fórmas consagradas na figuração. A Tradição e a Imitação são duas fórmas diversas de automatismo organico, mas têm relações entre si como a linguagem oral com a escripta; assim como estas duas linguagens mutuamente se estimulam, a reunião da Tradição com a Imitação tornou-se um agente altruista de desenvolvimento social, produzindo as

sublimes creações da Arte, e a disciplina das paixões. E sobre este accordo que se fundará uma verdadeira Esthetica positiva, e que as Litteraturas terão um destino social dando convergencia aos instinctos sympathicos. Um outro facto biologico, que se continúa como determinismo na progressão social, é a *especificidade* das funcções; a funcção organica exerce-se por um estimulo, como se observa em toda a escala animal; ha porém funcções, que fóra d'esses estimulos de relação se podem exercer por si mesmas e sem intuito. Observa-se isto no passaro que gorgeia, no cão que morde ou ladra brincando, no homem que trautêa. A este modo especifico de exercer certas funcções organicas, deveu o homem em grande parte a sua liberdade de acção, e por esta via é que o instincto esthetico, tão caracteristico da actividade especifica da mulher, se tornou um importantissimo factor social. A ornamentação, a limpeza, a elegancia, e consequentemente o aperfeiçoamento industrial, vieram-nos por esta via, a que as sociedades devem a maior somma de bem estar, e esse habito de idealisação, o mais poderoso estimulo de progresso pela convergencia da transformação individual. A sexualidade, da mesma sorte que a edade, é uma fórma de determinismo biologico em Sociologia; á *Tradição,* nos velhos, á *Imitação,* nas creanças, corresponde a *Especificidade* de funcções na mulher.

Nem todos os actos provêm de uma noção motriz; a especificidade é determinada pelo automatismo espontaneo dos centros emotivos, e manifesta-se nas fórmas imprevistas do capricho. Por esta disposição natural é que a mulher deixou de ser a fêmea para tornar-se um mysterio, o estimulo da seducção esthetica, o primeiro mobil da selecção moral, emfim o objecto da idealisação, quer nas instituições, como a cavallaria, quer nos sentimentos individuaes, como na litteratura trobadoresca.

Os dois centros nervosos cerebral e spinal, exercem o seu determinismo nas duas fórmas da actividade psychica, as noções intellectuaes e as emoções sensoriaes; e estas duas ordens de acção influindo-se mutuamente multiplicam os seus effeitos parciaes, como vêmos pelo Sentimento, em que uma dada noção cerebral activa o impulso cardiaco, ou na Vontade, em que o impulso cardiaco estimula as cellulas cerebraes pela frequencia da onda sanguinea. As instituições sociaes criam-se como meios adaptados á expansão do Sentimento e da Vontade, e a evolução normal e historica d'estas duas energias tem consistido na depressão crescente da preponderancia da *personalidade,* que ainda se observa nas naturezas rudes ou

primitivas, pela affirmação crescente da *individualidade,* como se observa nas naturezas indisciplinadas, mas subordinando-se a um fim ideal, os heroes, por exemplo; e por fim o *caracter,* que só provém da completa submissão das paixões accidentaes ás noções geraes imperativas. Não traçamos aqui o quadro das paixões; a sua importancia é fundamental para o sociologista, porque todas as creações e instituições humanas passaram por um estado emocional antes de se conformarem com a razão. O caracter ficticio das religiões, os symbolos no direito, a mythificação na arte, as relações concretas expressas pelo som, e a gesticulação e intonação da palavra na linguagem, os juramentos nas instituições, são factos que nos dão a ideia d'este periodo de *Synthese effectiva.* As emoções passionaes motivadas por estimulos de sensibilidade organica, e que constituem o imperio da *personalidade,* apparecem na série social, nas fórmas do medo, da aversão, da colera, da obediencia, da conservação, do habito e da recorrencia. Nas épocas superiores, a que Vico deu o nome de edade heroica, a individualidade manifesta-se pela independencia, pela liberdade, pelo amor, pela bravura; o caracter é já uma justa equivalencia entre a emoção e a noção, em que as emoções passionaes são motivadas por estimulo cerebral; e é por esta origem racional, e por isso capaz de ser prevista, que a generalidade das relações humanas se funda no jogo das noções emotivas de justiça, dever, equidade, altruismo, sacrificio, honra e patriotismo. Assim como a Logica estabelece a technica das relações mentaes, a Esthetica na sua constituição positiva virá coordenar os impulsos fecundos das emoções passionaes, realisar a unificação da consciencia individual que ha de reflectir-se na unificação da collectividade. Se o *condicionalismo cosmico* é o meio de conhecer as leis physicas apropriando-nos d'essas energias para a corrente social, o *determinismo biologico* revela-nos as forças adquiridas que importa aproveitar levando mais facilmente e mais longe o desenvolvimento da perfectibilidade, que não é outra cousa mais do que o completo desdobramento das fórmas imanentes na energia inicial. Depois de termos examinado como é que do *determinismo biologico* da divisão do trabalho funccional, da especialisação de funcções, da coordenação em um centro, da individuação organica destacando-se, quer no typo da especie, quer nos apparelhos até ao mais simples agrupamento histochimico, como é que todas estas energias se desdobram com o mesmo caracter de continuidade nos movimentos das sociedades humanas, resta-nos definir o movimento

geral commum entre as duas ordens de phenomenos. Na evolução biologica dos organismos superiores dá-se uma oscillação profunda através de todos os complicados funccionalismos particulares; esse movimento consiste na transição das acções automaticas para determinações conscientes. Os modernos trabalhos de anatomia do systema nervoso e de physiologia psychologica, têm demonstrado a realidade d'esta oscillação vital. Devem-se a estas descobertas a ampliação do criterio dynamico aos phenomenos do espirito, que em rigor não podem ser bem comprehendidos senão como uma transformação e correlação dos movimentos da materia. Se os movimentos psychologicos se não derivassem unica e exclusivamente dos movimentos organicos, teriamos uma força creando-se a si mesma, e, pela sua natureza excepcional, não podendo coexistir com as outras forças do organismo. Os movimentos sociaes são na sua generalidade actos psychologicos inconscientes, e no seu desenvolvimento seguem a mesma oscillação: antes da systematisação dogmatica as religiões foram espontaneas, antes da disciplina grammatical tambem a linguagem se formou por processos inconscientes, antes das relações de empirismo politico, os agrupamentos sociaes foram organicos, emfim, as grandes descobertas dos instrumentos com que assegurámos o nosso dominio sobre o planeta, são de invenção anonyma. *Vires acquirit eundo,* é a phrase que define a multiplicação dos effeitos na ordem social; as instituições tiraram do automatismo organico as condições de conservação, e n'ellas se desenvolveram as forças racionaes que as vão tornando conscientes. É este o grande circuito da progressão historica; todas as instituições serão aproximadas das suas origens, e assim por um processo consciente trazidas a uma conformação racional, e unificadas pelo seu destino.

A unificação dos elementos sociaes fez-se nas civilisações primitivas por via da Religião; foi este o seu destino pela unanimidade da crença; mas essa unificação tinha de ser transitoria, porque o encontro de differentes religiões pelo contacto dos povos entre si produziu os mais profundos e os mais sangrentos conflictos da humanidade. Embora a Religião se conservasse pura desde as fórmas cultuaes até ao mais abstracto dogmatismo, ella tinha de decair do destino dirigente por causa do seu ponto de vista teleologico. Os actos dirigidos no intuito de uma finalidade phantasmagorica eram viciados nos seus motivos, e isto verifica-se nas civilisações theocraticas, que estacionaram ou se extinguiram. A Sciencia conduzindo por factos verificaveis á unanimidade das convic-

ções, começa a ser, como se póde observar pelo regimen da educação publica, o principal agente da unificação social; a Sciencia não procura a teleologia dos phenomenos, ou o seu Para que? pelo contrario, inverte o processo mental seguido pelas religiões, abandona a noção de finalidade, estabelecendo a *relação* com os phenomenos antecedentes, com o condicionalismo cosmico d'onde derivam, ou com o determinismo biologico d'onde resultam.

Assim a unica finalidade possivel de demonstrar scientificamente, é a da somma dos effeitos ser egual á energia causal, e a do phenomeno final ser comprehendida pelo determinismo do phenomeno inicial. Este criterio ha de produzir na unificação social a noção positiva da egualdade pela cooperação de todos os factores differentes, e a acção governativa intervirá na direcção da sociedade não só como um centro coordenador de todas as vontades individuaes, mas exercendo de um modo racional essa disciplina instinctiva das civilisações antigas que confundiam a legislação com a hygiene. Hoje a acção governativa affronta todas as leis biologicas, como no recrutamento, nas guerras, no gravame dos impostos, nas barreiras fiscaes, nas fórmas da propriedade; umas instituições são viciadas pela conservação tradicional do passado, outras mantidas á custa de hypotheses sobre o futuro, mas só a comprehensão das energias sociaes depois de decompostas no seu determinismo biologico, é que fará evitar estas monstruosidades contra a vida, attendendo ao presente, fazendo que a sociedade não seja um tropeço invencivel ou uma exploração do individuo, como no periodo que atravessamos.

III

A origem biologica das energias sociaes imprime ao movimento dos aggregados humanos uma fórma particular que só póde ser comprehendida relacionando-a com o seu impulso inicial organico. O automatismo das funcções animaes continua-se na persistencia dos costumes e das tradições; a especialisação das funcções transforma-se n'esses grandes phenomenos das castas e das classes, e successivamente na divisão dos poderes, separando-se o espiritual do temporal, e este garantindo a liberdade do individualismo que resulta d'esta mesma especialisação de aptidões, dividindo-se depois nas ca-

thegorias judicial, legislativa e executiva. O desenvolvimento do aggregado humano actúa directamente na formação de um novo factor social, o individuo, que se impõe por qualquer superioridade intellectual ou moral, emfim por qualquer capacidade extraordinaria resultante de uma heterogenia organica. Esta differenciação natural é mais profunda nos seus effeitos de cohesão social, do que as differenciações produzidas pela acção do meio cosmico, como as montanhas e os valles, os climas, ou os conflictos de raças; a homogeneidade incoherente dos povos primitivos apoiou-se n'estas differenças materiaes com que as sociedades rudimentares resistem á tendencia nomádica e separatista ou de repulsão entre corpos similhantes. A cohesão social estabelece-se de um modo inconsciente, o que se verifica pelo predominio absoluto dos costumes e do empirismo tradicional nas civilisações em que a acção individual não era reconhecida. A differenciação motivada pela heterogenia do individuo que se impõe por aptidões extraordinarias, é um trabalho interno, uma como fermentação activa, uma agitação saudavel, em que as differenças estabelecidas ou adquiridas produzem uma aggregação mais forte, voluntaria e consciente. As individualidades primitivas são os instituidores, reconhecidos como iniciados da divindade, da mesma fórma que as doenças eram tambem phenomenos sagrados. A acção individual vem lançar no phenomeno social uma complicação inesperada, por isso que nem se prevê a sua intervenção, nem se suppõe como de factos accidentaes póde tirar as condições para a modificação mais rapida do bem estar da collectividade. Uma vez chegado o organismo social a esta situação nova, que distingue as civilisações baseadas sobre noções scientificas, dá-se então esse facto caracteristico do phenomeno sociologico, admiravelmente expresso por Spencer com a phrase — a multiplicação dos effeitos. Um tal caracteristico póde explicar-se em duas palavras: a descoberta do iman, leva-nos á circumducção do globo; um simples vidro dá-nos a visão telescopica, microscopica e spectral. Comprehende-se que as sociedades, dirigidas por um instincto espontaneo de conservação animal possuissem um medo tambem instinctivo de todas as tentativas de modificação das suas instituições em virtude da lei presentida da multiplicação dos effeitos, e por tanto, que se afferrassem aos seus costumes como forças adquiridas da sua estabilidade. D'aqui a tendencia regressiva para o passado, tornando absolutas as opiniões atrazadas mas fortes pela sancção das gerações precedentes. Comprehende-se tambem que a acção individual interviesse

de um modo exclusivo, apresentando uma perspectiva de futuro, como acontece com os visionarios, fortalecidos com a febre hallucinadora de um excessivo trabalho de especulação subjectiva; a necessidade da renovação, affirmada tambem de um modo absoluto contra o automatismo dos costumes, tinha de proclamar-se pela agitação egualitaria, pela critica, pela propagação de noções altruistas, pelo confronto com outros povos, emfim pelo sacrificio e pela morte. A multiplicação dos effeitos produz esta situação violenta de mutuo temor e até de aversão entre a collectividade e o individuo, perdendo energias n'essas forças contrarias das noções absolutas de *Revolução* e no instincto regressivo convertido em opinião absoluta de *Conservação*.

Como as sociedades humanas se modificam incessantemente, como se póde observar pelo determinismo biologico da mortalidade pela qual as gerações se substituem com differenças adquiridas pela maior facilidade de desenvolver as aptidões hereditarias e de attingir a pericia pela educação, as noções absolutas são fundamentalmente incompativeis com um aggregado n'estas condições, sujeito além d'isso ás relações imprevistas impostas pela multiplicação dos effeitos das circumstancias ainda as mais accidentaes. É por isto que a primeira disciplina scientifica a que se póde submetter o facto social é caraterisal-o pelo seu *relativismo*. A Philosophia positiva eliminando dos processos racionaes as noções absolutas, partiu da consideração das relações mais geraes do universo, ou simplesmente mathematicas, até ás relações mais particulares e complicadas, cujo grupo constitue os phenomenos da Sociologia. Tal é a assombrosa estructura logica do vasto systema philosophico de Augusto Comte. O *relativismo sociologico* designa a natureza das energias sociaes, na sua intima dependencia de continuidade, de solidariedade, de reciprocidade, condição essencial para o seu conhecimento e previsão, e consequentemente de applicação practica ou direcção consciente. As noções absolutas são reconhecidas hoje como anti-scientificas; as religiões baseam-se todas sobre uma noção absoluta da divindade, e as metaphysicas sobre noções absolutas de entidades; e por consequencia o governo das sociedades resentindo-se da influencia de umas ou de outras noções, theologicas ou metaphysicas, foi em todos os tempos absoluto, sendo ainda hoje privilegio de personalidades empiricas e tradicionaes, como dynastias ou ministros sem capacidade philosophica, apoiados apenas no favor soberano, ou na dialectica das maiorias parlamentares.

A constituição da Sociologia funda-se sobre a consideração do *relativismo,* que caracterisa a complicação dos phenomenos sociaes, e está destinada a exercer uma modificação saudavel na marcha das sociedades pela eliminação das noções absolutas da actividade politica. Os grandes sabios, mesmo aquelles que renovaram os methodos scientificos, soffreram nas suas especulações a influencia das noções absolutas; citaremos Bacon, que dizia ácerca das descobertas de Galileo sobre o movimento da terra, que o tempo havia de fazer justiça sobre as patacoadas do intrujão italiano; citaremos o proprio Augusto Comte, que affirmou de um modo cathegorico, que devemos abandonar o estudo dos phenomenos sideraes e limitarmo-nos ao systema solar, porque é impossivel a experimentação nos astros, acontecendo alguns annos depois da sua morte a descoberta da analyse spectral por meio da qual as nebuloses irreductiveis pelos mais poderosos telescopios se resolvem em systemas independentes de astros; citaremos por ultimo o grande alienista Esquirol, que ao fim de quarenta annos de clinica especial, conclue que nunca se ha de saber cousa alguma ácerca das localisações cerebraes, quando tambem alguns annos depois da sua morte Luys explica os thalamos opticos, e se funda a sciencia nova da physiologia cerebral ou do espirito. Diante d'estes factos a propria segurança do methodo scientifico nos está indicando a limitação á maior somma de relações, e isto em cathegorias bem determinadas de phenomenos, quanto mais n'aquella cathegoria que se destingue pela multiplicidade dos effeitos, pelo particularismo das emoções da collectividade collaborando com as noções intelluctuaes das individualidades superiores. Resumiremos o nosso pensamento esclarecendo-o com este bello principio de Spencer: «O que nos póde ajudar a conservar esta attitude mental, é a convicção que, nas acções humanas, o mal absoluto póde ser um bem relativo, e o bem absoluto um mal relativo.» A escravidão, que é um mal absoluto, foi um bem relativo quando se substituiu ás estupendas carnificinas que se seguiam ás grandes victorias antigas; o quietismo religioso, que a egreja nos pinta como um bem absoluto, é um mal relativo por que mata no homem o sentimento da sociabilidade, isola-o no egoismo da propria bemaventurança e reduz o homem á idiotia. Augusto Comte ao lançar as bases inabalaveis da physica social, ou da Sociologia, partiu da consideração d'estas duas noções empiricas que dirigem o governo das sociedades, as quaes pelas fórmas absolutas de Conservação e de Revolução se tornam antago-

nicas e perturbadoras; caracterisou estas duas forças nas opiniões que distinguem a eschola retrograda e a eschola critica, que no seu inconciliavel conflicto, produziram o ecclectismo politico do Constitucionalismo monarchico, que se torna solução absoluta e improgressiva, por isso que a anarchia das duas opiniões persiste no empirismo governativo. Chegado a este lucido modo de vêr, o processo scientifico de Comte consistiu em achar a condição relativa d'essas duas forças ou opiniões, por onde ellas se tornam conciliaveis e solidarias; a Conservação é a manifestação statica da Ordem, e a Revolução é a manifestação dynamica do Progresso. Mas para que a Ordem não seja a apathia mortal, a estabilidade do automatismo animal, é necessario que ella derive do Progresso como uma das fórmas da sua integração; para que o Progresso não seja uma agitação dispersiva, uma desorientação desvairada e sem possibilidade de intuito, é preciso que elle se realise em coexistencia e com o fim da Ordem. O estudo d'estes dois factos fundamentaes, póde fazer-se isolando cada um; a Ordem revela-se pela tendencia espontanea das sociedades em conservarem os progressos adquiridos, e d'aqui a possibilidade de deduzir d'essa continuidade historica certa regularidade que leva á comprehensão de que os phenomenos sociaes estão sujeitos a leis naturaes independentes dos arbitrios providenciaes ou magestaticos, e que importa conhecer pelos recursos da historia; o Progresso, pela acção das noções racionaes na estabilidade dos costumes, revela-nos como é que na vida affectiva das collectividades se póde apressar o apparecimento da Ordem consciente por meio dos estimulos racionaes. É na actividade racional que se aprecia bem a influencia do individuo; é na passividade emocional da collectividade que se observa como as ideias para serem recebidas pela multidão precisam transformar-se em sentimentos, em interesses, em paixões e instinctos. Augusto Comte reconheceu esta subalternidade do elemento collectivo, quando diz: «quasi todos os homens são, pela sua natureza, eminentemente improprios para o trabalho intellectual, e votados essencialmente a uma actividade material; de sorte que o estado especulativo, de mais em mais indispensavel, não póde ser convenientemente produzido e sobretudo sustentado entre elles por meio de um poderoso impulso heterogenio, sem cessar sustentado por tendencias menos elevadas mas mais energicas. Qualquer que seja sob este aspecto, a alta importancia das numerosas influencias individuaes, ellas consistem necessariamente em uma simples desegualdade de gráo, como

em todo outro caso, sem que as mais eminentes naturezas sejam nunca libertas d'esta commum obrigação.» (*Cours,* IV, 389.) A relação entre a collectividade e a individualidade, é o primeiro meio scientifico e experimental para a eliminação das noções absolutas de Conservação e de Revolução, e para a realisação de uma politica positiva.

N'este ponto de vista é admiravel a concordancia de Augusto Comte com a opinião apresentada por Cicero ácerca da republica dos Romanos; escreveu o orador no livro V *De Republica:* «Enio disse;—Roma deve o seu poderio aos seus costumes e aos seus grandes homens;—e este pensamento do poeta pela sua precisão e verdade, toma a meus olhos o caracter de um oraculo. Os mais illustres cidadãos, effectivamente, sem as nossas antigas instituições, bem como estas tradições antigas sem o auxilio dos nossos heroes, nunca poderiam fundar nem sustentar tão longo tempo esta dominação romana, estendendo sobre o mundo o terror das suas armas e o beneficio das suas leis.» A decadencia romana resultou da descoordenação d'estes dois elementos; as instituições tradicionaes mais caracteristicas, como a organisão da propriedade na fórma do *ager publicus,* provinham dos typos primitivos da sociedade árica, da qual o romano, como os outros ramos indo-europeus se destacaram na época das grandes migrações; é por isso que a communidade territorial dos ramanos apresenta profundas analogias com a *marcha* germanica, com o *allemend* suisso, com o *mir* slavo, com o *hundred* anglo-saxão. A necessidade das guerras em que o romano exerceu a sua actividade, creou a dependencia social dos habeis generaes, e ao mesmo tempo trouxe como resultado das vastas conquistas uma nova fórma de propriedade, o *dominium,* que tendia para a feudalisação da terra, para a absorpção em poucos possuidores. As luctas dos Gracchos e as tentativas das leis agrarias eram esta reacção natural das antigas instituições atropelladas pela ambição pessoal que estabelecia o novo direito quiritario da propriedade exclusiva. As guerras de conquista aggravavam o mal com a posse dos extensos territorios, que só podiam ser adquiridos pelos ricos e cultivados por escravos; d'este modo era inevitavel a lucta provocada pela desegualdade, e caía-se insensivelmente na degradação da liberdade e independencia civil correlativa do desenvolvimento dos *latifundia* ou grandes propriedades individuaes. A decadencia romana encerra-se expressa em uma clara synthese na phrase de Plinio: *Latifundia perdidere Italiam.* Do homem de guerra saíu o *imperator,* a fórma completa do poder pessoal;

as biographias dos Imperadores encerram factos de origem pathologica, a hallucinação de um poder discricionario, o desvairamento de vontades sem a disciplina do respeito das instituições antigas. Sob Claudio governam os libertos e as meretrizes; Nero e Galba eram virtuosos antes de envergarem a purpura soberana; Othão, imbecil, lavava a cara com leite para ser bonito, e entregava-se ás phantasmagorias dos astrologos; Vitellio fazia consistir o poder em comer muito, e como sobremeza mandava degolar vagarosamente um dos seus credores; Vespasiano levava a sordidez da riqueza até lançar um imposto sobre a ourina; Domiciano funda a espionagem e governa pelas delações. O quadro é terrivel, e os protestos de Tacito e de Juvenal pouco dizem, diante d'esse phenomeno de decomposição espontanea de uma tão vigorosa sociedade atacada nos seus elementos constitutivos. Os grandes homens separaram-se das antigas instituições locaes pela situação anormal e repentina em que os collocaram as continuas guerras. Augusto Comte, ao esboçar o movimento social, considera a sua fórma espontanea como a base preponderante de toda a modificação racional, ou melhor, individual: «este sentimento fundamental de um movimento social espontaneo e regulado por leis naturaes, constitue necessariamente a verdadeira base scientifica da dignidade humana, na ordem dos acontecimentos politicos, pois que as principaes tendencias da humanidade adquirem assim um imponente caracter de auctoridade, que deve ser sempre respeitada, como base preponderante, por toda a legislação racional; em quanto que a confiança actual no poder indefinido das combinações politicas, que parece então realçar tanto a importancia do homem, não consegue, a fallar a verdade, senão o attribuir-lhe uma especie de automatismo social, passivamente dirigido pela supremacia absoluta e arbitraria, quer da Providencia, quer do legislador humano, seguindo o contraste geral plenamente conhecido em presença de todas as outras cathegorias de phenomenos.» (*Cours*, IV, 225.) É frequente na metaphysica juridica o repetir-se a phrase — a vontade do legislador, a mente do legislador, como objectivo da interpretação das leis; isto provém da falsa ideia do limite da acção individual, e da ignorancia do modo como a lei se estabelecia nas civilisações antigas. A lei tinha redacção ou codificação individual, mas era a confirmação dos costumes em perscripção escripta; na Edade média, sobretudo na constituição social da peninsula, os reis convertiam os fóros ou costumes em leis, e por esta relação intima com a collectividade social é que os povos luctavam pelas suas

garantias, sendo esse estimulo da propria liberdade o primeiro vinculo civil da sua unificação. Na éra revolucionaria da dissolução do regimen catholico-feudal, a realeza apoiando-se sobre os exercitos permanentes, ataca as garantias populares e torna-se absoluta, desconhecendo todas as relações com os elementos organicos e locaes da sociedade; a lei torna-se absoluta como a sua vontade, incerta, caprichosa, tomando por base a graça ou favor regio, e a auctoridade deriva-se da ficção nefanda de uma investidura divina ou da ficção absurda de uma superioridade paternal. O movimento social foi embaraçado por essas organisações doentes, personagens atacados de alienação, como Francisco I, Carlos V, Henrique VIII, Leão X, Philippe II, Luiz XIV, Dom João V, e todos os representantes da grande vergonha humana do cesarismo, que pelo movimento espontaneo da propria sociedade foram eliminados.

A lei derivando se da sua «*alta e independente soberania, que o rei recebe immediatamente de Deos, pela qual manda, quer e decreta aos seus vassallos, de sciencia certa e poder absoluto,*» fórmula com que os Braganças conduziram Portugal á extrema decadencia, essa lei não achava a sancção dos costumes, e por tanto para ser respeitada dependia da violencia repressiva das Bastilhas, dos confiscos e das execuções por mão do carrasco. Era impossivel introduzir em taes condições o principio da tolerancia politica no governo das sociedades humanas; porque a tolerancia politica não é um sentimento sympathico simplesmente, mas a intuição da natureza extremamente relativa dos phenomenos sociaes. Os Romanos obedecendo á noção absoluta da Razão de estado, admittiram a tolerancia religiosa, porque pelas suas guerras acharam-se em contacto com diversos povos conquistados, e era necessario conciliar as suas diversas crenças, dando lhes egual importancia e enfraquecendo-as pela sua juxta-posição; na legislação tambem introduziram contra o absolutismo das fórmulas tradicionaes do direito o principio da tolerancia na fórma da Equidade, que é a modificação da justiça pela consideração das circumstancias com que está relacionado o acto. O espirito critico da philosophia do seculo XVIII manifestou-se pela tolerancia inevitavel a que as monarchias absolutas tiveram de ceder, e reagindo contra a ambição do clericalismo, que procurava submetter outra vez o poder temporal ao espiritual.

A maxima dos Economistas, *Laissez faire, laissez passer,* que é se não uma confissão de impotencia de intervenção racional na actividade humana peturbada por abusivos regula-

mentos, desde as jurandas até ás gabellas e disposições sumptuarias? o creador da Economia politica, Adam Smith, chega nos seus Ensaios á admiravel conclusão, de que um povo deixado á organisação instinctiva das suas proprias instituições tem mais condições de progresso do que sob poderosas leis arbitrarias. As leis as mais justas e racionaes, as concessões mais amplas de liberdade e de independencia civil, desde que não derivam da collectividade social, são um luxo no papel, não acham respeito no povo, emfim a nação é extranha a esse favor dos despotas. A época de brilhantismo litterario da jurisprudencia romana dá-se na extrema decadencia do periodo imperial; essas leis eram uma erudição de eschola, a renovação de archaismos sem relação com o estado dos costumes. Tambem na historia moderna da Europa, as Cartas constitucionaes das monarchias representativas são uma transigencia artificiosa do poder absoluto, que para não perder tudo, concedeu ou outorgou garantias politicas conservando para si a execução d'ellas; d'onde se vê a affirmação de bellos principios no papel, mas como não provieram do estado social correlativo, os povos não sabem o que elles valem, não os defendem, não os cercam de respeito, e por tanto abandonados á execução d'esse antigo poder absoluto mascarado em monarchia temperada, dá na pratica esses miseraveis sophismas do systema constitucional com que se encobrem as dictaduras parlamentares fabricadas pela omnipotencia administrativa do poder executivo. Tudo isto se póde vêr claramente exemplificado na profunda decadencia de Portugal, que desde 1826 assiste indifferente á outorga de garantias politicas de um despota, cujos descendentes conservam a mesma tradição d'esse despotismo hereditario mascarado com a simulação das fórmulas exteriores de um parlamentarismo automatico. Dá-se com a sociedade o mesmo que com o individuo que produz riqueza pelo seu trabalho, ou que a acceita por favor particular; aquelle que usa dos recursos que produziu, poupa-os, gasta-os com intelligencia, e a sua riqueza não é desmoralisadora, pelo contrario é um impulso de actividade e fecunda com a sua presença. As fortunas herdadas levam á degradação individual e á miseria. São assim os povos com as liberdades garantidas pelas instituições que formaram, e que defendem com a sua vida; a Suissa apesar de todas as perturbações da Europa, desde o seculo XIII até hoje, ainda não perdeu a liberdade que soube garantir pela liga dos seus Cantões e pela batalha de Mugarten. A florescente republica franceza apoiada nas doutrinas theoricas da *Declaração dos Direitos do Ho-*

mem, foi facilmente trucidada por um miseravel militar, no 18 brumaire. Os povos só defendem e estimam a liberdade que produziram; este mesmo facto se observa nas crianças, quebram ou abandonam os brinquedos ainda os mais mimosos com que as brindam, e apreciam e acham encanto em qualquer objecto informe adaptado por ellas ás necessidades das suas phantasias. Este *relativismo* social contém a disciplina critica d'esta ordem de phenomenos; o que se dá com as instituições politicas observa-se na philosophia e nas litteraturas todas as vezes que as especulações mentaes se exercem no isolamento do subjectivismo, quer claustral ou academico, em que o individuo, por mais superior que seja a sua superioridade intellectual, desconhece a relação necessaria com a sociedade a que pertence. A Philosophia escholastica chegou a essas extraordinarias aberrações da dialectica, a esse formulismo insensato, porque se exerceu longe do contacto das necessidades reaes da vida civil, confinando-se no isolamento das ordens monasticas da Edade média; a philosophia de Aristotles, tão experimental, tão vasta pela critica dos incalculaveis factos accumulados pelo stagirita na época da maior expansão da civilisação hellenica, torna-se no isolamento claustral uma mechanica de argumentação exclusiva, em que a razão se exerceu em falso. A renovação da Philosophia moderna proveiu do restabelecimento das relações com a vida civil, com as exigencias moraes da sociedade, com a necessidade da observação e da experiencia ácima da auctoridade indiscutivel, e pela necessidade de reduzir a systema a grande somma de factos adquiridos. O que os conventos foram para a Philosophia, repete-se com as academias nas Litteraturas; os humanistas, á maneira dos rhetoricos e declamadores da decadencia romana que se isolavam nas suas salas de leitura, fechavam-se tambem nas suas academias, longe do contacto popular, isto é, sem participação com as aspirações sociaes do seu tempo, alheios ao conflicto dos interesses quotidianos e ignorando por isso as paixões, tomando os seus assumptos das emoções da propria personalidade, sem saberem que a fonte de toda a elaboração poetica e litteraria deriva do fundo tradicional de cada povo, que é a base affectiva da sua unificação social. É por isso que as Litteraturas da Europa foram no seculo XVII o mesmo que a Philosophia fôra nos claustros medievaes e continuou a ser nas escholas dos Jesuitas. Nas especulações mentaes a Dialectica equivale ao culteranismo das fórmas litterarias; ambas estas degenerações resultam do desconhecimento da relação vital da actividade do individuo com o meio social.

É a philosophia positiva que restabelece este *relativismo* sociologico, e portanto determinando as verdadeiras bases psychologicas de toda a actividade individual, reconhece a necessidade da intervenção do individuo na progressão dos actos sociaes, mas subordina essa intervenção á relação necessaria do organismo collectivo de que o individuo é parte componente. De outra sorte o individuo cáe na illusão de se suppôr um delegado de Deus, como o papa, ou mesmo como as dynastias do direito divino, recorrendo ás ficções genealogicas, como Alexandre pretendendo passar por filho de um adulterio de sua mãe com Jupiter, ou como varias casas nobres oriundas de relações sexuaes com uma fada, como a casa de Lusignan; o miseravel Napoleão, depois de simular a scena grotesca de sagrar-se Imperador dos Francezes, lembrava-se com inveja da scena de Alexandre dando-se por filho de Jupiter, e dizia ao seu ministro da marinha Decrès: «Vim muito tarde; se eu, hoje, me declarasse por filho do Padre Eterno, e annunciasse que lhe ia render graças como tal, não haveria peixeira que me não apupasse na minha passagem. Os povos já têm hoje os olhos bastante abertos; e portanto, nada me resta a fazer de grande.» Era assim que pensava o grande criminoso da historia, que atrazou por quasi um seculo o advento da éra industrial e pacifica da Europa. É preciso reconhecer a necessidade da intervenção do individualismo, mas é mais preciso estabelecer a sua disciplina; Comte exemplifica essa necessidade com o facto de uma grande concepção scientifica ou poetica, em que um Descartes ou um Corneille não podem ser substituidos pelo bom senso ou pela imaginação da collectividade; da mesma forma que uma grande dedicação civica de um Cincinatus, de um Danton não póde achar equivalencia nos sacrificios passivos da multidão. A propria natureza modificavel dos factos sociaes, a complicação que mutuamente se exercem entre si as instituições, a multiplicação dos effeitos contidos em causas aparentemente fortuitas ou accidentaes provenientes de determinações inconscientes ou caprichosas, tudo reclama a necessidade da intervenção do individuo na direcção da marcha da collectividade. Os povos tiveram este instincto profundo mas sem criterio, entregando-se a poderes individuaes, que por pretenderem perpetuar em si o dominio os escravisaram; ainda nas grandes crises sociaes os povos reclamam salvadores ou vontades individuaes que lhes removam os obstaculos que embaraçam os seus movimentos. É a esta intervenção individual exclusiva, tornada apanagio de familias dynasticas, que concentraram em si o

poder com todo o odioso da personalidade, que se chamou por longo tempo, e talvez ainda se continue a chamar — *acção politica*. A noção philosophica da Politica é que nos leva á disciplina da intervenção da individualidade na marcha social; a Politica, como uma sciencia especialisada da Sociologia, procura as modificações na menor resistencia dos movimentos sociaes, pela coordenação dos factores staticos, ou de Conservação, com os dynamicos, ou de Progresso, segundo a opportunidade ou relação com as tendencias indicadas pela opinião publica. É a capacidade d'esta difficil ponderação que distingue o tino politico. A politica é uma sciencia de applicação prática, mas que só pode existir como consequencia ulterior de uma sciencia abstracta de previsão; essa sciencia está actualmente na Europa, graças ao impulso inicial de Comte, em via activissima de elaboração, é a Sociologia.

A *previsão* em Sociologia não consiste em conhecer préviamente ou em adivinhar o que hade acontecer nos aggregados sociaes sujeitos ás modificações tumultuarias das individualidades prepotentes, ou á descoordenação dos seus movimentos espontaneos; esta previsão é irracional e analoga á previsão metereologica dos astrologos de almanaks. A *previsão* scientifica da Sociologia consiste em determinar através dos actos mais ou menos indisciplinados ou incoherentes das pessoas a marcha progressiva das cousas. Para conseguir este elevado resultado, que é o fim da Sociologia e a condição para uma Politica racional, importa indicar as bases do methodo sociologico tanto mais severo quanto é mais vasto o *relativismo* dos phenomenos sociaes.

Se o methodo mathematico consiste em tirar o maior numero de deducções do menor numero de dados analyticos, como se vê n'esta assombrosa construcção de processos sobre as relações de numero, extensão e movimento; o methodo sociologico consiste em abranger a maior somma possivel de phenomenos sociaes, condição essencial da sua coordenação, e portanto do conhecimento da sua dependencia ou relatividade, e deductivamente da sua mais ou menos remota periodicidade. Todos os processos methodologicos das sciencias fundamentaes que precedem a Sociologia são indispensaveis postoque modificados na sua applicação; a *observação* constitue propriamente a Historia concreta, pela qual se organisa o encadeamento do passado humano, meio indirecto por via do qual se substitue a impossibilidade de estar presente a factos que demandam uma manifestação secular, ou tambem a factos de tal forma graduaes que escapam á constatação

ainda a mais minuciosa, como a manifestação dos sentimentos ou faculdades individuaes; a *experiencia,* não consiste em pôr em actividade os agentes do phenomeno que se verifica, porque não é possivel formar uma raça, ou uma lingua, ou uma nacionalidade voluntariamente, mas em aproveitar as tendencias impulsivas de um movimento que trepida em busca de mais facil equilibrio; a Politica até hoje empirica tem ensaiado esta parte do problema, quando por obcecação dos despotas não tem directamente atropellado as tendencias sociaes. A instabilidade dos factos sociaes, que os torna tão incapazes de serem submettidos a uma generalisação racional, é a mesma condição essencial para que elles sejam progressivos; e é por isso que a Politica, como sciencia concreta, procurando coordenar as forças proprias do aggregado humano, tendo em vista a opportunidade da tentativa, e reconhecendo o absurdo das decisões irrevogaveis, basear-se-ha sobre a tolerancia; e tomando a Historia como complementar da experiencia, converterá o seu empirismo atrazado em um relativismo consciente. A proclamação da independencia do fôro civil e predominio sobre os sacramentos religiosos, foi a eliminação do absoluto theologico do governo das sociedades; a eliminação da pena de morte dos codigos modernos, será o começo da eliminação do absoluto metaphysico da responsabilidade moral. Portanto o criterio da *comparação,* tão fecundo na Biologia, toma na Sociologia a forma particular do numero statistico, pelo qual se determina o rythmo dos movimentos sociaes da natalidade, da mortalidade, da criminalidade, da productividade, processo que os metaphysicos atacam por attentatorio da ficção do livre-arbitrio, mas bastante necessario não só para nos dar uma ideia da manifestação dos actos voluntarios como subordinados como todos os outros phenomenos do universo a leis naturaes, como tambem para a pratica governativa; a *comparação* estende-se tambem ao confronto dos povos, das instituições, dos meios em que se desenvolvem as individualidades superiores, da simultaneidade das descobertas, da maior ou menor facilidade da sua propagação, e estas considerações são já por si tão vastas que se constituem em uma sciencia subsidiaria da Sociologia, a qual está em caminho de desenvolvimento e se chama Ethnographia. A natureza variavel do facto social, a sua emergencia espontanea e a sua propagação em effeitos imprevistos, dão ao methodo sociologico um processo peculiar, denominado a *filiação,* em virtude do qual nenhum facto sendo possivel comprehender-se isoladamente, se restabelecem os antecedentes ou os

consequentes de que é funcção; é este pocesso que nos pode dar uma ideia do *relativismo sociologico*. Quando se observa a persistencia dos costumes, o afferro das tradições, como os mortos ainda governam os vivos pelas formas que nos transmittiram, nota-se que o processo da *filiação* é tambem Historia, não especialmente concreta ou descriptiva, mas de generalisação; procurando o encadeamento d'aquillo que ás vezes persiste na humanidade já sem sentido por um automatismo animal, vae caminhando para a sua simplificação inicial, e por tanto para achar o seu motivo e explicar o seu intuito. E, como dizia Leibnitz, o presente tem os germens do futuro, o processo da *filiação* estende-se tambem a esse futuro pela previsão, que é o destino proprio da sciencia fundamental da Sociologia; essa previsão consiste por assim dizer, em determinar a lei do rythmo que se dá no circuito das civilisações humanas, da mesma forma que nos phenomenos cosmicos todas as variações vão contribuindo para uma manifestação mais intensa e por isso remotamente periodica da lei. A esta forma apparentemente extraordinaria dos phenomenos cosmicos chamou Spencer a lei do rythmo, nos phenomenos sociaes é esta concepção essencial, postoque seja usada sob a designação de estados. Uma sociedade subsiste com as suas condições de existencia condicionada, especialisam-se aptidões, criam-se differenças individuaes, apparecem necessidades novas, e dá-se inevitavelmente de todas estas variações accumuladas uma transição mais ou menos rapida para uma outra situação; corresponde nos phenomenos biologicos á muda da edade, ou da pelle, como notou Huxley. É uma revolução, que pela sua periodicidade se torna evolutiva. O homem modificou todas as suas condições de existencia com a descoberta do fogo; multiplicou todas as suas relações moraes e intellectivas com a creação da linguagem; assegurou a existencia e perpetuidade da especie com o desenvolvimento rudimentar das suas industrias apropriativas e extractivas, fortaleceu-se com a solidariedade pela unificação do sentimento religioso durante a sua existencia affectiva. Tudo isto são estados extremos formados pela somma e convergencia das variações intermedias; é d'este rythmo progressivo que a Sociologia pode deduzir qual o sentido da orbita em que a sociedade avança.

Cabe aqui a indicação das hypotheses sociologicas, tão necessarias ainda nas sciencias as mais exactas como a Mathematica; as hypotheses scientificas são a cooperação indispensavel da imaginação no estabelecimento dos dados do pro-

blema, e nada têm de perigosas logo que se defina o seu destino. Em Sociologia são ellas mais do que em qualquer outra sciencia indispensaveis; na variabilidade dos phenomenos sociaes é preciso trazel-os á disciplina philosophica da unificação racional para entendel-os, e este meio consegue-se á custa de uma hypothese. Exemplifiquemos: nós comprehenderemos o grupo humano ou a collectividade social identificando-o com um individuo, e inversamente explicaremos o individuo como o representante ou a condensação de certos estados sociaes. São estas as duas hypotheses positivas da Sociologia. Santo Agostinho e Pascal compararam a Humanidade a um individuo que atravessa as modificações da edade, que accumula os progressos da experiencia, que tansmitte para diante as suas acquisições, com a vantagem de ser imperecivel, e portanto de se achar em um desenvolvimento permanente. Esta analogia leva-nos á formação de uma entidade ideal, a Humanidade, que por seu turno se torna uma necessidade philosophica de unificação mental fundada sobre a descoberta da coordenação historica de todo o passado humano e da sua solidariedade no presente. Comte, reconhecendo a necessidade da synthese affectiva no aggregado social, toma esta noção ideal da Humanidade como thema de idealisação da arte moderna. A outra hypothese sociologica é praticada instinctivamente pelos ethnologistas e psychologistas; as crianças e os selvagens representam a situação do homem primitivo, e pelas suas qualidades se vae recompôr a vida moral das sociedades rudimentares. Effectivamente a criança appresenta a lingoagem emocional da gesticulação e da intonação, o automatismo espontaneo da imitação, o fetichismo no amor das cousas inanimadas, como os bonecos, o estado de guerra com os da sua edade, o medo das pessoas extranhas, a logica inductiva, emfim a casa sendo a expressão da sua concepção geral do mundo. Como o feto atravessa todas as modificações da escala animal de que elle é o producto ultimo das transformações definidas, assim a criança reproduz o estado social primitivo d'onde provieram as nossas civilisações. Com os selvagens é tambem importante a mesma hypothese provisoria; as duas qualidades preponderantes no selvagem, além da grande apathia mental que ainda persiste na multidão analphabeta, são a ferocidade e a perfidia, substituindo-se uma á outra conforme a força muscular de que dispõe.

De facto a ferocidade canibal ainda apparece sporadicamente nas sociedades civilisadas, como o crime em relação e rasão directa como a rudeza, resto do rigimen primitivo das

guerras; a perfidia tambem se conserva pela subalternidade em que é mantida a mulher, e convertida em instituição como no clericalismo especialmente o jesuitico. Pela consideração do systema nervoso individual o psychologista vae deduzir as diversas formas da actividade humana, nos seus periodos de vida instinctiva, affectiva e intellectiva, conforme os seus actos têm sido estimulados por necessidades, por sentimentos ou por ideias. É por assim dizer uma historia universal sem nomes, mas em que a série evolutiva se coordena por meio de instituições, correlativas de certos estados mentaes; Augusto Comte introduziu na systematisação positiva, e em especial na Sociologia, a consideração dos trez estados mentaes, o theologico, o metaphysico e o positivo, verificados constantemente na historia, postoque alguns espiritos insistam em considerar a *lei dos tres estados* como empirica ou hypothetica. Para a sua demonstração só o meio indirecto da verificação psychologica, cujas investigações coadjuvam profundamente as deducções sociologicas, é que determina os estimulos emocionaes ou mentaes de toda a actividade social.

Os trez centros nervosos spinal, cerebral e cerebelloso produzem trez formas de actividade nos movimentos humanos considerados collectivamente; um centro preside ás sensações inconscientes que produzem actos automaticos, e nas sociedades um grande numero de instituições foram formadas de um modo espontaneo, e outras, formadas voluntariamente, pela sua persistencia continua tornaram-se automaticas; o centro cerebelloso, presidindo á vida affectiva, que tira o homem pelas paixões da sua apathia animal, lança-o nas determinações immediatas, exerce-o, fal-o crear pela imaginação estimulos que vem mais tarde a actuar sobre o seu cerebro; o centro cerebral, concentrando as impressões recebidas para elaboral-as entre si e deduzir noções geraes, abstractas e syntheticas, vem por seu turno a subordinar as emoções pela collisão do maior motivo, e ás sensações inconscientes pela analyse intraspectiva. N'estas condições biologicas se encerram os contornos da historia da humanidade; a esse periodo da animalidade inconsciente corresponde a phrase de Lucretio — *turpe pecus;* a marcha historica progressiva tem consistido, como nota Comte, na substituição gradual de um estado affectivo para uma situação tendente a tomar como base noções produzidas por uma direcção e capacidade intellectiva, sem comtudo poder-se prescindir da energia emocional que constitue o movel primario da generalidade humana. Se quizermos caracterisar estes dois estados, basta procurar as

duas ordens de noções preponderantes, as noções emotivas e as intellectivas; nas primeiras, o homem ainda não conhece a estabilidade das leis do universo, mas está convencido do poder absoluto da vontade, e por isso com relação aos phenomenos da natureza crê no maravilhoso, nas transformações, no milagre, emfim nas Religiões, e entrega-se á direcção incondicional dos sacerdotes; pelo lento desenvolvimento das sciencias experimentaes o homem chega ao conhecimento da invariabilidade das leis physicas, primeiro gráo de positividade, e por uma demolição successiva das antigas concepções chega a uma emancipação da consciencia, que se exerce na critica dos factos sociaes que lhe appareçem sem perstigio na sua extrema variabilidade ou relativismo. É no conhecimento d'esta natureza do phenomeno social, que está o futuro da liberdade humana.

Esta differenciação psychologica que se observa na sociedade conserva-se na existencia do individuo, nos varios gráos do seu aperfeiçoamento; isoladamente o homem é uma personalidade movida por instinctos, cuja synergia se revela pela paixão animal do egoismo; o par conjugal cria uma nova situação, a vida domestica, apoiada na concentração dos sentimentos, em que a existencia se amplia pela abnegação affectiva ou o altruismo; a vida civil dá ao individuo o estimulo dos interesses, pelo accordo de vontades, pela concordancia das opiniões. Nem todos os individuos que compõem uma collectividade social attingem estes tres gráos de elevação moral, e estas mesmas differenças são uma condição de actividade, pois todas as aptidões são precisas. Como diz Comte: «O progresso continuo da civilisação, longe de nos aproximar de uma egualdade, tende pelo contrario a estabelecer estas differenças fundamentaes; ao mesmo tempo que attenua muito a importancia das distincções materiaes, que então as tinha comprehendidas.» (*Cours,* IV, 54) O facto da especialisação das funcções leva a estabelecer a desegualdade das aptidões adquiridas, mas como essas desegualdades são o mobil do progresso, o fim da civilisação consiste em crear novas bases de unificação social. Dizia Santo Agostinho, na *Cidade de Deus* (I, 15): «Uma cidade é uma agglomeração de homens *reunidos pela concordia.*» É esta harmonia de sentimentos, a cohesão de todos os elementos individuaes, que formam um producto novo, o Estado: sem esta reunião pela concordia não é possivel a existencia de uma sociedade. As differenças individuaes sempre crescentes com a marcha social, a instabilidade dos phenomenos sociologicos, a multiplicação dos effeitos ás vezes de causas bem fortuitas e apparentemente casuaes,

tudo leva a considerar a necessidade da unificação social o principal problema da funcção politica. D'esta necessidade, que na phrase de Augusto Comte se exprime pela «conformidade espontanea de cada regimen politico effectivo com a civilisação correspondente» é que se deduz o reconhecimento da urgencia da intervenção individual na direcção da collectividade humana. E esta intervenção individual, emquanto filha do instincto, deu os homens privilegiados, as casas reinantes e todos esses monstros da autocracia, que reduziram a sociedade a um rebanho desprezivel e sonharam a Monarchia universal; a sociedade debate-se ainda nos seus grupos mais avançados contra esta exploração de um instincto. A intervenção de todas as individualidades no governo por meio do suffragio universal, e a delegação condicional da funcção politica ás capacidades reconhecidas é uma solução scientifica que disciplina hoje as aspirações da democracia. A unificação social em uma tal época historica consiste na egualdade civil, isto é, na mesma importancia e responsabilidade perante a lei. Primeiro que chegasse a uma tal altura, a reunião pela concordia fez-se por instincto, como vêmos pela agglomeração de raças federalisando-se sobre um dado territorio; fez se por sentimentos, como vêmos pela constituição do culto domestico, d'onde saiu o culto publico, chegando os nomes dos deuses a ser o titulo distinctivo de certos povos, sobretudo entre os semitas; emquanto as sociedades antigas formadas de elementos extremos, senhores e escravos, não podiam ter a noção de egualdade civil, a noção proselytica da egualdade diante de Deus, propagada entre o maior numero, foi um poderoso principio de unificação porque fez nascer nas classes servas a aspiração da liberdade á medida que lhes diminuia a convicção da propria indignidade. A unificação social por via da religião foi transitoria, e acabou por dissolver-se por causa da apathia mental e subserviencia moral que exigia. Raças inteiras não attingiram a civilisação a que eram capazes de chegar por causa de se submetterem á organisação da unidade theocratica.

A possivel conformidade entre a razão e a imaginação verifica-se na Grecia, onde o sentimento artistico levou o estatuario a despir as imagens que os dogmas religiosos descreviam como vestidas; no meio da lucta dos estados livres da Grecia, com diversos cultos, a arte, como notou Viollet le Duc, em harmonia com a livre actividade individual, foi o ponto saliente da sua unificação: «Quando se investiga a historia da Grecia, não se depara senão com uma successão de luctas

de rivalidades renovadas incessantemente.—Comtudo no meio de um estado social tão imperfeito, no nosso modo de vêr, as Artes penetram por toda a parte; ellas só dominam, tem uma marcha regular e são respeitadas. Desde os tempos heroicos conhece-se que a Arte é o unico vinculo que une os Gregos.» (*Entret. d'Archit.*, II.) A situação dos Romanos, derivada de um facto federativo, nasceu e desenvolveu-se sob uma unificação legal; a lei foi o ponto fundamental da organisação romana, na fórma do direito de cidadão; os povos conquistados conservavam as suas religiões, os seus costumes, as suas linguas, com tanto que reconhecessem a lei romana, a qual uma vez recebida levou esses povos conquistados da Italia e de todo o mundo a receberem a incorporação da conquista sob a unificação de cidadãos romanos.

A Grecia, organisada politicamente no federalismo das suas amphyctionias, achou n'essa fórma politica os estimulos da actividade individual que se exerceu na Arte, na Litteratura, na Philosophia, nas Sciencias, e foi, por assim dizer, o primeiro fóco em que uma sociedade humana, sem abandonar as suas bases affectivas, transitou espontaneamente para uma ordem nova fundada na preponderancia das noções intellectuaes. As idéas expandem-se, e por isso a Grecia civilisou a Asia, os Arabes, e duas vezes provocou o renascimento da Europa. É uma das mais altas collectividades em que se deve exercer a especulação sociologica. Pelo contrario Roma, gastando quatro seculos em conquistar as populações italicas, e dois seculos em conquistar o resto do mundo, revela-nos n'esta differença quanto lhe custou a destruir esses pequenos estados federalisados, que estavam destinados a serem, no sentido verdadeiro da designação, a Grande Grecia. Os sentimentos manifestam-se pela concentração, e Roma fechou-se dentro dos seus muros, fóra dos quaes o cidadão romano não tinha direitos; sob a unificação da lei a individualidade do homem desapparecia; Roma não teve individualismo na Arte, nem na Litteratura, nem na Sciencia. A sua acção cosmopolitica teve o destino historico de preparar a grande unificação occidental dos tempos modernos, sobretudo desde que a Europa da Renascença tornou a achar as bases intellectuaes determinadas pela Grecia. A Sciencia, desde o seculo XVI, fazendo substituir a unanimidade dos credulos pela unanimidade das demonstrações, apezar de se desenvolver longe da esphera politica, ou de estar subordinada no ensino publico á sua inspecção, vae sendo reconhecida como o principal agente da unificação social. Da totalidade das verdades scientificas des-

tacando aquellas que são unanimes, cria-se sobre ellas uma synthese espontanea que as unifica entre si; tal é o apparecimento de uma Philosophia, que descobrindo a continuação das leis naturaes nos phenomenos sociaes, usando d'esse criterio estabelece a solidariedade humana pela continuidade da historia, e relaciona a actividade de cada povo n'essa sublime unificação ideal da Humanidade. A constituição da Sociologia, como elemento d'esta grande synthese philosophica, é a eliminação do empirismo em politica, e da inconsciencia nos aggregados humanos. Por qualquer lado que se considere o facto social, na sua maior generalidade, acham-se sempre os dois elementos fundamentaes, a collectividade e o Individuo; para conhecer o primeiro, temos a Anthropologia e a Ethnologia, que nos revelam as fórmas e as tendencias dos seus agrupamentos; para conhecer o individuo, temos a Psychologia. Entre estes dois elementos naturaes creou-se um representante artificial, e quasi que universalmente abusivo — o Governo, que procura confundir-se com a collectividade arrogando-se o nome de Estado. É preciso desfazer este grande sophisma de seculos, em que a inconsciencia da collectividade é explorada; a lucta existe, no conflicto permanente conhecido pelo nome de Revolução, mas cujas fórmas são complexas; ella é *impulsiva,* quando parte das aspirações individuaes que procuram uma renovação subversiva; é *regressiva,* quando aquelles que governam, aproveitando as forças staticas preponderantes na collectividade, se esgotamna restauração do passado; é finalmente *repressiva,* como a que o systema constitucional outorgado pelas monarchias, tornadas representativas por necessidade de conciliação, pratica sophismando todo o exercicio das liberdades publicas, mas fazendo por manter o passado álem do seu momento historico.

N'este gráo de civilisação a que chegámos, e que se funda na formação de uma classe media, que faltou ás civilisações antigas, classe que vive pelo trabalho, cuja condição essencial é a paz e a applicação technica dos recursos da sciencia, n'esta situação são legitimas e até necessarias as previsões da Sociologia. Os dois elementos organicos de toda a civilisação precisam ter uma existencia independente mas subordinada pelo seu proprio relativismo; as collectividades sociaes deixarão de ser amalgamadas em um todo compacto, para constituirem os grupos naturaes das Federações fundadas na raça, e os individuos fortalecer-se-hão pela liga consciente da Associação. É por esta via que todos os movimentos sociaes serão coordenados racionalmente.

CAPITULO II

DADOS INDUCTIVOS DA SOCIOLOGIA

Das relações do meio cosmico, biologico e psychologico com os phenomenos sociaes: I. Mesologia das Civilisações: os planaltos e os valles, as ilhas, as peninsulas; a orographia da Europa. II. O problema da População e o empirismo do Estado: instituições provenientes do conflicto da população, e civilisações resultantes do genio das raças. III. Do limite da intervenção individual na marcha das sociedades humanas: Theoria dos grandes homens.

Se fosse possivel organisar a Sciencia dos phenomenos sociaes independentemente do conhecimento dos phenomenos anteriores, cosmologicos e biologicos, de que elles derivam, o processo logico natural seria rigorosamente *inductivo,* como se procedeu na constituição de todas as outras sciencias fundamentaes. Emquanto se não conheceu esta dependencia, foi impossivel ainda ás maiores intelligencias o determinar o modo de coordenação dos factos sociologicos, caindo todos na questão até então insoluvel da distincção entre o mundo physico e o mundo moral. Aristoteles synthetisava a phenomenalidade social na politica, pela rigorosa inducção das numerosas constituições de estados por elle colligidas e comparadas; Santo Agostinho e Bossuet tomavam Deus como o ponto de convergencia de toda a actividade social, continuando-se a sua

doutrina theologica no providencialismo dos metaphysicos. Partindo dos phenomenos psychologicos, ou do conhecimento do Eu, para a explicação dos phenomenos objectivos ou do mundo exterior, as sociedades humanas eram attribuidas á somma das vontades individuaes, quer procuradas nas instituições juridicas, como fez Vico, quer nas instituições religiosas, como procedeu Bunsen, quer na actividade productiva, como tentaram os Economistas, ou ainda na directa intervenção individual dos grandes homens, como se repete no estylo rhetorico dos historiadores academicos. A iniciação do methodo positivo, feita por Augusto Comte, consistindo no restabelecimento da série da phenomenalidade em ordem progressiva, a partir do phenomeno mais simples e geral do universo até ao mais particular e complicado, determinou a deslocação das bases da philosophia; a especulação mental exerce-se primeiramente sobre os phenomenos cosmologicos e biologicos, e quando chega aos phenomenos psychologicos ou moraes, a maior parte das antigas miragens subjectivas desappareceu diante das relações estabelecidas por essa continuidade. Foi por esse processo rigorosamente scientifico que Augusto Comte se elevou á concepção da Sociologia, sendo verdadeiramente um creador, e vendo mais claro do que muitos espiritos technicamente habilitados pelos estudos historicos, pela acção politica ou economica n'esta ordem de phenomenos. Na passagem das sciencias cosmologicas para as biologicas existem já conhecidas certas leis geraes sobre que se póde exercer a especulação deductiva; esta fórma de critica subjectiva adquire mais intensidade e torna-se indispensavel, quando, ao determinar a categoria dos phenomenos sociologicos, se conhece que todas as leis anteriores se continuam como causas efficientes na actividade moral. Tal é o caracter distinctivo da Sociologia; começa por onde as outras sciencias acabam, pela *deducção,* para se limitar á menor somma de inferencias sobre o maior numero de dados inductivos especiaes. Já alludimos aos erros provenientes das deducções na critica dos phenomenos sociaes quando ellas se estabelecem de um modo subjectivo sem provirem de realidades objectivas; porém a enorme quantidade de elementos inductivos que pertencem a Sociologia, reclama uma coordenação inicial, que não é possivel fazer-se todas as vezes que se desconhecerem as leis geraes cosmologicas e biologicas de que esses elementos são a resultante. A apparente inversão do processo logico não é um artificio transitorio, mas corresponde a uma necessidade e a um gráo superior da mentali-

dade; e a Sociologia ha de portanto nos seus resultados finaes conduzir á fundação da synthese subjectiva, formada sem condições de verificação pelos theologos e metaphysicos.

Os dados inductivos da Sociologia têm a importancia de lhe conservarem sempre o caracter de relatividade, sem o que perderia o seu valor scientifico; na sua incalculavel complexidade, elles coordenam-se segundo os principios deductivos sobre que esta sciencia assenta. As primeiras considerações inductivas versam sobre o meio cosmico ou acção mesologica. O genio pasmoso de Hippocrates, no seu tratado *Dos Ares, das Aguas e dos Logares,* considerando o homem physico e moral como solidarios sob a influencia do meio exterior, determinou o problema inductivo, que só d'aí a dois mil annos sería comprehendido á sua verdadeira altura philosophica. Sobre este tratado, diz Daremberg: «essas paginas encerram como em germen fecundo, todas as ideias da antiguidade e dos tempos modernos sobre a philosophia da historia; Platão e Aristoteles resumiram-nas em algumas linhas; a Galleno inspiraram o tratado *Como o caracter do homem provém da sua constituição;* e em tempos mais proximos de nós, prestaram a Bodin, a Montesquieu e a Herder a base dos seus systemas politicos e historicos.» A fecundação mental d'esse principio critico continuou-se nos historiadores como Michelet e Buckle, e nos homens de sciencia como Quetelet e Karl Ritter. A escola de Cos, como o reconhece Daremberg, obedecia a uma tendencia superior, *o estudo do homem no seu conjuncto,* de preferencia ao particularismo individual. Só modernamente é que se reconheceu a importancia altissima d'este criterio na *Demographia,* ou dos phenomenos sociaes passados nos grandes aggregados humanos; e a propria Psychologia reforma os seus processos estendendo a observação aos phenomenos moraes das collectividades sociaes, como o faz Waitz. O estudo das raças é a consideração do meio biologico, ou a segunda categoria dos factos inductivos da Sociologia; Malthus, observando os phenomenos sociaes passados no conjuncto humano, no seu *Ensaio sobre o principio da População,* (1798) determinou as condições da statica social realisadas conscientemente pelas previsões economicas. É ainda por este ponto de vista de conjuncto que a Historia se converteu em um verdadeiro campo de observação sociologica inductiva, para d'ella deduzir a lei de continuidade ou de concurso successivo, e a lei do progresso immanente n'essa continuidade como expressão do concurso simultaneo. Coube tambem a Augusto Comte esta transformação da sciencia con-

creta da Historia em elemento inductivo da Sociologia. Sómente depois das considerações de conjuncto, ou sobre as collectividades sociaes, é que se poderá comprehender a acção imprescindivel das individualidades, o limite da sua intervenção, destituindo do perstigio maravilhoso os chamados grandes homens.

Na Sociologia o processo inductivo uma vez completo converte-se em uma *Synthese objectiva;* as deducções que derivam d'esses elementos, e que se tornam preponderantes, é que virão reorganisar a *Synthese subjectiva,* falseada pelo passado.

I

Nos phenomenos vitaes toda a actividade organica é solidaria com a acção do meio exterior, a ponto de se estabelecer a adaptação ou variabilidade do typo da especie, ou a sua extincção por incompatibilidade com as condições mesologicas. Tal é o criterio scientifico para a comprehensão dos factos biologicos, embora as consequencias sejam mais ou menos arrojadas ou mais longe de uma comprovação completa. Os phenomenos sociaes são uma continuação dos phenomenos organicos, immediata em quanto aos actos inconscientes e involuntarios, como a sexualidade, a natalidade e a mortalidade, mas sempre em correlação apezar das imprevistas complicações da vontade individual. O primeiro facto sobre que se exerce a especulação sociologica é o problema da *População,* correlativo com esse outro de natureza physiologica, as *Subsistencias;* a primeira actividade historica do homem em sociedade, bem como a rasão de muitos costumes antigos, como o assassinato dos velhos e das crianças, e as migrações forçadas, estão ligadas á terrivel equação entre estes dois dados fataes, que o homem harmonisou por via do grande labor da civilisação, simplificando a producção e multiplicando-a pela Industria, e garantindo assim o desenvolvimento da especie pelo proletariado. Estes simples topicos bastam para reconhecer a mutua dependencia entre os phenomenos sociologicos e as anteriores condições biologicas, e portanto a necessidade de nunca esquecer esta relação para bem comprehendel-os. Mas assim como os factos sociaes quanto mais primitivos e passados no maior numero se tornam mais inconscientes sob o impulso do auto-

matismo organico, tambem nas suas manifestações mais elevadas, como as Civilisações completas, parecem estar sujeitos á influencia dos diversos *meios,* que lhes imprimem as suas fórmas caracteristicas. Nas civilisações antigas a eliminação natural das aristocracias, como na Grecia, em Roma e Veneza, revela-nos que a acção do meio é ainda preponderante apesar de todos os recursos de que o homem dispõe pela sua cultura para garantir a propria persistencia; máo grado as instituições aristocraticas conservadas em Sparta, a sua decadencia torna-se insuperavel pela eliminação da classe privilegiada. Diz Moreau de Jonnés: «A Historia mostra-nos desde os tempos mais antigos até nossos dias, as castas dominantes que vivem separadas do povo, deperecerem quotidianamente, devoradas dolorosamente, no meio das suas prosperidades, por um mal que as ataca nas fontes da vida. O empobrecimento gradativo das suas gerações será o effeito dos habitos, dos costumes de uma sociedade ficticia? Resultará da falta do cruzamento das raças? Dar-se-ha na especie humana como nos terrenos que se esgotam com a mesma cultura? Seja qual fôr a causa d'este phenomeno natural, não se póde duvidar que ha uma extincção antecipada das aristocracias, cujo poder parecia dever garantir a sua duração. Assim, sob os Cesares, os velhos patricios de Roma, tão arrogantes, tão duros para com o povo, tinham desapparecido para darem logar a homens novos. A nobreza veneziana, apoucada pela morte, sem que tivesse compensação nos nascimentos, foi forçada para substituir as suas grandes illustrações, a chamar ao Senado os nobres camponezes e a inscrever-lhes os nomes obscuros no Livro de Ouro. Não existem mais do que alguns vestigios incertos da robusta aristocrcia d'esses barões normandos que conquistaram a Inglaterra em uma só batalha. Os successores d'estes rudes guerreiros, no Parlamento britanico, são astuciosos procuradores, taes como os Lynhurst e os Wenboroug. Emfim o corpo formidavel da nobreza franceza, formado outr'ora por setenta mil familias feudaes, estava reduzido em 1789 ao terço d'este numero, não contando com a nobreza da toga e da finança.»[1] Os movimentos involuntarios que se dão em uma classe, excepcionalmente precavida contra as influencias do meio, são mais intensos no conjuncto do aggregado social, determinando as fórmas porque as civilisações se produzem, se transmittem ou mesmo se tornam improgressivas. É este lado exterior das

[1] *Statistique des Peuples de l'Antiquité,* I, 195.

Civilisações que importa definir como a sua mesologia. Karl Ritter, na sua monumental Geographia comprehendeu a importancia do meio, e é só deduzindo dos relêvos da terra a sua influencia sobre os modos da actividade do homem, que a Geographia poderá considerar-se como uma sciencia, dando luz e prestando utilidade a esse esteril pedantismo descriptivo. Pela enumeração successiva dos varios meios em que as civilisações humanas se desenvolveram, pódem estas ser classificadas, e portanto explicadas na sua evolução espontanea. A Civilisação é um facto complexo, produzido pela actividade harmonica de complicados factores, da mesma fórma que a vida no organismo individual; sem perigo de analogia, a civilisação é a vida dos aggregados sociaes, e como tal não depende só da cooperação dos diversos elementos associados, mas tambem dos varios estimulos do meio cosmico que favorecem ou embaraçam a sua expansão. A Civilisação, como lucidamente o comprehenderam Fergusson, na *Historia da Sociedade civil,* e Guizot, define-se pela coexistencia e independencia do desenvolvimento individual, simultaneo com o desenvolvimento social. Qualquer progresso de um d'estes elementos á custa do outro, leva ao retrocesso e á decadencia social. Logo porém que essa simultaneidade de acção se conserva, a Civilisação define-se, radica-se e avança pela substituição gradual dos estimulos organicos pelos motivos racionaes. É por isso que todas as civilisações antigas se acham ligadas mais ou menos a nomes de altas individualidades, os instituidores, que outra cousa não são senão a fórmula da base racional que se antepoz á espontaneidade affectiva; Mena no Egyto, Oanés na Chaldéa, Manu na India, Zoroastro na Persia, Moysés na Judéa, Numa em Roma são os eponymos da vida historica e consciente dos povos. Esses dois movimentos do individualismo e da collectividade reagindo entre si e estimulando-se, constituem uma synergia geral ou estado de Civilisação; Carlos Fourier ligou á palavra *civilisação* um sentido pessimista, isto é, a somma de todos os vicios da organisação social actuando sobre a decadencia individual, e para um tamanho mal propoz como remedio o principio *associonista.* Ha relampagos de verdade no meio d'essa incoherencia de factos e de hypotheses, de utopias e de analyses bem observadas. Mas Fourier errou attendendo a um só dado do problema, porque não póde dar-se o nome de Civilisação ao estado social em que as energias individuaes estão atrophiadas pelo predominio absoluto da collectividade sob o nome de governo ou estado. É certo que, para que a Civilisação exista

e subsista é necessario que a collectividade actúe de um modo directo sobre as capacidades individuaes; os modos d'essa acção é ao que chamaremos *Progresso*. Assim a collectividade exerce uma acção impulsiva sobre as forças e energias individuaes por via do progresso *moral, industrial* e *politico*. Por seu turno o desenvolvimento individual reage sobre a collectividade por meio do progresso *esthetico, scientifico* e *philosophico*. Observando a dependencia hierarchica d'estes varios progressos que compõem o phenomeno complexo da Civilisação, vê-se que realmente se dá aqui uma transição de estimulos affectivos para motivos racionaes, e é desde que na vida historica dos povos se manifestam as grandes individualidades, que a vontade influe na fórma social pelo pacto de constituição, e que a razão estabelece a relação das cousas pela justiça e pela equidade. As Civilisações antigas foram rudimentares; umas basearam-se no progresso moral, como a China; outras no progresso industrial, como o Egypto e a Chaldêa; no progresso politico, como os Indo-Europeus; todas as Civilisações rudimentares, mais ou menos espontaneas e conservadas pelo automatismo empirico, estão pela sua evolução inconsciente subordinadas á acção do meio, que determina as suas fórmas essenciaes. Por ellas se observa a realidade de uma geographia social; os montes ou planaltos e os valles, os rios e os deltas, as ilhas e as peninsulas, os continentes e mares exteriores são como os degráos por onde a civilisação humana ascendeu até á completa pósse do planeta e até ao conhecimento da sua universal solidariedade. Quem considerar as modificações exercidas por estes relêvos cosmicos, deduz de prompto o porquê de certas fórmas sociaes; as *montanhas* produzem o isolamento das raças, são o ponto de apoio contra as invasões de outros povos, ali existe o espirito conservador e a rudeza com que defendem a propria liberdade, ou atacam as povoações sedentarias dos valles. A importancia dos planaltos, como berços naturaes em que o homem se destacou da animalidade,[1] reconhecida por Cuvier e Prichard, conhece-se pelos tres typos fundamentaes da anthropologia a que correspondem os plateaux dos Ural e Altai, do Caucaso e do Atlas. As grandes raças historicas desceram dos montes para os valles, e nas suas crenças religiosas persistiu essa reminiscencia primordial, quer na *Montanha sagrada do Oriente,*

[1] O trogloditismo, ou a vida nas cavernas, é ainda um quasi estado animal, porém com tendencia sedentaria.

quer na designação ethnica com que os povos primitivos se deram a conhecer: Aria, *o elevado,* Japhet, *estendido ao longe.*

No vasto territorio limitado pelo Mediterraneo, Mar Negro, Caucaso, Caspio, o Indus, e os mares das costas meridionaes da Asia, as raças diversas que o occupavam conservaram uma vaga tradição de um centro commum d'onde se dispersaram, isto é, uma alta montanha, com um vastissimo planalto quadrado, d'onde saía um grande rio, dividindo-se em quatro braços contornando quatro regiões differentes. Segundo esta tradição commum aos semitas e aos árias, expressa nos mythos religiosos, esse planalto era o embigo do mundo e o berço da humanidade; para os povos confinados entre o Mediterraneo e o Tigre, esse territorio ficava para o *oriente*; para os povos do Iran e da India, o planalto ficava para o *norte;* assim o Eden, é esse planalto ou jardim de delicias situado ao oriente, d'onde sae o rio que se divide em quatro braços, o Phison, o Gihon, o Hidékel e Phrat. Esta geographia não corresponde ao territorio occupado pelos semitas, signal de que é uma apropriação tradicional, da mesma fórma que se dá com a tradição persa com a localisação da montanha sagrada do Bordj d'onde sae o rio Arvand. Vê-se portanto a persistencia de uma reminiscencia primordial da descenção de um *planalto,* e a insistencia da tradição em localisal-o já no monte Ararat, já nas bordas do Caspio e até na Phrygia, nos montes de Bordj e do Berecyntho. A sciencia moderna aproveitando-se dos dados tradicionaes do grande rio que se divide em quatro braços, determina com precisão o local que corresponde a este thema geographico na região do Imaús, d'onde effectivamente sáem d'uma mesma nascente os grandes rios Indus, Helmonde, Oxus e Iaxart. Renan, resumindo o trabalho critico de Obry, *Sobre o berço da especie humana segundo os Indianos, Persas e Hebreus,* conclue: «tudo nos leva a collocar o Eden dos semitas nos montes Belurtarg, no ponto onde esta cordilheira se reune ao Himalaya para o planalto do Pamir.»[1] As montanhas ficaram sagradas para estes povos, como o Meru para os Arias e o Sinai para os semitas. Os planaltos serviram para o desenvolvimento do homem sociavel, e coadjuvaram esse desenvolvimento pela sua differenciação para com o homem dos valles.

Os nomes de *Akkad* e *Summir,* que tantas questões têm levantado entre os assyriologos Lenormant, Oppert, Schrader

---

[1] *Histoire gen. des Langues semitiques,* p. 480.

e outros, significam simplesmente o habitante da *montanha* e o habitante do *valle,* cujos conflictos permanentes foram provocados pela differenciação do meio e não pelo antagonismo de raça. As questões dos assyriologos nasceram d'este equivoco, suppondo que esse antagonismo provinha de que os Summirianos eram semitas e os Akkadios eram turanianos ou segundo a classificação de Peschel mongoloides. Os Montanhezes desceram aos valles e sobrepozeram-se ás povoações sedentarias, conservando o seu nome; é por isso que o nome da Akkad não condiz com a situação do que veiu a dominar na Chaldêa o paiz summiriano. Por outro lado, entre as povoações mongoloides os nomes de *kemi, suomi* e *sumir,* é dado ao que habita na planicie ou ainda á borda dos rios, como observa Cástren. O nome de paiz de *Kemi,* dado ao Egypto antes da unificação religiosa do culto de *Phta,* revela-nos que esta civilisação elevada se estabeleceu sobre uma civilisação rudimentar nascida do conflicto com uma povoação da planicie, exactamente como se observa na Chaldêa, resultante da unificação entre os elementos akkadico e summiriano. Mas assim como esta differenciação entre os montes e valles provoca uma actividade social, póde ser tambem causa de um estado regressivo, e de estabilidade; é nas montanhas dos Pyrenneos, que a raça dos Bascos se apoia para resistir ás incursões dos Arias na Europa, e é ainda ali que persiste um systema de linguagem sem analogia com nenhum dos typos linguisticos actualmente existentes na humanidade. Nas montanhas da Grecia é que o elemento dorico, da civilisação grega, se apoiou contra a tendencia cosmopolita do elemento jonico, conservando o seu velho culto apollineo, e as antigas instituições em lucta contra as classes novas que pelo desenvolvimento civil crearam a democracia. É tambem nas montanhas da Suissa, que o povo helvetico resistiu contra a conquista romana, contra as luctas feudaes, contra a absorpção das monarchias guerreiras da Europa, contra as maquinações diplomaticas, chegando pela constancia de tantos perigos communs á fórma consciente da nacionalidade pelo contracto voluntario ou Federação.

Pelo contrario, as grandes planicies provocam a desaggregação, como a vida errante dos pampas, da mesma fórma que os valles criam a vida sedentaria e agricola, com uma certa riqueza e apathia que desafia o assalto das povoações montanhezas e o triumpho certo; onde se estabeleceram imperios sobre vastos territorios planos, ahi caíram na degradação do despotismo e na absorpção de todas as energias indi-

viduaes pela auctoridade, como na Asia. Humboldt descreve com traços vivissimos de rigor scientifico a acção das planicies, sobre tudo dos steppes, sobre a marcha da civilisação: «Estes steppes tartaros e mongoes, interrompidos pelas diversas cadeias de montanhas, separam dos povos ainda grosseiros do norte da Asia a raça dos homens antigamente civilisados que, desde tempos immemoriaes, habitam o Thibet e Industão. Elles exerceram tambem influencia sobre os diversos destinos da especie humana. Elles impelliam a população para o sul, e ainda mais do que o Hymalaia, muito mais do que as cimas geladas do Sirinagor e do Gorka, interceptaram as relações das nações do norte; oppuzeram barreiras intransitaveis á introducção de costumes mais doceis, e ao genio creador das artes. Mas não é sómente sob estas relações que a historia deve considerar as planicies do interior da Asia. Ellas mais de uma vez espalharam sobre toda a terra a desgraça e a devastação. Os povos pastoraes que as habitam, taes como os Arabes, os Mongolios, os Alanos, e os Ouzes, têm abalado o mundo.—Uma raça de pastores bronzeados, de raça de Tu-ki-niche, ou Turca, os Hiongnux, habitavam debaixo de barracas de pelles o steppe mais elevado do Gobi. Uma parte da raça, longo tempo temivel para a potencia chineza, foi repellida ao sul para a Asia interior. Este choque dos povos propagou-se sem descontinuar até ao Ural, no antigo paiz dos Finnezes; d'ali se arremessaram os Hunos, os Khasars, os Avars, e resultaram as mesclas numerosas de povos asiaticos; as hordas dos Hunos appareceram sobre o Volga, depois na Panonia, nas bordas do Loire, e por fim em as margens do Pó, devastando estes bellos campos tão ricamente plantados, onde, desde o tempo de Anténor, o trabalho do homem accumulava monumentos sobre monumentos. Assim dos desertos da Mongolia saiu com furia um tufão mortal que veiu abafar sobre o solo cisalpino a flor delicada das artes, cultivada com tantos cuidados durante uma longa serie de seculos.» Humboldt conclue: «Na Asia media, os stepes da Mongolia são a linha de demarcação entre a barbarie da Siberia e a antiga civilisação do Industão.» O mesmo com relação á America: «As planicies da America são tambem o limite onde estaca o curso da semi-civilisação europêa.»

Malte-Brun sustenta que mais do que o clima a fórma do territorio influe no genio dos povos: «os povos que habitam vastas planicies, desprovidas de grandes rios e florestas, entregam-se naturalmente ao cuidado dos rebanhos, e a uma vida errante. O governo patriarchal, base do despotismo, nasce

no meio das tribus nomadas. O isolamento enfraquece os progressos da população; a facilidade com que acham os alimentos retarda o nascimento das artes e da industria. Tal é a causa da barbarie das nações da Asia central.»[1] As mesmas razões se applicam á Arabia, onde o nomadismo nunca foi extincto, e cujo advento á historia foi tardio, rapido, e sempre como cónsequencia de uma deslocação para fóra da Peninsula arabica, para o Euphrates, para o Nilo, para o norte da Africa e sul da Europa. A Europa, dividida por um poderosissimo systema de montes e de rios, nunca poderá ser unificada em um só imperio ou nacionalidade; foi por esta circumstancia mesologica que os romanos não a poderam conquistar completamente, nem Cesar fundar um imperio uno, nem Carlos Magno manter a subordinação politica, nem Napoleão tirar partido da irracionalidade das suas guerras absurdas e criminosas de conquista. Lançando os olhos sobre a orographia da Europa vê-se que é um continente destinado á realisação da liberdade politica, porque os seus relêvos garantem a existencia autonoma de muitas nações, que têm de approximar-se pelas suas relações ethnicas formando Federações, ou o periodo consciente e racional das nacionalidades. O problema das *grandes nacionalidades* na politica europêa é um absurdo sociologico, a que ainda obedecem os politicos empiricos; por mais absurdos que pratiquem na sua irracionalidade governativa, não poderam eliminar as pequenas nacionalidades, que por instincto de conservação são levadas á organisação consciente do federalismo. Olhemos para as nove grandes cordilheiras da Europa, para prevêrmos a sua futura e definitiva organisação politica: os Urals entre a Europa e a Asia; os Alpes scandinavos entre a Norwega e Suecia; os Pyrenneos entre a Hespanha e a França; os Montes Ibericos em Hespanha; os Alpes entre a França e a Italia; os Apenninos através de toda a Italia; os Karpathos na Austria; os Balkans na Turquia e o Caucaso do Mar Negro ao Caspio. Além d'estas grandes cordilheiras outras mais pequenas explicam a persistencia do espirito cantonal, como os Montes Cheviots entre a Inglaterra e a Escossia, o Jura entre a França e a Suissa, os Cevennes no meio dia da França, que tanto resistiu contra a França feudal pelas suas franquias municipaes. Foi nas montanhas das Asturias que começou a reacção contra a conquista dos Arabes, e é ainda na Serra Morena

---

[1] *Geographie universelle*, t. I, p. 589 (5.ª ed.)

que se conserva o espirito do bandidismo. Estas separações naturaes dos estados da Europa pelas grandes montanhas, facilitaram a creação de dynastias ou monarchias independentes, meio immediato de supplantar o arbitrio feudal; mas essas monarchias perturbaram o progresso da Europa invadindo-se mutuamente com o fim de se incorporarem quer por casamentos, quer por conquistas, gastando as forças sociaes na época do seu maior poder em quererem resuscitar a chimera da *Monarchia universal.* A essa illusão doentia obedeceram os papas, pela metaphysica da unidade espiritual, e os reis, como Henrique VIII, Francisco I, Carlos V e D. Manuel, illusão que se desfez pela affirmação da autonomia dos povos na guerra dos Paizes Baixos, na Republica de Inglaterra, depois na da America e depois da França. Por ultimo reappareceu a chimera sob a fórma diplomatica do sophisma das grandes nacionalidades, para produzir meio seculo de catastrophes. Ao fallarmos da acção dos continentes, estabeleceremos as fórmas que se deduzem para a organisação social da Europa.

As civilisações mais antigas e que chegaram a um pleno desenvolvimento pela evolução lenta garantida pela sua existencia isolada, são aquellas que aproveitando do caracter sedentario proveniente das planicies, se defenderam das inundações selvagens, confinando-se nos grandes Deltas formados pelos rios caudalosos. Tal é a mesologia das civilisações do Egypto, creada no Delta do Nilo, da Chaldêa, creada no Delta do Euphrates, e a civilisação dos Arias no grande Delta formado pelos braços do Ganges. Assim como os deltas são formados pelos detritos arrastados dos planaltos pelas aguas torrenciaes, assim tambem as civilisações isoladas acompanham essa chronologia geologica succedendo-se á cultura rudimentar das populações montanhezas ou akkadicas.[1] Prichard, na sua *Historia natural do Homem,* alludindo á theoria dos planaltos sustentada por Cuvier e por Wildenow, e repetida na tradição poetica dos povos, regeita-a como um sonho poetico, dizendo: «Se nos fosse permittido formar uma conjectura, seria, que a raça humana é de uma época comparativamente muito mais recente, e que ella nasceu em uma região abundante em producções vegetaes e animaes.» E ac-

[1] Na Grecia o nome de *Graics,* significava o habitante das montanhas, e o de *Helleno,* o dos valles; a expressão jonica *Demos* designava conjunctamente a planicie e a Communa. (Ottf. Muller, *Hist. da Litteratura grega,* t. I, p. 91). Tambem toda a historia da Escossia segundo Thierry explica-se pelas luctas entre os *Hyghlanders* e *Lowlanders.*

crescenta fortalecendo a conjectura: «Se, seguindo este methodo (o das sciencias inductivas), procuramos obter uma vista um pouco nitida do estado e mesmo da posição local das raças humanas nos primeiros periodos da sociedade, nós achamos os homens reunidos em grande numero, não sobre os pontos os mais elevados e os mais estereis da terra, mas nas margens dos rios e proximo das suas embocaduras até onde se encontravam reunidos os meios de communicação com o interior tanto como com os paizes interiores. O berço das nações primitivas (d'aquellas pelo menos que formaram grandes populações e deixaram um nome celebre) parece ter sido collocado em grandes planicies ou em grandes valles e fertilisados por numerosas ribeiras. Foi em trez regiões fornecidas por taes vantagens que a civilisação deu os primeiros passos, que se fundaram as primeiras cidades; foi ali que se desenvolveram as instituições politicas, e que nasceram as artes que embellezam a vida. Em uma d'estas regiões, as nações Semiticas ou Syro-Arabes mudaram os seus costumes simples de povos pastoraes pelo esplendor e luxo de Nineve e Babylonia. Em uma segunda, a raça Indo-Europêa, ou Japhetica, levou ao mais alto gráo de perfeição o mais culto de todos os dialectos humanos, dialecto destinado a tornar-se no futuro e com modificações diversas, a lingua-mãe das nações da Europa. Em uma terceira, finalmente, na terra de Ham, banhada pelo Nilo, nasceram a litteratura hierogliphica e as artes, nas quaes o Egypto, durante a primeira éra historica, tinha uma enorme superioridade sobre o resto do mundo.» [1] Prichard não ligou importancia á theoria dos planaltos, porque não conhecia a rigorosa comprovação historica deduzida das leis economicas por Carey; a existencia nos valles e margens de rios é impossivel com as cheias repentinas, com os pantanos das aguas estagnadas e putrefação de vegetaes. Só desce a occupar os valles aquelle povo que já se elevou a uma certa cultura industrial, para saber regular as cheias, fazer diques, esgotos, e applicar uma certa medicina empirica contra as febres. O facto das trez principaes civilisações da antiguidade apparecerem em grandes planicies prova-nos a sua derivação de um povo que desceu das montanhas; é assim que das montanhas da Ethiopia desceram os kuschitas, máo grado as pretenções de autochtonismo dos egypcios, que por seu turno vieram a reagir sobre a civilisa-

[1] *Hist. naturelle de l'Homme.* t. I, p. 180 e 184.

ção da Ethiopia. As tradições poeticas dos povos têm um fundo de realidade que importa comprehender; é por isso que o periodo das planicies e dos deltas se deve considerar como uma segunda época da vida social da humanidade, propriamente edenico, como o pintam as tradições escriptas dos Persas e dos Judeus.[1] Os Deltas são formados de terra vegetal de uma grande fecundidade, simplificando o trabalho agricola e a vida por uma temperatura insular; as cheias periodicas, como as do Nilo, do Euphrates ou do Mekong, provocando o desenvolvimento das industrias e da cooperação social, produzem a abundancia e ao mesmo tempo criam no homem o espirito de previsão e de adaptação do meio ao seu bem estar. Nas sociedades formadas nos Deltas manifestam-se desde muito cedo os productos da architectura hydraulica, um intelligente regimen das aguas e os braços fluviaes aproveitados como vias de communicação. Herodoto diz em uma phrase proverbial «o Egypto é um dom do Nilo»; e de facto não só o immenso valle é um producto da alluvião, como as suas culturas, o estabelecimento das suas capitaes, a sua organisação social em Nomos ou cantões independentes, e até as suas festas nacionaes e a personificação religiosa do seu deus Hâpi, os primeiros cantos lyricos celebrando as cheias annuaes, as fórmas architectonicas idealisadas sobre os primeiros typos de habitações formadas com os troncos dos sycomoros e palmeiras, tudo deriva da força creadora do grande rio. Mas se a natureza estimulava o desenvolvimento da civilisação, por seu turno o homem reagia sobre esses elementos exteriores para os adaptar aos seus uzos; as civilisações dos Deltas sustentam-se pelo seu caracter industrial, supprindo a falta de aptidões militares pelas defesas naturaes das torrentes. O Egypto servia-se de mercenarios, sobre tudo Phenicios e Gregos, e a sua primeira capital, *Memphis* (cujo nome significa a boa fortaleza) era collocada na ponta do Delta, tornando-se pela sua situação inexpugnavel; foi assim que Mena deu unificação nacional aos diversos nomos, tornando Memphis o centro da vida politica. Pela tomada de Memphis pelos Hyksos nomadas, é que essa invasão desastrosa, que fez recuar a civilisação egypcia para Thebas, se pôde garantir por mais de dez seculos. Qual o trabalho dos primeiros habitantes do

---

[1] Carey demonstra em dezenas de factos da colonisação da America, que ainda nos tempos modernos as povoações se estabeleciam sempre longe da margem dos rios. (*Principes de la Science sociale*, cap. IV e V.)

Egypto para adaptarem o Delta ás necessidades de uma civilisação crescente, basta considerar, que as cheias periodicas e a estiagem produziam ora a devastação, ora uma exuberancia de vegetação em breve destruida pelas grandes calmas, e a doença proveniente das emanações putridas dos pantanos. Diz Maspero, distinctissimo egyptologo: «O Egypto, tão rico e tão fertil hoje, devia então ser a imagem da desolação. O rio abandonado a si mesmo, mudava constantemente do leito. Nunca chegava no seu trasbordamento a certas partes do valle que ficavam improductivas; de mais estagnava-se com tanta persistencia, que formava lodaçaes pestilentos. O Delta, meio coberto pelas aguas do rio, meio perdido sob as ondas do Mediterraneo, era um immenso pantano com algumas ilhas areentas, coberto de papyrus, de lotus e de enormes canaviaes através dos quaes os braços do Nilo abriam frouxamente um curso sem cessar deslocado. Sobre as duas margens o deserto invadia todas as partes do solo que não eram annualmente cobertas pela inundação: passava-se sem transição da vegetação desordenada dos charcos tropicaes á aridez a mais completa. Pouco a pouco os recem-chegados apprenderam a regular o curso do rio, a fazer diques, a levar por canaes de irrigação a fertilidade até aos cantos mais afastados do valle. O Egypto saiu das aguas e tornou-se na mão do homem uma das regiões mais apropriadas para o desenvolvimento lento de uma grande civilisação.» [1] Assim nos Deltas, a civilisação é simultanea com a formação e adaptação do solo; são estas as civilisações verdadeiramente evolutivas, conservadoras pelo seu completo isolamento, baseadas sobre a auctoridade dos costumes, resistindo pela sua situação privilegiada aos assaltos das raças nómadas, e contando a sua existencia tranquilla por centenas de seculos. As civilisações do Egypto e da Chaldêa obrigaram a recuar por milhares de annos a chronologia biblica, que se havia imposto á sciencia. N'esta longa estabilidade se crearam os laços moraes da familia, o principio da hereditariedade, a differenciação de classes sociaes ou castas, a formação de corporações especulativas ou corpo sacerdotal, a auctoridade publica, a fixação da propriedade e a domesticidade dos animaes, como o cão, o o burro, o cavallo e o camello, verdadeiros cooperadores no trabalho do homem. Diz Moreau de Jonnés: «Um traço caracteristico d'esta civilisação, que prova a sua superioridade

[1] *Histoire ancienne des Peuples de l'Orient*, p. 17.

melhor ou mais ainda do que o aperfeiçoamento das sciencias e das artes, é o *senso moral* que a acompanhava, o que é uma faculdade superior do espirito humano, dada ás nações por instituições aperfeiçoadas, poderosas e prolongadas secularmente.»[1] É este mesmo caracter exclusivo de desenvolvimento *moral* que caracterisa a civilisação chineza, tanto ou mais antiga do que a do Egypto. A longa estabilidade das civilisações dos Deltas tem a vantagem de conservar n'esse fóco isolado a somma dos progressos adquiridos pelo empirismo até ao dia em que outros povos recebam esse legado de progresso que universalisam na humanidade; assim o Egypto foi na realidade o fóco d'onde irradiou toda a Civilisação occidental, por meio dos Phenicios e Gregos, bem como da Chaldêa saiu o impulso da civilisação dos povos da Mesopotamia, como da China partiu a cultura para as raças amarellas. O que dissemos da formação do solo do Egypto simultanea com a sua civilisação, deu-se com o da Chaldêa constituido no Delta do Euphrates, o Schatt-el-Arab; segundo Loftus e Rawlinson, quando os primeiros colonos entraram n'este valle, ainda o golfo Persico penetrava pela terra dentro mais de quarenta e cinco leguas do que ao presente: «A região das alluviões, e sobretudo a parte d'esta região que confina com as ribas do golfo Persico, serviu de asylo aos primeiros colonos. Era uma immensa planicie baixa, cuja monotonia não era interrompida por accidente algum de terreno. O Euphrates mal fechado nas suas margens, lançava para a direita e esquerda braços que se iam confundir com o Tigre, ou que se iam perder em charcos. Uma parte do solo sempre privada de agua endurecia aos raios de um sol ardente: uma parte desapparecia quasi completamente sobre os montões de areia trazidos pelo vento do deserto; o resto não era senão uma lagôa empéstada, cheia de juncos enormes, cuja altura variava entre doze e quinze pés. Para fazer d'este paiz desolado um dos mais ricos se não o mais rico do universo foi preciso regular o curso das aguas, repartir rasoavelmente por meio de canaes e de diques a inundação que tendia a accumular-se sobre certos pontos de preferencia a outros; foi esta a obra que emprehenderam os primeiros colonos da Chaldêa.»[2]

Repete-se aqui a mesma evolução lenta que observámos no Egypto: as ideias moraes chegaram na Chaldêa a um alto

---

[1] *Statistique des Peuples de l'Antiquité*, 1, p. 9.
[2] Maspero, *Histoire ancienne*, p. 138.

gráo de desenvolvimento, ahi apparece uma forte classe sacerdotal, a federação defensiva de pequenas cidades, a escripta ideographica, as observações astronomicas, e o culto solar substituido pelo culto sideral pelo predominio de uma raça invasora, como no Egypto. Mas as condições do meio sendo similhantes, é quasi identica a evolução das duas civilisações; resultaram ambas da unificação de duas raças, como os sumirs e akkadios na Chaldêa, depois a civilisação subiu o curso dos rios, tornando-se central, como Thebas ou como Babylonia, e por fim estendendo-se até ás montanhas como a Ethiopia e a Assyria, que pela sua situação conservam um espirito indomavel em antinomia com a cultura que manifestam. As margens dos rios tornam-se já um ponto em que as civilisações se desenvolvem, como a civilisação susiana a leste do Tigre, a chineza nas margens de Hoang-ho; emfim na Europa os rios, como o Tibre, o Sena, o Tamisa, o Neva são verdadeiros pontos de actividade e de progresso nacional. Quando as civilisações dos deltas estavam em estado de descerem a corrente dos rios e de explorarem as bordas e costas maritimas, já outros povos haviam aproveitado esta situação geographica, que lhes impunha uma indole aventureira e cosmopolita, facil para se adaptar aos costumes de outras raças e de se apropriar dos seus progressos na parte mais utilisavel pela simplicidade. Deu-se isto com a raça kuschita do golfo Persico, que se apropria dos progressos da Chaldêa, e com os Phenicios e Gregos que propagam no Occidente a cultura que havia attingido o Egypto, convertendo o Mediterraneo em um ponto de apoio das civilisações das tres peninsulas da Grecia, da Italia e da Hispania. Um dos elementos kuschitas da Asia anterior fixado nas costas meridionaes do golfo Persico, vulgarisou essa civilisação sobre que se desenvolveram os Arias e os Semitas; as *ilhas* tornaram-se não só fócos de desenvolvimento evolutivo, como Dilmun e Ceylão, mas verdadeiros pontos intermediarios por onde a civilisação passava de um para outro continente, como aconteceu com Socotora, no oceano Indico, e Malta e Chypre no Mediterraneo. Lassen, notando as analogias entre a constituição do reino sabeano e dos Narikas do Malabar, acha verosimil que uma emigração do Malabar formasse os elementos ou regimen das castas, heterogeneo na população do Yemen; das mesmas analogias dos Somaulis com usos particulares da India, conclue Renan: «Uma ilha, que representa no oceano Indico uma parte analoga á de Malta no Mediterraneo, a ilha de Socotora successivamente phenicia, grega, syriaca e arabe, apparece-nos

na alta antiguidade completamente indiana. O Yemen e a costa do Malabar, graças ao phenomeno das monções, são duas costas quasi visinhas.»[1] No isolamento das ilhas formaram os Kuschitas do golfo Persico as suas observações astronomicas, e crearam as grandes expedições maritimas, das boccas do Indus, costas do Catch, de Guzerate, do Concan e do Malabar; das ribas da Gedrosia, da Carmania e da Persida; costeando a Arabia até á Africa ethiopica, penetrando na região de Sofala, estreito de Babel-Mandeb e golfo Elanitico; e depois ainda no Mediterraneo do Delta do Egypto até ás costas da Palestina.[2]

Esta civilisação kuschita concentra-se nas ilhas de Bahrein, e especialmente nas de Tsur e Arad, cujos nomes os Phenicios repetem nas costas da Palestina, quando os Puni emigraram do golfo Persico e formaram a civilisação phenicia, que propagou no Occidente a civilisação do Egypto, começando por tirar a Grecia do estado de barbarie, e explorando a Europa até ás Cassiterides, que ainda estava no selvagismo. A raça cananea que se estabeleceu em ilhas chegou a uma consistencia nacional, como os Phenicios: os outros ramos extinguiram-se nos plainos da Syria em um nomadismo, de que apenas os Judeus se libertaram temporariamente; os Aradianos (da ilha de Arad), os Sidonianos da costa maritima, e os Semareanos da embocadura do rio Eleutherus, constituem o nucleo da nacionalidade phenicia, cuja historia consiste na sua irradiação colonial, segundo a hegemonia das suas cidades, Gebel, Sidon e Tyro, até que são supplantados por um outro povo insular, os Jonios do Archipelago grego, bem como os Romanos por seu turno acabaram de destruir a sua ultima expansão colonial de Carthago. Achamos aqui já a lucta da civilisação insular contra os povos peninsulares, que reagiam pela sua independencia, postoque se achassem ainda n'um grande atrazo social. As numerosas ilhas do mar Jonio, do Archipelago, do Mar Adriatico e do Mediterraneo tornavam-se pontos de apoio da acção dos Phenicios na sua exploração continental, e ao mesmo tempo feitorias e refugio contra a aversão dos povos peninsulares; taes foram no meio dia do mar Egeo, Rhodes, Thera e Cythera, onde deixaram os seus cultos; nas Cycladas a sua influencia persiste em Oliaros, Ios e Syros, a exploração minerea levou-os para as ilhas

---

[1] *Histoire generale des Langues semitiques*, p. 319.
[2] Reconstrucção de Eckstein sobre os dados mythologicos.

de Cimolos e Siphnos, e para Thazos, costeando a Asia Menor, a Grecia, a Italia, a Hispania, a Lybia, e sahindo o Mediterraneo, até ás ilhas Cassiterides ou britanicas. A sua missão historica foi o servir de intermedio entre o Oriente e o Occidente. As civilisações insulares reagem contra o seu proprio cosmopolitismo por meio de uma concentração egoista, desenvolvida pela avidez e trafico commercial; a civilisação phenicia extinguiu-se da mesma fórma que os seus antepassados kuschitas. A situação dos Phenicios para o mundo antigo estava como para a Europa está hoje a Inglaterra, duramente interesseira, explorando até onde lhe faz conta o direito internacional e o progresso da diplomacia, ora aproveitando-se da solidariedade europêa, ora isolando-se na não intervenção, assassinando as pequenas nacionalidades pela finança e pelos tratados de commercio com uma impudente má fé. Vê-se portanto que as civilisações reflectem o caracter fatal imposto pela acção do meio, e a Inglaterra, sempre perturbadora da Europa continental, obedece a essa tremenda fatalidade do egoismo insular que a separa inintelligentemente da solidariedade occidental.

A influencia directa dos Phenicios sobre as origens da civilisação da Grecia revela-nos que a successão natural dos povos peninsulares na historia da humanidade obedece a uma lei de continuidade e de evolução. As peninsulas têm as vantagens das ilhas, para o effeito de isolamento e de defeza, como vêmos com a Arabia, onde o ultimo ramo das raças semiticas se conservou mais puro do que os ramos cananeo e terachita, que se dissolveram pelo cosmopolitismo; pela sua ligação com os continentes, estabelecem o contacto immediato das civilisações isoladas, das quaes esses povos tiram aquelles progressos geraes applicaveis a qualquer situação do homem. Depois do estacionamento theocratico da Asia, é ainda nas peninsulas do Industão e da Cochinchina que se desenvolvem as civilisações hindu e kmér, como depois do esgotamento da raça semitica, surgem os Arabes com todas as condições para estabelecerem a civilisação do continente da Africa. A hegemonia da humanidade passou definitivamente dos povos semitas para a raça árica, e esta elevou-se ás fórmas mais profundas e universaes da civilisação esthetica, scientifica e philosophica, bem como moral e politica, pela actividade exclusiva dos povos peninsulares; a Europa occidental foi o centro d'esse esplendor do progresso humano. Basta olhar para a configuração da Europa, notar o relêvo das suas tres peninsulas meridionaes, o Peloponeso ou Moréa, a Italia, e a His-

pania ou Iberia, para conhecer a rasão dos factos, deduzir a propagação crescente da civilisação helleno-italica, e do seu renascimento na éra das grandes navegações. Da situação material se caminha para a unidade moral da civilisação do Occidente, em que as lendas de Sylla e Caribides, da exploração do Mediterraneo, consignadas na epopêa homerica, se continuam alargando-se nas lendas do *Mar tenebroso* personificadas no Adamastar da epopêa camoniana. A Civilisação occidental tem a sua historia no advento d'estes tres povos peninsulares; a Grecia fundou o progresso humano sobre as noções scientificas, e realisou a sua unidade nacional pelas creações artisticas. Todas as vezes que a humanidade retrogradou, foi pela renascença das fórmas da civilisação da Grecia que ella tornou a achar o seu caminho; assim depois do tremendo desastre das invasões germanicas, que reduziram o Occidente á barbaridade, a sciencia da Grecia por via da propaganda dos arabes reanimou a intelligencia na Europa; depois da hallucinação das cruzadas e do embrutecimento claustral, apparece na Italia essa *dolce color d'oriental zaffiro,* com que Dante caracterisa a renascença grega do seculo XIII; é ainda depois d'esse novo ecclipse da civilisação humana produzido pela entrada dos Turcos na Europa e pelo seu estabelecimento definitivo em Constantinopla no fim do seculo XV, que a Grecia torna a influir no progresso indestructivel da humanidade pela Renascença scientifica do seculo XVI, que iniciava as descobertas da astronomia e da physica e a éra do espirito positivo moderno. A Grecia operou no seu seio a synthese de todos os progressos humanos realisados até ao seu advento historico; pelos Phenicios recebeu o legado scientifico da Chaldêa, e a iniciação da escripta alphabetica; pelas relações com o Egypto recebeu as doutrinas moraes e philosophicas que dirigiram os seus legisladores; pela Asia Menor recebeu as fórmas artisticas dos Assyrios e os cultos medo-persas, que provocaram a elaboração litteraria dos seus mythos. Nunca um tão pequeno povo e em tão pequeno territorio foi excedido na grandeza da sua acção pelas grandes potencias antigas ou modernas; e d'este facto se tira a comprovação cabal do principio politico sustentado por Platão, por Fergusson e por Tocqueville, ácerca da importancia das pequenas nacionalidades para a realisação da liberdade com todas as suas consequencias sociaes. Charrière synthetisou esta acção mesologica: «O caracter oriental da civilisação grega, que nos apparece á sua nascença, experimentou logo uma modificação radical passando de vastos continentes para um ter-

ritorio estreito e recortado por um archipelago de pequenas ilhas, que lhe deram uma direcção essencialmente maritima ao mesmo tempo que ella mudava as proporções materiaes. Isto explica como, em face das concepções gigantescas e monstruosas do genio egypcio e chaldeo, o genio grego achou por opposição esta admiravel medida que attingiu ao primeiro jacto, e pelo unico effeito do contraste, a perfeição das fórmas, quer nas artes, quer nas ideias, e que transportou tambem para as instituições politicas. A realeza oriental, quebrada na sua unidade pelo sólo que a recebia em germen, cedeu immediatamente o logar á cidade grega, que em rigor não era a cidade tal como a vêmos desenvolver-se no Occidente, postoque se approximassem pelo seu espirito e pelo fim.» Charrière exemplifica esta falta de solidariedade occidental, com as colonias gregas: «Marselha, depois de seiscentos annos de permanencia nas Gallias, era-lhe tão estrangeira como no primeiro dia; as colonias da Grande Grecia e da Sicilia, apesar da sua potencia e populações numerosas, desappareceram sem deixar o minimo vestigio diante do ascendente das populações interiores quando o principio da sua propria vitalidade se extinguiu e não combateu a expansão dos elementos italicos e occidentaes. As colonias da Asia Menor e do Ponto Euxino, apesar das relações de raça mais directas e mais completas, conservaram egualmente este caracter circumscripto que limitava a sua influencia e impedia-a de se generalisar.» Com relação a Roma a sua situação explica a incorporação occidental: «Roma deveu á sua posição mediterranea e continental um sentimento prompto da natureza e das relações que deviam servir-lhe a proporcionar a sua unidade á do Occidente inteiro.»[1] E conclue:

«Roma, como todos os Estados, soffreu a lei da sua posição. Cidade do Occidente, mas excentrica, com relação a elle, Roma toma a civilisação grega, como ponto de partida, e continua a sua acção na direcção occidental.»[2]

A peninsula da Italia foi tambem a séde d'esse pequeno povo romano, que pelo seu tino pratico e valentia fundou o maior imperio do mundo. O Romano fez a incorporação de todos os povos do Occidente, trazendo-os do estado de barbarie á organisação social, e o seu direito escripto e as suas fórmas administrativas conservaram-se através das ruinas pro-

---

[1] *Politique de l'Histoire*, t. I, p. 246.
[2] Ibidem, p. 113.

duzidas pela invasão dos barbaros da Germania, servindo ainda de base á sociedade moderna. As suas guerras foram civilisadoras, e as suas colonias os nucleos de novos estados; é verdadeiramente extraordinario como em um tão pequeno espaço, e com tão pouca gente, o imperio romano pôde dictar leis ao mundo, supprindo pelo colonato a sua deficiencia numerica, e pela concessão do direito de cidade a obediencia voluntaria e a cooperação nos seus triumphos. A vastidão das suas conquistas dissolveu os vinculos sociaes, tornou necessaria a intervenção do despotismo imperial, e a expoliação do individuo pela fiscalidade; e Roma succumbiu pela decadencia dos caracteres que haviam perdido a liberdade, circumstancia implicita na causa fundamental da sua ruina, a transformação de pequeno em grande estado. Assim como a civilisação grega passou para a peninsula italica, na parte propriamente chamada Grande-Grecia, tambem a civilisação romana passou para a peninsula hispanica, onde a Civilisação occidental teve as mais esplendidas manifestações emquanto os povos peninsulares e ibericos estavam divididos em pequenos estados. Portugal e a Hespanha iniciaram a época das grandes navegações, descobrindo nós o caminho maritimo para a Asia, e a Hespanha appropriando-se da America. Mas a decadencia da Hespanha começou pela unificação material dos seus pequenos estados, pelo regimen despotico imposto pela vastidão do imperio europeu de Carlos v, e pela extincção da liberdade de consciencia sacrificada á disciplina da Inquisição empregada como systema de policia preventiva pelo governo. D'esses pequenos estados peninsulares apenas resta Portugal, que soube repellir uma annexação forçada, como a de Philippe II, resistindo a uma invasão napoleonica, a uma desmembração dos Braganças que destacaram uma nova dynastia no Brazil, e a uma absorpção ingleza sob Beresford; comparada esta pequena nação com qualquer das antigas nacionalidades peninsulares, apesar de todas as suas ruinas, ainda appresenta uma maior densidade de população, uma maior riqueza agricola e industrial, e uma maior suavidade de costumes.

O triumpho da monarchia na Europa atacou profundamente a Civilisação occidental com as guerras dynasticas e com as incorporações de estados formando grandes imperios. As pequenas nacionalidades resistiram pela federação, como a Liga lombarda, como a Liga hanseatica, como a Confederação helvetica, como as Provincias Unidas. A historia da Europa, durante este periodo das monarchias absolutas, appresenta-se sem unidade, sem solidariedade; um tal estado de

violencia trouxe a necessidade da creação da diplomacia, necessidade habilmente aproveitada pelos Jesuitas para o seu dominio de classe. E comtudo a Europa avançou, máo grado a acção deprimente da realeza e da egreja, pelas descobertas scientificas, e pelas communicações commerciaes estabeleceu-se a solidariedade de interesses, pelas doutrinas philosophicas fundou-se a communhão moral, quebrada pelo protestantismo. Do seculo XVI ao seculo XIX creou-se pela primeira vez na humanidade o typo de uma civilisação continental, que torna a Europa a dominadora do planeta; a sua configuração cercada de ilhas, com peninsulas, lagos interiores, e interrompidas as suas planicies por vinte cordilheiras de montanhas, assegura a estabilidade de muitos estados, como outros tantos fócos de uma civilisação imperecivel. De facto todos os grandes imperios ensaiados na Europa por Cesar, por Carlos Magno, pelos monarchas doudos do seculo XVI, e pelo canibalismo de Napoleão, foram inconsistentes contra a acção dispersiva do meio cosmico. Os grandes estados formados por uma incorporação violenta e material, como a Austria e a Allemanha, para se manterem na sua estabilidade transitoria, tiveram de recorrer á fórma politica da federação. É esse o typo racional da constituição futura da Europa, na sua éra pacifica; a ruina da civilisação occidental embaraçava a fundação d'esta ordem consciente, longo tempo atropellada pela *Santa Alliança dos Reis contra os Povos,* formada pelos grandes estados do norte, os mais atrazados nas suas instituições politicas. A civilisação occidental, isto é, o renascimento dos povos peninsulares, vem activar a iniciação da éra pacifica, tendo passado a hegemonia para a França democratica; esse renascimento começou com as luctas da Grecia moderna para a sua independencia e a sua constituição em nacionalidade livre; seguiu-se a Italia, conseguindo a sua unificação e impondo-se á Europa como potencia, depois de ter sacudido o jugo da casa de Austria e do papado; a propria Hespanha ensaiou tambem a fórma republicana, e deduziu da sua historia a reorganisação em estados livres segundo o typo da nacionalidade portugueza; a França, pelos sangrentos desastres de 1870 extirpou de si a legenda napoleonica, e retomou o seu logar nos destinos da Europa pela sua republica firmada depois de dois deploraveis ensaios. Tudo nos revela que a civilisação occidental renasce e com a cohesão consciente, como se conhece pela aspiração do *Pan-latinismo.* A sua influencia será profundissima, porque ha de determinar na Europa a fundação das federações naturaes de raça, como o *Pan-germanismo* e o *Pan-slavismo,*

solidarias da civilisação continental, cujo caracter intimo consiste no justo accordo entre o individualismo e a collectividade, perante o mesmo fim.

II

O estudo do homem no seu conjuncto, iniciado pelo genio de Hypocrates, foi lucidamente comprehendido por Augusto Comte como o methodo da Sociologia: «Não póde existir estudo scientifico da sociedade, quer nas suas condições, quer nos seus movimentos, se se separa esse estudo em porções diversas, e se se estudam essas divisões isoladamente. — Nas sciencias organicas, os elementos são-nos mais bem conhecidos do que o todo que elles constituem; de modo que, n'este caso, devemos proceder do simples para o composto; porém o methodo inverso é necessario no estudo do homem e da sociedade; tomados no seu conjuncto, o homem e a sociedade são mais bem conhecidos, como objectos de estudo mais accessiveis do que as partes de que elles se compõem.»[1] O economista americano Carey, pelo exclusivismo do seu ponto de vista especial, não comprehendeu a necessidade methodologica da *vista de conjuncto,* e caracterisou este principio como uma regressão de Comte ao periodo metaphysico da sciencia.[2] As bases scientificas da Sociologia nunca poderiam ser determinadas pelo exame de phenomenos sociaes isolados, como o confirmou a esterilidade dos jurisconsultos, dos economistas, dos politicos, dos historiadores e dos philologos. A vista de conjuncto observa-se na verdade com que os movimentos sociaes se manifestam quando os factos statisticos são colhidos em um maior numero de elementos. Estudados na sua influencia os relevos dos varios pontos da terra em que se desenvolveram as grandes civilisações, o caracter d'estas será relacionado com essas fórmas telluricas, bem como a área das suas correntes de emigração. Antes de poder-se penetrar nas causas particulares e intimas de acções psychologicas e de vontades individuaes, é preciso explorar os phenomenos sociaes

---

[1] *Philosophie positive,* condensée par Miss Martineau, t. II, p. 82.
[2] *Principes de la Science sociale,* t. I, p. 21,

no seu conjuncto, porque sem esse aspecto será impossivel comprehender phenomenos em que o individuo é agente passivo, arrastado em uma corrente vital ou social de que não tem consciencia. Tomado o homem no seu conjuncto temos o facto importante da *Raça,* cuja consideração é imperscindivel para estabelecer a continuidade da historia e as fórmas da Civilisação, temos tambem outro facto complexo, o da *População,* para deduzir a natureza dos movimentos e modos de ser da sociedade.

Malthus estudou o problema da *População* nas suas relação com a producção e limite das subsistencias; a importancia enorme do seu trabalho não provém d'elle ter tido em vista o remedio da miseria, mas sim de ter realisado o estudo de um facto social sob o ponto de vista de conjuncto. Os economistas que seguiram Ricardo, partindo do ponto de vista subjectivo de que o homem occupou a terra apropriando-se dos terrenos ferteis das margens dos rios até que se viu forçado a trabalhar os terrenos safaros das montanhas, obtendo assim uma menor renda com um maior trabalho, por isso confirmaram a seu modo a theoria da *População* de Malthus. Carey provou exactamente o contrario pela historia da occupação da terra e das grandes colonisações modernas, e demonstra que é pela força da associação que o conflicto entre as subsistencias e a População será vencido. Apesar d'estas refutações feitas pela especialidade e particularismo dos factos, a lei de Malthus ácerca da *População* é verdadeira no seu conjuncto. Pelas condições organicas que actuam na *População,* é este o primeiro facto concreto da Sociologia no qual se acham implicitas as fórmas de todos os movimentos sociaes. Nas sociedades antigas a *População* agrupava-se na fórma familista, preponderando sempre este caracter na *tribu,* na *casta,* quer sacerdotal ou aristocratica, nas fórmas de governo, como a *realeza* patriarchal electiva ou aristocratico-hereditaria; o *desapparecimento das aristocracias* é um facto biologico passado na massa da *População,* como o desenvolvimento do *Proletariado* influindo no advento da Democracia grega ou moderna resulta d'esse movimento geral organico. Malthus viu um lado limitado do phenomeno, cuja importancia scientifica só resulta da consideração da sua integralidade; é por isso que a sua theoria da População será batida pela eschola dos economistas americanos e contradictada pela modificação da actividade industrial, mas por ella se explicarão do modo mais claro e positivo os costumes e modos de existencia das sociedades humanas antigas e das

modernas que conservam e obedecem ás suas tradições. As relações de dependencia immediata da Sociologia para com o Biologia é que impõem o problema da *População* como a ponto de partida das considerações sociologicas.

Ao determinar o facto sociologico poderiamos partir das condições *mechanicas* em que se movem estes organismos collectivos; essas condições são primeiramente a explicação das energias sociaes, sua origem, transformação e conservação, e depois as fórmas particulares dos seus equilibrios nos agregados politicos. A oscillação do movimento social faz-se entre dois extremos, forças staticas de conservação, ou *Ordem,* e forças dynamicas de transformação, ou *Progresso.* N'este difficil equilibrio prevalece de um modo claro e superior a lei de Gallileo: a coexistencia e independencia dos movimentos, revela-se-nos pela coexistencia de todas as liberdades individuaes, cujo exercicio é o direito, e pela independencia do individuo na collectividade do estado, que é a civilisação. Antes d'esta complexidade de phenomenos resultantes de uma mechanica sensorial, outros phenomenos anteriores mostram a nossa subordinação ao meio cosmico; assim desde as descobertas de Meyer, as sciencias physicas e biologicas demonstram como o sol é a fonte de toda a energia sobre o nosso planeta, e como por actos de oxydação se realisam todos os nossos movimentos organicos. Não iremos buscar as bases do movimento social a estas fontes dynamicas, mas sim aos phenomenos biologicos especiaes que imprimem aos agregados humanos uma actividade e direcção particular.

Spencer, como Huxley, avalia a altissima importancia de Augusto Comte como creador da Sociologia: «A parte a exactidão das suas doutrinas Sociologicas, elle excede todos os que o haviam precedido pela maneira como concebe os phenomenos sociaes: entre outras superioridades, cabe-lhe a de ter reconhecido a dependencia da Sociologia para com a Biologia.»[1] Pela moderna concepção da materia, o facto social está tambem sujeito á lei do movimento, e por esta relação dogmatica é que a Sociologia na sua complexidade crescente se liga com os capitulos anteriores da mechanica geral. Spencer nota lucidamente esta caracteristica ao criticar a construcção de Comte: «Elle não chega a conceber a Sciencia social da unica maneira que a poderia tornar a corôa natural das sciencias mais simples. Não vê que a Sociologia estuda as fórmas mais complexas d'estas trocas continuas pelas

[1] *Introduction à la Science sociale,* p. 354.

quaes se renova a cada instante em todo o universo a distribuição da materia e do movimento. É preciso saber comprehender que as transformações se realisam durante o crescimento, na maturidade e decadencia das sociedades, obedecendo aos mesmos principios que as que se realisam nos aggregados de todas as ordens, organicas e inorganicas; é preciso reconhecer, que a marcha das cousas é em todos os casos, determinada por forças, e que não póde ser explicada scientificamente sem a expressar em funcções d'essas forças; então sómente é que se chega a conceber a Sociologia como uma sciencia, em toda a força do termo.»[1] No estado actual dos conhecimentos humanos é esta a direcção definitiva para a reorganisação da Sociologia; e apesar das difficuldades incalculaveis para este trabalho, a força do methodo sociologico resulta mais do que em nenhuma outra sciencia da dependencia das funcções menos complexas do movimento que elucidam o criterio; exemplifiquemos: A lei da *População* e mesmo a lei da *Divisão do Trabalho,* emquanto estudadas exclusivamente no campo economico foram infecundas. Desde que Milne-Edwards applicou a divisão do trabalho á diversidade funccional dos apparelhos na Physiologia, e que Darwin explicou pelo conflicto das especies a sua transformação e adaptação por uma selecção natural, deduzindo d'aqui a base da Biologia, é que estes dois principios se tornam verdadeiramente fundamentaes para sobre elles se construir a Sociologia. Isto é, pela Biologia e pela Physiologia ficam claramente explicadas estas duas funcções do movimento sociologico.

Um grande numero de dependencias ligam os phenomenos sociologicos ás condições fataes da vida organica; Augusto Comte estabeleceu admiravelmente esta continuidade, e provou que o conhecimento positivo do facto social só poderá estabelecer-se determinando as modificações que resultam para o agrupamento das condições da vida animal. Um grande numero de phenomenos historicos particulares e até especiaes só podem ser bem comprehendidos procurando-lhe as suas origens organicas; o que é o *antagonismo das raças,* produzindo o phenomeno esplendido das nacionalidades, senão uma fórma superior de perfectibilidade realisada pela *concorrencia vital* e pela *selecção da especie* na ordem biologica? O que é a *tradição,* a *persistencia* e *recorrencia do costume,* fonte de todas as creações poeticas e deposito das descober-

---

[1] *Introduction à la Science sociale,* p. 353.

tas moraes, senão uma continuação do mesmo facto biologico do *atavismo*, que é na especie uma causa de aperfeiçoamento dos crusamentos? A *sexualidade* disciplina-se no phenomeno moral do *amor*, base da *familia*, que é por si o primeiro nucleo social, e fonte de todos os sentimentos altruistas; a duração media da existencia limita a extenção da influencia directa que o individuo pode exercer sobre a sua sociedade; o *exercicio* e a *adaptação* ao meio climatologico correspondem ou melhor continuam-se na forma social de creação de *instituições*, de industria, e systemas de educação. Emfim, raro será o facto social que não seja uma continuação de uma funcção physiologica; e com rigor, a sociedade assim como é um *meio* para o individuo, considerada em si é um *organismo* perfeito com as suas funcções staticas e dynamicas. Para fundar a sciencia d'este organismo, convem determinar estas duas ordens de factos, e tomar como base o facto biologico d'onde se deriva o maior estimulo da actividade social. Este primeiro processo foi feito por Augusto Comte do modo o mais seguro, mostrando como os phenomemos staticos realisam a *ordem* na sociedade, e como os phenomenos dynamicos realisam o *progresso*. Portanto *conservação* e *revolução* tornaram-se perturbações inscientes d'aquelles que exercem ou aspiram ao poder sem o conhecimento scientifico da Sociologia.

Na determinação da base da Sociologia é que Augusto Comte se desprendeu do estimulo biologico, fundando-a sobre o facto historico da *auctoridade* nas suas manifestações de *poder temporal* e *espiritual*, sua separação e transformação progressiva. Como systematisação philosophica da historia é este um ponto de vista profundo; como base da Sociologia, levou-o á regulamentação do poder espiritual á maneira de um catholicismo sem christianismo, como com justiça notou Huxley, prejudicando a comprehensão do criterio subjectivo na *Politica positiva*. Comte devera ter partido de um facto biologico como base da Sociologia; nenhum mais importante do que as funcções de reproducção que se desdobram na phenomenalidade social nos grandes problemas da *População*, e nas fórmas caracteristicas das civilisações provenientes das aptidões proprias das *Raças*. Em condições normaes a *População* duplica-se em vinte cinco annos, e n'esta progressão a necessidade da *subsistencia* torna-se um limite implacavel, que só póde ser modificado a muito custo pelo trabalho e pela creação de *instituições* destinadas a operarem esta equação. Por outro lado, as *Raças*, formadas por pressão dos povos, são progressivas ou improgressivas, dotadas

de genio artistico, industrial, especulativo, e d'aqui se deduz a marcha da humanidade.

Augusto Comte comprehendeu a importancia do problema sociologico da *população,* e em vez de deduzir, como Malthus, o conflicto deprimente da sociedade, deriva d'elle a elevação do progresso pela *divisão do trabalho* ou especialisação das funcções sociaes: «Eu devo sómente indicar agora a condensação progressiva da nossa especie como um ultimo elemento geral concorrendo a regular a rapidez effectiva do movimento social. Pode-se facilmente reconhecer que esta influencia contribue sempre muito, sobretudo na origem, a determinar no conjuncto do trabalho humano uma divisão de mais em mais especial, necessariamente incompativel com um pequeno numero de cooperadores.» (*Phil. positiva,* IV, p. 455) Augusto Comte não póde tirar todas as consequencias d'este problema que propoz tão claramente, porque o principio da *População* era no seu tempo debatido unicamente no campo da Economia politica, e estava falsamente interpretado pelos contradictores inscientes de Malthus; além d'isso, este problema era prematuro na sciencia, porque o ponto d'onde devera começar o seu estudo pertence á Biologia, no grande phenomeno do *conflicto pela vida,* d'onde Darwin deduziu a a synthese integral da origem das especies. O principio de Malthus, não tendo inspirado a Augusto Comte mais do que uma phrase injusta, reduzido á sua verdadeira origem e comprovado n'ella, foi o motor principal da nova ordem de concepções que levaram Darwin á explicações do transformismo. Depois d'esta profunda comprovação biologica é que se deve seguir a reconstrucção da Sociologia baseada sobre essa lei inilludivel do *conflicto vital,* que nas sociedades se manifesta sob a fórma de *População limitada pela subsistencia.* E assim como o conflicto vital no dominio biologico é a causa principal da adaptação dos organismos, do prevalecimento exclusivo de dadas funcções, e de aperfeiçoamento por uma transformação progressiva, tambem no dominio sociologico, o conflicto permanente da *População* é a causa principal da *divisão do trabalho,* da especialisação das aptidões, da maior somma de manifestações individuaes que actuam racionalmente sobre a marcha empirica das sociedades. Não ha n'este ponto de vista nenhuma miragem de analogia, porque as duas leis biologicas, *conflicto pela vida* e *adaptação ao meio* actuam constantemente sobre tudo o que vive, quer seja no encontro das especies que cohabitam, quer nas collectividades humanas ou sociedades. No tempo de Comte a Biologia não es-

tava constituida por uma systematisação concreta e por isso desconhecendo o valor positivo da lei fundamental da Biologia não a investigou no campo sociologico, constituiu a nova sciencia social sobre uma base exclusivamente historica—a discussão das fórmas da *Auctoridade,* e a sua especialisação em *poder temporal* e *espiritual.*

O facto historico da *Auctoridade* reduz-se pela investigação da origem das suas fórmas ao problema da *População;* onde prepondera a *tribu,* o poder funda-se na edade, como os sheiks ou senhores, ou no nascimento como a *gens* e a *gnatio;* as differenças estabelecem-se nas castas especulativas ou sacerdotaes, activas ou guerreiras e mercantis; o seu mutuo conflicto produz a divisão natural dos poderes em *espiritual* e em *temporal,* vindo os chefes militares a triumpharem fazendo a soberania hereditaria nas suas familias e absorvendo em si as funcções pontificaes, como no Egypto, na Assyria, na China e na Russia. Tudo isto se deduz do modo de agrupamento da População na forma de *tribu;* ha um outro agrupamento de População baseado sobre o limite territorial ou a *cidade,* que explica as civilisações das pequenas nacionalidades e a força da iniciativa individual no estabelecimento da liberdade. Aqui, como todos são eguaes perante a mesma garantia civil, as differenças e portanto os poderes fundam-se nas capacidades ou merecimentos.

O principio da População, de Malthus, achado em 1798 em uma critica das idéas de Godwin, e redigido difinitivamente em 1803, foi longamente debatido e pervertido pelos economistas que tinham as suas noções subordinadas ao vago metaphysico e ao providencialismo catholico. O nome de Malthus tornou-se academicamente odioso, e a critica do *Ensaio sobre o principio de População* continuou a ser feita e a repetir-se sem nunca mais ser preciso ler o livro que continha a lei da ordem moral das sociedades. A confusão do *principio* com os *meios* propostos por Malthus, envolveu a immutabilidade d'aquelle com o que estes tinham de arbitrario. Só com o progresso das sciencias biologicas é que o principio da população póde ser bem comprehendido fóra da complicação dos problemas sociaes; e uma vez verificada a exactidão, é que elle póde ser considerado como a lei de todo o movimento das sociedades, quer na historia, quer nos conflictos do presente, ou nos destinos da civilisação. Para nos elevarmos á intelligencia da *lei da População*, sacrifiquemos por um pouco a ordem historica á ordem logica, apontando como os biologistas demonstraram a qualidade caracteristica dos sêres vivos

de uma assombrosa capacidade reproductora. Segundo Darwin, Linneo «calculou que se uma planta annual produzisse sómente duas sementes, e cada uma d'estas produzisse outras tantas no anno seguinte, e assim por diante, haveria um milhão de plantas no fim de vinte annos...» cumpre notar que nenhuma planta produz tão poucas sementes; o Dr. Franklin, cujos factos serviram de appoio á doutrina de Malthus, observara tambem que a natureza prolifica das plantas e dos animaes não conhecia outro limite senão o trasbordamento e o conflicto pelo sustento da vida. O genio de Darwin previu a lucidez d'este principio biologico, e tirou-lhe todas as consequencias no seu livro *Origem das Especies,* confessando com toda a franqueza da superioridade scientifica a quem devia uma tão luminosa sugestão: «Uma lucta pela existencia é a consequencia inevitavel do numero elevado em que os sêres organisados tendem a desenvolver-se. Todo o sêr que na duração natural da sua vida produz muitos ovos ou sementes, está condemnado á destruição durante algum periodo da sua vida, e em uma estação ou n'um anno eventual; inversamente, segundo o principio da progressão geometrica, o numero dos individuos d'esta especie tornar-se-hia tão extraordinariamente elevado que nenhum paiz poderia manter o producto. Assim já que nascem mais individuos do que os que podem sobreviver, é preciso que haja em cada caso uma lucta pela existencia, quer da parte de um individuo contra outro da mesma especie ou contra uma especie differente, ou bem contra as condições physicas da vida. É a doutrina de Malthus applicada com uma força multipla aos reinos vegetal e animal inteiros;... Não ha excepção á regra, que todo o sêr organico augmenta naturalmente em um numero elevado que, se não houver destruição, a terra sería immediatamente coberta pela posteridade de um só par. Mesmo o homem, que procria lentamente, duplica em numero no espaço de vinte cinco annos; ora, diante d'esta progressão, no fim de alguns milhares de annos não haveria litterariamente bastante logar physico para os seus descendentes.» Na critica do transformismo darwiniano, nunca o principio de Malthus, que lhe serve de base, foi posto em duvida; o grande geologo Lyell, o physiologista Huxley, Wallace, Owen, e outros como Quetelet por meio da Statistica, e Buckle, por meio da Historia, produzem uma plena comprovação da lei d'onde tem de ser deduzida toda a Sociologia.

Abstraindo agora da originalidade e da prioridade da concepção de Malthus, foi elle o primeiro que fez a applicação

d'essa lei biologica ás sociedades humanas, com um intuito philantropico. O problema da miseria, antes de formular a solução a dar-lhe, levou-o a procurar a causa organica; a causa fundamental do conflicto social é formulada com uma admiravel clareza: «a tendencia de todo o sêr animado a propagar-se além da subsistencia que encontra preparada.» Tal é a fórmula em abstracto; procurando determinal-a nas suas particularidades, ou complicação de condições especiaes, chega á seguinte *lei da população* e *lei da subsistencia*: «pode-se affirmar com toda a segurança, que a população quando não é refreiada, *desenvolve-se em uma progressão geometrica* tal, que se duplica em cada vinte cinco annos.» Sabe-se com que segurança Malthus verificou esta progressão nas statisticas decennaes da população da America, feitas por ordem do Congresso dos Estados unidos. A *lei da producção* ou da subsistencia é assim formulada: «vista a condição geral da terra, *os meios de existencia* nas condições as mais favoraveis, não poderão ser augmentados com mais rapidez do que em progressão arithmetica.» Para que se faça a equação entre a capacidade reproductora do homem, e a capacidade economica da producção da subsistencia, a sociedade modifica em fórmas especiaes o conflicto pela vida e a selecção do mais forte, como procede a natureza organica. Este conflicto é a essencia da marcha empirica das sociedades primitivas, e Malthus presentiu quanto n'este sentido convinha elevar o criterio scientifico da historia; a selecção social actua na differenciação das castas, das classes e na divisão do trabalho.

O economista Rossi, na introducção á traducção franceza do Ensaio de Malthus, previu a vastidão das consequencias da theoria: «A questão da *população* abrange tudo, a *moral* e a *politica*, a *economia nacional* e a *economia domestica*. O *estado*, a *familia*, o *individuo* aí estão egualmente interessados pelo presente e pelo futuro, pela sua força como pela sua felicidade.» Malthus determina o modo como fatalmente se opéra esta difficil equação entre a progressão geometrica da população e arithmetica da subsistencia; é pela oscillação entre os nascimentos e a mortalidade na razão directa um do outro. Aos factos repressivos dos nascimentos, chama-lhes Malthus *freios preventivos*, e aos que augmentam a mortalidade *freios positivos*.

A consideração historica de cada um d'estes factores, leva-nos a agrupar todas as fórmas da actividade social como resultantes dos meios empiricos para realisar essa equação inevitavel. O conhecimento d'este conflicto intimo das socie-

dades foi desde todos os tempos revelado pela difficuldade crescente da producção; conheceram-no os povos antigos, como ainda o provam alguns *costumes* hoje inintelligiveis, conheceram-no os primeiros legisladores e instituidores religiosos. A regulamentação das relações sexuaes no *casamento,* como base de toda a disciplina social, é proveniente d'esse freio preventivo, a que anda ligado o do reconhecimento da *propriedade* individual e hereditaria; d'esta mutua necessidade nasceram os rudimentos da moral e da lei juridica. A disciplina do casamento produz duas manifestações contrarias, de um lado a *monogamia,* movel immediato que dirigiu á mais alta civilisação as raças progressivas, de outro lado a *promiscuidade das mulheres* ou *dos maridos,* como nas raças selvagens, ou a *polygamia* nas raças improgressivas. D'estas soluções empiricas, que se tornaram costumes inconscientes, derivam-se outros actos explicaveis hoje diante da comprehensão da causa do conflicto social; tal é a origem do *direito de vida e de morte* do pae sobre o filho, na legislação romana; tal é a *morte dos velhos* pelos proprios filhos, usada por quasi todos os povos antigos como uma cerimonia domestica; os *sacrificios humanos* impostos pelas religiões sensualistas, e a morte do primogenito, ou do quinto filho, segundo certos povos, ou tambem a morte das crianças fracas ou disformes, como usavam os Spartanos. Como solução espontanea ou empirica d'este conflicto permanente devemos indicar a *antropophagia,* das raças degradadas, a *castração dos machos,* a *infibulação das raparigas,* a *prostituição religiosa,* das bailadeiras, ou o *celibato clerical* como no Thibet, e o *aborto* usado pelas damas romanas, como o affirma Juvenal, e pelas mulheres pobres e criadas de servir, como o publicam os jornaes de hoje. O desenvolvimento da *escravidão* como commercio proveiu de uma egual necessidade.

Na historia são tambem evidentes os conflictos vitaes provenientes da lei do desdobramento da população; esses conflictos determinaram a forma de tantos costumes, que para nós hoje parecerão extraordinarios e monstruosos; tal é esse da emigração em massa para ir constituir uma colonia nova pela occasião do *ver sacrum,* por effeito de trasbordamento da população. A primavera sagrada era a epoca em que o enxame novo procurava uma outra região; n'esta marcha umas vezes perdia os habitos sociaes, e a pequena colonia ficava vagabunda na forma de *Tribu,* ou desenvolvendo os habitos do latrocinio ao contacto com tribus mais fracas dissolvia-se na *Horda.* Outras vezes fixava-se em um territorio

ignorado, junto de um grande rio, como o Nilo para os Egypcios, o Euphrates para os Chaldeus e Babylonios, o Hoangho para os Chinezes, o Tibre para os Romanos, e provocada por este primeiro estimulo natural a população desenvolvia se com toda a intensidade da lei biologica, e organisava-se em um *Familismo* rudimentar, cujos restos, ao passo que as fórmas sociaes se complicavam, se foram perpetuando na tradição nobliarchica. A aristocracia chineza attribue a sua origem ás *Cem familias,* da emigração primitiva. O desenvolvimento exagerado da população pela facilidade dos meios de subsistencia em uma região não explorada, e pelas sugestões do clima, fez com que ella se impozesse pelo numero, como vêmos nos exercitos asiaticos, e com que se submettesse ao primeiro aventureiro que a dirigiu nas invasões. Foi n'estes encontros de população, e por pressão do numero, que certos povos se misturaram constituindo *Raças;* a importancia historica das raças está na razão do seu cruzamento. As differentes aptidões adquiridas vieram dar ás instituições sociaes uma maior largueza e todo o seu poder; póde-se dizer, que os factos *staticos* produzidos pela população reduplicaram a sua acção sobre a sociedade tornando-se *dynamicos.* Diante d'estes factos torna-se evidente a conclusão de Malthus: «A fecundidade da especie humana é uma lei que nos seus caracteres essenciaes se parece com todas as leis da natureza. É forte e geral, e os males que d'ella derivam são accessorios d'estas qualidades necessarias, a força e generalidade; etc.» Como a lei de Newton para a astronomia, a lei malthusiana da população é a base deductiva da Sociologia. Este problema preoccupou os instituidores empiricos da antiguidade; Solon permittia o *infanticidio,* Platão deferia aos magistrados a intervenção sobre o numero da população, e Aristoteles, como pratico, estatuía a procrastinação dos casamentos. Através d'esta grande lei a Historia recebe uma nova luz; o numero inesgotavel que dava força ás tribus germanicas contra o imperio, explica-se por uma phrase accidental de Tacito, a insistencia sobre a pureza dos costumes dos Germanos, isto é, a falta do freio preventivo dos nascimentos. A mobilisação da propriedade aristocratica e ecclesiastica em França explica-nos o desenvolvimento da população durante o grande periodo revolucionario. Malthus observou este facto importantissimo: «Depois da Revolução franceza, a população augmentou em vez de diminuir, durante esta lucta tão longa e tão sangrenta, no decurso da qual se calcula ter a França perdido dois milhões e meio de

habitantes...» Adiante fallaremos das causas accidentaes que influem de um modo directo sobre o augmento da população, como a cultura do milho, causa primeira do *Proletariado* na Europa, o modificador incessante das fórmas do Poder em quanto ao *espiritual* destruindo a casta, como no Buddhismo e no Christianismo, e em quanto ao *temporal* destruindo os privilegios dos poucos pela vontade das maiorias na Democracia.

Malthus procura as causas permanentes da *mortalidade*, que como freio positivo cooperam para conter a população no limite das subsistencias; mas todas essas causas são grandes factores de actividade social ou consequencias fataes emergentes d'essa actividade. A necessidade de vencer a difficuldade progressiva da producção leva a inventar as *industrias*, agricola, pastoral, fabril ou mercantil; estas industrias são uma *divisão do trabalho* e portanto um aperfeiçoamento, mas que males profundos não precederam estes bens! Guerras de raça separaram os povos agricolas dos pastoraes, como os Arianos dos Iranianos; guerras de exterminio perseguiram os Pelasgos que se entregavam á metalurgia, e em toda a parte onde tribus turanianas exploravam as minas foram reduzidas á escravidão de castas malditas pelos seus vencedores; o commercio concentrado nas mãos dos Phenicios, fez com que os Romanos os lançassem fóra do Mediterraneo; ainda hoje se observa antagonismo e separação de classe, o que vem aggravar o que ha de *doentio* nas industrias e no trabalho excessivo, e dar á *concorrencia* economica o espirito de um combate sem treguas.

Precisando explorar ou defender-se com um solo, uma sociedade está submettida á condição fatal do *clima*, que influe de um modo positivo no caracter nacional; mas o clima, como se vê pelas modernas statisticas, influe na mortalidade, na carestia da alimentação e do agasalho, nas variações metereologicas de que dependem as culturas. Na Edade media existiram as grandes fomes periodicas que levaram até á anthropophagia, e com as fomes desenvolviam-se as pestes periodicas, ou recrudesciam as epidemias. O poder politico sem previsão de codigos, usádo a capricho de soberanos sem senso moral, produzia as guerras seculares de devastação e de miseria. A necessidade do agrupamento de uma população numerosa, em arruamentos estreitos dos burgos para se defenderem, produzia os males das grandes cidades, os casamentos tardios ou illudidos, a emigração da pobreza, o vicio e outras desgraças que apressam a mortalidade. Estas causas, apesar

da circulação internacional dos productos, da obra incansavel das machinas, de um maior conhecimento das condições hygienicas, e de um regimen mais justificado das guerras, ainda hoje preponderam, aggravadas com as novas fórmas do freio positivo; tal é a ignorancia absoluta dos governos acerca da população, que no meio dos conflictos produzidos por este facto natural, usam os expedientes da repressão da *Policia,* da philantropia da *Assistencia* publica, e da illusão theorica dos *Salarios*. Onde Stuart Mill patenteou o poder do seu genio foi na clara comprehensão do principio da *população* tomando-o como base da sua Economia politica.

Somos chegados ao facto sobre que os philosophos antigos assentavam a noção scientifica da sociedade, — as *formas de governo*. Mas a origem primeira d'este facto poderia ter sido determinada pelo interesse egoista de uma classe, porém é certo que em todos os perigos sociaes a população entrega-se ao arbitrio d'aquelle que sugere e sabe conduzil-a a uma salvação prompta. Portanto nos conflictos de uma *migração,* como a dos Judeus saindo do Egypto, ou sustando *invasões,* como no imperio de Carlos Magno, prevendo uma grande fome, como no ministerio de Joseph, o poder derivou-se da relação empirica de alguns d'estes numerosos conflictos sociaes. Na epoca em que todas as relações sociaes estão definidas e garantidas por tribunaes, o unico motivo da existencia dos governos é providenciar conscientemente para que se realise a impreterivel equação entre a subsistencia que diminue e a população que augmenta. E o que fazem os governos? agravam esta fatalidade social com uma rêde de *impostos,* com os gastos da *lista civil,* com os *exercitos permanentes,* e com a concorrencia ás industrias particulares, o que torna no meio da sociedade actual o *medo da pobreza* como o maior freio dos nascimentos.

O facto do desdobramento da população em proporção geometrica, não deve ser exclusivamente considerado como movel do sacrificio de vidas á deficiencia das subsistencias; essa propriedade reproductora no homem tambem exerce influencia progressiva no desenvolvimento das sociedades. Malthus não examinou este lado da questão, esboçado lucidamente por Comtè. Pelo desdobramento da população, a sociedade adquire o meio pelo qual as aptidões se especialisam; a *divisão do trabalho* leva á facilidade e pericia do mister, á maior perfeição technica que se conserva pela profissão hereditaria, á maior variedade de productos em menos tempo, a uma maior extensão de trocas que tornam mais

profundas as relações sociaes. Do maior numero de individuos accumulados sobre o mesmo territorio resulta um maior numero de probabilidades de apparecerem organisações superiores, cuja capacidade intellectual vem influir sobre a sociedade pelas invenções do genio, pela razão disciplinadora dos instituidores, pela habilidade estrategica para a defeza commum. Vê-se pela historia que os grandes genios não descendem de familias privilegiadas, são obscuros, e segundo o mytho social, foram crianças abandonadas, expostas á voracidade das féras, como Romulo ou Cyro, fundadores de grandes imperios. Além das consequencias d'estas probabilidades, cujas vantagens são casuaes mas frequentes, o desdobramento da *população,* no conflicto pela existencia apresenta-nos duas soluções naturaes e oppostas; diante da deficiencia dos recursos, as classes privilegiadas e as classes miseraveis luctam diversamente. As aristocracias embora concentrem a riqueza territorial, se fortaleçam com o bem estar e com a força, extinguem-se insensivelmente, degradando-se pela incapacidade, e depois pelo abaixamento do numero. Foi assim que se extinguiram os principaes imperios. As classes miseraveis resistem a uma maior mortalidade pela maior somma de nascimentos; qualquer cultura que facilite a alimentação, como o arroz na China, ou o milho na Europa, garante-lhe a existencia, e foi assim que o *Proletariado* se fez reconhecer politicamente pela preponderancia do numero, e que as sociedades se renovaram pelas *colonias,* alargando-se a esphera da actividade humana por uma maior audacia na iniciativa. Se a lei de Malthus explica o porque do conflicto deprimente das sociedades, isto é, manifesta-se em uma grande serie de factos negativos, essa mesma lei tem o seu logar na historia como explicando bastantes factos positivos, que determinam o progresso humano. Sob o ponto de vista economico Malthus explorou o lado negativo do problema, preoccupado exclusivamente pelo remedio a dar-se-lhe; pelo criterio sociologico Comte devera ter partido do lado positivo, considerando o anterior como um accidente, ou como uma força que precisava de ser aproveitada. O problema tão complexo da *população,* comprehende o facto das *migrações,* e a adaptação a um dado *meio* em que se estabelecem, ou o cruzamento com novas raças com quem se encontram e se fusionam. Todos estes phenomenos são actos espontaneos da vida social, cujas leis naturaes se vão definindo com clareza. As migrações e colonisações primitivas provinham da necessidade de conservar um numero definido de habitantes no territorio limitado.

Quando porém as migrações se fizeram de um modo compacto, por incursão e invasão, como aconteceu com as grandes raças que occuparam o globo, taes como a Lybica, Mongolica, Semitica e Arica, essas raças soffreram a lei natural da adaptação ao meio climatologico. Em primeiro logar, a migração fez-se seguindo a região privada de chuvas, como o descreve com clareza Spencer.

Segundo Gustavo Le Bon, o homem não se pode adaptar de repente a climas differentes, e portanto, as migrações rapidas não dão colonias duraveis; a maior facilidade, ainda assim, só se dá quando elle emigra de um clima quente para um relativamente frio, e por avançamento secular, ou por um cruzamento com as raças presistentes. Quando os Portuguezes occuparam os paizes quentes da America, da India e da Africa foi sempre á custa do cruzamento com o elemento indigena. Os Arias occuparam a Europa e estabeleceram-se n'ella, não só porque a migração foi secular, como o revelam as differenças linguisticas, religiosas, e sociaes dos Gregos, Romanos, Germanos, Celtas, Slavos e Scandinavos, mas porque seguindo de leste a oéste, vieram sempre na mesma linha climatologica. Quando porém as migrações se dão dos climas frios para os quentes, a raça abastarda-se, extingue-se, como aconteceu com os povos germanicos no Occidente. Os Romanos nunca puderam colonisar Carthago, como acontece hoje em dia aos Francezes em Argel e aos Inglezes na India.[1]

No cruzamento das raças entre si, prepondera em quanto aos caracteres anthropologicos aquella que tem a quantidade numerica, e emquanto aos caracteres ethnicos, aquella que é mais cultivada. É assim que n'esta fusão, muitas vezes da raça vencida ficam os *mythos* que dão epopêas nacionaes, as *linguas* que unificam a nacionalidade e criam a litteratura, e certos costumes. Quando porém se deu uma fusão perfeita, de sorte que os caracteres das duas raças produziram um typo novo, desde que qualquer dos seus elementos se renova por um outro cruzamento, a raça regressa ao typo primitivo simples d'aquella em que se dá o accrescentamento numerico. Estas leis do cruzamento propostas por João Muller, tem sido applicada á anthropologia por Broca e Milne Edwards.

Diante d'esta comprehensão tão clara do principio scienti-

[1] Gustave Le Bon, *L'homme et les Societés*, t. II, p. 61.

fico da Sociologia, todas as creações sociaes adquirem uma mais directa prova concreta do seu fim. A Industria, a Moral, o Direito, a Economia politica, o Commercio, a Politica, são outros tantos factores que as forças dynamicas da sociedade crearam empiricamente, e com a acção do tempo e das grandes individualidades racionalisaram em sciencias, com o fim de operarem a equação difficil e impreterivel entre a população e a subsistencia. De todos estes productos da sociedade apenas a *Industria* revela o seu intuito, postoque as emprezas actuaes sejam motivadas pela necessidade de exercer o capital como meio de resistir ao conflicto sempre crescente da vida moderna; a barateza dos productos, como resultado das machinas, vem satisfazer inconscientemente as necessidades do maior numero. A *Moral,* derivada dos costumes, (já vimos como os costumes se conservaram como meio de resistencia ao conflicto da população) desde muito cedo foi absorvida pela religião, que lhe deu fins asceticos, e a poz muitas vezes em contradicção com as leis physiologicas do organismo ou com a justiça social. Diante do principio da população, a *Moral* serve como movel de força preventiva, como estimulo de sacrificio, não com o fim de uma bemaventurança subjectiva, mas como consciencia de que não devemos aggravar o conflicto natural com a nossa imprevidencia. O *Direito,* sendo o exercicio da mutua liberdade, realisa o accordo de vontades produzindo a equação dos interesses, isto é, o facto bilateral com que cada um resiste ao conflicto do meio sociologico; a *Justiça* é este mesmo facto convertido em acção moral. A *Economia politica,* foi por Stuart Mill trazida dos seus desmandos metaphysicos a uma base positiva, pela demonstração da difficuldade crescente da producção; bem estudado este termo, cabe á Economia politica o dispôr os dados do problema tirados da statistica, para que as forças executivas da sociedade facilitem preventivamente os meios de se realisar do modo mais natural esse inevitavel equilibrio. O *Commercio,* facilitando as trocas pela apresentação, está, como a Industria, mais proximo da comprehensão concreta do seu destino; mas o isolamento de classe, tornando-a egoista, e esse egoismo levando-a a converter-se em burguezia gorda, parodiando os titulos da aristocracia caduca, affastam-na da consciencia do seu grande fim social, e tornam-na odiosa, a ponto de se organisarem contra ella as cooperativas de consummo. A *Politica* é de todas as sciencias sociaes a que está mais falsificada; immobilisada em um empirismo estupido ou servindo uma metaphysica phanta-

siosa, é ella que mais aggrava os males sociaes pelo dispendio de forças para fins pessoaes ou dynasticos. Todos aquelles que participam do Poder estão convencidos de que a Politica considerada como sciencia é uma pura utopia; porém se algum progresso se faz é pela força da opinião, sugerida pela pressão do conflicto social ou pelos desastres irremediaveis do presente.

O problema da *População,* como vimos, é a base fundamental da Sociologia; as instituições sociaes são outros tantos meios empregados pelo homem em collectividade para realisar a difficil equação entre a producção e a consummação. Emquanto a Economia politica trabalhou sobre estas bases positivas progrediu, e dirigiu o espirito para a creação da sciencia social; porém a investigação de entidades metaphysicas, como a de *Valor* e *Riqueza,* esterilisou-a, e o proprio Stuart Mill chegou a descrer da existencia da Economia politica se ella não servisse para extinguir o problema da miseria. Isto mostra-nos o motivo porque Augusto Comte foi tão severo para com esta sciencia, que no seu tempo andava viciada pela metaphysica. Pelo conflicto da população com a subsistencia nasceram a industria agricola, a propriedade, a industria fabril, a troca mercantil, o accordo bilateral dos interesses no direito, o sentimento de coadjuvação altruista da moral domestica e publica, a defeza dos interesses constituidos pela força publica, a solidariedade nacional emfim. Que outra base mais profunda para a organisação do grande facto social? Estas instituições foram realisadas empiricamente, e d'aqui os seus vicios de estabilidade consuetudinaria e concreta, e em grande parte o esquecimento do seu destino, e portanto a inefficacia em muitas sociedades para obstarem aos males inherentes á lei da População.

É d'esta base que se deve partir para a comprehensão das origens e transformações historicas das sociedades, e d'esta base resulta o porquê da *Auctoridade,* facto secundario e tambem variavel d'onde Comte tirou o fundamento da Sociologia.

A Sociologia foi largo tempo embaraçada na sua constituição pela confusão com a Politica; todas as especulações partiam do ponto secundario da discussão theorica ou comparativa das *fórmas de governo* ou da analyse das constituições nacionaes. No ponto de vista theorico debatiam-se de um modo abstracto quaes as condições necessarias a um bom governo, e classificavam-se as suas fórmas, terminando por um quadro ideal de uma Republica imaginaria, como a *Republica* de

Platão, ou a *Utopia* de Morus, ou a *Cidade do Sol,* de Campanella; sob o ponto de vista concreto, como fez Aristoteles, compilavam-se as constituições dos diversos povos e pela sua analyse se decidia pelas que se aproximavam mais de um fim ideal. Augusto Comte obedeceu a esta tendencia, partindo tambem da fórma dos governos, ou da constituição do Poder; armado com o criterio positivo, conheceu a importancia do grande facto da divisão do *poder temporal* e do *poder espiritual,* e da necessidade da sua separação como base de desenvolvimento social. A Edade media revelou-lhe esta profunda transformação, que ainda se está operando evolutivamente nos costumes, pela emancipação da sociedade civil; até este ponto Augusto Comte comprehendeu e explicou admiravelmente a Edade media, determinando o momento historico em que o espirito scientifico, tido como revolucionario, se emancipa do poder espiritual, dando-se em consequencia a dissolução do regimen catholico-feudal. Porém essa dissolução ainda não está terminada, postoque o espirito scientifico é já hoje uma condição evolutiva do progresso; Augusto Comte quiz traçar o quadro da Sociedade moderna partindo da constituição dos novos poderes, que transparecem ainda remotamente na ordem das cousas, e supprindo pela imaginação a marcha historica, regulamentou com um plano ideal o novo *poder espiritual* da Sciencia e o novo *poder temporal* da Industria, escrevendo essa admiravel utopia do final da *Politica positiva.* Foi isto a consequencia da base d'onde partira para a organisação da Sociologia. A fórma do Poder, dissemos, é um problema secundario; como empirico, não é mais do que a solução provisoria d'uma necessidade social. Importava portanto procurar essa necessidade, ou origem do Poder; mas esta investigação fóra dos factos biologicos é egualmente metaphysica. Hoje já se estuda a vida social nos animaes inferiores, nas fórmas da sua economia. Só assim é que se vê como a necessidade de defeza agrupa os diversos elementos sociaes, (facto já observado por Aristoteles) e como a *Associação* é a fórma espontanea d'onde saiu a fórma empirica do *Governo.* O poder theocratico, concentrado em uma classe sacerdotal, que outra causa é mais do que a preponderancia exclusiva de uma *associação* que monopolisou o Poder? Esta é que é a base natural e organica que deve preceder toda a disciplina sobre o exame historico ou mesmo theorico do Poder. Comte, não se remontando atraz do Poder theocratico, ao fundar a Politica positiva seguiu rigorosamente os moldes da organisação catholica

da Edade media; Huxley ataca-o duramente por isto: «Com effeito póde-se dar uma definição pratica da philosophia de M. A. Comte e resumil-a dizendo, que é *um catholicismo sem christianismo.*»[1] E fundamentando esta asserção, Huxley vae encontrar no proprio *Curso de Philosophia positiva,* (t. v, p. 344) os germens da concepção desenvolvida na *Politica positiva,* que o que tende a cahir no catholicismo é a doutrina e não a organisação; e portanto «que uma tal constituição reconstruida sobre bases intellectuaes conjuntamente mais amplas e mais estaveis, deverá finalmente presidir á indispensavel reorganisação das sociedades modernas, salvo as differenças essenciaes espontaneamente correspondentes á extrema diversidade das doutrinas fundamentaes; etc.» Huxley combate esta concepção nas suas consequencias, objectando como uma tal organisação do poder espiritual conduzia á intolerancia dos Innocencios e Gregorios, da Edade media; mas a critica da concepção de Comte está no erro das bases que tomou para a Sociologia. Tomemos separadamente a *doutrina* e a *organisação* catholica, e assim verêmos a miragem subjectiva que viciou o criterio de Comte. Pelos modernos trabalhos de erudição sobre as origens hellenicas do christianismo, Havet prova exuberantemente como esta religião sentimental da Asia anterior se apropriou na Grecia dos grandes principios metaphysicos dos seus poetas e philosophos, desnaturando a marcha scientifica para uma exclusiva direcção mystica que atrazou a intelligencia humana desde Aristoteles até á Renascença. O que representa este grande facto da Renascença senão o ter a intelligencia humana achado outra vez o veio scientifico da civilisação grega, continuando por elle a sua marcha? Foi esta marcha que desenvolveu o novo Poder espiritual perfeitamente caracterisado por Comte, e que tende a tornar-se effectivo na sociedade moderna; este phenomeno historico é uma realidade inegavel, e como uma evolução que prosegue depois de ter sido interrompida durante seculos, é por isso que a *doutrina* religiosa cede nas intelligencias o logar á *Sciencia positiva.* Augusto Comte, sem fundamentar pela erudição esta continuidade historica, ainda assim viu bem como a sciencia moderna em conflicto com a doutrina do christianismo, se tornava um poder evolutivo na sociedade pelo accordo entre a consciencia e a sciencia.

Agora em quanto á *organisação* catholica; Comte não viu

---

[1] *Les Sciences naturelles,* p. 195.

que o catholicismo, assim como se fecundou na parte doutrinal com a sciencia grega, aproveitou-se na parte hierarchica da disciplina romana. Na marcha da humanidade nenhum progresso se perde; e se o regimen catholico-feudal dirigiu as origens da sociedade moderna da Europa, foi porque se serviu dos moldes de dependencia funccional da administração centralisadora dos romanos, tornando os bispos magistrados municipaes. A unidade romana dissolvendo-se pela dissolução e arbitrariedade dos imperadores, fortificou-a o catholicismo com a unidade sentimental da doutrina, e d'esta fórma poderam os papas confundir o poder temporal com o espiritual. Mas uma vez separados os poderes, a sociedade civil ao fortalecer as monarchias independentes foi buscar aos codigos romanos a norma do seu poder temporal; e entre os povos de origem ou de civilisação romanica as instituições populares, como municipios ou communas, ou os *vici* e os *pagi*, é que trouxeram a burguezia á dignidade e representação civil. Por tanto ao reorganisar a sociedade moderna sobre o poder da sciencia, cujo progresso estava interrompido desde o fim da civilisação grega, deve-se aproveitar toda a disciplina dá administração romana conservada nos costumes e instituições staticas. Tal é o criterio imposto pela lei da evolução; mas a fórma incompleta como Comte exprimiu este pensamento, propondo-o como solução artificial, é que fez com que Huxley visse na constituição da Sociologia uma reforma da sociedade, conservando a *organisação* catholica e desprezando a *doutrina* christã. Como a interpretamos segundo a realidade dos factos, a verdade impõe-se por si mesma.

A discussão das fórmas da auctoridade, explicando as suas transformações pela filiação historica conduz logicamente ao encontro do problema da *População* sob a fórma de *Proletariado,* que hoje pelo suffragio universal actua de um modo directo no exercicio do poder. Por esta via se chegava, ainda que remotamente, á determinação da base biologica da Sociologia. A concentração do poder em uma familia, casta ou individuo não se fez por contracto, como o julgou Rousseau, mas por inercia ou espontaneamente; a sua fórma abstracta ou Estado, desenvolveu-se por modificações empiricas á custa do facto natural da associação. Um phenomeno biologico interveiu na marcha das sociedades alterando-as, e levando a intelligencia humana a converter as instituições empiricas em elementos racionaes de conservação e de progresso. Qual foi esse facto biologico? Dil-o a historia; as classes privilegiadas, que concentraram em si as riquezas, os poderes, o bem

estar material, o exercicio exclusivo das armas, emfim as aristocracias, extinguiram-se espontaneamente, e muitas civilisações, como a grega ou a romana, acabaram por esta circumstancia imprevista: na Europa moderna já não existe resto nenhum da aristocracia feudal. Da grande lei da *população,* achada por Malthus, se deduz hoje como appareceu no mundo moderno o *proletariado,* factor novo da renovação social. O apparecimento do proletariado está ligado a causas fortuitas, como a introducção da cultura do milho na Europa, o commercio internacional por causa da bussola, e a descoberta da polvora, que acabou com o privilegio da bravura. A historia não obedece sómente a causas immediatas de connexão, ha tambem causas secundarias, que por isso mesmo que são accidentaes, parecem effeitos do *acaso,* ou perturbações que imprimem aos acontecimentos uma logica sua.[1] Temos por tanto determinadas as phases da evolução sociologica segundo as modificações do poder: na phase *espontanea,* existe a confusão entre o poder temporal e o espiritual; a casta que concentra em si o poder legisla e dogmatisa. Taes são as *Theocracias,* fórma especial para a creação de uma noção abstracta do poder, mas improgressiva e absorvente, paralisando por isso a marcha das sociedades. O desenvolvimento de outras castas pela acquisição cumulativa da propriedade, veiu a darlhes a força da clientela, e ao regimen theocratico succedeu o de uma casta militar, e como consequencia a divisão das funcções sociaes separando o poder temporal do espiritual; taes foram as *Monarchias.* O grande facto statico da propriedade continuou a exercer a sua influencia nos grupos sociaes privilegiados, mas não já de um modo tão preponderante; pela propriedade se criaram os Nomos e os Feudos, mas a fórma monarchica prevaleceu sobre elles, por que existia já um novo modificador social, o trabalho, que trouxe a classe serva á altura de Povo. Foi assim que os senhores feudaes, apesar da sua propriedade, não conseguiram invadir e atropellar o poder, ficando apenas com as distincções heraldicas da Aristocracia; a riqueza accumulada pelo trabalho industrial contrabalançou-se com a riqueza territorial, criando-se assim a *classe media* ou Burguezia. Com estes elementos o poder entrou na sua phase empirica, tornando-se

[1] Cournot, nas *Considerações sobre a marcha das Ideias nos tempos modernos,* fundou uma philosophia da historia sobre esta ordem de causas fortuitas.

as Monarchias um systema de equilibrio entre a aristocracia e a burguezia; tal é o *Regimen constitucional,* a que chegaram as sociedades modernas. No meio dos phenomenos que se estão passando, o trabalho desenvolvendo-se pelos processos das sciencias reduplicou a sua acção modificadora; pelo trabalho affirma o Proletariado o seu numero e a sua existencia, contribuindo para os progressos sociaes com uma variedade de aptidões e com a maior somma de talentos iniciadores.

Um grande numero de factos historicos coincidiu no mesmo tempo, levando assim a intelligencia humana a uma comprehensão racional do facto sociologico, e á sua organisação em Sciencia; ennumeremos alguns. A creação da Economia politica e da Statistica ou demographia; secularisação da sociedade civil; relação e independencia do poder civil com o politico; creação de estados novos, como a America, o Indostão, as Molucas, a Grecia; descubertas das civilisações indiana, egypcia, mexicana e babylonica; estudo comparativo dos mythos religiosos, das fórmas litterarias, das fórmas da linguagem, e dos costumes: comprehensão do regimen revolucionario convertendo-se em evolução pelo estado do positivismo das Sciencias; necessidade dos governos em desenvolverem as grandes obras industriaes pela realisação dos processos scientificos, taes como canhões, telegraphos, vapores, tuneis; as grandes crises sociaes, como a do algodão, da emigração, do numerario; a anarchia dos espiritos por emancipação da velha auctoridade espiritual e por falta de uma disciplina mental derivada da sciencia; eis aqui a somma das causas que activam uma nova comprehensão do facto social. Na creação da Sociologia por Augusto Comte o maior numero d'estas causas actuou sobre o seu espirito, e elle comprehendeu do modo mais lucido como na Industria estava o germen do novo poder temporal do mundo moderno, e como na Sciencia, reorganisadora do sentimento e da intelligencia, pela sua impersonalidade e desinteresse theorico, está o germen do novo Poder espiritual. O erro de Comte, na *Politica positiva,* foi o disciplinar em regulamentos este poder espiritual na religião da Humanidade; porém as soluções d'estes grandes elementos de renovação social não podem ser definidas, e é por isso que o facto do Proletariado tem de ser estudado sob as manifestações anteriores á da sua acção sobre o poder.

Consequencias biologicas actuam como grandes causas efficientes de transformação social; se o proletariado se desen-

volveu, apesar de todos os motivos dissolventes que o diminuiam, como as constantes invasões, as pestes periodicas, as fomes tambem periodicas, as perseguições religiosas, a falta de hygiene, e a falta de garantia civil, por essa fecundidade reproductora, na organisação social da Edade media o servo veiu a preponderar quantitativamente, como um terceiro estado, fazendo reconhecer os seus direitos. A este facto espontaneo correspondeu a decadencia tambem espontanea das familias senhoriaes, que se extinguiram sem successão; no seculo XVI estavam diminutissimas as familias nobres da Edade media e começou uma aristocracia nova engrandecida por favor real. As familias dynasticas é que se mantiveram mais tempo por causa da posse exclusiva e da independencia do poder monarchico; mas no seculo XVI já estavam atacadas de doença mortal, como vêmos n'esses typos desvairados de Carlos V, Henrique VIII, Philippe II. Francisco I, Dom Manuel, Dom João III e Dom Sebastião, Alexandre VI e Leão X, allucinados sem intuito, sonhando *monarchias universaes,* e provocando as maiores catastrophes. No seculo XVIII predominou ainda a dissolução das dynastias sobre tudo por uma desenfreada luxuria, como em Luiz XV ou Dom João V, e pela falta de sangue saudavel e novo estas familias privilegiadas, educadas tambem longe da realidade da vida, cahiram em uma tacita imbecilidade, como se vê pelo regimen das recentes guerras, quando as sociedades modernas entraram por evolução propria no regimen da paz. As dynastias estão condemnadas biologicamente; e o proletariado tem de assistir a esta nova eliminação espontanea, que facilita a reorganisação social sobre bases menos empiricas, se é que a elevação da consciencia publica não fizer essa eliminação mais cedo.

Procurando os elementos constitutivos da Sociedade importa distinguir os dois factores fundamentaes, um em que predomina o *individuo* com as suas qualidades, outro em que predomina a *especie;* taes são os dois termos correlativos e inseparaveis de *População* e *Raça.* Póde-se dizer, que as creações em que prevalece o elemento individual se transformam e recebem um maior poder perpetuando-se na especie; assim nenhum conhecimento dos elementos sociaes póde ser procurado fóra da população, porém nenhuma civilisação historica póde ser comprehendida nem explicada sem o estudo ethnico da raça. A tudo o que provém da *população,* mesmo sem mistura com outros povos, podemos caracterisar como condições staticas da ordem na sociedade; estas creações augmentando de poder com a diversidade de aptidões na

raça, encerram todas as condições do progresso. Façamos este parallelismo natural.

A sociedade começa pelo aggregado formado pela necessidade biologica do sexo e da prole; é por isso que a *Familia* contém a unidade sociologica, ou o rudimento organico da associação. Aristoteles, que era naturalista, que viajára entre differentes povos e observou a constituição de differentes estados, parte da *Familia* como da origem natural do Estado, refutando assim as hypotheses subjectivas de um contracto ou de uma violencia; com esta base organica ainda hoje se reduz o individualismo aos justos limites da autonomia. A reunião de muitas familias em um dado territorio por desdobramento, e com o fim de coadjuvação e defeza, estabelece relações de ordem moral em que se desenvolvem os sentimentos altruistas; a esta segunda fórma de associação é ao que se chama *Familismo.* Começa a existir a propriedade commum, como as fontes, os caminhos, as praças, mas prevalece a fórma *hereditaria,* no espirito de successão de cada familia. O cruzamento entre as familias faz-se por liga de interesses, como a accumulação de propriedade ou de aptidões industriaes tambem hereditarias, e assim é que da fórma extincta do *Familismo* proveiu o regimen das *Castas.* Existe o culto tambem *domestico,* isto é um fetichismo sem sacerdocio, em que ha o culto dos antepassados e em que se perpetuam ceremonias de esconjuração peculiar contra dados males. A auctoridade resente se tambem do espirito da familia; governam os *Patriarchas,* os antigos, a quem a edade fez bons e justos, e que nas transformações sociaes ficaram tidos ainda como um poder consultivo. A industria era provocada pelas necessidades, as trocas faziam-se em genero, e o nexo social era uma concreta mutualidade.

O territorio e a casta predominante alargaram o Familismo em novos centros independentes formados pelo excesso de população. A reunião d'esses varios centros é o *Cantonalismo;* as industrias especialisam-se; a lei redige-se segundo o typo consuetudinario dos costumes; o culto torna-se publico, apesar de se conservarem os ritos domesticos, e o polytheismo e as tradições locaes inspiram as grandes realisações artisticas; a Auctoridade é então absorvida pela Casta que pelo seu saber especulativo exerce maior influencia moral, e fixa-se o governo theocratico, que sancciona a lei com os dogmas, e pela disciplina doutrinaria estabelece a unidade de sentimentos, d'onde ha de surgir a solidariedade nacional.

Estas largas transformacões, postoque espontaneas, não se fazem de um modo pacifico; a existencia do escravo como parte componente da familia antiga, revela-nos grandes luctas, consequencias de invasões e de encontros de tribus emigrantes. O trabalho da agricultura ou o dos rebanhos differenciava com odios profundos algumas raças, como mais tarde as differenças dos dogmas religiosos. Quando os povos que se encontravam eram egualmente fortes pactuavam, e o vencido em vez de ser reduzido á escravidão era assimilado por uma cohabitação lenta, d'onde saía uma geração mestiça, mais fecunda, mais vigorosa, com infindas aptidões que caracterisaram na historia um certo numero de raças. Assim os turanianos e kuschitas produzem as civilisações do Egypto e da Chaldêa; os kuschitas e semitas as civilisações phenicia e judaica; os jonios e doricos produzem a esplendida civilisação da Grecia, como os lucerenses, ticienses e ramenenses produzem a civilisação romana. N'esta assimilação de raça é importantissima a acção do territorio, cuja impressão se conserva na fórma de *garantia* politica; só gosa d'ella quem está dentro do territorio, cujos limites se assignalam com mortos sepultados nos alicerces dos muros; a defeza d'esse territorio cria virtudes do mais alto altruismo, em que cada qual se sacrifica, quando é preciso, pela sua integridade; tal é o *civismo,* a virtude privativa das sociedades antigas. Esta assimilação faz-se por conflictos, em que prevalece o que tem vigor: o povo vencido conserva tenazmente as suas tradições, como os caracteristicos com que se dá a conhecer, e essas tradições acceites pelo elemento preponderante dão logar ao desenvolvimento de uma poesia nacional. O culto religioso é já das forças naturaes, e dá logar a mythos dramaticos e a gigantes epopêas, a realisações architectonicas e esculpturaes, que destacam a Arte da industria. Os differentes dialectos cantonaes dão logar á preponderancia de um dialecto escripto em que são colligidos os codigos e em que se redigem as obras de litteratura. Todos os elementos cantonaes conservam os seus typos accentuados; mas a mutua dependencia a um direito commum, o uso de uma linguagem commum e da mesma moeda, a unidade do mesmo sentimento religioso, dão a esta fórma de associação um caracter mais elevado de um organismo moral; tal é o *Federalismo,* a fórma mais fecunda das sociedades, que se perdeu pelo abuso da centralisação politica em chefes militares, que perpetuando o poder nas suas dynastias, produziram as grandes nacionalidades inconscientes e inconsistentes.

Freemann, na sua *Politica comparada,* toma esta base do *familismo* como desenvolvendo-se na tribu indistincta e composta de muitas familias subordinadas a um chefe, cuja lei é a sua vontade, sendo obedecido como um patriarcha commum. D'esta base inicial recebeu a auctoridade a fórma *hereditaria* e absoluta; a propriedade tem a fórma *communista;* e á medida que a familia se dissolve na tribu, esta por seu turno alarga-se na *gens,* latina, ou no *clan* irlandez ou na *phratria* grega, e quando mais tarde vem a ampliar-se no agrupamento de *nação,* é ainda o typo da familia, *gnatio* no velho latim o mesmo que no sanskrito *gan,* nascimento, que designa o gráo superior d'esta collectividade. O facto do nascimento, que em outros systemas sociaes representa uma excepção, um privilegio, nas sociedades derivadas do familismo patriarchal é a fonte de todas as fórmas de organisação politica e civil, da realeza hereditaria, da aristocracia ou patriciado, do feudalismo, quando a propriedade deixar de ser commum, da servidão e da gleba e da unificação politica em nacionalidade. Nas civilisações semiticas as instituições sociaes sairam unicamente do typo da tribu.

As raças áricas transitaram do familismo para a base territorial, e d'aqui veiu a superioridade das suas instituições politicas. O *vîç* primitivo, que se conservou no *vicus* latino e nas nossas *visinhança* e *vicindade* peninsulares, começando por significar a casa e o clan, séde da familia e da tribu, veiu a exprimir exclusivamente a aldêa, o circuito territorial da povoação, que tendeu a circumscrever-se com muralhas em rodor na *urbs.* Este typo territorial conservou as pequenas aggregações familistas, e para onde quer que o ária foi, levou comsigo o costume das pequenas aggregações, como a Grecia, dividida em tantos estados, as cidades italicas, e modernamente as nações peninsulares, a Suissa, que realisa a fórma elevada da Federação, como os Paizes Baixos, as Colonias inglezas dos Estados-Unidos. Réville, analysando as Origens indo europêas de Ad. Pictet, tirou antes de Freemann esta alta conclusão: «É certo que os antigos Arias não foram um povo centralisado, no sentido moderno; permaneceram divididos em povoações ciosas da sua independencia interior. Tal é ainda hoje o estado social das povoações que habitam o mesmo paiz; tal é ainda, ajuntaremos nós, o estado preferido pela nossa raça por toda a parte onde, destruidos os poderes anteriores, ella se entregou aos seus instinctos. A Suissa, os antigos Paizes Baixos, os Estados-Unidos, as colonias inglezas são a prova d'isso, e na sua essencia tal é sempre o

estado politico da Europa considerada em conjuncto, dividida como ella é em uma centena de nacionalidades, grandes e pequenas, de desegual poder, mas geralmente de accordo, desde muitos seculos, para se oppôrem á preponderancia absoluta de uma de entre ellas. Foi Roma que nos inoculou o gosto contrario.» Da actividade militar de Roma veiu o predominio familista do patriciado, depois a fórma pessoal do Imperio, e consequentemente o militarismo destructor das pequenas nacionalidades, que o Barbarismo germanico tentou restaurar.

O prevalecimento do criterio biologico e historico na organisação da Sociologia hade um dia influir nas transformações naturaes da sociedade, em vez d'essas violações impostas pelo arbitrio da auctoridade insciente, como ainda hoje se observa. A unidade social já não póde ser realisada pelo sentimento religioso, como nas nacionalidades antigas; a dissolução do regimen catholico-feudal, e a emancipação da consciencia pela convicção scientifica tornam mais palpavel essa impossibilidade. Apesar da forte centralisação romana, o Imperio dissolveu-se, porque faltava um movel de unificação dos sentimentos, por isso que o polytheismo greco-romano estava abaixo das consciencias; na Europa moderna, ou da Edade media para cá, essa mesma organisação romana tornou-se outra vez efficaz pela unificação do sentimento religioso propagado pelo christianismo. Desde a Renascença, o progresso das sciencias tem elevado a consciencia acima das crenças theologicas, e hoje esse sentimento tradicional em vez de ser um movel unificador da sociedade, tornou-se uma causa incessante de perturbação pela sua influencia na maioria das sociedades sempre atrasada. Isto vê-se com a Hespanha, grande sob a unidade catholica no seculo XVI, e hoje precipitada em uma perpetua anarchia pela acção d'essa doutrina que já perdeu a sua direcção sobre as consciencias. Comte, ao procurar um movel que substituisse o extincto poder unificador dos sentimentos, quiz imitar os processos espontaneos da humanidade primitiva, e conhecendo que estava fechado o periodo das religiões *reveladas,* abriu um novo periodo, o da *religião demonstrada,* no qual o homem, pela comprehensão do seu passado historico e do futuro da especie, formaria uma moral nova e realisaria uma maior solidariedade. Porém uma vez elevada a consciencia ao regimen scientifico, é impossivel submetter-se ás convenções ritualisticas de qualquer religião; e portanto o movel da unidade social ha de ser procurado na propria natureza da sociedade. Os meios emprega-

dos pelas monarchias actuaes, isto é, uma energica centralisação administrativa, são insufficientes para manterem o vigor solidario de qualquer nacionalidade; os povos já se não levantam em massa para defenderem as suas fronteiras, e as provincias são indifferentes aos desastres da capital. Por isso mesmo que a autonomia de cada cantão se extingue diante de uma absorvente centralisação, é que as virtudes civicas se extinguem lentamente, correspondendo apenas pela força ao acto de pagar. Paga-se tudo quanto consistir em exigencia material, e mais nada. Esta resistencia accusa ainda no fundo a existencia do sentimento local; e esse sentimento, revivendo pelo *Federalismo,* é que hade outra vez ligar com vinculos organicos os diversos elementos nacionaes que hoje se desaggregam. Sem entrar n'este caminho, nunca mais a Hespanha póde sair da anarchia, porque a unidade catholico-dynastica é impotente; e a França não poderá garantir os seus progressos, sem esse equilibrio consciente. Tal é o futuro do *Federalismo;* phase espontanea das sociedades primitivas, é n'elle que iremos encontrar a base racional da moderna unificação de nacioalidades.

O phenomeno psychologico da *Consciencia* no individuo, tem um caracter mais vasto na especie quando ella sente a sua unidade collectiva; é a *Nacionalidade.* A physiologia explica hoje o phenomeno biologico da creação da consciencia individual; Luys apoia-se em factos apresentados por Muller, e corroborados por novas observações, pelas quaes se vê que a individualidade persiste como noção cerebral, mesmo quando uma parte d'essa individualidade foi separada do seu todo. Alguns operados, passados quinze e mais annos depois de terem soffrido o escalpello, ainda accusam em dados momentos dores locaes, que correspondem aos centros dos nervos periphericos extinctos, mas que se revelam como uma realidade em que se renova o sentimento da integridade do organismo individual.

No organismo social, como dissemos, a *consciencia* é conhecida pelo nome de *Nacionalidade;* ella está ligada a impressões profundas, de uma persistencia tenacissima, até ao ponto de já não existir nenhuma fórma material de nação, e ainda se conservar esse sentimento, como se vê com o Judeu. As impressões que perpetuam essa consciencia nacional são o objecto das tradições, são o thema da arte, são a dedicação altruista do civismo, por onde se revela a vida historica de um povo. Como individualidades, as nações têm periodos medios de existencia (sete seculos, segundo as statisticas de Que-

telet); têm uma caducidade com uma longa velhice esteril, como se viu nos ultimos seculos do Egypto; têm aptidões especiaes, como os Romanos e os Assyrios para as armas; finalmente têm doenças proprias, como a plica dos Polacos. A consciencia nacional varía segundo os elementos ethnicos que compõem a nação; assim ao elemento raça é que se deve subordinar o exame d'estas instituições que servem de expressão do sentimento autonomico da individualidade. Como grandes capitulos da futura Sociologia é que devem formar-se as sciencias concretas da Philologia, da Esthetica, das Religiões comparadas, da Archeologia, das Litteraturas, da Ethnologia, que se estudam ainda em uma estreita especialidade.

Partindo do ponto de vista real ou imaginario, que uma perfeita comprehensão do facto sociologico será um dia a norma dos governos, e que as instituições servirão para operarem a difficil equação entre a população e as subsistencias. nem por isso estava attingido o fim social; a velha phrase *Nec solo pane vivit homo,* explica bem o nosso pensamento. Ha um fim subjectivo que deve dirigir o movimento de todas as sociedades que pela somma de conhecimentos scientificos e de recursos industriaes souberam emancipar-se do imperio absorvente das necessidades, subordinando-as pela moral e satisfazendo-as n'esse limite pelo trabalho; ésse fim subjectivo é a consecussão da *egualdade,* fazendo-a penetrar na comprehensão do egual valor de todas as aptidões para a marcha progressiva da sociedade; fazendo-a actuar nos costumes pelo exercicio de todas as liberdades; tornando-a o ideal de todos os sentimentos, como estimulo de aperfeiçoamento, de abnegação altruista, e de resistencia nacional. O phenomeno da divisão do trabalho, embora scinda a sociedade em classes separadas, o aperfeiçoamento que d'elle resulta actúa sobre a facilidade dos productos como recursos, e por uma revelação intellectual produz a consciencia da unidade de cooperação; da mesma fórma a obra do genio impõe por seu turno um grande problema de desegualdade social, mas os resultados d'essa obra são sempre progressivos, e vem trazer o maior numero a um certo goso de que estava privado; assim estabelece tambem a egualdade sob uma outra fórma, pela educação. Taes são os iniciadores scientificos, os inventores, os artistas.

É pela realisação da *egualdade* no presente que sentiremos o grande estimulo da solidariedade humana, ou a egualdade no futuro; assim como a consecussão d'este fim social resultou da somma de progressos e sacrificios que herdámos do pas-

sado, importa que não os disfructemos esterilmente, mas que os transmittamos accumulados com as novas descobertas para as gerações que vierem, que são nossos filhos pelo sangue, nossos subordinados pelos costumes e instituições que lhes legamos, e nossos juizes perante a immortalidade da especie quando reagirem contra o pezo das fatalidades que lhes provieram de nós.

A egualdade social não póde ficar um simples phenomeno de consciencia individual; é necessario que se realise em factos exteriores, como toda a ideia que se revela pela sugestão de actos de vontade. A fórma concreta da egualdade social consiste no mutuo exercicio da *liberdade;* assim como os actos de vontade são manifestações normaes e reflexas de actos cerebraes, os actos de *liberdade* são egualmente motivados por um certo numero de noções que preponderam no meio social. Hoje o Direito é considerado como o exercicio da mutua liberdade, como a noção social que o determina. Tantas são as noções que dirigem a sociedade no seu equilibrio da ordem com o progresso, tantos são os actos correlativos, ou tantas são as *liberdades.* É preciso abandonar a entidade metaphysica que leva a allucinação; sob o ponto de vista concreto, podemos caracterisar a *liberdade* em tres cathegorias de actos, pela ordem como ellas se foram constituindo em noções sociaes: *Liberdade civil, liberdade politica,* e *liberdade philosophica.* A primeira estabeleceu-se espontaneamente nas sociedades; a segunda conquistou-se empiricamente, como meio de defeza dos objectos sobre que se exerce a liberdade civil; a terceira é resultante de uma comprehensão racional das condições progressivas da sociedade. Desde que o facto social se torna objecto de uma sciencia, a disciplina da liberdade fica subordinada á ordem racional; assim classificaremos todos os actos em que consiste a liberdade:

Liberdade philosophica *(instrumento)*	de consciencia » ensino » imprensa » cultos
Liberdade politica *(garantia)*	de eleição » representação » reunião » associação
Liberdade civil *(objecto)*	de propriedade » industria » trafico » contracto.

A *liberdade civil* é aquella que as sociedades melhor conhecem, e a que maiores violações tem recebido por causa do abandono da *liberdade politica* ao arbitrio ou á falsificação dos governos. É só pelo exercicio da *liberdade philosophica*, que as aspirações sociaes se converterão em opiniões, e que a sciencia virá, como um novo poder espiritual, a emancipar a sociedade do empirismo inconsciente dos que a governam.

Como uma sciencia que tem um principio positivo por base, a Sociologia na complexidade dos seus phenomenos, tambem se presta á *previsão;* basta os factos individuaes, apesar da sua origem voluntaria e consciente, serem na sua simultaneidade produzidos por forças fataes, para das condições do meio se deduzir previamente a sua manifestação. N'este ponto têm sido eloquentissimas as considerações statisticas da media da criminalidade em um paiz, da relação dos cazamentos com a producção dos cereaes, da mortalidade nas differentes edades e estados. Acima d'estas *previsões,* que deveriam dirigir a acção dos governos, e que são por assim dizer de natureza scientifica, existem outras *previsões* mais altas, que indicam qual a direcção que leva a evolução progressiva das sociedades humanas em um dado tempo. Terminaremos este esboço inductivo indicando algumas *previsões* na constituição sociologica, pela alteração que se está dando nas concepções pelas quaes se opéra todo o progresso humano. Segundo a lei de Comte, o progresso é determinado por noções *intellectuaes*, que se tornam effectivas nos costumes pela *moral,* e que actuam materialmente pela actividade *economica;* assim na anarchia mental, que caracterisa este momento actual da historia, vê-se como desponta já um começo de unanimidade de convicções baseadas no criterio das Sciencias e que a Philosophia positiva tem por fim synthetisar. Na anarchia moral, a sancção religiosa perde a efficacia nas consciencias, mas agita-nos o sentimento da solidariedade humana, sendo a concepção da Humanidade o movel dos mais profundos sacrificios altruistas. Na anarchia economica, o trabalho livre sendo a causa da maior perfeição do producto, a preponderancia do regimen industrial fará comprehender que para que a producção seja livre é necessario que a consummação seja fatal, isto é reduzida até onde as necessidades naturaes o exigem. Este fim ultimo realisado pela economia, com a cooperação da sciencia e da moral, condiz com a urgencia do conflicto social, facilitando a equação da população com a subsistencia, e libertando d'este emprego a maior somma das forças sociaes que serão applicadas para alcançarem um mais alto destino da especie.

III

Nas sociedades preponderam as forças de *conservação*, o aferro ao passado, a desconfiança pela novidade, o receio de mudanças, o desfavor pelas ideias novas, o temor do desconhecido; é esta tendencia regressiva que as instituições abusivas exploram, mantendo a multidão em um obscurantismo que a leva a sacrificar-se ao mal estar para não sair da estabilidade. O excesso de conservação, aggravando cada vez mais o mal estar social, insensivelmente se estabelece uma antinomia entre os actos e as ideias, uma dissidencia entre as consciencias e as instituições: estas firmando a ordem na força bruta, aquellas fortalecendo-se na unanimidade do protesto e das opiniões em que hão de assentar a concordia que procuram. Apesar d'esta agitação impulsiva, e das violencias repressivas, ha uma força que faz com que as sociedades progridam através das luctas dos interesses, máo grado a incoherencia das opiniões, no meio das contradicções do sentimento, de encontro aos retrocessores casuaes, arrastando comsigo as instituições atrazadas, fazendo com que todos cooperem para um fim commum, muitas vezes sem mesmo o comprehenderem. É esta força, que deriva da capacidade progressiva da nossa especie, e que a torna persistente, bem como o desenvolvimento individual resultante da edade e do regimen da educação; é esta força que nos leva para diante e que naturalmente se contrabalança com o instincto apathico da conservação. Na sua *Ideia de uma Historia universal,* Kant esboçou em principio esta força, com que os politicos não contam: «Os individuos e mesmo os povos não imaginam sequer, que entregando-se cada um ao seu proprio sentir, e muitas vezes luctando uns contra os outros, elles seguem, máo grado seu, como um fio conductor, o designio da natureza, que lhes é desconhecido, e concorrem para uma evolução, de que pouco se lhes daria, ainda que tivessem uma ideia d'ella.» Exemplifiquemos este principio importante com factos de qualquer instituição social: A egreja, na corrupção do seu periodo aristocratico, cooperou involuntariamente para a dissolução do centralismo ou unidade catholica pelo protestantismo; a Realeza, pela absorpção de todas as energias sociaes, fez com que os privilegios da desegualdade se destruissem na éra revolucionaria que fun-

dou a egualdade civil com a *Declaração dos Direitos do Homem.*

Vê-se portanto que esta força, analoga á synergia dos phenomenos biologicos, é a que na sociedade actua provocando as modificações profundas que destacam as epocas umas das outras. As transições de uma para outra epoca é que constituem a crise de perturbação, ou como diria Laffitte, o problema proposto pelos antecedentes sociaes. Facilitar essa transição, comprehender o seu destino, demolir o que é caduco, e fortalecer o que surge como uma aspiração geral, tornar evidente esse indefinido, taes são os modos como se revela a intervenção individual na sociedade; aquelle que póde exercer uma tal acção destaca-se da collectividade como um Grande Homem.

A complexidade e variabilidade incalculavel dos phenomenos que se passam no meio social exigem a necessidade constante da intervenção de vontades coordenadoras, mais ou menos conscientes, e por isso mesmo impulsoras ou retrogradas segundo a sua capacidade. Quem acompanhar nos differentes gráos da evolução humana esta necessidade pela qual os factos tendem a conformar-se com os principios, tem de procurar a acção consciente da vontade sobre o automatismo tradicional e consuetudinario, e para essa investigação todos os factos se agrupam por si mesmos em volta das altas individualidades que possuiram a intuição de uma intervenção opportuna. É o que se chamaria uma *Historia com nomes;* por este aspecto, em que a marcha da humanidade se synthetisa em um dado numero de individualidades, o estudo e a comprehensão dos Grandes Homens fórma um capitulo essencial da Sociologia, em volta dos quaes se agrupam os phenomenos dynamicos por uma coordenação racional, e d'onde se póde extrair uma applicação pratica, porém ainda hoje profundamente ignorada: Porque modo se póde exercer a intervenção individual na marcha da sociedade? A vida dos Grandes Homens, que mereceram o nome de grandes por isso mesmo que actuaram sobre o meio social e o modificaram segundo a consequencia dos antecedentes impulsivos, contém os elementos para a resolução d'este problema, cuja importancia para o progresso humano é de um alcance incalculavel. Porque é que, apesar do seu extraordinario poder, o imperador Juliano não conseguiu embaraçar a dissolução do polytheismo greco-romano, e difficultar o predominio do christianismo universalista? Porque é que o imperador José II, possuido do mais louvavel desejo de reformas radicaes, não

pôde pôr em pratica as doutrinas philosophicas dos Encyclopedistas e foi victima das suas utopias? Um, contou com as forças staticas de *conservação*, mas foi vencido pela evolução progressiva, essa força caracterisada por Kant; o outro, contou sómente com a tendencia da progressão social, e succumbiu na lucta contra o instincto irreflectido do conservantismo. O mesmo se deu com Napoleão I, lançando a Europa em um systema criminoso de retrogradação, mas não conseguindo, apesar de todas as violencias e perturbações de uma desvairada acção negativa, desviar o seculo XIX do caminho da realisação da liberdade restabelecendo os principios de 1789.

Existe um movimento proprio dos agregados humanos, isto é, na sua collectividade indistincta, que progride apesar de todas as perturbações individuaes, e que por isso mesmo convém estudar na sua espontaneidade e automatismo; esta ideia, seguida por Buckle, por Bastiat e Quetelet, na investigação restricta da historia, da economia politica e da statistica, serviu para Augusto Comte de determinação da base de uma physica social, como a primeira lei scientifica da Sociologia. A evolução natural das sociedades na creação das suas fórmas de nacionalidade, propriedade, religiões, industrias, linguas, litteraturas, arte, moral, faz-se de um modo inconsciente, irreflectido, espontaneo; é uma grande força desconhecida, de que ninguem se sabe apropriar ainda, e que só casualmente ou accidentalmente é que algumas individualidades proeminentes poderam aproveitar-lhe a expansão. Essas creações são a somma dos antecedentes sociaes; esta é que é a força mysteriosa que precisa ser comprehendida, e aquelle que coadjuvou as transições historicas seguindo esse impulso exerceu uma acção positiva. Ainda hoje se glorifica nos pantheons como Grandes Homens sêres que se distinguiram por uma agitação sem plano, por uma actividade em contradicção com as ideias, ou por ideias em desaccordo com os antecedentes sociaes. Seguir os Grandes Homens na sua acção positiva é aproximarmo-nos do conhecimento d'essa força latente das sociedades, pondo-a ao serviço de uma transição facil, de uma transformação voluntaria e de um progresso consciente capaz de ser previsto. Sem este ponto de vista, o grande homem é um mytho, uma personificação abstracta, ou um fetiche monstruoso, que em vez de nos elevar pelo exemplo moral da conformidade dos actos com as ideias, serve só para nos deslumbrar pelo perstigio esteril e para nos vincular a uma invencivel mediocridade. O reconhecimento da necessidade social da intervenção das individualidades pre-

ponderantes, manifesta-se no instincto popular pelos *eponymos,* os nomes que synthetisam epocas, tendencia que veiu a degenerar no servilismo d'esses titulos como *seculo de Pericles, seculo de Augusto, seculo de Luiz* XIV, representando todos os progressos sociaes como consequencia de um poder individual. Desde os tempos mais remotos, em que os grandes homens eram deificados, até á éra da positividade mental, em que começam a receber a commemoração sociolatrica dos Centenarios nacionaes, houve sempre o conhecimento de uma intervenção individual, explicada segundo os estados da mentalidade humana. Em uma epoca *theologica* o grande homem é um semi-deus, porque a sua acção só póde ser concebida como um poder extranho ao homem, derivando immediatamente da divindade omnipotente; em uma epoca *metaphysica,* elle é a incarnação transitoria dos principios eternos, nada vale por si, mas sim como mediador das aspirações de uma sociedade que lhe insufla as suas tendencias para vir a realisar as transformações presentidas. Porém em uma epoca *positiva,* em que se conhece uma psychologia fundada nos factos experimentaes da physiologia, e em que uma mais clara comprehensão da historia nos completou o conhecimento da continuidade humana e a orientação dos antecedentes sociaes, o grande homem é aquelle que pela capacidade das previsões sociologicas intervem opportunamente na transição de uma nova synthese social, quer nas fórmas da actividade de um povo, da affectividade ou da mentalidade.

O facto da intervenção individual na marcha da sociedade está historiado no modo como o Grande Homem foi comprehendido em cada uma d'estas tres epocas, a que Augusto Comte chama *os tres Estados.* Nas epocas em que preponderava a ideia religiosa, como synthese affectiva, o Grande Homem era objecto de um culto: o saber, ou a força do heroe na vida guerreira da synthese activa, eram dons especiaes da divindade, se não incarnações d'ella. O poeta, o guerreiro, o legislador possuiam-se de um furor divino. Na civilisação vedica, os *Rishi* são uns sêres mythicos, analogos aos Santos medievaes, os quaes iniciaram a linguagem e o poder dos hymnos; são em numero de sete como os *sete Sabios da Grecia.* Entre os Semitas nota-se a mesma concepção. No Genesis, e portanto em um documento que reflecte as ideias e crenças da civilisação chaldeo-babylonica, os Grandes Homens são o producto do cruzamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens: «depois que os Filhos de Deus vieram para as filhas dos homens, e que ellas tiveram filhos, *estes fo-*

ram os heroes, (Gibborim) *que pertencem á antiguidade, homens de fama.*» (Cap. IV, *v.* 4.) Ha aqui uma heterogenia como causa da qualidade de Grande Homem, porque segundo os commentarios modernos, os Filhos de Deus representam o facto antropologico de uma raça superior ou mesmo uma aristocracia: *Filho da terra*, (Miautze) designa os autochtones da China, contrapondo-se a *Filho do Céo,* ou a raça invasora dominante, o que nos explica a concepção semita do versiculo do Genesis.

A antiguidade era tambem uma fórma da sancção moral, e por isso, segundo a crença de uma perfeição primitiva, a antiguidade e a fama são a consagração do heroe. Diz Hesiodo, que especulou sobre as tradições hellenicas: «*A fama* que numerosos povos espalham ao longe, nunca se extingue completamente; *ella por si tambem é uma divindade.*» Platão seguia a mesma ideia, proveniente do fundo semita que se misturou com as tradições da Grecia: «Os heroes são semideuses, porque são nascidos do amor de um deus por uma mortal ou de uma deusa por um mortal.»

D'esta concepção primitiva dos povos nasceu o habito de fazer a apotheose dos poderosos, dos triumphadores, como Alexandre, que se inculcava por filho de Jupiter, ou os Imperadores romanos sempre contados *inter divos;* ainda no seculo XIX Napoleão I maldizia o estado do espirito publico, porque depois de tantas batalhas sanguinarias já se não podia declarar como filho do Padre Eterno. O tremendo cannibal pretendia o perstigio divino, quando dizia: «Eu marcho acompanhado pelo deus da fortuna e pelo deus da guerra.» Apesar do grande criminoso da historia reconhecer que se entrava em uma epoca de positividade mental, porque «os povos tinham os olhos bastante abertos», difficultou o advento da nova synthese especulativa, fazendo retrogradar a Europa ao regimen das guerras de devastação e de conquista. É este o typo negativo completo do grande homem.

O pensamento de Evehmero explicando os deuses da antiguidade como grandes homens divinisados, tem um certo viso de realidade, embora não sirva para a interpretação das theogonias. A força, o saber, o genio artistico e industrial consideravam-se como manifestações dos attributos divinos: a fórmula absolutista *Omnis potestas a Deo,* está implicita na designação do *Despota* (*Divaspati,* o senhor do céo); o saber era uma insuflação das Musas; a capacidade artistica pertencia aos Cabiras, aos demiurgos Hephaestos ou Prometheo. Nos fragmentos de Sanchoniaton, aquelle que pela pri-

meira vez fabricou as cabanas de juncos e cannas era um sêr divino Hypsioranios. Usôos inventa as vestimentas de pelles, e os remos: «E quando elles foram mortos, os que lhes sobreviveram levantaram-lhes cippos, *a que prestaram culto,* e instituiram festas que se celebravam cada anno.»

Outros sêres divinos, como Ced, que inventou a caça, inventaram os muros das cidades feitos de tijolo, as ervas medicinaes, as imprecações, as letras do alphabeto, e as leis escriptas, como Manu e Orpheo. A lei de continuidade historica não era conhecida, e por isso os grandes phenomenos sociaes consideravam-se como maravilhosos, attribuindo a uma revelação divina o que era apenas a accumulação de um concurso successivo.

No *estado metaphysico,* em que se attribuíam os phenomenos sociaes a forças immanentes ou transcendentes, o Grande Homem era o instrumento passivo de um destino, obedecia a uma vocação com que ainda se caracterisa os iniciadores; achava-se por isso acima da humanidade. Nas transformações de uma epoca, as sociedades agitavam-se á espera de que surgisse um mediador para dar realidade á sua aspiração, ou dar expressão a essa anciedade. Comprehende-se como a metaphysica dos gregos creou um *messianismo* mithriaco e christão, typo ideal que veiu falsificar a noção da intervenção individual na marcha da sociedade. A concepção dos modernos metaphysicos sobre os caracteristicos do Grande Homem deriva de uma historia aprioristica e de uma psychologia innatista completamente separada dos antecedentes biologicos e das circumstancias actuaes. O hegeliano Baur considerava a historia como a successão de uma fatalidade, e portanto a intervenção individual como uma consequencia imposta pela urgencia do momento; assim para elle, se Carlos Magno não apparecesse, se um Gregorio VII não fosse elevado ao pontificado, nem por isso a omissão historica de cada um deixaria de ser cumprida, sendo inevitavelmente supprida por outros. Hegel considerava a historia como a ideia immanente nos factos, desvendando-se pelos acontecimentos, por uma fatalidade divina, que outros metaphysicos denominam plano providencial, e como tal fóra do julgamento do nosso criterio moral, arrastando o homem na sua corrente incomprehensivel como instrumento inconsciente da sua exteriorisação. O Grande Homem torna-se a expressão das tendencias indefinidas da multidão obscura, e esta relação de passividade é que faz sympathico o vulto que a multidão adora, glorifica ou immortalisa como o seu representante. Aqui a superioridade do

Grande Homem não deriva do seu individualismo nem da propria consciencia ou liberdade, mas da prompta submissão á exigencia de um destino, feita com esse abandono de si proprio como um sacrificio. Nas crenças antigas o *heroe* significa o morto; é assim a fatalidade do hegelianismo, em que o Grande Homem deixa até de ter responsabilidade moral, esse limitado criterio subjectivo incompativel com a comprehensão do que é objectivo e real como a historia. A theoria de Hegel é a justificação do facto consummado, e como tal acceita por todos os poderes abusivos que, como acontece na Allemanha, procuram impedir o exame das manifestações da auctoridade.

Em Saint-Simon apparece tambem o optimismo historico, mas com o aspecto scientifico da evolução dos phenomenos sociaes e do encadeamento seriario dos factos para assim estabelecer a transição de uma para outra epoca.

No estabelecimento da continuidade historica, a aprovação ou a censura dos factos deve ser eliminada como inutil, em quanto o criterio moral d'esse julgamento se não derivar do conhecimento da mesma continuidade: o Grande Homem é o que facilita as transições de uma para outra epoca da humanidade nas suas transformações constantes, tornando-as por qualquer fórma progressivas. N'esta doutrina presentida por Saint-Simon, estava o germen da theoria positiva, por que tem uma base moral na relação da solidariedade humana, e no facto scientifico da marcha historica a rasão de ser da intervenção individual consciente.

A doutrina de Hegel propagada em França em 1828 por Cousin, com a abundancia do seu estylo rethorico, impoz-se facilmente pela improvisação litteraria como thema vago de uma philosophia official da Universidade, prompta pelo seu optimismo a justificar como planos providenciaes todos os absurdos da Pedantocracia, que com um regimen de embustes liberaes sob a Restauração acobertou o absolutismo com as fórmulas parlamentares. Depois de se ter feito a apotheose dos tribunos, com o poder da trombeta de Oberon para levantar as multidões, seguiu-se o negativismo metaphysico consignado na phrase: «Os principios são tudo, e os homens nada.» Esta eliminação da individualidade humana é irracional, porque os principios não são senão as deducções que os espiritos superiores tiram dos antecedentes historicos da humanidade. Da mesma fórma as descobertas maravilhosas são sempre a resultante de uma accumulação de tentativas anteriores.

Os caracteres psychologicos do Grande Homem devem

coincidir na sua proeminencia com a tendencia geral de uma sociedade ou de uma epoca, de que elles são o impulso coordenador. As sociedades exercem-se, actuam e reagem pela somma das capacidades individuaes; a psychologia do homem explica a psychologia da collectividade, e até da humanidade inteira. Pelo exame physiologico do nosso organismo se vê, que as funcções de relação se subordinam a tres fócos ou centros nervosos: os que dirigem os movimentos, os que elaboram as sensações visceraes, e os que relacionam as percepções intellectivas. Os psychologistas acceitaram esta observação fundamental, repetindo a mesma divisão physiologica na *vontade,* ou reacção motriz, no *sentimento* ou passividade sensorial, e na *intelligencia* ou relação dos dados objectivos com as noções subjectivas.

Cada uma d'estas faculdades, além da sua intima solidariedade, e das mutuas perturbações a que estão sujeitas, tem precocidades e exclusivismos, segundo a edade dos individuos, a sexualidade, a educação e o meio social. Podemos agora considerar a sociedade, ou mesmo a Humanidade como um sêr moral, e toda a sua evolução historica se subordina a essas trez cathegorias psychologicas; ao exercicio das funcções do movimento, da animalidade e das epocas primordiaes, chamou Comte a *Synthese activa;* á subordinação dos actos aos sentimentos ou emoções determinantes, chamou a *Synthese affectiva;* á intervenção das ideias na determinação dos actos, e da submissão das paixões ás opiniões racionaes, deu-lhe o nome de *Synthese especulativa.*

É admiravel esta concordancia entre os phenomenos psychologicos e os sociologicos. A Historia da humanidade acha-se implicita na successão d'estas tres syntheses attingidas pela somma dos progressos individuaes. No periodo de actividade o homem começou pela ferocidade destructiva, disciplinada em uma epoca de organisação militar, primeiramente de devastação e depois de defeza. Que seculos não foi preciso para aproveitar esta capacidade organica no trabalho util, de sorte que a Synthese activa em vez de hostil fosse pacifica, tornando-se de militar em industrial! Não custou menos tempo a subordinar as paixões egoistas ao sacrificio por outrem, primeiramente pela familia, depois pela patria e por fim pela especie em geral. A *Synthese affectiva* teve de basear-se no temor religioso, até deduzir dos costumes a sancção moral e a sua universalisação pela fórma esthetica. O periodo da *Synthese especulativa* começou quando a sociedade se aproveitou dos resultados theoricos de qualquer sciencia, e só será de-

finitivo quando o criterio philosophico reorganisar o poder temporal e espiritual sobre a competencia e especialisação do regimen pratico e theorico. Tal é a tendencia dos espiritos, de que o Positivismo é o symptoma mais evidente, trabalhando para o advento d'esse estado normal da Humanidade. Conhecida esta progressão historica, que tem de ser simultanea, cooperando conjunctamente todas as tres syntheses para a elevação consciente e definitiva da humanidade, está achada a theoria e a classificação das caracteristicas do Grande Homem, bem como as fórmas da sua intervenção social. Por este meio conhecemos quaes aquellas actividades perturbadoras, quaes os sentimentos egoistas, quaes os subjectivismos estereis, que caracterisam individualidades proclamadas e consagradas na historia erudita, mas que devem ser systematicamente esquecidas por não terem tido a intuição da finalidade social. Resumiremos as nossas ideias no seguinte schema:

THEORIA DOS GRANDES HOMENS

I. SYNTHESE ACTIVA	*Militar*	Alexandre, Cesar, Carlos Magno
	Industrial	Colombo, Watt, Fulton
II. SYNTHESE AFFECTIVA	*Religiosa* e *militar*	Sam Paulo, Sam Luiz, Sam Francisco, Nun'alvres, Joanna d'Arc
	Moral e *esthetica*	Virgilio, Dante, Petrarcha, Miguel Angelo, Camões
III. SYNTHESE ESPECULATIVA	*Scientifica* ou *objectiva*	Aristoteles, Hipparco, Galileu, Laplace, Lagrange, Newton
	Philosophica ou *subjectiva*	Bacon, Descartes, Hume, Kant, Diderot, Comte, Spencer

Segundo Pierre Laffite «grande homem é aquelle que resolve um problema importante proposto pela série dos antecedentes sociaes.» Os problemas mais importantes são effectivamente as transições de uma para outra epoca, que os antecedentes sociaes impõem, e que a incerteza do futuro demora prolongando o mal estar do presente. Na synthese activa da Humanidade, as individualidades que operaram a transição da guerra de devastação para a guerra defensiva, preparando o predominio da actividade industrial, esses são na realidade Grandes Homens. Os que fizeram prevalecer o sentimento religioso, e consequentemente o poder espiritual sobre o arbitrio irresponsavel dos chefes temporaes, prepararam os meios com que outros espiritos, separando entre si os dois poderes, fundaram a synthese affectiva na sancção moral; é esta outra importante categoria de Grandes Homens. Por fim, os individuos que fizeram prevalecer o regimen das ideias sobre o prestigio das ficções, substituindo as concepções theologicas pela objectividade positiva, esses lançaram os germens da unanimidade nos espiritos, e resolveram o problema da transição da existencia empirica das sociedades para o seu periodo consciente. Por estas caracteristicas reconhece-se o Grande Homem mesmo que não tenha estatuas nas praças; basta que elle tenha trabalhado, amado ou pensado com um intuito social. Assim como é imprescindivel esta consideração da dependencia social para avaliar o homem, tambem a individualidade organica e a moral são um criterio necessario para julgar a sua acção.

Uma maior communicação social provoca uma maior troca de sentimentos, de ideias e por isso uma multiplicação de forças pela collaboração de todas as capacidades. Diz Bastiat: «Quando muitos homens communicam entre si, aquillo que um d'elles observou é immediatamente conhecido pelos outros todos, e basta que entre elles se encontre um bastante engenhoso, para que descobertas preciosas se tornem promptamente do dominio de todos.» Por este facto Bastiat foi levado á demonstração da lei economica — que no estado social, as nossas faculdades ultrapassam as nossas necessidades. Nas sociedades antigas, o regimen das castas e o isolamento das classes embaraçavam o phenomeno da selecção, e o nivel geral das populações era o de uma rasa mediocridade; do moderno proletariado é que tem saido todas as forças vivas da civilisação europêa, reveladas na actividade industrial, scientifica, artistica e moral. Se para o mundo antigo o Grande Homem era um sêr maravilhoso, objecto de adoração, na éra

da positividade moderna é um phenomeno normal, sem perstigio, consequencia do duplo effeito da selecção biologica e da continuidade historica. De Candolle, Wildmeister, e Paul Jacoby mostram como as familias confinadas em um parentesco restricto caem na imbecilidade, na epilepsia, nas nevropathias e na devassidão, como as familias dynasticas e aristocraticas que se extinguem por uma fatalidade organica; pelo contrario, o proletariado vem a proponderar na civilisação por effeito da selecção variada, produzindo ás manifestações da moralidade na familia, do talento na industria, e da intelligencia que se impõe pela competencia no regimen da democracia.

A complexidade do trabalho leva a dividil-o, como se observa na natureza organica, em que á medida que os organismos são mais elevados se estabelece a especialisação das funcções. D'aqui resulta uma maior perfeição funccional e um desenvolvimento de aptidões adquiridas, que se transmittem pelo typo morphologico e pela hereditariedade. Quanto mais uma sociedade progride, tanto mais se estabelecem as differenças nas actividades, destacando-se as funcções activas das emocionaes e das especulativas; as civilisações primitivas desenvolveram-se á custa d'esta desegualdade social pela hereditariedade das profissões, conservada nos pontifices e nas jurandas da Edade media; a hereditariedade affectiva é já um phenomeno psychologico, como se observa nas familias dos pintores e nos musicos, em Raphael e Sebastião Bach; existem familias de mathematicos, de astronomos como os Herschel e os Bernouilli, de zoologistas como os Geoffroy, e de botanicos como os Jussieu, e tantos outros exemplos da transmissão das capacidades especulativas. Comte observou esta consequencia da civilisação estabelecendo as desegualdades sociaes, porém ao mesmo tempo destruindo as distincções futuras, como as castas, as classes, os titulos nobiliarchicos de convenção, e tantas outras differenças que embaraçaram o concurso simultaneo. A desigualdade social deriva da complexidade dos esforços para a civilisação, que por seu turno produz o grande facto de unificação politica da *egualdade perante a lei*, sobre que assenta a ordem moderna. Manifestando-se como uma desigualdade social, o Grande Homem exerce uma missão profundamente egualitaria nos seus effeitos; emquanto as desigualdades exteriores das classes theocraticas e aristocraticas são ferozmente egoistas, a desigualdade do talento coopéra para a unificação social consciente pelo modo que menos perturbações produz, o impulso das

ideias, a unanimidade das opiniões, a coordenação das vontades. É por este modo que se caracterisa a acção do Grande Homem, visando a uma synthese, muitas vezes desconhecida pelo seu tempo, porque os effeitos, em sociologia, por isso que são complicados não podem ser immediatos. Exemplifiquemos com Descartes; Mahaffi, referindo-se á influencia que elle exerceu pelo seu *Discurso sobre o Methodo,* diz: «O seu *Methodo* manifestou-se com um cortejo brilhante de descobertas mathematicas, trazendo a solução de problemas superiores ao alcance dos espiritos ordinarios.» Aqui vêmos como essa enorme desigualdade de um genio, cujo nome synthetisa a historia do pensamento especulativo do seculo XVII, foi ao mesmo tempo o elevador das capacidades vulgares.

São os factos d'esta ordem que nos revelam o modo da intervenção individual na marcha das sociedades humanas. As sociedades movem-se por necessidades e interesses, instinctos e sentimentos, ideias e opiniões; todo aquelle que puder determinar o modo mais facil da transição de um para outro d'estes factores, ou harmonisal-os entre si, esse possue o segredo da força que dá a supremacia a uma raça, que unifica uma nacionalidade, que funda uma nova civilisação. O Grande Homem, como instituidor na synthese activa, como poeta, artista ou martyr de uma aspiração, na synthese affectiva, como sabio e philosopho na synthese especulativa, transforma sem ruido, emquanto os actos materiaes dos guerreiros e dos despotas cáem na impotencia. Imprimindo todo o esforço da sua superioridade sobre um acto, sobre um sentimento ou sobre uma ideia, muitas vezes além da realidade, esse esforço torna-se um ideal que deslumbra. Uma grande vida, disse Alfred Vigny em um bello verso, é um pensamento da mocidade realisado na edade madura. Eis a divisa natural de todos os Grandes Homens; esse pensamento, pelo proprio effeito da ingenuidade adolescente, sem decepções, sem contrastes, pela continuidade subjectiva torna-se um ideal, um motivo perpetuo de acção: o *bem* na moral, a *justiça* no direito, o *bello* na arte, a *verdade* na sciencia, a *liberdade* na politica, pertencem a essa cathegoria de acções ideaes definidas pelas altas individualidades que fizeram dos nossos interesses, emoções e ideias syntheses geraes que são para nós as grandes epocas da historia. Ranke definindo o caracter de Pericles, que synthetisa a civilisação atheniense, diz: «No meio das mais vastas emprezas, sua alma visava sempre ao ideal e ao bello.» E retratando Alcibiades: «é um exemplo deslumbrante da parte que a vontade e o acaso têm no des-

tino humano.» Esta parte do acaso é um factor ainda não considerado; póde descriminar-se em um accidente biologico, como o que distingue um genio n'uma familia de mediocres, ou como uma resultante social que determina a intervenção immediata da individualidade, que nunca se revelaria sem essa circumstancia historica. Do primeiro caso tomemos para exemplo o vulto extraordinario de Descartes: «Novo exemplo d'esta lei mysteriosa da producção do genio, que em uma serie de filhos ordinarios, nascidos de paes ordinarios, escolheu um de preferencia a todos os outros, e faz que perguntemos com assombro, que subtil combinação, que combinação momentanea nas condições physicas pôde produzir um tão maravilhoso phenomeno? Pouco importa, ao que parece, que elle seja mais velho ou mais novo, ou um dos intermedios; a força ou a fraqueza physica da criança, a intelligencia ou a profissão dos paes não parece menos indifferente. A descoberta d'este segredo poderia sem dúvida mudar a historia futura da humanidade. Por ora é-nos forçoso esperar que um accidente, ou ao menos o que nos parece tal, produza um genio como Descartes, Newton ou Kant.»[1] Vemos o genio no homem herculeo, como Leonardo de Vinci, ou no valetudinario como Spinosa; vemos a liberdade do pensamento no discipulo dos jesuitas, como em Voltaire ou d'Alembert, e em geral a falta de descendencia nos homens de genio, como Camões, ou os filhos mediocres, como em Dante ou Cromwel. Todos estes factos extremos se explicam pela selecção natural; cada homem de genio, como notam Renan e Jacoby, é um capital accumulado de muitas gerações representado em um homem, da mesma fórma que os traços physionomicos e os pigmentos se accumulam accidentalmente em um individuo; mas esta accumulação por isso que é fortuita, não se transmitte de um modo directo, mas pela acção reflexa de ideias postas em circulação; e o que é natural, é que esse excesso de accumulação de energia volte ás condições normaes pela mortalidade, ou que ultrapassando o justo equilibrio da organisação caia na degeneração ou passe para uma manifestação pathologica da allucinação e da loucura. É sobre tudo n'esta classe que se agrupam os grandes talentos militares da devastação e da violencia. Ranke, traçando o caracter de Alexandre, diz: «unia ás ideias hellenicas *a força da phantasia*. Alexandre é do pequeno numero d'aquelles homens

[1] Mahaffy, op. cit.

cuja biographia se confunde com a historia do mundo.» Considerado em si, Alexandre era um allucinado; sem o apoio pratico das ideias hellenicas, isto é, da supremacia do Occidente como centro da civilisação humana, teria sido um monstro como qualquer despota da Persia. É o instincto d'esta relação opportuna da noção ideal com a aspiração social o que melhor caracterisa o Grande Homem como orgão por meio do qual se estabelece a solidariedade humana. O estudo dos grandes typos da humanidade exerce uma poderosa influencia na elevação do caracter, por essa tendencia automatica que actua no maior numero pela forma da imitação. O livro do philosopho Plutarcho da *Vida dos homens illustres,* inspirando a concepção de uma grande parte dos caracteres de Shakespeare, tambem apresentou vultos de uma notavel altura moral aos homens superiores dos seculos XVI e XVII, que procuravam reproduzir as suas qualidades eminentes. Em quanto a vida de Jesus foi o ideal da *imitação,* a sociedade medieval reproduzia essa tristeza allucinada, no isolamento ascetico e na preoccupação exclusiva da morte; com a Renascença o livro de Plutarcho trouxe ao conhecimento dos homens cultos e de acção os typos de heroes e instituidores da sociedade antiga, que vieram a influenciar directamente na elevação do caracter civico dos homens que fundaram a civilisação moderna. Porém, os estudos biographicos dos Grandes Homens foram encetados com o limitado criterio do ponto de vista moral; esses brilhantes phenomenos de heterogenia psychologica assumem uma importancia fundamental nos modernos trabalhos antropologicos em que se determina o desenvolvimento evolutivo da razão, a sua dependencia da passividade sensorial e o seu accordo sublime na vontade, manifestado nos estadios da civilisação humana. A biographia é sempre a consideração de uma dada epoca historica pela relação do individuo com o seu meio social. Cada litteratura deve cooperar com a arte para a organisação de um Plutarcho nacional; é assim que se póde levar uma sociedade a interessar-se pela sua historia, e a conhecer as condições em que póde confiar a um homem o seu destino. A Historia compete, ao estabelecer a continuidade e encadeamento dos factos, o descriminar a intervenção individual na marcha das sociedades, sobre tudo para chegar á determinação de um elemento consciente na realisação da liberdade. Só assim é que será verdadeira a idealisação do Grande Homem destinada a ser o movel constante de uma synthese affectiva.

CAPITULO III

THEORIA DO CONCURSO SUCCESSIVO

(Estabelecimento da Continuidade historica)

A Historia como fórma de consciencia: I. Classificação das Civilisações segundo os caracteres das raças: Raça amarella, ou *activa* (Accadios, Turanianos, Chinezes, Kmers, Peruanos, Mexicanos); Raça negroide ou *affectiva* (Kuschitas e Kuschito-Semitas); Raças brancas, ou *especulativas* (Semitas, Arias e Indo-Europeus). — Desenvolvimento da organisação social, segundo os elementos naturaes do Familismo *(tribu)* ou do Cantonalismo *(cidade)*. Cooperação successiva da Sociedade grega, romana e germanica na Civilisação occidental. — II. A marcha da civilisação europêa em relação ao destino da Civilisação occidental deduzida da situação e acção mesologica. — A doutrina politica dos pequenos Estados. — III. A politica individual perturbando a marcha da Europa pela tradição imperialista. — O regimen da força e da incorporação militar: Alexandre, Cesar, Carlos Magno. — O universalismo religioso, ou o poder espiritual em conflicto com o poder temporal. As duas correntes de unificação europêa: *Catholicismo* (Innocencio III, Gregorio VII, Bonifacio VIII, Dominicanos e Jesuitas) e *Monarchia* (Carlos V, Richelieu, Napoleão). — A dissolução catholico-feudal *(Heresias* e *Revoluções politicas)* e a crise violenta do Negativismo contra o Sacerdocio (Voltaire) e contra o Imperio (Rousseau) — A Pedantocracia prolonga o negativismo na fórma parlamentar, e na retrogração ultramontana. — As novas concepções positivas e a systematisação da Sociologia.

Para descobrir a invariabilidade das leis naturaes em qualquer ordem de phenomenos, é preciso agrupal-os em serie inductiva, sendo a previsão final que caracterisa o conhecimento scientifico a consequencia d'essa evidente invariabilidade. Como converter os phenomenos sociaes em objecto de uma sciencia, senão agrupando-os inductivamente por um processo descriptivo? Esse processo consiste na compilação de factos passados no meio social e praticados por sêres racionaes com um intuito voluntario; e como os phenomenos são extremamente complexos, variaveis e muitas vezes motivados por causas accidentaes, não basta compilarmos as observações de factos passados nas sociedades actuaes é necessario completal-os com os documentos que nos ficaram de outras epocas. É isto propriamente a Historia, que póde ser definida como uma Sociologia descriptiva. No meio da extrema complexidade dos phenomenos sociaes, a primeira condição

para uma boa inducção historica é procurar através d'essa variedade incalculavel de factos a successão ininterrupta, de modo que cada consequente seja esclarecido pelo seu antecedente. A concepção de uma lei de *continuidade* nos factos sociaes é já uma elevação do criterio philosophico, que por via de uma necessidade de methodo se acha conduzido á investigação de um ponto de *vista de conjuncto*. É assim que pela somma dos dados descriptivos da historia particular de cada civilisação ou de cada povo, se chegou a esboçar tentativas de *Historia universal*. Ranke exprime-se com clareza explicando a sua tentativa de uma obra d'esta natureza: «O fim do historiador que emprehende uma historia universal é descobrir o *encadeamento dos factos*, seguir a marcha dos grandes acontecimentos que unem e dominam todos os povos. — A historia universal degeneraria em phantasias e em raciocinios philosophicos se ella deixasse completamente o solido terreno das historias particulares, mas é-lhe egualmente interdito o fechar-se n'ellas. — A historia da humanidade manifesta-se na das nações. Ha uma vida historica que circula de uma nação para outra, de um para outro grupo de povos.»[1] As grandes descobertas sobre o passado ante-historico do homem, as suas migrações sobre o globo indicadas pelos monumentos archeologicos, pelos estudos antropologicos e ethnologicos, e a exploração de civilisações extinctas como a accádica, a kmer, a peruana, mexicana e egypcia, vieram coadjuvar no nosso seculo o processo critico do encadeamento dos factos e portanto o estabelecimento da continuidade historica. Por outro lado a continuidade de civilisações que mutuamente se communicaram, e que transmittiram para diante os seus progressos, levando-nos a estudal-as em conjuncto deixa em evidencia a grande conclusão de que existe uma corrente de desenvolvimento a que obedeceram, e que esse é o espirito que tem de ser definido pela Historia. É no grupo das civilisações mais elevadas que se deve procurar o ponto de vista de conjuncto, e ver se no concurso activo para a elevação da especie essas civilisações trabalharam inconscientemente, ou se o conhecimento da sua mutua solidariedade influiu no exercicio das suas energias. Augusto Comte, que converteu a historia em elemento concreto da Sociologia, concebeu com lucidez este duplo ponto de vista do encadeamento ou *continuidade* dos factos, e da comprehensão do *conjuncto* pelas

---

[1] *Hist. universal*, t. I, p. VII e VIII.

expressões nitidas de theoria do concurso successivo e theoria do concurso simultaneo. Discipulo de Condorcet, é crivel que do *Quadro dos progressos do espirito humano* recebesse esta noção fundamental que reorganisa a historia. Diz Condorcet: «Se existe uma sciencia capaz de *prevêr* os progressos da especie humana, de os dirigir e de os accelerar, a Historia dos progressos realisados pela humanidade deve ser a sua base fundamental.» De pouco vale aqui a erudição particularista; a somma dos elementos para uma simples inducção material é tão grande, que para satisfazer a missão de historiador torna se indispensavel o regimen da educação mental encyclopedica subordinado a uma convergencia philosophica. O eminente geologo Lyell, pelo criterio physicista chegou aos mesmos resultados de Comte; diz elle, caracterisando esses elementos inductivos da historia: «Um historiador deveria, se possivel fosse, ser conjunctamente versado na Ethica, na Politica, na Jurisprudencia, na Arte militar e na Theologia; em uma palavra, em todos os ramos do saber que são proprios para instruil-o sobre a natureza intellectual e moral do homem.»[1] Este encyclopedismo, ainda no seculo XVIII deploravelmente dispersivo, e servindo para acobertar a superficialidade intellectual, pela disciplina da philosophia positiva tornou-se essencial para corrigir as especialidades absorventes que paralisam as maiores capacidades, como os geometras e os zoologistas. Essa educação encyclopedica subordinada á hierarchia das sciencias, visa a fornecer os dados objectivos para que se forme no espirito um seguro criterio philosophico. O historiador tem de ser um philosopho, como o reconhece Ranke e como o proclama o illustre Condorcet: «A philosophia nada tem a adivinhar, nem mais hypotheses a formar; basta approximar, coordenar os factos e mostrar as verdades uteis que nascem do seu *encadeamento* e do seu *conjuncto*.» As verdades resultantes da applicação d'estes dois processos são os elementos sobre que se estabelecem as conclusões sociologicas. A Historia redigida com esta segurança e destino scientifico torna-se uma nova fórma e uma sublime manifestação da consciencia humana. Como aquelle que pelo espaço percorrido infere do logar em que se acha, assim pelo percurso da historia o homem tomando consciencia de um desenvolvimento successivo do passado, chega á consideração dos meios que melhor podem accelerar o regimen definitivo da sociedade.

A continuidade historica torna-se evidente sobretudo no

[1] *Principios de Geologia*, t. I, cap I.

grupo das Civilisações occidentaes; o Egypto é o primeiro fóco d'onde a cultura industrial e moral irradia para os povos Arameanos, Phenicios e Judeus, e para a Grecia; a Grecia transmitte esse impulso aos povos italicos, e os Romanos operam a incorporação das Gallias, da Iberia, da Bretanha e da Germania á unidade politica que preparou o advento das nacionalidades modernas da Europa. Em nenhum outro ponto do globo e em nenhum outro grupo de civilisações se observa uma continuidade tão manifesta; este concurso successivo produziu a grande Civilisação occidental, que das orlas orientaes do Mediterraneo se alargou para o oéste da Europa, vindo a tomar por ponto de apoio o Atlantico, um mais vasto Mediterraneo cujas bordas são a Europa e a America, segundo a bella interpretação do commandante Maury. A consciencia moral d'esta continuidade historica e á solidariedade dos povos europeus resultante d'este conhecimento e dirigindo a sua politica, chamou Augusto Comte *occidentalidade*. Tiveram os povos que foram factores d'esta convergencia occidental a comprehensão do seu destino? A medida que elles se foram elevando dos egoismos da tribu e do familismo ás fórmas sociaes mais abstractas como a cidade e a urbs, a amphictyonia e a nação, até chegarem á sublime noção altruista de Humanidade, assim se foi tomando por estimulo de concurso essa solidariedade. Teve-a pela primeira vez a Grecia, quando salvou o futuro do occidente cortando as invasões da Persia; teve-a a França chamando os novos estados europeus para repellirem pelas cruzadas as invasões sarracenas; teve-a Portugal, iniciando as navegações atlanticas como principio da actividade pacifica e do alargamento da nossa posse do planeta. Se a politica da Europa fosse dirigida pelo pensamento da sua occidentalidade, cada nação seria hoje o elemento voluntario da mais forte, fecunda e activa de todas as Confederações. Gervinus, na *Introducção á Historia do seculo* XIX, reconhece a necessidade do estabelecimento de um concurso simultaneo entre as nações da Europa, e o que tem apparecido de mais elevado na civilisação humana attribue-o com clareza a esta acção e vista de conjuncto; diz elle: «Esta parte do mundo tira de tempos a tempos do seu seio forças sempre novas, sempre intactas, sempre vigorosas; ella se recompõe e rejuvenesce, porque no meio dos esforços alternativos das suas partes *ella se move como um todo,* estando ainda longe de attingir no seu conjuncto o ponto culminante do seu desenvolvimento politico.»[1]

[1] Op. cit., p. 169. Ed. Brux. 1858.

Temos portanto uma base critica para julgarmos a continuidade historica do principal grupo das civilisações humanas, e descobrir na incoherencia dos seus movimentos por que forças foi desviada de uma cooperação ou concurso simultaneo. A mesologia da Europa impõe-nos pelos seus relêvos orographicos a divisão em pequenos estados livres, e a historia politica de vinte seculos mostra-nos que a acção das altas individualidades exerceu-se sempre no intuito de uma unificação á maneira das decahidas sociedades asiaticas. No poder temporal esta ideia de unitarismo está representada pelo Imperio romano, cuja tradição foi continuada por Carlos Magno, por Carlos v e por todos os monarchas que sonharam a theoria politica da Monarchia universal; no poder espiritual, pelo exclusivismo da crença catholica, Roma impoz-se acima das egrejas nacionaes, o papa centralisou em si o poder dos bispos, e Innocencio III, Gregorio VII, Bonifacio VIII, collocando-se acima do poder temporal foram propugnadores de uma unica monarchia, equiparando as muitas nacionalidades ao polytheismo. Os longos conflictos de interesses dynasticos por parte das monarchias, e as contradições doutrinarias por parte do sacerdocio, dissiparam a actividade da Europa em catastrophes de retrocesso, na lucta constante das heresias e das revoluções; a Europa perdeu ou não chegou a formar uma comprehensão da sua occidentalidade, e povos que fallavam linguas irmãs, que tinham uma mesma tradição ethnica, uma mesma poesia amorosa e heroica, que inventaram as mesmas fórmas da arte, e que tinham nos seus costumes os typos similhantes das suas instituições, desconheceram-se como irmãos e atacaram-se, trucidando-se como inimigos. A historia vista pela secca narrativa dos chronistas europeus é um cahos incomprehensivel de ruinas moraes, é um pandemonium de paixões sem destino. Achada a noção politica da solidariedade occidental através d'essa continuidade no espaço, a historia illumina-se, distinguindo o que é esteril ou perturbador como negativo, e o que tende a estabelecer essa acção simultanea ou de conjuncto como positivo. A politica merece n'este caso a designação que lhe dava Solon, é uma *sophia,* uma interpretação philosophica que cooderna as energias sociaes. O criterio historico, que é a fórma mais elevada de consciencia e o motor das maiores descobertas do seculo XIX, completa-se pela coordenação politica dos factos concretos aproximados pelo methodo comparativo. O pensamento de Charrière é de uma indiscutivel importancia sociologica: «A historia não existe realmente senão pela interpretação politica, que é para

cada epoca o commentario animado e sempre novo d'ella; por seu turno a politica não tem uma ideia que não derive immediatamente da historia, sob pena de não ter mais que um valor theorico e uma acção enganadora e passageira.»[1] A ideia politica da occidentalidade da Civilisação, isto é da acção nacional subordinada a um interesse de conjuncto do grupo dos estados europeus, resulta dos factos da historia, que nos revelam por vezes uma intuição passageira d'esse grande destino; é tambem a politica que vem pôr em evidencia, como na incoherencia historica do poder temporal e espiritual, a Europa foi sempre desviada da sua organisação federativa em pequenos estados.

O desenvolvimento e applicação do criterio historico precedeu mais de meio seculo o criterio politico, e só quando elles vieram a encontrar-se como coadjuvando-se mutuamente é que foi possivel a creação da Sociologia. Comte, melhor do que todos os eruditos, pôde formar uma verdadeira comprehensão historica da Edade media e da Revolução pela interpretação politica da dissolução do regimen catholico-feudal, e ao mesmo tempo deduzir da successão historica da theocracia, da aristocracia e da democracia, o quarto termo da progressão humana, ou regimen definitivo da humanidade na sociocracia. Armado d'este duplo recurso do methodo historico-dogmatico, é que elle pôde subordinar os factos sociaes á invariabilidade das leis naturaes, lançando as bases da sciencia da Sociologia.

Embora a historia seja, como diz Renan, a fórma necessaria da sciencia de tudo o que está submettido ás leis de existencia mutavel e successiva, por muito tempo prevaleceu de um modo exclusivo o methodo dogmatico, explicando os phenomenos por principios aprioristicos. Só quando se applicou o methodo historico comparativo ao estudo das linguas, das religiões, dos costumes, das litteraturas, das fórmas de arte e das instituições sociaes, é que se conheceram as leis psychologicas de formação e as condições de transformação d'estes grandes phenomenos sociologicos; os trabalhos de Bopp, de Savigny, de Grimm, de Stheinthal, de Tylor, de Freeman, de Spencer, deram uma base de positividade scientifica a esta ordem de estudos, arruinando pelo descredito as theorias que embaraçavam a descoberta de leis de invariabilidade natural n'estes phenomenos. Sem a constituição da Sociologia, estes

---

[1] *Politique de l'Histoire*, P. I, p. 7.

estudos ficariam estereis, como aconteceu com os estudos zoologicos, antes de Lamarck, Saint-Hilaire e Darwin constituirem a Biologia. Coube a Augusto Comte a missão de conciliar o methodo historico com o dogmatico tornando-se verdadeiramente creador; ao tratar da dynamica social, elle começa por caracterisar este seculo pela irrevogavel preponderancia da Historia em Philosophia, em Politica e mesmo na Poesia;[1] e ao mesmo tempo caracterisa a marcha da civilisação pela harmonica relação entre a subjectividade e a objectividade, e subordinação conveniente da solidariedade objectiva á continuidade subjectiva.[2]

I

Em quanto a historia se limitava á parte descriptiva das guerras dos povos uns contra os outros, consignando cada um nos seus annaes os triumphos militares, era impossivel formar uma ideia de conjuncto ácerca do passado humano. A Historia limitou-se mais tarde a descrever com as pompas do estylo litterario as grandes civilisações pelo seu aspecto dramatico, e destacando dos factos sociaes unicamente os actos attribuidos á intervenção individual, serviu de thema para os politicos empiricos imitarem a fórma das instituições antigas que mal comprehendiam, como aconteceu com o perstigio da civilisação greco-romana. Era impossivel estabelecer com segurança a solidariedade objectiva, ou a continuidade no tempo, de todos os esforços da humanidade para o seu desenvolvimento; e não sendo possivel explicar o phenomeno repentino das altas Civilisações sem relação nem dependencia com o passado, eram ellas attribuidas á iniciação divina, a uma revelação sobrenatural ao homem primitivo; é assim que a Civilisação egypcia é fundada pelo deus Horus, a Civilisação da Chaldéa é estabelecida pelos deuses-peixes Oannes, que saem do mar Erythreo vindo ensinar as artes e o governo aos povos da Mesopotamia; homens em contacto com a divindade, ou mesmo encarnações da divindade, como Manu, Zo-

[1] *Politique positive*, t. III, in. princ.
[1] Idem, t. II, p. 457 e 364.

roastro, Moysés, foram considerados como os fundadores da Civilisação da India, da Persia, da Judeia; e Civilisações já com espirito critico, como a Grecia e Roma, ainda consignavam nas suas origens o impulso sobrenatural de um Apollo, Orpheo e Numa. A falta da solidariedade objectiva falseando o criterio, levava á perversão de toda e qualquer ideia formada ácerca da continuidade subjectiva na Civilisação humana; assim considerava se que o homem tinha saido perfeito da creação divina, que vivera em um Eden, paraiso ou jardim de delicias, e que a sua existencia na terra não tinha sido mais do que uma constante decadencia, da qual os povos selvagens era um irrefragavel documento. Invertido por esta fórma o criterio, a salvação da humanidade dependia de um novo favor da divindade, intervindo na reorganisação das sociedades por meio de *encarnações* ou *avatars,* ou simplificando o processo pela eliminação dos elementos corruptos por um diluvio universal. O absurdo continuou-se na explicação da diversidade das linguas pela confusão da Torre de Babel onde se perdeu a unidade primitiva da linguagem, e na explicação das diversas fórmas religiosas do fetichismo e do polytheismo, consideradas como fragmentos desconnexos de uma unidade cultual primitiva revelada em um monotheismo inicial. Muitos d'estes desconcertos ainda tem curso e dirigem as investigacões de distinctos eruditos especialistas, como Lenormant, Rougé, Renan e os biblicistas inglezes.

A falta de investigações da solidariedade objectiva na historia accentua se tambem em um grande numero de erros de caracter metaphysico na comprehensão da continuidade subjectiva; os estudos historicos têm sido perturbados com estas theorias phantasistas da sabedoria exclusiva dos Indios, fundadores de todos os progressos do homem; do universalismo dos Judeus como vulgarisadores da concepção monotheista; da autochtonia dos Gregos tirando as suas crenças religiosas, sociaes, artisticas, scientificas e philosophicas unicamente do seu genio; do cataclysmo ou eliminação repentina do Imperio romano, ficando a Europa com todos os seus vinculos sociaes quebrados; da acção regeneradora das tribus barbaras dos Germanos, que pela virtude do seu estado acima do selvagismo deram ao mundo moderno o vigor do seu individualismo, como querem Hegel, Gervinus e outros muitos; finalmente da missão providencial do christianismo, que pela apathia dos seus arrobos mysticos domou a impetuosidade selvagem dos barbaros do norte, e submetteu os povos perturbados pela dissolução das leis á moral dos seus padres.

Cada periodo da historia, pela falta do conveniente criterio que apontamos, é explicado por esforços de imaginação, como se vê na maior parte dos historiadores modernos, que ainda não chegaram a uma vista de conjuncto sobre a Edade média da Europa, e que attribuem a grande crise da Revolução a actos individuaes ou a theorias philosophicas dos Encyclopedistas.

As descobertas geologicas do presente seculo, que demonstraram como a crusta do nosso globo se constituiu de um modo evolutivo, tambem coadjuvaram a applicação d'esse ponto de vista ao passado humano; os achados archeologicos de Boucher de Perthes, longo tempo desacreditados, acabaram por serem comprehendidos e considerados como documentos directos de um sêr pensante, que contra as fatalidades cosmicas resistiu abrigando-se nas cavernas, luctando contra os grandes monstros com hachas de silex lascado, fazendo as habitações lacustres sobre estacaria, descobrindo o fogo, e elevando-se ao gosto artistico pelos seus ornatos, e á vida moral pela veneração dos mortos conservados com um certo symbolismo nas sepulturas. O interesse crescente d'estas investigações multiplicou o numero dos obreiros, que fundaram as bases do conhecimento scientifico do passado pela systematisação da *Ante-Historia*. O estudo dos costumes dos povos selvagens fez comprehender melhor a vida moral d'essas sociedades anteriores a toda a historia, considerando as populações de hoje não como degradações da especie mas como fragmentos estacionarios de um estado rudimentar. Apezar de todos os importantes trabalhos dos paleontologistas reconstruindo as edades da pedra, do bronze e do ferro, instrumentos que caracterisam a actividade humana antes das altas civilisações historicas, ainda assim não fica bem estabelecida a solidariedade objectiva ou a transição de uma para a outra phase da humanidade. São de tal fórma elevadas e abstractas as ideias religiosas, moraes, juridicas e politicas que dirigem as civilisações do Egypto e da Chaldêa, e que se transmittiram até á civilisação moderna, como a ideia da immortalidade, os conhecimentos astronomicos, o systema chronologico, e os mythos cosmogonicos, que por força deveria ter existido um periodo intermediario ao homem ante historico e ao homem das civilisações dos Deltas. Littré sentiu esta solução de continuidade, e restabelecia-a pelo estado analogo ás civilisações rudimentares dos Mexicanos e Peruanos. Effectivamente existe um grande numero de civilisações de caracter concreto, que pelas descobertas das antiguidades as-

syriologicas e pela leitura dos caracteres cuneiformes chegaram a ser reconstruidas; taes são as Civilisações accádica, a kuschita, a etrusca, a kmer, a cujo grupo pertencem a peruana e a mexicana, as quaes se acham ainda representadas singularmente pela civilisação chineza. Sem se estudar o caracter geral d'estas Civilisações formando uma *Proto-Historia,* não se conseguirá esclarecer a historia pela solidariedade objectiva. Estas tres divisões fundamentaes, como methodo coordenam com clareza a complexidade dos factos para serem apreciados, mas já por si são o caminho para racionalmente determinar uma verdadeira continuidade subjectiva.

Dos complicados factos da *Ante-Historia* e da ethnologia dos selvagens tiram-se importantes conclusões para a Sociologia, primeiramente sobre as fórmas naturaes de estados sociaes simples tendo por base o instincto das relações sympathicas communs a todos os vertebrados. É certo que preponderam n'esta phase subordinada á animalidade os impetos do egoismo ou das necessidades organicas, á qual Kant dava o nome bem expressivo de *insociabilidade sociavel;* n'esta phase apparecem-nos duas fórmas sociaes, que se transformam constantemente conservando os caracteres do seu typo primitivo através de todas as civilisações historicas:

Existe o *Nomadismo,* evidente insociabilidade sociavel; a aggregação faz-se naturalmente pela *Tribu,* ligada pelas necessidades da lucta, e sustentando-se ora pela rapinagem ora pela cultura dos rebanhos. Existe o *Troglodilismo,* em que a aggregação sedentaria desenvolve os instinctos sympathicos, em que se cria o amor da terra, em que o trabalho é exclusivamente agricola, defendendo-se já pela fortificação nos montes *(arx, larissa, byrsa)* ou em estacarias sobre os lagos, chegando ao agrupamento de *Cidade,* com os seus muros, suas garantias individuaes e com uma organisação militar absolutamante defensiva. Estas duas fórmas sociaes são o germen de todas as instituições ainda as mais complicadas que apparecem nas civilisações historicas. Em muitas raças selvagens da Africa ainda hoje vêmos estes dois estados sociaes completamente separados, coexistindo a tribu nomada pastoral com a população sedentaria e agricola a quem rouba ou com quem contracta. Nas altas civilisações vêmos estas duas organisações sociaes persistirem como caracter anthropologico; a grande raça árica apresenta esta duplicidade, o typo louro, entregue á *vida pastoral,* degenerando na actividade militar, e o typo trigueiro, dedicado á *vida agricola,* e caminhando pela estabilidade que facilita as especulações mentaes para

uma constituição sacerdotal. Na Biblia acha-se tambem o antagonismo entre as duas sociedades pastoral e agricola; os semitas não se elevaram acima do estado pastoral, nem da constituição de tribu; as civilisações semitas por este caracter ficam cosmopolitas como a dos Phenicios, e só muito tarde é que o Judeu conseguiu uma rapida estabilidade em Jerusalem, devida á cultura adquirida por David entre uma população árica, dissolvendo-se outra vez no nomadismo, como aconteceu aos Arabes depois da sua larga civilisação dispersos no Nedjed. Diz Roscher: «Os beduinos, assim como os antigos Germanos, consideravam as Cidades como prisões.» [1] As instituições sociaes dos povos áricos derivam ora da tribu, vindo o nascimento a ser a base da aggregação social, na *gens* e na *gnatio* ou nação, ora derivam da estabilidade territorial, cujo nucleo é a casa e o seu maior desenvolvimento a Cidade. O povo *(vis)* conhece-se pela reunião das casas, *(vesa)* e este nome conserva-se com a sua importancia social em todos os ramos áricos, como na Grecia, *(oicos)* entre os Latinos, *(vicus* e *vicinitas)* entre os Godos *(veihs)* e entre os Germanos *(wich)*.[2] Na Edade média a *visinhança* era uma das fórmas defensivas da associação e da egualdade de direitos ou garantias. Por estas duas differenças derivadas da *Tribu* e da *Cidade,* explicam-se todas as variedades da constituição da familia, quer patriarchal quer gynecocratica, da propriedade quer communista quer individual ou quiritaria, do governo patriarchal hereditario ou democratico electivo, do culto domestico e do culto publico. Estas duas fórmas simples, assim como ainda se conservam puras em algumas raças selvagens, tambem apparecem como degeneração em raças que retrogradaram; é assim que explicamos o *canibalismo* como uma regressão nomádica, e o cabirismo como uma persistencia trogloditica.

A estas fórmas simples dos estados sociaes seguiram-se as fórmas espontaneas mixtas constituidas pelos dois grupos naturaes anteriores sob o regimen da differença das castas. Na sociedade pastoral nómada organisa-se a *horda,* ou o bandidismo da guerra offensiva da devastação e da pilhagem, e o beduinismo que continúa a exploração dos rebanhos. Nos povos germanicos do tempo de Tacito ainda existia a divisão entre a banda guerreira e a banda pastoral. A guerra produz como consequencia do mais forte a escravidão servindo uma

---

[1] Barsch, *La Commune,* p. 23
[2] Max Muller, *Essais,* p. 50.

aristocracia militar, a servidão, a gleba, o verna, o cliente e todo esse elemento que pela circumstancia do numero se impoz como proletariado. Os chefes militares elegem um chefe commum, distincto pela sua força, a banda guerreira submette á desegualdade a banda pastoral e agricola, e estes sem as garantias do nascimento da Tribu, fortalecem a sua independencia pela cohesão da Cidade, fazendo a Communa, o Burgo e o Municipio. Onde houve este elemento de lucta houve desenvolvimento social e individualismo; onde a *tribu* foi a fórma exclusiva, como entre os semitas, a sociedade decahiu sob o despotismo de um chefe e dispersou-se no bando errante.

As duas fórmas sociaes podem justificar-se por um determinismo biologico; de facto os caracteres anthropologicos definem-nos duas raças puras, uma brachycephala, outra dolichicephala, com cabello liso *(lissotrico)* e com cabello lanoso, *(ulotrico)* tendo uma o seu habitat na Alta Asia (*Mongoloides*) e outra na Africa oriental, (*Negro*) com migrações differentes de leste a oéste e culto solar, e de oriente para occidente com culto lunar, com um systema numeral senario e quinario, e com systemas linguisticos monosyllabico e agglutinativo.

Estes factos caracterisam completamente as duas raças *amarella* e *negra,* cujas manifestações ethnicas e moraes acabam melhor de individualisal-as. As racas amarellas, como definem os anthropologistas são essencialmente *activas,* e as raças negras *affectivas;* Augusto Comte viu admiravelmente estas caracteristicas. Por ellas se explicam as Civilisações rudimentares da *Proto-Historia.* Nenhuma raça branca existe sem mestiçagem; se as analogias ou similaridades anthropologicas entre os Semitas e os Arias não se continuam nas fórmas sociaes, linguisticas e religiosas, é porque a raça branca a que ellas pertenciam se differenciou por diversos cruzamentos, que actuaram sobre a unidade ethnica sem modificarem a unidade do typo anthropologico. As fórmas mais antigas d'esse cruzamento são aquella em que predomina a raça negroide, ou o kuschita, e aquella em que preponderou o elemento amarello ou mongoloide, o accadio. O kuschita, que civilisou o semita, tinha o estado pastoral e mercantil; o mongoloide que impulsionou pelo seu contacto o aria, era agricola e metalurgista. No semita conservou-se o caracter affectivo da civilisação kuschita, e a sua actividade dispendeu-a em cultos orgiasticos de prostituição sagrada, na polygammia que embaraçou a plena constituição da familia, e na incapacidade das

especulações mentaes, fundando a sua subordinação social no perstigio da hallucinação dos chefes. Diz uma maxima do Ecclesiastes, que define o genio do semita: «Augmentar a sua sciencia é augmentar a sua pena.» Para serem obedecidos, Jacob, Moysés, Samuel e Mahomet impressionaram a multidão pela exaltação hysterica das visões, e a palavra escripta na Biblia ou no Koran deriva a sua força da tradição emocional ou do perstigio de uma revelação ao vidente. Na raça arica, largamente *activa,* como se confirma pelas suas enormes migrações fundando novos estados, o seu desenvolvimento foi principalmente *especulativo,* sendo a vida affectiva disciplinada na familia monogammica, o centro coordenador da actividade e da mentalidade. As duas grandes raças que entre si disputaram a hegemonia humana, não podem ser comprehendidas na historia sem se estabelecer a sua solidariedade objectiva com os kuschitas e mongoloides, e as suas mutuas relações,[1] como se vê pela influencia semita na civilisação hellenica. Sobre esse elemento negroide dos Semitas falla Renan na sua *Missão da Phenicia,* considerando o primitivo Canaan como chamita, como o declara o cap. x do Genesis, povoando a Phenicia e o Egypto, e revivescendo ainda nos typos egypcios que apparecem em Sidon como vestigios da antiga raça.[1] Renan explica as relações da civilisação semita com a hellenica pela communicação com uma civilisação anterior, de que ambas receberam o impulso;[2] é este elemento kuschita que fez com que a Grecia se apropriasse da cultura do Egypto e da Phenicia, e recebesse fórmas orgiasticas dos cultos da Asia menor. A diversidade de raças na Grecia, a persistencia de uma população que foi submettida, e que trabalhou sempre pela sua independencia, é que nos explicará como n'essa sociedade prevaleceu o typo de *Cidade* em lucta permanente contra os privilegios aristocraticos da *Tribu.* Os caracteres ethnicos auxiliam-nos para o estabelecimento da continuidade subjectiva.

O apparecimento da raça dos Arias na historia é o phenomeno do desenvolvimento e elevação da especie humana não só emquanto á perfectibilidade da sua constituição physica, como emquanto á sua capacidade, moral ou psychologica, para um progresso successivo. As raças que iniciaram as civilisações metalurgistas e industriaes, como os mongoloides e

---

[1] *Mission de Phenicie,* p. 837.
[2] *Hist. générale dos langues semitiques,* p. 46 e 47.

melanoides, representam um gráo ainda relativamente inferior da humanidade; os proprios Semitas que assimilaram e propagaram esses resultados do empirismo espontaneo, pela sua falta de originalidade e de cohesão social, têm impresso nos seus costumes, como diz Renan, esse caracter de inferioridade de que não puderam desfazer-se apezar do contacto com os ramos mais desenvolvidos dos Arias. Pela evolução biologica chegou-se ao conhecimento positivo de que os organismos mais perfeitos são os ultimos que se produzem; basta contemplar a perfeição plastica do typo anthropologico do Aria, para explicar o seu advento tardio na concorrencia da historia, e deduzir d'essa superioridade organica o extraordinario desenvolvimento das suas faculdades moraes e intellectuaes, que o collocam no ápice da evolução humana. As suturas craneanas do aria raramente se soldam, o que permitte um desenvolvimento ininterrupto da massa encephalica, e consequentemente um progresso no sêr individual em todas as edades. É por isso que a raça árica se distingue mentalmente por um extraordinario poder de abstracção, que se revela na sua expressão linguistica, na sua representação mythologica, na sua generalisação experimental, emfim nos moveis ideaes que estimularam sempre a sua actividade.

Esta raça é a unica que nunca regressou ao nomadismo, nem ao estado selvagem; as suas desmembrações ou migrações produziram novos aggregados, que vieram a distinguir-se em nações; da mesma fórma que os seus dialectos locaes ou isolados vieram, pela actividade social, a constituirem-se em importantes grupos de linguas litterarias. É um como phenomeno de sissiparidade organica continuado na marcha social. Com estas condições, possue os meios de resistencia para occupar todas as regiões e climas da terra, sobretudo d'aquelles territorios retalhados por montanhas e rios, por orlas maritimas, que favorecem as suas tendencias individualistas conciliadas na organisação dos pequenos Estados.

A historia geral d'esta grande raça consiste na sua expansão pelo mundo, comprehendendo as migrações para a Europa, donde provieram as civilisações Ario-Hellenicas, Ario-Romanicas, Ario-Germanicas e Ario-Slavas, e as migrações para o oéste e occidente da Asia, onde se estabeleceram as civilisações Ario-Persas e Ario-Hindus, até que pela successão dos tempos o Occidente e o Oriente se encontraram para realisarem um mesmo destino historico, a começar das expedições de Alexandre até á actividade commercial inaugurada pelas descobertas maritimas dos Portuguezes. É o

quadro mais esplendido que nos apresenta a historia da humanidade, e cuja importancia só póde ser avaliada em uma vista de conjuncto, que debalde se achará n'essas narrativas parciaes de uma erudição limitada por deprimentes especialidades.

Caracterisada pela sua evolução moral, a raça árica apresenta-nos uma marcha progressiva e sem limite definido, que leva a inferir sobre as mais surprehendentes previsões do seu futuro. O facto de nenhum dos ramos áricos ter em epoca alguma da historia regressado ao nomadismo, corresponde a essa capacidade superior que se observa nas fórmas da sua civilisação, pelas quaes o sentimento da sociabilidade se substitue ao egoismo da personalidade, fazendo da *cooperação* a synthese activa. Nas civilisações isoladas e cosmopolitas, as necessidades organicas são o principal motivo da acção, d'aqui um systema social de subordinação militar a um chefe absoluto, e a vida dispendida nas guerras de devastação e na apropriação da propriedade dos outros, quer pela conquista quer pela pilhagem das tribus errantes. O espirito da sociabilidade dos Arias, levou-os a transformarem a escravidão antiga pela incorporação das raças inferiores na sua collectividade, como fizeram os Hindus com os povos do Dekan, (*Dâsa,* povo e raça conquistada) ou os Romanos com os barbaros do occidente, sem o que não teria apparecido o proletariado, sendo por consequencia a *synthese activa* das hostilidades militares substituida pela concorrencia pacifica da industria que caracterisa o maior progresso humano.

A superioridade dos Arias primitivos e historicos sobre todas as outras raças humanas que os precederam na civilisação, consiste em terem subordinado a acção aos estimulos affectivos. Os Arias primitivos criam os mythos poeticos, com que avançam até ás representações artisticas e á creação das litteraturas; elaboram esses mythos em cosmogonias e theogonias, germens espontaneos de systemas metaphysicos; elevaram a mulher pelo regimen da monogammia, tornando o desvairamento sexual uma disciplina moral, e a familia o primeiro nucleo da ordem sobre que se veiu a fundar a sociedade e a amplial-a pela federação. A *synthese affectiva,* eis o sentido da progressão historica das civilisações áricas, quando os ramos orientaes e occidentaes ainda se desconheciam ou se ignoravam: está representada nos hymnos e nos mythos dos Arias do Septashindu, nos dogmas moraes do *Avesta,* na arte e philosophia dos Gregos, no direito dos Romanos, no regimen moral da Edade media, até essa transição sentimental da arte

da Renascença, onde começa a grande elaboração scientifica que desde Galileu e Descartes até Lamarck e Augusto Comte vae dando á actividade humana motivos racionaes, estabelecendo-se de um modo consciente a *synthese especulativa*. Nas raças áricas os mythos systematisaram-se em religiões, mas produziram tambem as livres creações esculpturaes e litterarias, como o hymno, a epopêa e o drama, e as especulações dogmaticas que se transformaram em philosophias. Pythagoras e Socrates caracterisam este estado mental, em que a obra do philosopho se confunde com o fervor do missionario. A idealisação da mulher reage sobre os costumes publicos pela cavallaria; e o familismo, sem se amalgamar na tribu polygammica, allia-se para a guerra defensiva e eleva-se ao periodo social da federação.

Assim, nas raças áricas o despotismo dos chefes e o poder moral dos sacerdotes foram accidentes transitorios, conforme o contacto que mantiveram com as raças amarellas ou com os povos kuschito-semitas; a Grecia emancipou-se da classe sacerdotal e elevou-se até ao criterio scientifico, Roma incorporou os povos da Europa pela unificação do direito; a Edade média subordinou as instituições aos costumes. Estão creadas as tres syntheses fundamentaes da humanidade, a *activa,* a *affectiva* e a *especulativa,* como manifestações completas da nossa vida organica, moral e intellectual; harmonisal-as entre si, eis o complemento definitivo do nosso sêr, e será este o scópo da civilisação moderna.

O criterio sociologico da vista de conjuncto produziu enormes revelações no estudo das linguas, religiões e fórmas politicas dos povos áricos; emquanto o latim e o grego foram estudados separadamente sem a dependencia das relações organicas com outras linguas áricas, os seus phenomenos particulares eram considerados como *idiotismos* pelos grammaticos; emquanto os mythos e os deuses se attribuíam á phantasia de um povo, procurava-se uma interpretação allegorica, á maneira de um logogripho; as instituições politicas, fabricadas de uma só peça por qualquer semideus como Minos ou Mena, consideravam-se fórmas exclusivas de cada estado devendo ser comprehendidas pelos seus annaes historicos. Bopp fundou a sciencia da linguagem deduzindo as leis geraes contidas nos differentes grupos das linguas áricas da India, do Iran, da Grecia, da Italia, dos Letto-Slavos, dos Germanos e dos Celtas. Estabelecida essa filiação linguistica desdobrava-se um largo prospecto da grande raça historica, e as palavras representando concepções e acquisições, tornavam-se documen-

tos de uma importante paleontologia social, como o entreviu Pictet. É assim que entre os povos áricos vamos encontrar os documentos de uma primitiva actividade *pastoral,* influindo na organisação social da *tribu,* que transparece nas instituições dos povos mais avançados da Europa, os Gregos, os Romanos, os Celtas e os Germanos. Exemplifiquemos, o *boi,* tem o mesmo nome em *go* e *gaus,* (sansk.) em *bos,* (lat.) em *boys,* (greg.) em *kuh,* (all. vaca) em *vakhska,* (zend.); o gado ao cuidado do pegureiro é o *paçu,* (sansk.) *pecus,* (latin.) *pecku,* (em velho pruss.) *poy,* (grego) *faiku,* (goth.); a ovelha, *avis,* (sansk.) *ovis,* (lat.) *ovs,* (umbrico) *ovtza,* (slav.) *ois,* (greg.); o jugo, *jugam,* (sansk.) *jugum,* (lat.) *gygon,* (greg.) e *joch,* (all.). A vida pastoral dos Arias primitivos nos explica a causa das suas vastas migrações para o Oriente, ou os Hindus e Iranianos, e para o Occidente, ou os Phrygios, Gregos, Italiotas, Germanos, Celtas e Letto-Slavos. N'estas migrações, as palavras conservaram o conhecimento de um ponto de partida, das margens do Oxus e do Iaxarte, de um mar interior, o Caspio; é por isso que *myr* e *mor* entre os Celtas, *mare,* entre os Latinos, *marei,* para os Godos, *mari* e *meri,* no velho teutonico, *moru,* no slavo, e *mira,* no sanskrito,[1] derivam d'essa impressão directa primitiva antes da desmembração do ramo oriental e occidental.

O que Bopp e Pictet fizeram para a linguagem, applicaram-no Kuhn, Pott, e outros para as religiões; assim o *Deus* romano e o *Zeus* grego foram identificados com o *Dêva* iraniano e com o *Devas* árico; os *Ases* germanicos, o *Esus* celtico e o *Aesar* etrusco, explicam-se pelo *Ahura* iranico e pelos *Asuras* indicos; pelo mytho de Paramantha, explicou Kuhn o de Prometheu; pelo dos *Ribhavas* comprehendeu se o mytho de Orpheu. Por meio d'estas interpretações derivadas unicamente do processo historico da solidariedade objectiva, é que hoje se póde descrever com clareza as transformações do naturalismo árico, nas varias phases polytheistas dos differentes ramos indo-europeus. A sciencia das religiões, pela sua impassibilidade critica, acabou com o *odium theologicum* que pervertia a rasão no estudo d'esta ordem de phenomenos.

Por ultimo o eminente publicista Eduardo Freeman, em uma tentativa sobre Politica comparada, applicou o criterio historico de conjuncto ás instituições da Europa; elle estabelece o seu processo comparativo nos trez grandes centros da

---

[1] Gubernatis, *Piccola Encyclopedia indiana,* p. 218.

civilisação moderna, a Grecia, Roma e os povos germanicos. As apparentes diversidades das instituições politicas das nações europêas reduzidas aos seus elementos primarios resaltam em uma eloquente similaridade. Já de Glinka dizia, que os factos mais complicados e as ideias mais oppostas se conciliam sob o ponto de vista de conjuncto. Freeman reconstituindo a organisação da *Tribu* entre os diversos povos indo-europeus, divide-a em *genealogicas* e *locaes*. Da aggregação pelo facto do nascimento, ou a *gens*, mostra na Grecia as *Phratrias*, em Roma as *Curias*, e nos povos germanicos as *Arimanias;* a aggregação pela estabilidade local, que na Grecia dá o typo da Cidade, e o *Ager* em Roma, produz entre os povos germanicos a *Marck*, o *Gmeinde* e o *Hundred*. A variedade das instituições politicas da Grecia, de Roma e dos povos Germanicos, e consequentemente das nacionalidades modernas da Europa que continuaram a evolução historica d'este passado, torna-se de uma unidade evidente reduzidas a estes elementos geradores; na Grecia ha o conflicto permanente entre a *tribu*, representada pela aristocracia dos *Eupatridas*, e os *Metœques*, que se apoiam sobre a egualdade civil; em Roma a *tribu* representada pelos Patricios, lucta com a organisação municipal, mas cria-se pela primeira vez a fórma superior de Nação pela fusão d'estes dois elementos; os povos Germanicos, desconhecendo o typo de Cidade, complicaram e retardaram a organisação politica da Europa com o seu Feudalismo ou prepondefancia dos privilegios da Tribu guerreira. A vista de conjuncto, levando á comprehensão da solidariedade objectiva é que dá as bases positivas para a Sociologia se converter em sciencia; o seu processo deductivo começa pelo estabelecimento da continuidade subjectiva nas instituições. Pelos resultados a que chegou Freeman, explica-se porque a Realeza é *hereditaria*, derivando da Familia, e *electiva* derivando da Tribu; como da egualdade da Tribu deriva um senado, patriciado ou pariato, e como da egualdade dos moradores da Cidade resulta a assemblea em commum, o *ágora*, o *forum*, o *mallum*, e os parlamentos. A historia da Civilisação da Europa resume-se n'este eterno conflicto entre a tribu local e a tribu genealogica, entre a aristocracia theocratica e militar e a democracia. Na grande raça árica apparecem os germens d'esta differenciação; as linguas conservam o documento remotissimo de uma organisação local, e de uma actividade agricola. A *visinhança*, que na Grecia foi a base das Amphyctionias, acha-se em *veça*, (sansk.) em *oikos*, (greg.) em *vicus*, (lat.) em *veihs*, (goth.) e *viç* (zend.). Os Aryas, que

se designavam assim pelo facto do nascimento em opposição aos *Varvara,* conservavam entre si hostilidades segundo as suas actividades agricola e pastoral; os que estacionavam ao norte do Oxus, ou na Sgodiana, eram *pastoraes* e nomadas, entregues á bebida hallucinadora do Soma e adoravam o Devas; os que estacionavam ao sul do Oxus, ou na Bactriana, eram *agricultores,* com um culto abstracto de Ahura. D'aqui se deduz toda a vida historica dos Arias orientaes. No ramo occidental ou europeu, vêmos que os Celtas não chegaram a constituir nacionalidade, e que os Pelasgos (Gregos e Latinos) foram os organisadores d'esta fórma elevadissima da sociabilidade, sendo pela apropriação das instituições romanas que os Germano-Slavos vieram a constituir nacionalidades. De facto na lingua grega e latina acham-se as mesmas palavras designando o campo, *agros* e *ager*, o arado, *aron, arotron* e *aro, aratrum,* a horta, *kortos* e *hortos,* o vinho, *oinos* e *vinum,* a oliveira, *elaia* e *oliva.* Comprehende-se pois como a civilisação grega, pela aggregação local da Cidade se elevou á Democracia, e como os povos italicos luctaram para impôrem as suas instituições municipaes á Tribu patricia fixada em Roma, e ainda á omnipotencia imperial.

Não pretendemos fazer aqui uma historia narrativa dos Arias orientaes, porque não interessam senão limitadamente as conclusões da Sociologia; os factos essenciaes só se acham nas altas Civilisações, e essas foram criadas pelos Arias occidentaes. Em todo o caso esboçaremos um contorno historico para vêr como o elemento *tribu* influiu nas fórmas sociaes da India e da Persia. Os Arias pastoraes invadem a Bactriana (2300 a 2000) e emigram repellidos para sudeste para a região do Saptasindu, onde se demoram pela incorporação dos Djats (os Dasyus) aproveitando-se da sua estabilidade agricola. Pelo desenvolvimento das tribus, a emigração continúa provocada por mutuos conflictos, e os chefes patriarchaes ao passarem o Saraswati erigem-se em Monarchas. As tradições cultuaes das tribus são conservadas pelos Rischis ou Poetas, que desenvolvendo o naturalismo polytheista lançam as bases do poder espiritual que vem a concentrar-se na casta brahmanica e em theocracia. Ao fim de tres seculos de estabilidade, em que se opéra esta elaboração social, continuam a migração para o Madhyadeça, (2000 a 1400) onde se formam os cantos sagrados dos Vedas; as luctas com as tribus selvagens dos Melctchas conservam ainda a organisação monarchica, que decae diante da importancia cultual de uma classe que estabelece a organisação das castas como base da theocracia, que

se fixa no Aryavarta. As luctas da casta guerreira com a casta sacerdotal foram sangrentas, como se vê pelas lendas do *Ramayana,* mas venceu a theocracia, annullando essa raça progressiva dos Hindus. A éra buddhica deriva de um conflicto religioso, e quando sob Vickramaditya, a India teve relações com os Seleucidas e com as dynastias gregas da Bactriana e do Iran oriental, é que ali appareceu uma litteratura dramatica e elementos scientificos.

A Persia tornou-se exclusivamente militar, pelo contacto forçado com as raças nomadas e com os povos que seguiam em incursões successivas o caminho para a Europa. Diz Réclus, definindo a mesologia da Persia: «Este territorio elevado, que tambem pela sua parte é em grande parte composto de desertos... apresenta numerosas desembocaduras ao norte para as planicies da Tartaria, e para o mar Caspio, a leste para os valles do Tigre e do Euphrates, e liga-se de mais a mais aos systemas montanhosos da Asia Menor, esta longa peninsula projectada entre dois mares da Europa. Cousa notavel! é precisamente na visinhança do nó de montanhas onde se ligam os dois systemas dos planaltos da Mongolia e da Persia, que se acha a principal porta das nações arianas e o desfiladeiro pelo qual passaram os fluxo e refluxo de guerras, das migrações, do commercio.»[1] A civilisação occidental esteve em perigo de ser submergida pela invasão militar da Persia, que procurava destruir a democracia grega que a affrontava com a sua visinhança e com a sua liberdade intellectual. Caracterisando as duas civilisações dos Arias orientaes, vemos que ellas se basearam na exclusiva preponderancia de elementos subjectivos, taes como mythos religiosos, theologias e metaphysicas, e consequentemente na organisação theocratica e militar, e na subordinação ao perstigio tradicional do nascimento e da força, prevalecendo a vida domestica pela apathia individual sobre a vida publica.

Ao passo que os Arias orientaes encontraram nas suas migrações diante de si elementos selvagens com que se ligaram, os Arias occidentaes que fundaram a Civilisação europêa e que se elevaram á hegemonia da Humanidade, acharam o estimulo das grandes civilisações do Mediterraneo, o Egypto e a Phenicia. Assim o centro principal das civilisações mais esplendidas estabeleceu-se sobre as bordas do Mediterraneo, apresentando uma enorme irradiação para a Asia na

[1] *Les phénomenes terrestres,* p. 46 e 47.

época de Alexandre, para a Europa occidental sob a conquista dos Romanos, até se deslocar para o Atlantico propagando-se para a America, pela actividade maritima dos Portuguezes, facto que determinou uma éra nova na humanidade. Sob a dependencia d'esta contiguidade material se encontra essa vida que se transmitte de povo a povo, como diz Ranke, esse espirito da Historia Universal ou continuidade subjectiva, a que Augusto Comte chamava a Civilisação occidental. Dividimos esta enorme civilisação, que já se não extingue, porque se multiplicaram os seus fócos, em tres periodos fundamentaes: o primeiro, que serviu de estimulo iniciador, em que floresce o *Egypto,* e em que a *Phenicia* propaga os progressos d'esse centro isolado; o segundo, em que a *Grecia* recebe do Egypto e dos Phenicios os germens da sua cultura intellectual e affectiva e em que os universalisa, (o *hellenismo),* e em que *Roma,* apropriando-se dos progressos da Grecia, funda o primeiro esboço da solidariedade occidental pela incorporação dos povos barbaros da Hispania, das Gallias, da Britania e da Germania. O terceiro periodo da Civilisação occidental, caracterisamol-o pela deslocação do Mediterraneo para o Atlantico; a *França,* representando a entrada da raça germanica na occidentalidade, continúa a hegemonia de Roma pela fórma affectiva, pela crença ou unidade catholica, pela poesia dos trovadores e das Gestas, e pela arte architectonica; *Portugal* e a *Hespanha* servem a solidariedade occidental nas grandes navegações e colonisações, base da éra industrial. Com o desenvolvimento crescente de outros fócos de civilisação, como a Inglaterra, a Austria e a Prussia, o oceano Atlantico tornou-se um novo Mediterraneo entre a Europa e a America; mas infelizmente a Inglaterra pelo seu egoismo insular tem sido sempre a perturbadora da solidariedade occidental, e a Austria e a Prussia, com o seu militarismo retrogrado e com os sonhos de um germanismo vingador (Hegel e Gervinus) têm desconhecido e muitas vezes attentado contra a civilisação de que derivam e de que são orgãos subalternos.

A raça dos Semitas bem como a raça dos Arias soffreram fortes deslocações ou migrações successivas; mas uma, que tinha unicamente o apoio da *tribu,* desmembrou-se em um incoherente beduinismo; a outra levada pelo mesmo cosmopolitismo fixou-se na terra, apoiou-se em instituições locaes. Diz Renan: «Na raça árica, ha uma expansão cosmopolita, apoiada no desenvolvimento das fórmas sociaes que a fortalecem contra o nomadismo dando-lhe a consistencia de na-

ções.»[1] Esse typo de organisação social foi o Municipio, que apparece mais ou menos desenvolvido em todos os ramos áricos e que foi sempre a base da ordem em todas as suas crises; na dissolução do Imperio romano é a fórma municipal que lhe conserva a disciplina nos paizes submettidos, e nas luctas da invasão germanica são as Communas que elaboram a organisação social moderna.

Na historia da Civilisação occidental, o primeiro periodo, que comprehende o Egypto, a Phenicia e ainda a Aramêa, só nos póde interessar para o estabelecimento da solidariedade objectiva, isto é, a transmissão de um dado numero de elementos activos, ou industriaes, e affectivos para os povos helleno-italicos. O verdadeiro campo de observação sociologica consiste no estudo da organisação social da Grecia, de Roma e dos povos germanicos em que se torna evidente o concurso successivo. Ahi se vê a sociedade reflectindo todos os progressos do nosso sêr psychologico e individual; a Grecia, estimulada pela sua invenção artistica, pela creação das sciencias da Mathematica e da Astronomia, e sem a perturbação de uma casta sacerdotal, eleva-se pela eschola jonica ou *objectiva,* e pela eschola eleatica ou *subjectiva* á mais completa *synthese especulativa*. Roma, assimilando a si todas as populações italicas e incorporando os povos barbaros do Occidente constitue o Estado, pelo sacrificio do elemento local e individual á unidade politica, criando assim a norma superior da *synthese activa,* ainda confundida com as hostilidades militares. A Edade media, em que as tribus germanicas coopéram para a differenciação das nacionalidades modernas, funda a ordem nova pela subordinação dos sentimentos da moral domestica prevalecendo sobre a vida publica, ou a *synthece affectiva* servida pela moral, pela religião, pela cavalleria, pela poesia. Caracterisando estes factores da Civilisação occidental, temos na Grecia uma diminuição crescente da influencia subjectiva, em que os Mythos se convertem em Litteratura e em que a theologia se transfórma em especulações philosophicas. Roma, que funda o direito, a administração e a unificação politica, apresenta a preoccupação objectiva como movel da acção pratica; a synthese activa teve a imperfeição de não ser dirigida pela noção de uma continuidade subjectiva. A Edade media, começa por uma transição affectiva, representada pelo Christianismo, eleva-se á synthese especulativa na época da Renascença, e

[1] *Hist. général et des Langues semitiques,* p. 40.

descobre a verdadeira synthese activa pelas grandes Navegações e pela dignidade do Trabalho industrial; é por isso que podemos caracterisal-a como representando uma subordinação gradual e conveniente da solidariedade objectiva á continuidade subjectiva. Sem uma rehabilitação da Edade media era impossivel comprehender a sociedade moderna, perturbada com o negativismo ora da antiguidade greco-romana pelo Catholicismo, ora da disciplina christã pela Renascença, ora de ambas essas duas épocas pelo Encyclopedismo. Sem o exame do conflicto entre o elemento genealogico ou *tribu,* e o elemento local ou *Cidade,* não se póde vêr claro n'essas luctas eternas entre a aristocracia e a democracia, e muito menos deduzir o accordo d'estes dois elementos imprescindiveis de subordinação a um facto superior, a Sociocracia. Nas instituições sociaes da Grecia, o typo local ou de Cidade é o que prepondéra na Attica, centro da assombrosa cultura hellenica, levando Athenas ao pleno desenvolvimento da democracia. As condições ethnicas e historicas da raça explicam-nos porque é que em Sparta foi o centro da lucta genealogica ou aristocracia, e Athenas o centro da lucta da tribu local ou da democracia. Na ethnologia da Grecia existiu um primitivo elemento kuschito-semita, que operou a assimilação facil da cultura do Egypto e dos Phenicios; é representado pelos Lelegios, do litoral da Asia Menor, pelos Teleboeus, pelos Carios, Lydios e Curetes. Sobre este fundo seguiram-se os ramos áricos dos pelasgos, um *pastoral,* estabelecido na Arcadia, Epiro, Thesalia, Elida, Argolida, Chaonia; outro *agricultor,* com o culto de Ceres, estabelecido na Attica, pertencendo a este ramo os Acheanos confundidos com os Jonicos agricultores. É facil de vêr que o Pelasgo pastoral desenvolveu as instituições aristocraticas, e que o dialecto pelasgico, o Eolico, se transformou no Dorio, a lingua do elemento conservador da Grecia, que o manteve na actividade guerreira, e que o ligou com as tribus macedonicas. O ramo cosmopolitico e apoiado em instituições locaes de Cidade, contém os Acheanos e os Jaones ou Jonios. O encontro d'estes gregos da orla maritima, e que primeiro se acharam em contacto com o fundo kuschito-semita, fez com que tivessem de abandonar o vinculo do nascimento pelo accordo voluntario de um pacto social sobre o mesmo territorio. A necessidade da lucta contra os piratas do Mediterraneo, estabeleceu a observancia de uma lei fóra das tradições da tribu, sob Minos; a necessidade de resistir ás incursões das tribus montanhezas ligou as povoações pelo interesse de visinhança em Amphyctionia, sob pre-

texto sentimental de um templo commum, como o de Delphos, que era o centro de uma federação de doze povos. Emquanto a amphyctionia teve o caracter religioso, os Dorios dispozeram da hegemonia politica; mas as cidades ligaram-se pelo seu interesse material em *Symachia*. A Attica, fóra das luctas pessoaes das tribus, luctas que produziram a eliminação da realeza patriarchal, chegou muito cedo á unidade politica, e d'aqui lhe adveiu a força com que se impoz na hegemonia da Grecia, tornando-se um logar de refugio. A convergencia de todos os foragidos fez com que a classe dos *Eupatridas* (os bem nascidos) derivada do typo tribu, que comprehendia os Gelontes, (brilhantes) os Hoplites, (guerreiros) os Argades, (batalhadores) e os Aegicores (cabreiros) fossem sendo supplantados pela classe dos Agricultores, *(Geomeros)* e pelo elemento extranho e adventicio dos artifices *(Demiurgos)* e clientes *(Metoeques)*. Como nenhum accordo se podia estabelecer senão pelo interesse do maior numero, assim em vez da tradição predominou a vontade da assembléa em commum, e consequentemente esse principio fundamental de toda a politica, da relatividade das leis sociaes particulares. Solon, buscando um principio para harmonisar entre si a subordinação mutua d'estas differentes classes sociaes, abandonou o facto do nascimento e buscou o *censo* da terra; Clystenes desenvolveu a capacidade civil alargando-a ao maior numero de individuos com a obrigação da defeza do territorio. Como porém o elemento aristocratico se ligava em associações secretas, ou heterias, contra as phratrias populares, e como as assembléas podiam ser illudidas pelo perstigio de individuos poderosos, o ostracismo, que nos parece tão injusto hoje, tornou se uma necessidade para salvaguardar as deliberações electivas da galopinagem. Nunca a humanidade apresentou um fóco de um maior progresso do que Athenas, devido á liberdade individual proveniente das suas instituições. O elemento aristocratico triumphou impondo á Grecia a hegemonia de Sparta, e esse povo decahindo sob a unificação militar da Macedonia, acabou por converter-se em uma provincia romana.

A constituição da sociedade romana baseada sobre o pleno desenvolvimento do direito civil, apresenta a complexidade de um vasto problema sociologico, para a comprehensão do qual existem não só abundantissimos documentos historicos, como os bellos trabalhos de erudição e de critica moderna de Mommsen, Becker, Marquardt e Lange. A erudição scientifica pouco mais tem que fazer; a systematisação philosophica é que ainda não tirou toda a luz d'essa massa de factos, que se prestam a

deducções de ordem sociologica, sobretudo em um problema tão importante como o da conversão dos costumes tradicionaes e de uma equidade empirica, em uma legislação que se aproxima das noções racionaes até á concepção abstracta da ideia de justiça. A formação de Roma, o genio romano, a propagação das suas fórmas administrativas, emfim a civilisação dos povos do Occidente, derivam-se d'essas primitivas bases de constituição social, que não podem ser bem comprehendidas pelos documentos historicos desacompanhados das condições ethnicas e mesologicas em que se desenvolvem as garantias da Cidade.

O desenvolvimento de Roma fez-se á custa de conquistas das cidades italicas, que pela sua fórma politica municipal tinham uma organisação democratica como as cidades gregas. Os nomes de *oppidum,* de *urbs,* de *civitas,* de *arx,* e mesmo a civilisação, revelam quanto esta fórma social de Cidade se desenvolvera entre essas populações italicas. A fórma de Cidade, sendo a base da egualdade de todos os seus membros no mesmo territorio e na livre concorrencia aos cargos publicos, fez com que um novo direito baseado na capacidade individual se substituisse ao direito privilegiado da tribu patriarchal primitiva, que se revestia com a veneração da tradição e á sombra dos ritos domesticos. Quando as Cidades italicas entram n'este periodo de transformação democratica, reagindo contra o elemento theocratico-aristocratico das tribus primitivas, é que a Cidade de Roma se apresentou como um refugio d'esses elementos decadentes, apropriando-se dos seus deuses, dos seus cultos e consequentemente dos seus direitos familistas ligados á sancção divina. A *gens* Claudia emigra para Roma, deixando Sabina por causa das instituições democraticas municipaes; no Latium prevalecem as instituições democraticas e por isso as familias latinas que conservavam o espirito dos privilegios da tribu emigram para Roma, onde vigorava o patriciado. Na lucta da plebe com a aristocracia de nascimento em Ardea, esta classe atraiçôa a cidade entregando-a aos Romanos. Na Etruria preponderavam as fórmas sociaes da tribu, e por isso ella não soccorre contra os Romanos o povo de Veios que havia estabelecido as fórmas da liberdade local; porém quando ella chega á mesma independencia municipalista revolta-se contra Roma, á excepção de Arretium que era aristocratica.[1] As luctas entre todos os povos italicos, que os historiadores antigos apresentam como passando-se

[1] Fustel de Coulanges, *La Cité antique,* p. 449.

entre as classes da plebe e da aristocracia, não são outra cousa mais do que o typo social da *Cidade* impondo-se á aggregação tradicional da *Tribu*. A população dos estados italicos desenvolvera-se largamente por causa do direito de azylo, e por conseguinte sem a tradição do nascimento conservada nos privilegios da *gens*, procurou ligar-se pela garantia local da Cidade, nas fórmas democraticas do municipalismo. Roma tornada o centro da reacção aristocratica, deveu o seu desenvolvimento social ao apoio d'essa classe que decahia em todas as cidades italicas, e é por isso que ella se alarga como Cidade com o elemento *tribu* e com o privilegio de *familia*, vindo inconscientemente a conciliar esses dois factores nacionaes, que a Grecia nunca pôde harmonisar entre si.

O povo romano, e com este os povos italicos são um ramo da grande raça árica, pertencentes a essa corrente de migrações indo-europêas, gregos, celtas, germanos e slavos; assim como as suas linguas se explicam comparativamente conduzindo á concepção de uma unidade ethnica e linguistica, é natural que as suas fórmas sociaes apresentem profundas analogias, e já este facto se comprova préviamente pela influencia das colonias da grande-Grecia no desenvolvimento do genio romano, e mais tarde pela influencia directa da civilisação atheniense em Roma, e de Roma sobre os povos barbaros do Occidente, que abraçaram com uma facilidade maravilhosa e n'uma extensão immensa a lingua latina e o municipalismo.

Mas se as condições de unidade anthropologica nos explicam as analogias que existem entre o Romano e os povos indo-europeus, as differenças que se observam entre o grego e o romano nas religiões e nas fórmas sociaes só podem ser explicadas por condições de mesologia. Tanto o grego como o romano são naturalistas em religião; estão n'esse estado de concepção polytheista, com a differença que o grego personifica as forças da natureza e pelo desenvolvimento do seu genio artistico particularisa-se no anthropomorphismo;[1] o romano adora essas mesmas forças na sua fórma allegorica, de entidade abstracta, com aquelle facil syncretismo do *nomen numen*. Estas mesmas differenças religiosas separaram a raça árica em dous grandes ramos, Arias e Irânicos, sendo o naturalismo allegorico o preponderante na civilisação avestica, e o naturalismo ou polytheismo immediato o que predominou na civilisação vé-

[1] Póde attribuir-se esta caracteristica á influencia semita, que serviu de base e primeiro estimulo á civilisação da Grecia.

dica. Diante d'este facto, a distincção entre o genio grego e o romano póde ser procurada no momento da separação do mesmo tronco árico, segundo o estado em que se achava, de unidade ou de dissidencia religiosa. Porém entre os gregos e romanos existe uma differença nas fórmas sociaes, que só póde ser explicada pelas differenças do meio cosmico: o grego encontrou no solo em que veiu fixar-se raças com organisação social que teve de assimilar a si, e além d'isso pela facil migração para o solo hellenico através da Asia Menor, onde estanciavam ou para onde se tornavam a refugiar, os povos hellenicos organisavam-se em *Cidade* com independencia democratica, e por isso resistiam a todo o esforço de assimilação centralisadora de qualquer cantão, podendo por necessidade de mutua defeza contra outra qualquer raça, como semitas do Mediterraneo, turanianos da Asia Menor, ou aventureiros egypcios, ligarem-se em symachia ou federação de cidades autonomas, a pretexto de guerra. A Grecia, portanto, entra na civilisação pelo desenvolvimento do direito publico, que se revela no seu cosmopolitismo, na liberdade com que a poesia e a litteratura trataram os seus mythos, na cultura de uma arte monumental e de uma eloquencia para o povo, e por ultimo de um theatro, que serviu de orgão de manifestação da opinião publica sobre a marcha dos negocios politicos e do funccionalismo.

Os Romanos, ou os povos latinos, entraram na Europa em outras condições; não acharam no seu caminho outros povos com quem tivessem de se bater, e por isso nos seus primeiros rudimentos sociaes as suas *tribus* desconhecem a escravidão como classe, que resultava da guerra já humanisada, e conservam os seus privilegios de nascimento, como *Mores majorum*. Os Romanos fixam-se no solo italico vindo pelo norte; e se isto comprova a ausencia de raças inimigas, encerra tambem porque tão tarde vieram ao encontro das colonias gregas da orla maritima da Italia meridional, e porque é que tão tarde conheceram leis escriptas do genio grego, como a redacção do codigo das Doze Tabuas e dos livros sybilinos, provenientes d'esta primeira communicação. Se os povos latinos não encontraram no solo italico raças organisadas socialmente, como o provam os trabalhos da erudição moderna, os typos de associação a que haviam chegado na época da sua immigração estacionaram n'esse estado de um *Familismo* patriarchal, d'onde resultou certas tribus extinguirem-se no seu isolamento familista, como Hernicos, Volsquos, Equos, Umbrios, Sabellicos, outras chegaram a uma

pequena liga de *Cantonalismo,* como os Veios, e outros resistiram mais tempo pela concentração em volta de uma Capital, como Alba Longa, com a destruição da qual começou o engrandecimento material de Roma, tendo ainda assim pertencido a Alba Longa o primeiro impulso de unificação por isso que ficou um centro religioso onde se celebravam as *ferias latinas.* A completa integridade familista de cada uma das tribus italicas e o seu desenvolvimento independente em Cidades que procuravam colligar-se em centros cantonaes é que fez com que ellas resistissem á assimilação dos Romanos, com esse ciume de quem não quer perder as suas garantias consuetudinarias, ou que procurassem em Roma, como centro de reacção aristocratica, recursos de resistencia da tradição da tribu contra a transformação municipal. D'aqui se deduz tambem outro grande facto comprovado pela historia, que Roma gastou cinco seculos a submetter estes povos italicos, emquanto que em dous seculos acabou de conquistar o resto do mundo; e finalmente, unificadas estas tribus latinas ou *locaes,* como elementos de clientela e de plebe na sociedade romana, todas as luctas internas d'essa vigorosa sociedade consistiram na aspiração legitima dos clientes e plebeus a serem povo romano, isto é, a terem os mesmos direitos da *caput* ou capacidade juridica dos patricios. Collocados assim os problemas, as deducções são immensas; as guerras italicas tendendo cada vez mais a tornarem-se *guerras sociaes,* e a unificação do direito aproximando-se cada vez mais da equidade natural, fazem com que o direito civil seja uma realisação da justiça, e o direito politico a fusão da *tribu* e da *cidade* produzindo a Nação.

Observado o desenvolvimento de Roma como de uma liga de *tribus* latinas, que se federaram tornando esses seus costumes patriarchaes a sua lei privilegiada, secreta e augural, resultando d'esta liga o poder com que assimilaram a si as outras tribus isoladas ou as destruiram, importa remontar a essa constituição primitiva não pela simples exposição dos privilegios do patriciado, que á primeira vista parecem tão odiosos, mas recompondo as phases porque passa qualquer sociedade patriarchal comparando-a com os primordios romanos. Assim aquellas instituições romanas, que parecem tão originaes e exclusivas, como o patriciado, a propriedade do *ager,* o symbolismo juridico, a decomposição do poder executivo em magistrados antagonicos, a immutabilidade e jurisdicção crescente do Senado, tudo isso, sobre que a moderna erudição tem derramado tanta verdade descriptiva,

mal se comprehende se se não procurar as relações evolutivas nas origens de uma sociedade patriarchal, que se desenvolveu primeiramente sem luctas, e que só chegou ás noções da liberdade politica pela reacção constante de outras tribus unificadas fóra dos privilegios d'esse primeiro nucleo patriarchal, e destruindo o particularismo religioso dos cultos municipaes que atrophiaram a plena expansão da fórma politica da *Cidade,* como aconteceu na Grecia.

Roma apparece-nos constituida por duas tribus, que se ligam para a mutua defeza por um consenso tradicional conhecido pelo nome de *fœdus æquum,* isto é, liga de interesses bilateraes; essas tribus são os *Ramnenses,* tribu propriamente latina, de Alba Longa, e os *Titienses,* tribu sabina ou umbriana; ambas se estabelecem em duas montanhas, que lhes servem de defeza, e d'onde fazem as suas excursões de devastação e pilhagem, os Ramnenses no Monte palatino, e os Ticienses no Monte quirinal. É um primeiro esboço de cantonalismo, mas em que se conservam todas as fórmas do patriarchado de uma sociedade em estado de familismo; a vida cantonal d'estas duas tribus consistia na guerra como recurso economico, e d'essa primeira profissão veiu o nome de *populus,* (*populatio* ficou sempre significando a devastação) titulo civil de que o Romano foi sempre tão cioso, e por que as tribus italicas unificadas tanto combateram nas luctas da plebe contra os patricios. A liga entre Ramnenses e Ticienses tinha por base um sentimento de preponderancia individual, que facilmente perturbaria o *fœdus æquum;* e de facto até Numa, isto é, até á systematisação cultual em religião publica dos ritos domesticos, prevaleceu com maior preponderancia n'esta primeira liga o elemento sabino dos Ticienses. O nome de Roma persistindo n'esta unificação cantonal e successivamente federalista, revela-nos que se deslocou o equilibrio do *fœdus æquum* para o lado dos Ramnenses. Como se fez este desequilibrio? Por meio da concentração religiosa; Alba Longa, d'onde haviam sahido os Ramnenses tornou se a cidade sagrada, a cidade ritualistica das *ferias latinas,* e este mesmo facto se dá n'outras civilisações primitivas, como a Cidade de Erec ou dos mortos para os povos assyrio-babylonicos, Jerusalem para os Judeus, e mesmo entre o federalismo hellenico as cidades sagradas que se tornam centro de unificação politica chamam-se *panionias.* A destruição de Alba Longa, como cidade material, faz com que os seus derradeiros elementos, os *Lucerenses,* egualmente latinos como os Ramnenses venham estabelecer-se no Monte Coelio, como

arx ou defeza do aggregado familista; assim ficou Alba Longa simplesmente como logar santo, e o elemento latino preponderante a começar em Tullio Hostilio. O exclusivismo desesperado dos patricios, que occultavam os seus ritos domesticos, e que nunca concederam o *jus sacrorum* aos plebeus e clientes, tendo chegado a conceder um direito egualmente privilegiado o *jus connubii* a essas classes novas, prova-nos o poder que o principio religioso teve na primeira unificação do elemento latino em Roma ao passo que decahia nas outras Cidades italicas; os patricios nunca se esqueceram d'essa origem da sua auctoridade. Na sociedade romana existe uma *época de patriciado* puro; em seguida abre-se uma época em que entra em conflicto um elemento novo, os clientes e a plebe, e que se começa a caracterisar pelas reformas de Servio Tullio. A lucta de dous seculos entre estas classes genocraticas ou preponderantes pelo nascimento *(gens)* e as timocraticas, é o processo por onde um certo numero de direitos se vão conformando com a equidade. Luctam entre si as tribus de raça (Patricios) contra as tribus locaes incorporadas por diversos meios na grande Cidade. É entre ellas que se dá esse conflicto de um dualismo perpetuo nas creações do genio romano; dualismo entre os cidadãos *optimo jure* e cidadãos *minuto jure,* entre o *populus* e a *plebs,* entre o parentesco por *agnatio* e por *cognatio,* no casamento por *justæ nuptiæ* e por *concubinatus,* nas fórmas da propriedade *dominium ex jure quiritum* e *dominium in bonis,* nas fórmulas do direito *jus civile* e *æquitas* ainda mais explicito no seu dualismo entre o *strictum jus* e a *bona fides.* Mesmo a fórma dual persiste nos nomes dos deuses nacionaes na sua vaga allegorisação ou no seu eponysmo, como em *Tellus* e *Tellumo, Anima* e *Animus, Romulus* e *Remo.* Mas para bem conhecer a natureza d'esta lucta, importa observar esse elemento patricio na sua época de pureza genocratica, antes das reformas de Servio Tullio; n'esta época nenhuns documentos derramam mais luz do que a comparação com as phases de outras sociedades tambem em estado patriarchal. Na China, por exemplo, na migração que se estabelece junto do Hoang-ho, a unificação nacional começa pelo estado de Familismo, e na marcha historica as *Cem familias* primitivas, apezar do seu estado de desenvolvimento extraordinario, conservaram sempre os cem nomes que as designam, e que hoje são os titulos da sua aristocracia. A unificação romana na *Civitas* dos elementos Ramnense, Ticiense e Lucerense, fez-se n'esse mesmo estado de Familismo, que os Romanos tambem conservaram

como titulos, como se vê pela *Gens Julia, Gens Fabia, Gens Persia, Gens Domicia.* O estado social do Familismo tem uma fórma particular; o typo do aggregado de Familia não se perde no aggregado geral do Clan, do Bando, do Sept, ou do Rancho. A familia póde desenvolver-se em uma grande proporção numerica, como vemos entre os Esthonianos, mas d'esse desenvolvimento resultam duas consequencias: de um lado as migrações de pequenas Colonias, que pelo *ver sacrum* se destacam para se estabelecerem em outro local, conservam o typo da metropole, como cidades filiaes, e isto vê-se actualmente na Russia onde essas cidades mães são chamadas *Prigorod;* de outro lado o desenvolvimento da auctoridade do pae em um patriarchado, isto é, em um Cabeça ou Chefe de familia. Isto nos explicará como é que todos os direitos do cidadão romano se achavam expressos pela palavra *caput,* cuja perda, *caput diminutio minima* e *maxima,* comprehendia todos os gráos da penalidade romana.[1] Os paes, os que tinham a *caput,* os patricios constituiram essas familias romanas bem individualisadas, pelas suas prerogativas, como os *Feciales,* os *Arvales,* os *Salii,* os *Lupercales,* os *Pontificales,* e outras que nos costumes romanos eram ainda conservadas como privilegios dos patricios ou da classe genocratica.

A *caput* comprehendia o estado de liberdade, o estado de familia; pelo estado de liberdade só ao patricio pertencia o exercer a sua vontade sobre a sua gente; elle é o unico *sui juris,* e a sua palavra é uma lei, como se chegou a formular no velho aphorismo *uti lingua nuncupassit ita jus esto,* como a lingua o tiver dito assim seja o direito. A unica auctoridade possivel n'estas condições é só a do pae, porque é temperada pelo instincto natural do amor, mas ainda assim a lei civil moderna define estas relações. Diante de uma tal origem do poder, como a paternidade, comprehende-se que a sociedade romana no periodo do patriciado puro não tivesse lei escripta, e se regulasse pela pratica constante do habito domestico e da tradição consuetudinaria, sendo n'esta época os *Mores Majorum* a norma por onde a vontade do patricio

---

[1] É assim que a politica de Roma apresenta um duplo aspecto: pelas colonias propaga as instituições municipaes, baseadas na independencia da Cidade, e pela incorporação dos vencidos alarga os privilegios pessoaes do patriciado. D'esta contradição resulta que as duas fórmas sociaes da Tribu e da Cidade tiveram de fundir-se produzindo o phenomeno de aggregação chamado Nacionalidade.

regulava os seus arbitrios. Esta vontade pessoal do quirite ficou sempre reconhecida na lei, porque em uma época de critica philosophica ainda se definia a liberdade «a faculdade natural de cada um fazer o que quizer não sendo prohibido pela força ou pela lei.» Pelo desenvolvimento d'esta concepção da personalidade tornando-se uma consciencia da dignidade humana é que o direito territorial, limitado ás garantias da *arx* ou do Capitolio, (ainda a *caput*) se alargou com a propagação da civilisação romana a todo o mundo

Depois do estado de liberdade competia ao quirite, ou propriamente o patricio, o *estado de familia;* era n'esta instituição que se realisavam todas as fórmas da auctoridade patriarchal; por isso que a vontade do chefe da familia é a lei domestica, competia-lhe a *potestas* sobre o filho, sobre a mulher e sobre os que se lhe aggregavam á familia como clientes e servos ou escravos; sobre o filho tinha o direito de vida e morte, direito conservado até ao fim da vida e muitas vezes exercido nos primeiros seculos de Roma; a mulher entrava no casamento ficando reduzida a uma menoridade perpetua, *in manu mariti.*

O typo do *pater-familias* ficou perpetuamente o typo da auctoridade publica; senão vejamol-o. Como acontece em toda a sociedade em estado familista, que se eleva ao cantonalismo, persistem os patriarchas, mas elegem entre si um chefe superior, a quem delegam uma parte dos seus poderes; dá-se este facto na Esclavonia, onde o chefe eleito se chama *Gosporod;* na sociedade romana deu-se o mesmo phenomeno, isto é, os patricios delegaram uma parte dos seus poderes em um chefe de eleição vitalicia, a que chamaram o *Rei,* que tinha o privilegio de nomear o successor sendo validado por um ajuntamento dos chefes de familia, que constituiram um corpo deliberativo que ficou sendo o *Senado.* D'aqui se vê, que a creação da realeza em Roma foi uma consequencia do desenvolvimento pleno do patriciado nos patres-familias, e que á medida que essa auctoridade da nova Magistratura se foi alterando nas fórmas consular, pretoriana, edilicia, tribunicia, decemviral, ou imperial, o Senado, como nucleo primitivo da auctoridade patriarchal, ha de manter-se arrogando-se poderes que vae perdendo segundo a natureza dos conflictos que provocam essas transformações. No estado patriarchal das raças germanicas a realeza é tambem electiva e é produzida pelo desenvolvimento da banda guerreira; e assim como a realeza germanica se torna hereditaria, fortalecendo-se com o seu exercito e com os beneficios e terras

concedidas á banda agricola, assim tambem em Roma a realeza tentou tornar-se hereditaria em Tarquinio Soberbo, que já se havia apoiado nas povoações italicas dando-lhes garantias civicas. Tarquinio não pôde tirar as consequencias d'esta elaboração politica, por causa da revolução do patriciado que dividiu o poder real entre dois consules electivos, reis em tudo excepto nas insignias exteriores. As comparações com o estado patriarchal germanico não são fortuitas; repetem-se as analogias sobretudo na *propriedade* e na *clientella*. A propriedade germanica é o *gau*, terra commum distribuida annualmente entre a gente da banda agricola, da mesma fórma que o *ager publicus* dos romanos, tambem conservado com esse caracter durante muito tempo, como observa Mommsen; e por ventura as theorias agrarias dos Graccos não são mais do que uma recorrencia a esse costume social decahido já ao estado de tradição. A clientella romana, que é um elemento que precedeu em Roma a creação da plebe, parece-nos ser antes de tudo povoações que ainda estavam em um estado de relação de parentesco maternal, entrando nas familias patricias pela agnação; as suas origens historicas são incertas, mas os modernos romanistas allemães consideram a clientella como constituida por migrações greco-italicas, por escravos manumittidos e por *peregrini* a quem davam o *jus applicationis;* em todas estes casos complexos dá-se sem antimonia o facto de pertencerem a um estado em que a paternidade não era a base da organisação da familia. A decadencia dos homens livres entre as raças germanicas, quando os chefes militares ou aristocraticos preponderaram na organisação social do Feudalismo, é que nos explica a classe da Clientella em Roma, a qual destruindo as Cidades italicas extinguiu a liberdade das populações que substituiram os chefes patriarchaes pelo governo democratico dos municipios. A estas tribus, que os reis admittiram e que não eram de raça, chamaram-lhes tribus locaes, e só existiam á sombra dos direitos privativos dos patricios. As relações entre o patrono e o cliente (o que ouve, para obedecer) são analogas ás dependencias do homem da terra com o barão da Edade media; o cliente em Roma é obrigado á *salutatio* ao seu patrono, e que outra cousa é a *homenagem* no Feudalismo? O cliente acompanha o patrono á guerra, como o homem na hoste do senhor feudal; o cliente presta-lhe dinheiro para dotes das filhas do patrono, para resgate, para as despezas de justiça, como o homem adscripto presta essas mil *redevances* feudaes, que os medievistas têm descripto. O patrono defendia o cliente

da mesma fórma que o barão ou o senhor por obrigação cavalheiresca. O cliente entrava na familia sob o patrio poder, mas não podia obter o *jus sacrorum,* o direito de culto domestico, e o *jus honorum;* e esta classe dos *cives minuto jure,* nas luctas da plebe com os patricios não poucas vezes lucra n'essa conquista de direitos, como abandona por vezes a causa dos patronos. Dentro da organisação politica da *cidade,* a Familia não perdeu o seu typo patriarchal; algumas conservaram privilegios legaes, outras usos caracteristicos, mas se essa sociedade poderosa se desenvolveu pelo seu exagerado familismo tambem por elle veiu a extinguir-se, por essa lei biologica que tende á eliminação lenta mas constante de todas as aristocracias. As adopções, a agnação, as leis contra o celibato, o repudio da mulher esteril, eram recursos legaes contra o phenomeno biologico da extincção das familias patricias, extincção que se tornou irremediavel quando pouco tempo antes do Imperio se acharam reduzidas ao numero de quatorze gentes, ou trinta familias patricias. Assim acabou a civilisação grega dos estados aristocraticos; e hoje que resta da aristocracia da Edade media da Europa? Nada; as aristocracias actuaes são *parvenus* do seculo XVI para cá.

Resta-nos fallar no estado de *cidade;* era esse o titulo de ostentação do homem livre, o *cives.* A Cidade era fundada n'um logar elevado, cercada de muros, *urbs,* e defendida de qualquer assalto, *arx.*[1] Dentro da cidade, é que as familias confederadas tinham todos os direitos; fóra das muralhas, no *pomerium,* o cidadão era um peregrino. O *strictum jus* do patriciado romano ia tão longe no seu espirito sacramental, que não admittia que o cidadão que morria fóra de Roma podesse testar, mesmo que elle morresse batalhando pela patria; para que esta letra severa fosse modificada foi preciso recorrer ás ficções do direito *postliminio,* isto é do direito fóra dos muros, suppondo que o cidadão saira por uma porta falsa, ou morrera já tocando os muros da cidade. Parece um absurdo esta concepção da Cidade assim concreta e exclusiva, mas tem a sua razão primitiva; as familias que trocaram entre si os seus privilegios fecharam-se dentro de um recinto onde se vivia segundo os costumes proprios *Mores majorum,* e d'onde se defendiam contra qualquer ataque attentatorio da sua liga. A área da cidade era a área dos direitos effectivos de cada um; fóra dos muros não ha

[1] É a Laryssa dos Gregos.

accordos de vontade, não ha tratados, e o mundo está n'um estado de barbarie contra a qual só a força póde subsistir. Por isso a Cidade só garante os direitos dentro dos seus muros. Mas no estado patriarchal germanico, cada tribu tem o seu territorio, a *Fara,* dentro da qual o farone (barão) acha as garantias de inviolabilidade; se o homem faz um crime longe da *Fara* não póde ser punido, porque não attentou contra as garantias estatuidas. Este ciume do direito de cidade reapparece tambem na Edade media nos burgos, ou centros industriaes. Já se vê, que o estado de Cidade em Roma, esse titulo de *Cives,* que equivale a quirite e a patricio é mais do que uma concepção patriarchal, que o conhecimento das origens da sociedade moderna explica comparativamente. No direito da Edade media, entre as diversas nacionalidades formadas pelas invasões germanicas coexistem duas fórmas de garantias, o *estatuto territorial* e o *estatuto pessoal;* as povoações submettidas escolhiam o direito por onde se haviam de reger, e o direito franko, ou o lombardo ou o visigotico eram o estatuto *pessoal* do invasor ao passo que o direito romano se tornára o estatuto *territorial.* Antes das luctas da plebe pela acquisição de garantias politicas, o direito em Roma era absolutamente pessoal; as conquistas no solo italico, a unificação de novas cidades, as colonias maritimas no litoral, eram circumstancias que tendiam a dar ao direito uma base territoral. As ficções pretorianas revelam essa necessidade, que as luctas de um elemento social novo, a plebe, tendiam a tornar definitiva a transformação.

Nas *tribus* que formavam a primitiva população de Roma, já se destacavam as *familias* cada uma arrogando-se independencia pelo facto de uma origem estrangeira mais ou menos justificada pela tradição; a familia Nautia dava-se como troyana, a Aurelia como sabina, a Caecilia como oriunda de Preneste, e a Octavia como de Velitres. Para que estes antagonismos primitivos se extinguissem perante a unificação politica, foi preciso que a ideia e a fórma social de *Cidade* se desenvolvesse simultaneamente com a tradição da *Tribu.* Emquanto Roma se desenvolve como centro de unificação dos povos italicos, é o typo de *Cidade* que prepondera na organisação social, estabelecendo-se a liberdade por meio das instituições locaes chamadas o municipalismo. O justo accordo entre estas duas bases organicas da sociedade, que a Grecia desconheceu nunca se tendo elevado acima da organisação da Cidade, é que fez com que Roma chegasse á fórma mais completa do Estado ou propriamente Nação. A His-

toria da sociedade romana funda-se na oscilação d'estes dois elementos: por meio das instituições municipaes, Roma torna-se a Cidade-mãe, o centro da confederação de todas as cidades italicas, porém uma vez forte pela incorporação d'esses elementos, a tradição da *tribu* reapparece nas fórmas do Imperio e Roma torna-se dominadora pela destruição do municipalismo. As familias tinham gradualmente desapparecido n'esta lucta de seculos, mas a tribu alargava-se comprehendendo todo o povo romano, *largamente rei,* comparado aos outros povos conquistados. Assimilando a si as populações italicas pela agglomeração familista, Roma tornava-se espontaneamente o centro da Confederação de muitas Cidades que viam n'ella a garantia das suas instituições locaes; com estes elementos latinos, sabinos, etruscos e gregos, de antigas tribus, Roma apropriava-se de todas as fórmas dos cultos particulares, e o Cidadão de Roma adquiria o singular privilegio de assistir ás ferias latinas, ás festas sabinas, ás cerimonias etruscas e aos jogos olympicos.[1] O *jus sacrorum* foi a base da differenciação do romano, que nunca concedeu este direito a nenhum povo ou classe por elle incorporada na unificação romana; n'elle se apoiou a tribu de raça contra as tribus locaes que começaram a ser reconhecidas no *minuto jure.*

A these de Mommsen, a liberdade em Roma foi uma expressão do direito civico,—é a simples exposição de um facto, que pela sua extensão e abundancia de documentos historicos póde ser seguido como um phenomeno sociologico de natureza empirica que se transforma em convicção racional. Em primeiro logar, o que é a liberdade? Sem recorrer a explicações subjectivas nem a entidades metaphysicas, a liberdade é o exercicio do direito. É por isso, que em Roma á medida que o direito foi sendo realisado, primeiro como o privilegio de uma classe, depois como uma condição da constituição social, pelo reconhecimento da independencia local, depois como uma necessidade da natureza humana, assim tambem a noção de liberdade se tornou mais extensiva, a ponto de se tornar o espirito do proprio direito. Por isso os antigos jurisconsultos definiam a liberdade a faculdade natural que cada um tem de praticar o que quizer, que não seja prohibido pela força ou pela lei. *(Et libertas quidem... est naturalis facultas ejus, quod cuique facere libet, nisi quod vi*

[1] Fustel de Coulanges, *La Cité antique*, p. 440.

aut lege prohibetur. Inst., 1, 3, § 1). Ha n'esta noção de liberdade a origem psychologica derivando-a da vontade, a independencia de vontades limitando-se mutuamente pela força, e a coexistencia de todas as vontades estabelecida pela acção restrictiva da lei, ou de uma vontade superior, geral e abstracta, que elimina essa força do arbitrio individual. Por tanto a liberdade é uma creação historica, e como tal tem phases evolutivas que se tornam factores independentes dos differentes gráos de progresso social; seguindo a ordem do desenvolvimento empirico, a liberdade é primeiramente *civil,* depois, e como consequencia de um maior desenvolvimento das relações dos cidadãos entre si, é successivamente *politica,* e por ultimo, como resultante de uma maior consciencia da dignidade humana, a liberdade é *philosophica.* Como baseada sobre uma organisação familista, a sociedade romana, que que conservou sempre esse caracter no seu patriciado, começou por desenvolver o seu direito com uma exclusiva fórma *civil;* a propriedade, os contractos, a constituição da familia, o culto publico, os encargos geraes, eram de tal fórma inherentes á personalidade do romano, que isto mesmo era a garantia d'esses direitos. A pessoa só tinha direitos como cidadão, por isso que o cidadão só podia ser investido d'esses direitos como pessoa privilegiada, do primitivo patriciado; assim o direito civil foi o *jus publicum.* Desde o momento que esse privilegio tradicional do familismo romano foi sendo conquistado por novas classes, como a plebe e os clientes, as garantias do direito já não derivavam das pessoas, e por isso o direito civil desmembrou-se no *direito politico,* imperfeitamente conhecido no mundo antigo, onde o *jus suffragii* não contém os nossos modernos direitos de representação, de reunião, e de associação. O facto material e historico da extincção biologica das antigas familias romanas cooperou bastante para a conversão dos privilegios civis em direitos politicos. A liberdade *philosophica,* começada com as ficções pretorianas e pela critica lucida dos jurisconsultos introduzida na legislação, foi o ultimo progresso da liberdade em Roma; por essas especulações philosophicas, que no direito romano realisaram a bella noção positiva da *Equidade,* é que o direito romano ficou vigente durante o periodo das invasões germanicas e das incertezas da Edade media da Europa, sendo o nucleo da ordem por onde se começou a organisação das novas nacionalidades. As doutrinas dos Stoicos em Roma proclamaram o principio do individualismo, sacrificado sempre á auctoridade do Estado. Derrogando o nexo religioso

na organisação social, o stoicismo subordina o individuo ao dever moral, esse fundamento unico de todos os direitos em qualquer sociedade de homens livres. Seneca, Plutarcho e Marco Aurelio reconheceram acima da tribu a humanidade, e acima da Cidade, o mundo. A critica philosophica exercia-se como um novo instrumento para acquisição da liberdade.

Conservada tão admiravelmente a tradição do direito e da liberdade civil de Roma, os povos modernos não tinham mais que fazer do que crear-lhe novas garantias. Foi o que conseguiram, com esse instincto de ordem com que os jurisconsultos saidos do povo fizeram renascer o direito romano nas Universidades, para depois sobre a base de direitos bem definidos as tornarem effectivas pela força dos Estados geraes e dos Parlamentos. A creação do Ministerio publico foi o meio de transição por onde o direito civil se começou a garantir pelo direito politico. As luctas communaes e a independencia das cidades municipaes, foram os eloquentes factos da nova consciencia da liberdade politica. A liberdade philosophica começou com a actividade do pensamento na grande época da Reforma, e especialmente com a elaboração scientifica inaugurada por Galileo; Machiavelli, Bodin, Fergusson, Montesquieu e os Encyclopedistas desenvolvem a critica dos phenomenos sociaes, preparando assim as bases racionaes d'esse facto empirico da liberdade humana. Como na natureza physica nenhuma força se perde, assim no mundo social a persistencia das mesmas energias revela-se pelas transformações evolutivas ou progresso; Roma, sob a sua orientação tradicional familista, elevou-se á realisação da liberdade, começando pelo facto civil, iniciando a garantia politica, e esboçando o seu fundamento philosophico. Hoje, que os povos modernos vão conhecendo a mutua solidariedade humana, e que os phenomenos sociaes se tornam objecto de uma sciencia positiva, a Sociologia, a ordem empirica realisada pela civilisação romana só póde tornar-se perpetua e progressiva estabelecendo a sua realisação conscientemente racional: primeiramente deve desenvolver-se a *liberdade philosophica,* porque é pela critica philosophica que se conhecerá a egualdade humana, se fundará a liberdade de consciencia, e se destruirão os privilegios tradicionaes que desnaturam o destino das sociedades; depois a *liberdade politica* tornar-se-ha um meio pratico de garantir ou defender o livre exercicio do direito civil, onde se encerram todas as condições do homem como individuo e como sêr sociavel. Se a *Cidade* foi para os Romanos o typo organico do Estado, e a sua grandeza proveiu da conciliação com

o elemento tradicional da *Tribu,* para os povos modernos que herdaram e continuaram essa civilisação compete desenvolver o direito politico pelo advento da Democracia, e a realisação da liberdade philosophica pela federação dos povos.

As raças germanicas, pela sua situação geographica confinadas pelo Rheno e pelo Danubio, pelo oceano e pelas altas montanhas do lado dos Dacos e dos Sarmatas, estavam destinadas a elevarem-se a uma altura de civilisação capaz de succeder na historia á civilisação greco-romana. Como observou Lubbock, nada estimula mais a actividade de uma raça do que as montanhas e as florestas; e as tribus germanicas ahi adquiriram esse vigor marcial com que se atiraram ás fronteiras do Imperio romano, e essa brandura de caracter com que algumas outras se offereceram no meio dos seus mutuos assaltos ao colonato.

Nas raças germanicas encontra-se as tribus que habitam os valles, e que se entregam ao trabalho pastoral; taes são os *Ingevones* (em anglo-saxão *inge,* prado; *einge,* em irlandez; e *eng,* em sueco; *wohnen* habitar.) Outras entregam-se á actividade das armas, constituindo uma aristocracia militar, ou a banda guerreira, que entre algumas raças, como entre o Franko, se converteu no Feudalismo; a este ramo podemos dar o nome dos *Herminones,* de Tacito, por ventura os *Arimanni,* como se designavam os homens-livres. Outros povos, os *Istevovones,* ou habitadores da parte oriental da Germania, (*Ost, ist,* oriente) comprehendiam os ramos mais atrazados na migração indo-europêa, ou os vagabundos por isso que já não achavam um solo para a livre occupação; taes são os Vandalos e Suevos, cujo nome significa errantes. No polytheismo d'estes povos encontram-se duas fórmas correspondentes ao caracter pastoral e ao genio militar; o culto de *Hertha,* ou da Terra, caracteristico dos habitos pastoraes, e o culto de *Odin* e a crença no paraiso para os que morrem nas batalhas, o *Walhala,* foram desenvolvidos pelos habitos de uma banda guerreira. Nas fórmas intimas do parentesco, prevalece a linha feminina, como em todas as sociedades guerreiras em que existe a polyandria; o casamento por compra, o *mundium,* corresponde a uma sociedade sedentaria que procura as mulheres em outras tribus, e por um contracto pacifico.

Na poesia dá-se a mesma distincção organica; os cantos épicos, ou o *Bardit,* compunham-se sobre os feitos militares e essas cantilenas vieram a constituir o cyclo dos *Niebelungens;* os cantos lyricos ou *lieds,* abandonados ás camadas populares foram mais tarde desenvolvidos pelos Minnesingers,

e d'essas melodias saiu a moderna musica allemã; o *ranz* das vaccas, da Suissa, é ainda um vestigio tradicional d'essa sociedade pastoricia.

Ao constituir o quadro da vida primitiva das raças germanicas, nada se póde explicar sem distinguir estas duas differenciações fundamentaes, que persistem mesmo nos pontos em que se organisam as novas nacionalidades; a lucta da banda guerreira *(Gasindii)* que se eleva até á hierarchia feudal, contra a classe agricola, que decae da dignidade de homens-livres até á servidão da gleba, provém d'este antagonismo primitivo.

O principio da hereditariedade prevalecia em algumas tribus, para a dignidade *nobiliarchica;* os laços de parentesco davam a esta sociedade a fórma de um estreito *familismo,* e por tanto um isolamento de classe. Diz Tacito: «Entre estes povos, o *nascimento* faz os reis...» (§ VII.) A sorte das armas, que veiu a desenvolver-se no Combate judiciario, era um caracteristico das povoações guerreiras: «Em uma guerra importante, os Germanos têm tambem uma outra maneira de advinhar qual será o successo. A todo o custo fazem um prisioneiro, que forçam a bater-se com um dos seus bravos guerreiros. Os dois campeões estão cada um armado á maneira do seu paiz, e a fortuna do vencedor parece prognosticar a da sua nação.» (§ X.) Tacito é ainda mais explicito:

«A extrema mocidade não exclue da cathegoria de principe ou de chefe aquelles que um *nascimento* muito illustre ou os serviços assignalados de seus paes chamam a esta dignidade. A medida que avançam em edade e que se fazem estimar, uma multidão de jovens guerreiros vem ligar-se á sua pessoa, e augmentar a sua côrte. Não se envergonham do titulo de sequazes, e aquelles que o usam não são eguaes. A estima do chefe regula entre elles as cathegorias.—Estar sempre cercado de uma multidão de mocidade escolhida, é o que lhes dá o poder e a consideração, e o que faz a sua segurança durante a guerra e sua gloria durante a paz.» (§ XIII.) Este séquito tem o nome de *Antrustiones,* e o laço que os ligava era a *homenagem,* e da parte do senhor o beneficio ou *feudo.* Por aqui se vê como a banda guerreira veiu a desenvolver-se no Feudalismo. A origem da banda guerreira acha-se melhor caracterisada n'estas palavras de Tacito: «Emfim, para retêr ao seu serviço aquelles que se lhe entregaram, cada principe não tem outro recurso senão a guerra.—A sua meza, grosseiramente servida, mas abundante, serve-lhes de soldo.» (§ XIV.) A insignia do *pendão e caldeira* na sociedade

neo-gothica da peninsula corresponde a esta caracteristica esboçada por Tacito. A invasão das tribus germanicas sobre o Occidente, foi uma calamidade humana por que fizeram recuar a civilisação á barbarie. Apropriando-se de uma cultura que lhes era extranha, só acceitaram o lado vicioso do Imperio romano, a ambição da *unidade politica,* em antinomia constante com o desenvolvimento das nacionalidades modernas. Pelo barbarismo da guerra de rapina, que arvorou os chefes militares em soberanos, as tribus locaes germanicas decahiram na dependencia da servidão da gleba, e só quando ellas sentiram a pressão fiscal do Feudalismo é que se aproveitaram dos vestigios da organisação municipal para reagirem por meio das Communas.

A primitiva sociedade germanica era dividida em cantões, o *Gau,* no qual havia a communidade das terras. E assim como da banda guerreira se deduz a constituição do Feudalismo na Europa moderna, assim dos cantões agricolas reapparece no seculo XI a primitiva organisação das *Communas.* Antes de estabelecerem pela fórma escripta os seus costumes ou direito tradicional e symbolico, nas Cartas ou Foraes, as communas conservaram-se em uma fórma rudimentar do *Gau* nas povoações ruraes chamadas os *Pagi,* os *Comitati,* os *Vici,* e as *Aldeias.* Na dependencia da banda guerreira que se fortalecia com a hierarchia feudal, os homens-livres decahiram da sua dignidade civil acceitando a condição de leudes para serem defendidos na posse das propriedades que cultivavam. Na servidão ecclesiastica acha-se o typo d'esta fórma de dependencia voluntaria. No meio da arbitrariedade senhorial as povoações ruraes ligaram-se formando associações de mutua defeza, que se chamavam *Arimannia,* ou Germania, as antigas *Hermandades,* que reappareceram na Allemanha e Hespanha no seculo XIII. Toda a liberdade moderna se deriva d'este desenvolvimento lento das instituições locaes contra os privilegios de nascimento sustentados primeiramente pelos chefes militares, no Feudalismo, e pelas Dynastias dos reis. Para que a Europa progredisse foi preciso que as tribus germanicas se elevassem até á cultura romana, e que a acção do clima occidental viesse destruir a sua preponderancia numerica. Os sonhos de um providencialismo germanico na historia são unicamente filhos de um prurido de subjectividade sem a conveniente subordinação á continuidade do passado. A invasão germanica impoz á marcha da Europa o principio pessoal da auctoridade real contra a liberdade local das antigas instituições populares; dispenderam-se para mais de mil

annos n'esta lucta, que continúa ainda sob a fórma sophistica da pedantocracia constitucional. Vamos vêr como através de tantas catastrophes e retrocessos que puzeram em evidencia a dissolução do regimen do unitarismo catholico-feudal, a mesologia da Europa nos está revelando a solidariedade da Civilisação occidental como coordenadora da acção politica de todos os Estados.

II

A reducção da Politica a uma sciencia positiva só póde conseguir-se estabelecendo o accordo entre a immutabilidade dos principios e a relatividade dos factos. Nas sociedades humanas existem condições naturaes inviolaveis para o seu desenvolvimento, e existem perturbações accidentaes, devidas quer á fatalidade do meio cosmico, quer á intervenção do empirismo do estado. As condições naturaes, pela sua constancia, transparecem através de todos os accidentes, entre diversos povos e ainda em differentes epocas; é sobre a sua evidencia que podem ser estabelecidos os primeiros principios. Exemplifiquemos: o homem, como um sêr individual, é o elemento primario da sociedade, mas é-lhe absolutamente impossivel subsistir em um isolamento egoista, porque a sua morosissima infancia o põe na dependencia do cuidado maternal, que, para exercer-se, depende por seu turno da aggregação da familia, rudimento espontaneo e base de todas as organisações sociaes mais complicadas. Quando Aristoteles fundou a sciencia da *Politica,* examinando as constituições sociaes dos diversos estados da Grecia e do mundo então conhecido, deduziu d'essa immensa variedade de fórmas politicas os elementos primarios reduzindo-os ao typo rudimentar da Familia. E o caracter originario da Familia, cujos vinculos organicos se estendem até á unidade nacional, sendo por instincto uma associação de defeza e cooperação mutua, é ainda o que prepondéra fundamentalmente na organisação superior do Estado; foi Aristoteles o que achou este primeiro principio positivo da Politica, que o Estado era uma associação, cuja força vinha da cooperação dos seus membros reunidos para um fim de segurança e bem estar que cada individuo isoladamente não poderia conseguir. D'este principio philosophico, adoptado pelos chefes da escóla economica da Ame-

rica, Carey e Peschine Smith, deduz-se tambem a equação entre a somma dos deveres do cidadão ou individuo para com o Estado, e a somma dos direitos cuja garantia compete a esse Estado como missão exclusiva. Na evolução das sociedades vemos constantemente esta equação destruida pelo exclusivismo do Estado, que centralisa em si todos os poderes e considera os individuos como uma materia inconsistente, que elle liga pela força com um systema de repressões preventivas a que chama ordem. Tal é a causa do Conservantismo politico nascido da falsa comprehensão da origem e destino do Estado. As sociedades expostas ao ataque de outros povos, ou que ainda vivem no regimen da actividade militar, têm fatalmente de se subordinar ao absolutismo do Estado como meio de fortalecer pela unidade os elementos da defeza; é por isso que as sociedades que passaram pelo periodo historico de um regimen militar, ou que resistiram a invasões, cairam inevitavelmente em um systema de governação centralista, sendo sacrificados ao poder do Estado todos os elementos activos de iniciativa e de energia que derivam das differenças individuaes. Contra esta tendencia absorvente do Estado nada póde o individuo por si; precisa fortalecer-se em associações parciaes, em agrupamentos locaes, em ligas, em irmandades, em arimanias, em ghildes, n'essas fórmas elementares da sociedade, que a historia nos revela todas as vezes que o homem, como sêr progressivo, quiz garantir a sua liberdade contra o Estado, que no seu empirismo tradicional se tornou immovel. A fórma mais completa, e a que mais se tem conservado através de todas as catastrophes que constituem a historia das nações, é a associação local conhecida pelo nome de Municipio ou Communa. É pela coexistencia d'estas associações locaes, com a grande associação geral chamada Estado, que o homem póde achar na sociedade as condições para o pleno desenvolvimento do seu sêr individual, e que a nação não ficará um organismo depauperado por esse polvo monstruoso do Estado todas as vezes que os elementos nacionaes se unificam pela centralisação governativa. Este facto verifica-se materialmente; todas as vezes que uma capital, por effeito de uma absorvente centralisação administrativa, attrae a si as energias provinciaes, os territorios despovoam-se, a agricultura decae, a industria procura manter-se sem condições naturaes, a população dos campos emigra, e a da capital amontôa-se na miseria. Dá-se o mesmo phenomeno com a centralisação politica, em que o individuo vive sobre o territorio provincial como um pária ao capricho das deter-

minações promulgadas por uma entidade central, que se chama governo; as consequencias d'esta absorpção politica são mais profundas, por isso que são menos immediatas. A decadencia das diversas Civilisações do occidente da Europa, como a phenicia, a hellenica, a romana, a italica, a hispano-portugueza, provém de simples factos de suppressão das pequenas associações locaes, ligadas entre si por pacto federativo, pelas associações unitarias militares e dynasticas, quer esse facto de incorporação violenta tenha sido praticado por um Alexandre, por um Cesar, por um Carlos Magno, por um Carlos v, ou por um Napoleão i. Existe portanto um principio politico, que formulado pelos dados psychologicos, se confirma pelos factos sociaes: todas as vezes que o individuo se annulla na collectividade da familia, a sociedade não é mais do que uma grande tribu, que não se eleva acima do estado patriarchal. As sociedades mais perfeitas, para quem o Estado se elevou a uma clara comprehensão do seu destino, foram aquellas em que o individuo se fortaleceu na *associação voluntaria,* como as phraetrias, as irmandades, e em que as familias se ligaram na associação local, como vemos nos municipios antigos. As sociedades que descobriram este meio de subordinação do Estado á vontade nacional expressa na fórma de Federação, deveram esta superioridade de organisação ás condições mesologicas do seu territorio, ou aos accidentes historicos da sua vida nacional; assim os territorios accidentados, divididos por cordilheiras de montanhas, favorecem o desenvolvimento dos governos ou pequenos estados locaes; a necessidade da defeza commum liga esses estados contra o invasor estrangeiro, sendo esse interesse o movel immediato da unidade nacional. Pelo contrario os paizes planos e extensos, bem como os povos occupados em invasões militares perdem a sua liberdade sacrificada a um centro politico ou capital do estado, ou a um chefe audacioso, que os submette a uma arregimentação brutal. Foi o que se deu com a Grecia com relação a Alexandre, e com a França sob a dependencia centralista de Paris. A consideração das condições mesologicas da Europa indica-nos que o seu destino é realisar uma civilisação baseada no accordo da liberdade individual com a auctoridade do Estado; basta olhar para os seus relêvos orographicos para notar que os diversos Estados devem provir do nexo das associações locaes, e que todas as tentativas para uma incorporação unitaria repugnam á natureza do meio, e ao caracter pacifico da civilisação moderna. São estes os principios a que os factos, apesar da sua extrema relatividade, dão a comprovação

fazendo luz sobre as contradições apparentes que desvairam o espirito no exame da historia da Europa. É certo que a civilisação da Europa é essencialmente pacifica, como se verifica pela pasmosa actividade industrial; mas nenhum continente tem sido tambem perturbado com guerras mais constantes e seculares. Nenhum continente tem mais proporções para ser occupado por pequenos estados, mas tambem nenhum soffreu maiores devastações para ser submetido pela força a uma unificação politica.[1] Aqui os factos resaltam em contradição com os principios; mas essa contradição provém de se observarem os factos isoladamente, no estreito individualismo de cada Estado, muitas vezes victima de um prepotente, ou de uma familia dynastica, que mais tarde tiveram de ceder ao concerto europeu. Leopoldo Ranke disse com um criterio que se deve applicar á comprehensão da civilisação européa, que ha uma vida historica que circula de uma nação para outra. É de facto este o caracter da civilisação occidental; as mesmas condições de florescencia dos estados da Grecia reapparecem nos estados italicos e hispanicos; a decadencia da Europafoi sempre devida á violencia das unificações politicas, quer ella proviesse sob a fórma espiritual da Egreja quer sob a fórma temporal do Imperio. É só pela historia que se podem deduzir dos factos desconnexos as tendencias geraes da civilisação, a que se tem de subordinar a intervenção da politica. Charrière comprehendeu lucidamente esta dependencia das deducções politicas da marcha historica: «A historia não existe realmente senão pelas interpretações da politica, que é em cada época o commentario animado e sempre novo d'ella; por seu turno a politica não tem uma ideia que não derive immediatamente da historia, sob pena de não ter mais que um valor theorico e uma acção enganosa e passageira.» É a historia relacionada em conjuncto dos differentes estados da Europa, que nos leva á descoberta do principio dogmatico da politica continental, e portanto a conhecer como a Civili-

---

[1] Diz o celebre historiador João Muller: «A Europa, pela sua posição geographica, está destinada a ser a séde dos homens livres e activos.» E accentua immediatamente o facto contrario: «A lucta da auctoridade real contra a antiga liberdade dos povos septentrionaes, e a da Egreja contra o Imperio, enche um espaço de quasi mil annos, até ao momento em que as victorias dos Helveticos sobre Carlos de Borgonha livram o rei de França do ultimo rival que se oppunha ao seu engrandecimento. Durante os tres seculos seguintes, as guerras foram pela maior parte pessoaes aos reis . . .» etc. *Historia Universal.*

sação occidental foi por successivas catastrophes desviada do seu destino pacifico, envolvendo-a em devastações militares e atrazando-a na realisação exclusiva de sua actividade industrial.

A indole da civilisação e as luctas que constituem a historia da Europa, explicam-se completamente pela acção mesologica determinada pelos relêvos continentaes d'esta especie de peninsula da Asia; contra esta indicação natural os historiadores attribuem os progressos d'este grupo superior da humanidade á acção das altas individualidades, as quaes muitas vezes não fizeram mais do que perturbar-lhe a evolução incutindo-lhe direcções oppostas ás tendencias persistentes, que afinal acabam por triumphar, operando-se espontaneamente a harmonia entre a marcha das cousas e as ideias. A este vicio mental que afasta os espiritos da comprehensão da Civilisação europêa, reune-se o excesso de fragmentação critica, estudando-se a historia de cada Estado isoladamente, sem que por essas notas destacadas se chegue a perceber o sublime concerto entre os estimulos do meio e a capacidade de uma raça que attingiu o primado da especie humana. É por isso que para alguns escriptores a historia moderna é uma serie de factos sem coordenação, começando por considerarem a Edade media como um cahos, em vez da fonte inicial da ordem moderna,[1] e por não poderem fixar um pensamento como ponto de convergencia entre os complicados movimentos das novas nacionalidades. Para ser comprehendida a historia da Europa precisa ser conhecida no seu conjuncto; e para que esse conjuncto se estabeleça em contornos geraes, considerando a civilisação da Europa como um producto da cooperação simultanea dos varios estados, é preciso remontarmo-nos á acção mesologica do proprio continente. Antes do eminente geographo Karl Ritter, que deduzia o destino de uma raça, as fórmas de uma civilisação do territorio em que ellas se expandiram, já Herder nas suas *Ideias para uma Philosophia da Historia,* procurou as causas naturaes dos progressos da Europa nas fórmas da sua geographia physica. A civilisação humana attingiu o seu maximo desenvolvimento no Occidente da Europa, irradiando depois para os povos centraes e só muito tarde para as regiões do norte. O Mediterraneo foi o agente immediato da Civilisação occidental; diz Herder: «Nos tempos primitivos, quando o Mediter-

[1] Seculos do merito ignorado, como lhes chama o historiador Müller.

raneo abriu o seu leito entre os Pyreneos, os Alpes, os Apenninos e o monte Atlas, e que as ilhas e os promontorios surgiram do seio das aguas, formando portos e terras habitaveis, ficou aberta a grande via da civilisação europêa. Se as tres partes do nosso hemispherio fizessem apenas um todo, a Europa estaria provavelmente no estado em que se acha a Tartaria ou o interior da Africa. Em todo o caso não chegaria á elevação em que se acha senão muitissimo lentamente e por vias muito differentes. Só o Mediterraneo nos podia dar a Phenicia, a Grecia, a Etruria, Roma, a Hespanha, Carthago, e é aos quatro primeiros d'estes imperios que a Europa deve a sua civilisação.»[1] Ao encadeamento historico de todas estas civilisações, que vieram seguindo o curso do Mediterraneo até se expandirem livremente na exploração do Atlantico e tomarem posse do globo, segue-se um encadeamento moral, porque todos os progressos da Europa derivam directamente da cultura greco-romana, cujos differentes renascimentos constituem sob novas fórmas e com mais rigor a Civilisação occidental. Os povos germanicos, ainda barbaros, nas suas invasões na Italia, Gallias e Hespanha, acharam-se em contacto com a civilisação romana e submetteram-se a ella, contribuindo ao fim de alguns seculos para o apparecimento das nacionalidades romanicas e de todos esses productos extraordinarios de linguas, litteratura, arte, industrias e fórmas sociaes que são o contheudo da civilisação occidental. Porém esta corrente de civilisação subiu para o norte da Europa, desenvolvendo-se na propria séde d'essa raça, vindo mais tarde, depois do seculo XVI, a Inglaterra e a Allemanha a incorporarem-se na civilisação occidental. É esta a segunda phase da historia da Europa, attingida no meio de agitações profundas e sem intuito das individualidades dirigentes, que exerceram a sua intervenção em provocarem hostilidades internacionaes; a terceira phase, e talvez a definitiva da historia da Europa, será o conhecimento da sua mutua solidariedade, a qual determinará a éra pacifica assegurada pela fórma politica da Federação. Depois da primeira transcripção de Herder com relação ás civilisações mediterraneas, apresentaremos outras considerações d'esse luminoso espirito, em que elle deduz da configuração do solo europeu a marcha da civilisação para as regiões do norte: «Se a Europa, tão rica como a India, fosse como a Tartaria privada de divisões, ar-

[1] *Philosophia da Hist.*, liv. XII, cap. 4.

dente como a Africa, isolada como a America, todas estas maravilhas não se teriam produzido n'ella. No meio da mais profunda barbarie a sua situação a conduziu sempre para a luz, e os seus rios e mares lhe traziam sempre alguns lampejos. Eliminae o Dnieper, o Don e o Dwina, o mar Negro, o Mediterraneo e o Adriatico, o oceano Atlantico, o Baltico, e o Mar do norte com as suas costas, suas ilhas e seus affluentes, e a grande actividade commercial que deu uma vida nova á Europa deixará de existir.»[1] Effectivamente a actividade moderna, depois das devastações germanicas, começa pelas republicas e cidades maritimas, como Amalfi, Pisa, Napoles, Genova e Veneza, e quando o Feudalismo barbarisava a Europa pelo estado de guerra permanente, são as cidades maritimas do norte que fundam a Liga hanseatica, ou a federação industrial e mercantil.

Por estas conclusões mesologicas, deduzidas dos relêvos continentaes, vê-se que a Europa é um continente extremamente dividido, que se não presta á formação de grandes Estados, centro do despotismo militar e do embrutecimento da especie, e que os pequenos Estados que a constituem têm limites naturaes, que os põem fóra da contingencia da guerra, e portanto levam á eliminação da actividade militar, que tanto distinguia as civilisações antigas. Todos os relevos continentaes se reduzem á orographia; são as montanhas que produzem os valles, e n'estes é que correm os rios, por isso basta relancear o systema orographico da Europa para precisar a situação dos differentes estados que a occupam. Os povos descem das montanhas para os valles e fixam-se ás bordas dos rios ou dos mares, e na sua aggregação nacional são as montanhas que os protegem pelas fronteiras. Assim as montanhas são sempre o ponto de orientação no desenvolvimento de uma raça. Os Alpes são o nucleo d'onde se ramificam cinco systemas de cordilheiras, que dividem a Europa, em uma região oriental, ou a Russia, e outra occidental, subdividida em tres zonas, a *sub-alpina,* que comprehende as tres peninsulas Turco-hellenica, Italica e Iberica, a *sub-Juro-Carpathiana,* ou central, que comprehende a Austria, a Suissa e a França, e a *trans-Juro-Carpathiana,* ou septentrional, que destaca a Prussia, a Allemanha e os Paizes-Baixos. A região oriental, onde persiste a autocracia, o despotismo militar e o barbarismo e servidão pessoal, é immensamente *plana;* a

[1] *Op. cit.,* liv. xx, cap. 6.

parte occidental, onde revivesceu em novos povos a civilisação grego-romana, é excessivamente *montanhosa,* centro de pequenos estados onde a liberdade civil, politica e intellectual chegou a affirmar-se em codigos, em instituições e em descobertas scientificas; a zona septentrional tem grandes depressões e planicies variadas, apresentando o notavel contraste dos progressos intellectuaes em contradicção com o atraso politico.

A circumstancia do tamanho ou grandeza territorial de um estado influe de um modo directo nas fórmas da sua actividade, na intensidade do seu progresso e na realisação da sua liberdade; presentiram esta verdade os sociologistas antigos, em parte impressionados pelo confronto entre a inferioridade moral dos grandes imperios asiaticos, onde dominava o despotismo militar, e as republicas hellenicas, e as republicas italicas, onde o cidadão exercia no ágora ou no fórum uma plena soberania. Na Europa só a Russia tem as proporções para um grande estado, e emquanto esse colosso conservar a sua unificação politica sob o autocratismo do czar, nunca sairá da barbarie, e ha de ser sempre uma ameaça para a civilisação da Europa, tendo sido para a liberdade um inimigo desde que interveiu no equilibrio politico no seculo XVIII. No seu livro da *Republica,* diz Platão: «O territorio do Estado não deve ser muito grande, nem muito pequeno, mas de uma extensão conveniente, a mais bem calculada para a manutenção da unidade.»

Os grandes estados conservam a sua unidade pela acção centralista da força militar; os pequenos estados conservam-na pela consciencia do direito, que se fortalece pela dignidade do individuo e pelo accordo das federações. Para os grandes estados a guerra é uma condição de existencia, um recurso economico e uma subordinação de disciplina; para os pequenos estados, a guerra é defensiva, e um accidente forçado. Fergusson, notavel philosopho da escola escoceza, na sua *Historia da Sociedade civil,* demonstra com uma critica segura a superioridade dos pequenos estados para o fim da realisação da liberdade e do progresso. E Turgot, no *Plano do Primeiro Discurso sobre a Historia Universal,* chega ás mesmas conclusões fundamentaes: «O despotismo, a uniformidade e por consequencia a imperfeição dos costumes, das leis e do governo, conservam-se na Asia e por toda a parte onde os grandes Imperios se formaram prematuramente... Os povos que escaparam foram os que se conservaram pastores ou caçadores, *aquelles que formaram pequenas socieda-*

des e as Republicas. Entre estes povos é que as Revoluções foram uteis, porque as nações tomaram parte n'ellas e por esse motivo tiraram o proveito; porque a multidão das legislações particulares e a das revoluções que indicavam os erros dos fundadores dos Estados, emfim a queda e a renovação da auctoridade soberana, que provocam o exame das leis, aperfeiçoaram com o tempo a legislação e o governo. Foi n'elles que a egualdade se conservou, que o espirito e a coragem receberam actividade, e que o espirito humano fez progressos rapidos. Foi n'elles que os costumes e as leis aprenderam a dirigir-se para a consecussão da maior felicidade dos povos.» Depois de Turgot, podiamos ainda citar a auctoridade de Tocqueville, que no seu livro da *Democracia na America* insiste sobre a influencia dos pequenos estados para a liberdade individual e para o desenvolvimento de todas as capacidades. A Europa antiga só conheceu um grande Estado; Roma, pela sua situação especial, teve de trocar a sua actividade maritima em actividade militar, subjugando os povos barbaros que a cercavam e atacando as cidades livres das federações italicas.

As conquistas de Roma foram um mal profundo para o futuro da Europa; deixaram a tradição da *unidade imperial*, que os reis germanicos tentaram restabelecer no Santo Imperio. Foi a sua grande extensão na Africa, na Asia, na Europa, que determinou o despotismo dos Imperadores e a decadencia completa da civilisação romana, que se tornou devastadora. Claudiano, no poema *De Bello Gildonico*, alludindo á ruina do Imperio diante de Alarico, diz em dois versos memoraveis: «A propria grandeza destruiu-me. Ah! que se eu podesse fechar-me nos antigos limites, nas muralhas estreitas de Anco!»[1]

A queda de Roma succedem-se um grande numero de novos Estados, que se formam com novas linguas, novo genio artistico e poetico, e um mais vigoroso instincto de liberdade, avivado na tradição municipal; por isso se vê, que a incorporação romana não tinha uma base natural, repugnava á estructura physica da Europa, cujos relevos orographicos conduzem á formação de pequenos estados. É assombrosa a concordancia dos dados physicos com as concepções racio-

---

[1] Ipsa nocet moles. Utinam remeare liceret
Ad veteres fines, et moenia pauperis Anci.

naes, ao observar-se as fórmas da aggregação politica nas tres peninsulas da Europa, a *hellenica*, a *italica* e a *iberica*, onde o grande numero de pequenos Estados se fórma espontaneamente, elevando-se quasi até á concepção superior da Federação. Por estas conclusões mesologicas se deduz, que a Europa não póde ter senão uma Civilisação industrial e mercantil, e por isso com um destino pacifico. Tudo quanto fôr sustentar uma actividade militar n'este continente é desvial-o do seu destino, é violar a ordem das cousas e contribuir para o retrocesso da humanidade, que depende hoje da hegemonia da Europa. Da fórma da actividade industrial se deduz tambem a fórma politica — que não póde ser outra senão a democracia, como notam Comte, Spencer, Hartmann, e todos os que prevêem como o governo se vae estabelecendo no accordo do suffragio, e não na pressão brutal da auctoridade. Attentas as condições da Europa, que a tornam o continente dos pequenos Estados, e n'este ponto são luminosas as analogias do nosso continente com o da America septentrional, como as determinou Eliseu Réclus, essa democracia emergente de uma civilisação pacifica ha de fundar-se no accordo de todas as collectividades politicas na mutua solidariedade garantida pelo Federalismo.

É esta a evolução espontanea da Europa; a civilisação occidental manifestou-se em tres peninsulas em que existiam muitissimos Estados livres, mais ou menos confederados; emquanto esses Estados tiveram autonomia iniciaram o progresso da humanidade. A ruina da Grecia começou com a unificação militar de Alexandre e completou-se com a incorporação da unidade romana; as Republicas italianas succumbiram ante a tyrannia ou as traições da unidade imperial allemã ou da unidade papal; os estados hispanicos decáem com a unidade castelhana em Fernando e Isabel, Carlos v e Philippe ii, que escravisa a Catalunha e Portugal. A historia da Europa consiste n'esta lucta entre a existencia natural dos pequenos Estados civilisados e democraticos e a unificação imperial, catholica, monarchica e dynastica, acobertada com a infame divisa do *equilibrio europeu*.

Considerando a historia da Europa, vêmos repetir-se os caracteres que o eminente Carey deduziu das perturbações economicas na marcha da humanidade: «A historia do mundo não é senão a narrativa dos esforços de alguns individuos, que dispuzeram da força para restringirem o desenvolvimento do poder da associação, impedirem a organisação da sociedade, intervirem nas condições do commercio, retardar a conquista

d'este imperio sobre a natureza, que constitue a riqueza, e escravisarem uma minoria fraca.»[1]

Nas mais altas civilisações da antiguidade encontram-se maravilhas industriaes, como no Egypto ou em Babylonia, extrema fecundidade agricola, como nos deltas do Nilo e do Euphrates, audacissimas explorações mercantis, como a dos Phenicios circumdando a Africa e visitando as ilhas do Atlantico, a valentia militar como dos Assyrios, a poesia contemplativa como nos hymnos vedicos, e os annaes historicos de milhares de annos, como os canones reaes do Egypto, ou os Toledoth dos hebreus; porém, no meio de todas estas grandezas, o progresso pertence ao meio social e não ao individuo; o homem não se destaca da collectividade social, é um elemento homogeneo d'esse grande todo que subsiste pelo automatismo tradicional. E essas grandes civilisações do Egypto, da Chaldêa, da Babylonia e Assyria, da India, da Persia, da Media, dos Phenicios, dos Carthaginezes e dos Judeus, foram centros de cultura que se extinguiram, porque o homem que constituiu essas sociedades não alcançou n'esse meio o desenvolvimento do seu sêr moral. A Grecia, d'onde deriva a civilisação completa do Occidente, distingue-se de todas as nacionalidades antigas por ter sido o centro social onde o homem se elevou á mais alta expressão do individualismo, na aggregação civil, nas ideias religiosas, nas creações artisticas, nas concepções philosophicas; na aggregação civil, ella apparece-nos dividida em centenares de pequenos estados com a sua autonomia propria; na religião não teve uma casta sacerdotal que lhe immobilisasse o pensamento nos dogmas, e por isso a arte tratou essas tradições cultuaes e mythicas em esplendidas fórmas sculpturaes e em poemas que despertaram as especulações philosophicas; a liberdade politica resultante d'este individualismo tornou o cidadão participante dos interesses geraes do estado, discutindo-os publicamente, criando assim a eloquencia, a moral pratica deduzida do altruismo civico, e as analyses dos phenomenos sociaes, que vieram a receber methodo scientifico na *Politica* de Aristoteles, onde se acham os germens fundamentaes da Economia politica. O accordo das vontades individuaes resulta da identidade de motivos racionaes; é por isso que a civilisação da Grecia, produzida por uma extraordinaria expansão de individualismo, baseou-se so-

[1] *Principe de la Science sociale,* t. I, pag. 416.

bre a sciencia experimental e positiva, e com estes elementos tornou-se inextinguivel.

Depois do desapparecimento dos grandes imperios militares do Oriente, toda a historia progressiva da humanidade consiste em renascimentos da civilisação da Grecia; renascimento com os Seleucidas na Syria, e expandindo se para a Asia até modificar as tradições brahmanicas; renascimento pelos Arabes, que apparecem na historia armados com esses recursos, vindo acordar a Europa do seu torpôr mystico-christão no seculo VIII; renascimento no seculo XIII com Dante e S. Thomaz; renascimento no seculo XVI pelas theorias politicas, pela arte e pela litteratura. A Grecia é o tronco da Civilisação occidental: e toda a actividade da Europa, desde a unificação de Roma á custa da liberdade das federações italicas, até ao reapparecimento das Republicas italianas da Edade media, onde o individualismo resurge nos maiores genios do mundo moderno, como Galileo, toda essa actividade foi esteril emquanto a Europa não achou o trilho perdido, continuando pela sciencia a evolução consciente da Grecia. A Civilisação occidental está materialmente separada dos povos septentrionaes, que nas suas instituições politicas estão no mais vergonhoso atraso. A Allemanha que acceita o rescripto senil do imperador Guilherme, onde declara que o parlamento não póde ir contra o governo do seu agrado, e Moltke sustenta como base do direito publico que a guerra é um elemento civilisador providencial, e onde Bismark proclama a divisa da sua politica que a Força vale mais do que o Direito, a Allemanha está ainda muito longe de trazer para as instituições politicas o vigor da individualidade que já revela na sciencia. Esta situação degradante deve attribuir-se a um accidente mesologico; a Allemanha está em contacto com a Russia, potencia rudimentar, formada de muitas nações amalgamadas violentamente sob a pressão autocratica de um czar que confunde na sua pessoa todos os poderes, e portanto a Allemanha vê na guerra um meio de defeza, e na sua terrivel organisação militar uma necessidade. Com o occidente da Europa dá-se o contrario; a Suissa é a barreira natural que nos separa dos Estados septentrionaes, e os territorios em que se acham as nacionalidades meridionaes são de tal fórma limitados pela natureza, que a existencia autonoma de pequenos estados é uma condição espontanea, para a qual tende a Civilisação do occidente todas as vezes que se tem achado livre das intervenções pessoaes das dynastias reaes.

A civilisação da Grecia, desenvolvida pelas nações occiden-

taes, que continuaram as descobertas physicas, chimicas, biologicas e sociologicas, transmittiu-nos o mesmo caracter e fórma politica que a elevou pela organisação do federalismo; a Europa occidental só attingirá a paz perpetua com uma exclusiva actividade industrial, resultante das applicações da sciencia, quando dividida, como o indica a natureza, em pequenos estados, os reunir pela associação voluntaria das federações nacionaes.

Diz João Müller, com o seu grande bom senso, explicando a decadencia da Roma imperial que pretendia unificar o mundo: «A existencia simultanea de muitos estados de uma extensão mediocre ou limitada, é mais favoravel ao desenvolvimento do genio do que os grandes imperios. N'estes, cuja grandeza e recursos multiplicados parecem garantir a solidez, o merito de um homem não basta para o destacar da multidão; é-lhe preciso a contingencia da fortuna, o nascimento e o favor. Mas quando os meios ignobeis conduzem ás honras pelo mesmo feitio que as virtudes, então os caracteres degradam-se, e o Estado fica apenas um corpo gigantesco sem alma.» É o que se dá com os grandes imperios do Oriente, e com a propria Roma, que declinam pela excessiva grandeza. A Grecia, pelo contrario, é uma pequena peninsula, dividida por numerosas montanhas e recortada por golfos e bahias, facilitando pelos seus valles e planaltos a independencia das populações, e pelos seus rios e bahias uma communicação mercantil e pacifica. D'aqui o extraordinario individualismo das suas associações locaes em cidades, e dos seus homens de genio, que dotaram a humanidade ou com o exemplo de famosas virtudes civicas, ou com creações artisticas, que ainda hoje levantam o nosso sêr moral. A palavra Civilisação, cujo sentido é complexissimo, nasceu da fórma restricta do progresso da cidade, a que os Gregos chegaram, postoque não lograssem ter uma comprehensão completa da solidariedade dos pequenos estados na Federação nacional.

A Grecia antiga era dividida em estados livres, ligados entre si pela federação ou conselho dos Amphyctiões. Era a visinhança do templo commum, que unificava nos mesmos interesses esses pequenos estados. No tempo da invasão dos Persas trinta e um estados entravam em uma Amphyctionia, não tendo pacto mais outra metade, como o affirmam Herodoto e Plutarcho. Entre este agrupamento de sessenta e dois estados, que fluctuavam segundo as revoluções sociaes, estabeleciam se pontos de convergencia, ou hegemonias politicas, como a de *Athenas* e de *Sparta,* que disputavam entre si a

unidade grega: «Todas as cidades em que dominava a aristocracia, tinham por protectores os Lacedemonios; pelo contrario, aquellas onde a soberania era exercida pela assemblêa do povo, tinham os Athenienses por apoio. Quando o abuso do poder produzia uma revolução, os que tinham sustentado o governo decahido iam procurar refugio entre os seus amigos politicos, e esforçavam-se para interessal-os pela sua causa. Se alcançavam uma assistencia efficaz, baniam por sua vez aquelles que os tinham desterrado; e, por essas incessantes reacções, Athenas e Sparta achavam-se sempre em antagonismo, e em estado de continuas hostilidades.»[1] Este antagonismo das instituições e dos povos tem raizes ethnicas nas raças dos Jonios e Dorios, cujos estimulos mutuos constituem a civilisação da Grecia. Os Dorios, como centraes, eram conservadores por natureza, e depois da abolição da realeza conservaram a tradição aristocratica; os Jonios, do littoral e occupados em expedições maritimas, chegaram a um grande cosmopolitismo, unificando as suas differentes classes commerciaes, industriaes, agricolas, e até os estrangeiros (*metèques*) perante o principio da egualdade do direito politico na assemblêa nacional. Os grandes perigos a que se viu exposta a Grecia pelas invasões da Persia, estreitaram o nexo da federação nacional, e por esse meio a Grecia, salvando a sua independencia, como em as Thermopylas, Maratona e Salamina, assegurou o progresso futuro do Occidente. A ruina da Grecia proveiu do desenvolvimento militar da monarchia de Macedonia, que como a monarchia napoleonica com relação á França republicana, dizimou por apparatosas guerras a sua população, formando outras monarchias para os generaes aventureiros, e deixando a mãe-patria sem os recursos para poder resistir á invasão dos Romanos. A immobilidade das tradições aristocraticas dos Lacedemonios foi a causa da extincção das suas familias e do seu poder, exactamente como succedeu com o patriciado romano e com a aristocracia de Veneza. O desenvolvimento de uma nação deriva material e moralmente da sua democracia.

A Grecia, que deu á humanidade uma civilisação em bases scientificas e impereciveis, foi a iniciadora da liberdade politica; ella soffreu as longas trepidações de uma evolução espontanea, e tendo chegado a realisar na sua fórma a mais

---

[1] Moreau de Jonnès, *Statistique des Peuples de l'Antiquité*, t. I, pag. 197.

completa a associação e independencia local, nunca se organisou sob o espirito da associação geral em uma unidade nacional senão para cair no centralismo e sob o despotismo de um só homem. É pasmoso o numero de cidades livres da Grecia, ligando-se em pequenas federações rudimentares, formando por assim dizer o nucleo de tres grandes estados, do *Peloponeso,* da *Hellade* e da *Grecia do Norte;* mas este cantonalismo era acanhadamente separatista, e teria de ser vencido e submettido ao vinculo unitario da nacionalidade, como vêmos pelas uniões espontaneas dos Jogos isthmicos, dos Jogos Nemêos, dos Olympicos, e da unanimidade na manifestação esthetica do bello, se a expansão militar, a concentração da propriedade e o regimen centralista da admnistração não produzissem com a extincção da liberdade a ruina d'esse extraordinario povo. A Grecia não teve uma existencia historica assás longa para desenvolver a associação local.

O PELOPONESO era dividido em seis estados: a Argolida, a Laconia, a Messenia, a Achaia, com Corintho e a Arcadia, quasi sempre em mutuas hostilidades.

A Argolida era dividida em cinco estados differentes: Mycenas, Tiryntho, Trezena, Epidauro e Nemea. Argus exercia uma auctoridade despotica sobre as cidades da Argolida, destruindo Mycenas e Tiryntho por se lhe não submetterem passivamente.

Achaia e Coryntho, habitada por Jonios, e depois pelos Acheanos repellidos pelos Dorios de Argus e de Laconia, dividiu-se em doze pequenas republicas constituindo a celebre *Confederação Acheana,* que resistiu até á preponderancia dos Macedonios, cahindo perante a conquista romana.

A Elida, terra neutra e sagrada pelo templo de Jupiter olympico, era centro de uma grande reunião por causa dos *jogos Olympicos.* A sua população constava de doze tribus, sem desenvolvimento politico, por causa da sua immunidade religiosa.

Laconia e Messenia. A primeira era habitada por spartanos.

A Arcadia formava um planalto do centro do Peloponeso, dividida em pequenas republicas ligadas pelo pacto federativo.

A HELLADE, dividia-se em cinco partes principaes: Beocia, Attica, Megarida, Phocida com a Locrida, Dorida e Etolia.

A Beocia, cuja capital era Thebas, como dorica e aristocratica, era indifferente aos interesses da unidade grega.

A Attica, era um dos mais pequenos estados da Grecia,

mas com uma maior densidade de população; Athenas tornou-se o centro da liberdade e da intelligencia da Grecia.

A *Megarida,* pequeno estado como o da Attica, egualmente povoado pela mesma raça, mas sem a gloria universal de Athenas; as suas continuas hostilidades com a Attica diminuiram-lhe a população.

A Phocida, a Locrida e Dorida, formavam tres estados secundarios, cuja importancia lhes vinha dos desfiladeiros em que estavam situados, porque eram a segurança da Grecia. A Phocida tinha o templo de Delphos, onde se reunia a Amphyctionia de vinte cidades ou republicas.

A Dorida, era o berço da raça dorica, representada pelos lacedemonios.

A Locrida, enfraqueceu-se pelas suas colonias na Asia menor, e nas Thermopylas deixou passar o exercito persa.

Na Etolia, viviam da pirataria; as suas diversas populações formavam uma republica federativa, cujo congresso nacional, o Pan-etolicon, se reunia em Therme. Os Apoclètes eram uma assemblêa representativa permanente, dividida em commissões de trinta membros encarregados de negocios especiaes. O chefe do poder legislativo e executivo era eleito annualmente pelo povo sob o nome de *Strategе*. Para esta organisação politica incorporaram a Acharnania, a Locrida, a Phocida e uma parte da Beocia.

A GRECIA DO NORTE, compunha-se da Thessalia, da Macedonia e do Epiro.

A Thessalia, existiu separada dos interesses da Grecia, até ao tempo de Philippe de Macedonia. As suas varias cidades formavam uma *Liga thessaliana.*

A Macedonia, o mais vasto e o menos povoado dos estados da Grecia, conservou-se até ao tempo de Philippe em um estado de barbarie, como se vê pelas analogias dos seus costumes com a Thracia, e pela conservação da instituição da realeza, cuja politica consistiu sempre na perfidia e na ferocidade. Com estas qualidades Philippe de Macedonia soube aproveitar-se da dissidencia dos diversos estados da Grecia e impôr o seu dominio militar, que se não póde attribuir nem ao numero, nem ao tacto strategico. Pelo systema do mercenarismo militar, matou o espirito da resistencia nacional, e foi pela preponderancia da Macedonia que a Grecia pôde ser conquistada pelos romanos. O genio militar de Alexandre, embriagou a Grecia com o fumo das glorias de conquistas ephemeras como a vida do audacioso guerreiro.

O Epiro, era tambem um estado da Grecia septentrional,

indifferente á sorte dos estados meridionaes; estava destinado a substituir a preponderancia militar de Macedonia, porque Pyrrho não era inferior a Filippe, mas a sua morte prematura não deixou tirar a consequencia dos seus triumphos sobre os romanos. A inferioridade dos estados do norte, máo grado a falta de população, é attribuida ao pequeno numero de escravos, elemento da sua organisação social.[1]

Carey, demonstrando por principios economicos a superioridade da associação local para o progresso de uma nação, verificou-a pela contraria, determinando as causas da decadencia da Grecia na absorpção dos estados livres em um unico centro: «a cada passo, n'esta direcção, a descentralisação cedeu diante da centralisação, até que por fim Athenas e Sparta, Samos e Mytilene e todos os outros estados e cidades da Grecia, foram envolvidos em uma ruina commum; a Attica, mesmo, veiu a ser em grande parte a propriedade de um só homem, rodeado de uma multidão de escravos; a disposição á associação voluntaria e o poder de a pôr em pratica tinham desapparecido completamente.»[2]

A decadencia da associação voluntaria, essencialmente pacifica e industrial, ficou substituida pela associação forçada ou militar, desviando e esgotando as forças nacionaes na guerra. A época gloriosa dos triumphos de Alexandre era o ultimo lampejo da vida da Grecia. A resistencia contra Roma proveiu ainda de um resto do espirito da associação voluntaria organisada na Liga acheana. Carey, como todos os escriptores dirigidos pelo criterio philosophico, explica a civilisação da Grecia, pelas manifestações do individualismo, e era a falta d'este caracter nas instituições de Sparta que tornou a Lacedemonia como que um corpo improgressivo e extranho na nacionalidade grega; diz Carey: «Em nenhum paiz do mundo existiu o individualismo em um tão elevado gráo como na Grecia, no periodo immediatamente anterior á invasão de Xerxes. Foi aos homens que produziu este periodo, que o seculo de Pericles deveu a sua illustração. A destruição de Athenas pelos exercitos dos Persas provocou a transformação dos cidadãos em soldados com uma tendencia constante para o augmento da centralisação, e o enfraquecimento do poder de se associar voluntariamente e do individualismo até ao momento em que se acha o escravo unicamente cultivando o territorio da Attica,

---

[1] Moreau de Jonnès, *Ibid.*, pag. 226.
[2] *Principes de la Science sociale*, t. I, pag. 45.

tendo os cidadãos livres do primeiro periodo desapparecido completamente.»[1]

A degeneração de Athenas em uma aristocracia militar, baseou o seu commercio no monopolio e na pirataria, a sua intervenção politica no absorvente centralismo, a propriedade na concentração de um pequeno numero, o trabalho reduziu-se aos escravos, e a producção da riqueza á invasão e expoliação dos estados visinhos; foi n'estas condições que caiu em poder do astucioso Philippe, e que a Grecia unificada materialmente foi arrastada ás aventuras militares de Alexandre, incapaz de se constituir em liga politica para resistir contra a conquista dos romanos. A extensão do seu imperio apressou a sua dissolução. A Grecia subsistiu pelo espirito; os seus escriptores e artistas continuaram a inspirar-se das antigas tradições, dirigindo a manifestação da cultura romana, como a propria Roma subsistiu pelo direito no meio das sociedades barbaras da Edade media. Nenhuma litteratura existe na revelação do genio humano com um caracter mais profundo e evidente de nacionalidade, do que a que nos apparece completa em todas as suas fórmas criada pelos Gregos; e comtudo esse povo era extremamente dividido, não só pelos accidentes do territorio como pelo espirito da associação local. As differenças locaes, manifestadas nos typos dialectaes do dorico, do eolico e do jonico, synthetisam-se na epopêa nacional dos homerides, na linguagem popular dos rhapsodos.[2] Por fim quando a concentração militar de Philippe e de Alexandre desviam o genio hellenico do seu destino pacifico, e tornam a Grecia uma potencia conquistadora mas sem liberdade individual, é o dialecto macedonico o que se presta á propagação do cosmopolitismo na Asia, á linguagem da nova colonia de Alexandria, á comedia burgueza de Menandro, emfim á traducção da Biblia, e á linguagem universal dos povos cultos.[3] O vigor da nacionalidade fundava-se em uma unidade moral, e não na unidade de territorio, como pretendem os despotas pela pressão da força bruta.

O territorio da *peninsula italica* é tambem exageradamente retalhado, e depois da Grecia nenhuma nação apresenta uma unidade moral mais tenaz, um sentimento nacional mais intimo do que a Italia, apesar dos mil attentados de que se compõe

---

1 *Principes de la Science sociale*, t. I, pag. 55.
2 Egger, *Mem. de Litterature ancienne*, pag. 23.
3 Idem, *ibid.*, pag. 25.

a sua historia, empregados pela força bruta da devastação para destruir essa unidade. As antigas luctas não tiveram outro fim senão, assegurar a liberdade dos seus pequenos estados, para quem o dominio e a incorporação romana foram sempre uma pressão do estrangeiro. Pelas fórmas accidentadas do seu territorio, a Italia era essencialmente um paiz de refugio, um asylo; a Italia avista-se das montanhas da Grecia, e era para ali que se refugiavam os vencidos e os desalentados das luctas sociaes, como o dizem Eliano e Denys, descrevendo o primitivo direito de asylo do Lacium, conhecido em Praeneste e Tibur seculos antes da fundação de Roma. A Italia fôra primitivamente povoada por tribus pastoraes e agricolas, como se vê pelo seu polytheismo;[1] o direito de asylo era uma consequencia de instituições pacificas, como se vê pelas diversas federações que fundaram, e em que o reconhecimento da individualidade humana, concedendo o direito de burguezia aos escravos, era o resultado do desenvolvimento da associação voluntaria. Sismondi, na *Historia das Republicas italianas na Edade media,* allude á civilisação industrial e scientifica da Etruria, como as muralhas collossaes de Volterra, os vasos esmaltados, a arte de dirigir o raio, emfim as referencias dos escriptores gregos a uma vasta litteratura dos Tyrrhenos. Emquanto estas federações subsistiram, o territorio pantanoso, como o das Maremmas, era saudavel e fecundo, e a tranquillidade essencial para todo o progresso humano era imperturbavel pela ausencia de espirito de conquista. Era a edade de ouro das tradições saturnias.

Sob o ponto de vista economico, Carey não podia deixar de estudar o principio da associação voluntaria e local n'estes estados italicos antes de serem incorporados pela Roma conquistadora e imperial; então a Etruria, a Campania, a Grande-Grecia e o territorio montanhoso dos Samnitas estavam cobertos de numerosas cidades, que eram o centro de todas as populações ruraes, ricas e livres; Roma começou a perturbar estes pequenos estados visinhos, e a fazer da pilhagem e da devastação um recurso economico; o espirito da associação voluntaria e local disciplinou-se em federações como a dos Etruscos, dos Sabinos, dos Latinos, dos Samnitas e dos Brutianos, e só quando ellas foram extinctas e subjugadas pela força militar dos Romanos, o territorio ficou esteril e doentio, a propriedade ficou entregue ao trabalho dos escra-

[1] Bonstetten, *Le Latium ancien et moderne,* p. 146.

vos, e os senhores viviam orgulhosamente na cidade centralisadora em conflicto com uma plebe que queria viver sem trabalhar, e que era preciso distrahir com guerras de usurpação, para a compensar com os despojos. As federações italicas teriam resistido á devastação e absorpção centralista de Roma, se catastrophes imprevistas, como terremotos e grandes pestes, lhes não quebrassem a energia moral. Ainda assim comparadas as guerras dos Romanos para conquistarem os estados livres da Italia, que duraram cinco seculos, com as guerras punicas, macedonica e asiaticas, que duraram dois seculos, chega-se á conclusão de que a fórma politica da federação, em que a associação voluntaria põe em relevo todas as qualidades do individualismo, é de todas as constituições sociaes a que mais resiste porque se apoia no seu destino pacifico. Vamos vêr as consequencias d'esta incorporação romana, que sobre a ruina de tantos estados livres termina em uma Republica aristocratica, para quem a fatalidade da guerra a arrasta ao despotismo dos chefes militares, os *Imperadores,* em que o generalato se confundiu com a soberania nacional.

As cincoenta e tres nações do antigo Latium florescente decairam em uma profunda miseria, extinguiu-se a população e os territorios tornaram-se desertos e doentios. Bonstetten aponta a grande cidade dos Gabios servindo de pasto a uma manada de vacas; Fidenes reduzida a curral de carneiros; Cures tendo como unico vestigio de casas uma estalagem, «Antemna, Veios, Crustumenium e outras cidades que provam o estado florescente do Latium, foram devoradas em poucos annos pela Roma nascente, já instruida em devastar a terra, e busca-se hoje o logar onde ellas existiram.»[1] Roma podia ter-se tornado o centro hegemonico de todos os estados italicos, se as suas ambições militares não se estendessem para a Africa, para a peninsula hispanica, para as Gallias, para a Grecia, para o norte da Europa, e para a Asia; as instituições municipaes teriam bastado para harmonisarem a autonomia de todos os estados italicos com a liga federativa, liga que seria forte, porque era o unico meio de garantir a Civilisação occidental da ruina produzida pelas invasões dos Barbaros do norte, e pela occupação da parte meridional da Europa pelos Arabes. A dominação romana, constituida no proprio solo italico, ultrapassou as fronteiras naturaes e tornou-se para a Italia um dominio tão odioso e extranho como o era para os

[1] *Le Latium,* p. 225.

povos conquistados das Gallias e da Hespanha; a Italia não era mais do que uma provincia romana, por conquista, como o eram esses outros povos que foram subjugados pela Republica e que forneciam tributos administrativos e soldados mercenarios para as devastações do Imperio.[1] Os proprios escriptores romanos reconheceram os germens de ruina que se continham n'este centralismo violento; Floro deplora que Roma depois de se expandir por todos os limites naturaes da Italia não circumscrevesse a sua nacionalidade a essas fronteiras, em vez de se envolver em aventuras guerreiras para a fundação de um imperio vastissimo mas sem consistencia.

Dá-se aqui um phenomeno social de extraordinaria importancia, sem o qual não se poderá comprehender bem a lucta dos dois principios, o da liberdade local, representado pela fórma dos *Municipios,* e o do centralismo, representado pela unidade politica do Imperio. São estes os elementos exclusivos de todas as luctas dos povos da Edade media, e dos tempos modernos, quer o Municipio reviva nas luctas das Communas e da burguezia, quer a tradição imperial se renove pelas ambições do Papado ou pelas conquistas das Dynastias monarchicas que ainda hoje procuram impôr o seu poder pessoal. A tradição municipal subsistiu sempre na Italia, e Roma ia concedendo aos povos conquistados esse direito de se governarem independentemente pela associação local. Esta concessão era uma necessidade imposta pelas condições do territorio; se o seu governo foi sempre para a Italia um dominio estrangeiro, todas as outras tentativas de unificação quer pelos reis germanicos, quer pelo papado, quer pela Casa de Austria ou pela França, embora se revestissem com a tradição fascinadora da restauração do Santo Imperio romano, foram improficuas, porque as fórmas municipaes subsistiram sempre alentando o espirito separatista determinado pelo territorio.

Sobre a importancia da fórma municipal na historia politica de Roma, diz Carey: «Estudando a historia da Republica e do Imperio, vêmos que se deve attribuir a longa duração da sua existencia a este facto, que a população das provincias possuia em grandissima parte a faculdade de se governar por si mesma com tanto que se submettesse ao cumprimento de certas obrigações para com o governo central. Durante muitos seculos a associação local, applicada a quasi todas as necessidades, permaneceu intacta; os burgos e as cidades impunham-se

---

[1] Charrière, *La Politique de l'Histoire,* t. II, p. 329.

a si mesmo as suas taxas, fixavam as suas leis e escolhiam os magistrados que deviam vigiar pela sua execução.»[1] Foram as instituições municipaes que deram um pouco de consistencia ao Imperio romano mesmo quando elle se desmoronava pelos desvarios do poder central dos Cesares; as novas nacionalidades constituiram-se sobre os vestigios consuetudinarios da organisação provincial municipalista, e as Republicas italianas da Edade media não foram outra cousa mais do que um renascimento da tradição autonomica dos antigos Estados italicos, ao fim de cinco seculos de despotismo e de barbarie.[2] Esta persistencia da tradição autonomica explica-se pela influencia mesologica da propria Italia: «A configuração do seu solo, que a divide em tres zonas distinctas, resistiu sempre a todas estas tentativas operadas quer por ella mesma, quer por soccorros estrangeiros para attingir conjunctamente a unidade e a independencia.»[3] Adiante consideraremos a influencia d'estas tres zonas, septentrional, media e meridional, sobre os destinos da civilisação italiana.

A renascença da Civilisação occidental, que começa no seculo XII, coincide com a revivescencia das instituições municipaes, ou associações locaes, que levantam a Italia da escravidão dos povos germanicos depois de os ter transformado pela cultura; cada cidade é um povo livre, com constituição republicana escripta, com historia particular, e o espirito da iniciativa individual revela-se por genios extraordinarios, por caracteres sublimes, a ponto de que nenhuma nação moderna conseguiu ter uma serie tão numerosa de grandes homens, como essas Republicas, que souberam emancipar-se do seculo X ao seculo XII, e iniciarem a Europa nos recursos da civilisação que estava extincta. A Lombardia, o Piemonte, a Venetia, a Romagna, e a Toscana resurgiram com caracteres vivissimos de nacionalidades.

A Italia subjugada até ao seculo XII, fazendo parte ora do imperio dos Frankos, ora do imperio dos Germanos, deveu a sua liberdade ás instituições republicanas, que a firmaram pelo triumpho da *Liga lombarda* contra Frederico Barba-roxa; a sua ruina veiu-lhe da absorpção da unidade monarchica, no seculo XVI, quando Carlos V se coroou em Bolonha e os seus generaes tomaram Florença em 1530. A civilisação italiana é

---

[1] *Principes de la Science sociale*, t. I, pag. 46.
[2] Sismondi, *Hist. des Republiques italiennes*, t. I, pag. IX.
[3] Charrière, *Op. cit.*, t. II, pag. 329.

um dos capitulos mais brilhantes da historia da humanidade, elaborado na livre actividade do genio de um povo n'esses quatro seculos de autonomia. Sismondi resume em algumas linhas esse bello quadro, que comprehende a historia da liberdade nacional da Italia do seculo XII a XVI: «A Liberdade dera á Italia quatro seculos de grandeza e de gloria. Durante estes quatro seculos, a Italia fez poucas conquistas para além dos seus limites naturaes; e comtudo foi então que assegurou aos seus povos o primeiro logar entre as nações do Occidente. A Italia, nunca exerceu o seu poder sobre os estados visinhos de modo a pôr em perigo a sua independencia; a sua divisão em um grande numero de pequenos Estados fechava-lhe em absoluto esta carreira á sua ambição; porém a propria divisão multiplicara-lhe os recursos e desenvolvera o espirito e o caracter de seus povos em cada uma das suas pequenas capitaes.» Sismondi acrescenta sobre a acção dos italianos: «Elles levantaram a natureza humana degradada, dando a todos os homens direitos como homens, e não como privilegiados. Foram os primeiros que estudaram a theoria dos governos e deram aos povos modelos de instituições liberaes. Restituiram ao mundo a philosophia, a eloquencia, a poesia, a historia, a architectura, a esculptura, a pintura, a musica. Suscitaram progressos rapidos no commercio, na agricultura, na navegação e nas artes mechanicas. Tinham sido os instituidores da Europa. Mal se apontará uma sciencia, uma arte, um conhecimento de que elles não tivessem ensinado os elementes aos povos que depois os ultrapassaram. Esta universalidade de conhecimentos desenvolvera o seu espirito, o seu gosto e as suas maneiras; e esta elegancia ficou lhes ainda depois de terem perdido todas as outras vantagens, sobrevivendo á antiga dignidade, que tinha sido o fundamento de tudo. Tudo isto durou emquanto existiu a liberdade italiana.»[1]

Sismondi continúa, referindo-se a esses quatro seculos de civilisação: «a influencia da Italia fez-se sentir sobre todos os paizes da Europa, e não se poderá comprehender a politica dos seus estados sem relancear alternativamente a Grecia e a Hespanha, a Hungria e a França, a Turquia e a Allemanha.» A Italia deixou de existir quando um imperador da Allemanha veiu receber a corôa de ouro das mãos do papa; para fortalecer-se contra a dissolução catholica do protestantismo, a Egreja de Roma escravisou a Italia, consagrando a sobera-

[1] *Hist. des Republiques italiennes du Moyen-Age*, t. XII, p. 91.

nia da Casa de Austria; a unidade moral dos Estados livres, que tiravam a sua força do federalismo, desappareceu sob a unidade imperial de uma dynastia despotica, pervertendo-lhe até o proprio futuro, porque a essa pressão unitarista é que se deve attribuir o desenvolvimento da casa de Saboya á sombra das reivindicações da antiga liberdade italiana.

Sobre a configuração do solo da Italia fallou Napoleão como estrategico e preoccupado com o pensamento da unificação politica; é notavel como elle deduz do solo as condições mesologicas para uma federação de nacionalidades: «A Italia, isolada nos seus limites naturaes, separada pelo mar e por altissimas montanhas do resto da Europa, parece ser chamada a formar uma grande e poderosa nação; mas ella tem na sua configuração um vicio capital, que se póde considerar como a causa das desgraças que ella tem experimentado e do fraccionamento d'este bello paiz em muitas monarchias ou republicas independentes. A sua extensão é sem proporção com a sua largura.» Napoleão discute militarmente a situação da capital do grande estado italiano, mas as condições que a fixam ora em Veneza, ora em Roma, Milão, Bolonha e Florença, são as mesmas que determinam a autonomia de pequenos estados livres confederados entre si: «As opiniões dividem-se sobre o logar que seria mais proprio para ser capital da Italia; uns designam Veneza, porque a primeira necessidade da Italia é ser uma potencia maritima; Veneza, pela sua situação ao abrigo de todo o ataque, é o deposito natural do commercio do levante da Allemanha: é, commercialmente fallando, o ponto mais proximo de Turim, de Milão, mais do que Genova. O mar a approxima de todos os pontos das costas. Outros são guiados pela historia e antigas memorias para Roma; dizem que Roma é mais central, que está ao alcance de tres grandes ilhas, da Sicilia, da Sardenha e da Corsega; que está ao alcance de Napoles, a maior população da Italia; que está em um justo afastamento de todos os pontos da fronteira atacavel, quer o inimigo se apresente pela fronteira franceza, suissa ou austriaca. Roma está a uma distancia de cento e vinte a cento e quarenta leguas; forçada a fronteira dos Alpes, fica garantida pela fronteira do Pó, e finalmente pela fronteira dos Apenninos, etc.» Discutindo as condições de Milão como capital, diz que a agglomeração de população não servia, «porque estava muito aproximada das fronteiras da invasão, e muito afastada das outras extremidades expostas aos desembarques. N'este ultimo caso, Bolonha seria infinitamente preferivel, porque, no caso de invasão, forçadas as fronteiras,

teria ainda por defeza a linha do Pó, e a sua posiçao geographica, seus canaes, a põem em communicação immediata ou prompta com o Pó, Livorno, Civita-Vecchia, os portos da Romagna, Ancona e Veneza, sendo muito mais aproximada da costa de Napoles.»[1] Abaixo applicaremos estas considerações da estrategia á politica.

A unificação da Italia feita pelos Romanos, foi quebrada pelas invasões dos Ostrogodos, no seculo v, e pela dos Lombardos, no seculo vi, cujo dominio subsistiu até á incorporação do Occidente por Carlos Magno, em 774. Os conflictos entre o poder temporal do Papado e a tradição do Santo Imperio, aggravados pelas invasões sarracenas e normandas, deram logar á fragmentação da Italia em innumeros principados, ducados, marquezados, condados e republicas ora independentes dos Imperadores, ora dos Papas, ora fortalecendo um contra o outro, ora entregando-se ao dominio estrangeiro da Austria, da França e da Hespanha, sem a cohesão para constituirem uma forte nacionalidade. O Papado foi o espinho permanente, que dissolveu a energia moral d'esse grande povo, que em todas as manifestações da sua intelligencia tomou por thema a aspiração da sua unidade. Foi preciso um elemento estrangeiro á Italia, a Casa de Saboya, para explorar a realisação d'essa aspiração secular, consummada pela extincção do poder temporal do Papado em 1870. A Saboya pertenceu á Gallia transalpina, e pelo facto do rei da Sardenha, que era duque de Saboya, ter os seus estados contiguos ao ducado, é que essa influencia da casa estrangeira póde identificar-se com os interesses da unidade nacional.

Antes da Revolução franceza, a Italia estava dividida nas seguintes soberanias: a do Papa, o rei das Duas Sicilias, a Casa de Austria, o rei de Sardenha, o Duque de Parma, e as republicas de Veneza e de Genova. Segundo a divisão geographica, a *Italia septentrional,* correspondente em grande parte á antiga Lombardia, dividia-se em seis estados: a Casa de Saboya, comprehendendo a Saboya, o Piemonte, o Montferrat, e a parte occidental do antigo ducado de Milão; a Republica de Genova; o Ducado de Parma; o Ducado de Modena; os dominios da Casa de Austria (ducados de Milão e de Mantua); e a Republica de Veneza.

A *Italia central,* comprehendia os Estados do Papa, o Grão-

[1] Vid. *Mem. de Napoleon,* t. III, e *Mémorial de Sainte Hélène.*

Ducado da Toscana, e pequenos cantões encravados com uma independencia nominal.

A *Italia meridional* comprehendia o reino de Napoles, que unido á Sicilia, constituia o reino das Duas Sicilias.

Estava portanto a Italia no fim do seculo XVIII dividida entre a Casa de Saboya, a Casa de Austria, o ramo hespanhol dos Bourbons, o Papa, e as duas republicas aristocraticas de Veneza e Genova, e a republica de Lucques.

Nas guerras napoleonicas toda a Italia continental foi incorporada á França; Saboya, Piemonte, Genova, Toscana e Roma annexaram-se ao imperio francez; o *reino de Italia* foi formado por Napoleão para seu irmão Joseph, com o Milanez, estado de Veneza, e uma parte do estado do Papa.

Pelo Congresso de Vienna, em 1814 e 1815, a Casa de Saboya foi reintegrada nos seus antigos dominios, a que se lhe acrescentou Genova; o Papa, os Bourbons de Napoles e o Duque de Modena recuperaram os seus estados; e a Austria retomando o Milanez, acrescentou ao seu territorio a republica de Veneza sob o titulo de Reino Lombardo-Veneziano; o grão-ducado de Toscana foi entregue ao Archiduque de Austria.

A unificação da Italia tinha de fazer-se em um dos seus tres centros, Lombardia, Toscana ou Sicilia, isto é, na parte septentrional, media ou meridional. O territorio em que se constituiu o reino de Napoles, chamado antigamente a *Grande Grecia,* seria o centro da civilisação italiana e da unificação politica, se as invasões Sarracenas no Occidente não embaraçassem esta evolução natural.

Devia seguir-se a Toscana, na Italia central, como se vê pela creação de uma linguagem italiana classica, e por uma litteratura nacional; mas a visinhança do imperio theocratico do Papa, chamando ora a Austria ora a França contra os outros principes ou republicas italianas, obstou a que se formasse esse nucleo de unificação.

Deu-se este facto brilhante da historia moderna, na Italia septentrional, no ponto onde os dominios da Austria embaraçavam a unificação; o desenvolvimento successivo da casa de Saboya e do reino da Sardenha reuniu em grande parte as condições d'essa obra, coadjuvada pelo accidente da politica da França napoleonica que introduziu na diplomacia o principio das grandes nacionalidades, ou da absorpção dos pequenos estados. Nos preliminares de Villa Franca, Napoleão III phantasiou uma Federação italiana, para conciliar os varios interesses dynasticos tradicionaes. A Italia está hoje sob uma monarchia unitaria, isto é reduzida a um apanagio pessoal da

Casa de Saboya, e com instituições politicas parlamentares-centralistas, que reduzirão o vigor nacional á ultima degradação, sobre a qual o Papa espera rehaver o seu imperio. A situação actual só póde acceitar-se como uma transição necessaria para o federalismo immanente em todo o passado historico da Italia.

As republicas italianas da Edade media egualaram a Grecia na livre manifestação do genio individual; Milão, Veneza, Genova, Florença, Roma, Napoles, Pisa, Sene, Padua e Verona, eram, como nota Carey, centros de aggregação politica como os pequenos estados da Grecia. Como a estes faltou-lhes um ponto de convergencia hegemonica, e Dante presentia esta necessidade, quando combatia as hostilidades separatistas, e avivava a tradição da unidade imperial. Essa tradição de unidade politica existia na Roma dos Papas, e foi esta instituição que não podendo centralisar em uma theocracia todos esses estados livres, chamou as monarchias inimigas, quer da Allemanha, quer da França para lhe garantirem a sua propria existencia. O papado, como provou admiravelmente Quinet, foi o eterno inimigo da Italia, o cancro que dissolveu a constituição d'essa grande nacionalidade. As Republicas italianas, que além da sua base municipal, se tornaram aristocraticas, foram um elemento de dissolução, subsistindo por guerras perpetuas; Veneza, democratica na sua origem, para garantir o trafico commercial, entrega-se ao despotismo do Conselho dos Dez, á inquisição de estado, á devastação militar para proteger os seus monopolios, ás grandes despezas de frotas fiscaes, e portanto ao imposto e ao attentado permanente contra todas as garantias individuaes; tal é a situação que se continúa com Pisa e Genova, repetindo na sua ruina o egoismo odioso de Athenas na decadencia, ou o de Carthago;[1] successivamente se repete o mesmo na Hollanda sob os seus *stathouders,* e na Inglaterra sob os seus reis.[2] Ampère, fallando do excesso de separatismo dos estados italicos, emquanto á importancia politica, attribue-lhe a assombrosa individualidade d'esse povo, individualidade que a França perdeu pelo seu excesso de centralismo: «Os Italianos lamentam hoje não terem formado um grande estado como a França; e nós, nós sentimos os inconvenientes d'esta ausencia completa da vida local, que causa a

[1] Carey, *Op. cit.*, t. I, p. 282.
[2] Charrière, *Op. cit.*, t. II, p. 16.

esterilidade intellectual das nossas provincias e nos torna a verdadeira liberdade tão difficil.»[1]

A instabilidade dos governos em França, quer para a Monarchia absoluta ou constitucional, quer para a Republica radical ou burgueza, provém da falta de uma consciencia da dignidade individual, elemento violentamente submettido á unidade administrativa. As Gallias conheciam a fórma rudimentar e espontanea da Federação, sobretudo n'aquelle typo religioso, em que, como na Grecia, as cidades se congregavam em volta do mesmo templo; por essas federações resistiram ás invasões romanas, e por mais de seis seculos se mantiveram essas differenças de povos que vieram a ser violentamente unificados sob um mesmo sceptro, pelo triumpho da força sobre o direito e sobre a associação local. Onde as instituições communaes existiram, isto é, no meio dia da França, ahi se revelou uma grandiosa civilisação, em que os vestigios da cultura grega, e a contiguidade da Italia determinaram a hegemonia da França meridional durante esse periodo de elaboração da Edade media. A unidade politica rebaixou a França por muitos seculos.

Michelet, partidario strenuo da unidade franceza, reconhece os elementos ethnicos e individuaes que se destacam n'essa unificação nacional; falla da convivencia no Collegio de França com toda a mocidade: «Foi então que eu comecei a melhor comprehender as *nacionalidades diversas* de que se compõe a do meu paiz. Emquanto eu contava aos meus jovens ouvintes as historias do tempo passado, suas physionomias, seus gestos, as fórmas de sua linguagem me representavam, sem elles o conhecerem, uma outra historia muito mais verdadeira e profunda. Em uns eu reconhecia as *raças engenhosas do Meio Dia, este sangue romano ou iberico da Provença e do Languedoc, pelo qual a França se liga á Italia e á Hespanha,* e que deve um dia reunir sob sua influencia todos os povos de lingua latina. Outros me representavam esta dura raça celtica, elemento resistente do antigo mundo, estas cabeças de ferro com sua poesia vivaz e sua nacionalidade insular sobre o continente. Tambem encontrava este povo conquistador e disputador da Normandia, o mais heroico dos tempos he-

---

[1] *La Grèce, Rome et Dante,* p. 280. Augusto Comte viu admiravelmente quaes seriam as consequencias da unificação italiana: «Em logar de apreciar a sua decomposição politica como aproximando-a mais do estado normal, elles tendem para a *unidade,* não menos retrograda que anarchica, incompativel com a independencia necessaria.» *Politique positive,* t. IV, p. 481.

roicos, o mais industrioso da época industrial. Alguns, no seu instincto historico, caracterisavam a boa e forte Flandres, paiz de bellos feitos e de bellas narrativas, que dava alternativamente a Constantinopla historiadores e imperadores. De outra parte os olhos azues e as cabeças louras me faziam pensar com esperança n'esta Allemanha franceza, lançada como uma ponte entre duas civilisações e duas raças. Emfim a ausencia de caracter indigena, os seus traços indecisos, a prompta aptidão, a capacidade universal, me assignalavam Paris como a cabeça e o pensamento da França.»[1]

Os politicos francezes consideram uma traição á patria o adherir á ideia de federalismo; comtudo existem essas differenças nacionaes, abafadas pela força bruta. Mais uma vez precisamos auctorisar-nos com as palavras de outros; Agostinho Thierry falla d'essa unificação dos estados do sul como uma catastrophe da civilisação: «Assim foram aggregadas ao reino de França todas as provincias da antiga Gallia, situadas á direita e á esquerda do Rhodano, excepto a Guienna e os valles do pé dos Pyrenneos. A velha civilisação d'estas provincias recebeu um golpe mortal pela sua reunião forçada a paizes muito menos avançados em cultura intellectual, em industria e em polidez. É a mais desastrosa época, na historia dos habitantes da França meridional aquella em que elles foram feitos francezes; em que o rei, que os seus avós tinham o costume de chamar rei de Paris, começou a chamar-lhes a elles os seus subditos da *lingua d'Oc,* por opposição aos antigos francezes d'além do Loire, que fallava a *lingua d'oui.* Desde este tempo, a poesia classica do Meio dia, e mesmo a lingua que lhe era consagrada, decahiram no Languedoc, no Poitou, no Limousin, no Auvergne e na Provença.»[2] A civilisação provençal, que se estendeu ao norte da França, á Inglaterra, á Allemanha, á Italia e á Hespanha, era o fructo d'esta liberdade e autonomia da França meridional, morta pelo centralismo monarchico, acobertado com o rancor religioso que tornou esse acto um verdadeiro cannibalismo pela cruzada contra os Albigenses. Por isso diz Thierry: «O estabelecimento dos grandes estados modernos foi sobretudo obra da força; as sociedades novas formaram-se com os restos das antigas sociedades novamente destruidas, e n'este trabalho

---

[1] *Introduction à l'Hist. universelle,* pag. 48, notas. Ed. belga. (*Oeuvres,* t. I.)

[2] *Hist. de la Conquête de l'Angleterre,* t. II, p. 328.

de recomposição, grandes massas de homens perderam com grande soffrimento a sua liberdade e até o seu nome de povo substituido por um nome estrangeiro.»[1]

O começo do seculo XV e o governo de Luiz XI, caracterisam-se pelo facto da incorporação successiva dos estados livres de França sob o dominio de um monarcha. A demencia e fraqueza de Carlos VI provocara uma dissolução dos elementos senhoriaes, d'onde nasceu a necessidade de uma disciplina de poder centralista ou monarchico. Basta apresentar o estado de divisão territorial da França, para deduzir a necessidade de uma convergencia politica, como base para a livre organisação federal.

A Bretanha era governada como um estado livre por Montfort. Os condados de Foix e Armagnac eram a soberania da familia de Armagnac; a Navarra e o Bearn pertenciam ao rei Carlos, o máo; a Provença pertencia ao rei Luiz III de Napoles; o duque de Berry governava o Languedoc; os duques de Orleans, de Anjou e de Bourbon eram independentes, apenas com a reversibilidade dos seus apanagios para a corôa. Os inglezes estavam senhores da Guienne e de Calais. O Duque de Borgonha era mais poderoso do que o proprio rei, pela extensão dos seus estados, governando absolutamente na Borgonha, Charolais, em Flandres e na Picardia. O dominio real achava-se assim encravado entre estes territorios senhoriaes, e o poder soberano era compartilhado pelos barões, que apesar do reconhecimento de homenagem e fidelidade ao rei, se revoltavam, vivendo-se na anarchia do poder das *grandes bandes* e das *compagnies franches*. Os bispos e as ricas abbadias tambem se arrogavam privilegios soberanos. A unificação politica da França não podia começar senão por via da monarchia; começou naturalmente pela reivindicação do territorio occupado pelo estrangeiro. Carlos V, coadjuvado pelo condestavel Du Guesclin repelle os inglezes do solo da França, mas vem a morrer antes de submetter a anarchia baronial. Succede-lhe Carlos VI, ainda na menoridade, governado por um conselho composto dos seus quatro tios, os duques de Anjou, de Bourbon, de Borgonha e de Berry, cujos disparates, latrocinios e discordias mutuas aggravaram a situação anarchica da França, começando as revoltas populares contra as extorsões fiscaes, revoltas conhecidas pelo nome dos *Maillotins*. Seguiram-se as repressões, que tiveram por consequencia a

---

[1] Idem, *Hist. de la Conquête de l'Angleterre*, t. I, Introduc.

extincção de franquias communaes e a ruina da burguezia. Foi no meio d'estas ambições desenfreadas dos seus quatro tios, que Carlos VI chegou á maioridade, para cair pouco depois na loucura, attribuida ao encontro de um phantasma na floresta de Mans, continuando o governo a fluctuar entre o duque de Borgonha e o duque Orleans. Por este estado de cousas se vê que a independencia monarchica era a condição para a estabilidade do direito e para a unidade territorial, e que não podia realisar-se senão pela extincção do feudalismo, pela força e pela traição sanguinaria. A realeza, desde Luiz XI a Luiz XIV cumpriu essa missão negativa, mas indispensavel para a liberdade e para o advento da soberania nacional; porém esse excesso de concentração de soberania ou poder absoluto em um individuo, que se substituia ao estado, conservou a mesma divisão da irresponsabilidade soberana em ministros e funccionarios favoritos, permanecendo no fundo o mesmo mal estar d'onde saiu a necessidade da convocação dos Estados geraes, na assembléa nacional, depois a Convenção de 1789, e a grande Revolução franceza, que universalisou a éra da democracia. A defeza nacional da Republica contra a Europa conservadora colligada contra a França, deveu os seus triumphos á reorganisação da antiga Communa medieval; mas a França republicana ficou com a tradição centralista de 89, que precisava da submissão de todas as provincias ao governo central de Paris para conseguir reorganisar-se. Todos os politicos francezes persistem n'este preconceito.

Mais do que nenhum outro grande estado, a França precisa salvaguardar a sua liberdade reorganisando-se pela federação; a queda successiva das duas primeiras republicas resultou da violencia da unificação administrativa e da extincção das garantias communaes a pretexto de uma unificação politica.

A França foi nas épocas gloriosas da historia da civilisação occidental immensamente dividida; Carlos Comte, no *Tratado de Legislação,* alludindo ás leis consuetudinarias da França, com cento e quarenta e quatro provincias independentes na sua existencia juridica, conclue: «A França era comtudo um dos paizes mais civilisados da Europa, ou, como quizerem, um dos menos barbaros.» *(Op. cit.,* t. I, p. 316). E da conservação das instituições locaes, accrescenta: «Nem as conquistas dos Romanos, nem o despotismo dos seus imperadores, nem as conquistas e devastações dos barbaros, nem o poder dos reis, poderam nunca apagar em França as leis que pertencem a cada povo. Foi preciso que a imprensa inoculasse

nos espiritos as mesmas ideias e que uma revolução terrivel passasse o seu nivel por sobre o solo, para reduzir esta multidão de povos diversos a uma legislação uniforme.» (*Op. cit.*, p. 32). Foi um perigo commum, a invasão da França pelos exercitos estrangeiros, que fez com que a Republica unificasse a França; mas essa unidade, que devera ser moral, pela extincção do partido girondino ficou sacrificada porventura pela necessidade das grandes reformas á unificação administrativa. A tradição revolucionaria mantida através de todas as restaurações monarchicas, conservou inconscientemente a organisação unitaria, isto é, a subordinação incondicional das provincias a um poder central.

O illustre publicista Lavelleye, analysou sem preconceitos a applicação da doutrina federal á organisação politica da França, e quer pela historia, quer pela critica dos elementos sociaes, chega á clara conclusão, que sem as liberdades locaes, provinciaes e communalistas, a Republica é um titulo sem livro, uma instituição de nome. Diz elle: «Um dos grandes erros da Revolução foi a destruição das assembléas provinciaes, e duvido que a França chegue a possuir a verdadeira liberdade sem que as torne a restabelecer.» (*Ensaio sobre as fórmas do Governo*, p. 103). E explicando o pensamento unitarista dos republicanos modernos, escreve Lavelleye: «É um erro. Proveiu da Revolução, que proscreveu com um furor sanguinario o federalismo e os federalistas, a unica fórma de governo e os unicos homens que teriam podido salvar a Republica. As Republicas que duram e que prosperam são federações: a Suissa e os Estados-Unidos.»

Os republicanos francezes são os unicos que laboram no erro unitarista, que lhes tem acarretado immensas catastrophes: continúa Lavelleye: «Os republicanos francezes com o seu fanatismo de unidade e opposição ao systema das autonomias locaes, são os unicos entre os seus correligionarios que proseguem n'este sentido, e estão em contradicção com os seus proprios principios; é uma triste herança dos seus antepassados da Revolução.» Contra o principio unitarista da democracia franceza insiste o mesmo publicista belga: «Uma republica unitaria e absoluta como a que se tem sempre querido fundar em França é um monstro.—A França acha-se em republica agora, mas nada foi alterado do que estava...»

A tentativa de reforma eleitoral pelo escrutinio de lista é o meio indirecto para o exercicio da independencia local, e com certeza o caminho para uma assembléa intelligente e digna adoptar um dia a organisação federalista.

Assim acabarão os perigos dos golpes de estado presidenciaes, como os dos dois Napoleões e a tentativa de Mac-Mahon, e acabarão as revoluções das capitaes, e as guerras votadas por parlamentos formados pela candidatura official. Lavelleye chega á seguinte conclusão fundamental: «Em França, é preciso ir até ao ponto de restabelecer as antigas provincias, com as assembléas regionaes, reunindo os departamentos que pelas relações geographicas e identidade de interesses economicos formam verdadeiramente um grupo natural. Um regimen federal mais ou menos estreito será geralmente adoptado no futuro, porque é o unico meio de assegurar a união das raças e mais tarde da especie, sem quebrar as diversidades locaes, e sem escravisar os homens a uma asphyxiante uniformidade.

«As instituições locaes, quando o poder central não as destroe com firme proposito, como em França, resistem a todas as mudanças politicas e ás convulsões sociaes, porque ellas correspondem a uma necessidade natural. Sem as liberdades provinciaes, o regimen parlamentar não dá senão a apparencia da liberdade; na essencia o despotismo subsiste, exercido uma vez pelo monarcha, outra vez pela assembléa.

«Em França este regimen, seja qual fôr o titulo com que o baptisem, não é senão um absolutismo temperado por meio de revoluções periodicas.

«Fechando os olhos ás lições mais claras da historia, os republicanos francezes não querem por fórma alguma autonomias provinciaes, e comtudo sem ellas a republica não é senão uma palavra vã, e difficilmente conseguirá conservar-se.

«Foi um dos erros da revolução acreditar que se justifica o sentimento nacional desraigando os costumes locaes e prescrevendo as tradições e as instituições provinciaes.»

Estimamos de preferencia ás nossas considerações, transcrever as palavras do auctorisado publicista europeu, que poderiamos fortalecer com abundantes provas historicas: por isso vamos vêr que Lavelleye encara o problema federal, pela cooperação dos factores sociaes: «As populações urbanas são essencialmente revolucionarias, o que é um temperamento incompativel com instituições livres; são magnificas para derrubarem monarchias, e nada valem para consolidar a republica.

«Os aldeãos, pelo contrario, são conservadores por instincto, mas republicanos nos costumes. Se os poderdes converter á republica, ella ficará definitivamente estabelecida.»

É o que se observa em França nos grandes centros urbanos, como Paris, Marselha, Bordeus, ao passo que o despotismo napoleonico illudia o suffragio com a massa numerica das pro-

vincias. Lavelleye confirma este facto com a auctoridade de Aristoteles, que diz na *Politica,* que um povo de cultivadores é o mais apto para fundar a democracia, e observa esta lei sociologica, em que a republica é mantida na Suissa e nos Estados-Unidos pelos proprietarios ruraes, ao passo que Genebra e New-York soffrem a agitação revolucionaria: «Querer fundar uma democracia livre com o unico apoio das grandes cidades e contra a acquiescencia dos campos, é a mais vã das tentativas.» Qual o modo de fazer entrar este elemento conservador na ponderação politica? Por meio do federalismo, que na sua essencia é a organisação politica da paz absoluta. Da França federal depende a liberdade da Europa; a tradição revolucionaria vae sendo substituida pela scientifica, e portanto o preconceito unitarista tem de ser attacado pela critica dos factos historicos, e pela pratica do escrutinio de lista.

O eminente positivista Wyrouboff, procurando explicar a saida de Gambetta do poder, quando tudo indicava a necessidade do seu governo, attribue-a á sua tendencia unitarista, em conflicto com o espirito autonomo provincial que se vae revelando em França; assim, caracterisou-o como o ultimo dos grandes estadistas da politica unitaria. A ser effectivo o symptoma, a França virá a realisar a grande Federação occidental.

As divisões internas da França anteriormente á Revolução, coincidiam com as fórmas feudaes, compondo se de trinta e dous governos ou secções administrativas, correspondentes aos antigos dominios senhoriaes, que foram unificados pela monarchia; a Republica completou a obra da unificação pela egualdade do direito, mas esta transformação politica, base essencial de todo o progresso, foi desnaturada por uma circumstancia invencivel. A Republica franceza, triumphante nas suas guerras defensivas contra a colligação do direito divino na Europa, foi arrastada ás guerras de conquista, recuando por isso á fórma atrazada do systema militar do Imperio. Assim, submettida internamente ao mais apertado centralismo administrativo, incorporou no seu territorio a quasi totalidade da Italia, da Hollanda, e das provincias rhenanas, unificando sob a mesma pressão cento e vinte e quatro provincias. Esta obra absurda do Imperio caiu pela sua irracionalidade, desfazendo-se pelos tratados de 1814 e 1815; mas no espirito francez ficou esta deslumbrante tradição do militarismo conquistador, que deu causa a todas as desgraças dos ultimos trinta annos da França, e deixou nas cabeças politicas a falsa preoccupação de que sem uma absoluta unidade politica, fortalecida por

um absorvente centralismo administrativo, a França não poderia manter-se como potencia. A França tem soffrido todas as catastrophes, invasões e perda de territorio, as suas ideias têm-se transformado a ponto de ser impossivel a conservação de qualquer das tres monarchias absoluta, constitucional ou plebiscitaria, as gerações têm-se renovado, mas apesar de tudo persiste no plano governativo o mesmo falso centralismo, que embaraça o desenvolvimento d'essa generosa nacionalidade. A conservação d'este erro, ainda nos espiritos mais lucidos, não deve attribuir-se exclusivamente á tradição revolucionaria como quer Lavelleye, nem tão pouco a esse espirito uniformisador do Imperio, contra o qual reage a Democracia; essa persistencia do preconceito unitario tem uma causa natural e permanente no territorio: A França é rigorosamente um paiz plano; onde abundam as planicies não existe espirito local, e quanto mais extenso e chato é um paiz, tanto mais se implanta e radica o despotismo, como se vê no norte da Europa. Na mesologia da civilisação, as montanhas são sempre o apoio do individualismo nacional, como se póde observar na Suissa ou mesmo na Hespanha. As massas principaes de montes, na França, são a leste e ao sul, prolongamentos dos Alpes e dos Pyrenneos, que lhe servem de fronteiras. As divisões internas foram todas ethnicas, segundo a occupação das diversas raças que povoaram a França, e que, apesar do seu accentuado individualismo, foram caindo sob a unidade franka, sem poderem resistir por falta de um apoio material. W. F. Edwards e Broca determinam pelas observações anthropologicas ainda hoje todos os typos das raças que primitivamente occuparam a França; pela historia conhece-se as longas luctas que custaram a submissão da França gauleza ou meridional e da Bretanha; na litteratura, como notou Emile Chasles, as creações artisticas correspondem a essas tres zonas ethnicas: *gallo-romana,* em que se manifestou a poesia provençal, as canções amorosas e subjectivas dos trovadores, a *gallo-bretão,* em que se criam as narrativas novellescas do cyclo de Arthur e da cavalleria celeste, dos contos e lays dos menestreis, e a *gallo-franka,* d'onde irradiam todas as epopêas cyclicas das Gestas, que se unificaram na idealisação do typo heroico de Carlos Magno. As differenças que se observam na litteratura, dão-se na linguagem, e ainda no caracter; o gallo-romano é fallador, verboso, o gallo-bretão é credulo e pietista, o gallo-franko conserva o desplante militar a que deram o nome de *furia franceza.* Á parte a influencia de uma mestiçagem de seculos, estas differenças ethnicas seriam bastante fortes para constituirem a

nacionalidade franceza no pacto federal de tres estados livres, se os accidentes historicos não tivessem sido coadjuvados pela uniformidade do territorio. Desde que a politica se torne uma sciencia positiva, ella procurará realisar de preferencia o que está na consciencia dos povos, a entregar-se submissa ás condições do meio, reagindo contra a sua fatalidade. É por isso que a França, que realisou a Revolução mais fecunda no meio social rompendo com um passado abusivo, está destinada a operar esta segunda revolução, mas pacifica, de se reorganisar pelas indicações scientificas, factores essenciaes da politica do futuro.

Referimo-nos á peninsula hispanica, alludindo á acção do meio para destacar e garantir a existencia dos individualismos nacionaes. No territorio da Hespanha, os relêvos orographicos coincidem com as differenças dos aggregados sociaes; a mesologia e a ethnologia, factores directos da historia e das fórmas da civilisação da Peninsula hispanica, nunca foram attendidos, nem mesmo presentidos pelos politicos empiricos, que affrontaram ás cegas todas as condições naturaes dos aggregados de povos que aqui se estabeleceram e constituiram nações. É por isso que toda a historia social da Hespanha se resume em um movimento de vae-vem, em uma oscilação entre as duas tendencias cantonal ou separatista e unitario-centralista ou monarchica. Cada uma d'estas tendencias tem a sua historia á parte, e figuram com a maxima clareza em todas as luctas politicas; a primeira synthetisa-se nas reivindicações dos *Fueros,* que os estados, submettidos á condição de provincias, reclamam contra a unificação civil e contra o centralismo administrativo; a segunda, resume-se n'esta divisa — *união iberica,* — que os partidos tomam como titulo de gloria ou de injuria, conforme as ambições monarchicas castelhanas ou portuguezas visam á incorporação de toda a Hespanha, incluindo Portugal, sob um unico sceptro. Ignorando esta oscillação fundamental, toda a historia da peninsula hispanica é um cahos, e na agitação d'estes estados não é possivel vêr claro, nem se descobre destino ás duas nacionalidades que iniciaram as grandes descobertas maritimas; tomando-a como criterio, todos os factos se coordenam, se systematisam e indicam-nos as soluções racionaes para as quaes deve convergir a acção pratica de uma boa politica.

Consideramos n'este estudo a Hespanha depois da França, seguindo a successão da incorporação romana, que com a Italia tornou estes tres paizes os orgãos vitaes da Civilisação occidental. É á luz d'esta solidariedade que procuraremos, pela

observação da marcha politica, estabelecer deducções tanto mais seguras quanto ellas estão de accordo não só na evolução isolada de cada elemento da unidade occidental, Grecia, Italia, França e Hespanha, como na mesologia e na continuidade historica do continente europeu. Na peninsula hispanica, os factores mesologico, ethnologico e historico são conformes em uma mesma direcção; nada mais evidente, através mesmo de todos os acontecimentos absurdos e de toda a agitação sem plano. Iremos considerando cada um d'elles isoladamente.

Olhando para o mappa geographico da Peninsula hispanica, nota se immediatamente que a situação das provincias que foram primitivamente Estados livres, e que ainda hoje conservam vestigios tradicionaes d'essa individualidade autonomica nas actuaes divisões administrativas do centralismo monarchico, coincidem com os relêvos orographicos, que estão naturalmente demarcando e dividindo este territorio em um determinado numero de organismos nacionaes. Pela comprehensão d'este importantissimo facto mesologico, que exerce uma acção permanente no espirito e nas instituições dos povos, se explica a inextinguivel tendencia separatista dos povos peninsulares, e reciprocamente as tremendas violencias praticadas pelo centralismo da unificação monarchica, que atrophiaram este esplendido collaborador da Civilisação occidental. A acção mesologica e a corrente historica mutuamente se explicam, deixando a descoberto a falsa organisação do unitarismo monarchico, que desde Fernando e Isabel até ás pretenções ibericas recentes, bragantinas ou affonsinas, não tem senão produzido a morte das liberdades locaes, a atrophia completa de uma raça activa, e hostilidades mutuas aproveitadas por uma potencia ardilosa, a Inglaterra, que se tornou a primeira nação colonial do mundo, explorando e fomentando estas dissidencias e simulando tornar necessaria a intervenção de um poder neutro. Tal é a razão da influencia estrangeira, ou da Inglaterra na peninsula, quando o centro de todos os nossos accordos deveria ter sido, desde a scisão da Casa de Austria até hoje, a França, bem como para todos os outros povos romanicos.

Observando os systemas orographicos, vemos primeiramente a cordilheira dos Pyrenneos correndo de *norte* a *oéste*, que nas suas quatro ramificações divide em organismos independentes a Catalunha, Aragão, Navarra, Asturias, Galliza e Vasconia; depois vemos a cordilheira Celtiberica, de *norte* a *sul*, nas suas divisões, a vertente oriental, ou mediterranea, terminando as fronteiras dos tres primeiros estados citados, e

limitando Valencia, Murcia e Granada, e a vertente occidental ou atlantica, continuando a Castella Velha, Leão, Castella Nova, Extremadura e Andaluzias, isto é, Jaen, Cordova e Sevilha. A historia antiga e mesmo a moderna da Hespanha confirma nas constantes luctas de independencia local estas divisões naturaes em quanto á sua influencia social; e foi preciso que o interesse pessoal dos reis se servisse dos grandes attentados da força para sacrificar estes elementos diversos em lingua, em tradição, em costumes, em actividades technologicas e em capacidades, que ainda hoje se revelam na fórma desordenada do cantonalismo ao mais simples abalo social, fazendo com que o absurdo da unidade monarchica se sustente pelo sophisma da manutenção da ordem. A evolução historica da Peninsula é eloquente na comprovação da necessidade de disciplinar estas tendencias em um systema de Federação; esta necessidade foi lucidamente comprehendida por Ernesto Charrière, pelo mallogrado Henriques Nogueira, por Pi y Margall, por Francisco Maria Tubino, e outros escriptores, a que teremos de alludir.

Nos seus bellos estudos sobre a agricultura hespanhola, Firmin Caballero determina as differenças do trabalho rural pelas tradições e costumes de cada uma d'estas regiões e das povoações que ahi se individualisaram. Não só as praticas da lavoura, como tambem os contractos e a organisação da propriedade conservam fórmas primitivas de diversas aggregações sociaes, que correspondem egualmente á diversidade dos trajos e ás árias e instrumentos musicos, como observa o mesmo escriptor no seu *Diccionario geographico*. As divisões territoriaes, apesar de todas as brutaes irracionalidades do centralismo administrativo impostas ao grado dos interesses da unificação monarchica, nunca poderam ser apagadas, e são ellas que prevalecem na circumscripção das actuaes provincias, da mesma fórma que as divisões diocesanas ainda hoje em Hespanha conservam o quadro das primitivas nacionalidades em que se estabeleceram. A acção do meio é muito mais poderosa do que a vontade humana, quando exercida sem intuito racional; as luctas pelas *foros* provinciaes através de tantos seculos são a consequencia d'esta acção incessante do meio que importa ser reconhecida. A força immanente n'este espirito da associação local é tão grande, que quando a Hespanha se viu abandonada pelo seu rei á invasão napoleonica, quem sustentou a liberdade nacional e libertou o territorio foram as Juntas, organisadas pelas provincias e confederadas para o interesse commum. Nas luctas antigas dos habitantes da Hes-

panha contra os Romanos, tambem se organisaram as Federações, como na Italia e nas Gallias; Strabão, falla de uma confederação de trinta Gentes entre o Tejo e os Artabros; Plinio cita a federação do Convento Cluniense de sessenta e oito povos ou cidades; a Jurisdicção de Saragoça compunha-se de cento e cincoenta e dois povos; o Convento de Lugo de dezeseis; e os Asturos de vinte e dois povos. Existia tambem a confederação dos Ausetani, Ilergetes e mais trinta povos; os Vaceos, Vettones e Celtiberos, formavam uma confederação exclusivamente militar. Eram notaveis as assembléas federaes a Vellica, dos Cantabros, e a Asturica, em que se discutia a politica exterior, as allianças, as declarações de guerra e os tratados de paz. Don Joaquin Costa, no seu importante livro sobre a *Poesia popular hespanhola,* conclue d'estes eloquentes factos pela necessidade de restabelecer a federação como a fórma de governo mais em harmonia com o genio nacional.

Os dados ethnologicos revelam nos como estas tendencias separatistas foram augmentadas pelas raças que se fixaram no sólo hispanico, e cuja fusão constitue a população actual da peninsula; sobre o primeiro elemento da migração asiatica, ou os iberos, succederam-se as camadas de populações semitas, taes como os phenicios e suas colonias lybio-phenicias, os carthaginezes e suas colonias dos bastados, os judeus, os arabes com as suas numerosissimas colonias de berberes e mouros; todos estes elementos semitas aggravaram o espirito separatista, fazendo com que no caracter hespanhol preponderasse um exaggerado cosmopolitismo, que levou esse grande povo a dispersar-se pelo mundo, no seculo xv nas vastas descobertas maritimas e emporios commerciaes, e no seculo xvi na occupação militar de quasi toda a Europa em beneficio da Casa de Austria. Emquanto a Hespanha esgotava a sua vida interna por esta assombrosa actividade exterior, as liberdades e as associações locaes enfraquecidas foram facilmente extinctas pelo unitarismo monarchico. Se a unificação da Hespanha se inicia em Fernando e Isabel, é n'este reinado que se descobre a America; quando Philippe II conserva a Hespanha em armas na Italia, nos Paizes Baixos, em lucta contra a França e contra a Inglaterra, é n'esta dispersão exterior que elle opéra a unificação sanguinaria coadjuvado pela unidade catholica, que em 1580 lhe entrega tambem Portugal, cuja nacionalidade ainda hoje é o typo mais perfeito e completo do que seria qualquer dos antigos estados livres peninsulares. Vêmos que na historia e na politica da peninsula hispanica se

alternam, pela fatalidade dos acontecimentos, a tendencia *autonoma* da associação local, fundada na mesologia, na ethnologia e na tradição instinctiva e municipal, e a violencia *unitaria*, exercida pela realeza, quer ella seja o Imperio romano, ou visigodo, o emirado ou kalifado arabe, ou as monarchias neo-gothicas, e os ramos dynasticos estrangeiros. A conquista romana completada na época imperial, é que realisou a primeira unificação politica da Hespanha, ficando sempre insubmissos os asturos e cantabros, germen de resistencia contra outras futuras unificações. Aqui o apoio das montanhas indica-nos o motivo da inquebrantavel resistencia. A tradição imperial foi seguida pelos visigodos, que em Recesvintho torna a recompôr a unidade politica quebrada pelo accidente da invasão das tribus germanicas. Mas essa unidade era tão instavel, que reagindo contra ella por instincto, os povos peninsulares acceitam passivamente a occupação dos Arabes, que em resultado da sua civilisação superior, lhe garantem o respeito das suas instituições locaes e mesmo da sua religião. O governo dos Arabes na Hespanha subordinado nos primeiros annos da conquista ao emir d'Africa, liberta-se ficando na dependencia directa do kalifado; mas as vicissitudes que quebraram a unidade do imperio arabe, substituindo ao kalifado de Damasco o kalifado de Bagdad, reflectem se na peninsula, que se constitue independente, formando o kalifado de Cordova, pela ambição de um membro foragido da dynastia decahida dos Ommyades. A unidade politica dos Arabes é constantemente atacada pelos pretendentes ao kalifado de Cordova, pelas intervenções dos Almoravides e Edrisitas, vindo por fim a dissolver-se em emirados soberanos ou independentes, de Malaga, Algeciras, Granada, Saragoça, Valencia, Algarve, Toledo, divisões que se resumem por ultimo na lucta final entre os dois emirados de Sevilha e de Toledo, e no desenvolvimento progressivo da reconquista christã e das monarchias neo-gothicas. Estas traziam na instituição da realeza a tradição unitarista, que debalde procuravam restabelecer impondo a uma sociedade avançada as monstruosidades do Codigo Visigothico; porém, aquelles que pelo sangue, pelas devastações e pela perfidia faziam a incorporação dos estados livres peninsulares, eram os mesmos que os desmembravam como lotes da herança pessoal deixada a seus filhos, que por novos crimes e fratricidios tornavam a recompôr a unidade politica.

A historia do periodo da reconquista christã, ou das monarchias neo-gothicas encerra esta perturbadora oscilação. Os

que se refugiam nas Asturias, n'esse fóco de individualismo e de liberdade local que resistiu aos romanos e aos arabes, estabelecem a sua mesquinha capital em Cangas, depois em Oviedo, alargando-se lentamente até formarem o reino de Leão, ao qual Affonso I incorporou a Galliza. Porém, já sob Fruela, é preciso abafar pela força a resistencia da Galliza e da Vasconia, revoltando-se esta ultima sob Ordonho, tendo de ser reconhecida a sua independencia por Affonso III. Sob este monarcha, unifica-se no reino de Leão a Castella Velha e a Lusitania, formando então este aggregado o terço do territorio da peninsula hispanica. A esta corrente de unificação pela força, corresponde a reacção separatista; a Navarra desmembra-se como um condado soberano sob Sanches Garcia, tornando-se tambem como o reino leonez, um novo centro de unificação monarchica, como mais tarde o veiu a ser Castella. Se sob o reinado de Affonso III estava unificado o terço da peninsula hispanica, pela sua morte em 910, o novo estado desmembra-se como herança dos seus tres filhos: Garcia fica rei de Leão, que deixou de denominar-se de Oviedo; Ordonho, fica com o reino da Galliza, mas desapossa o irmão unificando o estado leonez, deixando sem auxilio o condado da Navarra em lucta com os Arabes, e vendo a revolta dos Condes de Castella, que queriam tornar-se independentes; o terceiro filho, Fruela, recebe as Asturias, vindo a unificar no seu estado os outros que incorporara Ordonho, vagos pela sua morte em 923. É aqui que começa o engrandecimento do Condado de Castella, sob Fernão Gonçalves, e que é o terceiro centro de unificação monarchica. Ramiro II submette a Castella, mas o espirito separatista renasce na Galliza sob Ordonho III, sob Sancho I, sob Ramiro III, chegando a ter a sua realeza, e resistindo á sombra do apoio prestado ás revoltas ou ambições dos outros estados. Durante a menoridade do rei leonez Affonso V (1012-1016), a Castella torna-se independente sob Sancho Garcez, que se fortalece com a alliança dos arabes. No meio d'esta separação o interesse dynastico provoca uma incorporação de Leão e Castella pelo casamento de Garcia Sanches, filho do castelhano, com Sancha, filha do leonez; era uma situação analoga á do casamento de Fernando e Isabel, no seculo XV; Garcia Sanches foi assassinado pela familia dos Velas, e Sancho de Navarra, a pretexto de ser cunhado do assassinado, casa seu filho Fernando com a noiva leoneza realisando e ultimando pela conquista a segunda unificação politica em 1034 pela incorporação de Castella e Leão á Navarra. Por sua morte dá-se uma nova corrente de desmembração; elle divide o

seu grande estado em testamento pelos filhos; a Navarra, compete ao primogenito Garcia, Aragão a Ramiro, Castella e parte de Leão a Fernando, o resto de Leão a Bermudo. Mas os irmãos luctam entre si e assassinam-se para se apoderarem dos outros quinhões; é assim que Ramiro lucta contra Garcia para lhe apanhar a Navarra, e Bermudo lucta com Fernando, para completar o seu estado, apoderando se dos territorios entre Cea e Pisuerga; Fernando que veiu a receber o titulo de Magno, com que é conhecido na historia, é auxiliado por seu irmão Garcia e mata-o por suas proprias mãos. Navarra e Aragão unificados sob Garcia, e Castella e Leão unificados pelo fratricidio de Fernando, acham-se em presença, e a lucta inevitavel rebenta entre os dois estados, vindo a terceira unificação politica da peninsula a fazer-se por Fernando I, que elle proprio destroe dividindo o reino por seus filhos: a Castella deixada a Sancho, Leão e Asturias a Affonso, a Galliza a Garcia, os territorios de Samora a Urraca, e os de Touro a Elvira.

Herculano notando estes factos contradictorios da desmembração da unidade politica, a qual se realisara com tantos crimes e esforços, não attingiu a lei historica d'estes phenomenos; diz elle: «Palpando por assim dizer, este espirito de desmembração, que nascia da força das cousas depois que os estados christãos adquiriram pela conquista mais remotos limites, Fernando Magno procurou que as de separação, em vez de aproveitarem a extranhos, revertessem em proveito dos membros da sua familia, e que assim se evitassem as luctas civis, cedendo a essas tendencias em vez de tentar, talvez inutilmente, reprimil-as.»[1] Herculano é um severo e exacto chronista, mas sem criterio philosophico; o que fez Fernando Magno, fôra já praticado por Affonso III de Leão, e por Sancho de Navarra; e o pretexto para evitar guerras civis está contradictado immediatamente pelos factos.

Depois da morte de Fernando Magno, os dois irmãos Affonso e Sancho luctam entre si para se expoliarem; n'este conflicto, Garcia segue o partido de Sancho, e portanto Affonso abandona os seus estados e refugia-se junto do arabe Al-Mamum; o conflicto alarga-se e Sancho quer desapossar sua irmã Urraca, que seguia o partido de Affonso, mas fallecendo elle em 1072, Urraca avisa o irmão, que vem de repente da côrte de Al-Mamum, sendo reconhecido rei de Leão e das Asturias e da Castella, e desapossando Garcia do reino

[1] *Hist. de Portugal*, t. I, pag. 167.

da Galliza. Póde-se dizer que Affonso VI consummava a quarta unificação politica da Hespanha, restabelecendo em Toledo a antiga capital do imperio visigothico, e alargando as fronteiras pelas Extremaduras em 1093. Morto em 1109, Affonso VI deixa duas filhas, Urraca e Thereza, desmembrando-se a unidade politica por continuas revoltas, e impondo-se como novo estado independente o Condado de Portugal. D'aqui em diante os planos de unificação monarchica procuram realisar-se por meio de casamentos reaes, como se vê em D. João I de Castella com a filha de Fernando de Portugal, e da parte da monarchia portugueza, nos casamentos de D. Affonso V com D. Joanna, do principe D. Affonso com a filha de Fernando e Isabel, com a qual D. Manuel torna a casar. Ainda no começo da dynastia dos Bragancas os projectos de casamento do principe D. Theodosio tinham em vista a unificação de Portugal e Hespanha; é pelos casamentos de Carlos V e Philippe II, é que a nacionalidade portugueza foi incorporada na unidade hespanhola. Esta corrente é a que tem o nome de *união iberica,* de puro interesse monarchico, e em contradicção com a tradição e espirito autonomo dos povos peninsulares. Quem viu mais claro, n'esta complicada oscilação politica da peninsula foi Pi y Margall no seu magnifico livro *As Nacionalidades;* são extremamente notaveis as palavras de Charrière, indicando o caracter estrangeiro que sempre conservou a monarchia para os povos peninsulares: «Ora, apesar do seu respeito apparente e cerimonioso pela realeza, esta instituição tem sido *sempre estrangeira e antipathica á Hespanha,* a qual não é senão uma aggregação de pequenos povos e de reinos com o accentuado espirito municipal, a quem repugna toda a centralisação. A Hespanha monarchica e real nunca existiu senão confundida com naturezas estrangeiras e interesses exteriores. Apenas saiu ella das luctas interiores, eis que vae cair como provincia na vasta monarchia de Carlos V. Se Philippe II lhe dá sob o mesmo principio a sua nacionalidade, é para melhor mostrar o inconveniente d'esta fórma para ella. Creador de uma capital que não existia antes d'elle, e que Philippe II escolheu arbitrariamente para ali instalar o seu systema, o effeito foi o de produzir logo para estas individualidades do sólo da Hespanha o marasmo e a decadencia chronicas, que trouxeram a paralysia total d'esta potencia pela dos seus membros mais vigorosos.

«Seja qual fôr o principio livremente acceite pela nação hespanhola, é preciso que tenha o mesmo sentido para ella,

e que conservando uma ligação util e necessaria dos differentes estados da Peninsula, o laço seja de tal fórma flexivel, que deixe a estes Estados a sua personalidade e acção, permittindo-lhes obedecer á natureza que em logar de os chamar para o interior os attrae para fóra, que tornou esteril e inhabitavel o centro para desenvolver todas as suas magnificencias no litoral, como para convocar a Hespanha a uma existencia maritima e commercial que está no seu destino.

«Tornando a entrar na posse livre e incontestada do regimen municipal, toda a sua vitalidade natural se desperta com a rica variedade de expressão que ella comporta; aqui, vasca e navarra com as fórmas da liberdade primitiva e patriarchal; além, aragoneza e catalan, com a altiva independencia dos seus *communeros,* e a actividade industrial e maritima; mais longe, valenciana e andaluza, com o movimento de ideias e o gosto das bellas artes que nasce da inactividade material imposta pelo clima ás populações meridionaes; emfim, portugueza e galleziana, com as mesmas analogias impostas aqui pela visinhança do Oceano, com aquellas que mostrara anteriormente sobre a face mediterranea, e isto sob a tutela de uma auctoridade interior presidindo, sem coacção, aos movimentos naturaes da sua independencia. Mas esta combinação não se póde produzir senão pela associação geral com a França, que, coadjuvando-a a entregar-se livremente ao seu genio, lhe torna inutil uma grande força centralisada, convertendo os seus exercitos, d'ora em diante sem emprego, em um vasto e fecundo desenvolvimento da sua marinha.»[1]

Estas palavras estão escriptas desde 1841, e quanto mais se ampliar a acção do tempo e se aggravar o mal estar social, mais evidente se tornará a conclusão de que o futuro e destino historico da peninsula hispanica depende do reconhecimento da independencia dos seus antigos Estados mantida na fórma politica da Federação. Henriques Nogueira foi em Portugal o generoso propagador d'esta ideia, quando os partidos monarchicos da falsificação constitucional sonhavam com a *união iberica* sob Pedro v; em Hespanha, Pi y Margall soube deduzir da evolução historica esta alta conclusão, quando a Hespanha soffria os desastres de um indisciplinado cantonalismo. Mas o que se observa no dominio das ideias corresponde ao que se está passando na manifestação dos factos; na Hespanha renasce o espirito local, pela revivescencia e estudo dos seus dialectos,

[1] Ernest Charrière, *La Politique de l'Histoire,* t. II, p. 447.

da sua poesia, das suas tradições populares, de modo que um dia virá a ser facil o accordo entre a concepção politica e a pratica espontanea. Henriques Nogueira apresenta o quadro da divisão dos estados peninsulares: Portugal, Galliza, Asturias, Byscaia, Navarra, Catalunha, Aragão, Valencia, Murcia, Granada, Andaluzia, Extremadura, Castella Nova, Castella Velha e Leão.[1]

A ideia da unidade politica da peninsula hispanica tem sido o movel constante e exclusivo da monarchia, que apoiando com a força material a unidade catholica, mutuamente se auxiliaram matando a energia d'estes povos pelos dois absolutismos, o real e o inquisitorial. Quando a unidade politica se tornou mais forte sob Carlos v e Philippe ii, foi a Inquisição mais sanguinaria e selvagem. Estes dois principios tornaram-se solidarios na Hespanha, ao passo que na Europa se dava a dissidencia entre o Sacerdocio e o Imperio; mas aqui chegou a corrente da civilisação, que os foi atacando pela liberdade de consciencia iniciada pelas heresias, e pela liberdade politica proclamada pelo triumpho incomparavel da Revolução dos Paizes Baixos. A ideia da federação é puramente democratica, e persistindo no instincto natural dos povos e nas suas tradições, renasce em condições novas pela transformação do criterio da politica em bases scientificas, pela decadencia da unidade catholico-monarchica da época theologico militar, e pela iniciação final da éra pacifica da industria e do concurso simultaneo de todas as collectividades. O federalismo, sejam quaes forem as bases naturaes em que assente, é n'este estado da civilisação e n'esta situação das consciencias a solução definitiva da politica da Europa. É o ideal por onde se deve ir modificando o empirismo politico que se esgota em expedientes de occasião. Na corrente da unificação politica, que preponderou na Europa no seculo xvi, a lucta pela autonomia das pequenas nacionalidades era heroica, mas improficua.

---

[1] No seu estudo de *Antropologia social,* Tubino dispõe os Estados livres nas seguintes divisões:

Região Basco-Navarra: Guipuscoa, Alava, Byscaia, Pampeluna.

Região Cantabro-Asturiana: Santander, Oviedo, Leão, Zamora.

Região Gallecio-Portugueza: Galliza, Portugal, Extremadura, (alguns districtos).

Região Betica: Sevilha, Huelva, Cadiz, Cordova, Granada, Almeria, Jaen, Malaga.

Região Catalano-Valenciana: Murcia, Castella, Tarragona, Barcelona, Gerona, Lérida, Baleares.

Região Aragoneza: Saragoça, Huesca, Teruel.

Região Castelhana: Castella Nova, Castella Velha.

As luctas pelas liberdades locaes foram um pretexto para a unificação monarchica se estabelecer pela violencia; diz Mignet, fundamentando este principio, com relação á ruina das nacionalidades da peninsula hispanica: «Conta-se que a rainha Isabel dissera um dia:—O meu maior desejo é que os Aragonezes se insurjam, para ter ensejo de destruir-lhes os seus Fueros.» E accrescenta o mesmo escriptor: «No decurso de um seculo, de 1474 a 1580, tinham sido reunidos sob o mesmo dominio os reinos de Castella, de Aragão, de Valencia, de Granada, da Navarra e de Portugal. De mais, por meio de Conselhos estabelecidos por Carlos v e Philippe II no centro do Estado, e junto do chefe commum de todos os territorios, uma administração geral substituia-se pouco a pouco á antiga administração local dos diversos reinos. As tentativas arriscadas para impedir esta revolução pelo contrario facilitaram-n'a. Os Castelhanos perderam as suas liberdades depois da insurreição dos *Communeros* sob Carlos v; era de crer que os Aragonezes perderiam os seus privilegios depois da insurreição dos defensores do *Fuero* nacional sob Philippe II. Desde muito tempo os reis da Hespanha aguardavam um semelhante pretexto para lh'as tirar.»[1] Philippe II aproveitou o primeiro pretexto, provocado pelo movimento popular que pretendia reclamar a independencia da Justiça de Aragão, atropellada pela Inquisição, que, para servir o odio de Philippe II contra Antonio Perez, o pretendia julgar e executar segundo a indicação real, em 1591. As luctas do miseraval Prior do Crato, que não vendeu os seus direitos á successão de Portugal porque Philippe II lhe não chegou ao preço, foram o pretexto para a occupação militar de Portugal. Ainda hoje os monarchas da peninsula aguardam qualquer movimento nacional, para conseguirem pela força a integração do territorio sob o titulo de *união iberica;* na reacção contra os Bourbons de Hespanha, o iberismo, sob o sceptro de um Bragança servia para intimidal-os da mesma fórma que para Portugal essa ambição da parte da restauração affonsina é o pezadello dos partidarios da dynastia. Esta ideia teve o seu maior curso quando Napoleão III, seguindo a theoria absurda das grandes nacionalidades ou potencias militares, creou os elementos de perturbação que o destruiram, mas que ao mesmo tempo activaram a expansão democratica entre os povos occidentaes.

Os phenomenos sociaes e politicos não podem ser submet-

[1] Mignet, *Antonio Perez et Philippe II,* p. 265.

tidos a um exclusivo ponto de vista theorico; a verdadeira racionalidade consiste em considerar as condições tradicionaes e historicas que os modificam, aproveitando essas tendencias indicativas das suas transformações como meio mais facil de realisal-as. Tal é o criterio scientifico, que estabelece o accordo entre os factos e as ideias, dedusindo do passado as fórmas do presente, e prevendo no presente os germens do futuro. «É (como disse Guizot, na *Vida de Washington)* uma bella alliança a do direito historico e do direito racional, das tradições com as ideias.» Se quizermos comprehender o valor da doutrina politica do *iberismo* temos de submettel-a a este criterio; satisfaz ella a esta dupla condição? tem na historia dos estados peninsulares uma base tradicional? Não. As tendencias separatistas foram sempre tão profundas, que ainda hoje se revelam em agitações cantonaes. A ideia da *união iberica* é exclusivamente racional, de origem subjectiva, e por isso fóra da realidade das cousas; nasceu como aspiração de interesses dynasticos, e todos os casamentos das casas reinantes da peninsula visaram sempre este intuito, realisado pela violencia de Philippe II e pela traição da aristocracia portugueza em 1580. A unificação politica dos estados peninsulares fez-se em grande parte pelos casamentos reaes, terminando essa obra pelo enlace de Fernando e Isabel, quando o motivo natural que a poderia ter provocado, a necessidade de resistir á invasão arabe, estava já eliminada com a conquista de Granada. A ideia *iberica,* apesar de phantasiosa é agradavel a qualquer dynastia, que não attende ao interesse e instituições historicas dos povos, mas simplesmente ao engrandecimento e perpetuidade do poder monarchico. Na historia moderna de Portugal o pensamento da *união iberica* estimulou os actos de D. Pedro IV, até ás combinações diplomaticas de D. Luiz; e essa theoria politica reviveu em Hespanha como um meio de opposição e intimidação contra os Burbons, antes da sua expulsão em 1868, reapparecendo actualmente como um meio de fortalecer a restauração bourbonica pelo grande feito da incorporação de Portugal á monarchia hespanhola, nunca conseguida através de tantos seculos. Pelo casamento de D. Luiz com uma princeza italiana, vulgarisou-se o conhecimento do facto da unificação politica dos estados desmembrados da Italia, e os politicos palacianos tiveram a absurda ideia de talharem para a casa de Bragança a mesma missão da casa de Saboya, julgando que Portugal seria com relação á Hespanha o que o Piemonte foi para a Italia. Como isto era uma simples invenção theorica, e não encontravam nos povos peninsulares as bases tradicio-

naes ou historicas em que estabelecel-a, lançaram-se em deducções subjectivas, inferindo da geographia physica as demonstrações da unidade dos dois povos, unidade que a existir revelar-se-hia na lingua, nos costumes, nas artes, na organisação social extinguindo desde o começo da sua vida historica o separatismo cantonal que ainda hoje persiste.

Por aqui se vê a irracionalidade da ideia da *união iberica.* Aquelles que com Fernandes de los Rios e outros contemplam o mappa geographico da peninsula, e deduzem do territorio hispanico os elementos para uma unica nacionalidade, desprezam o principal elemento de toda a consideração sociologica—a vida tradicional e historica dos povos—e por conseguinte architectam uma theoria politica de simples imaginação. Só os metaphysicos politicos é que podem especular sobre a *união iberica,* sobretudo patrocinados por qualquer interesse dynastico. Foi o que realmente aconteceu em Portugal. Em 1818 um embaixador portuguez em Londres, tratava com Canning a eventualidade da união iberica, como se deprehende, por auctorisação de D. João VI; Florez Estrada, Dias Morales, Runni e Borrego dirigem-se a D. Pedro IV para tratarem da questão da unidade peninsular; D. Pedro IV, aproveitando o elemento constitucional hespanhol, pretendia desthronar Fernando VII e D. Miguel, ficando «senhor dos destinos da peninsula, d'onde poderia imperar, recuperando um throno maior do que o que perdera no Brazil.» *(Portugal, suas dynastias e governos.)*

O mesmo pensamento entra tambem como base da estrategia de D. Miguel e dos absolutistas. Sob o reinado de D. Maria II conspirou-se sobre a *união iberica* entrando n'estes planos o conde das Antas, general Cordoba, Estevanez Calderon, entre Mendizabal e o principe de Leutchemberg, marido da rainha. A empreza foi interrompida pela morte do principe.[1]

A Inglaterra, temendo-se d'esta juncção de dois povos, que extinguia para sempre o seu degradante protectorado sobre Portugal, aproveitando se do pedido de intervenção armada em 1847, fez a Hespanha a executora d'essa infamia, tornando assim odiosos entre si Portugal e Hespanha. Só mais tarde com a metaphysica constitucional, é que reappareceu a ideia da *união iberica,* não como meio exclusivo de engrandecimento

---

[1] Ap. Rios, *Mi mission,* p. 127, apoiando-se na obra de D. Andres Borrego.

dynastico, mas como interpretação topologica do mappa da peninsula. Os despachos diplomaticos de Pastor Dias pintam a indole metaphysica de D. Pedro v; nas palavras do fallecido monarcha na recepção de um embaixador hespanhol, se encontra: «Nunca deixou o meu governo de reputar entre os seus mais serios empenhos, o de contribuir para este *juntar* em uma mesma prosperidade dois povos irmãos, etc. Póde dizer-se que em tal empenho o espirito da época faz mais que os governos, aos quaes incumbe encaminhal-o a elle que mostra o caminho, ou disciplinal-o elle que dá leis á humanidade.» Era esta tendencia a monomania de união Iberica, então proclamada por Xisto Camara e D. Sinibaldo de Mas: da parte dos hespanhoes, como opposição aos Bourbons, da parte dos portuguezes como theoria metaphysica, que D. Pedro v acceitava. Comprehende-se o valor d'estas palavras de um jornal transcriptas por Fernandes de los Rios: «Quando vivia o sr. D. Pedro v, todos sabem que o sr. Fontes, e outro dos principaes chefes activos do partido regenerador, queriam um *imperio iberico* com aquelle principe por imperador.» [1]

Já no reinado de D. Luiz se continuava a discutir a *união iberica* na Ajuda; em um despacho do embaixador hespanhol Pastor Dias, se lê: «Com S. M. el-rei D. Luiz, com o marechal Saldanha e com outros fallei pelo contrario, com toda a liberdade e conveniente desembaraço e até se tratou em termos racionaes e generosos a ardua questão a que aqui se chama o *iberismo.*» Com o casamento de D. Luiz a unificação italiana veiu acirrar essa aspiração dynastica, chegando o embaixador hespanhol Mendes Vigo a revelar ao seu governo os planos ibericos que trouxeram a Portugal os italianos Cristofle Muratoni e o barão Perceli di Santa Andréa.[2]

Napoleão III envolvendo-se na politica de Hespanha, e proseguindo no pensamento unitarista das grandes nacionalidades, mandou a Portugal o irmão de Emile Olivier, por ventura para fazer acceitar a Dom Fernando «*le lourd fardeau de la couronne d'Espagne*», que o movimento democratico embaraçou, porque Prim não se comprometteu a abafal-o. Nos planos de união iberica sob o sceptro de D. Luiz veiu a prevalecer a previsão de Napoleão III: «*L'Espagne est un très lourd fardeau pour ce petit.*» Salvaram-o as intrigas de Montpensier. A *união iberica* é um absurdo nascido como se vê, de interesse dynas-

[1] *Mi mission*, p. 202.
[2] *Op. cit.*, p. 218.

tico ou da theoria exclusiva das considerações do territorio. O Federalismo nada tem que vêr com estes absurdos; funda-se na autonomia de cada estado, e restabelece-a quando ella tenha bases tradicionaes; é uma alliança pacifica e defensiva, deixando a cada povo a sua liberdade, e reconhecendo a sua existencia historica.

Imaginemos por um pouco que a *união iberica* poderia ser o futuro historico das nacionalidades peninsulares; para que esta supposição se tornasse racional e entrasse assim na corrente das opiniões d'onde passaria depois para os factos, tinhamos antes de tudo de determinar as condições que a haviam de provocar e tornal-a effectiva. Como se faz a união de um povo a outro povo? Como é que uma nação se incorpora a uma outra nação? Como é que um estado se fusiona com outro estado? São tudo fórmas da mesma pergunta; a resposta é-nos dada pela sociologia, que nos estudos comparativos da historia encontra numerosos factos analogos que todos derivam da mesma causal. Os estados da Grecia é certo que vieram a incorporar-se em uma unidade politica; os estados italicos tambem se fundiram na unidade romana; os feudos francezes vieram um dia a constituir a França unitaria; os reinos inglezes fusionaram-se n'esta violenta unidade, que ainda se mantêm pela repressão sobre a Irlanda e Escossia; emfim as republicas italianas, chegaram sob o governo da casa de Saboya á Italia una, dos tempos modernos; por isto se vê a somma de dados comparativos para poder-se deduzir d'elles uma lei da historia applicavel á situação politica da peninsula, e capaz de dar ao problema da *união iberica* uma resposta definitiva. Para que povos ciosos da sua independencia se unam ha só um meio, —a necessidade de salvarem a propria independencia ameaçada por um perigo commum. Emquanto esse perigo não existir, toda a tentativa de unificação é individual, e cae inevitavelmente na impotencia theorica. Foi um perigo commum, a invasão dos Persas, que fez a unificação dos differentes estados da Grecia em uma florescente nacionalidade. Os estados italicos resistiram durante quatro seculos na fórma de federações ao poder absorvente dos romanos; quando porém um perigo commum a todos elles ameaçou a sua independencia, a invasão dos Gaulezes, então unificaram-se com Roma, como o conta Polybio: «Os povos italicos, aterrados com a irrupção e aproximação dos Gaulezes, entenderam não só combaterem como auxiliares dos romanos, mas que elles proprios, suas cidades e campos estavam ameaçados de um perigo imminente, dando por isso prova de obediencia e zelo aos seus dominadores.» Os feudos

da França foram annexados á monarchia unitaria como um meio de resistencia contra a Hespanha que se tornava preponderante pela reconquista sobre os arabes; e a unificação franceza foi o movel que provocou a Grã-Bretanha á incorporação da Escossia e da Irlanda.

A Italia, longos seculos opprimida pelas invasões franceza e hespanhola, pelo despotismo allemão e pelas constantes traições do papado, pensou pelos seus philosophos, poetas, artistas e publicistas n'uma unidade politica, que antes de tomar a realidade dos factos foi proclamada com lucidez em todas as manifestações do pensamento italiano. Em nenhuma unificação nacional se encontram tão claros os actos de consciencia que determinaram a convergencia politica, como na Italia.

Appliquemos os factos á unidade politica peninsular, isto é, á *união iberica*. Quando os romanos invadiram a Hespanha, as povoações ou pequenos estados não se ligaram para a resistencia commum, como nota Strabão, e por isso foram vencidos. A unidade imposta pelos romanos foi méramante administrativa ou centralista, e quebrou-se de prompto com a invasão das tribus germanicas. A unidade visigotica foi uma simples imitação da organisação administrativa dos romanos e por isso facilmente se quebrou com a invasão dos arabes.

A differença de raça e de religião dos arabes seria um perigo commum para os estados hispanicos; mas a sua extrema tolerancia politica e religiosa, a superioridade da sua cultura scientifica e industrial, fizeram com que as classes se fundissem n'esse typo commum do *mosarabe*, e tanto os christãos combatiam nas fileiras sarracenas, como os cavalleiros arabes vinham distinguir-se pela bravura nas correrias christãs. Por conseguinte, a invasão arabe não exerceu a influencia de um perigo commum, e, pelo contrario, o cruzamento com o sangue arabe veiu desenvolver na peninsula a tendencia separatista do nomadismo semita. É essa força separatista o phenomeno fundamental de toda a historia politica da Hespanha na Edade media; é d'ella que derivam a autonomia de Portugal, e a tradição de todos os outros estados livres incorporados desde Fernando Magno até ao seculo XV na unidade de Castella. É por isso que o pensamento da *união iberica* nunca nasceu dos povos, mas sim dos reis, como interesse dynastico procurado por via de casamentos entre os monarchas dos dois paizes; a unidade catholica serviu de instrumento aos reis para realisarem esta violencia, levada a cabo pelo proselytismo dos Jesuitas desde 1550 a 1580, em que Portugal não resistiu á conquista de Philippe II. Da historia dos povos peninsulares

não se deprehende nenhuma condição natural para a *união iberica*. A politica positiva, isto é, a razão conciliada com os factos, a ter de prevêr a reorganisação dos estados peninsulares, aproveitará as tradições da primitiva independencia, e é isto o que está no espirito dos povos, como se confirma pela adhesão espontanea ás ideias federalistas. A doutrina do federalismo é a antithese da *união iberica:* a primeira é para os republicanos uma garantia da independencia portugueza, a segunda é uma aspiração dos monarchicos que sacrificam a patria ao engrandecimento de el-rei seu amo. O unico facto que nos tempos modernos poderia ter provocado a *união iberica* seria a invasão franceza com os exercitos napoleonicos; mas esse perigo foi passageiro, e os germens da liberdade lançados pela Revolução franceza vieram acordar a primitiva independencia dos estados peninsulares, que abandonados pelos reis, se defenderam pela coragem individual das guerrilhas e da disciplina das suas Juntas locaes. Na ordem dos acontecimentos nada leva a presagiar um perigo commum que provoque a *união iberica:* o futuro da peninsula está implicito no seu passado, por onde se vê que a fórma politica definitiva que lhe compete é a Federação.

É sempre um perigo commum, repetimol-o, que provoca a liga federativa dos estados ou cantões subjugados; a Suissa, sob o despotismo da Casa de Austria, sacudiu o jugo affrontoso, e garantiu a sua liberdade pelo contracto de federação. Os Cantões de Uri, de Underwal e de Schwitz, revoltaram-se em 1308, á voz dos seus tres patriotas Arnaldo de Melchtal, Wanner Stauffacher e Walter-Fust. Foi este o primeiro nucleo da Federação, á qual se foram reunindo outros Cantões, como o de Lucerna[1], em 1322, o de Zurich em 1351, os cantões de Zug e de Glaris em 1352, o de Berne em 1353, formando *Os oito Cantões antigos,* aos quaes se uniram mais tarde os cinco Cantões, de Friburg e Soleure em 1481, de Bale e Schaffhause em 1501, e o de Appenzel em 1513, renovando-se o pacto federal em 1515 depois de uma derrota dos Austriacos. Tomaram o titulo de Louvaveis Cantões, pertencendo ao cantão de Schwitz a hegemonia da federação helvetica, cuja unidade nacional se chamou Suissa. A independencia da Confederação resistiu a todos os ataques da Casa de Austria, e a sua liberdade não

[1] Sobre as bordas do lago de Lucerna, estão estabelecidos os Cantões de Uri, de Schwitz e de Underwald, e esta circumstancia aproximou-os para o acto da sua federação a que adheriu immediatamente Lucerna.

soffreu nenhum dos desastres com que as monarchias ensanguentaram a Europa com as suas guerras dynasticas; por fim esta republica foi reconhecida, pelo tratado de Munster em 1648, como aconteceu tambem para com a federação das Provincias Unidas, que se insurgiram contra o absolutismo hespanhol em 1579. A unificação politica da Suissa depende exclusivamente da força consciente de um contracto, porque nem a lingua nem a religião coopéram para essa mutua solidariedade; em uns cantões falla-se a lingua allemã, n'outros a franceza, n'outros a italiana, e dialectos mixtos; emquanto á religião uns são catholicos, como Uri, Undervald, Schwitz, Zug, Friburg, Soleure e Lucerna; outros meio protestantes meio catholicos, como os de Glaris, Appenzel; outros completamente protestantes, como os cantões de Zurich, Bale, Schaffhause e Berne. O poder soberano da nação é constituido por delegados a uma assemblêa geral ou Dieta, na na qual as deliberações se estabelecem pela pluralidade de votos. Em 1803, depois das guerras da Republica, a Confederação reconstituiu-se com os novos cantões Argovia, Saint Gall, Grisons, Tessin, Turgovia e Vand; em 1815, pelo Congresso de Vienna foram-lhe ajuntados os cantões de Genebra, Valais e Neufchâtel. A natureza secundou a obra dos homens; esse paiz montanhoso é inadequado para o unitarismo politico. Diz Philarète Chasles: «Quereis que a Helvecia adopte ideias e costumes homogeneos? applanae-lhe as montanhas, atirae-as ao fundo dos seus lagos, com as suas neves e gelos: então a Suissa será uniforme. Sem isto, nunca reduzireis este paiz á unidade de governo, de religião ou de ideias. A federação que o rege é a unica fórma que lhe convém; e Napoleão, cuja ambição conquistadora era uma ambição intelligente, não se enganou a este respeito. Contentou-se com o protectorado da Confederação helvetica.»[1]

Collocada como fronteira natural entre os estados do norte e os do sul da Europa, a Suissa funda a sua politica em uma intelligente *neutralidade,* sem se fechar ás influencias fecundas das nações civilisadas que a cercam por todos os lados. A variedade do seu territorio produz essas differenças na actividade industrial e agricola, como a variedade dos seus contactos com outros povos produz essas diversas correntes de ideias, cujo conflicto se manifesta no progresso sempre crescente da Suissa, que se tornou o typo do estado livre da Europa. Diz

[1] *Voyages, Philosophie et Beaux-Arts,* p. 249.

Philarète Chasles, fallando dos Cantões suissos: «Nada mais encantador e de mais novo do que este mixto de dois modos de existencia contrarios: da *vida industrial,* actuando sobre a natureza morta, transformando-a e domando-a com uma certa violencia bruta; e a *vida agricola,* ligada á natureza vivente, saciando se por assim dizer do leite dos seus seios fecundos...» E concluindo sobre os variados elementos d'essa civilisação filha da liberdade, accrescenta o critico: «Tudo se acotovella na Suissa, a alegria e a austeridade sombria, o despotismo o mais arbitrario e a democracia a mais completa, a inactiva adoração do passado e o movimento republicano. Ha uma Suissa prussiana, uma Suissa alsaciana, franceza, italiana, piemonteza, austriaca; e ha uma outra profundamente suissa; e a extranheza do phenomeno está em que a immersão da Suissa em todas estas influencias não a impede de permanecer Helvetica, mesmo no meio dos estrangeiros que a inundam. Conciliar esta habilidade parcial com o interesse geral, as pequenas nacionalidades com a grande nacionalidade suissa, tal é o problema.»[1] Da situação da Suissa se deduz a conclusão sociologica, de que a importancia da civilisação de um povo, como o demonstrou Carey, provém da variedade dos seus elementos nacionaes e diversidade das fórmas da sua actividade; e que o governo federal, não atacando a expansão de todos esses individualismos locaes, realisa o destino verdadeiramente scientifico da politica — coordenar em um fim commum todas essas energias parciaes. Abundam as provas no continente europeu.

Fallemos das *Provincias unidas* (Estados da Hollanda), Liga formada em 1579 com Utrech, para se defenderem contra Philippe II, de Hespanha, e cuja independencia foi reconhecida em 1648, na paz de Munster. A liga fez-se entre sete provincias, *Gueldres, Hollanda, Zelandia, Utrech, Frisia, Overissel* e *Groningue,* vindo a Hollanda a ter a hegemonia da federação. As divisões politicas primitivas eram exclusivamente feudaes; Gueldres era um ducado, a Hollanda e Zelandia, governadas por um conde, e as restantes eram senhorias. A unificação d'estas provincias em Carlos V, fez-se em parte por heranças da Casa de Austria, como o condado de Hollanda e de Zelandia, que lhe vieram pela herança da casa de Borgonha; pelos seus antepassados recebeu a Frisia, em 1536 assenhoreou-se de Groningue, e em 1543 do ducado de Gueldres tambem pelo principio hereditario, e em 1527 comprara ao bispo de Utrech o senhorio de Utrech e Overissel.

[1] *Op. cit.*, p. 273 e 274

As violencias do governo do Duque d'Alba provocaram a revolução, apoiada pelo principe d'Orange, Guilherme de Nassau, em 1581, formando um estado livre com o governo de Republica. O congresso federal ou estados geraes, reunia-se na Haya, tendo cada provincia ou cantão o seu parlamento particular; o congresso chamava-se *Altas potencias,* nas suas relações externas, e competia-lhe as questões de paz e guerra, de allianças, de moedas e de privilegios da União. Durante o congresso cada provincia tinha semanalmente e por turno a presidencia. O Conselho do estado formava a parte executiva dos Estados geraes, e á Camara dos Contos competia as questões de fazenda. A presidencia da Republica, o *Stathouder,* pertenceu primeiramente por eleição ao principe de Orange, que em 1579 governava a Hollanda sob o dominio hespanhol; conservou-se na casa de Nassau, e apesar da sua abolição de Stathouder em 1650, e depois do seu restabelecimento na mesma casa de Nassau em 1672, terem as circumstancias mostrado a inconveniencia d'este privilegio, ainda assim o cargo tornou-se verdadeiramente dynastico, e o *Stathouderato* ficou privilegio exclusivo d'essa familia monarchica.

A Inglaterra, aproveitando-se da decadencia da Hollanda, tornou-se pela sua posição insular uma potencia egoista e a maior perturbadora da Europa; ella mesma, victima da sua unificação politica, soffre uma profunda agitação interna que só póde terminar pela reorganisação federalista.

A Gran-Bretanha, separada da Escossia pelos rios Solvay e Tuwe, e a Irlanda, separada pelo mar, possuem os elementos essenciaes para constituirem uma Federação. De facto pela cohabitação dos Anglos e Saxões, formou-se uma Heptarchia, ou sete reinos, que vieram a ser unificados no seculo IX sob Egberto. A vida de conquista e desenvolvimento do feudalismo, dividiu em condados soberanos a Irlanda e a Escossia, que por uma unificação gradual vieram a constituir tres reinos, cuja existencia se dispendeu em continuadas guerras dynasticas, até serem absorvidos totalmente pela Inglaterra. Em 1603, Jacques VI, rei da Escossia, succedendo á rainha Isabel de Inglaterra, como parente mais chegado, reuniu as duas corôas, com o titulo de *Rei da Gran-Bretanha,* para que nenhum dos estados tivesse preferencia. Por motivos de religião os Stuarts foram excluidos do throno, e em 1707 a Escossia ficou incorporada á Inglaterra como provincia, governada por um commissario, mandando ao parlamento da Gran-Bretanha um numero determinado de representantes. A incorporação da Irlanda á Inglaterra foi mais rapida pela sua maior divisão

senhorial; Rotheric, procurou por conquista absorver todos os pequenos regulos da Irlanda, mas a titulo de coadjuvar a restauração de um d'elles; Henrique II de Inglaterra em 1175 venceu-o, e os regulos na sua impotencia reconheceram o dominio de Henrique II, cujos herdeiros conservaram a soberania a titulo de *Senhores da Irlanda,* até Henrique VIII, que pelos Estados e principes da ilha foi declarado rei, ficando desde então a Irlanda submettida ao jugo da Inglaterra. Esta unificação preparou o caminho para a perda da independencia da Escossia, fundando-se a monarchia unitaria em um regimen de violencia para esses dois estados subjugados e pela conservação systematica do principio feudal organisado na camara dos lords, tornando impossivel a independencia e o desenvolvimento natural da Federação britanica.

A decadencia incessante da Irlanda, causa immediata de uma emigração desoladora, manifesta-se hoje pela revolução permanente da Liga Agraria, e pelas pressões legislativas do ministerio liberal de Gladstone. Os politicos empiristas vêem apenas a causa d'esta perturbação pelo lado economico, nas relações de desegualdade entre as obrigações dos rendeiros e os direitos dos land-lords; são porém cegos para os movimentos espontaneos de autonomia nacional. Diz Harrisson, relatando a situação actual da Irlanda, e definindo-a com clareza: «todo o movimento irlandez tem as suas origens no *sentimento de nacionalidade.*» E fallando da difficuldade actual da separação da Irlanda e dos sacrificios de heroicidade que essa reivindicação autonomica exige, accrescenta: «Estamos comtudo convencidos, que o *sentimento nacional é indestructivel na Irlanda,* que elle é rasoavel, e que tem a segurança de vencer no futuro; e que, d'ora em diante elle deve ser attendido, respeitado e até cultivado pelo governo inglez se elle fôr prudente. Nunca a Inglaterra terá paz emquanto o sentimento nacional não fôr respeitado na Irlanda, não o dizemos referindo-nos a uma *separação* official, mas pelo estabelecimento de um governo local. O *Home-Rule*—um governo local nas mãos dos irlandezes, eis aqui o que a Irlanda pede; e ella ha de chegar a tel-o.»[1] A Inglaterra deixará de ser a moderna Carthago, a perturbadora da paz continental pela industria criminosa do material de guerra e dos tratados de commercio, quando a sua vida interna se exercer no accordo dos seus tres organismos nacionaes livremente constituidos em Federação.

---

[1] *Revue Occidentale,* v ann., n. 1, p. 86 e 87.

Só depois d'esta transformação é que ella se tornará uma activa cooperadora da Civilisação occidental, de que é um dos mais poderosos elementos; só assim se extinguirá n'ella esse virus da hypocrisia liberal com que tem viciado todos os povos romanicos pela implantação das fórmulas do parlamentarismo constitucional monarchico. A facilidade da propagação do erro politico das Cartas deve attribuir-se ao caracter de unidade da propria Civilisação occidental.

Macaulay, ao caracterisar as instituições inglezas, mostra á evidencia que a Civilisação occidental tem uma completa unidade; e é notavel esta apreciação do eminente historiador, alheio aos pontos de vista do positivismo de Comte. Diz elle: «O governo inglez pertence a esta classe de monarchias limitadas, que nasceram na Europa occidental durante a Edade media, e que, apesar de bastantes differenças, tinham todas um mesmo ár de familia. Esta parecença nada tem que possa maravilhar. Os paizes em que estas monarchias se erigiram tinham sido todos provincias de um mesmo imperio civilisado, e todas ellas tinham sido submergidas e conquistadas quasi ao mesmo tempo por tribus de uma mesma barbara e guerreira nação. Tinham sido membros de uma mesma coalisão contra o islamismo; estavam todas em communhão com a mesma orgulhosa e ambiciosa Egreja. As suas constituições politicas tomaram então naturalmente por toda a parte a mesma fórma. Tiveram instituições em parte derivadas da Roma imperial, em parte da Roma papal, em parte da velha Germania. Todas tiveram reis, e em todas, as funcções reaes tornaram-se por gráos strictamente hereditarias. Todas tiveram nobres, cujos titulos indicavam uma origem militar: as dignidades da cavalleria, os regulamentos heraldicos foram os mesmos por toda a parte. Todas, finalmente, tiveram estabelecimentos ecclesiasticos ricamente dotados, corporações municipaes e posse de largas franquias, e assemblêas cujo consentimento era necessario para a validade de certos actos politicos.»[1] Na ultima grande tentativa da incorporação da Europa pelo retrocesso das guerras de invasão de Napoleão I, pela sua posição insular coube á Inglaterra a alta missão historica de destruir essa unificação absurda tentada pela força.

As unificações da Europa, que representam pelo seu lado geral o instincto da solidariedade occidental, tiveram sempre o vicio organico de terem sido operadas pela força; Cesar,

---

[1] *Hist. d'Angleterre,* t. I, pag. 32 (trad. Montegut.)

Carlos Magno ou Carlos v, empregaram os mesmos meios: «Este foi o vicio de todas as tentativas de unidade, operadas até hoje pela força, e Napoleão seguiu a senda dos outros conquistadores. Mas estes processos não pertencem á nossa edade, e o triumpho definitivo caberá sem duvida ao systema que souber conciliar simultaneamente o interesse geral e o particular, assegurar a unidade sem destruir a nacionalidade. Para o Occidente só póde ser uma Federação pacifica, que deverá ligar por um nexo commum cinco Estados povoados pela mesma raça e juntos por interesses identicos: federação realisada pelo seu consentimento e que não custe a nenhum d'elles o sacrificio da sua dignidade, nem da sua liberdade individual, etc.» [1]

Todas as agitações dos estados germanicos da antiga *Confederação do Rheno,* de 1802, nasceram tambem d'esta tendencia absorvente da hegemonia da Austria ou da Prussia; em 1815 todos esses estados ficaram sob a direcção da Austria constituindo a *Confederação germanica,* composta de quatro reinos, cinco gran-ducados, nove ducados, dez principados, um landgraviado e quatro republicas; a pressão austriaca, fez com que esses estados tendessem para um novo ponto de apoio, creado pelo engrandecimento do ducado de Brandeburgo que veiu a formar o reino da Prussia. A pretendida unificação allemã de Bismarck foi esta deslocação do centro da Confederação germanica para a dependencia da Prussia, que a tornou mais intoleravel pelo militarismo. Obra verdadeiramente irracional, em contradicção com o progresso politico da civilisação europêa, e que se mantem á custa de violencias de estado de sitio permanente, a unidade allemã, creada por Bismarck pela força das metralhadoras e pela diplomacia da perfidia, só póde acceitar-se como a preparação da futura Federação democratica dos estados livres germanicos. Sob esta fórma politica a Allemanha deixará de ser potencia devastadora, e o centro da anachronica actividade militar offensiva, que pertenceu ás éras atrazadas da humanidade.

O principio federativo na organisação nacional não é o resultado das combinações dos politicos, mas a consequencia directa da civilisação de um povo, e um dos mais elevados gráos de sociabilidade a que póde chegar uma raça. Isto verifica-se fundamentalmente observando a marcha da civilisação na Europa.

---

[1] Charrière, *La Politique de l'Histoire,* t. II, p. 328.

Na bacia do Mediterraneo desenvolvem-se as grandes civilisações da antiguidade, a Phenicia, Carthago, a Grecia e Roma, estendendo-se essa corrente para a Hespanha e França, e ainda para a Europa central; a estes progressos corresponde nas instituições d'estes povos a organisação mais ou menos consciente de Ligas e Federações. Os povos semiticos, que mais resistiram ás pressões das potencias militares do Egypto e da Assyria, deveram a sua existencia ás federações, ao passo que outros elementos d'essa mesma raça se dispersaram no nomadismo. As cidades phenicias formavam federações entre si, ao passo que os Cananeos, como diz Montesquieu, foram destruidos porque formavam monarchias pequenas que nunca chegaram a confederar-se. Os pequenos estados da Hellade formavam federações defensivas ou amphyctionias, em que o vinculo religioso suppria a falta de uma base politica. Caminhando mais para o Occidente, as cidades etruscas tiveram uma mais clara comprehensão do facto politico, e a sua resistencia á unificação romana prolonga-se por quatro seculos. Na Europa central, a civilisação revela-se pela confederação das cidades contra o feudalismo, de que é um exemplo eloquente a Liga hanseatica, e na confederação dos principes contra os imperadores. A confederação suissa resiste a todos os desastres politicos por que passou a Europa, e a liga das Provincias unidas dos Paizes Baixos triumpha da maior potencia militar, garantindo á civilisação moderna a liberdade de consciencia. Na Allemanha o principio federativo não teve um desenvolvimento regular por causa de um ponto de apoio que lhe faltava; a Austria tornou-se um corpo extranho á propria Allemanha, e mais tarde a Prussia illudiu a aspiração federalista, absorvendo na unidade imperial os estados livres. A incoherencia e errada comprehensão da organisação federal revela-nos o atraso das instituições politicas da Allemanha.

Na raça slava é clarissima a correlação entre o autocratismo selvagem do czar e a incapacidade d'essa grande agglomeração de povos se elevar á noção federativa. A raça slava tem ainda a inconsistencia do estado de tribu, e é d'esse individualismo rudimentar que se derivam todos os seus odios e luctas intestinas. Transcrevemos o facto, de Philarète Chasles: «Cyprien Robert, que estudou as suas origens, mostra-nos os Slavos do Sul exaltados uns contra os outros por uma profunda e incuravel aversão. O habitante da Pequena-Russia detesta o cidadão de Moscow que lhe tirou a independencia. O Bulgaro odeia entranhadamente o Servio e o Slovaco. Nada

mais ardente que o rancor do Russo contra o Polaco, e que o justo e profundo odio da Polonia contra a Russia. Opprimidos hoje, os Polacos foram outr'ora os dominadores: os Russos ainda se lembram do modo como trataram Moscow. Esta raiva indelevel e mutua das raças, cruel symptoma de fraqueza, arrancava gritos de dôr á sagacidade de Macchiavelli, que a encontrava com desespero na Italia abatida, e que pedia um chefe—*apto para dar remedio, o unico remedio possivel, a este doloroso enervamento.*»[1]

Este phenomeno da impossibilidade dos povos da mesma raça se harmonisarem politicamente não é um symptoma de fraqueza, é a consequencia de um grande atraso social; Macchiavelli conhecia que os povos só por si são incapazes de lançarem as bases da fundação de um estado, e por isso reclamava a intervenção directa de um chefe, de um soberano, de um instituidor, como Lycurgo, como Solon, como Mena, Moysés, Cesar ou Carlos Magno, para lhes dar a cohesão nacional. Era n'este sentido que para as Republicas italianas da Edade media procurava nos Medicis a audacia e a prepotencia de um chefe, que lhes desse a cohesão de nacionalidade; porém Macchiavelli não ficava n'este periodo de violencia, por que estão agora passando as nacionalidades slavas sob o despotismo dos Romanoff, ia mais longe, e affirmava que depois dos povos conhecerem as vantagens da sua mutua solidariedade, nenhum esforço era possivel para destruir essa obra do progresso civil e politico. Por outras palavras, os povos dispensavam por fim a intervenção dos chefes. As Republicas italianas não eram mais do que as fórmas tradicionaes das antigas federações etruscas, que reviveram no meio das agitações sociaes da Edade media; se um chefe habil apparecesse para lhes dar um ponto de apoio, a sua cohesão seria facilmente estabelecida, e a intervenção do chefe em breve dispensada. Tal é a situação da Casa de Saboya, instrumento de unificação da Italia, emquanto á solidariedade nacional, mas tornada hoje incompativel com a liberdade politica d'esse grande povo. As federações slavas estão ainda muito longe de constituirem-se; essas tribus dispersas por vastos territorios têm pois de supportar as violencias centralistas dos czares, e o vinculo moral que as hade unir será a necessidade de se colligarem um dia para eliminarem de si esse poder monstruoso que deixaram desenvolver no seu proprio

[1] *Voyages, Philosophie et Beaux-Arts,* p. 236.

seio. A capacidade para o pacto federativo e as fórmas politicas realisadas sobre estas bases são um meio de comprovação para avaliar o estado de civilisação de um povo, e é por isso que nas previsões sociologicas se póde affirmar que a Europa tende para constituir-se em uma federação continental. Dizia Napoleão I, em contradicção com os actos que praticava: «*Tant qu'on se battra en Europe, cela sera une guerre civile.*»[1]

De todos os povos da Europa, os que se acham mais adiantados para realisarem a transformação consciente da Federação, são as nacionalidades romanicas continuadoras da Civilisação occidental, de que a Grecia fôra a impulsora intellectual, como Roma fôra a organisadora civil. Na grande transição historica, chamada a Edade media, coube á França o continuar esta solidariedade occidental, esquecida um pouco depois que a crise revolucionaria do seculo XVIII interessou na transformação politica as nacionalidades germanicas. A França tem de se limitar ao seu destino occidental, fortalecendo-se contra a hostilidade dos estados germano-slavos politicamente atrazados, pela creação necessaria da Federação dos povos herdeiros da cultura latina. Para estes povos, o desenvolvimento completo a que chegou o typo rudimentar do estado, ou a Cidade, faz com que elles precisem garantir internamente a sua liberdade com a federação municipalista; da mesma fórma que a sua cooperação na historia, desde as luctas do monotheismo defensivo, ou as Cruzadas, até ao triumpho dos principios democraticos na Revolução franceza, está carecendo do accordo consciente da Confederação internacional para garantil-os contra um retrocesso politico como o projectado na Santa Alliança. Comte, no Discurso preliminar da sua *Politica positiva,* esboça em traços surprehendentes esta synthese historica d'onde se deriva a solução politica: «A immensa transição revolucionaria que nos separa da Edade media, fez esquecer bastante a communidade fundamental que, preparada pela incorporação romana, se organisou directamente sob o incomparavel Carlos Magno, entre as diversas populações occidentaes, uniformemente chegadas já ao estado catholico-feudal. Apesar das diversidades nacionaes, aggravadas depois pelas dissidencias theologicas, esta vasta republica apresentou por toda a parte, durante os cinco ultimos seculos, um desenvolvimento intellectual e social, simultaneamente

---

[1] *Idées napoliennes,* cap. V.

positivo e negativo, de que a humanidade não apresenta ainda, mesmo na Europa, um verdadeiro equivalente. Se a quebra do laço catholico, e a obliteração dos costumes cavalheirescos alteraram então muito o sentimento geral de uma tal confraternidade, ella tendeu a restabelecer-se sob novas fórmas segundo as affinidades parciaes provenientes de uma commum preponderancia da vida industrial, de uma homogenea evolução esthetica, e de uma evidente solidariedade scientifica. Quando a decomposição politica estava bastante pronunciada para annunciar por toda a parte uma completa renovação, esta similaridade de civilisação desenvolveu cada vez mais o instincto universal da participacão collectiva a um movimeto social, limitado até aqui a uma tal familia. Comtudo, a iniciativa da grande crise achava-se necessariamente reservada á população franceza, melhor preparada que nenhum outro ramo occidental, quer quanto á extincção radical do regimen antigo, quer pela elaboração elementar do novo systema. Mas as activas sympathias que excitou em todo o Occidente o inicio da Revolução franceza, indicaram que os nossos irmãos occidentaes nos concediam sómente a perigosa honra de começar uma regeneração commum a toda a elite da humanidade, como o proclamou mesmo no meio da guerra defensiva a nossa grande assemblêa republicana. As aberrações militares que depois caracterisaram entre nós a principal phase da reacção retrograda (sc. as guerras napoleonicas) deveram sem duvida suspender nas duas partes o sentimento habitual d'esta solidariedade necessaria.»[1]

Bem quizeramos transcrever as luminosas palavras de Comte, em que expõe em traços profundos a reacção da Santa Alliança e o sophisma politico das Cartas constitucionaes outorgadas, mas desviamo-nos do nosso pensamento, que é caracterisar a ultima phase da crise revolucionaria em que actualmente está a Europa. Augusto Comte presentiu esta phase, quando os acontecimentos nacionaes pareciam contradictal a; diz elle: «Apesar da ausencia de laços systematicos equivalentes aos da Edade media, o commum ascendente dos verdadeiros costumes modernos, conjunctamente pacificos e racionaes, tem já realisado, entre todos os elementos occidentaes, uma confraternidade espontanea até então impossivel, e que não permitte mais o considerar em parte alguma a regeneração final como puramente nacional. — Um tal ponto de vista é mais proprio que

[1] Augusto Comte, *Systeme de Politique positive*, t. 1, p. 79.

nenhum outro para indicar nitidamente o verdadeiro caracter geral que convém á segunda parte da revolução. A primeira, ainda que finalmente aproveitavel a todo o Occidente, devia desenvolver-se como essencialmente franceza, porque essa população era a unica amadurecida para o abalo inicial que deveria exaltar-lhe tambem a nacionalidade para resistir á colligação retrograda. Pelo contrario a terminação organica, começando depois que a crise commum tomou toda a sua extensão natural, deve sempre ser concebida como directamente occidental. Ella consiste sobretudo em uma reorganisação espiritual que já se mostra quasi egualmente urgente, sob diversas fórmas, nas cinco populações de que se compõe a grande familia moderna. Reciprocamente a occidentalidade de mais em mais pronunciada do movimento renovador é muito propria para fazer prevalecer a regeneração intellectual e moral sobre uma regeneração temporal que apresentará necessariamente profundas variedades nacionaes. Uma doutrina commum, e costumes semelhantes, conforme um systema uniforme de educação geral, dirigido e applicado por um mesmo poder espiritual, eis aqui o que em todo o Occidente constitue a primeira necessidade social.»[1] Essa doutrina commum é uma synthese philosophica baseada unicamente sobre os factos verificaveis das sciencias, de que se tiram deducções conducentes a uma unanimidade intellectual. Uma tal synthese não podia apparecer de repente formulada pelo cerebro de um homem, sob pena de permanecer seculos esquecida pela sua inopportunidade; é por isso que o Positivismo procurando estabelecer a unanimidade pelo que é verificavel, tem profundas raizes historicas de Aristoteles aos Arabes, de Galileo a Bacon e Descartes, a Hume, Turgot e Condorcet. A synthese positiva representa o gráo extraordinario de elevação a que chegou a mentalidade occidental; é este tambem o orgão mais poderoso para estabelecer o accordo perturbado das nacionalidades romanicas. A similaridade dos costumes, leva á convergencia das emoções e interesses, base segura para uma politica que tenda a realisar esse destino a que Comte dá com tanta fé o nome de occidentalidade. Era este o pensamento fundamental de Comte, quando ao fundar o seu *Systema de Politica positiva ou Tratado de Sociologia,* inscrevia como divisa de toda a obra — Republica occidental. A renovação dos estudos historicos, veiu dar a demonstração peremptoria da similaridade dos costumes e das revoluções

[1] Augusto Comte, *Systeme de Politique positive,* t. I, p. 81.

sociaes por que passaram os povos do Occidente; e esta ultima crise, depois de extinctas as tentativas de retrocesso contra a Revolução franceza, toma na pratica a fórma democratica. Comte viu longe quando indicou que a politica d'estes estados não podia ser senão internacional; e de facto esta liga espontanea não é senão o rudimento da grande federação occidental, que tem ainda de exercer na Europa a mais salutar influencia.

Sendo a federação a consciencia da autonomia nacional que se fortalece pela liga com outros estados no mutuo e commum interesse de garantirem a propria liberdade, esta alliança, em que o fim politico deriva de uma base moral, funda-se nas analogias ethnicas que se revelam nas fórmas da civilisação. Os povos do occidente da Europa a que se dá o nome de novo-latinos, e que formam uma unidade ethnica que os caracterisa pelo typo da civilisação romanica, apresentam através da sua longa evolução historica desde a incorporação romana até ao fim da Edade media, todas as condições necessarias para virem a constituir de um modo natural uma grande confederação. A éra da paz dos tempos modernos mostra-se tanto mais estavel, quanto a actividade industrial se torna preponderante; a guerra é eliminada das relações sociaes como um recurso atrazado que só póde aproveitar a fórmas primitivas de governo, como vêmos com as castas dynasticas, e por isso o poder temporal do passado tem de ser substituido pelo novo poder da industria.

A primeira condição para o desenvolvimento do trabalho e da riqueza é a paz; tal é o fim que tem de realizar todas as federações dos povos, para reagirem contra essa obcecada tradição do Estado, que se impõe como fonte da auctoridade, e que tendo-se immobilisado em familias privilegiadas, mantém com violencia um regimen de retrogradação atrophiando todas as energias individuaes.

Se os tempos modernos são a éra da industria, em politica são tambem a éra da democracia; é o povo o que trabalha e o que produz riqueza, é elle o que mais precisa de paz para a sua actividade, a elle compete o fortalecer-se na associação e tomar conta dos seus destinos. O principio associativo entre os povos é a federação; e os estados do occidente europeu, quer pelo seu passado historico, quer pela comprehensão e aspiração politica da liberdade moderna, que se define pela democracia, têm inevitavelmente que ligar-se em uma federação, que será o apoio inabalavel da sua independencia e o meio mais rapido de restaurarem em si as liberdades locaes.

A philosophia positiva tendo descoberto a coordenação historica da Edade media, só ella póde deduzir d'essa época de organisação de novas nacionalidades os elementos communs para no futuro serem os estimulos de uma federação moral e politica dos povos de civilisação romanica. O que á primeira vista parece uma theoria politica, acha-se em completa harmonia com as aspirações da democracia, immensamente desenvolvida entre os povos do occidente europeu, já nas instituições, como a egualdade civil, já nas aspirações politicas, como o soffragio universal e o principio da soberania nacional. No seu livro *Conservação, Revolução e Positivismo,* Littré formúla com clareza este lado superior da politica democratica: «cada qual comprehende, que todos os esforços da democracia devem ter em mira a constituição de uma vasta *Federação occidental,* que não podendo ser senão republicana, consolidará difinitivamente entre a elite da humanidade a ordem e a paz.» Essa federação não póde ser senão republicana, e a philosophia positiva partindo do estado actual da civilisação vae achar na corrente historica a confirmação plena; a nossa éra de paz foi perturbada pelas aventuras militares de Napoleão I, que pretendia extemporaneamente refazer a obra de unificação da Europa da época de Carlos Magno e ainda de Cezar, e os proprios reis absolutos reagindo contra o desvairado conquistador, dentro do seu proprio interesse cooperaram para o desenvolvimento da paz, que é a essencia da democracia. O fim da éra militar tornou impossivel a unificação da Europa sob a espada de um conquistador; mas a necessidade sempre crescente da paz, ligará os povos para eliminarem os restos de uma civilisação guerreira que ainda subsiste nas casas reinantes que se esgotam sem destino util. O Occidente da Europa deveu a sua primeira civilisação á cultura greco-romana; Roma deu á Italia, á Gallia e á Hespanha a sua unidade administrativa, a liberdade local no municipalismo, a unidade das leis civis dos seus codigos, e um novo instrumento commum de relação social — os dialectos romanicos.

Em quanto o resto da Europa era barbaro e selvagem, o Occidente deu imperadores a Roma, deu lhe poetas e oradores, e quando a acção do Imperio decahia, novas nacionalidades se formaram com esses elementos de cultura. Foi Cesar que terminou esta obra gigantesca da incorporação do Occidente á civilisação romana, incorporação facilmente aproveitada durante a Edade media na fórma da unidade catholico-feudal.

A invasão das raças germanicas veiu atrazar este desenvolvimento por mais de quatro seculos; foi preciso que essas raças barbaras que avassalaram a Italia, as Gallias e a Hespanha se modificassem pela cultura latina, para que o progresso da unificação moral continuasse do ponto interrompido. Carlos Magno continuou a missão de Cesar, fechou as fronteiras da Europa, estancou as invasões do norte e do sul, e a Edade media como regimen de transição affectiva teve a sua plena expansão na poesia, na arte, no direito consuetudinario, e nas fórmas sociaes. Se procurarmos as bases ethnicas da Federação occidental achamos uma mesma poesia trobadoresca, as mesmas epopêas das gestas, as mesmas tradições novellescas, os mesmos symbolos juridicos, as mesmas garantias communaes, as mesmas luctas contra o feudalismo, a mesma transformação do poder real, o mesmo typo linguistico, a similaridade nas suas litteraturas; França, Italia, Hespanha e Portugal, tão separadas pelas guerras e interesses dynasticos, são os instrumentos de uma mesma civilisação, que só a absoluta ignorancia dos politicos empiristas é que não sabe vêr através de uma tão imponente solidariedade historica. É tal a força de cohesão moral dada por esta communhão de costumes, e que se reflecte nas transformações sociaes que cada um d'estes povos soffreu, que todas as tentativas de aventureiros dynasticos ou militares para falsificarem essa tendencia espontanea de federação foram sempre impotentes. Diz Laffitte, no seu livro da *Moral positiva:* «Desde que a incorporação dos elementos occidentaes foi terminada, todas as tentativas modernas para renovar a obra conquistadora de Cesar e Carlos Magno tornaram-se tão inuteis como impotentes; tanto a operação d'estes dois grandes homens foi legitima e progressiva, quanto a acção de Luiz XIV e dos Bonapartes foi perturbadora e retrograda.»

E conclue o mesmo philosopho, porventura referindo-se á politica internacional que compete á terceira republica franceza: «Sem nunca perder de vista o futuro, o verdadeiro estadista secundará a conservação das pequenas nacionalidades e a restauração d'aquellas, que de ha um seculo foram brutalmente dissolvidas por uma criminosa parodia da civilisação militar.» A França, como possuindo a hegemonia dos povos de civilisação latina, compete, para garantia das instituições democraticas com que se reorganisou, formar a federação dos povos do occidente apressando e coadjuvando o advento da democracia na Italia, na Hespanha e em Portugal. Só assim é que os povos germanicos e slavos,

profundamente atrazados na esphera politica, abandonarão de vez o regimen militar em que se esgotam, e as preoccupações invasoras de conquistas que lhes falseam toda a sua actividade. Se a paz prepetua um dia se estabelecer na Europa, o grande desideratum só se conseguirá pela federação; a utopia moral tornar-se-ha a consequencia real de uma fórma consciente da politica. Nenhuma nação vive hoje isolada na Europa, e ao passo que as fronteiras se abatem pelas necessidades mercantis, industriaes e mesmo intellectuaes, erguer-se-hão as fronteiras moraes por meio das allianças organicas constituindo o corpo da federação.

A parte mais importante da federação occidental está conseguida: a França consolidou a sua terceira Republica; está formado o centro de attracção, cuja intensidade augmenta com o desenvolvimento da democracia.

Os reis visitam-se para formarem pactos de coalisões, com o fim de salvaguardarem os seus interesses dynasticos; é este o movel commum das entrevistas de Alexandre III e do imperador da Allemanha, de Humberto e do imperador da Austria, de D. Luiz e do rei de Hespanha. Não é uma coalisão, como a Santa Alliança dos Reis contra os Povos firmada pelo tratado de Vienna, contra o direito politico estabelecido pela Revolução, porque isso já não é facil; a democracia está immanente nos costumes embora não realisada nas instituições, e é por isso que os reis se vão achando isolados no seu privilegio pessoal, e reconhecendo-se impotentes á medida que os povos da Europa vão fraternisando pelos interesses, pelos sentimentos, pelas ideias, até chegarem a restabelecer a sua antiga solidariedade. É esta a crise da Europa, a eliminação da dictadura monarchica pela soberania nacional exercida por uma magistratura elegivel.

As entrevistas dos reis, motivadas pelo instincto da conservação, revelam-nos que realmente a crise é europêa, e que uma boa politica no presente deve ser subordinada ao accordo das relações internacionaes. Já em 1824, Augusto Comte, no seu primeiro esboço do *Systema de Politica positiva* formulára este pensamento fundamental, que se confirma pela historia moderna e pela situação presente: «A crise actual é evidentemente commum a todos os povos da Europa occidental, postoque nem todos participem d'ella na mesma intensidade. Apesar d'isto, ella é tratada por cada um d'esses como se fôsse simplesmente nacional. Mas, é evidentemente preciso para uma crise europêa um tratamento europeu.» Na Russia a autocracia attribue a crise ao mal nacional do nihilismo; o

despotismo militar da Allemanha attribue-a á agitação socialista; o absolutismo austriaco, conservando o espirito da antiga Liga catholica, vê na liberdade politica a dissolução da unidade imperial; e o constitucionalismo de Italia, Hespanha e Portugal, receiando a acção hegemonica da França, vê na generalisação das aspirações republicanas o fim da hypocrisia liberal. A crise, como previu Comte, não é local, é europêa; provém de uma corrente historica, de uma transformação dos costumes, de uma elevação das consciencias, de uma mais clara comprehensão dos factos sociaes, e por isso não póde ser tratada sob o ponto de vista mesquinho dos interesses dynasticos. A historia moderna da Europa contém os dados para determinar-se a origem d'esta crise, e para em certa fórma se prevêr o modo da sua terminação.

A Edade media emquanto fundou as linguas, as litteraturas, a arte, o direito, a industria, as garantias politicas e a estabilidade nacional, foi essencialmente republicana, prevalecendo o principio dos pequenos Estados; a Suissa e Portugal são os typos completos d'essas pequenas mas fecundas e resistentes nacionalidades, que foram successivamente assassinadas pela unidade monarchica que as incorporava, quer por casamentos, como os Paizes-Baixos, quer pela dilaceração selvagem como a Polonia. Póde-se dizer, que desde o fim do seculo XV até á paz de Westphalia, em 1648, a corrente politica da Europa consistiu n'uma violenta annexação de estados livres unificados sob o dominio de monarchias absolutas, que se tornaram guerreiras pelos exercitos permanentes, devastando os povos ao grado das ambições dynasticas, que se mascaravam sob o nome pomposo de *equilibrio europeu*.

Os povos occidentaes, que tinham entre si caracteres ethnicos communs, que se revelaram em uma civilisação fundada sobre a cultura greco-romana, foram sacrificados aos caprichos das casas reinantes, e desconheceram-se entre si, odiando-se como inimigos. Diz Comte, no esboço citado: «Este isolamento dos povos é uma consequencia exclusiva da queda do systema catholico-feudal, pelo qual se acharam dissolvidos os laços espirituaes que este systema estabelecera entre os povos da Europa, e que debalde se tentou substituir por um estado de opposição hostil reciproca, mascarada sob o nome de equilibrio europeu.» A unificação monarchica deu-se não só no conflicto internacional, como dentro de cada estado. A casa de Austria é o exemplo do primeiro facto; a absorpção por Castella de todos os Estados livres peninsulares, terminada por Philippe II, representa-nos a situação interna de cada

nação, tal como a vêmos na unificação da França e da Inglaterra. As luctas de unificação monarchica em cada estado foram tremendas, porque não é facil matar as liberdades locaes e as tradições da autonomia; mas os conflictos internacionaes, devidos ao mesmo esforço de unificação, lançaram a Europa em um regimen de guerras, de invasões, de anarchia, que tanto embaraçaram a marcha da civilisação. A Casa de Austria foi para a Europa o centro de toda a absorpção da unidade monarchica, e o movel de todas as catastrophes do equilibrio europeu. A Casa de Austria adquiriu a sua primeira preponderancia com o casamento de Maximiliano com a filha unica de Carlos o Temerario, (1477) recebendo os Paizes Baixos e a Franche Comté, que pertenciam ao sogro.

Pelo casamento de seu filho Philippe com Joanna a Doida consegue pelo nascimento de Carlos v a incorporação da Hespanha, (1519) bem como do reino de Napoles, da Sicilia, da Sardenha e mais tarde do Milanez. Carlos v, que se vangloriava de que o sol nunca tinha occaso nos seus estados, divide o immenso imperio por seu irmão e por seu filho; a Fernando i, chefe do ramo allemão Hapsburgo, cede-lhe a Austria augmentada por um casamento com a filha do rei da Hungria; a Philippe ii coube-lhe na partilha a Hespanha e os estados italianos. A crise europêa provocada por esta unificação monarchica, rebentou entre Carlos v e Francisco i, e aggravou-se com a Reforma, nas luctas da Hollanda e das Provincias Unidas contra Philippe ii, e nos odios da Hespanha contra a Inglaterra e a França.

No meio d'estes desastres provocados pelas monarchias, a Catalunha acabou de perder os seus fóros, e Portugal perde em 1580 a sua nacionalidade. A guerra dos trinta annos, esse eclipse da civilisação provocado pelos reis (1618 a 1648), foi a consequencia d'esta unificação dos estados sob os pretextos de casamentos monarchicos; coube a gloria da fundação da ordem moderna á iniciativa de um pequeno estado, a Suecia, que no congresso de Munster estabeleceu o principio do direito dos povos, que até então se não reconhecia.

A crise europêa continuava, porque continuava a ambição da realeza. A venda do titulo de rei da Prussia ao Eleitor de Brandeburgo em 1701, e o desenvolvimento da unificação dos slavos sob o colosso da Russia, vieram perturbar outra vez a paz da Europa, e submettel-a ao regimen da violencia; a dilaceração da Polonia, da Galicia e da Lodaniria é uma vergonha que estabelece bem a differença que existe entre o direito e a força. A Inglaterra, que em 1648, apenas possuia

uma ilha nas costas da França, aproveitou-se d'esta crise para exercer a mais affrontosa pirataria, tornando-se á custa dos seus tratados com Portugal a primeira potencia colonial do mundo.

A revolução franceza exerceu uma acção profunda na Europa, porque achou nos povos a adhesão espontanea por meio da qual reagiam contra a prepotencia d'esta monstruosa dictadura monarchica; o equilibrio europeu já se não procurava na conciliação dos interesses das familas dynasticas, mas nos *Direitos do Homem*. A Europa teria entrado em uma phase definitiva de ordem, na sua éra democratica, pacifica e industrial, se um aventureiro feliz não a arrastasse ás perturbações movidas por uma falsa ideia de unificação politica, ao gosto de Cesar ou de Carlos Magno, e ainda no espirito da utopia da Monarchia universal; Napoleão exerceu essa acção negativa, provocando pelos seus crimes e disparates militares seis colligações das potencias monarchicas, que aproveitaram esta perturbação para continuarem no seu regimen de absorpção unitaria.

Pelo tratado de Campo Formio, a Austria apodera-se de Veneza e dá-se o esphacelamento da Italia septentrional; a guerra do Egypto provoca estupidamente a alliança da Inglaterra, que se via ameaçada nas suas possessões da India, com a Russia e com a Turquia; o rompimento da Paz de Amiens, determina a grande lucta com a Inglaterra, a invasão da Suissa, do Piemonte e Estados de Parma, vindo a produzir uma terceira coalisão em Austerlitz, uma quarta em Jena e Eyleau, uma quinta em Wagran, e uma sexta em Waterloo. A liberdade da Europa ficou ao arbitrio das Potencias absolutas da Russia, da Prussia e da Austria, e dos interesses egoistas da Inglaterra; constituiram-se no tribunal diplomatico da Santa Alliança, e aproveitando-se do ensejo em que a Europa via em Napoleão um perigo commum, serviram-se d'essa necessidade de paz para sophismarem a liberdade pela dictadura monarchica mascarada nas Cartas constitucionaes *outorgadas*. A Santa Alliança extinguiu-se com a revolução de 1848, mas reagiu contra a democracia fazendo surgir um traidor, Napoleão III, que fez intervir na politica o principio das *grandes nacionalidades*, que era simplesmente a antiga unificação monarchica, como se viu na unidade da Allemanha, na unidade da Italia, e na unidade da Hespanha (que os acontecimentos não deixaram realisar).

Napoleão III foi a victima ingenua da theoria politica de que o fizeram agente, porque tornando a soberania plebiscitaria

attentára contra a soberania da legitimidade hereditaria, e tornou-se incompativel com ella. D'este desastre, em que a França só encontrou indifferença e hostilidade nos velhos elementos do equilibrio europeu, tirou ella uma lição profunda: reorganisou-se pela Republica. Achou a corrente vital em que as nações se avigoram, porque o futuro da Europa é a democracia, coincidindo n'isto com o destino da civilisação humana. A solidariedade das nações da Europa é uma consequencia dos progressos do nosso seculo, e o unico equilibrio estavel para os estados d'este continente é a federação.

Mesmo nas monarchias absolutas, como na Austria e na Allemanha, é a federação a fórma como os despotas sustentam a unificação dos estados incorporados; Napoleão III prètendia unificar a Italia, libertando-a da Austria por meio d'uma federação.

Parnell só acha possivel a paz da Irlanda, o seu desenvolvimento futuro por meio de uma federação britanica; Lavelleye affirma que a republica em França só será estavel pela federação gauleza; e Henriques Nogueira e Pi y Margall só acham que a peninsula hispanica entrará de novo na historia pela divisão em estados livres confederados entre si. No mundo das ideias theoricas, que tambem fecundam a politica moderna, a Liga latina é esta mesma tendencia para a federação das nações occidentaes. Vê-se portanto que a crise europêa tem uma nova face: é o desenvolvimento da democracia fortalecida pelas federações.

Escreveu Vermorel, pouco antes de morrer:

«Póde-se sustentar que com os Estados monarchicos na Europa, o *equilibrio europeu* é uma chimera, tendendo cada estado por essencia a quebral-o. A ideia de uma confederação europêa visa a prevalecer na politica do seculo XIX, e só ella póde resolver o problema: o interesse das federações é a paz, que em si não é senão a sustentação do equilibrio das potencias da Europa. Não hesitamos portanto em concluir, que um systema de estados federalisados, reunidos entre si por uma confederação europêa unica, o problema do equilibrio europeu seria resolvido, federação significando paz, e paz exprimindo o equilibrio da Europa. Assim a politica do equilibrio europeu é mais do que nunca e necessariamente a politica moderna, pois que ella é a politica da federação e da paz.» A morte de Vermorel, na flôr da edade e do talento, foi um desastre para a França e para a vulgarisação d'estas ideias.

No meio da solidariedade europêa é impossivel aos estados exercerem politica isolada; é por isso que as agitações nacionaes

devem ser satisfeitas segundo as tendencias europêas, em vez de desbaratarem forças para obstarem ao advento da democracia.

A sciencia obriga a boa politica a sêr internacional, e o patriotismo ao estudo da constituição republicana.

Duas forças ambas necessarias ao movimento progressivo das sociedades, revelam-se na historia por um antagonismo originario, por um conflicto permanente, a que os modernos publicistas deram a expressão concreta, denominando esses elementos de acção o *Individuo* e o *Estado*. A historia da civilisação consiste no desenvolvimento crescente das actividades individuaes, e na decrescente intervenção do Estado nas relações particulares; a politica como funcção coordenadora de todos os factores sociaes, precisa estabelecer um justo equilibrio, uma natural ponderação entre as aspirações individuaes ou a *Liberdade*, e as intervenções do Estado, ou a *Auctoridade*. Emquanto as sociedades humanas se basêam sobre os instinctos naturaes de conservação, ou sobre o empirismo tradicional dos chefes, nenhum accordo existe entre estas duas forças; a auctoridade é tudo, e os individuos são uma collectividade indistincta, sem opiniões, sem vontade, jungida e dirigida com violencia; a auctoridade é a condensação de todos os poderes, desde a relação organica do dominio paternal até á subserviencia da imposição espiritual das crenças. Esta situação primitiva das sociedades humanas ainda hoje se repete em alguns povos, como na autocracia russa, ou no centralismo administrativo do occidente. O desenvolvimento do individualismo impôz-se, e conseguiu-se a liberdade á custa de luctas que são a via dolorosa da humanidade; pelo desenvolvimento intellectual o homem chegou ao conhecimento da sua natureza e das suas relações com o mundo exterior, e affirmou a sua egualdade psychologica; pelo desenvolvimento moral chegou a disciplinar as suas paixões em sentimentos, e a dispensar a violencia da auctoridade para cooperar com altruismo para o bem estar commum; pela actividade economica chegou a realisar com as suas descobertas industriaes a assombrosa equação entre as subsistencias e a população, como o provou Carey. Ninguem ha hoje por mais despota, por mais theocrata ou absolutista que negue ao individuo racional a dignidade de sêr livre, responsavel e exclusivo senhor do seu destino; o unico limite da liberdade individual consiste no respeito da liberdade dos outros, e é esta garantia o unico motivo da existencia da Auctoridade e o seu destino immediato. Só ao fim de muitos seculos, é que o homem pela elevação da sua cultura pôde

conhecer a sua natureza, e a egualdade psychologica que attingiu deve entrar como base da reorganisação social. Os modernos publicistas partem d'este ponto do desenvolvimento do individuo para estabelecerem a doutrina politica conhecida pelo nome de *Self-governement* como o desideratum dos tempos modernos. Cada individuo, quanto mais perfeito e completo no seu desenvolvimento, tanto mais se acha emancipado da intervenção da Auctoridade nos seus actos; e se essa perfectibilidade fôr susceptivel de generalisar-se, então chegaremos, como o desejava Proudhon, á eliminação total da Auctoridade como desnecessaria. Muitas instituições da Inglaterra derivam do principio do *Self-governement,* e entre nós podemos considerar como derivados d'este principio a instituição do jury, a prova testemunhal, o suffragio e o livre accesso aos cargos da nação, segundo a capacidade de cada um. A medida que a educação publica se alarga, que a industria se multiplica, que as opiniões se racionalisam, o individuo adquire um maior gráo da sua consciencia, e procura affirmar por todas as fórmas a propria independencia. É n'esta phase de transformações que o Estado se immobilisa, concentrando a Auctoridade nos privilegios dynasticos, apoiando-se nas classes atrazadas, conservadoras por instincto, e embaraçando o progresso individual por uma regulamentação importuna e atrophiadora chamada a centralisação administrativa. É preciso remodelar o Estado pelas condições do individualismo; disse-o o grande Montesquieu, no *Espirito das Leis:* «Como em um estado livre o homem é considerado como dotado de uma alma livre que se governa a si mesma, conviria que o povo como collectividade tivesse a mesma potencia legislativa.» [1]

Desdobremos esta phrase: se os individuos que compõem uma sociedade são livres pela sua racionalidade, essa sociedade deve ser governada pelo conjuncto d'essas vontades livres, isto é, a Auctoridade ha de logicamente derivar-se da delegação de todos esses elementos eguaes, e constituir a expressão da sua mutua harmonia. Assim, á concepção do individualismo na fórma politica do *Self-governement* corresponde a comprehensão do Estado como a realisação da *Soberania nacional.* N'esta situação das sociedades humanas a monarchia é uma fórma atrazada do empirismo primitivo, que nos está embaraçando e a soberania por *graça divina,* como em Portugal, é uma pulha degradante, que deslustra um povo livre. Pela

[1] *Op. cit.,* l. XI, 6.

marcha actual do espirito humano o principio do individualismo tende a desenvolver-se, e onde quer que exista um sêr racional ha de revelar-se a consciencia da sua independencia a ponto de morrer pela sua liberdade; mas se o Estado nas velhas fórmas de uma associação tradicional e conservadora tem de cahir diante d'esta força crescente, importa crear um novo typo governativo derivado d'essa unica fonte da auctoridade —o accordo das vontades individuaes. Ha uma completa solidariedade entre estas duas forças; Guizot define-a com certa clareza: «O que é a independencia individual no estado social? —É aquella parte da sua existencia que o individuo não põe em commum, que elle não restringe nas suas relações com os outros homens. Porém não é isto o homem completo. Ha tambem uma parte na sua existencia, que elle põe em commum e que submette a certas condições... A sociedade é o conjuncto d'estes dois factos.»

Vê-se portanto que ao passo que o desenvolvimento psychologico do homem se accelera, e se reflecte já na independencia do seu individualismo, vae-se tambem produzindo n'elle o conhecimento de si proprio e d'aquellas qualidades e faculdades que tem de restringir ou submetter ao accordo da collectividade social. Que significa isto?

Um facto bem simples; é que o Estado tem de ser formado por um accordo, não tacito e instinctivo, como nas épocas atrazadas, mas claro, explicito e escripto, cuja fórma é o *contracto federativo*. As duas expressões vagas de Individualismo e Estado, tomam nas transformações da éra moderna um sentido preciso e positivo; o Individualismo affirma-se na ordem politica pela autonomia da acção ou o *Self-gouvernement*, e a sua convergencia na collectividade do Estado restabelece-se por meio da *Federação*. É o que se deduz da successão historica.

Esta divisa, *Liberdade, Egualdade e Fraternidade*, que todos os republicanos adoptam, synthetisa em tres palavras todas as conquistas da civilisação moderna; proclamada nas convulsões de uma crise revolucionaria, ella teria sido esquecida se não correspondesse á realidade dos factos, se não fôsse a expressão historica dos gráos por onde foi sendo alcançada a emancipação da sociedade europêa. É por isso que em uma época de transformação evolutiva, em que os phenomenos sociaes são submettidos ao criterio scientifico, em que as instituições tendem a ser harmonisadas com os costumes por via da reflexão consciente e não pelos impetos das paixões desenfreadas, ainda hoje a *Liberdade, Egualdade e Fraternidade* são as bases inabalaveis para a ordem nova. O povo tem o instincto da

verdade, e repetindo com sympathia esta divisa, não conhece o seu profundo valor historico, nem tão pouco o espirito que alliou eternamente essas tres luminosas palavras, mas repete-as como a expressão mais simples e clara das suas aspirações.

Antes da Revolução franceza, a divisa da *Liberdade, Egualdade e Fraternidade* era conhecida, tendo-a formulado pela primeira vez Saint Martin, o cognominado Philosopho incognito, no seu primeiro livro *Des Erreurs et de la Vérité,* publicado em 1775[1]. Chamava-se-lhe o *Ternario sagrado,* conforme as ideias dos revolucionarios mysticos que cooperaram com os criticos encyclopedistas para a transformação realisada no fim do seculo XVIII. A agitação da sociedade europêa nasceu em parte, n'esse seculo de Voltaire, de uma exaltação imaginosa despertada pela avidez do maravilhoso e do theurgismo, que contrastava com o desenvolvimento do espirito critico que veiu a preponderar na intelligencia. As aspirações da liberdade, revestindo a fórma de uma rehabilitação geral da especie humana, foram o movel da actividade das lojas maçonicas: as sociedades secretas dos grandes Prophetas e dos Philalethes entregavam-se ao gnosticismo, e os socios do Club de l'Entresol reuniam-se em segredo para terem plena liberdade de critica para julgarem dos acontecimentos da todos os paizes da Europa. Attribue-se este primeiro impulso da exaltação theurgica em França ao portuguez de origem oriental Martinez de Pasqualis, e effectivamente o typo maravilhoso do Abbade de Faria, apresentado por Alexandre Dumas no *Conde de Monte Christo,* tem como o provou Rivara, uma manifesta realidade historica. Mesmer e Cagliostro encontravam na aristocracia franceza a paixão pelo maravilhoso, e as visões de Swedenborg propagavam o illuminismo que se estendia até á credulidade na vara magica das operações financeiras de Law. Foi no meio d'esta corrente phantastica, que preparou a agitação revolucionaria, que Saint Martin presentiu que a transformação da humanidade estava ligada á realisação do que elle chamava o *Ternario sagrado;* comprehende-se como no periodo mais intenso da dissolução do regimen catholico-feudal, a devisa da *Liberdade, Egualdade e Fraternidade* appareceu em todos os labios, como o fito das aspirações mal definidas. Passado o momento da hallucinação ficou ainda a divisa, porque ha n'ella a verdade que se liga a uma evolução historica de seculos; é d'esta re-

---

[1] *Op. cit.,* pag. 157.

lação historica que deriva a sua justa comprehensão, como vamos vêr.

Na civilisação moderna da Europa existe um longo e laborioso periodo, no qual se creou o direito escripto, limitando progressivamente as intervenções arbitrarias da vontade individual. Este trabalho, que consistiu em atacar o poder do Feudalismo, e em garantir por uma lei impessoal e geral a acção do povo, foi realisado pelos Jurisconsultos, os primeiros vultos eminentes saidos do seio do proletariado. Os Jurisconsultos fazendo redigir em Cartas communaes os costumes e garantias das pequenas localidades; fazendo renascer nas Universidades o direito romano, e mais tarde procedendo á unificação das leis em codigos nacionaes, fundaram como primeira base da ordem a *Egualdade,* na sua fórma pratica e urgente da—egualdade perante a lei, a que os gregos chamaram *isonomia.* Este trabalho data desde o seculo XIII ao seculo XVI.

Porém a obra dos Jurisconsultos ficou interrompida, porque cooperando para a independencia do poder real, como meio de demolirem o feudalismo, entregaram ás monarchias o deposito da liberdade publica, e as monarchias, pela creação dos exercitos permanentes tornaram-se absolutas, supprimiram a liberdade e provocaram a catastrophe da Revolução.

A Egualdade civil sem a Liberdade politica, ou *autonomia,* era um favor, uma graça do absolutismo monarchico; os Litteratos do seculo XVIII comprehenderam esta deploravel situação social, e nas suas obras artisticas e criticas acharam-se insensivelmente trabalhando para continuarem a missão historica dos Jurisconsultos da Edade media. Todas as vezes que se procurarem as origens da Revolução franceza nas ideias proclamadas pelos encyclopedistas, não se faz mais do que determinar a altissima missão que os homens de lettras do seculo XVIII tiveram para a reivindicação da Liberdade. É assim que se explica como reis e aristocratas, José II e Catherina da Russia, os marquezes, duques e principes se acharam espontaneamente cooperando para a Revolução que proclamou na Europa a base da Liberdade politica pelo reconhecimento da soberania nacional.

Falta-nos ainda a realisação da *Fraternidade,* prevertida pelas utopias phalanstericas, restos do antigo communismo christão.[1]

---

[1] A Grecia conheceu as *Phraetrias,* e os povos da Edade media as *Arimanias, Germanias* ou *Irmandades,* que fortaleceram o estabelecimento do poder civil. Augusto Comte considerando esta como a fórma

A queda das monarchias absolutas tornou-se um facto irrevogavel; os interesses dynasticos lançaram-se nas intrigas e nos sophismas politicos. É por isso que as Cartas constitucionaes, apresentando-se como uma transacção entre o passado, cheio de injustiças, e o presente, cheio de reivindicações, não são outra cousa mais do que uma capciosa restauração da antiga dictadura monarchica interrompida pela Revolução. Todas as grandes guerras da Europa nasceram dos conflictos dynasticos, que dividiram os povos entre si, separando-os com falsos odios; as guerras da Casa de Austria, as invasões da Hespanha na Italia e nos Paizes Baixos, as incursões da França na Italia, as absorpções coloniaes da Inglaterra, a desmembração da Polonia, o engradecimento da Prussia e da Russia, tudo isto nasceu da separação dos povos pelo egoismo monarchico. Tudo isto se fez, sacrificando a *Fraternidade* das Federações ao phantasmagorico equilibrio europêu. Emquanto a Europa não realisar o principio da *Fraternidade* dos povos nas Confederações politicas, nem a *Egualdade* nem a *Liberdade* serão uma conquista effectiva da civilisação. Foi por meio da *Fraternidade* ou pela federação dos estados hellenicos na Liga amphyctionica, que a Grecia conseguiu resistir e vencer as invasões asiaticas; foi pela liga acheana que a Grecia repelliu a conquista dos Romanos; as federações etruscas resistiram tambem durante quatro seculos aos Romanos; pelas suas federações as cidades phenicias resistiram contra as maiores potencias da antiguidade, ao Egypto e á Assyria. A Federação suissa conservou, no meio de todas as devastações monarchicas da Europa, a sua liberdade republicana; pela Federação as Provincias Unidas dos Paizes Baixos venceram a Hespanha; pela Confederação das cidades da Liga Hanseatica, a nova sociedade industrial resistiu ao regimen da guerra sustentado pelo feudalismo. A Europa moderna só perpetuará a sua paz, quando se reorganisar pelo federalismo. E que é o federalismo senão o principio da *Fraternidade* nas relações mutuas dos povos? É este o ultimo passo para o triumpho da civilisação moderna; falta apoiar a *Egualdade* civil e a *Liberdade* politica na base moral da *Fraternidade* ou solidariedade humana. Pertence esta missão á Sociologia, esclarecendo a nossa submissão ás leis fataes do meio cosmico, restabelecendo a continuidade historica, provocando a eliminação de todos os

---

preponderante da organisação social, depois das remotas transformações do regimen da theocracia, da aristocracia e da democracia, dá-lhe o nome bem expressivo de *Sociocracia*.

vestigios da actividade militar, e fazendo convergir todas as energias para a livre cooperação da éra industrial.

Comte, julgando o trabalho de Condorcet sobre os *Progressos do Espirito humano,* determina o modo como fixar o caracter positivo na Politica: «é nos factos geraes relativos á marcha da Civilisação, e na lei que d'elles resulta em relação ao seu aperfeiçoamento, que uma verdadeira theoria positiva da Politica deve tomar o seu ponto de partida e a sua direcção.» Este principio fundamental é que nos explica tambem a irracionalidade dos politicos empiristas e diplomatas, que perturbam a civilisação europêa pela sua intervenção governativa. Assim a Europa tende desde a Edade media para o regimen da industria, e a sua actividade tem sido dispendida em guerras dynasticas e devastações sem intuito. Assim a Europa caminha para o estabelecimento de pequenas nacionalidades ligadas pelo nexo federativo, e os politicos têm reformado a carta da Europa sob a falsa theoria do *equilibrio europeu,* fazendo á custa de catastrophes e injustiças as grandes potencias. Assim a solidariedade ethnica occidental, revelada na unidade de lingua, de tradições, de costumes e de fórmas sociaes, foi obscurecida por falsos odios internacionaes de fronteiras, de invasões mutuas, no interesse egoista de algumas familias dynasticas. Se a Politica effectiva tivesse um dia sido deduzida da marcha da Civilisação, a Europa estaria mais avançada.

III

A observação da marcha da politica da Europa em relação ao destino da Civilisação occidental, leva á tremenda conclusão que a acção das individualidades preponderantes se tem exercido sempre de um modo negativo, perturbando e fazendo esquecer a continuidade objectiva d'esta civilisação, substituindo o poder da lei pelo imperio da força. Vimos como a Europa está, pelas suas divisões geographicas, talhada para se constituir em pequenos estados, com um espirito democratico, com um proletariado subsistindo pela industria, e com uma paz estavel garantida por federações. Em vez de seguir esta corrente natural, a civilisação europêa apresenta o espectaculo de um conflicto permanente para se organisar em grandes Estados, sustentados pela pressão bruta de enormes exercitos, e tendendo pela regressão ás guerras de conquista

a reduzir a Europa ao typo oriental do unitarismo absoluto. Como explicar esta antinomia, que constitue a trama geral da historia, quando se sabe que a vontade individual é impotente diante dos factores naturaes que imprimem ás sociedades fórmas determinadas e aos acontecimentos um curso definido? O estudo do problema da unificação politica da Europa nas suas fórmas imperial, papal e dynastica, é que pondo em evidencia o encontro de forças multiplas que se neutralisaram descobre a resultante disparatada, que se impoz durante seculos como ordem empirica e como tradição perstigiosa. É certo que nomes gloriosos, como Alexandre, Cesar, Carlos Magno, Carlos v e Napoleão i representam o esforço do unitarismo politico, destruindo os pequenos estados pela incorporação violenta em um unico imperio pessoal; mas isto que parece producto de um pensamento, não foi mais do que a consequencia de uma collisão passageira que se conservou por effeito do colapso de grandes abalos sociaes. As raças áricas da Europa têm na sua constituição social dois germens que actuaram sempre no modo de organisação politica: a *tribu genealogica,* que leva á preponderancia de uma aristocracia, ao privilegio pessoal de uma realeza electiva ou hereditaria e ao governo de um conselho ou senado mais ou menos oligarchico; e a *tribu local,* que se alarga com todos os elementos adventicios que se tornam eguaes perante a lei feita em commum em assemblêa ao ár livre.

É d'estes dois typos, que se determinam desde a séde arica, que derivam as instituições aristocraticas e democraticas, que ainda actualmente na Europa profligam procurando excluir-se mutuamente. Será este conflicto um mal? O movimento é vida; a raça semita que só conheceu o typo da tribu patriarchal para a sua organisação social, dispersou-se no bando do beduino e regressou ao nomadismo pastoral. Os Arias onde quer que chegaram acharam o apoio de Cidades, nucleo da civilisações florescentes, porque eram abertas a todos os elementos estrangeiros que ahi cooperavam trabalhando para adquirirem pelo merecimento a egualdade de direitos.

O desenvolvimento do poder pessoal de um Rei ou da auctoridade impessoal de uma Republica electiva, eis o termo final d'essa lucta entre os dois germens de organisação social. A Grecia apresenta-nos uma oscillação profunda entre a cidade e a tribu; primeiramente extinguem-se os reis patriarchaes, sendo substituidos pela classe aristocratica, que se vê por fim supplantada por uma classe media que exercia a soberania em assemblêa ou *Ekklesia,* decidindo pelas razões e eloquencia dos

seus oradores. Sparta e Athenas foram os dois fócos d'este conflicto; o elemento aristocratico para vencer o elemento democratico chegou a entender-se com o imperio militar da Persia, e fortalecido em sociedades secretas ou *heterias* tinha por fórmula de juramento: «*Eu juro odiar o povo e fazer-lhe tanto mal quanto possivel.*» N'esta lucta enorme, a democracia atheniense creou as obras mais esplendidas que existem do genio do homem, em arte, em litteratura, em philosophia e sciencia, e teve consciencia da sua solidariedade humana quando luctou contra a Persia salvando a Europa d'essa barbarie militar.

O elemento aristocratico entregue ao plano de uma perturbação systematica, conseguiu lançar nos espiritos superiores o cansaço, o desalento; e a Macedonia, onde se conservara a realeza aristocratica desenvolvendo-se militarmente, foi attrahindo para si as capacidades, corrompendo os caracteres, até que este plano de Philippe se tornou effectivo ficando a Grecia inteira e a sua liberdade sob a espada de Alexandre. Segundo a phrase de Bacon, a força acobertava-se com a lei na lucta da classe aristocratica contra a democracia atheniense; sob a unificação de Alexandre a força elimina a lei pela impetuosidade do arbitrio pessoal.

Os exercitos de Alexandre alastram-se pela Asia, em victorias de surpreza, mas o seu imperio é tão ephemero como a sua vida, dissolvendo-se em novos reinos como o dos Seleucidas, dos Ptolomeus e das dynastias gregas da Bactria e do Iran oriental.

A civilisação grega e a liberdade d'esse povo activo extinguiram-se sob a unificação militar de Alexandre, tornando-se impotente para resistir á conquista romana e submettendo-se á situação de provincia. A tradição da unidade imperial da Grecia só veiu a influir na marcha da politica europêa quando os eruditos da Renascença tornaram conhecido Alexandre como o typo de guerreiro invencivel apresentado á imitação dos reis europeus. A corrente de unificação politica foi-nos imposta pela herança historica dos Romanos. E n'esta civilisação activa que se observa a lucta da *tribu* ou do patriciado, contra as antigas *cidades* italicas incorporadas, e contra a clientella, que tendo perdido a liberdade municipal, luctava pela acquisição da egualdade de direitos. Como na Grecia, tambem em Roma existiram os reis patriarchaes, que foram substituidos por uma republica aristocratica em lucta permanente com a plebe. A medida que o Latium, as Gallias e a Hispania iam sendo conquistados, para sustentar esse dominio tornava-se necessario

a intervenção de generaes habeis, e a concessão crescente do direito de cidade ás populações submettidas; d'aqui uma complicação em que os generaes se revoltavam contra o poder senhorial do senado apoiando-se na agitação dos povos conquistados, como vêmos nas guerras de Sertorio em Hespanha, nas de Catilina no Triumvirato, e na rivalidade entre Cesar e Pompeu; ou tambem esses povos procurando na invasão carthagineza a protecção a favor da reivindicação das suas antigas liberdades municipaes. A conquista da Grecia foi facil aos Romanos, porque ahi acharam as traições da aristocracia; a conquista da Italia foi-lhes difficilima por causa da resistencia das liberdades locaes das cidades.

O desenvolvimento da força militar, que estendera o dominio, era indispensavel para conserval-o; os generaes acharam-se com o deposito da força material como os tribunos do povo se achavam com a força da lei sob a sua vontade arbitraria. Era facil o conflicto entre elles, como instrumentos da aristocracia e da plebe. As longas perturbações d'este conflicto produziram tambem esse desalento com que espiritos superiores, como Horacio e Virgilio, se esquecem da Republica romana para glorificarem o imperio pessoal. Na difficil transição da Republica aristocratica para a democratica, o militarismo planeava um golpe de estado pessoal, como se vê na lucta entre Pompeu e Cesar; venceu a força contra á lei, e Cesar absorveu no *generalato* todas as principaes attribuições do povo romano, a supremacia patriarchal, o privilegio dos sacrificios, a proeminencia senatorial, e a presidencia consular republicana, com a dictadura tribunicia. Todas as gerarchias criadas nas transformações sociaes de Roma foram accumuladas incondicionalmente em Cesar, seguro da sua capacidade e força de chefe militar. O general *(imperator)* declarado Pae da Patria, Pontifice Maximo, Consul da Republica, Principe do Senado, e Tribuno da plebe, representava n'esta somma de poderes a abdicação de um povo. O *cesarismo,* na marcha da unificação politica da Europa, tem-se repetido muitas vezes nas mesmas condições; significa esta abdicação de um povo que se entrega a um salvador nas grandes perturbações sociaes, e ao mesmo tempo o emprego da força pessoal em vez da lei para que o povo não conheça nem reaja contra a propria degradação.

Na Grecia a ameaça constante da Persia e a resistencia da aristocracia contra o alargamento do direito de cidade conduziram ao regimen da força e unificação politica em Alexandre; em Roma, estavam terminadas as conquistas do occidente, e

as povoações incorporadas reclamavam o direito de cidade. As hordas germanicas deslocavam-se do norte, e vinham umas offerecer-se ao colonato romano, outras batiam com terriveis derrotas os generaes que as iam repellir. Tal foi a causa accidental que determinou com que o *generalato,* ou o regimen da força se tornasse uma condição de segurança para Roma. O Imperio não fez nenhuma das conquistas romanas, conservou-as por uma administração centralista violenta. D'este facto resultou a illusão historica, de que o Imperio romano foi o orgão de unificação politica da Europa; e todos os poderes que se seguiram á dissolução do Imperio, taes como as monarchias germanicas e as dynastias modernas, e mesmo o poder dos papas, pretenderam restabelecer a tradição unitarista do Imperio como o typo ideal da constituição de um grande estado. O caracter pessoal do Imperio, além dos vicios de monstros como os que descreve Tacito, fez-se sentir pelas constantes exacções da fiscalidade, cujo systema tributario é o que ainda prevalece nos povos modernos, restaurado pelas monarchias; essas exacções provocaram revoluções profundas e tornaram impossivel a cohesão das provincias do Imperio diante dos primeiros ataques da invasão dos Barbaros da Germania. Que differenças entre a força defensiva das federações gregas e italicas comparadas com a impotencia de um imperio unitario como o de Roma! Na abdicação constante da dignidade e independencia civil, a côrte de Byzancio desceu ao fetichismo das distincções heraldicas, que ainda hoje corrompem a sociedade por uma philaucia tola, e confundiu o poder *espiritual* com o *temporal* em Constantino, que se serviu da Egreja como de policia inquisitorial para o seu despotismo.

A nova religião do Christianismo nascida entre as camadas populares, e lisongeando-lhes o seu instincto egualitario e as aspirações communistas, na constituição da sua Egreja ou centro cultual e dogmatico, tornou-se progressivamente aristocratica, fazendo com que as egrejas locaes e nacionaes se submettessem á Egreja de Roma. Parece que o genio hellenico com a sua independencia local, e a origem judaica pelo personalismo de tribu, se debatem n'essa organisação, que se apropria dos moldes da administração romana; de facto na Egreja o hellenismo e o judaismo resaltam na lucta entre o espirito e a letra, na antinomia entre Paulo e Pedro, entre Agostinho e Thomaz de Aquino, entre Leão x e Luthero, entre S. João da Cruz e Loyola, entre Molinos e Bossuet. A Egreja catholica tornou-se romana; quiz não só o centralismo hierarchico no seu papa, mas visou á apropriação do *poder temporal* do Imperio como

continuando na historia a cidade eterna. Os seus theologos lançaram na circulação dos absurdos a theoria das duas Cidades, e das duas Espadas, que durante toda a Edade media não cessou de produzir catastrophes e perturbações; consideraram o Imperio como a expressão da força bruta e a Fé como a fonte da justiça. Para Santo Agostinho o poder temporal é a *Cidade terrena,* nascida da expulsão do paraiso terreal, e sustentada pela força, que se transmite de Caim e Romulo, até ao poder civil que se impõe pela penalidade; o verdadeiro poder é o *espiritual,* que deriva da *Cidade de Deus,* e que de Deus recebeu o mandato da justiça. As tradições biblicas da sagração dos Reis pelo sacerdote, e o aphorismo evangelico: «Dae a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus» vieram fazer com que se vulgarisasse nos espiritos uma falsa ideia do que era o Imperio. Os reis patriarchaes eram os que faziam os sacrificios da tribu e eram ao mesmo tempo os chefes militares; a separação d'estes poderes confundidos por um syncretismo primitivo foi um immenso progresso social. Confundil-os outra vez e systematicamente foi um retrocesso calamitoso e contra o qual a Europa ainda reage. Quando Cesar confundiu com o *generalato* todos os poderes da sociedade romana, apesar da sua omnipotencia dizia: «Eu sou Cesar, não sou Rei.» O que significava isto? Que o seu poder era exclusivamente pessoal, porque a realeza, tal como a antiguidade a creara, hereditaria ou electiva, pertencia ao costume e privilegio da tribu aristocratica.

Foi preciso que as tribus germanicas fizessem retrogradar a Europa para que a realeza proviesse do perstigio dos chefes militares como fez Cesar no Imperio romano. A Egreja fez a separação do poder espiritual do temporal, para garantir a sua existencia de associação: «*Regnum meum non est de hoc mundo.*» Porém desde que conheceu que dominava pela crença a vontade da multidão, tratou de converter o poder temporal em uma delegação e investidura do poder espiritual ou da cidade de Deus. O poder das chaves, da metaphora theologica, passou a ser representado pela espada, que cortava os vinculos do juramento dos subditos ao soberano, como vimos ser proclamado mais tarde pelos Jesuitas e pelo Protestantismo. As *Duas Espadas,* isto é, o poder temporal e o espiritual, o Papado e Imperio luctaram durante toda a Edade media para se tornarem exclusivas. A Egreja pretendia substituir-se a Constantino, reduzindo a Europa a uma theocracia, e para isso tratou de apagar nos espiritos todo o respeito pela cul-

tura greco-romana,[1] como vêmos pela Carta de S. Gregorio Magno censurando um bispo por ensinar grammatica e lêr livros classicos. Quando na época do Protestantismo se quebrou a unidade catholica, e já não era possivel aspirar a um Imperio papal, a Espada de Pedro apressou-se a mostrar o seu gume, cortando ou desligando do juramento aos soberanos os povos tyranisados. Tal foi a doutrina da Rebelião, prégada conjunctamente pelos protestantes Buchanam, Milton, Humbert e Languet, e pelos jesuitas Marianna, Bellarmino, Soares e outros.

A Europa teria inevitavelmente cahido sob a theocracia dos papas, por causa da superioridade dos chefes da Egreja comparados com os brutos reis germanicos que se lhe submetteram. Porém a necessidade da intervenção da força militar contra as invasões dos Arabes no Occidente da Europa, e contra a instabilidade de outras tribus germanicas, fez com que o poder temporal se tornasse preponderante em Carlos Magno. Os reis germanicos tentaram nas suas invasões de revivificarem o Imperio romano na sua unidade politica, ou arrogando-se como consagração da sua soberania esse titulo ao occuparem a Italia. N'esta instabilidade politica as populações isoladas restauraram a primitiva organisação municipal ou communal; os companheiros dos chefes militares ou os *comitatti* tornaram-se a aristocracia d'essa realeza da força e constituiram o Feudalismo. A unificação imperial só se manifesta em Carlos Magno, não tanto pela sua excepcional capacidade, mas pela necessidade de combater os Sarracenos e os Normandos, isto é, pela urgente intervenção da força diante de um perigo commum. Esta mesma causa nos vae apparecer no meado do seculo XV com a entrada dos Turcos na Europa, conduzindo a Europa ás unificações politicas na Hespanha, na Austria e na França. A unificação de Carlos Magno desfaz-se da mesma fórma que o Imperio de Alexandre, dando logar a um grande numero de estados independentes; os successores do grande chefe militar, que fortalecera a Egreja, não eram simplesmente mediocres, luctavam com os pequenos chefes militares do Comitatus germanico, os quaes tendo obtido a concessão de propriedades territoriaes *(Beneficium)* a troco de serviços de guerra, mas podendo ser revogavel *(reversão* e *doação)* converteram essa concessão temporaria em hereditaria e perpetua *(Dominium)*. Se de um lado vêmos as luctas com-

[1] Raynouard, *Elements de la Grammaire de la langue romane,* pag. 13 e 14.

munaes coadjuvarem os Arimanes decahidos para se elevarem á dignidade de povo, restaurando as instituições locaes dos Municipios, por outro lado vêmos o elemento senhorial do Feudalismo, pela posse dominical da terra reagir contra o unitarismo do poder real. Estas são as causas por que a unificação imperial romana estacionou por algum tempo na organisação politica da Europa, e não como quer Gervinus, suppondo uma opposição de raça entre os povos romanicos e os germanicos, fazendo um centralista e o outro individualista,[1] um com as instituições imperiaes e o outro feudaes, um catholico e o outro protestante. O fundo da civilisação dos povos romanicos era democratico, como temos visto pelas suas instituições de Cidade; as invasões germanicas, fazendo prevalecer no Occidente a tribu genealogica e as instituições derivadas d'ella, conduziram a Europa para a realeza militar, macaqueando as fórmas do generalato ou Imperio romano. Quem era Recesvintho, unificador da Hespanha? um visigodo. E Carlos Magno? um franko. Quem era Carlos v, e seu pae Fernando, um jungindo sob o mesmo sceptro a Hespanha, a Italia e a Austria; o outro destruindo as nacionalidades peninsulares? Eram allemães. É ainda a Allemanha que exporta principes para todas as côrtes da Europa, onde vão por contracto na lista civil de cada estado propagar as decahidas dynastias reaes, como vêmos na Russia, na Inglaterra, na Italia, na França, na Hespanha e em Portugal.

Foi contra a prepotencia dos barões feudaes que os burgos se fortificaram, que se criaram as Confraternidades e Ligas de cidades, e que os povos sacrificaram um pouco das suas garantias locaes, fortalecendo os reis como guardas de uma lei estavel. Era um perigo geral, e por isso a realeza achou-se apoiada nos Concelhos, e tratou de tornar-se independente dos barões, como vêmos em Luiz xi, na França, em Fernando o Catholico na Hespanha, em D. João ii em Portugal e em Henrique vii em Inglaterra. O perigo commum da entrada dos Turcos deu uma certa convergencia á auctoridade real, e os grandes vassallos foram submettidos. Foi á sombra d'esse perigo que o Papa pôde unificar em Roma sob o seu poder temporal os Estados romanos; e que a casa do Hapsburg juntando-se com a casa de Borgonha produziu esse colosso da Casa de Austria, que por novos laços de familia incorpora em si a Hespanha, acabando por fortificar o seu poder temporal

[1] *Introducção á Historia do seculo XIX*, sec. 3.ª

com a subserviencia do poder espiritual a quem protegia. O despotismo da realeza similhante em tudo á tyrannia da Grecia, pela circumstancia da origem, chegou á reproducção das fórmas orientaes, como a soberania pharaonica; o nome de *pharaó*, de *Piraha*, a grande casa, explica-nos o sentido da designação politica de *casa reinante*, que se tornou usual nas familias dynasticas.

O Imperio e o Sacerdocio ligam-se em um systema de retrogradação, e teriam feito estacionar a Europa, se este continente não sustentasse pela sua mesologia o individualismo dos pequenos estados. No seculo XV a Suissa lucta contra a ambição da casa de Hapsburg que ahi tivera o seu berço; no seculo XVI os Paizes Baixos luctam contra a grandeza da Casa da Austria, que pelo casamento de Maximiliano com uma filha de Carlos o Temerario, duque de Borgonha, viera a cahir sob o jugo hespanhol de Carlos V e Philippe II. Já em 1464 Podichad, rei da Bohemia, propunha a Luiz XI uma liga de estados para repellirem da politica as ambições da theocracia; no seculo XVI Henrique IV e Sully planeavam um systema de equilibrio europeu contra a invasão crescente do Papado e da Casa da Austria, succedendo-se á irrealisação d'este plano as perturbações sangrentas conhecidas pelo nome de *Guerra de Trinta annos*, (1618 a 1648). Foi ainda um pequeno estado, a Suecia, que conseguiu interessar a Europa contra a preponderancia exclusiva da Casa da Austria, pensamento proseguido por Richelieu e coadjuvado pela revolução de dois pequenos estados, a Catalunha e Portugal. A paz de Westphalia reorganisando a Europa sobre bases juridicas, emancipou-a da intervenção clerical e reconheceu o principio da independencia dos pequenos estados. Se o desenvolvimento da liberdade civil e politica provém do triumpho das Monarchias sobre o Feudalismo, que se sustentava no seu arbitrio pelo direito da guerra privada e pelo exercicio da soberania, faltava ainda separar as Monarchias das intrigas do Papado. A obra diplomatica da paz do Westphalia foi continuada nos escriptos dos philosophos e litteratos do seculo XVIII separando a causa dos reis da causa dos padres; desligados os dois poderes temporal e espiritual do execrando conluio, era de prevêr a grande crise europêa da Revolução em que a aristocracia e a realeza absoluta, restos da antiga organisação da tribu genealogica, tinham de afundar-se debaixo da onda da democracia, isto é, diante da força das povoações industriaes que reclamavam o reconhecimento do seu direito pessoal creado a par da tradição das suas instituições locaes.

Antes mesmo da Revolução franceza grandes espiritos presentiram esse movimento logico, cujo primeiro impulso vinha crescendo desde a Edade media; Condorcet, traçando o *Quadro dos Progressos do Espirito Humano,* proclama: «Tudo nos diz que chegamos á época de uma das maiores revoluções da especie humana.»

Augusto Comte recompondo a continuidade subjectiva da Revolução franceza, comprehendeu como nenhum dos mais eminentes historiadores modernos o sentido racional do cahos apparente da Edade media pela solidariedade objectiva dos abalos sociaes que foram operando a dissolução do regimen catholico-feudal. Quem compara o seu ponto de vista geral com a *Introducção á Historia do seculo XIX* de Gervinus, é que vê quanto o escriptor allemão fluctua em analogias e syncronismos de factos á falta de uma base philosophica que o dirija e o conduza a uma conclusão. A dissolução do regimen catholico-feudal significa a eliminação crescente da theologia pela sciencia, e da actividade guerreira dos chefes militares ou casas reinantes pela actividade pacifica da industria. A doutrina theologica e a acção guerreira tinham-se unificado não só na milicia sacerdotal dos Templarios como nos grandes movimentos das Cruzadas e guerras de religião; o poder espiritual convertera-se em policia secreta do despotismo real, e o poder temporal servia a intolerancia catholica com o braço secular homologando com as suas fórmulas juridicas o canibalismo dos padres. Por tanto, a dissolução do regimen catholico-feudal precisava ser tentada como condição de todo o progresso europeu; nenhum corpo de doutrina existia organisado que pudesse substituir a doutrina catholica, que fizera da moral uma base de subordinação; nenhuma organisação politica existia nas populações isoladas e pobres que se oppuzesse á forte hierarchia feudal. Por esta profunda apathia mental e social é que esse regimen deprimente se conservou tantos seculos, deixando impressa ainda nos nossos costumes a tradição que de vez em quando provoca lamentaveis retrocessos. A dissolução começou dentro do proprio regimen pela imprevidencia da sua convicta segurança; os acontecimentos occasionaes da Europa coadjuvaram por uma larga actividade negativa essa decomposição crescente que veiu até á Revolução de 1789.

O primeiro facto da dissolução dos dois poderes começou pela sua separação e antagonismo entre o Sacerdocio e o Imperio, que os theologos synthetisaram na doutrina das *Duas Espadas.* Ambos queriam o dominio exclusivo da Europa sob

uma unica nação; Roma impunha por todas as fórmas a unidade catholica, e a Monarchia germanica justificava as suas invasões pela unidade imperial. Vejamos como foram atacados estes dois principios, que iam sepultando a Europa sob a escravidão e o obscurantismo.

Na propria Egreja existia a organisação democratica das egrejas nacionaes e da eleição dos bispos pela assemblêa dos crentes. Esta tradição dos primeiros tempos do Christianismo nunca se apagou nos espiritos sinceros, e o engrandecimento de jurisdicção do bispo de Roma pondo-se acima dos Concilios, e cercando-se das pompas e do dominio temporal não era visto sem protesto. O apparecimento das *heresias* na Egreja foi o primeiro signal da revolta contra a unidade catholica, chegando mesmo a governarem dois papas, e a degradar-se o poder espiritual pelo escandalo e pela corrupção. A invasão dos Arabes na Europa, que pela necessidade da resistencia dera á unidade catholica um grande vigor de direção e o começo da sua força temporal, veiu provocar a actividade dos espiritos pela communicação das doutrinas scientificas e philosophicas da Grecia. A consequencia d'esta influencia imprevista foi a primeira Renascença do seculo XIII, em que começa uma enorme actividade scientifica, e com que se fortalecem os espiritos em dissidencia com a theologia. A Egreja ainda quiz converter a Sciencia em *ancilla theologiae* esterilisando-a na Scholastica, e não podendo embaraçar o espirito de livre exame proclamou a incompatibilidade das duas Doutrinas a da Fé e a da Sciencia, considerando esta como um instrumento das Heresias. Com a primeira Renascença a Egreja sentiu que não podia resistir á corrente do espirito novo, e tratou de confundir as heresias, que atacavam a sua unidade, catholica, com o interesse politico, fazendo assim a grande carnificina dos albigenses pela mão da realeza franka que abafava no sul da França a liberdade municipal. Estas violencias eram remedios passageiros contra um mal profundo, e dentro da propria Egreja procurou-se um novo equilibrio no plano de uma reforma. Como devia ser essa reforma, de modo que a Egreja recuperasse a sua força antiga sobre a dissidencia dos espiritos que negavam a sua unidade doutrinaria? A reforma apresentou-se sob dois aspectos: uns queriam que a Egreja regressasse á sua primitiva pobreza e simplicidade evangelica, (tal foi o pensamento do estabelecimento dos *Franciscanos*) outros queriam que a Egreja se impuzesse pela força e pelo deslumbramento das pompas cultuaes e severidade dogmatica. (Taes foram os *Do-*

minicanos.) Os dois systemas de salvação foram improficuos; os Franciscanos em breve cahiram na indignidade de comilões vagabundos e devassos, como heroes dos contos decameronicos, e os Dominicanos tornaram-se sanguinarios nas cerimonias canibaes da Inquisição. Representante do espirito semita, a Egreja continuou a condemnar a actividade do pensamento; e quando o terror da queda de Constantinopla em poder dos Turcos (1453) lhe deu ensejo para uma intervenção doutrinaria e para novas acquisições de poder temporal, surge como consequencia d'esse enorme desastre, que fez refluir para a Italia os sabios bysantinos, o phenomeno da segunda Renascença. O terror dos turcos fez com que, á falta de plano e solidariedade dos estados europeus para a defeza, aquelles que se achavam mais proximos do ataque procurassem apoio na cohesão material da unidade politica. Fernando e Isabel conseguiram a unificação dos estados peninsulares sob o dominio de Castella, e Alexandre VI e Julio II apoderam-se das pequenas senhorias e cidades independentes que vieram a formar os Estados do Papa. A invenção da imprensa e as grandes descobertas maritimas da America e do caminho da Asia, determinando uma grande curiosidade scientifica e um maior contacto dos povos, bem como da revelação dos documentos da civilisação greco-romana, produziram essa revivescencia europêa chamada a Renascença, que irradiou pela segunda vez de Italia. Para resistir á corrente intellectual, que proclamava o livre exame, e que negava a Edade media como barbara, a Egreja reconheceu emfim a necessidade de uma reforma ou adaptação á nova situação social; repetiu-se, fazendo o mesmo que vimos no seculo XIII. Dentro da propria Egreja, uns entenderam que ella para conservar a unidade catholica precisava regressar á primitiva tradição apostolica (tal foi o *Protestantismo,* iniciado por Luthero e propagado entre os povos germanicos, que estavam fóra da corrente da civilisação occidental); outros, não contando já com a efficacia da força brutal dos dominicanos, substituiram o ardil, apoderando-se das consciencias noveis pelo ensino humanista, que era a predilecção da época, e acercando-se do poder temporal pela direcção ascetica. (Tal foi o *Jesuitismo,* que se achou em conflicto com os dominicanos, e que apparece em todas as intrigas politicas dos tres ultimos seculos.) Quando se estabelece a paridade entre as duas Renascenças é que se vê a similaridade das duas Reformas, e como a miragem metaphysica do Protestantismo como consequencia do individualismo germanico se esvae em

phrases vãs. Tanto em uma como em a outra Reforma, a dissidencia doutrinaria reveste tambem um caracter politico; na Italia o Socianismo é republicano, assim como o Calvinismo em França; o Lutheranismo na Allemanha é monarchico, o Puritanismo conduz á revolução na Inglaterra e á democracia nas colonias inglezas da America. A Egreja, conservando as antigas relações da monarchia de Fernando e Isabel, achou-se apoiada por Carlos v que fez d'ella o instrumento da ambição da Casa de Austria, de sorte que a propria Egreja para resistir ás exacções do seu protector temporal teve por vezes de apoiar o Protestantismo no seu movimento politico. A unidade catholica quebrou-se pelo conflicto entre a razão e o sentimento; as sciencias experimentaes emanciparam as consciencias do perstigio da theologia, e os proprios Jesuitas fizeram-se *espiritos fortes* junto das classes cultas e aristocraticas do seculo XVIII. Quando a dissolução feudal veiu pôr em evidencia a anterior dissolução catholica, um pensador clerical, José de Maistre, sentia que já se não podia restaurar a unidade espiritual, e como Condorcet em relação ao lado politico, dizia tambem: «Parece que caminhamos para uma grande synthese.» Augusto Comte interpretou essas palavras pela expressão dos factos, mostrando que estava terminado o periodo de actividade negativa, e que a humanidade entrava em uma época de reconstrucção positiva ou definitiva baseada sobre principios scientificos, isto é, a unanimidade das demonstrações substituindo a unidade das crenças.

Vejamos agora a dissolução feudal e monarchica. O emprego da cavalleria deu á classe aristocratica uma multiplicação da sua força sobre as classes trabalhadoras; exercendo — descricionariamente nas imposições fiscaes, na guerra privada, na pilhagem e devastação por vindicta, o Feudalismo tornou-se profundamente odioso, e as populações sedentarias viram na Monarchia uma cooperação para a resistencia. N'esta lucta os jurisconsultos da Edade media restaurando as doutrinas do direito romano com que proclamavam a existencia do fôro civil e da egualdade perante a lei, foram incarnando os privilegios magestaticos do codigo imperial na pessoa dos reis. Dante, nas luctas dos pequenos estados da Italia, viu na Monarchia a unica garantia da liberdade. Os reis acceitaram o papel de mantenedores da esphera civil, e ainda no seculo XV na lucta contra os grandes vassallos acham-se patrocinando as garantias locaes. Essa lucta vê-se na Allemanha com os conflictos acerca do Direito da guerra privada, na Inglaterra com as Duas Rosas, em França com Luiz XI contra o duque de

Borgonha, em Hespanha na morte de Alvaro de Luna e em Portugal com a execução do duque de Bragança. Todos estes factos nos mostram que a Europa tem uma intima solidariedade na sua civilisação, e que as perturbações da Politica resultaram sempre do seu desconhecimento.

Uma vez vencidos os grandes vassalos, orgãos directos do regimen feudal, a realeza tornou-se absoluta tirando aos povos, a pretexto da unidade de legislação, as suas garantias locaes ou municipaes. Em vez da guerra privada, fez as guerras dynasticas, alargando por casamentos e conquistas a unificação politica segundo a tradição imperial. O despotismo monarchico, que se define claramente no seculo XVI, converteu os guardas do corpo em exercito permanente, e a Europa decahiu outra vez na actividade militar, que continuou sempre enfraquecendo e perturbando a marcha da civilisação. A entrada dos Turcos na Europa veiu pelos seus triumphos revelar a força que era a Infanteria, como machina movel de destruição; as guerras de Gonçalo de Cordova na Italia, tendo posto em evidencia a superioridade da artilheria, de uma invencivel estabilidade, completaram a nova tactica que deu a Carlos V o poder de tirar todo o partido da nova descoberta da polvora, e de aspirar á fundação de um imperio universal. Os Humanistas da Renascença tambem desenterraram das tradições greco-romanas a utopia de uma *Monarchia universal,* e raro foi o rei do seculo XVI, em França, na Hespanha, na Inglaterra e Portugal que não sonhasse a fundação de um unico imperio no mundo. A Egreja tambem bafejava esta utopia, como meio de impôr ao mundo uma unica crença, e prégava que a existencia de muitas nacionalidades era um peccado como o polytheismo. Foi assim que sob a unificação da Casa de Austria o Papado se achou de accordo com o Imperio.

Desde a politica de Carlos V nunca mais a Europa deixou de estar esmagada sob um crescente militarismo. A necessidade que os Monarchas tiveram de habeis operações militares e de forte centralisação administrativa dos grandes estados unificados, fez com que o seu poder imperial cahisse com uma espontanea e successiva abdicação de parcellas da sua soberania em generaes e ministros eminentes; é assim que nos apparecem na historia os Condé e os Richelieu. A propria grandeza monarchica começou intimamente a sua decomposição. O abuso da força levou-a á prepotencia e á sensualidade. As revoluções nacionaes foram quebrando o perstigio da unidade monarchica, primeiro na Bohemia no seculo XIV,

depois na Suissa no seculo xv; mas o triumpho dos Paizes Baixos contra a omnipotencia de Philippe II deixou na historia bem provado o grande principio da civilisação europêa — a supremacia do direito sobre a força. Este principio, desenvolvido pelos publicistas creou o Direito das Gentes, e a guerra foi sendo submettida á razão. A crise revolucionaria passou á Inglaterra no seculo xvii, partindo da fórma republicana para fixar-se na monarchia destinada a manter o equilibrio entre as classes aristocraticas e democraticas. Os elementos republicanos da crise religiosa emigrados para a America ali se proclamaram independentes com uma Federação no seculo xviii, vindo esse acto politico a refluir sobre a Europa e a ser um dos factores da grande Revolução franceza, o começo de uma éra nova na civilisação occidental. Depois da desmembração da Casa de Austria pela politica de Richelieu, Luiz xiv tentou continuar o papel de Carlos v, regressando ao despotismo pessoal e ás conquistas militares. A revolução e republica de Inglaterra, e as perturbações da França é que influiram n'esta reacção monarchica; outra vez se achou coadjuvado pelo papado que poz ao seu serviço a milicia jesuitica. Era porém tarde para conseguir o unitarismo do seculo xvi a que chegara a Casa de Austria, e a insensatez d'aquella politica continuada automaticamente por Luiz xv e Luiz xvi, é que desenvolveu as condições fataes que provocaram a Revolução franceza. A confusão dos dois poderes, coadjuvando-se na intolerancia dogmatica e no absolutismo politico, levou a especulação dos espiritos para um negativismo dissolvente que distingue os pensadores da Encyclopedia, e que se póde synthetisar em dois nomes, Voltaire e Rousseau. Com um saber vasto mas sem profundidade, Voltaire ataca o sacerdocio pelo ridiculo, e os dogmas religiosos pela incongruencia; com uma imaginação exaltada e com um extraordinario poder de estylo, Rousseau ataca a Realeza, partindo da miragem subjectiva de um pacto social primitivo e de uma egualdade perante a natureza. Voltaire é partidario da realeza, mas livre-pensador, e Rousseau é demagogo radical mas ferozmente deista. É este o duplo caracter do negativismo do seculo. A Revolução franceza proclamou a soberania nacional, mas a necessidade de garantir-se contra a colligação europêa fez com que ella mantivesse na sua administração o vicio monarchico do centralismo. N'esse grande abalo, facil foi o apparecimento de um chefe militar, d'entre os que se educaram nas guerras defensivas da Republica, que achando apoio nos espiritos descontentes com a transição, procurou

fundar a ordem pelo emprego da força. Repetiu-se o crime de Cesar. Napoleão I de consul fez-se dictador e Imperador, retrogrando á connivencia com o clericalismo. Diz Gervinus: «Elle erigiu-se em Imperador do occidente, collocou na sua cabeça a corôa de ferro da Italia, restabeleceu o imperio de Carlos Magno imitando-o calculadamente, restabeleceu a hierarchia clerical e o papado imitando intencionalmente Carlos V a fim de ter, apoiando-se sobre o catholicismo e aproveitando a auctoridade papal, um meio a mais para dominar o mundo.»[1]

Emquanto a anarchia mental dos litteratos e dos artistas glorificava os factos consummados dos triumphos da força sobre o direito, fazendo de Napoleão um semideus, Augusto Comte foi o primeiro que soube d'esse ruido ôco tirar a nota verdadeira com que ha de ficar stigmatisada na historia essa actividade negativa com que a civilisação da Europa foi desviada do seu curso. Pelas guerras de invasão com que o corso assaltou os varios estados da Europa, os povos sairam da sua indifferença politica, e deram-se esses levantamentos nacionaes, que contrastavam com a cobardia dos reis e com a inutilidade dos seus exercitos permanentes. Napoleão mobilisara a artilheria, e fundava o triumpho na rapidez do primeiro ataque; a tactica que o fez poderoso foi a mesma que lhe cavou a ruina. Da sua acção negativa apenas a civilisação moderna tirou uma consequencia aproveitavel: a extincção do perstigio tradicional da realeza e a innanidade do monarchismo. Diz Gervinus: «o grande numero de principes e de reis inimigos depóstos, postos fóra ou banidos pelo imperador, os principes seus amigos, tantas vezes mal tratados e encommodados por elle, os principes seus parentes considerados por elle como empregados amoviveis, tudo punha em evidencia perante o mundo que os principes são simples mortaes; ainda havia a lembrança d'isto em 1830 e 1848.»[2] A somma dos males d'esta actividade retrograda foi incalculavel; d'ella ficaram todos os germens das guerras europêas provocadas pela diplomacia, já como reivindicações, já como meio para realisar um systema de equilibrio conhecido pelo nome de *theoria das grandes nacionalidades*. Os principios democraticos implantados pela Revolução franceza que penetraram em todos os estados da Europa atacando o conservantismo apathico do regimen catholico-feudal, foram por estes dois ele-

[1] *Introducção á Historia do seculo XIX*, p. 153.
[2] *Op. cit.* p. 154.

mentos medievaes confundidos calculadamente com as aggressões injustas de Napoleão. Foi á custa d'este sophisma que os monarchas da Europa, sob a direcção do egoismo de Inglaterra, conseguiram formar uma colligação para resistirem ás ambições do aventureiro corso. Facil foi a derrota, porque Napoleão já não tinha os soldados educados nas guerras defensivas da Republica, nem ao menos uma ideia generosa dava cohesão moral aos bandos de recrutados imberbes que arrastava ás carnificinas. Os reis do direito divino além do interesse immediato da sua estabilidade dynastica, davam-se como salvadores da ordem, confundindo as catastrophes napoleonicas com o principio democratico. Vencido o perigo commum, bem procuraram restabelecer na sua integridade o derrocado systema catholico-feudal; mas a Europa já não podia retrogradar ao absolutismo dos reis. Organisou-se o Congresso de Vienna em 1815, mas os elementos radicalmente absolutistas e continuadores do militarismo estupido, a Russia e a Prussia, foram contrabalançados pela Inglaterra e pela Austria. Achou-se um meio termo, um *partido medio,* como lhe chama Augusto Comte: fez-se uma alliança ou amalgamma do direito divino dos reis com a soberania das nações, copiando artificialmente a Constituição da Inglaterra. Tal foi a transacção das Cartas constitucionaes, pelas quaes os reis absolutos, sem reconhecerem a soberania nacional, outorgavam ou concediam de motu proprio o direito de representação ficando elles com o poder executivo e com o veto absoluto.

A colligação insensata da *Santa Alliança dos reis contra os Povos* pensou por esta transacção capciosa entre o Absolutismo e a Revolução fazer estacionar a Europa, e pelo sophisma da ponderação dos poderes illudiu os pactos constitucionaes restabelecendo o antigo regimen. Esta situação produziu constantes conflictos, que em cada um dos estados modernos são outras tantas datas de revoluções, até que se chegou á revolução de 1848 em que a França estabeleceu pela segunda vez a Republica. N'esta segunda crise appareceu um factor novo, a classe activa dos trabalhadores, que assombrou os velhos elementos aristocraticos e a burguezia rica, que pelas operações da finança apoiava a estabilidade politica por uma especie de plutocracia. A revolução de 1848 assignala, é verdade, o fim da colligação da Santa Alliança, mas o velho absolutismo monarchico tratou de inventar um pretexto para a intervenção da força, fazendo de um imbecil alcunhado como sobrinho de Napoleão, um Cesar opportuno, encarregado de atraiçoar a segunda Republica e conduzir a

Europa para um regimen de guerras sob a divisa das *grandes Nacionalidades*. Servindo essa falsa politica unitarista, que tornou a Prussia uma grande potencia militar devastadora, e a Italia uma potencia unificada em beneficio da familia de Saboya contra a propria liberdade italiana, Napoleão III caiu sob as consequencias da falsa construcção em que trabalhava antes de ter envolvido Portugal e a Hespanha n'este vórtice de calamidades. O cahos social continúa por falta de uma ideia fundamental ou scientifica em politica; a Inglaterra pelo seu egoismo insular tem explorado pelo mercantilismo punico esta anarchia; a Allemanha tem exportado para todos os estados europeus os seus principes encarregados de continuar as imbecilisadas dynastias reaes, e as classes aristocraticas sustentam-se nos estados do norte á custa do mais deprimente militarismo. O cahos que se observa nos factos é egualmente desolador na cathegoria das ideias. O negativismo do seculo XVIII continuou-se na fórma de transacção provisoria da democracia com o absolutismo: esta ausencia de principios, esta indifferença por qualquer das duas doutrinas oppostas acha-se na sua miseravel evidencia dirigindo as palavras estereis do parlamentarismo moderno, os bachareis, os litteratos, os jurisconsultos, emfim esse mundo official de convenções e esses metaphysicos universatarios promptos para acclamarem e justificarem todos os absurdos que prolonguem a sua dominação. Stuart Mill deu-lhe um nome bem significativo, a *Pedantocracia*.

O systema constitucional corresponde na politica moderna a essa mesma phase intellectual que em philosophia estabeleceu o eccletismo. É a incongruencia e o disparate, alliando a soberania por *graça de Deus* com o suffragio popular, amalgamando o privilegio do nascimento com a egualdade perante a lei, misturando a dotação dá familia dynastica com a obrigação de todos os cidadãos concorrerem para os encargos do estado. A mesma incongruencia e disparate serviu para construir o systema banal do eccletismo, formado com os retalhos de todas as doutrinas philosophicas ligados entre si pela pompa do estylo e admittido pela contemporisação dos preconceitos sociaes. Filhos da mesma corrente intellectual, o Constitucionalismo é um producto artificial dos ideologos de ha meio seculo, perfeitamente adaptado á dialectica palavrosa e aos sophismas parlamentares, da mesma fórma que o eccletismo é a inanidade retumbante de phrases sonoras peculiar das prelecções academicas. Esta relação entre os dois systemas politico e philosophico leva-nos a comprehender a sua

essencia transitoria; o constitucionalismo foi elaborado para conciliar o absolutismo dos reis, com a vontade dos povos, entre si incompativeis, como o eccletismo foi organisado para harmonisar a velha escholastica auctoritaria com os dados da livre critica. O eccletismo em breve caiu desacreditado pela sua irracionalidade, passando os elementos tradicionaes da philosophia a serem supplantados pelos novos productos da especulação mental deduzidos da realidade dos factos; o Constitucionalismo ainda se debate impondo-se por um conservantismo estupido, calando a sua natureza provisoria, e mantendo-se á custa da hypothese de uma conflagração da sociedade causada pelo povo na apropriação dos seus direitos. Na pratica, o absurdo do Constitucionalismo observa-se na necessidade de um poder occulto para simular as cerimonias do suffragio e do parlamentarismo, e na esterilidade de fórmulas complicadissimas e inuteis, em que a liberdade é illudida e atropellada. Isto bastava para condemnal-o como um systema falso de perversão politica, afastando o povo do conhecimento do seu interesse por uma atrophiadora centralisação, e por uma irresponsabilidade dos agentes do poder cuja escala hierarchica termina em um poder irresponsavel e sagrado, que acima da lei tem o arbitrio do *veto*. Mas como instituição, em harmonia com o estado social, o Constitucionalismo é um completo cahos, em que se sobrepõem instituições filhas de diversas épocas historicas e que entre si se repugnam. Que diria o artista de um templo com columnas budhicas, frontões gregos e janellas gothicas, em um syncretismo sem plano e por consequencia sem destino? Que mais parece uma ruina do que uma construcção. Dá-se o mesmo com o Constitucionalismo, formado pela metaphysica politica dos ideologos de ha cincoenta annos; elle apresenta em amalgamma caprichoso restos da época das theocracias, e do absolutismo soldados com vestigios da época feudal, e envernizados com elementos tirados da época revolucionaria. É por isso, que não sendo francamente absoluto, nem tendo o principio da honra senhorial, nem tendo a consciencia do direito, o seu espirito é uma simulação, uma falsidade, uma pantomima de formalismos exteriores.

O que é um rei governando um povo, exercendo a soberania *por graça de Deus,* senão um resquicio do direito divino, segundo as doutrinas theocraticas que prevaleceram na Europa até ao seculo XIII, antes de S. Thomaz vulgarisar a doutrina de Aristoteles, que a unica fonte legitima do poder é a superioridade intellectual e moral? O que é a hereditariedade dynastica, em que o acaso cego do nascimento é prefe-

rido á eleição reflectida e consciente, senão a velha doutrina do absolutismo, já condemnada por João de Salisbury e Vicente de Beauvais, e que ainda prevalece no meio dos mais altos progressos sociaes com um desolador automatismo? Mas a fórma theocratica e absoluta da soberania torna-se caricata com o seu apparato feudal; hoje, que não ha castas, em que cáem os privilegios, em que a nobreza vem das acções, o rei nomêa pares como na época em que elle se sentava á mesa redonda entre os barões seus eguaes. Mas como a nobreza já se não funda nas propriedades territoriaes, que as exigencias modernas absorveram e que as operações financeiras gazificaram, para fazer pares é preciso procural-os entre os merceeiros dinheirosos, vestindo a plutocracia com os apparatos do feudalismo, vendendo-lhes os titulos nobiliarchicos e as commendas para crear receita, fazendo assim das honras sociaes uma parada grotesca. Mas, se o Constitucionalismo se compozesse só d'estes elementos, era uma mumia archeologica, de que todos se riam; elle acoberta-se com o perstigio das conquistas modernas da liberdade humana. No meio de todos estes absurdos repugnantes, o Constitucionalismo apropriou-se do *principio electivo,* mas falsifica o pela candidatura official; tem a bella fórmula de *egualdade perante a lei,* mas tem fôro privilegiado para os pares, para os militares, para os commerciantes; proclama a livre concorrencia aos cargos publicos, mas cede sómente aos empenhos; permitte a liberdade de consciencia, e ao mesmo tempo impõe a *religião de estado;* garante o discutir as instituições no sentido de melhoral-as, mas mette em processo criminal o que usa esse direito, por incitar o povo á revolta ou por promover o descredito d'essas mesmas instituições que permittem essas mil burlas do poder. O Constitucionalismo é o sacrificio de todos ao bem estar de um só; tal é o motivo da transição, e o porque ainda subsiste além do seu legitimo momento historico. É preciso que se funde uma instituição que vise ao bem estar de todos. *A Pedantocracia* tem ainda outros caracteres.

A falta de plano politico em todos os partidos monarchicos, incapazes de apresentarem um principio theorico ou doutrinario com que se destingam entre si, a irresponsabilidade que se arrogam quando exercem o poder, e a obediencia incondicional que exigem pela candidatura official aos representantes da nação que hão de simular as formalidades parlamentares, tudo resulta d'esse conservantismo cauteloso do que na sua estupidez, cegueira ou incapacidade caminha sem saber por onde.

Effectivamente os politicos monarchicos não conhecem a indole transitoria do systema constitucional, e como mediocridades incapazes de comprehenderem scientificamente os phenomenos sociaes, agarram-se ás tendencias conservadoras de de um povo atrazado e perturbado com guerras e invasões, para explorarem como instituição perpetua, estavel e definitiva aquillo que só póde subsistir temporariamente, como uma transacção momentanea entre o passado, que tem o prestigio da tradição, e a consciencia do presente, que reclama a sua liberdade.

No meio do temporal o que governa o navio põe-se á capa, até conhecer melhor o tempo e o rumo em que navega; o conservantismo dos partidos monarchicos é a completa ininteligencia da situação social em que vivem; sustentam o passado porque nada alcançam para diante, e o pouco que avançam é contra vontade e como que arrastados pela propria força das cousas.

Os tres factores sociaes, a Realeza, a Aristocracia e o Povo têm soffrido modificações profundas, segundo a corrente historica e os progressos da civilisação da Europa.

Da Aristocracia, ou do elemento baronial da Edade media destacou-se a instituição da Realeza, unicamente pela substituição da soberania vitalicia em hereditaria e dynastica.

Portanto a Aristocracia foi sendo annullada, e reduzida a uma classe destinada a fazer parada e séquito ostentoso dos reis.

O Povo, que se elevou das classes servas, e se fez valer pelo seu numero e pela actividade industrial, veiu substituir no equilibrio social o logar da Aristocracia annullada pelo egoismo real; por seu turno o Povo fez reconhecer o seu direito nos parlamentos, introduziu o principio da eligibilidade nas magistraturas, e tornou a lei independente da vontade dos reis pela fórma escripta e pela independencia dos poderes legislativo e judicial do poder executivo.

No desenvolvimento constante d'este terceiro factor, a que se chama usualmente *Terceiro Estado,* o Povo assummiu tambem a sua propria soberania, venceu a realeza, como os Paizes Baixos a Philippe II, ou como a Inglaterra processando e executando no cadafalso Carlos I, ou a França extinguindo em Luiz XVI a velha dynastia dos Capetos.

Vê-se no meio de tudo isto uma tremenda lucta; a Realeza alliou-se com o Povo para abater a Aristocracia; mais tarde tentou alentar com privilegios os restos da Aristocracia e servir-se d'ella para supplantar o Povo.

A primeira phase da lucta observa-se especialmente em França e estados occidentaes; a segunda é bem caracteristica em Inglaterra, onde a nobreza conserva a sua primitiva organisação feudal.

A lucta é tenaz e de seculos; e se os Parlamentos fôram a trégua das revoluções communaes, hoje as cartas constitucionaes são a tregua d'esse extraordinario movimento que desde 1789 agita a sociedade moderna, que procura fixar-se em bases de justiça.

Qual o resultado da lucta póde-se bem prevêr, attentas as qualidades dos contendedores; a Aristocracia tende por sua natureza a eleminar-se, por uma fatalidade biologica, como se verifica na aristocracia grega, no patriciado romano, em Veneza, em Inglaterra e em França, sendo substituida por burguezes ricos que se enfeitam com os arminhos, e com os brazões sem significação.

Foi talvez esta a circumstancia que facilitou o triumpho da realeza, quer despotica, absoluta ou cesarista.

Por seu turno a Realeza soffreu a consequencia do seu isolamento, a degeneração das raças dynasticas pela imbecilidade, pelo albinismo, pela loucura hereditaria, abdicando de todos os seus poderes em generaes atrevidos e ministros astutos, contentando-se com as honras apparatosas e com a sensualidade do desperdicio.

N'esta situação os reis colligam-se n'essa famosa Santa Alliança de 1815, para subjugarem os Povos, mas nada conseguem apesar da perfidia dos diplomatas.

Finalmente o Povo desenvolve-se pelo trabalho, pela instrucção, e desdobra-se em duas classes importantes, o Proletariado e a Burguezia, e possuidor unico da riqueza, do talento e da moralidade, compete-lhe o dominio da sociedade, o fazer a lei para si mesmo, isto é, a Republica.

E dizemos com convicção a Republica, porque, segundo a phrase eloquente de Brésson, a Republica não é um partido, é a nação governando-se a si mesmo.

Depois d'esta base historica, deduzida da marcha da civilisação europêa, comprehender-se-ha o alcance d'estas palavras do notavel economista Frederico Bastiat:

«Como todos os publicistas, mesmo os da escóla monarchica, entre outros Chateaubriand, eu creio que a Republica é a fórma natural de um governo normal. Povo, Rei, Aristocracia, são tres potencias que não podem coexistir senão emquanto luctam. Esta lucta tem armisticios que se chamam Cartas. Cada poder estipúla n'estas Cartas uma parte correspondente

ás suas victorias.—A natureza das cousas quer, que durante a lucta e na trégua uma das tres potencias se fortifique e engrandeça. A lucta recomeça, e acaba, pelo estafamento, em uma nova Carta, um pouco mais democratica, e assim por diante, até que o regimen republicano tenha triumphado.»[1]

Em Portugal vêmos a lucta começar em 1820, e logo a trégua de 1822, em uma Carta, atraiçoada pela Realeza que a jurara.

A lucta recomeçou, seguindo-se como nova tregua a Carta de 1826, em que o Absolutismo reservou para si o Poder moderador, para regular segundo o seu arbitrio toda a liberdade dos outros.

Como então já não existia uma aristocracia rica, e o povo estava imbecilisado pelos frades, apenas a burguezia é que manteve a lucta; mas as unicas tréguas que conseguiu foram restaurações da Carta de 1826, como em 1834, 1836, 1839, 1842, e o «actosinho» de 1851, em que todas as liberdades foram torpemente illudidas, quando não abafadas com intervenções armadas.

Toda a politica constitucional ficou reduzida a um estreito e miseravel conservantismo.

Bastiat, figurando essa lucta entre os tres factores sociaes, allude á situação desgraçada como elle degenerou entre nós:

«Para alguns theoricos, o cumulo da arte é regular as attribuições dos tres luctadores, de modo que se embaracem reciprocamente.»

De facto a camara dos pares embaraça a camara dos deputados; os ministros embaraçam as camaras pelas *fornadas* e pela candidatura official; o poder executivo embaraça o poder judicial pela hierarchia do ministerio publico, e o rei embaraça todo o funccionalismo como irresponsavel e sagrado, como usando o *veto* e a moderação, e como fecho da abobada d'esta construcção official. Todos cumprem o seu dever embaraçando-se reciprocamente; e é por isso que em Portugal estamos ha cincoenta annos pisando o mesmo terreno.

Eis aqui está o que é o conservantismo. Poderemos ficar assim indefinidamente? Servimo-nos outra vez das palavras de Bastiat: «Então a lucta recomeça, recomeça a trégua e o reinado das Cartas, para se chegar de novo á Republica.» Aquelle espirito deduzia esta marcha da observação de uma sociedade

---

[1] Obr., t. v, p. 409.

viva, e só póde deixar de applicar-se a nós se é que já estamos empalhados.

O systema monarchico parlamentar nascido da conciliação absurda entre as doutrinas theologicas do direito divino com as phantasmagorias metaphysicas do revolucionarismo, não proveiu de convicções, mas de interesses. É por isso que na sua parte doutrinaria apresenta principios com verdades fragmentarias, contradictadas por outros principios vergonhosamente inconsequentes, para assim manter as prerogativas tradicionaes de um poder sem vitalidade. Segundo a tradição theocratica o poder vem de Deus, e por isso aquelle que recebeu esse mandato é absoluto, sem relação de dependencia ou de responsabilidade para com os que estão sob o arbitrio da sua auctoridade; tal é a significação da formula *rei por graça de Deus*. Chegou-se porém a um tempo, em que o espirito critico pelas heresias, e o espirito scientifico pelas grandes descobertas e elevação da consciencia individual, determinaram a dissolução das bases em que se fundava a sociedade catholico-feudal, e portanto novos pontos de vista sobre a origem da soberania se contrapozeram ao velho perstigio da realeza. É facto que ainda se não tinha descoberto nas sociedades humanas a continuação da immutabilidade das leis naturaes, e ainda se julgava que as sociedades estavam sob a dependencia da intervenção da vontade individual para progredirem ou retrocederem; portanto para oppôr á vontade dos reis, os metaphysicos revolucionarios criaram uma entidade ficticia, a *soberania popular*, confundindo os movimentos inconsiderados e bruscos de uma classe atrazada com o facto positivo e scientifico d'onde deriva todo o poder effectivo, a vontade nacional. Uma nacionalidade é um aggregado que tende a tornar-se consciente, pelo conhecimento da sua tradição, da sua solidariedade historica, e é por isso que o governo derivado immediatamente da vontade nacional, isto é, a nação governando-se a si mesmo, só se manifesta como uma condição do seu progresso, como um symptoma fecundo da sua civilisação. Os metaphysicos revolucionarios excitaram as paixões populares para se apoderarem d'essa soberania ficticia, e em vez de criarem a base racional para a transformação das instituições, propagando doutrinas claras, formando opinião, deixaram-se arrastar por um sentimentalismo humanitario, fizeram-se tribunos, e entraram inevitavelmente no regimen do terror. As duas soberanias acharam-se incompativeis, e ao terror vermelho da soberania do povo, a soberania do direito divino oppoz o *terror branco*. N'esta situação extrema coube aos ideologos do principio d'este seculo o operar a conciliação

absurda dos dois principios politicos, jungir a tradição theologica com a entidade metaphysica. Napoleão, que procurava fazer retroceder a Europa não ao direito divino, mas ao canibalismo do periodo da actividade militar, que era ainda peior, detestava profundamente os ideologos, por causa d'esta conciliação, d'onde se originaram as Cartas constitucionaes, verdadeiras tréguas para o absolutismo vencido. Os reis do direito divino, receiando o effeito das doutrinas metaphysicas do revolucionarismo, foram os primeiros a acceitarem ou a concederem Cartas; na época brilhante do seu absolutismo devastavam a Europa com guerras tremendas, a pretexto da desgraçada ficção do *equilibrio europeu,* que elles procuravam manter annexando, conquistando, ou saqueando os estados visinhos; na época da metaphysica revolucionaria abraçaram-se a outra ficção — *a ponderação dos poderes,* reservando para si esse papel como freio moderador da soberania popular. A pobre humanidade durante centenares de seculos victima de falsos perstigios de illusões, facilmente se deixou embair por essa ultima ficção constitucional. Mas para estabelecer esta ponderação entre os varios poderes do estado, era preciso estar acima d'elles, isto é, ser irresponsavel e sagrado; foi assim que a realeza conservou o seu velho perstigio do direito divino, e do privilegio dynastico, contradictando na sua essencia a base organica das conquistas sociaes modernas, a egualdade perante a lei, e o principio da elegibilidade como fonte de todos os poderes. As bases sociaes modernas foram reconhecidas nas Cartas, máo grado todas as argucias dos ideologos, porque essas garantias estavam já nos costumes, condição para que as novas instituições se tornem permanentes. A primeira garantia é — a *egualdade perante a lei;* foi obra dos jurisconsultos da Edade media até ao fim da Renascença, que pela codificação dos costumes locaes, e pela vigorisação do direito romano libertaram a sociedade dos caprichos da vontade dos barões feudaes. A creação de leis escriptas, definidas, allegaveis, estabeleceu uma certa impersonalidade da auctoridade, e á medida que essa lei se foi tornando mais clara, mais justa, foi estendendo a sua força obrigatoria, e assim se achou creada a egualdade civil. O principio da eligibilidade, ou o suffragio, o que é senão um corollario da garantia anterior, ou a *egualdade na formação da lei?* É esta a grande conquista da liberdade politica, encetada pelos philosophos e litteratos do seculo XVIII, que prepararam a realisação d'essa garantia pelo exame comparativo das instituições de diversos povos. A egualdade na formação da lei caminha para o seu maximo desenvolvimento pelo suffragio

universal. É hoje impossivel ao maior poder da terra extinguir ou atacar de frente estas duas bases da ordem social moderna. A *egualdade perante a lei* (responsabilidade) e á *egualdade na formação da lei* (suffragio) segue-se como consequencia logica e inevitavel a *egualdade na execução da lei,* (ou a soberania electiva e temporaria) que é o que pretende a democracia. Assim como se alcançaram essas duas bases conscientes da ordem, tambem se ha de chegar a tirar a consequencia final n'ellas implicita. É mais facil o advento do facto natural do que a conservação e a persistencia do absurdo. Um poder fóra da lei pela irresponsabilidade, pelo privilegio da hereditariedade é uma perturbação, uma inconsequencia, que só póde subsistir á custa de uma systematica perversão moral.

Disse um iniciador da mentalidade moderna, Bacon, ao lançar sobre os factos politicos a luz do seu extraordinario criterio: «Em toda e qualquer sociedade, é a *força* ou é a *lei* que domina. Umas vezes a força acoberta-se com a lei, outras vezes a lei apoia-se na força. D'aqui derivam tres causas de injustiça: a violencia ás claras, a arbitrariedade á sombra da lei e a injustiça proveniente do rigor da lei.»

É isto o que se observa nas sociedades cujo governo não saiu ainda d'uma organisação empirica, porque entre a força e a lei não existe senão a antinomia que resulta da falsa comprehensão d'estes dois factores sociaes. Assim como só depois de eliminadas as noções metaphysicas de materia e força, que entre si se repugnavam como duas entidades ontologicas inconciliaveis, é que se chegou a uma comprehensão positiva dos phenomenos physicos, assim tambem na ordem moral e social essa incompatibilidade entre a força e a lei é uma prova do estado de irracionalidades das noções politicas. Na marcha das sociedades nota-se que a realisação do progresso não é mais do que o encontro dos meios de coordenação entre a *força* e a *lei;* e se nas sociedades primitivas a vida collectiva está sob a dependencia de uma exclusiva vontade individual, é tambem por successivos abalos que d'esse poder abusivo se vão destacando parcellas de auctoridade, que sob a fórma de uma vontade impessoal vão constituindo a lei definitiva. É n'esta lucta das sociedades para se subtrahirem á intervenção de uma vontade discricionaria, que se estabeleceu o conflicto tradicional entre a força e a lei, como se observa n'esse esforço admiravel dos jurisconsultos da Edade media, que foram fazendo prevalecer sobre a prepotencia dos barões feudaes a auctoridade impessoal da lei escripta, sobre que se fundaram os direitos e a ordem das sociedades modernas.

Passado porém este periodo de lucta, em que a guarda da lei ficou a cargo de um elemento perturbador pelo vicio do personalismo, a Realeza, que se serviu da magestade da lei para acobertar o abuso da força, ha de ser eliminada pela razão, de que a lei tornando-se a expressão da vontade de todos manifestada pelo suffragio, a força é uma sancção da consciencia, a confirmação de uma acquiescencia anterior, uma garantia de unanimidade, e não o espectaculo de uma repressão brutal, como ainda se vê nos governos empiricos.

É este o fim ultimo da Democracia.

Bacon derivava d'esse antagonismo entre a força e a lei, tres causas de injustiça. Effectivamente, o que é o despotismo nas sociedades atrasadas, como os imperios do oriente ou o autocratismo da Russia, senão a força supprindo completamente a lei? Se no passado esta situação das sociedades foi uma fatalidade historica, de que nos libertámos por sacrificios extraordinarios, no estado presente é uma affronta á dignidade humana, e só poderá manter-se pela degradação da especie.

Ninguem ha por mais auctoritario que justifique o despotismo; mas, peior do que o despotismo, existe uma outra fonte de injustiças, que Bacon cacterisa na força que se exerce á sombra da lei.

D'este caso temos duas manifestações desgraçadas, de que a humanidade tem sido victima, e são o Cesarismo e o Constitucionalismo propriamente chamado—hypocrisia liberal.

Nas épocas de transição social, quando as crenças ou as opiniões procuram uma orientação nova, e as instituições tendem a remodelar-se sobre outras bases, n'esse estado de vacilação é facil surgir um individuo que em nome da conservação da ordem, ou da immutabilidade da lei, impõe a sua vontade empregando o regimen da força.

Assim fez Cesar na sociedade romana que se transformava, fundando a ordem imperial ou da força á sombra da lei; assim fez Napoleão I, no fim da éra revolucionaria, e Napoleão III, sobre a incoherencia sentimental da Republica de 1848. O Cesarismo é esta intervenção da força á sombra da lei, cujo unico valor consiste na habilidade com que se aproveita do momento opportuno; o Constitucionalismo é uma transacção da impotencia, que sob a hypocrisia liberal exerce a força de um modo irresponsavel mascarando-a com o cumprimento do rigor da lei. A infinita hierarchia do funccionalismo por onde se exerce a força do poder central, perverte a lei com applicações arbitrarias sem que se encontre a quem tomar a re-

sponsabilidade; a sociedade acha-se por fim envolvida em uma rêde de regulamentos, como a mosca que a aranha prende na têa para sugar á vontade.

Chegámos á época em que pelo principio fundamental do suffragio é a sociedade que faz a lei para si; a Democracia não é mais do que a força d'essa lei residindo na nação, a quem compete exercel-a logicamente pela Republica.

Assim acabará essa eterna antinomia dos governos, estabelecendo-se a harmonia entre a força e a lei, condição da sua efficacia, da mesma fórma que a ordem e o progresso só são realisaveis pela sua mutua dependencia. É por isso que a Democracia significa o periodo da racionalidade nos phenomenos sociaes.

Do longo exame da continuidade historica deduz-se qual a tendencia das sociedades modernas para attingirem um estado definitivo. É a necessidade e a possibilidade d'esta deducção que provocam a creação de uma sciencia fundamental, a *Sociologia,* destinada a activar o advento a esse estado. A Historia sob o mais amplo ponto de vista de conjuncto apresenta tres periodos distinctos, segundo os modos empiricos como se tem realisado o progresso humano:

1.° *Antiguidade*, em que se fórma a noção de Estado preponderando de um modo exclusivo sobre a collectividade, e persistindo através de todas as transformações sociaes já como governo, auctoridade e lei. É na antiguidade oriental sobretudo, que se observa o typo absoluto do Estado; na antiguidade occidental ou greco-romana o dogma do estado é discutido por conflictos individuaes.

2.° *Edade media,* em que se fórma a noção do Individualismo, manifestando-se de um modo indisciplinado na guerra privada, na dissolução do poder espiritual pelas heresias, no ataque contra os privilegios de classe pelas povoações industriaes, na liga dos fracos pelas irmandades e jurandas.

3.° *Revolução franceza,* em que o conservantismo do Estado e a autonomia individual se acham em um conflicto decisivo de incompatibilidade entre a Ordem e o Progresso, entre a Auctoridade e a Liberdade.

Conhecidos estes tres termos da progressão humana, n'elles está implicito o quarto termo que se deduz com um grande rigor logico:

4.° *Europa moderna;* compete-nos conhecer qual o limite da intervenção do Estado na actividade social, e quaes as fórmas de cooperação de todas as energias individuaes para um fim commum. Um tal conhecimento leva-nos á compre-

hensão de que a Ordem sendo a condição de todo o Progresso é ao mesmo tempo uma consequencia immediata d'elle. Assim se extingue essa antinomia primitiva estabelecendo o accordo entre estes dois elementos imprescindiveis do desenvolvimento social.

Estes termos da progressão humana especialisam-se ou definem-se melhor observando as fórmas do governo na sua successão historica:

1.° *Theocracia,* governo sacerdotal, de uma casta isolada, confundindo todos os poderes, o temporal e o espiritual, e reagindo severamente contra qualquer perturbação da estabilidade. O canonismo dogmatico torna a Ordem hostil a todo e qualquer progresso.

2.° *Aristocracia,* governo militar prevalecendo o poder temporal sobre o espiritual. Domina ainda uma casta isolada, uma classe, que se transfórma em realeza electiva ou hereditaria, em dictatorial ou imperial. A Ordem confunde-se com a obediencia passiva ao mando.

3.° *Democracia,* governo segundo a vontade do maior numero, no qual a classe activa e productora da sociedade delega a auctoridade ao mais competente pela eleição. A Ordem funda-se no accordo das vontades individuaes. Esta fórma de governo acha-se ainda viciada pelas paixões da lucta secular travada contra o empirismo dos governos tradicionaes; é por isso que sendo profundamente justa, manifestou-se sempre como indisciplinada e anarchica.

Visando ao interesse do maior numero, e baseando os direitos individuaes sobre a somma dos deveres prestados á sociedade, a *Democracia* é a forma de governo destinada a operar as grandes reformas sociaes segundo as novas concepções ácerca do mundo physico e do mundo moral. Este seu fim indica a sua natureza provisoria. Conhecidos todos os elementos ou factores sociaes, que se têm revelado na marcha historica da Humanidade em um concurso successivo, importa estabelecer o accordo entre elles, accelerando o progresso da sociedade pelo seu concurso simultaneo.

Sendo n'esses tres termos da progressão das fórmas do governo, a theocracia, a aristocracia e a democracia systemas de auctoridade segundo o exclusivismo de uma classe preponderante sobre a collectividade social, o quarto termo d'essa progressão será aquelle governo que resulte da synthese consciente d'essas differenças individuaes. A auctoridade não se derivará do numero, ou da *maioria,* mas será a expressão moral da solidariedade. A este quarto termo, chamou Augusto Comte

a *Sociocracia*. É esta a previsão fundamental da Sociologia, tal como se deduz da continuidade historica. A primeira organisação social completa proveiu da conformidade dos crédulos com os principios proclamados por uma classe dirigente em nome de uma entidade ficticia ou as divindades da época da *Theocracia*. O pleno accordo dos sentimentos com as vontades, embora realisado por falsas noções subjectivas do sacerdocio, produziu essas elevadas Civilisações da Chaldêa e do Egypto, da Media e da Assyria e ainda da Judeia, em que se observa o poder disciplinador da *Theocracia*. Desde que o objecto d'esse accordo social era ficticio, todos os progressos realisados pela sociedade, quer nas artes quer pela critica, tendiam a dissolver o poder moral das theologias e a provocar a ruina da Theocracia. As transformações sociaes que produziram a organisação da Realeza patriarchal e o predominio da Aristocracia foram uma revolução que durou seculos demolindo as construcções da Theocracia. O estabelecimento das Republicas democraticas como na Grecia, e a fundação de um poder temporal em uma lei consuetudinaria escripta e interpretada pela equidade como em Roma, foram outra prolongada revolução, que afastava as sociedades humanas das suas bases primitivas, n'essa agitação de quem procura um novo equilibrio. Só depois da separação do poder temporal do espiritual, é que a razão póde conhecer a necessidade de ratificar as noções subjectivas pelas observações objectivas, e em vez de uma entidade ficticia procurou uma base real para assentar o desenvolvimento e reorganisação das sociedades humanas. Essa base é a nossa propria natureza; e por isso ao governo em nome de um Deus da antiga *Theocracia*, contrapõe o governo deduzido da nossa constituição physica e moral, do nosso meio cosmico e da nossa mutua solidariedade, ou propriamente a *Sociocracia*. O desenvolvimento do criterio objectivo na formação das Sciencias foi tambem revolucionario, negativista, livrepensador, em relação á immobilidade theocratica. A transição de um accordo para outro accordo, da organisação ficticia da *Theocracia* para a organisação real da *Sociocracia*, operou-se em continuas revoluções no percurso de trinta seculos; essas agitações cessam desde que é conhecido o extremo a que tendemos. Acabam as soluções transitorias diante da comprehensão de um estado normal da humanidade. Como activar o seu advento e estabelecimento definitivo?

CAPITULO IV

THEORIA DO CONCURSO SIMULTANEO

(Coordenação dos Factores sociaes)

A evolução psychologica do individuo repete-se na dynamica social no accordo progressivo entre a subjectividade e a objectividade: I *A Synthese activa,* comprehende na sua fórma empirica a actividade militar offensiva e defensiva, o trabalho do escravo e o trafico ou commercio sem concorrencia. A evolução militar define-se pelo desenvolvimento material das armas e abandono completo do sêr moral.—Na successão do periodo industrial repete-se o mesmo facto no aperfeiçoamento das machinas e decadencia moral e physica do operario. Necessidade de restabelecer os principios da Moral positiva.—II *A Synthese affectiva:* A submissão dos fortes aos fracos pela protecção.—A veneração dos fracos pelos fortes explica-nos as fórmas da sociedade antiga.—Como as religiões fizeram o accordo entre a vida domestica e a vida publica.—Fim das religiões como fórma de uma mentalidade atrazada. Systematisação da Moral positiva.—Destino da Arte, partindo das emoções estheticas como estimulo das especulações mentaes.—III *A Synthese especulativa,* apparece-nos primeiramente formada de um modo empirico, preponderando as noções subjectivas *(Theologias, Metaphysicas)*—Estabelecimento de uma disciplina mental pela organisação do criterio objectivo *(Sciencias).*—Ratificação do criterio subjectivo (Philosophia).—O Positivismo é esta recomposição do criterio humano da synthese especulativa; a sua missão social.

Por mais completa que seja a descripção dos factores que cooperam no desenvolvimento das sociedades humanas, a sua continuidade na historia e a sua convergencia simultanea no presente só podem ser comprehendidas como manifestações do nosso sêr psychologico, procurando satisfazer necessidades, subordinar os seus sentimentos, ou dar unanimidade ás suas ideias. O homem é em tudo o elemento organico e fundamental das sociedades, as quaes em suas fórmas e modificações não são mais do que a estampa ou a resultante do seu individualismo progressivo. Os pensadores antigos comprehenderam este ponto de partida das contemplações mentaes; dizia Socrates: *Gnoti te auton,* conhece-te a ti mesmo, e foi pela especulação psychologica que se elevaram á investigação das leis geraes do universo. Menandro, obedecendo á direcção das doutrinas de Aristoteles, e como eminente observador dramatico, ampliou o criterio psychologico, dizendo *Gnoti ton*

allou, conhece os outros, conduzindo assim para o estudo psychologico no campo social. A Historia deu-nos o ponto de vista de conjuncto sobre a successão das fórmas do nosso sêr psychologico; as sociedades e as civilisações variaram, melhoraram-se por que o homem se desenvolveu gradativamente. Por isso a concepção de Menandro uma vez realisada conduz-nos a uma comprehensão clara das instituições e á previsão das suas fórmas futuras. Sob o imperio das necessidades o homem exerce uma cooperação activa, o emprego exclusivo de uma vontade irreflectida no conflicto pela existencia. O accordo mutuo para a convergencia de forças na lucta contra as fatalidades da natureza, como as grandes migrações, ou contra outros povos pelas guerras de devastação e de raça, tal foi o primeiro passo para a unificação social, compativel com um sêr moral atrazado; Augusto Comte deu a essa unificação social espontanea uma designação tirada do nosso centro volitivo, a *Synthese activa.* O longo periodo historico em que prevaleceu esta synthese, que subsistia pela apathia mental das multidões, pela ambição dos chefes temporaes e pelas necessidades crescentes da civilisação, fez com que ella se transformasse conforme a elevação dos motivos que determinavam as vontades. Comte viu claramente essa successão: «Estes tres modos consecutivos da actividade, a *conquista,* a *defeza* e o *trabalho,* correspondem exactamente aos tres estados successivos da intelligencia, a ficção, a abstracção e a demonstração. D'esta correlação fundamental resulta immediatamente a explicação das tres edades naturaes da Humanidade. A sua longa infancia, que abrange toda a antiguidade, devia ser essencialmente theologica e militar; a sua adolescencia na Edade media, foi metaphysica e feudal; emfim a sua maturidade, apenas apreciavel de alguns seculos para cá é necessariamente positiva e industrial.»[1] As grandes civilisações historicas, como a Assyria, Babylonia, o Egypto, a Persia, a Media, a Grecia alexandrina, Roma e as monarchias germanicas foram exclusivamente militares; umas foram essencialmente conquistadoras, outras defensivas, não conheceram a actividade industrial fóra da escravidão, e não podendo elevar-se ao regimem definitivo da dignidade do trabalho, extinguiram-se apesar do seu immenso vigor.

Garantida a sociedade por esses meios provisorios, posto que prolongados, a estabilidade quer da familia, da tribu ou do territorio patrio fez crear um exclusivismo de sentimentos

[1] *Politique positive,* t. III, p. 63.

sympathicos, que foi o primeiro rudimento de subordinação altruista. Comte chama a esta nova phase social a *Synthese affectiva;* n'ella preponderam as emoções religiosas systematisadas em um culto domestico, ou nacional, e as dedicações moraes conhecidas na antiguidade como virtudes civicas. Fustel de Coulanges viu com clareza a importancia d'esta synthese, dando assim uma comprovação historica á philosophia positiva: «Vêde as instituições dos antigos sem pensar nas suas crenças, achal-as-heis obscuras, extravagantes e inexplicaveis. Porque é que patricios e plebeus, patronos e clientes, eupatridas e thétes, conservam entre si differenças ingenitas e inextinguiveis de classe? Que significam estas instituições lacedemonicas que nos parecem tão contrarias á natureza? Como explicar os absurdos iniquos do antigo direito privado: em Coryntho, em Thebas, a prohibição de vender a sua terra; em Athenas, em Roma, a desegualdade da successão entre o irmão e a irmã?—Porém ao lado d'estas instituições e d'estas leis collocae as crenças; os factos tornam-se immediatamente mais claros, e a explicação vem por si mesma.—A comparação d'estas leis e d'estas crenças mostra que uma religião primitiva constituiu a familia grega e romana, estabeleceu o casamento e a auctoridade paternal, fixou os gráos de parentesco, consagrou o direito de propriedade e o direito de herança. Esta mesma religião, depois de ter alargado a familia formou uma associação maior, a cidade, e n'ella dominou como na familia. D'ella provieram todas as instituições como todo o direito privado dos antigos.»[1] Na estabilidade social, ou ordem empirica, desenvolveram se as capacidades mentaes e começou a actividade especulativa; esse criticismo provocou contra os vicios da organisação temporal as revoluções, e contra a immobilidade dos dogmas religiosos as heresias. As luctas politicas e religiosas foram symptoma da manifestação da nova *Synthese especulativa,* que procura realisar a unidade social pela unanimidade das convicções. Fustel de Coulange comprova pela erudição a vista philosophica de Comte: «Com o tempo estas velhas crenças modificaram-se ou apagaram se; o direito privado e as instituições politicas modificaram-se com ellas. Então prorompeu a serie de revoluções, e as transformações sociaes seguiram regularmente as transformações da intelligencia.» Desde que o homem pôde livremente exercer a sua intelligencia pela cooperação das ideias adquiridas, pôde então reagir contra o automatismo do costume, modificar a prolongação

[1] *La Cité antique,* p. 3 e 4.

extemporanea de um passado que o envolvia, aperfeiçoar os sentimentos pondo-os de accordo com as ideias, e entrar n'essa corrente de progressão vertiginosa, que separa as civilisações da pedra e do bronze das altas civilisações chaldaica e egypcia. A *Synthese especulativa,* resultante do desenvolvimento da nossa capacidade racional, hade ser o regimen definitivo das sociedades, desde que estabelecido o poder temporal da Industria, se siga como consequencia necessaria a realisação do poder espiritual pela Sciencia. Desde as altas civilisações que o homem exerce as suas faculdades intellectuaes em creações assombrosas da industria, da arte, das litteraturas e da philosophia; porque é pois que a *Synthese especulativa* não póde ainda tornar-se effectiva na humanidade? É porque as concepções mentaes para serem completamente verdadeiras, dependem de uma justa relação entre a subjectividade, ou elaboração da ideia, com a objectividade, ou os dados da realidade do mundo exterior. A alternancia, a incongruencia, e aproximação gradativa d'estes dois elementos da synthese especulativa constituem a propria marcha da civilisação humana. A queda successiva dos systemas religiosos, das theologias e das metaphysicas, que desvairavam o pensamento humano, e por outro lado o desenvolvimento crescente e solidario das noções scientificas da mathematica, da astronomia, da physica, da chimica, da biologia e da sociologia, que outra cousa são, senão a consequente diminuição da influencia subjectiva e crescimento da influencia objectiva.[1] A philosophia que coordenar entre si estes dois elementos essenciaes da nossa intellectualidade, fará com que o regimen definitivo da humanidade se estabeleça pela *Synthese especulativa.* A sciencia social, apoiando-se sobre o conhecimento positivo do nosso sêr psychologico, tratará de aproveitar em concurso simultaneo todos esses estimulos do homem: convertendo as actividades destructivas ou militares, em productivas ou industriaes; fazendo do trabalho o primeiro dos deveres; e reconhecendo a intelligencia como a maior das forças. Assim esses tres factores da dynamica social se tornam verdadeiramente solidarios, augmentando entre si a mutua intensidade.

---

[1] Isto mesmo dizia Condorcet: «Todos os erros em Politica e em Moral têm por base erros philosophicos, que por si mesmo estão ligados a erros physicos.» Aqui os erros physicos são os incompletos dados objectivos, os erros philosophicos são as consequencias de um exagerado subjectivismo, e os erros em Politica e em Moral são os absurdos conservados nas instituições e nos costumes sociaes.

Pela *Synthese activa,* chega-se á conclusão de que o homem produz mais do que consomme; d'aqui as condições para exercer livremente as suas capacidades mentaes, que reagem na simplificação da pratica pela theoria.

Pela *Synthese affectiva,* verifica-se que o homem multiplica a sua força e a sua intellectualidade pela associação; d'aqui o reconhecimento da sua dependencia da collectividade social, e o estabelecimento voluntario da ordem.

Pela *Synthese especulativa,* verifica-se que todos os progressos humanos provieram das ideias, ao passo que as sociedades dirigidas exclusivamente pela religião ou pela moral ficaram estacionarias.

Schiller, nas suas *Cartas sobre a Educação esthetica,* (n.° XXIV) reconheceu estes tres differentes gráos do desenvolvimento humano, quer no individuo, quer na especie inteira; a importancia da sua concepção está sobretudo em ter comprehendido a sua simultaneidade: «Sem dúvida ás circumstancias fortuitas que consistem, quer na influencia dos objectos exteriores ou no livre arbitrio do homem, podem umas vezes alongar outras encurtar cada um d'estes periodos, mas *nenhum póde ser completamente omittido,* e nem a natureza nem a vontade saberiam inverter a ordem na qual elles se succedem. O homem no seu *estado physico* obedece ao dominio da natureza; liberta-se d'esta subserviencia no *estado esthetico,* e submette-a no *estado moral.*» Pelo seu lado Cabanis explicando de um modo scientifico as relações da vida moral com o mundo physico, tambem reconheceu essa simultaneidade, determinando a influencia da actividade sobre os habitos de razão e de probidade, isto é sobre a intelligencia e sobre as determinações moraes do homem. Por qualquer lado que se estude a concepção fundamental de Comte, está sempre acompanhada de antecedentes doutrinarios que lhe tiram o vicio da personalidade e lhe dão a importancia de systematisação racional dos elementos accumulados n'este periodo, o mais elevado da civilisação humana.

I

Emquanto a sociedade estava embryonaria no typo de familia, a religião era o vinculo de unificação, acompanhando todos os actos collectivos, como os ritos funerarios pelos antepassados, as cerimonias do casamento, a consagração da

propriedade, a propiciação para as sementeiras e colheitas. Como a familia se alargou quer na tribu genealogica, quer na tribu local, chegando-se á fórma associativa de Cidade, a religião domestica acompanhou sempre todos os actos civis pelo automatismo da imitação e pelo perstigio da tradição, porém perdeu a força da unificação social. Os elementos extranhos agrupados em sociedade conservaram as suas differenças religiosas; havia a religião domestica e a religião da cidade, uma tinha por templo o lar, onde existiam os deuses intimos *mykioi* ou *penates,* a outra representava o lar commum a toda a cidade, o *prytaneo,* e a pyra vestal *estia,* e a fórma cultual dos banquetes publicos. Era impossivel confundirem-se as religiões familistas, como se vê pela lucta constante que o patriciado romano empregou para não communicar com a plebe o *jus sacrorum.* A unificação dos elementos diversos das sociedades elevadas corresponde a uma substituição da auctoridade religiosa por um chefe militar que se impoz pela força, como Mena no Egypto. O encontro de povos, as luctas constantes das raças nomadas contra as raças sedentarias, a subordinação e incorporação dos vencidos, tornavam indispensavel a disciplina para a guerra e a submissão incondicional a um chefe militar. A *Synthese activa* é esta integração social, que começa pela força da guerra, que depois se organisa em systema de defeza, que com o tempo se substitue por pactos voluntarios, por uma transação entre o costume e o direito, e que por fim é fixa em uma condição subalterna em relação á actividade pacifica do trabalho industrial. O que se observa nas sociedades primitivas repete-se nas altas civilisações, quando os movimentos derivam do mesmo impulso natural; ao terminar a Edade media a unificação politica dos estados europeus fez-se pela força dos chefes guerreiros, como Luiz XI em França, Fernando o Catholico em Hespanha, ou Henrique VII em Inglaterra. O genio politico de Macchiavelli, como notou Gervinus, comprehendeu a opportunidade d'esta fórma da synthese activa quando disse: «para fundar um novo estado de cousas sobre as ruinas das fórmas de governo mortas da Edade media, tornara-se uma necessidade e mesmo um beneficio *a auctoridade illimitada de um só homem,* suppondo comtudo a sua existencia puramente temporaria; ella é assim uma preparação para o imperio da lei, uma escola da liberdade.» D'este principio natural, que fez da força a primeira base da synthese activa das sociedades antigas, resultam interpretações erradas e capciosas, primeiramente de antagonismo perpetuo entre a força e a lei, (Bacon)

e depois d'essa falsa comprehensão da actividade militar considerada como perpetua e ligada á organisação intima da sociedade, como queria Hobbes. Todos os politicos empiricos, sem conhecerem o caracter transitorio da actividade militar, longe de contribuirem para a sua eliminação desenvolvem-na como meio de imposição dos seus absurdos, ou de satisfação das suas paixões egoistas. O Cesarismo é esta intervenção da força para decidir no conflicto de direitos levantado na transição de uma época; ainda no seculo XIX, Moltke considera a guerra como um beneficio da providencia em uma carta ao publicista Bluntschli, e Bismarck dizia ante o parlamento prussiano *La force prime le droit*. D'esta affrontosa irracionalidade politica tem provindo todos os desastres sociaes que mancham a civilisação occidental, afastando-a do seu destino pacifico. Partiu-se sempre do ponto de vista subjectivo, de que a guerra é uma manifestação do nosso instincto de ferocidade animal, quando a realidade é que os instinctos sympathicos preponderam em todos os animaes vertebrados. Observadores auctorisados, que se acharam em sangrentas batalhas, como o coronel Ardant du Picq, confessam que o terror e a fuga são os extremos entre que oscillam todos os que entram em acção.

O estudo da guerra e do desenvolvimento da força militar só nos interessa cómo uma fórma da *Synthese activa*, porque deu origem ás fórmas sociaes da aristocracia, que vamos achar impondo-se pelo direito no parlamento (pariato) e ás fórmas sociaes da escravidão, da servidão, da clientella e do comitatus, que vamos encontrar fortalecidas com o direito de representação (a segunda camara, ou dos communs,) mantendo a sua egualdade politica. Por se desconhecer este caracter provisorio da actividade militar, é que os chefes interessados conseguiram conservar os exercitos permanentes, e com elles a força mascarando-se sob o aspecto da lei. O caracter da guerra, *offensiva* e *defensiva*, define os dois typos sociaes primitivos, o nomada e o sedentario. A sociedade nomada, para resistir precisa de uma cohesão que só lhe póde dar uma forte disciplina mantida pela auctoridade absoluta de um chefe; sem os recursos da exploração de um solo, subsiste pela rapina e pela pilhagem contra as populações ricas das planicies. A fórma dos seus ataques é pelo assalto em massa, como a tribu dos Hik-sos contra o Egypto, ou em surprezas e emboscadas, como as tribus dos beduinos e ainda hoje dos arabes.[1] Quando essas po-

[1] General Daumas, *Mœurs et coutumes de l'Algerie, surprise nocturne et exterminative d'un campement.*

voações vencem, o que não podem levar destroem, e os vencidos são exterminados. Esta fórma da guerra offensiva é a unica fórma da synthese activa a que chegaram as raças nomadas, e entre as raças amarellas foi o unico movel de cohesão com que constituiram o terrivel imperio de Tamerlan e Gengiskan, e o poder de Attila, devastando a Europa. Basta um facto d'esta importancia, para revelar como a *guerra defensiva* se tornou peculiar das povoações sedentarias, e como a classe que as garantia pela força da sua lança *(aristos)* ou pela presteza do seu cavallo *(equites)* ficou privilegiada e dominante por causa do merito pessoal. Conforme os accidentes d'esta necessidade da guerra defensiva, assim a actividade militar se conservou de um modo mais ou menos exclusivo; a historia apresenta-nos sociedades unificadas politicamente na fórma militar, como Sparta, ou transitando para uma actividade semi-militar e industrial, como Carthago, ou conservando fórmas militares desconnexas intercaladas na sua constituição civil, como as *classes* em Roma, as assembléas *in procinctu,* e ainda o combate judiciario na Edade media. A situação dos estados da Grecia leva uns para a actividade pacifica da industria, como a Attica, outros ficam estacionarios na actividade guerreira como os do norte, especialmente o Epiro e a Macedonia. Roma com instituições civis muito completas, pela sua situação occidental e em maior contacto com os povos barbaros da Gallia, da Hispania, da Britania e da Germania, e com a pressão invasora de Carthago, esgota a sua actividade nas grandes guerras defensivas, que a não deixaram crear recursos industriaes, vindo a succumbir depois de completa a conquista do mundo, pela lucta dos interesses economicos provocados pelas exações da fiscalidade. Ao passo que o regimen da guerra defensiva, pelos seus triumphos tinha de regular a situação social dos povos conquistados, a escravidão tinha de ser tambem garantida e de transformar-se sob a urgencia das necessidades da industria agricola ou fabril. A guerra torna-se uma profissão da classe aristocratica, e o trabalho uma condição das populações subjugadas. Diz Comte: «Ainda que a necessidade primitiva da civilisação militar fôsse então pouco sentida, a irrevocavel preponderancia da vida industrial era já concebida dignamente. N'este sentido, Hume deve ser considerado como o fundador da lei da evolução do poder temporal, judiciosamente esclarecida depois por M. Dunoyer sob a luminosa impulsão resultante da Revolução franceza.»[1] As luctas da Theo-

[1] *Politique positive*, t. III, pag. 62.

cracia com a Aristocracia, e a incorporação do poder espiritual no temporal, provam-nos que effectivamente o estado militar resultou d'esta primeira fórma da synthese activa. Em Sparta os reis eram os pontifices dos sacrificios publicos, e o seu poder provinha do commando do exercito; a população de oito a dez mil individuos subordinada militarmente, dominava na Laconia e em Messenia trinta mil escravos ou *helotas,* (segundo Dunker, prisioneiros) e veiu a exercer o seu dominio sobre todo o Peloponeso. As reformas de Lycurgo consistiram na unificação dos interesses dynasticos das duas casas de Agis e de Euripon, submettendo-lhes os homens livres, *(periœcianos)* e acabando com as distincções entre ricos e pobres, submettendo toda a população á divisão em tres classes: os hylleanos, os dymanos e os pamphyleanos; estas classes eram representadas por gerontes, que formavam um conselho real ou gerusia, e só elles é que podiam fallar na assemblêa. A acção repressiva da auctoridade tornou-se uma necessidade instante, e a par d'estes dois poderes, o pessoal do rei e o collectivo da gerusia, formou-se o *Ephorato,* que veiu com a sua auctoridade policial a impôr-se e a substituir a propria realeza. As revoltas provocadas pelas populações de Peloponeso fizeram com que o regimen arbitrario do Ephorato se convertesse em auctoridade definitiva. Tal foi a reforma de Cheilon; o caracter religioso dos reis desappareceu totalmente nos Ephoros, que ficaram governando sobre o corpo dos cavalleiros, com a administração exclusiva do thezouro, com o governo do exercito, e com veto contra toda a deliberação publica. Todos eram eguaes perante este absolutismo da força; para conservar a confraternidade militar todos os spartanos usavam roupa de lã não tingida, e as suas casas não podiam ser construidas com outros instrumentos a não ser o machado para fazer os tectos e a serra para as portas, o territorio era guardado por guardas avançadas, e a emigração punida como crime de morte. D'este systema militar resultava a necessidade de adaptar á sua violencia a natureza pela educação. A criança ao nascer era julgada pelo *obe* se deveria ou não viver segundo viria ou não a dar um bom guerreiro; dos sete annos em diante ficava pertencendo ao estado, que lhe regulamentava a roupa e a comida para a acostumar á intemperie e ás privações, sendo flagellado annualmente diante do altar de Arthemis Orthia, onde davam prova de insensibilidade. A gymnastica tornava-se a base da educação como cultura exclusiva da força; aos vinte annos enfileirava-se no exercito aonde ficava arregimentado até aos sessenta. A educação militar terminava pela

cryptêa, ou systema de espionagem lançada por todo o paiz para descobrir qualquer resentimento do meio milhão de helotas que estavam sob este jugo. O militarismo prussiano cultivou a *cryptêa* spartana para combater com vantagem a França. O systema repete-se pela fatalidade da logica. Os proprietarios ruraes eram obrigados a serem casados, e quando eram fracos a apresentarem homens mais vigorosos a suas mulheres; e os irmãos, que não podiam constituir familia, viviam em levirato em casa do irmão mais velho. Os perioecianos não podendo trabalhar nas terras por causa das obrigações militares, eram senhores de um certo numero de *helotas,* ficando estes escravos a coberto da lei, porque não podiam ser vendidos nem mortos pelo capricho do seu dono. Os Spartanos viviam em constante exercicio de acampamento, quinze individuos em cada barraca; este grupo, chamado a *enomotia,* era a base da constituição do exercito; duas enomotia formavam a *triaca,* que reunidas formavam a *loca* ou divisão, commandada pelos polemarchas. A organisação militar precisava ser exercida, e Sparta esgotou-se em guerras permanentes, tendo de recorrer ao pacto de federações militares, com a Elida, a Argolida e Coryntho. As suas guerras não eram defensivas, e por isso não tiveram um fim civilisador; como Sparta representava no mundo hellenico a preponderancia da fórma social da tribu de nascimento, inimiga da tribu local, ella tornou-se o centro de resistencia de todas as classes aristocraticas da Grecia contra a democracia dominante na Attica. Foi assim que Sparta conseguiu submetter ao seu dominio o Peloponeso, decretar a destruição de Athenas, e matar para sempre a liberdade da Grecia, causando a ruina d'aquella extraordinaria civilisação.

Até aqui a organisação militar na sua pureza exclusiva e nas suas consequencias evidentes. A transformação da força em uma vontade rasoavel foi um dos caminhos para o estabelecimento do direito. Foi assim que homens sem auctoridade, e só pela discussão do simples bom senso conseguiram formular um direito da guerra, hoje reconhecido no Direito das Gentes, por onde se regula a força dos exercitos. Como fazer a unificação de uma população dividida em familias, curias e tribus, cada uma com a sua religião particular que as tornava incommunicaveis entre si, e com um direito privado ligado á personalidade de cada um d'estes elementos? A organisação militar fundiu todos estes elementos, como vêmos em Roma; o exercito simulava a cidade na sua organisação, dividindo-se em *gentes,* curias, em gene e phratrias. Tal era a

cidade patricia; quando porém o numero dos clientes se desenvolveu, Servio Tullio dividiu o exercito em Centurias, e por esta fórma assegurada a independencia do cliente para com o patrono, nasceu a fórma de representação politica dos comicios tambem por centurias, pela qual o cliente veiu a entrar na plebe ou povo livre. A divisão do exercito *(classis,* significa o troço ou corpo de tropa) veiu por seu turno a impôr-se á divisão social. O exercito foi dividido por Servio Tullio segundo os gráos da fortuna ou bens de cada um, representados no seu armamento. A legião era formada nas suas primeiras tres linhas pela *classe* de armadura completa, e pelas *classes* dos que podiam ter escudo, capacete e espada; as outras duas linhas, armadas com o que obtinham, eram os fundibularios e os velites. A ordem de cavalleria, formada exclusivamente pelos jovens patricios, Servio a transformou admittindo n'ella os plebeus que tinham os meios para sustentarem um cavallo. A parada do exercito romano veiu a constituir a grande assembléa centuriata, em que a distincção entre patricio e plebeu desappareceu perante a unificação politica do suffragio, que pertencia a todo o que pegava em armas. Na Grecia a separação do poder temporal, confundido com o poder espiritual nos Archontes, effectua-se na auctoridade militar do Strateges, ou chefe do exercito, que era escolhido fóra da classe aristocratica dos eupatridas se as circumstancias assim o exigiam. A introducção do censo ou propriedade na organisação do exercito, foi o modo como a aristocracia de nascimento e com o caracter religioso, se alargou pela nova aristocracia territorial, que em outras épocas da historia veiu a manifestar-se no Feudalismo; taes foram as reformas de Solon em Athenas, e de Servio Tullio em Roma, que produziram uma especie de Plutocracia, que apparece em outras sociedades taes como Rhegium, Cannas, e em Thurii. Ainda na Edade media aquelle que pudesse sustentar um maior numero de homens tinha um maior poder senhorial, symbolisado no *pendão* e *caldeira*. Diz Fustel de Coulanges, considerando esta fórma da unificação social: «Assim os direitos politicos, que na época precedente, eram inherentes ao nascimento, foram durante algum tempo inherentes á fortuna. Esta aristocracia da riqueza formou-se em todas as cidades não pelo effeito de um calculo, mas pela natureza mesma do espirito humano, que saindo de um regimen de profunda desegualdade não podia chegar de repente á egualdade completa. — Em toda a parte ella tornou-se classe militar. — A aristocracia da riqueza teve um merito: imprimiu á sociedade e á intelligencia um impulso novo. Nas-

cida do trabalho sob todas as suas fórmas, ella honrou-o e estimulou-o. Este novo regimen dava o maior valor politico ao homem o mais laborioso, o mais activo ou o mais habil; *era favoravel por consequencia ao desenvolvimento da industria e do commercio;* tambem coadjuvava o progresso intellectual; porque a acquisição d'essa riqueza, que se ganhava ou se perdia de ordinario segundo o merito de cada um, tornava a instrucção a primeira necessidade, e a intelligencia o mais potente motor das cousas humanas. Nada nos surprehende que sob este regimen, a Grecia e Roma alargassem os limites da sua cultura intellectual, fazendo avançar a sua civilisação.»[1] Esta transição natural da aristocracia militar para a plutocracia, ou aristocracia do dinheiro, repete-se na Edade media, quando ao poder dos barões succedem as cidades livres commerciaes, como Genova, Pisa, Amalfi, e á nobreza do sangue succede a nobreza do credito, como os Medicis e os Frugger. Augusto Comte foi levado por uma tal deducção historica e pela interpretação dos factos do presente a definir o poder temporal do mundo moderno na acção dos banqueiros.

O exclusivismo da actividade militar, como vimos nas instituições de Sparta, conduz á ruina do estado, da mesma fórma que um organismo se extingue quando a sua energia se dispende em uma funcção á custa das outras todas. O mesmo se observa em uma sociedade subordinada ao governo theocratico, como no Egypto ou na India. Na synthese activa, a humanidade transita do regimen da força para o do calculo, da impetuosidade destructiva para as emprezas productivas. Assim a tactica reflectida, e a direcção strategica dão á actividade militar da Grecia o triumpho sobre os grandes exercitos asiaticos, e ao mesmo tempo os generaes gregos exploram os serviços da sua competencia servindo o Egypto ou Carthago nos seus grandes conflictos com a Assyria ou com Roma. A actividade militar torna-se um serviço que se presta por uma paga a dinheiro; e Carthago, que no mundo antigo representa o typo completo do estado mercantil, transforma a obrigação militar em um serviço estipendiado, criando os exercitos mercenarios, que Roma adoptou tambem, a ponto de Probus reconhecer o perigo d'este systema. Na Edade media o mercenarismo tomou um tal desenvolvimento, que o nome de *soldado,* que hoje significa aquelle que exerce a actividade militar como um tributo pessoal, derivou-se da paga a dinheiro, o soldo com

---

[1] *La Cité antique,* p. 391.

que era contractado. O paiz mais pacifico da Europa, a Suissa, durante muitos seculos forneceu para as côrtes europêas os *mercenarios* destinados a constituir as *guardas do corpo* dos principes, que as transformaram em *Exercitos permanentes*. A transição da actividade militar para a mercantil operou-se como uma consequencia logica: primeiramente o commercio antigo foi de tal fórma monopolista, que toda a tentativa de concorrencia era um crime, e para ser garantido era acompanhado de um apparato guerreiro, resultando combates sangrentos para salvaguardarem esse exclusivismo. O trafico e esta fórma de commercio ainda confundido com a guerra; desde este ponto de partida até ao principio pratico e theorico da *liberdade de commercio,* que variado e amplissimo percurso historico apresenta a synthese activa! A vontade, que é a expressão psychologica de toda a actividade, tende no seu exercicio saudavel a conformar-se com as ideias, de que ella é a reacção motriz; sob o seu ponto de vista critico viu Kant esta solidariedade, quando considerou a vontade como a *razão pratica*. Na marcha da civilisação humana a conformação crescente da vontade com a intelligencia observa-se no accordo e dependencia mutua do trabalho industrial com os principios theoricos das sciencias, produzindo a disciplina da acção ou technologia.

O exercicio de um só orgão, ou de uma só faculdade produz o aleijão physico ou moral; o estado exclusivamente mercantil é egualmente odioso, postoque menos perturbador do que o estado militar. O exemplo mais completo do estado mercantil, no mundo antigo foi Carthago; no conflicto da Edade media Veneza, por este mesmo caracter activo, apresenta eguaes instituições politicas ao fim de tantos seculos de distancia. Todos os vicios do mercantilismo guerreiro reappareceram nas sociedades modernas da Europa; mas como novos factores sociaes, de ordem moral e intellectual, entram em concurso simultaneo, a civilisação avançou convertendo-se essa actividade em cosmopolitismo, por onde começou o afrouxamento das hostilidades internacionaes. Na evolução do poder temporal não se póde estabelecer uma completa linha de separação entre o estado militar e o mercantil; a escravidão, convertida em systema de exploração para tirar todo o lucro possivel dos prisioneiros de guerra e das populações conquistadas, exerceu uma especialisação da actividade industrial, em que o trabalho era ainda uma indignidade para as duas aristocracias (militar e plutocratica) e uma condemnação divina para a classe theocratica. Nas transformações do poder temporal, a Industria

desenvolve-se conjunctamente com a classe escrava, em que o trabalho lhe dá a independencia civil, e em que a liberdade actua reflexamente sobre a perfeição technologica. Teremos por vezes de alternar a exposição das modificações da actividade militar com a do trafico mercantil, pela sua intima solidariedade. A Europa moderna, a começar da queda de Constantinopla e da descoberta da America, organisa a sua *Synthese activa* n'esta confusão deploravel, que ainda dura, como vêmos nos governos que tem a superintendencia do exercito e das contingencias da guerra e ao mesmo tempo dos monopolios, como productos coloniaes, tabaco, polvora, sal, sabão, e dos direitos protectores nas alfandegas intervindo na importação e exportação das mercadorias; e não bastando o absurdo, continuam o systema centralista na perversão das industrias particulares, fabricando pontes, estradas, telegraphos, navios, fundições e até fornecendo trabalho para manter a ordem nas crises industriaes. Na Europa moderna, a Inglaterra é a nação que mais se aproxima das fórmas do estado mercantil, como a Prussia é a que renova as tradições da constituição militar; uma atraiçôa quanto póde a solidariedade europêa a bem do seu commercio, como a outra aperfeiçôa a guerra nos seus aprestos materiaes e substitue as energias moraes pelo numero bruto, para se alargar pelas invasões e conquistas sobre os estados civilisados para os quaes a guerra é já um accidente. A lucta que deu a emancipação das classes servas, creando o trabalho livre e o homem livre, ou povo, contrapondo-se ás duas aristocracias, ainda não está findada; ella repete-se sob um outro caracter, mais elevado, mas não menos deprimente: a tyrannia da aristocracia militar está substituida por essa outra fórma de escravidão chamada a *lei do recrutamento,* com que se conservam os exercitos permanentes, que pezam sobre a sociedade por uma despeza esteril; o egoismo da antiga plutocracia reapparece no permanente conflicto do *capital sobre o salario,* e na absorpção das pequenas industrias pelas grandes Companhias capitalistas. Os cancros só se extirpam escalpelisando-os até ás mais insignificantes raizes; na reorganisação social, a continuidade e solidariedade das instituições conhecidas scientificamente pelo processo historico-comparativo, é que nos indicarão o caminho para a sua constituição consciente ou estado definitivo. Na evolução do poder temporal, as suas fórmas successivas revelam-nos quaes as que têm um destino provisorio, e cuja dissolução importa activar, e as que tendem para uma certa persistencia que convem garantir. Comparado o estado mercantil sobre o estado militar, é evidente a supe-

rioridade d'aquelle sobre este emquanto ás vantagens sociaes. Mesmo entre as tribus nomadas, que nunca poderam chegar a uma estabilidade conducente á actividade agricola e fabril, aquellas que conseguiram libertar-se do bandidismo guerreiro fizeram-no á custa de uma actividade mercantil de caravanas através dos desertos. Nas raças semitas, as instituições sociaes ficaram na fórma rudimentar da tribu, e logicamente ou por uma fatalidade historica não chegaram á estabilidade de Cidade; vivendo em migrações constantes, nem conheceram o trabalho agricola e fabril, e pelo seu nomadismo natural tornaram-se correctores do mundo antigo. Os Phenicios foram os agentes do commercio dos Egypcios, como os Arabes na Syria, na Persia e na India, e por fim os Judeus na Edade media. É entre um povo semita, o Carthaginez, que se encontra o typo completo do estado mercantil, em que o trafico e a guerra se identificam. Carthago era formada por uma emigração aristocratica de Tyro, e parece que esta origem influiu na organisação da nova sociedade, governada por uma *Gerusia,* ou conselho assim tambem denominado em Sparta, ao qual presidiam dois Suffetes. Os chefes militares obravam sob a inspecção d'este conselho, perante o qual davam conta dos seus actos. Na logica da evolução, este conselho, equiparado pelos romanos ao senado, para garantir a sua oligarchia teve de elevar o seu numero de vinte oito membros a cento e quatro, e assim conciliadas as ambições passou a exercer uma soberania absoluta egual á do Ephorato de Sparta. Todos os poderes estavam concentrados n'este conselho, que abafava os germens de resistencia pela corrupção dos empregos publicos com que amordaçavam os descontentes. A riqueza publica provinha da agricultura e do commercio; porém a agricultura era feita pelas populações escravas do norte da Africa (lybios, berberes, maurusianos) havendo proprietarios que possuiam vinte mil escravos e que pagavam pesadissimas contribuições; o commercio fazia-se obrigando primeiramente a convergir todos os productos á cidade de Carthago, e d'ali eram expedidos, dando corso aos navios jonicos que lhe faziam concorrencia, lançando ao mar as tripulações. Esta situação desesperada, creando uma rivalidade inextinguivel entre os Carthaginezes e os Jonios que refluiam para o occidente do Mediterraneo, Carthago teve de garantir o seu trafico pelas armas, e formou um exercito por mercenarios lybicos, que eram excellentes cavalleiros, por colonos da peninsula hispanica, e por fundibularios das ilhas Baleares. Como não faltava dinheiro, o mercenarismo era assoldadado na propria Italia,

em volta de Capua, na Campania, na Italia e em Creta. Navios e muralhas eram a condição de segurança d'este estado mercantil, que nos momentos criticos recorria aos emprestimos publicos, criando uma divida fundada, e emittindo notas com curso forçado entre as populações subjugadas, ameaçando-as com a suspensão de pagamentos se ellas tentassem perturbar a ordem. A convergencia das fortes casas commerciaes das cidades phenicias da Syria para Carthago, ponto de uma segura exploração do Occidente e afastado do conflicto das grandes potencias militares do Egypto e da Assyria, vem alterar a constituição d'esse emporio mercantil; o principio do voto começa a prevalecer nos actos publicos, e o regimen plutocratico sustenta-se pelo seu dinheiro comprando os eleitores, como no constitucionalismo moderno. Desenvolve-se o sentimento democratico entre as classes pobres, a quem competia o trabalho industrial, e os proprios exercitos carthaginezes, nas luctas contra os Romanos no solo da Italia, procuram apoio entre as populações conquistadas mostrando-se restauradores das suas extinctas instituições municipaes. Postos de frente a frente os dois estados inimigos, por causa do exclusivismo commercial, Carthago tinha a superioridade moral da guerra defensiva, mas a inferioridade estrategica de um militarismo mercenario; Roma, unificando os seus elementos aristocraticos e plebeus na legião, multiplicava a sua força, vindo a dominar todo o Occidente e a cahir pelo mesmo vicio do mercenarismo. A força militar dos Romanos que estendeu o seu dominio pelo mundo, deriva-se da noção moral de *patria,* e do estudo das fórmas estrategicas, como diz Du Piq; a legião romana não tinha por base o raciocinio mathematico como a phalange grega, nem a hallucinação enthusiastica de generaes como Alexandre, mas sim o conhecimento do homem moral, obrigando-o pela ideia do dever á patria á mais severa das disciplinas, que se impunha acima do terror da propria batalha. Chegado o momento decisivo do perigo, quando o enthusiasmo cede diante d'essa impressão mais forte, o soldado romano achava-se impassivel, obedecia ao plano reflectidamente, vencia. Crendo mais na cohesão e impulso moral do que na pressão da massa bruta do numero, os generaes romanos só alargaram os manipulos da legião romana para fortalecer a confiança dos soldados uns nos outros. Foram os exercitos d'essa Republica aristocratica que conquistaram o mundo, porém com a perda da liberdade politica o cidadão romano perdeu a origem moral da sua valentia, e para manter a submissão de vastos territorios sob uma occu-

pação militar, teve-se de substituir o dever do patriotismo pelo interesse do mercenarismo. A entrada dos barbaros Germanos na corrente historica vem alterar a base moral da actividade militar; a reflexão e a disciplina foram substituidas pela impetuosidade inconsiderada e pelo choque das grandes massas numericas. Desde as invasões germanicas até ás guerras da Prussia, o desenvolvimento da actividade militar tem consistido no progresso material dos instrumentos de guerra, e no abandono completo do conhecimento do nosso sêr psychologico reduzido a um motor automatico d'esses instrumentos de morte. É curiosissima a evolução da força material da guerra; no seu periodo greco-romano, o calculo mathematico e as leis mechanicas multiplicam o poder dos gregos, cujo pequeno numero, pela estrategia e tactica racional vencem as massas numericas da Persia; e o dever do cidadão para com a patria dá ao romano a impassibilidade da disciplina, que o torna invencivel. Na Edade media começa o facto inverso: a Cavallêria pela sua massa e choque instantaneo impõe-se á infantêria, submettendo as populações sedentarias á prepotencia feudal. A descoberta da polvora deu, por occasião da entrada dos Turcos na Europa, outra vez o predominio da força á infantêria sobre a cavallêria, e por occasião das guerras da Italia, a artilhêria tornou-se pela sua estabilidade a base da guerra defensiva. Todos os progressos subsequentes limitaram-se ao aperfeiçoamento d'estes dois instrumentos, a *espingarda* e o *canhão,* aos quaes o homem ficou como appenso ou serventuario, sendo os motivos das guerras puros interesses dynasticos e intrigas diplomaticas. Em vez do motor moral, que só se deriva de um sentimento de justiça, como nas guerras dos Paizes Baixos, e nas da Republica contra a colligação do direito divino europeu, os chefes militares só procuraram multiplicar a acção bruta; é essa a preoccupação que transforma as armas de projectil em *arcabuz,* o arcabuz em *mosquete* portatil, e o mosquete em *espingarda* com fogo proprio. Uma vez fortalecida com a baioneta, e com a pederneira, a espingarda era verdadeiramente a mais poderosa arma de guerra, que o homem tinha á sua disposição, como o proprio Napoleão a considerava. Chegada a esta perfeição só se pensou no tiro rapido, cuja razão directa era uma maior destruição; Gustavo Adolpho simplifica o tiro, pela invenção do cartucho, e Frederico II accelera a carga mudando a vareta de páo, que se quebrava inutilisando a espingarda, pela vareta cylindrica de ferro. Nas guerras da Republica facilita-se a escorva pondo em fórma de funil o busil da arma. Por fim multiplica-se o

tiro pela facilidade da carga nas espingardas de agulha e de carregar pela culatra, e visa-se á justeza do tiro pelos canos raiados e pelas balas oblongas, com que a Prussia venceu em Sadowa. No canhão dá-se tambem uma evolução importante, sendo a sua mobilidade a que assegurou os triumphos de Napoleão I, e a mobilidade ligada á rapidez da carga pela culatra nas metralhadoras, o que deu á Prussia a victoria contra a França do segundo Imperio; a precisão mathematica do tiro tornou o bombardeamento uma calculada devastação, como em Strasburgo e contra Paris pelos prussianos, ou contra Alexandria pelos inglezes. Esta preoccupação do lado material da força militar, continua-se na organisação dos grandes exercitos europeus, cujo pé de guerra se conta aos milhões, e cuja disciplina se sustenta pelo fusilamento. Quando tudo parecia indicar uma regressão á antiga escravidão dos estados militares, uma nova força, maior do que a polvora, arma o braço do homem no seu isolamento e revolta individual contra a massa numerica: tal é a dynamite, com que um só homem póde destruir milhares de inimigos bem equipados. É assim que o exclusivismo da força bruta destroe essa mesma força. Comte sentia a necessidade de um ponto de vista synthetico sobre a actividade militar e debalde o procurou nos escriptores especialistas; porém a successão historica indica-nos os traços d'essa synthese. O abandono do homem racional e moral, cultivados pela Grecia e Roma na sua actividade militar e subalternisados a agentes automaticos dos mais perfeitos instrumentos de guerra pelos estados modernos da Europa, eis o contorno d'essa synthese. É um progresso que accentuando a eliminação crescente dos motivos sociaes da guerra, mostra que a guerra se conservou como um abuso, e que o seu proprio aperfeiçoamento tende a eliminal-a. E de facto desde o fim da Edade media prepondera a *actividade commercial*. Com a tomada de Constantinopla, Veneza perde o caminho do seu trafico commercial com o Oriente, e essa segunda Carthago, ou Republica mercantil, é substituida pela concorrencia de outros povos, generalisando-se essa actividade confinada pela situação excepcional do emporio mediterraneo. A descoberta da America por Colombo, e do caminho da India por Vasco da Gama foram a consequencia d'essa deslocação; alarga-se a iniciativa individual fazendo sociedades de commercio, estabelecem-se colonias, subordinadas na exportação dos seus productos naturaes á monopolisação da mãe-patria, e d'esta pressão do trafico com o systema colonial nascem os germens de revolta que deram ori-

gem a novas nacionalidades como as Republicas inglezas dos Estados Unidos, as Republicas hespanholas da America, e o Brazil. Os absurdos do poder temporal ao serviço do poder espiritual, Monarchia e Catholicismo, coadjuvaram por um processo negativo este desenvolvimento da actividade commercial. Portugal e Hespanha expulsam os judeus, que se refugiam na Hollanda, transformada no fim do seculo XVI em uma grande potencia mercantil; os Puritanos da Inglaterra refugiam-se nas colonias da America, onde se emancipam pela sua constituição democratica; a perseguição dos Protestantes em França leva as familias industriaes para a Suissa. As colonias exerceram uma acção profunda sobre os dois poderes; os monarchas tiveram de abdicar a acção executiva em ministros habeis, pelo reconhecimento da propria incapacidade para uma complicada administração. A Egreja fez-se tambem mercantil, procurando os Jesuitas converter as missões em colonias e em imperios theocraticos, como no Paraguay, e fazendo-se banqueiros, como em Paris. Foi esta uma das causas da separação entre os dois poderes no seculo XVIII, como se vê pelos fundamentos da acção do Marquez de Pombal, e de Choiseul. N'esta transformação da *Synthese activa* de militar em commercial, o ideal supremo da liberdade de commercio eliminou-se completamente pelas luctas entre a Inglaterra, a França e a Hespanha por causa do systema de colonisação, explorado pelo monopolio directo do estado ou pela cessão a grandes companhias. A *escravidão* apresentou uma nova face; não resultava da conquista militar mas da descoberta maritima; as raças selvagens da Africa e da America eram reduzidas á situação de alimarias, e exportadas em carregações para as colonias, corrompendo para alguns seculos a dignidade do trabalho agricola e industrial, e por tanto difficultando o advento do regimen industrial. A Inglaterra explorou esta deshonra da humanidade com o celebre *Assiento de Negros,* de 1711, pelo qual monopolisava o privilegio de fornecer escravos ás colonias hespanholas, matando-lhes o seu commercio pelo contrabando. Sob esta falsa comprehensão da actividade commercial, a Inglaterra apropriou-se das possessões portuguezas na India pelo tratado de Bombaim, por tratados de commercio como o de Methwen de 1703, e o de 1810, procurando em 1741 roubar o Mexico e Peru á Hespanha, e tirando em 1755 o Canadá á França. Toda a sua politica tem consistido em um egoismo insular, separando-se dos interesses europeus, invadindo e despojando as outras nações das suas colonias, e explorando pelo mercantilismo os con-

flictos dos diversos estados com a venda do seu material de guerra.

O apparecimento das doutrinas economicas reagiu de alguma fórma contra este systema mercantil, fazendo considerar como riqueza tambem os productos agricolas e as manufacturas; tal foi a escola dos *Physiocratas*. A necessidade de recorrer constantemente aos impostos, levou os chefes temporaes effectivos, ou ministros, como Turgot, a pensarem em reformas economicas, estradas, trocas de productos, desenvolvimento de industrias locaes. Tanto a pressão da metropole sobre as colonias, como a pressão fiscal sobre as classes trabalhadoras, provocaram esses movimentos revolucionarios da libertação e independencia das colonias hespanholas e inglezas da America, e consecutivamente a grande Revolução franceza. Assim levada ao mais alto gráo a dissolução das actividades guerreiras do regimen catholico-feudal, impoz-se como base da vida moderna a actividade pacifica da industria e da dignidade do trabalho. Tal é a fórma final da *Synthese activa,* que está em organisação. As suas raizes historicas são profundissimas, acompanhando os anathemas da theologia e da metaphysica, que fizeram do trabalho uma condemnação e um estigma de raça. Cada descoberta da razão humana no dominio experimental foi alliviando a classe condemnada da fatalidade do trabalho; a agua ou o vento applicados como motor, libertaram os braços do escravo occupado em moer de noite e de dia, como os galerianos aprisionados pelos piratas. A herança das profissões nas familias era tambem uma consequencia social da divisão incommunicavel das castas. No isolamento de cada familia a industria era exclusivamente domestica, e complexa; o aprendiz e o operario subalterno obedeciam a um chefe paternal. Este caracter conservou-se na industria civil na organisação hierarchica da Juranda, onde os irmãos obreiros dependiam de uma Mestria, a quem davam conta da sua competencia e da conservação inalteravel dos processos technicos tradicionaes. N'esta longa crise de subserviencia industrial, á falta de invenção aperfeiçoava-se o mesmo modelo; ainda hoje cada obra prima da arte antiga apresenta productos analogos e rudimentares que foram as reproducções imitativas de cada escola ou officina, e que pela continuação de fazer a mesma cousa se chegou a fazer bem feita. As pequenas industrias, que desconheceram esse poderoso impulso da divisão do trabalho, chegaram á perfeição pela immobilidade dos modelos; o *segredo dos misteres,* consequencia de uma technologia empirica, fixava as pequenas industrias tornando-as

locaes. Ainda hoje existem productos industriaes conhecidos pela proveniencia local, taes como o *cordovão*, a *damasquina*, a *sevilhana*, os pannos de *Arras*, as toalhas de *Hollanda*, a folha de *Flandres*, o fio de *Escossia*, as procelanas de *Sèvres*, rendas de *Chantilly*, *Gros de Tours*, *Point de France*, os espelhos de *Veneza*. Em alguns povos, como a China, a industria ficou atrophiada no segredo dos misteres.

No seculo XVII ainda dominava na Europa este deploravel regimen; conta Duarte Ribeiro de Macedo: «mandando eu de Paris um mestre de chapéos de castor a Lisboa, por ordem do Marquez de Fronteira, o consul de França lhe offereceu o perdão de um delicto que tinha em França, mais uma pensão de 200$000 réis, com o que o fez tornar para a sua patria. Do mesmo modo succedeu com D. Francisco de Mello, o qual pretendendo mandar de Londres um tear de mêas de seda, não pôde vencer as difficuldades e prohibições com que o impediram.» Abundam os factos d'este exclusivismo industrial derivado da falsa ideia da *Balança de commercio:* um edital do governo francez de 1669 prohibia sob pena de confisco de bens a qualquer operario o trabalhar em paiz estrangeiro; Colbert, em 1671, exige pelo embaixador francez em Portugal a entrega de um fabricante de pannos de Rouen que aqui vinha estabelecer uma fabrica, e o mesmo fez com o embaixador de Hespanha em 1679 impedindo-o por todos os meios de levar para a sua terra trinta fabricantes de seda. Veneza levava mais longe o exclusivismo, mandando assassinar no extrangeiro os operarios emigrados, conservando debaixo de prisão as suas familias. Como sair d'esta estabilidade? Submettendo os processos technicos ás descobertas scientificas. O desenvolvimento da mathematica, da physica e da chimica, depois da grande éra da Renascença, e a maior communicação dos povos depois da descoberta da America e do caminho da India, vieram definitivamente abrir na marcha da humanidade a época industrial. As leis scientificas foram applicadas aos processos technicos, como se póde comprehender pelo exemplo moderno da acificação, e a geometria descriptiva reduzindo todos os movimentos fabris aos dois factos — contactos de superficie e intersecção de planos — facilitou a invenção das machinas pela transformação dos movimentos. A applicação das machinas ao trabalho demarca a época da grande industria e a crescente necessidade da divisão do trabalho. O operario sentiu-se inutilisado pela machina, que o reduzia á *chomage* e que o forçava á inhabilidade pela fabricação de um unico producto. Tal foi o modo como appareceu a questão do *salariato* na socie-

dade moderna. Desde o seculo XVII até hoje que a crise se aggrava. O desenvolvimento da actividade industrial apresenta uma singular analogia com os progressos da actividade militar: vimos como desde a descoberta da polvora, unica e exclusivamente os instrumentos materiaes da guerra é que foram objecto de estudo e de aperfeiçoamento, despresando a força moral do soldado. Na Industria a machina foi applicada a todas as fabricações; a força do vapor equivaleu no trabalho pacifico á invenção da polvora, e a intervenção do operario reduziu-se á de um serventuario da machina. De um lado vê-se o assombroso aperfeiçoamento dos apparelhos mechanicos e do outro o abandono completo do sêr moral que anda ligado á machina. A grande producção exige a livre concorrencia, e se por esta fórma se chegou á pratica de uma liberdade de commercio compativel com a situação economica de cada estado, nem por isso a classe operaria conseguiu o bem estar resultante d'este concurso. Deu-se uma enorme perversão moral na industria moderna, trazendo para o trabalho das fabricas a mulher, a quem se paga com um salario inferior ao do homem; o principio de toda a ordem social — que *o homem sustenta a mulher,* extingue-se entre as familias operarias, sendo essa a causa immediata da sua degradação. Depois d'este erro, que tem de ser longamente expiado pela sociedade inteira, seguiu-se um desastre ainda maior, a exploração das crianças pelos emprezarios industriaes, agglomeradas em sitios doentios, com excesso de horas de trabalho, e extenuando-se pelo seu incompleto desenvolvimento physico e abandono de toda a instrucção. Atacado na dignidade, no sentimento de familia, e na sua geração, o operario não se libertará da escravidão do salariato em quanto não rejeitar o ganho do trabalho da mulher e o da exploração barbara das crianças; só assim é que elle terá esse espirito de associação que o ligará para a cooperação, e adquirirá a cultura necessaria para obter a participação dos lucros. A grande producção e a livre concorrencia, activando as necessidades, aproximaram o capital dos especuladores, formando-se as poderosas emprezas e companhias industriaes para a exploração de vias ferreas, canaes, docas, linhas de vapores, fundições, serração, cunhagem, impressão typographica, emfim tudo quanto póde ser produzido em grande e por uma fabricação accelerada. N'esta nova situação predomina um facto moral importante, o principio da associação multiplicando a força do Capital nas Companhias, a que a America deu a base juridica na lei das sociedades anonymas de responsabilidade limitada. As operações financeiras crea-

ram uma nova classe, os banqueiros, que envolveram os capitaes nas oscillações do credito, pela inintelligencia da sua cooperação industrial. Quer pelo lado technologico, quer pelo lado economico, a classe operaria ficou fóra da participação social d'estes beneficios. O antigo terceiro estado, ou a burguezia rica, era explorada no seu egoismo pela Pedantocracia, que lhe impunha a estabilidade á custa do terror do absolutismo e da revolução. Todas as leis conduziram para garantir a segurança dos grandes capitaes e das emprezas privilegiadas; o operario continúa abandonado á sua ignorancia, e algemado pelas necessidades quotidianas a essa fórma de escravidão do *salariato*, trabalha para não morrer de fome, e come para trabalhar mais. Espiritos eminentes sentiram as perturbações do industrialismo moderno; Saint Simon, no seu *Systema industrial*, de 1820, criticando com lucidez as condições inevitaveis da nova éra, queria concilial-a com a pedantocracia sob os Bourbons; Carlos Fourier, á parte as aberrações mystagogicas e regulamentações arbitrarias, viu claramente a parte negativa do problema, ou *questão social*, como veiu a chamar-se-lhe mais tarde. Saint Simon, com o seu genio intuitivo proclamava o principio — que as profundas transformações sociaes se opéram por via dos sentimentos; e Fourier, considerando as paixões como poderosos impulsos emotivos, tocava a parte viva do novo problema da organisação da actividade social sob a fórma do *associonismo* ou cooperação agricola e industrial. Dunoyer, na sua obra da *Liberdade do Trabalho*, abandonando a esterilidade theorica dos economistas metaphysicos, estabeleceu os antecedentes sociaes do problema industrial ligando-o com o advento da democracia. Augusto Comte distinguiu a obra de Dunoyer d'entre as divagações mais ou menos litterarias dos outros economistas academicos. Proudhon, no seu negativismo metaphysico revolucionario, caracterisou com nitidez em 1855 a situação da éra industrial; diz elle que o que se observa nas emprezas dos caminhos de ferro, da navegação e nas instituições de credito, leva a concluir que o futuro pertence aos grandes capitaes, operando em vasta escala, pela commandita ou associação; e portanto que a agricultura não escapará a esta transformação, pela lei da divisão do trabalho tornando se tambem associativa. É certo que n'esta corrente a acção individual é envolvida por todas as outras forças, a do capital, a da machina e disciplina profissional da direcção centralisadora. Aqui a racionalidade consiste em reconhecer a verdade d'esta tendencia, e em vez de deixal-a actuar no seu empirismo cego, tornal-a cooperadora

da finalidade social. Não se póde recuar já ás pequenas industrias, nem ás explorações parcellarias, como observa Stuart Mill, portanto o isolamento individualista seria uma retrogradação se algum accidente o restabelecesse; mas egualmente o antagonismo entre aquelle que paga o salario e aquelle que o ganha não póde converter-se em situação definitiva. É n'este ponto que consiste a resolução do problema economico: trazer o homem á altura intellectual que produziu o aperfeiçoamento da machina, e á solidariedade moral que realisou a convergencia do capital. A crise revolucionaria trouxe o erro metaphysico do individualismo; a disciplina sociologica estabelece a noção racional e historica da dependencia social ou collectivismo. As agitações socialistas nasceram do prolongamento da crise revolucionaria contra a pedantocracia moderna, que se serviu d'ellas para demorar o estabelecimento definitivo da Democracia. Porém a *Synthese activa,* entrando na sua phase consciente ou scientifica, já póde deduzir as duas grandes leis economicas: Que o homem produz mais do que consomme, (Bastiat) e que a sua capacidade com a divisão do trabalho se multiplica na associação. Pela primeira lei, vencida a fatalidade primitiva do conflicto entre a população e as subsistencias, uma parte da actividade muscular passa a dispender-se em esforço cerebral, na cultura da intelligencia; pela segunda lei, converte-se as antipathicas relações de dependencia em uma solidariedade moral de cooperação, em que os interesses se conciliam pelos sentimentos na fórma associativa. A racionalidade humana revela-se na generalidade da especie por uma constante actividade; esta exteriorisação da vontade é verdadeiramente uma *Razão pratica,* como o concebeu Kant. Portanto essa energia carece de ser posta em mutuo accordo, ao qual Comte designou a *Synthese activa;* para que esse accordo se faça é preciso que as ideias cheguem á comprehensão de todos, o que não é possivel senão pela fórma de sentimento, que exerce uma influencia de estimulo na apathia mental, e de subordinação na impressionabilidade emocional. Tal é a importancia da *Synthese affectiva* na coordenação dos factores sociaes, cujo concurso simultaneo se encerra no eloquente laconismo da divisa: *Agir par affection; comprendre pour agir.*

II

Todas as manifestações do nosso sêr moral podem ser motivadas pelo sentimento; é este o centro coordenador da vontade e da intelligencia na generalidade dos individuos. O progresso humano tem consistido na substituição crescente dos impulsos emocionaes pelas determinações conscientes da razão. As religiões dirigiram-se exclusivamente á impressionabilidade humana, e impuzeram as miragens do subjectivismo como objecto de credulidade, tornando incompativeis entre si a razão e o sentimento. O espirito critico destruindo pelas verificações experimentaes essas noções subjectivas que faziam a unanimidade dos credulos, estabeleceu a dissidencia entre o sentimento e a razão, excluindo dos processos analyticos tudo quanto não derivava de immediata objectividade. É certo que o maior numero nunca deixará de ser dirigido pelo sentimento; e uma vez conhecida esta condição do nosso sêr, importa procurar o accordo entre estes dois factores psychologicos, para que não se prolongue a deploravel incommunicabilidade entre os espiritos especulativos, que descobrem as verdades scientificas, e os espiritos emotivos, que pelo seu grande numero são as forças activas da sociedade exercendo-se sem plano. A Philosophia positiva como expressão de um estado ou crise mental da humanidade, procura realisar esse accordo entre a razão e o sentimento, como condição necessaria para que as ideias se generalisem, saindo da abstracção racional pela dependencia de um fim social. Empregando o methodo historico-dogmatico, esta philosophia determina com clareza na successão das sociedades humanas um periodo espontaneo em que o sentimento foi a primeira base de concordia; depois, um periodo empirico, em que as religiões, as fórmas politicas, os actos juridicos e as normas moraes se impuzeram dirigindo-se unicamente a essa emotividade, que se tornou automatica pelo costume, e que adquiriu a sancção tradicional incutindo-se nas gerações novas pela imitação. As grandes creações ou concepções mythicas que precederam os dogmas theologicos revelam-nos o longo exercicio das faculdades subjectivas d'este periodo do sentimento; as complicadas miragens theologicas, os variados symbolismos juridicos e artisticos, os actos politicos como ampliação da vida domestica, e a moral deduzida da conformação do presente com o passado, são os documen-

tos directos de quanto esse periodo empirico se prolongou, embaraçando a recomposição da actividade social motivada pelas ideias em vez das emoções. Chegámos, pelo decurso das transformações historicas que constituem a civilisação humana, a conhecer por essa continuidade que o progresso consistiu sempre na recomposição da *Synthese affectiva* pela aproximação dos motivos racionaes. Assim de todas essas creações primitivas, exclusivamente provocadas pelo sentimento, umas tornaram-se inteiramente praticas como a Politica, outras logicas como o Direito, outras subsistindo pela adhesão das classes mais atrazadas como as Religiões, e sómente a Moral e a Arte é que conservaram no seu desenvolvimento historico esse accordo normal entre o sentimento e a razão sobre que se tem de recompôr a nova *Synthese affectiva*. Conforme essas tres phases da vida do sentimento nas sociedades humanas, assim a concordia realisada na aggregação familista se alargou até á unificação da Cidade, para aspirar finalmente ao accordo da Humanidade, como se observa na Moral universal.

Entre todos os animaes vertebrados predominam os instinctos sympathicos, como se comprova não só pela facilidade da domesticação, aproveitada pelo homem primitivo, que associou á sua cooperação as principaes especies, como pelo agrupamento em *cardumes, bandos, enxames* e outros rudimentos sociaes de muitas especies animaes conservando entre si um certo principio de subordinação. A dependencia affectiva, que agrupa os primeiros elementos sociaes, não é aquella que provém dos instinctos sexuaes, porque esses geralmente põem em jogo o instincto da destruição ou ferocidade, como observam os physiologistas; mesmo a maternidade em certos vertebrados, apparece tardiamente, depois de passada a crise rapida em que a mãe devora os filhos porque os não conhece, crise que se observa na nossa propria especie em que o infanticidio só se póde dar dentro de um determinado periodo de allucinação. Passado esse momento, observado pelos zoologistas, começa uma phase superior da existencia, que consiste em *viver para outrem*. Nas sociedades humanas existiu uma organisação ginecocratica, da qual se infere que a aggregação ou estabilidade social começou pelas mulheres. O regimen da Maternidade ainda conserva uma allusão vaga no Genesis, quando diz que entre a Serpente e *a raça da mulher* porá a inimisade. Sobre este versiculo, commenta Lenormant: «*A raça da mulher* e não a mulher só; o genero pronome em hebreu não deixa dúvida alguma sobre este ponto, nem os Septenta

se enganaram.»[1] Os ethnologistas têm investigado as origens da familia e acharam uma base *hetairista,* ou da preponderancia da mulher, na polyandria, na escolha do marido e no parentesco pelas mães; e uma base pela *Varonia,* ou regimen da paternidade, nas duas fórmas da *endogammia* ou casamento dentro da propria tribu, e *exogammia,* no casamento fóra da tribu, do qual subsiste a tradição na fórma do rapto e do combate e na unificação social de *patria.*

N'esta transição da familia primitiva, ainda indefinida na tribu, alteraram-se tambem as bases affectivas. É preciso ter em vista, que nenhum grupo humano teve um desenvolvimento pacifico; porque o isolamento, que era a condição para estar fóra de conflictos, pela falta de estimulos, deprimente, produzia uma improgressiva estabilidade. Pelo seu isolamento, grandissimas civilisações pre-historicas se extinguiram; com mais razão se deveria exercer esta influencia nas sociedades sem recursos. A lucta, servindo para garantir a existencia, provocou a primeira *Synthese affectiva* das sociedades, a qual vamos ainda encontrar dirigindo as mais altas civilisações. A convergencia ou unificação social apparece-nos dirigida por este sentimento altruista:—*A submissão dos fortes aos fracos pela fórma de protecção.* Considerando o facto na sua maior generalidade, d'aqui se deriva o heroe, ou o que se sacrifica pela collectividade, e o destino da classe guerreira, o movel do trabalho para o sustento da *prole.* e essas variadas fórmas da assistencia civil, que a religião perverteu substituindo a abnegação do forte pelo interesse egoista das bemaventuranças. Partindo d'este ponto, para as sociedades antigas a principal virtude era o *civismo,* ou o esforço do individuo empregado em beneficio da collectividade. D'este sentimento de submissão dos fortes é que a Moral primitiva confundiu a noção racional dos deveres com as manifestações da força physica; as linguas conservam a impressão concreta que predominou na primeira concepção: assim a *virtude* representa o esforço, da mesma fórma que no sanskrito *vira* significa o heroe; no latim *vir* é uma transformação de *vis,* a força; e entre os gaulezes *ver* ou *fear,* e *fir,* dos irlandezes, significam o forte e o heroe; *Wehre,* entre os povos germanicos, designava o que pertencia á raça dos fortes. É na linguagem, que acompanhou esta elaboração emocional do homem primitivo, que se acham, como presentiu Vico, os documentos da sabedoria ou das concepções

[1] *Les Origines de l'Histoire,* p. 10.

primordiaes dos povos. Da submissão dos fortes aos fracos pela protecção, vêmos no mytho hellenico uma admiravel representação na dependencia de Hercules do seu fraco irmão Eurystheo. As creações estheticas de todos os povos, nos hymnos, nas epopêas e nos dramas idealisaram estas duas manifestações fundamentaes da synthese affectiva, o *Valor* e a *Honra*. Para comprehender este thema universal das obras de arte, é preciso penetrar-lhe o seu sentido social: a submissão dos fortes aos fracos, como ainda se observa no ideal do cavalleiro errante, *redresseur de torts*. O heroe, o que possue o valor, é como morto para todos os prazeres, e morre protegendo, como Antar, como Achilles, como Sigurd, como Roland. A sua protecção estende-se ao territorio da patria; é na segurança d'esse territorio que consiste a sua *honra*. É notavel a relação ideologica que existe entre a palavra terra e a palavra *honra*. Na edade media a *Honra* era o logar em que se gosava a garantia civil; a *Honra* era tambem o solar independente onde habitava o senhor. Quando o condemnado na penalidade medievel era posto fóra do territorio da sua cidade, a punição exprimia-se pela phrase—posto fóra da sua *honra*. O nome de *sans terre* exprimia a maior deshonra do principe ou senhor.

A submissão dos fortes aos fracos, que se tornou a essencia de toda a cortezia, contrapõe-se, completando a *Synthese affectiva*, este outro principio: *A veneração dos fracos pelos fortes*. Quem estudar através das transformações sociaes qual o sentimento que estabeleceu a necessidade da obediencia, a observancia de uma lei consuetudinaria ou escripta, o reconhecimento da auctoridade de um chefe, emfim a origem da ordem obtida pelo accordo da submissão, só chegará á comprehensão da verdade investigando as fórmas da veneração. As bases da veneração, que fundou a ordem, variaram com as differentes organisações sociaes. Quando predominava o typo social da tribu, e portanto a auctoridade estava localisada em um chefe patriarchal antigo, a sua supremacia fundava-se na *veneração á edade;* o nome de *senhor (senior,* o mais velho) é um vestigio d'essa situação em parte conservada na primogenitura. Dentro da tribu o poder do chefe tornou-se hereditario, como se vê pela fixação da auctoridade na realeza patriarchal do *basileus;* a auctoridade hereditaria modificou as suas bases fundando-se na *veneração do nascimento*. Foi este o periodo mais activo da organisação social, como vêmos em todos os povos indo-europeus que se constituiram na fórma da *gens,* ou da *theuda*. Este exclusivismo do nascimento am-

pliou-se até á fórma de nações (*gnatio,* de *gan,* nascer.) Quando porém muitas tribus se ligaram pela necessidade da defeza, e os chefes das tribus, eguaes entre si pelo nascimento, transformaram a realeza patriarchal hereditaria em realeza militar e electiva, a veneração prestada á edade e successivamente ao nascimento passou a ser conferida á *força.* As aristocracias (de *aristos,* a lança do heroe) e a cavalleria (de quando o *cavallo* pela sua rapidez ampliou a força do guerreiro) tornaram-se classes preponderantes pela *veneração da força,* que se acha idealisada em toda a arte antiga e que chegou a ser divinisada. Entre os proprios chefes guerreiros, eguaes entre si, e que pela eleição do rei o consideravam como um dos seus pares, nos banquetes comendo á *meza redonda* (a Tavola-redonda do cyclo bretão) sem precedencias, creou-se um laço de subordinação mutua, a *homenagem* da mutua fidelidade. Quem faltava a esta solidariedade moral era desafiado (desafiar, de *desfidare)* e podia ser morto em vindicta pessoal. Este principio, que foi a synthese affectiva da organisação do Feudalismo, foi pelo seu excesso a causa da sua dissolução pelo systema perturbador das guerras privadas e *desafios.*

Nos agrupamentos sociaes baseados sobre a garantia territorial da Cidade, a livre concorrencia de todas as classes, que não tinham entre si nem o privilegio da edade, nem do nascimento, nem da força, porque todos eram eguaes perante a instituição communal ou municipal, produziu um outro principio de veneração, que se tornou o caracteristico das instituições democraticas,—*a veneração ao merito* ou *á capacidade.* A ordem, que primeiramente significava a imposição da auctoridade, passou a conformar-se com a disposição racional; e pelo desenvolvimento da egualdade politica, que fixou as fórmas da Republica democratica, aquelle que obedecia decretava ou sanccionava a lei para si mesmo na assemblêa da nação, transformando-se a veneração no acto espontaneo do suffragio.

O sentimento de veneração dos fracos pelos fortes acha-se sublimemente representado nas obras primas das litteraturas antigas; é o *Amor,* que os grandes poetas idealisaram como uma fraqueza, uma passividade moral, uma doença, uma fatalidade invencivel. As vezes os que são fortes tambem são feridos por essa doença, como Sansão ou Hercules; mas são os entes fracos, as mulheres, que provam esse philtro magico que as prostra. Firdusi, no *Schah-Nameh,* representa a bella Tehminé entregando-se a Rustem vencida pelo amor; Phedra, Sapho, Biblis, Medêa deliram com a mesma doença. Os tro-

veiros das Gestas francezas da Edade media tiveram a intuição d'este sentimento primitivo, como no *Fierabras*, quando Floripar se entrega a Gui de Bourgogne, como no *Miles et Amile*, quando a formosa Belissant vae ter com o cavalleiro Amiles, como a Luziane no *Aiol de Saint Giles*, como a Briolanja na Novella do *Amadis de Gaula*, e ainda como Julietta na tragedia de Shakespeare. O thema eterno da arte teve este caracter de ingenuidade, em opposição com o pudor adquirido com o aperfeiçoamento dos costumes, mas profundamente verdadeiro como a expressão mais evidente da *Synthese affectiva*. Edgar Quinet descrevendo a influencia social dos Trovadores da Provença, sob a phrase—a egualdade perante o Amor, explica como entre as diversas classes sociaes da Edade media se operou uma unificação pelo sentimento, que seria impossivel ainda á custa das maiores revoluções.

Foi sobre as profundas manifestações espontaneas do sentimento, que a Religião creou as manifestações empiricas da *Synthese affectiva* em quasi todas as civilisações da antiguidade; para a impressionabilidade dos que não discutem organisou as fórmas ritualisticas com um rigoroso symbolismo, que se estendeu com o perstigio sacramental ao Direito e á Arte hieratica; para as intelligencias em estado syncretico, ou de confusão entre a apparencia e a realidade, phantasiou concepções subjectivas ou dogmas theologicos, que embaraçaram a razão humana de attingir a objectividade, dispendendo-se em hallucinações doentias que ás vezes se propagavam como um contagio em uma sociedade ou mesmo uma época inteira. (*Orgias, Semeadores da Peste, Demonomania*, etc.)

Na marcha social, a Religião exerceu uma influencia efficaz na elevação da synthese affectiva: estabeleceu o accordo entre a vida domestica e a vida publica, cooperando para a unificação da nacionalidade, fortalecendo o facto do nascimento com o da unanimidade da crença. Muitas nações antigas tiveram como titulo da sua collectividade social o nome dos seus deuses, como o Egypto, (*Aka-Phta*, a casa do deus Phta) a Assyria, do seu deus *Assur*, Israel, tomado do deus *El*; os Arabes pela unificação da sua crença designavam-se sob o nome de *Islam*. Chegados a este gráo de unificação, a mesma crença os tornou incommunicaveis com outros povos; e por isso a Religião isolou-os, embebeu-os de aversões profundas, arrastou-os pelo fanatismo a guerras de exterminio; e quer pelo dominio politico da classe theocratica ou sacerdotal, quer pelo esgotamento das guerras ou cruzadas de devastação, essas civilisações desvairadas pela sua errada *Synthese affe-*

ctiva extinguiram-se apesar dos seus assombrosos progressos nas artes industriaes. Deve-se á Religião o accordo entre a vida domestica e a vida publica, mais nada: os principaes actos da existencia da familia foram consagrados por um culto religioso. O ponto de convergencia da familia sobre um territorio, era o *lar,* um altar onde ardia o fogo sagrado, essa descoberta iniciadora da civilisação humana, e tomado como o symbolo da vida, que se conservava sempre acceso como diligencia cultual. Esse fogo sagrado representava a vida moral dos antepassados, e era a imagem d'elles, identificando-se com os Lares e Penates de cada familia. Elles estavam sepultados n'aquelle chão, e por isso o altar não podia ser mudado, consagrando a estabilidade da familia e consequentemente a Propriedade primitiva nas suas fórmas de inallienavel e indivisivel. É por isso que o culto domestico de cada familia é distincto; os Lares e os Penates não podem ser confundidos, e quando se celebram os casamentos a mulher abandona o seu lar pelo do marido; d'esta incommunicabilidade do culto domestico resultou a necessidade de crear um culto publico separado da tradição familista e reconhecendo a sua independencia. As fórmas domesticas reproduzem-se na religião nacional como no Prytaneo, que era o lar publico, e nas divindades poliades, com um territorio tambem consagrado pelas sepulturas dos antepassados, que se designavam pela palavra tão sentida de *Patria.* Assim como em cada casa se venerava o antepassado, assim cada cidade tinha o culto do seu fundador e dos seus heroes. A transição do culto domestico para o culto publico estabeleceu-se com o desenvolvimento da familia na *Gens;* para conservar a integridade da familia a fim de manter a perpetuidade do culto, creou-se a fórma civil da *adopção,* e ampliou-se pela *agnação.* O casamento nas suas fórmas derivava tambem d'essa concepção religiosa; uma parte celebrava-se diante do fogo do lar paterno, outra diante do fogo do lar do marido, como quem abjura de uma religião e é iniciada n'outra; estes actos, communs aos gregos e romanos, eram a *traditio,* a *deductio in domum* e a *confarreatio.* O divorcio tornou-se um facto juridico pela necessidade da conservação da continuidade da familia. O culto domestico tornou-se a synthese affectiva de todos os direitos do cidadão, a que os romanos chamaram o *jus sacrorum,* que não concediam por fórma alguma aos povos que incorporavam na sua unidade politica. O culto publico veiu a prevalecer sobre o culto domestico, como vêmos na supremacia de Brahma na India, e de Zeus na Grecia; os actos liturgicos da Cidade eram o seu segredo, consignavam-se

em livros, que continham os hymnos propiciatorios da divindade nacional, que os extrangeiros não podiam conhecer, e que estavam entregues á guarda de uma corporação especulativa, os sacerdotes, que iam redigindo os Annaes pontificios, esses rudimentos da primeira historia. Os Archontes eram como os paes communs, com uma auctoridade religiosa e judicial, eleitos e com um caracter de reis a quem competia o commando militar. A unificação d'estes elementos sociaes, ou grupos de Gentes, fez-se por uma confederação religiosa em ponto grande, nas Amphyctionias, ou cidades ligadas pela veneração ao mesmo templo. O culto de Apollo de Delphos liga entre si quatro burgos de Moratona; o culto de Hercules liga as povoações do Pireu, de Phaléro e mais dois cantões visinhos; o culto de Athenea Polias unificou em uma mesma confederação os povos da Attica reunidos affectivamente nas festas Pan-Athenêas. Muitas fórmas da organisação civil conservaram por muito tempo o caracter religioso, como a reunião das assemblêas, que começava por uma prece, e o censo e recenseamento que nascera de uma cerimonia religiosa de lustração, e o consulado em que o seu primeiro acto era um sacrificio no forum; a penalidade do exilio tinha tambem um caracter religioso pela exclusão do culto nacional. A confusão de todos os poderes, no periodo da organisação nacional, em que os mesmos chefes eram simultaneamente pontifices, juizes, generaes e administradores, é que dissolveu esta fórma da *Synthese affectiva,* pervertida pela ambição theocratica. Estabelecida a dissidencia entre o poder temporal dos chefes militares, e o espiritual dos chefes sacerdotaes, a sociedade lucrou pela sua emancipação. Foi preciso, no contacto com outros povos, reconhecer a magestade dos seus deuses, e acceital-os como nacionaes, como fizeram os Romanos. A Grecia, que politicamente se não elevou acima das confederações de cidades, pelo sentimento artistico na poesia, na eloquencia, na architectura e na esculptura chegou a uma plena unidade nacional na fórma superior de Civilisação. Quando as Religiões antigas, pelas guerras de Alexandre, e pela queda de Jerusalem, se acharam em contacto, os dogmas e fórmas cultuaes foram impotentes para estabelecerem o accordo dos espiritos por via da crença, e apoderaram-se das doutrinas moraes, generalisadas nos costumes, e tambem descobertas pelo genio especulativo dos Philosophos gregos. Assim na decomposição das fórmas empiricas da *Synthese affectiva,* a *Moral* e a *Arte* permaneceram sempre como bases da sua recomposição racional. A Moral realisará o accordo definitivo da vida domestica com a vida publica,

fazendo a equivalencia reciproca entre os direitos e os deveres como base das instituições politicas; e a Arte, pelo estimulo das emoções estheticas, provocará a necessidade das especulações mentaes, longo tempo restricta a um limitado numero de individuos, que pela condição do seu isolamento cahiam na aberração das noções subjectivas ou metaphysicas.

Vejamos como as Religiões foram perdendo o poder na formação da Synthese affectiva, e como a Moral e a Arte, por isso que poderam conformar-se com o criterio objectivo ou scientifico, subsistem como orgãos sociaes da unificação dos sentimentos.

As Religiões são um estado emocional do homem primitivo, que contempla sem relacionar, para quem tudo é inexplicavel, e que por isso em vez de convencer-se, crê, e em vez de persuadir, hallucina. As religiões foram productos individuaes, como se póde deduzir do privilegio do sacerdocio em dadas personalidades, como os magos ou feiticeiros, productos que se tornaram domesticos, como no culto familista dos penates, até que se estenderam a uma sociedade inteira como primeiro nexo moral de unificação. Se as religiões permanecessem simples creações individuaes não passavam do estado emocional; mas a sua tendencia para se apoderarem das intelligencias da collectividade social, faz com que os que elaboraram esses productos de uma mentalidade rudimentar, procurem converter essa emoção, facil de propagar, em uma noção ou ideia incapaz de ser obliterada. É este phenomeno psychologico que predomina na evolução religiosa; elle nos explica a natureza provisoria e caduca dos systemas religiosos, a sua tendencia para a immobilidade, o conflicto constante com as transformações sociaes e a sua futura eliminação como o vestigio de uma mentalidade atrazada, que está perturbando o progresso humano pela exploração calculada das forças staticas de conservação.

A serie dos phenomenos que estimulam por todos os lados a actividade do homem era de tal fórma complexa que só um systema logico de observação é que poderia obstar por um regimen de especialidade crescente á confusão das impressões indistinctas e á fadiga mental que produz uma variedade descoordenada. Mas esse processo logico foi um trabalho de conquista do homem sobre o meio cosmico, e por isso a apathia mental que caracterisa o selvagem moderno, era a caracteristica da intelligencia do homem primitivo, que condensou todas as suas emoções em uma noção emotiva, a que na linguagem usual se chama Deus. Nas religiões dos povos mais

avançados a noção de Deus é incompativel ainda com a curiosidade da intelligencia; o crente deve ser ignorante, dil-o S. Paulo; o desvendar os problemas da natureza é querer penetrar os intuitos de Deus, o que é irreligiosidade, e na phrase de Sam Jeronymo a propria egreja catholica, que veiu suspender a actividade scientifica da civilisação greco-romana, não nasceu das academias mas da plebe vil e ignara: *Eclesia non de Academia, sed de vili plebucula orta est.* No sentido de um meio de lisongear a apathia mental, acceitamos a palavra *religiosidade,* com que Quatrefages quiz caracterisar o homem primitivo distinguindo-o por isso dos outros animaes. Incapaz de coordenar os multiplices phenomenos da natureza, o homem em vez de se exercer em relacional-os, deixou-se na inercia passiva attribuindo-os a vontades immanentes, fazendo-os seus fetiches, ou a vontades transcendentes nos deuses personificações. A este estado emotivo se deve attribuir a persistencia do estado selvagem ainda actualmente na humanidade, e o difficilimo advento do homem á civilisação, que, ainda hoje mesmo, não pôde libertar os actos sociaes das fórmas emocionaes dos sacramentos. A persistencia d'esta mentalidade emocional da religiosidade actuou profundamente na elaboração da linguagem, e os philologos modernos quando consideram as expressões mythicas como uma doença ou perversão da palavra, presentem uma modificação ou desvio da actividade humana através d'esse caso particular. As Religiões serviram-se da creação da linguagem para se desenvolverem á custa dos Mythos, e raças inteiras e fecundas não chegaram á historia porque se esgotaram no periodo das concepções mythicas religiosas, especies de pezadellos, miragens ou hallucinações, que afastaram a intelligencia do seu poder e exercicio relacionador. Todas as creações sociaes foram viciadas por esse estado mental da religiosidade, que amontoava o ficticio para evitar o esforço de precisar a realidade. Spencer explica muito bem quanto é mais facil construir hypotheses, phantasmagorisar arbitrariamente, do que poder fixar a attenção nos dados de um raciocinio; e isto se observa na historia das sciencias, que partem do complicado e falso até chegarem pela observação e experiencia ao que é mais simples e verdadeiro. Sendo a religiosidade esse estado apathico emocional que substitue agradavelmente o esforço da noção que se adquire reflexivamente, é este o estado psychologico que mais persiste na gente rude, nas povoações ruraes, nas mulheres, nas crianças; é por isso que o consideramos como a fórma da mentalidade primitiva. Sob a sua influencia todos os actos sociaes,

creados como condição de desenvolvimento humano, tomaram um caracter sacramental ou foram postos ao serviço d'essa propagação emocional, taes como o direito, a arte, a poesia, a sancção moral, a synthese scientifica e até a auctoridade. Era preciso que houvesse no organismo humano uma grande tendencia progressiva, para que a intelligencia podesse emancipar-se d'esse estado apathico da religiosidade; raças potentes, como os Semitas que chegaram accidentalmente a exercer a hegemonia da humanidade, tornaram-se improgressivas, nomadas e afundaram-se na dissolução cosmopolita por causa d'essa orientação exclusiva da religiosidade; outras, como as áricas, só em ramos destacados por migrações forçadas e em outros climas poderam substituir esse estado por uma certa positividade scientifica.

O desenvolvimento da emoção religiosa attingiu o seu maximo na noção absoluta de Deus, que, como irreductivel e inverificavel se converte outra vez em emoção capaz de deducções logicas. Segundo essas noções deduzidas emocionalmente, Deus é a verdade, a omnisciencia, a omnipotencia, e portanto perfeito; a religião, como o meio de estabelecer relações com essa entidade absoluta, é obra sua, sem modificações, como elle perfeita e inalteravel. Todas as religiões aspiram a realisar esta immutabilidade fazendo consistir na sua fórma improgressiva a condição da sua origem divina e da superioridade sobre as outras religiões; umas, sustentam a sua immobilidade na parte material, no *rito, cerimonia* ou *liturgia,* e o conhecimento de todos estes actos constitue a sabedoria de uma classe que os mantém na sua exactidão, e os transmitte secretamente e por iniciação em uma classe privilegiada ou o sacerdocio; outras, por meio de explicações do sentido d'esses actos liturgicos deduzem de especulações subjectivas conciliadas com elementos tradicionaes, um certo numero de affirmações cathegoricas, a que chamam *dogmas,* com os quaes se escudam contra todo o progresso humano. Quando as religiões dispõem do poder temporal nas sociedades, a manutenção dos dogmas contra a vulgarisação crescente do criterio experimental ou positivo leva-as ao regimen da *intolerancia,* a ponto de se extinguirem populações inteiras, como na reacção dos brahmanes contra os budhistas, ou como nas guerras de religião na Europa, as carnificinas contra os Albigenses, e os huguenotes. A propria egreja catholica apoia-se ainda nas suas decisões sobre um aphorismo que formúla audazmente a sua immobilidade, redigido pelo abbade Lerins. Apesar da tendencia caracteristica da immobilidade, as Religiões alteram-se, modifi-

cam-se como todos os phenomenos sujeitos á transformação, para adaptarem-se ás situações do meio social; se isto revela uma condição necessaria para a sua existencia, encerra tambem a previsão de que ellas tendem a ser eliminadas como incompativeis com as fórmas de uma mentalidade superior. Não indicaremos as variedades das fórmas religiosas segundo o estado agricola, pastoral, caçador ou metalurgista, nem a influencia dos paizes quentes nos cultos lunares e dos climas frios nos cultos solares, nem do estado familista do hetairismo no culto chteista, ou do patriarcado no lingamismo; todas estas fórmas fundamentam a convicção de que as Religiões em vez de dirigirem as sociedades são um producto levado na corrente da evolução d'esses aggregados, a que imprimem as fórmas fataes da adaptação ao meio. Abstraindo d'este importante phenomeno determinado pelo estudo comparativo das Religiões, dá-se n'ellas uma elaboração intima, uma alteração de essencia, a que poderiamos chamar uma transformação consciente conhecida pelo nome de elaboração theologica. É este o periodo em que o estado emocional da religiosidade procura apoiar-se em uma noção racional, capaz de ser generalisada. Desde que a emoção religiosa é explorada por uma classe exclusiva, essa classe não crê, reflecte a frio, e organisa os meios de perpetuar a emoção dos outros; tal é a exactidão angural dos ritos, que se tornam symbolos mysteriosos para serem explicados. Assim como a palavra fixa a ideia, assim o rito uniformisa a emoção, e a explicação aviva-a em profundidade. Os Mythos inventados como fórmas de uma concepção analoga á das crianças, que ainda hoje personificam os phenomenos da natureza, vivificam e dramatisam as qualidades moraes e fazem entidades das qualidades das cousas raciocinando por processos metonymicos e synedochicos, os mythos são um producto independente das religiões; foi facil identificarem se pela origem subjectiva e sentimental. As Religiões apoderaram-se dos mythos na sua pasmosa efflorescencia e fizeram de nomes qualitativos deuses hierarchicos; ampliaram assim a sua acção sobre as imaginações vulgares, coordenando esses mythos em um pantheon como no polytheismo vedico, avestico, hellenico, italico e germanico. Mas nem todos os mythos se prestavam á elaboração religiosa, e nasceram logo na fórma de apologos e fabulas uns, outros na fórma de contos domesticos, e assim se desenvolveram os germens tradicionaes das Litteraturas, que mais tarde se tornaram um dos grandes productos sociaes, quando os mythos entraram na sua decadencia. As Religiões debalde procuraram ligar-se ás sociedades á custa da vitalidade e perstigio dos mythos; o

estado intellectual elevava-se no homem, e a concepção mythica era substituida por modos de vêr as cousas mais objectivos e explicaveis. É assim que se explica como um grande numero de mythos de deuses se converteram em heroes, sendo esses typos degenerescentes empregados na idealisação poetica das lendas e epopêas nacionaes. O dominio religioso foi invadido pelas Litteraturas, que se apropriaram dos mythos como base de novas invenções. Pelo seu lado as Religiões conservaram aquelles mythos que tinham um sentido mais profundo, como todos aquelles formados sobre a preoccupação das origens; foram esses mythos que serviram de elemento para as grandes *Cosmogonias,* phase superior por onde as Religiões procuraram exercer poder espiritual sobre as intelligencias. Existem Cosmogonias pasmosas nas Religiões do Egypto, da Persia, da China, e mesmo nos povos proto-historicos, como no Mexico e na Finlandia; o facto de se encontrarem tambem Cosmogonias entre varios poetas, como Hesiodo, e philosophos, como Epicuro, revela-nos que as Religiões foram atacadas n'este seu reducto, sendo obrigadas a abandonarem esses mythos das origens a uma outra ordem de especulação mental, hoje preponderante, que se chama a Sciencia, e cujos productos partindo de noções verificaveis se coordenam de modo que um Laplace póde demonstrar o *Systema do mundo.* Pela evolução progressiva do criterio da observação, que tinha de disciplinar-se na Sciencia, havia de chegar-se a uma phase social em que os mythos fossem concepções atrazadas e abaixo da intellectualidade; as religiões procurando subordinar o corpo social que lhe escapava, perdiam essa base emotiva, e tinham de buscar um outro recurso analogo a esse progresso; por mais subtis que sejam as interpretações allegoricas dos mythos, por mais esforços de profundidade mystica, a dialectica sacerdotal faz vastos systemas de interpretação chamados theologias, mas não consegue obstar á dissidencia que se estabelece entre a religiosidade e a positividade. É este um dos mais admiraveis periodos das transformações religiosas; destaca-se na sociedade um grupo que reconhece que os mythos não tem seriedade e estão abaixo das consciencias; esse grupo, tornando-se independente do mysterio e segredo dos ritos de que não precisa, fere profundamente o corpo sacerdotal como casta privilegiada; abandonando então os mythos como pueris, subordina os actos humanos á vontade de um deus, e toma como face nova da Religião a *Moral.*

Esta pasmosa phase da consciencia observa-se na India, quando os buddhistas, que levaram ao mais alto grão as espe-

culações moraes reagiram contra a casta brahmanica, que exerceu sobre elles horrendas carnificinas não podendo por esse meio extremo obstar a que o buddhismo seja ainda hoje a Religião que conta mais adeptos. O mesmo phenomeno se deu com a entrada do Christianismo na Europa, vindo pela Grecia, onde se apropriou das doutrinas moraes dos philosophos, e encontrando em Roma a incredulidade das classes cultas que conservavam por mera exterioridade um polytheismo helleno-italico de que os proprios aruspices se riam entre si. Se a base moral nos apparece favorecendo a formação de duas vigorosissimas Religiões, o buddhismo e o christianismo, esse facto traz implicito em si a independencia mental, porque as especulações sobre os costumes serão exercidas com urgencia pelos juristas, legisladores e metaphysicos. As Religiões, que eram na phrase do Genesis «a sciencia do Bem e do Mal» emquanto tinham por base a Moral, foram atacadas pelos pensadores que constituiram a Ethica, a sciencia em que «o homem fica igual aos deuses,» como escrevia Moysés, que conhecia a moral egypcia. A base moral imprimiu ás Religiões um progresso extraordinario forçando-as ás especulações abstractas que levaram algumas ás fórmas do Monotheismo; n'este sentido póde-se dizer que as religiões que attingiram este resultado de uma generalisação racional se transformaram em Metaphysicas. O Buddhismo é uma metaphysica mais completa do que o systema pessimista de Schopenauer e da inconsciencia de Hartmann; e o Christianismo é outra metaphysica herdeira das escolas neo-platonicas e fortalecida pela Escholastica da Edade media. Por aqui se vê que as sociedades se iseméptam das Religiões desenvolvendo-se á custa de uma outra mentalidade; as Religiões, como apanagio de uma classe que lucta pela existencia, procuram outros fundamentos por onde se liguem a ellas. As Religiões não se contentaram unicamente com o *poder espiritual;* desde que a razão buscava explicações em outra ordem de factos e por outros meios, as consciencias emancipavam-se, e era portanto indispensavel que as Religiões se apoderassem do *poder temporal.* Nas civilisações mais elevadas da antiguidade, como a do Egypto, da Chaldea, da India, da Persia, da Grecia, de Roma, nas civilisações semitas, existiu o poder espiritual confundido com o poder temporal, e é este o facto mais caracteristico d'essas civilisações. Quer dizer, que esses altos progressos adquiridos pela positividade de um empirismo industrial, foram paralisados pelas Religiões que pela força se apoderaram das sociedades que destruiram. Pelo seu lado o Christianismo en-

trou na Europa alliciando a plebe, os escravos, e todos os que não tinham poder; foi por isso que o seu advento historico assignala na civilisação moderna a separação do poder temporal do espiritual, como tão lucidamente o pensou Augusto Comte. Emquanto o christianismo se conservou uma crença popular não tentou apoderar-se do poder temporal; mas desde que a Egreja se organisa em hierarchia auctoritaria aspirou immediatamente á acção politica, e é sob Constantino que começa a acção perturbadora do catholicismo, tentando confundir a Egreja com o Estado. Todas as grandes luctas da Europa moderna se originaram d'essa tentativa de confusão, quebrada pelo protestantismo, e ainda hoje a fórmula *Egreja livre no Estado livre,* é um sophisma clerical com que pretendem submetter á religião a sociedade civil que tem interesses mais elevados. Depois do Concilio de Trento a Egreja procurou submetter a sacramentos os actos puramente sociaes dos nascimentos, casamentos e obitos, agarrando-se assim ao corpo vivo com uma tenacidade parasitica. Vendo que a sociedade lhe escapa pela illustração, a Religião explora a mentalidade atrazada do povo e das mulheres, avivando as superstições, como se viu durante todo o pontificado de Pio IX, com a apparição de imagens, com o marianismo, com as aguas santas e com o Syllabus, em fim com todo esse Arsenal da Devoção tão minuciosamente descripto por Parfaict. Todos os grandes factos sociaes do mundo moderno se emanciparam lentamente da acção perturbadora da religião; á medida que o direito symbolico da Edade media se convertia em uma noção racional, apropriava-se da precisão geometrica do Direito romano, e comtudo a Egreja construia ao lado da concepção intellectual e pratica o vasto corpo do Direito canonico, casuistico e particularisado a uma classe. A Arte leiga das Jurandas, as tradições populares conservadas nos *pagi,* foram transviadas para a architectura dos templos medievaes e para as lendas dos santos; as festas locaes que tinham um caracter civil foram transformadas em praticas cultuaes, como as festas de Maio e da entrada do Inverno. Para apoderar-se da imaginação dos povos indo-europeus, o Christianismo deixou o seu caracter abstracto de uma metaphysica, tornando-se polytheista nas fórmas da trindade, da encarnação e da agiolatria; é este o lado por onde ainda conserva a sua acção sobre as populações atrazadas, tirando do extraordinario numero dos seus proselytos a força com que se impõe aos governos querendo compartilhar com elles o poder temporal.

No seculo XVI começou na Europa esse grande movimento

scientifico que restabeleceu ás concepções humanas as bases da positividade; quebrou-se a unidade catholica, os dogmas ficaram sem influxo sobre as intelligencias que se determinavam não pelas crenças mas pelas demonstrações. A Egreja reconheceu que diminuia o seu dominio e tentou apoderar-se do ensino publico. Organisou-se essa poderosa e compacta milicia sacerdotal dos Jesuitas, destinada ostensivamente ao *ensino* das crianças, com o intuito de se apoderarem das subsequentes gerações; contra a marcha das sciencias experimentaes os Jesuitas oppuzeram um exaggerado humanismo, substituindo o saber pelo pedantismo; a grammatica, a dialectica, a rhetorica foram as drogas soporiferas com que julgaram adormentar as intelligencias. As forças vivas da sociedade moderna poderam mais do que o esforço calculado dos pedagogos cretinisadores. As grandes descobertas das Academias do seculo XVII despertaram a comprehensão dos governos, que começaram de então a organisar a educação publica. Feridos no seu privilegio de ensino, os Jesuitas alteraram a sua tactica primitiva que os separava do contacto das mulheres: a mulher tornou-se para elles um meio de aliciação para entrarem nas familias pela direcção espiritual, e lhe entregarem os filhos. O *direito dos paes*, que os Jesuitas allegam contra as fórmas exclusivamente scientificas do ensino official obrigatorio, é a consequencia d'esta longa mas efficaz aliciação. O *ensino obrigatorio* é tambem a fórmula que significa o esforço para separar a educação da instrucção; e se o direito de punir foi transferido pela civilisação da vindicta pessoal para o Estado na fórma sublime de Ministerio publico, para que o Estado exerça legitimamente esse direito é preciso que tenha a obrigação prévia e correlativa de ensinar; só assim é que póde attribuir imputação e exigir responsabilidade a qualquer membro do agregado social. A vida moderna funda-se sobre recursos de bem estar que só podem ser produzidos pelos conhecimentos scientificos; a instrucção prevalece portanto sobre a educação, e só as classes estereis, que conservam a tradição aristocratica, é que adoptam de preferencia o ensino jesuitico. Conhecendo que diminue a sua acção pedagogica, os Jesuitas, como a parte mais bem disciplinada da Egreja, reorganisaram-se em associação internacional, ramificando-se em todas as classes sociaes, exigindo para solidariedade e convergencia de acção a obediencia passiva como o ideal de todas as virtudes. Tal é o momento historico em que exercem uma acção perturbadora no estado civil, retardando a satisfação das exigencias sociaes, usando as forças staticas de conservação e dissolvendo os caracteres.

Tudo isto significa um facto bem simples: que a Religião se acha deslocada na mentalidade moderna, e que procura agarrar-se ás sociedades por todos os meios capciosos. Diante de uma situação tão extraordinaria os governos empiricos dão golpes ás cegas, como os grandes ministros do seculo XVIII, mas não é pela força que se extirpam as falsas orientações da intelligencia. A politica racional tem por fim coordenar todas as forças sociaes, e da propria evolução d'essas forças póde deduzir-se a norma da emancipação civil. Em uma época em que a instrucção perde o caracter de especialidade estreita para corrigir-se por uma certa generalidade encyclopedica, tendem a desapparecer esses factos de aberração mental em que grandes sabios, como Newton ou Pascal, podiam conciliar o criticismo scientifico com a crença nas interpretações clericaes. É este um dos importantes phenomenos da consciencia claramente examinado pelo positivismo que funda a pedagogia temperando a especialidade crescente pela necessidade da generalisação encyclopedica. A exigencia social da liberdade de cultos é tambem um outro phenomeno espontaneo que ao estado compete coordenar, não só pondo o ensino acima dos differentes credos tradicionaes, como fortificando pelas condições ethnicas a unificação nacional. A religiosidade como um estado atrazado da intelligencia é um phenomeno que se estuda pela psychologia e pela historia; desde que se comprehenda como a ideia religiosa se elabora até ao ponto da monomania incuravel, esse producto morbido deve ser submettido ao estudo para se conhecer a classe social e a edade em que é mais frequente, e por uma certa hygienne que consiste no ensino scientifico, extirpado nas gerações subsequentes. A Sciencia das Religiões é uma creação moderna destinada a exercer uma acção incalculavel sobre a mentalidade humana, por que analysa por processos comparativos as varias fórmas, transmissões, e degenerações d'esse primitivo estado emocional, sem o perstigio que o crente liga aos seus ritos e symbolos. Assim como os orgãos e phenomenos da sexualidade perdem idealisação hallucinada e vaporosa do collegial quando se estudam na physiologia ou na pathologia, tambem a Sciencia das Religiões virá exercer uma disciplina saudavel dando á dissolução da religiosidade um intuito sereno, sem o conflicto hostil que até hoje acompanhou o criticismo. É um facto evidente que a mentalidade religiosa tende a extinguir-se; já ninguem póde hoje levantar essas grandes construcções da Edade media, ninguem póde hallucinar populações inteiras para os levantamentos desvairados das *Cruzadas,* ninguem é já capaz de intimidar o mun-

do com os terrores do *Millenio,* ninguem póde já em nome de Deus reaccender as fogueiras ou recomeçar as torturas da *Inquisição,* ninguem já se priva das suas propriedades para entregal-as ao parasitismo monachal; o christianismo sente-se tambem exhausto, e não podendo já inspirar uma architectura como a gothica, uma poesia como a dos hymnographos, uma pintura como a raphaelica, porque todas as grandes creações procuram ser a expressão de intuitos sociaes ou profanos, renova os seus dogmas pelo sentimento feminil no marianismo, e pelo doesto contra a independencia civil do estado no infallibilismo. A dissolução espontanea é evidente; importa que todos os que exercem o poder apressem essa eliminação urgente. No ensino publico europeu acham-se já actualmente fundadas algumas cadeiras da Sciencia das Religiões.

Recapitulando os topicos concluimos: A Religião suppriu as primeiras concepções dos phenomenos da natureza, até que a Sciencia explicando-os pela verificação experimental, veiu diminuir inevitavelmente a esphera da Religião, com quem está em permanente conflicto. Na sua fórma mais primitiva a Religião é um subjectivismo, e um phenomeno pathologico da linguagem; como tal subsistiu pelo metaphorismo das palavras, desviando a actividade da razão para a creação de entidades phantasticas, de que foi sendo privada pelo desenvolvimento humanista e nacional das Litteraturas. A Religião ligou-se successivamente á vida das sociedades apoderando-se da *sancção moral* como meio de se fazer acceitar e proteger pelo Poder temporal; porém a *Moral* pela especulação philosophica tornou-se independente, da mesma fórma que o Direito e a Arte se separaram do symbolo sacramental, desenvolvendo-se pela necessidade de exprimirem relações humanas. Por fim pelo advento da civilisação moderna, o Poder temporal separa-se do Poder espiritual, e a Religião acaba de perder a acção directa sobre a marcha das sociedades, ficando reduzida apenas aos recursos da estabilidade tradicional, ou superstições, e á acção perturbadora pela exploração de uma mentalidade atrazada, que a sciencia irá supprimindo pela instrucção obrigatoria e pelo criterio comparativo applicado ao phenomeno psychologico e historico da religiosidade.

A palavra *Moral,* de *mores* os costumes, *moralis* concernente aos costumes, encerra a noção concreta d'onde se derivou o systema geral e abstracto de regras que dirigem acções: os costumes são estudados pelo seu lado descriptivo na *Ethnographia,* nas suas relações comparativas na *Ethnologia,* e emquanto ao ponto de vista biologico, ou relações dos actos com

os modificadores mesologicos, são objecto da *Hygienne;* como actos que se tornam conscientes, e depois racionaes como expressão da vontade collectiva ou individual, os costumes são tambem objecto da *Psychologia;* os costumes, nas fórmas da tradição reflectem-se na morphologia da *Arte,* nos actos symbolicos do *Direito consuetudinario,* emfim elles são o élo da evolução social. A Moral é formada pela contribuição de todas estas sciencias concretas, que lhe prestam a critica e a historia dos costumes; é porem uma sciencia geral e abstracta porque tem em vista deduzir d'essa complexidade de factos a norma ideal de acção do individuo como sér isolado e social nas suas complicadas relações cosmologicas, biologicas e sociologicas. Considerada como parte componente, ou um phenomeno particular da complicadissima sciencia deductiva da Sociologia, a Moral póde classificar-se como sciencia abstracto-concreta, a que os gregos chamaram *Ethica,* podendo desenvolver-se como um systema independente ou *Doutrina dos Deveres,* ou mesmo *Ethocracia,* como queria d'Holbach A norma deduzida dos costumes tornou-se imperativa, ou o *Dever,* da mesma fórma que o nexo juridico verdadeiramente material se elevou tambem a imperativo tornando-se consciente na *Obrigação;* é por isso que Dever e Obrigação, são actos onde se estabelece a correlação da Moral com o Direito emquanto á sua derivação commum da systematisação dos costumes. Na fórma primitiva ou empirica, a Moral comprehendia no seu syncretismo a Lei, a Hygienne, o Culto e a Obrigação juridica, e a sua extensão e complexidade é que fez com que nas applicações constantes fosse formulando syntheses aphoristicas, que se immobilisaram em maxima, e que vieram a formar a parte razoavel das theologias.

Moral no estado theologico.— Desde que o criterio primitivo explicava as creações humanas como actos de revelação, taes como a linguagem, os aggregados sociaes, as invenções fabris, transmittidas por dom da divindade, era impossivel que toda e qualquer noção derivada da espontaneidade dos costumes não fosse tambem attribuida ao influxo de um deus. A auctoridade, o governo, a justiça, o direito, foram objecto de exploração e disciplina das castas e associações sacerdotaes, e só uma longa evolução historica é que tornou profanos estes productos sociaes, que livre e independentemente se desenvolveram, ou se tornaram *civis.* A Moral tirando a sua força imperativa da vontade de um Deus, tornava-se na parte pratica um elemento cultual, e na parte doutrinaria uma especulação casuistica da theologia. Como con-

fundida com outras manifestações da affectividade social, a Moral só podia tornar-se independente com a decadencia das theologias; em condições analogas vê-se isto mesmo entre os Chinezes, povo que pelo seu fetichismo abstracto nunca se exerceu em especulações theogonicas, e cujas concepções intellectuaes são exclusivamente moraes. Sob a dependencia da theologia a Moral basêa-se na concepção mythica das *penas e recompensas,* e nas tradições eschatologicas da *immortalidade da alma;* e tudo quanto pôde produzir sobre estes elementos foi o egoismo da personalidade subordinando os seus actos como preparação para a morte; é por isso que a Moral theologica consiste *in non faciendo,* é propriamente negativa. Temos os exemplos na vetustissima Moral theologica do Egypto, na confissão negativa do *Ritual dos Mortos,* reproduzida no Decalogo mosaico. Pleyte, nos *Estudos egyptologicos,* cita esta confissão negativa achada em um tumulo da quarta ou quinta dynastia: «Elle nunca fez mal a alguem. Elle nunca matou pessoa alguma.» E no *Papyrus funerario de Sutimés:* «Eu nunca commetti iniquidade. Eu nunca atormentei. Eu nunca roubei. Eu nunca matei. Nunca estraguei as cearas. Nunca me apoderei das cousas de Deus. Nunca menti. Nunca praguejei. Nunca fiz cousas repugnantes. Nunca espiei....» A fórma negativa é essencial e foi a que veiu a prevalecer na moral do christianismo na fórma do aphorismo vulgar: «Não faças aos outros o que não queres que te façam.» O espirito de *negação* da Moral theologica foi levado até ás suas ultimas consequencias na doutrina ascetica do quietismo na aniquilação da vontade, da intelligencia, para se absorver em Deus, fóco de toda a pureza. O mesmo aniquilamento se encontra na moral buddhica, muito mais antiga, e que sem cair na dissolução sensual dos directores espirituaes dos conventos de mulheres do seculo XVII, chegou a formular essa theoria metaphysica da perfeição pela independencia dos accidentes materiaes no *Nirvana.* O Buddhismo venceu o Brahmanismo, porque este systema theologico estava ainda muito ligado ás tradições mythicas, emquanto que o Buddhismo desenvolveu-se exclusivamente á custa da Moral; o mesmo explica o triumpho do Christianismo sobre o Polytheismo greco-romano, porque este se immobilisara nos mythos, alguns d'elles já sem sentido, ao passo que o Christianismo constituiu-se dogmaticamente á custo da Moral, tal como a tinham já formulado os philosophos gregos e romanos. É por isso que a conversão da Moral em uma sciencia positiva, dá-se em resultado da decadencia actual das theologias diante da

nova orientação dos espiritos: «*Eis o homem tornado egual aos Deuses pelo conhecimento do bem e do mal.*» (Genesis, III, 22.)

O principio tão commum: *Faze aos outros o que queres que te façam,* que se acha formulado com uma immensa clareza na moral da China, do Egypto, dos Buddhistas, e ainda por ultimo tido como uma affirmação maravilhosa e exclusiva do christianismo, foi tambem adoptado pela maior parte dos philosophos que pretenderam systematisar a Moral em corpo de doutrina. Era este o axioma primeiro, tomado *a priori* para as deducções, e recebido como um postulado pela consagração dos tempos. O aphorismo é realmente respeitavel pela auctoridade da tradição historica, e sôa bem ao ouvido, pelo seu laconismo imperativo; observado porém o seu espirito, acha-se-lhe o vicio da origem. Na maxima, *Não faças aos outros o que não queres que te façam,* ou na sua redacção cathegorica, *Faze aos outros o que queres que te façam,* é o sentimento egoista tomado como norma de acção; o que interessa ou agrada á personalidade, ou o que lhe não é proveitoso, eis as balisas dentro das quaes se subordina a liberdade moral; corresponde este imperativo a épocas antigas, em que o homem explica tudo pela sua pessoa, e reduz o universo á sua pessoa. E comtudo este aphorismo tão profundamente egoista, passa por exprimir uma subordinação altruista; comprehende-se pois como elle foi conservado em religiões asceticas, como o buddhismo ou o christianismo, que reduzem a moral a uma abstenção de actividade e ao egoismo feroz da penitencia para salvação da personalidade. Admittindo até certo ponto um intuito de verdade no aphorismo, vêmos que o vicio egoista o torna incapaz de ser tomado como norma de acção: cada individuo caracterisa-se pela individualidade do seu modo de sentir, pela sua capacidade mental, pela particularidade da sua aspiração, pelo exclusivismo do seu interesse, e esta differenciação intima é que torna o conflicto social uma grande força impulsiva de progresso; se cada individuo se tomar a si mesmo, no que julga que lhe é proficuo ou prejudicial, como movel de relação para com os outros, o typo apathico ha de oppôr-se á actividade do sanguineo, a organisação especulativa desviará do seu destino o espirito pratico, emfim o celibatario lamentará com piedade o casado ou vice-versa. Se o conflicto das individualidades é um impulsor de progresso, a descoordenação de paixões, como vêmos na Moral fundada no egoismo religioso, conduz á perda de energia, ao nihilismo mystico. Por isso desde que a noção

de Humanidade penetrou na consciencia, e tende a dirigir o espirito da civilisação, a noção moral deve comprehender tambem esse novo factor; a maxima rejuvenescida pelo Evangelho está atrazada, e quem a seguir desloca-se do seu tempo.

Moral no estado methaphysico ou independente. — Nada mais completo do que a *Moral pratica,* ou a somma de generalisações em fórma de maxima, com um caracter imperativo, deduzidas dos actos particulares de cada sociedade, da situação especial de cada povo, e até do genio de cada raça, independentemente das doutrinas religiosas e da sancção juridica, que mais tarde se apoderaram d'essas generalisações espontaneas e concretas; nada mais confuso e vago do que a pretendida *Moral theorica,* convertida em elemento doutrinario das religiões pela theologia, onde se immobilisou pelos dogmas, e complicada com problemas insoluveis pela metaphysica, nas eternas questões do livre-arbitrio e da responsabilidade humana, da noção distinctiva do Bem e do Mal, da essencia da Virtude e do Vicio, da origem imperativa do Dever, da capacidade de determinar-se por elle, ou o senso moral, e da sancção da consciencia! Como a Psychologia foi longos tempos considerada a philosophia na sua totalidade, tambem a Moral, como uma especulação sobre os actos de relação da actividade humana, se tornou um dos factos em que mais se tem exercido a elaboração mental dos philosophos. A Moral chegou mesmo a significar toda a phenomenalidade de ordem subjectiva, como contraposta ao phenomenismo objectivo ou material; pela sancção ligaram-na os theologos a Deus como principio de derivação de todo o bem, e os metaphysicos, pela investigação do senso moral ou consciencia, subordinaram o seu exame ao estudo da natureza humana, que para elles era a psychologia. No meio de todos estes trabalhos especulativos, em que os philosophos tinham em vista deduzir os principios que dirigem a actividade pratica, a Moral foi-se emancipando da theologia á medida que se determinava pelo exame da natureza humana e pelos processos comparativos, até que pelos progressos scientificos modernos se chegou á noção da *Moral independente,* e *universal,* como separada da sancção religiosa e da affirmação dos instituidores divinos; hoje é facil de passar da moral independente, desbravada pela indisciplina e dissolução metaphysica, para a *Moral positiva,* isto é, a systematisação theorica dos costumes, taes como em todos os gráos da humanidade, em todas as civilisações historicas, em todas as regiões, climas, edades, classes e fórmas de actividade, os observa e compara a mo-

derna sciencia da Ethnologia; importa estabelecer a deducção n'essa massa crescente de factos de relação harmonica do interesse do individuo com a força invencivel do meio social, partindo d'aquelles actos os mais concretos e automaticos até ás noções abstractas ou de consciencia. Os metaphysicos inverteram o seu processo trabalhando para organisar uma Moral *a priori* para depois deduzirem d'ella a moral pratica ou a disciplina dos costumes; a verdadeira direcção positiva é a contraria, partir da Moral pratica estabelecida espontaneamente pelos costumes até descobrir na simplificação das fórmas concretas a noção abstracta ou theorica.

Nas suas luminosas *Maximas,* consignou Vauvenargues um pensamento que se póde applicar aos factos complexos que a Moral comprehende: «O espirito do homem é mais penetrante do que consequente, alcança mais do que coordena.» (Max. 2.) As noções moraes as mais profundas existem formuladas de uma maneira cathegorica e desde a mais remota antiguidade, não só pelos philosophos das civilisações orientaes e occidentaes, como subsistem na tradição do bom senso na fórma de aphorismos vulgares e poeticos que definem estados de consciencia; não obstante esta immensa somma de observações, nenhuma coordenação existe entre ellas perfeitamente philosophica, que não seja produzida com um intuito de subordinação religiosa, ou como comprovação de hypotheticas concepções metaphysicas sobre a natureza humana. A Moral foi uma parte pratica ou applicada das theologias, pela conformação dos actos do homem com a vontade de Deus manifestada pelo sacerdocio, e um elemento concreto da psychologia, quando fazia das ideias entidades immanentes, e em que o Bem era um principio absoluto constituindo a essencia da consciencia individual. Quasi todas as fórmulas moraes deixadas pelas antigas civilisações bem differentes da nossa, concebidas em épocas historicas com outros interesses, ainda hoje são verdadeiras, porque se deduzem das situações actuaes em que o homem por vezes se acha; isto dá um caracter positivo a essa somma de factos sobre que se deve estabelecer a systematisação racional. A Moral é a disciplina da vontade, como a Logica é a disciplina da razão, ou a Hygienne é a disciplina dos meios em que se exerce o funccionalismo vital. Na caracteristica da vontade ha um elemento pessoal e psychologico, que os philosophos ou moralistas antigos comprehenderam de um modo exclusivo, mas ha sobre tudo um elemento collectivo, que consiste na somma dos estimulos sociaes que determinam a vontade individual nas suas relações e interesses.

Esta parte collectiva ou social é nova na synthese moral, e estuda-se de um modo completo na tradição aphoristica de cada povo. O methodo positivo para a systematisação da Moral deve comprehender as noções psychologicas achadas no processo individual pelos moralistas, e as noções sociologicas que os povos vão espontaneamente deduzindo da evolução progressiva dos seus costumes; as observações as mais assombrosas existem accumuladas, falta-lhes a coordenação intima, sem os intuitos coercitivos das theologias, nem das deducções da metaphysica sobre uma errada concepção do ontologismo da natureza humana. A este esforço de coordenação racional tem-se-lhe chamado *Moral independente,* por effeito da revolta mental contra essas duas phases philosophicas que viciaram ou fizeram estacionar a Moral; pela moderna reorganisação da psychologia em bases physiologicas, e dos phenomenos sociaes em bases scientificas, a Moral é uma noção que se deriva de actos concretos, que se propaga pelo automatismo do costume, que se generalisa como sancção, e se eleva até á fórma abstracta de um estimulo racional da vontade. Eis a Moral positiva; está tudo bem observado, como se vê pelos monumentos da continuidade historica, ha só a estabelecer a coordenação d'esses factos, verificaveis pela sua verdade ainda actual, persistentes no que é psychologico, transitorios no que está ligado ás transformações da sociedade. As theologias querendo explicar e dirigir o destino humano, apropriaram-se da Moral; querendo explicar a natureza humana, as metaphysicas reduziram a Moral á subordinação das paixões. Assim a Moral emquanto theologica reduzia-se a uma preparação para a morte, e emquanto metaphysica á responsabilidade de um chimerico livre-arbitrio. Só quando se conhecem as forças e as creações da collectividade humana ou sociedade como um organismo completo, inventando o que o individuo não é capaz de fazer, como linguas, mythos, religiões e fórmas governativas, é que se nota que a noção Moral está nas mesmas condições, e que pela evolução historica é que se póde chegar á systematisação positiva. O processo methodologico está bem caracterisado n'esta primeira maxima de Vauvenargues: «É mais facil dizer cousas novas, do que conciliar as que já foram ditas.» A philosophia positiva baseando-se sempre sobre o criterio historico, e é este o ponto em que se encontra com a eschola physicista dos evolucionistas, não visa á novidade, mas á conciliação das relações já achadas como meio mais seguro de attingir a unanimidade das intelligencias. Uma philosophia que primeiro systematisou em sciencia os complexissi-

mos phenomenos sociaes, ou Sociologia, não podia deixar de fundar como base positiva de todo o determinismo moral o sacrificio da personalidade, de uma fórma espontanea, ou o *altruismo;* a previsão sociologica é o caracter scientifico que mais contribue para que se deduza a previsão moral ou propriamente o determinismo consciente. Só depois de organisada uma Sociologia, é que póde systematisar-se a Moral, pela razão de que ella comprehende a maior somma dos estimulos da actividade humana na sua dependencia da sociedade. As theologias separam o homem do mundo, ou põem-no em conflicto comsigo mesmo por um dualismo inconciliavel; as metaphysicas isolam-no em o reducto do Eu subjectivo; a Philosophia positiva restabelece o seu condicionalismo cosmico e biologico, e procura deduzir o seu relativismo sociologico. A sua Moral não ha de ser estacionaria como a que fundaram as theologias, nem em contradição com a natureza como a formularam os metaphysicos estoicos e sensualistas.

Moral positiva.— O bom senso natural é um certo estado de positividade, que as doutrinas theologicas, penetrando as sociedades e dirigindo-as, perverteram, e quasi que fizeram desapparecer da natureza humana antes de achar a disciplina e o regimem da sciencia. Comte conheceu este estado de positividade espontanea, que precedeu o periodo theologico. Nos mais antigos principios de moral concreta, da civilisação do Egypto, encontra-se no *Tratado de Kakemni* a base positiva da sancção moral: «Que o homem proceda de modo que seus filhos possam louval-o, quando terminar a sua carreira.» Esta bella concepção que corresponde a uma certa organisação social familista, como a que preponderava nos Nomos do Egypto, transportada para uma época em que se haja attingido a noção historica e philosophica de humanidade, eis ahi temos a base para o altruismo, cuja mais alta affirmação é a que se revela pela vida dos Grandes Homens, a que a humanidade corresponde com um certo louvor sociolatrico. Os theologos não podendo desconhecer estes factos eloquentes do bom senso, quizeram fazer uma distincção entre Moral *natural* e *revelada,* sem notar que atacavam assim o que ha de superior na moral, a responsabilidade ou a imputação do acto suggerido por um impulso divino, e que além da *revelação,* completaram o seu absurdo pela *graça.* Na Persia, acha-se a mesma concepção positiva espontanea; Zoroastro pergunta: «Como póde o homem attingir a felicidade? Não fazendo o que desagradar a vosso pae e a vossa mãe...» Nos rifões populares portuguezes encontramos este aphorismo secular, que remonta á

mesma ordem de concepções da noção moral: «*Filho és, e pae serás, como vires assim farás.*»

O estimulo automatico de imitação, que vêmos prevalecer na fundação da Moral familista, é o mesmo que estabelece as relações para a noção da Moral social; um anexim portuguez expressa claramante o facto. Costuma dizer-se: «*Se fores a Roma faze-te romano.*» Aqui temos o acto a conformar-se com o costume; e como n'esta conformação ha um esforço ou rudimento de sacrificio á communidade, impõe-se uma *imitação* exterior como a primeira fórma rudimentar e concreta da virtude. Dentro da mesma sociedade póde dar-se a necessidade da *imitação,* como vêmos em Roma na plebe procurando descobrir as fórmulas sacramentaes do patriciado, ou a reproducção simulada de actos consuetudinarios sem sentido mas ainda com o perstigio da tradicão immemorial.

O *costume,* que persiste ás vezes quando já se transformou o meio de que elle era a adaptação, á medida que vae perdendo o sentido e deixando de ser comprehendido, nem por isso desapparece, conservando a sua simulação por actos allusivos, como se vê nas cerimonias de *rapto* e de *combate* nas sociedades em que o casamento é já um contracto juridico; esta antinomia que apparece nos costumes, dá se tambem na fórmula das noções moraes ou maxima. Nos proverbios de todos os povos existem contradicções, provenientes de duas stratificações dos costumes modificados por épocas differentes, e não por divergencia doutrinaria; assim em portuguez temos estas duas maximas que se repugnam: «*Faze o bem, não cates a quem;*» e: «*Não faças bem não te virá mal;*» são dois estados de consciencia, que provém de certo de transformações sociaes. Esta ultima maxima acha-se no Talmud, e veiu-nos talvez pela cohabitação semitica; da mesma fórma que as phrases juridicas, *hasta publica* e *arrematação,* derivam do symbolismo romano da lança, ou *quir,* com que se representava a força publica, como essa outra expressão forense *ao correr do martello,* deriva do symbolismo religioso germanico. É esta força de persistencia tradicional que faz com que os costumes se imitem; a antiguidade é uma fórma de sancção moral, e apezar dos absurdos dos systemas theologicos os livros sagrados impõem-se ainda hoje por esse fundamento. O costume persiste muitas vezes, apezar de se terem modificado as condições que o determinaram; assim as facas de pedra conservaram-se nas liturgias primitivas, quando já existiam as espadas de bronze e de ferro; já se não precipitavam os velhos, mas em Roma ainda existia a phrase *depontani senes.*

Os costumes para serem imitados começam por uma parodia automatica, como vêmos com as crianças que *imitam os grandes;* depois são explicados. É n'este processo de especulação theorica, que as Religiões sacerdotaes, sentindo falta de apoio nos mythos espontaneos, se fortificaram apoderando-se da Moral, subordinada, já se vê, ao seu interesse de classe: as religiões perverteram a Moral que se ia formando empiricamente, com noções falsas que viciaram toda a actividade humana. Basta qualquer aphorismo em que transpareça o espirito theologico, para o evidenciar, como este, que é a consagração da apathia das sociedades degradadas pela theocracia: «*Mais vale quem Deus ajuda, do que quem muito madruga.*» E este, de um profundo egoismo, como o que pela monomania cenobitica fez estacionar a Europa: «*Cada um por si, e Deus por todos.*» Não exploremos esta aberração doentia da consciencia humana, a que as sociedades modernas ainda obedecem; sigamos a corrente da evolução natural tornada a achar pelo processo scientifico, que corresponde a uma regeneração da especie.

A *imitação* dos actos de uma dada sociedade, classe social ou individualidade, constitue o primeiro esforço para a definição espontanea e fixação do typo concreto do acto moral; sobre tudo os actos observados em uma certa individualidade tornam-se motivos de admiração, exaltam-se, idealisam-se e ficam um modelo de conformação, um limite supremo do qual precisa aproximar-se aquelle que pretenda subordinar a sua acção a motivos superiores. Este processo concreto da formação do conceito moral, apparece-nos de um modo exclusivo na moral do christianismo, onde a *Imitação* da vida ideal de Jesus é apresentada como a norma de conformação por onde se attinge a perfeição agiologica; o que levou mais longe esta conformação material e imitativa, Francisco de Assis, teve a sua sanctificação julgada no *Livro das Conformidades* pelo parallelismo o mais concreto. Os prégadores catholicos da Edade media procuravam actuar nos costumes publicos por meio de contos de personalidades historicas ou fabulosas, que narravam dos pulpitos a pretexto de Exemplos. O livro de Plutarcho, *Vidas dos Homens illustres,* exerceu em muitos espiritos das classes cultas um estimulo de conformação, ás vezes phantastico, sobre a formação da noção moral; o moralista francez Vauvenargues começou a reflectir sobre os actos humanos pela leitura de Plutarcho, que o levava desde a idealisação até á hallucinação de vêr moverem-se diante de si essas figuras historicas; tinha então dezeseis annos o moralista; a mesma crise se deu

na infancia de Rousseau, e Mirabeau primo de Vauvenargues, segundo a phrase pittoresca d'este moralista «*andava tambem louco de Plutarcho.*» A imitação das grandes individualidades, além de ser um estimulo da acção, (virtude ou esforço da conformação) torna-se tambem uma justificação do acto ou a sancção, que é o que dá a força imperativa á Moral. O santo *imita* a vida de Jesus, como o provou admiravelmente Alfredo Maury, no *Ensaio sobre as Lendas piedosas da Edade media;* o heroe imita o typo celebrado nos poemas, como Alexandre que procurava realisar os typos ideaes da *Illiada,* que elle lia nas campanhas, como o Condestavel Nuno Alvares Pereira, que na sua mocidade imitava a vida do heroe do poema de *Galaaz,* do cyclo da Tavola Redonda. A imitação do acto, levada ao seu ultimo extremo, se nos apparece pelo seu lado tragico no ascetismo catholico, pelo seu lado comico foi admiravelmente ridiculisada por Cervantes, levando *D. Quixote* de aventura em aventura, fazendo sair as situações grotescas da conformação material dos seus actos com os que elle idealisara pela leitura das novellas de cavalleria, cujas passagens citava como legitimação do seu desvario.

Na Moral positiva, ha uma parte *statica,* ou que provém dos costumes generalisados em maxima; todos os povos deduziram espontaneamente estas normas de acção, conservadas pelo automatismo tradicional, e praticadas tambem pela fórma automatica da imitação. Na Moral theologica a *imitação* é o unico meio seguro de attingir a perfeição ideal.

Na parte *dynamica,* a Moral é uma justa coordenação entre a vontade e a intelligencia; desde que todos os actos são o resultado de uma noção, que é o motivo motor da vontade, é certo que o desenvolvimento psychologico, a cultura intellectual, o conhecimento do condicionalismo da consciencia, a solidariedade humana, e a demonstração da marcha evolutiva das sociedades influindo na elevação do individuo, hão de forçosamente produzir estimulos superiores da vontade, isto é, noções novas, justas e claras, que determinarão actos de altruismo para com a especie, e de aspiração perfectiva para comsigo mesmo. É esta a phase nova da Moral, que se torna por assim dizer um estado de consciencia; d'esta fórma a Moral, sendo o accordo da vontade e da intelligencia, manifesta-se em toda a actividade humana, no direito, na arte, na politica, na industria, na sciencia como a *Synthese affectiva;* e as naturezas superiores já se dão a conhecer pelo *senso moral,* como a razão se dá a conhecer pelo *senso commum,* e como gosto artistico se revela sem aprendizagem pelo *senso esthetico.*

Se fôrmos procurar as origens da Moral na animalidade inferior, achamol-as nos actos ou movimentos de oscillação entre a dôr e o prazer; a *dôr* revela um apartamento do condicionalismo organico, o *prazer* o exercicio necessario da funcção organica, ou a synergia. Todo o animal, que conhece a dôr e a evita, exerce um rudimento de moral; esta moral inconsciente, mas ligada ao condicionalismo funccional tornou-se com relação ao Homem a sciencia dos meios biologicos, ou a Hygienne, e é esta origem a relação mais clara e racional da Hygienne com a Moral. Com o desenvolvimento do homem a dôr acompanhou-o tornando-se assim de ordem subjectiva; a *dôr moral* é tambem um estimulo de acção, e o que é capaz de sentil-a evita-a com mais previsão do que um ouvido musical evita uma dissonancia. Na penalidade antiga procurava-se o castigo na dôr physica, como meio do restabelecimento da incapacidade moral; a *tortura* era um meio de acclarar a verdade á falta de estimulos de consciencia; e o *remorso* foi a primeira fórma da dôr moral, explorada pelas religiões. O *prazer* tambem foi conservado como estimulo de acção na pintura das bemaventuranças, ou recompensas de todas as theologias, nos Eden, Olympo, Svarga e Walhala; mas se uma descoordenação da vontade é que é o acto psychologico do remorso, o accordo da vontade e da intelligencia em um sentimento que se satisfaz, ha de produzir esse bem estar subjectivo que se tem ao praticar ou vêr praticar o que competia fazer-se em dado momento; a este prazer moral chama a metaphysica sancção da consciencia.

O instincto da conservação sugere uma grande serie de actos animaes tendentes á independencia e persistencia do individuo; este instincto é propriamente o *egoismo,* impulso animal, que se torna uma noção concreta nas naturezas inferiores da especie humana, e como tal estimulo de actos, que fóra das condições organicas e legitimas, se tornam aberrações viciosas e crimes. Mas no individuo não existe sómente o instincto da propria conservação, ha tambem o da conservação e da solidariedade da especie, isto é, um rudimento de *altruismo;* o animal que se agrupa em bando, sente a necessidade do seu semelhante, e o macho que defende o ninho ou covil, e que procura o alimento para a prôle, obedece a essa tendencia, que nos organismos superiores se revelou pela dedicação do *altruismo,* que fundou a familia, a propriedade, a cidade e a auctoridade, esteios de toda a civilisação. A Moral positiva evidenciando as origens organicas d'estes dois polos, *egoismo* e *altruismo,* entre os quaes oscilla todo o movimento

das determinações moraes, não elimina o *egoismo* natural dando como base das virtudes a abnegação, e limita o altruismo até ao ponto em que elle não dissolve a individualidade. Esta coordenação da Moral positiva é a mesma em toda a transformação social moderna: não se quer a propriedade exclusivamente collectiva, como nas communidades primitivas, nem o dominio individual absoluto, como em Roma, mas sim um justo meio entre estas duas tendencias; não se quer a familia exclusivamente subordinada ao pae, como nos periodos patriarchaes e em Roma, nem dissolvida no Phalansterio como queria Carlos Fourier, temperam-se as duas tendencias pela acção do estado, limitada no ensino obrigatorio; não se quer que o individuo desappareça ante o poder collectivo do estado, como na civilisação romana, nem que o individualismo prevaleça sobre a organisação social como no periodo barbaro ou germanico; os municipios, as republicas e as federações realisando a liberdade de associação temperam essas duas fortes tendencias em um justo equilibrio. Eis aqui porque a Moral positiva segue a mesma coordenação de impulsos e a mesma subordinação de actos, fixando o maior relêvo da individualidade no esforço mais util para a collectividade.

Na linguagem popular existe um anexim, que contém a expressão material das modificações moraes: «*O mal e o bem á face vem.*» Isto não se refere simplesmente á pallidez e ao rubor, que exprimem os estados do espirito, como o terror, a perturbação do momento, mas tambem ao typo physionomico, que revela o caracter; para o povo ha caras de assassino, de intrigante, de invejoso, e caras de bondade, caras de intelligencia. Aqui temos o ultimo vestigio das relações concretas com que os povos formaram as noções abstractas do Bem e do Mal. Segundo os dados da Philologia, que é tambem uma paleontologia psychologica, o *Bem* deriva-se da ideia concreta de tocar com a mão, ajustar-se, convir (de *dav,* d'onde *davnus,* e *davonus,* ainda usado no sec. III a. C. por *bonus*[1]; o *Mal,* exprime a noção concreta de porcaria, ascorosidade, e a acção de quebrar e sujar (do verbo *mar,* d'onde *mara,* ainda no sansk. *mala,* sujo, com analogias com o latim *malus.*) Nas personificações mythicas dos Contos de fadas, as boas fadas, as que têm o condão do bem, são essencialmente arranjadeiras, e a benção antiga consistia na imposição das mãos; na personificação mythica do Mal, os espiritos malignos, como

[1] Leblois, *La Morale, son origine,* p. 280. (Critique religieuse, de Renouvier.)

o Diabo, são destruidores, perturbadores, hediondos, e produzem a dôr physica. As relações mythicas que exprimem a noção concreta, explicam-nos o modo como a noção do Bem se tornou abstracta na formação de um ideal de divindidade, e como a realisação do bem se tornou um fim religioso, ou o asctetismo; na phase metaphysica, a noção do Bem tornou-se um ideal de perfeição, isto é uma victoria das paixões. Segundo as transformações religiosas, o dualismo influiu na personificação do Mal, como no fetichismo accadico, em que a peste e a doença são personificadas, ou no dualismo medo-persa, com Ormuz e Ahrimane, ou no catholicismo, com Deus e o Diabo. Na phase metaphysica, o Mal ficou uma entidade, personificada muitas vezes no desastre, na infelicidade, na desventura. Na linguagem existe a tendencia para a mythificação, e assim como os generos feminino e masculino formam cathegorias espontaneas de classificação, assim a distincção material de *bom* e *mão* torna-se uma caracteristica de designação das cousas, como nota Lubbock na linguagem dos selvagens das Ilhas dos Amigos, e tambem na linguagem das crianças. Pela evolução da noção concreta se vê como se foi criando o *senso moral,* que se desenvolve gradualmente nas crianças, como se observa nas ideias de pudor, de veracidade, de propriedade, de obediencia, e como se perde pathologicamente como no hysterismo, na embriaguez, na hallucinação, e mesmo com a senectude. A falta de senso moral, em certos individuos, como Casa Nova de Singalt, Da Ponte, ou nos grandes facinoras, denota uma inferioridade physiologica, ou uma atrophia de desenvolvimento moral, sem estimulos saudaveis de convivencia, da mesma fórma que a falta de senso esthetico, revela uma inferioridade sensorial, uma certa falta de acção coordenadora das sensações. Pela origem concreta das noções do bem e do mal, que os metaphysicos consideravam como os phenomenos essenciaes da Consciencia, é que se chega á simplicação d'este pretendido facto irreductivel; a Consciencia é um estado adquirido de psychologia reflexa.

Para nós, *Consciencia* é a noção da propria sensibilidade: desde o momento que um qualquer estimulo não vibra em nós a impressão sensorial, estamos em estado de inconsciencia. Desde que uma sensação intensa ultrapassar os limites da nossa receptividade sensorial, tambem ficamos em estado de inconsciencia, como em certas dores violentas que deixam de ser sentidas. Assim concebida, a consciencia tem gráos na animalidade, e desenvolvimentos peculiarissimos no homem: o

cão que foge ao aceno de uma pedrada tem a consciencia de um mal que o ameaça, tem uma noção abstracta de uma sensibilidade já vibrada por aquelle meio. Como *empirico* este gráo de consciencia póde desenvolver-se em extensão casuistica, e é este o estado da animalidade inferior. O homem pelo seu poder relacionador e generalisador, converte as noções empiricas da propria sensibilidade em grupos abstractos, como a *consciencia da personalidade,* a *consciencia do criterio,* a *consciencia moral,* grupos de noções sensoriaes abstractas que com a hereditariedade e com a educação prematura e acção do meio social se tornam um estado psychologico bem caracteristico da nossa especie.

A *Consciencia* é um termo relativo dos differentes movimentos psychicos, ou da oscillação sensorial, e por isso como phenomeno isolado tendeu a converter-se em uma entidade irreductivel para os metaphysicos. Uma vez determinado o outro termo da oscillação sensorial, ou o automatismo, é que se comprehende como a consciencia é um estado relativo, progressivo, em gráos ascendentes ou descendentes segundo a escala animal. Segundo esta comprehensão, se apreciarão melhor os actos psychologicos: existem actos automaticos, que tendem a tornar-se conscientes, e é esta a capacidade dos sêres racionaes, e existem actos conscientes que para attingirem a sua perfeição se fazem automaticamente. Os primeiros podem observar-se nas crianças, e sobre tudo nos movimentos complexos das sociedades, cujas instituições têm o automatismo do costume até a sua racionalisação em associações voluntarias e conscientes; os segundos, observam-se nos actos continuados, no exercicio exclusivo de um dado orgão, e nas fórmas da pericia e da inspiração. Automatismo e Consciencia são os dois extremos dos movimentos sensoriaes, dando-se a oscillação para cada termo segundo a receptividade da materia sensivel. Na evolução das noções moraes, começa-se pelo automatismo dos costumes, e depois de generalisadas as maximas deduzidas d'elles, esses estimulos conscientes dos actos individuaes tornam-se outra vez automaticos n'esse impulso de conformação moral chamado *opinião publica.*

A Moral varía com as raças, com os costumes, com as épocas historicas; até os proprios systemas moraes dos philosophos se resentem d'estes modificadores biologicos e sociologicos, como vêmos nos Moralistas inglezes. O principio da utilidade, generalisado aos actos da vida humana por Bentham, está nos habitos e no criterio nacional saxonico; basta

esta realidade para o tornar de uma inteira verdade; só os actos automaticos e inconscientes é que não têm um ponto de vista sugestivo de utilidade; os actos de maior abnegação, de mais absoluto desinteresse, até de sacrificio, visam uma utilidade altruista. As noções de obrigação, de virtude, de justiça, são resultados de uma longa evolução historica, e por isso o estimulo da utilidade, revelado nas épocas primitivas pelo interesse pessoal, progrediu tambem harmonisando-se com essas noções, como vemos no cumprimento do direito, nas repressões da paixão egoista, e nos resultados da pratica de um dever. Stuart Mill, como moralista e como psychologista tentou harmonisar o principio utilitario com essas noções subjectivas, que nada têm de espontaneo, como pretendem os metaphysicos, pela correlação e bilateralismo dos interesses da sociedade. Guiado pelo criterio historico da evolução, que se tornou uma philosophia, Herbert Spencer considera o senso moral como uma capacidade individual adquirida no prolongado desenvolvimento da especie, e tornando-se organica por hereditariedade fixada; por este modo de vêr, a utilidade é um ponto de partida, sempre compativel como estimulo de acção, e comprehendendo os gráos em que o homem fôr reflectindo os progressos do agregado humano. Spencer contenta-se de restabelccer nos factos moraes a evolução historica, e é este o methodo seguro para as deduções positivas. A Moral positiva póde prevêr-se, como em politica se póde prevêr a federação universal, ou os congressos permanentes da paz, mas a sua constituição pratica só póde tornar-se effectiva quando os costumes fôrem modificados pela mentalidade po-positiva. De outra fórma seria fundar uma Moral *a priori,* como os metaphysicos, cujas bellas affirmações entraram na vulgarisação aphoristica, mas ainda não actuaram sobre os costumes. O que ha de ser a Moral positiva póde desde já prevêr-se pelo confronto da anarchia da moral religiosa, que ainda impera.

A noção positiva da Moral, resume-se em duas palavras: *disciplina das paixões.* Os actos humanos têm duas ordens de motivos, as emoções e as ideias; a intuição que é se não uma emoção qua se converte em ideia? o que é um sentimento, como honra, dever, senão uma ideia convertida em emoção? Estes dois estimulos das determinações voluntarias têm uma mutua solidariedade; a disciplina das ideias faz-se pela *instrucção,* ou regimen scientifico; a disciplina das emoções estabelece-se pela *educação,* ou regimen moral. E assim como a instrucção se foi desprendendo progressivamente da revela-

ção theologica, do subjectivismo dialectico da metaphysica, até chegar á comprovação experimental que attingiu pela demonstração a unidade positiva, tambem a educação, ou a Moral systematisada, se tornou independente das religiões, que maldiziam a natureza humana, permaneceu improgressiva em quanto a metaphysica formou psychologias intraspectivas, mas tende finalmente a tornar-se tambem positiva, por isso que a physiologia e a pathologia do espirito começam a explicar scientificamente o mechanismo de uma grande parte dos actos sensoriaes que motivam determinações. Segundo este modo de vêr a Moral deve receber um sentido generico e abstracto, porque em uma outra ordem de factos, comprehende o que se designa pela palavra Sciencia, isto é, uma dada fórma de conhecimento, exercendo-se em disciplina, uma da mentalidade outra da sentimentalidade. D'esta mais vasta comprehensão, que desliga a Moral do tradicionalismo theologico, e do pedantismo aphoristico dos metaphysicos, resultam os elementos fundamentaes de uma nova Pedagogia: Pela Sciencia se reduz a *Instrucção* á disciplina ou relacionação de noções; pela Moral, se funda a *Educação,* como uma ampliação d'essa disciplina ou subordinação das paixões. Falta-nos ainda uma parte, para que a Pedagogia seja integral; qual ella seja, prevê-se pela relação intima que existe entre a Sciencia e a Industria: essa parte deve ser a *Adestração,* cuja disciplina combinada com as anteriores consiste na coordenação dos movimentos. Os modernos pedagogistas presentem uma revolução no ensino; os espiritos que reagem contra a viciação theologica do ensino, tambem fazem a separação critica entre instrucção e educação; os evolucionistas, como Darwin e Spencer, e o italiano Ardigó ou o criticista Leblois, demonstram a independencia da Moral, mas não avançam além das suas bases staticas. Pelos progressos da Psychologia é que somos levados á nova concepção da Moral positiva, e partindo da noção simples de que ella será a disciplina das emoções, chegámos á descoberta da systematisação ou logar que lhe compete como agente de perfectibilidade humana.

No estado actual das sociedades europêas existe uma moral publica, isto é, um certo accordo de bom senso perturbado pelas praticas religiosas, como se póde observar em qualquer hospital de alienados na secção hoje já estabelecida para as monomanias de hallucinação religiosa. Os governos, que ainda conservam a religião de estado, e a subsidiam, e lhe abrem templos, e lhe entregam os actos da vida civil como sacramentos, e lhe deixam apoderar-se do ensino e educação

das crianças, e captar os credulos e fracos para a acquisição das grandes heranças, estão complicando a anarchia moral n'esta grande crise da transformação da consciencia humana. A moral catholica expõe as perversões dos actos humanos não para ensinar como esses actos se possam restabelecer na sua norma salutar e natural das paixões, mas para deduzir a essencia maligna da natureza humana, (base do dogma do peccado original) e em seguida mostrar que só a Egreja possue o segredo de tornar esse mal compativel com o bem estar do individuo pelo seu systema de perdões, (indulgencias, remissões e bemaventurança.) Quantas fortunas sociaes adquiridas á custa de crimes obscuros se desvendam n'esses estupendos legados de fundações religiosas, missas e e caridade ostensiva, que significam uma argucia de consciencia fundada n'esse regimen de *remissão para toda a ordem de peccado,* que alardêa a Egreja! N'este estado de anarchia moral, convém caracterisar por um confronto a moral catholica, a que tambem se póde chamar official, com a positiva, que se desenvolve com a elevação progressiva do bom senso.

A Moral catholica differe da Moral universal, philosophica ou independente, em que, aquella se resume em um ascetismo quotidiano e automatico (como os moinhos de orações do Thibet, ou as camandulas) e em preceitos praticos bem caracterisados no seu intuito pelo nome de *Arte de bem morrer;* ao passo que a noção philosophica, a que os povos se vão elevando empiricamente pelos costumes, conduz a estabelecer o justo meio entre o interesse individual e a obediencia ao conjuncto social, e por isso póde bem definir-se de um modo concreto pela designação de *Arte de bem viver.* Para os ascetas catholicos da Edade media a morte era chamada *natalis dies,* e a vida, para o que não attentasse contra ella pela maceração, consistia na falsa pintura da inscripção sybaritica: *ede, libe, lude.* Por esta concepção tão errada, a moral catholica conduz ao egoismo da salvação da personalidade, e os seus resultados historicos viram-se na desaggregação social pelo monachismo, pelo attentado do celibato, pelo parasitismo mendicante, pela intolerancia das perseguições religiosas, as mais reflectidas de todas as carnificinas. Uma vez independente da sancção religiosa, a Moral universalisa as relações humanas para a cooperação na lucta pela existencia, inspira por isso um elevado altruismo, movel das mais extraordinarias virtudes e das mais bellas invenções industriaes e concepções artisticas.

Como ascetica a moral catholica immobilisa-se na contem-

plação passiva de um phenomeno fatal, previsto, vulgar e de cada momento—a *morte;* e reduzindo-se a praticas exteriores, ensina a cumprir rigorosamente com essa exterioridade deixando ao espirito a titulo de tentação e fragilidade da carne, o entregar-se á immoralidade interior. É a hypocrisia systematisada, a duplicidade, tão bem explorada pelos jesuitas. Como philosophica, a Moral independente funda-se sobre um phenomeno complexo nas suas complicadissimas manifestações—a *vida.* E assim como a Hygienne procura estabelecer as relações harmonicas da vida com os seus meios cosmico e biologico, tambem a Moral, n'este sentido profano, trabalha para estabelecer a harmonia da vida em relações de ordem mais elevada, no conflicto de todos os elementos ou factores do desenvolvimento social. Quando um dia se fundar a sciencia da Mesologia, entrarão como bases da sua constituição systematica a Hygienne e a Moral independente. É este destino o que a tornará positiva. A Moral foi anterior ás religiões, porque estas se desenvolveram sobre a especulação de mythos, e só quando os mythos perderam o seu sentido primitivo, é que as religiões se ligaram ás sociedades pela especulação sobre os actos humanos; o mais antigo rudimento de moral independente que existe é o do papyro de Phtah-Hotep, no qual, de um modo concreto se indicam os preceitos para ser feliz entre os poderosos; é por assim dizer, uma disciplina de civilidade, sem noções abstractas de movel de acção, mas submettendo os actos á conformação do uso consuetudinario para receber *a approvação dos antigos.* Eis o rudimento espontaneo da sancção moral. As religiões apoderando-se da Moral para influirem nos costumes dos povos, immobilisaram-na na maxima; só as sciencias é que lhe restabelecem a independencia primitiva, pelos progressos da psychologia, pelo criterio comparativo da historia, e equiparando-a á Hygienne na cooperação do bem estar social. É verdadeiramente, e no mais elevado sentido, uma *Arte de bem viver;* quanto mais sublimes não são os seus preceitos, do que aquelles que preparavam para a morte! Condensamos aqui algumas das noções mais praticas d'esta nova *Synthese affectiva:*

1.º—Ensina-nos a disciplina das paixões, collocando os nossos desejos sobre o que seja natural, racional e conducente á perfectibilidade.

2.º—Ensina-nos a independencia individual, não fazendo derivar a satisfação dos nossos desejos do favor, arbitrio ou vontade de outrem; nem tampouco do accidente casual.

3.º—Dá-nos a consciencia da nossa elevação, fazendo-nos

considerar os nossos defeitos como males hereditarios e atávicos, que ainda actuam no nosso caracter, e de que devemos emancipar-nos por via da educação.

4.º—Fórma-nos o caracter, levando-nos a considerar as nossas tristezas e os males que soffremos como inherentes ao meio social, para que os removâmos com a mesma impassibilidade com que reagimos contra as perturbações do meio physico (tempestades, cataclismos, etc.) e contra os accidentes do meio biologico, (doenças, contagios, etc.)

5.º—Por ultimo, dá-nos a base do mais saudavel altruismo, e o modo de prolongar a vida na immortalidade da especie, apresentando-nos a sociedade em que vivemos, e a humanidade a que pertencemos, como o mais fecundo e verdadeiro estimulo da nossa actividade.

Tanto a Sciencia como a Industria, pela mais clara comprehensão do meio cosmico e pela adaptação d'esse meio ás necessidades humanas, estão destinadas como consequencia do seu desenvolvimento a tomarem conta do destino da sociedade substituindo as duas fórmas caducas e atrazadas do Poder espiritual dos dogmas, e do poder temporal das dynastias. Entre a Sciencia e a Industria existe uma mutua dependencia, de sorte que os seus progressos são sempre solidarios; um ponto de vista theorico modifica uma applicação, bem como os processos technicos levam a tornar verificavel a theoria; não é possivel dar-se o conflicto entre estes dois poderes novos, como entre os Poderes antigos na revolução que separou o temporal do espiritual, e nas reacções constantes d'este ultimo procurando intervir capciosamente na esphera civil. Nenhum progresso por via do poder espiritual das religiões se realisou ainda na sociedade que não fôsse á custa de rios de sangue; nenhuma modificação de utilidade social se operou na auctoridade sem que o regimen da guerra esgotasse as forças de transformação. Póde-se dizer que estes Poderes empiricos existiram para si, como liga de uma classe; que usaram da força em beneficio de sua estabilidade; e que as sociedades humanas só têm progredido á custa da acção espontanea do tempo, nos accidentes fortuitos das descobertas industriaes, na heterogenia das capacidades intellectuaes, e na eliminação pela mortalidade das individualidades esterilisadoras. Pelo contrario, todas as descobertas industriaes tendem ao bem estar do maior numero, e á pacificação da sociedade pela satisfação das necessidades fataes; a paz é uma condição essencial do trabalho, e basta o exercicio do regimen industrial para assegurar a paz perpetua entre os homens. A Sciencia,

dando ao homem pelas suas noções os verdadeiros estimulos da actividade, é essencialmente pacificadora; pela demonstração dos principios fundamentaes, ou condicionalismos que regem os phenomenos physicos, pelo conhecimento do determinismo dos phenomenos biologicos, e da coordenação da complexidade dos actos sociaes, ella funda a unanimidade das convicções, e estabelece o altruismo como a disciplina das paixões. Sciencia e Industria são as fórmas racionaes que hão de substituir esses dois poderes empiricos e abusivos, que se exercem como *peias,* com uma acção repressiva da evolução das sociedades; é vulgarissima a definição das Religiões caracterisando-as como o *freio dos povos,* e do Estado, como a realisação da ordem pela conservação ou estabilidade; o nome do estado deriva-se do seu fim, ou a estabilidade, como a religião do nexo, ou prisão moral. Os Poderes, na sua fórma *racional,* estabelecem o equilibrio entre o que é de natureza estavel com o que é transformavel; só a Sciencia é que attinge o conhecimento das condições em que a *ordem* póde coexistir com o *progresso,* como a Industria é que estabelece o accordo entre o interesse individual com o bem estar geral. O exercicio effectivo d'estes poderes novos na direcção das sociedades ha de ser bastante difficultado pelos poderes existentes; a Sciencia é regulamentada pelo Estado, que intervem na liberdade do ensino, na organisação dogmatica das disciplinas, na imposição dos corpos docentes, e no exclusivismo dos gráos; por seu turno a religião trata tambem de apoderar-se do ensino, e de amputar a sciencia em harmonia com a orthodoxia, e aos corpos docentes do estado oppõe uma milicia disciplinada, os jesuitas, que desde o seculo XVI trabalham com os seus implacaveis methodos pedagogicos, com a sua alliciação secreta das intelligencias noveis, para desviarem a corrente scientifica do espirito moderno para a dirigirem para a theologia. Apezar d'estas perversões systematicas da actividade mental do homem, a razão é como a luz que penetra por todos os intersticios, affirma-se e avança; do seio do ensino jesuitico sáem homens como Voltaire, que impulsiona um seculo, e no cêrco fechado pelas mediocridades preponderantes no ensino official penetram individualidades emancipadas em politica e religião, como Robin e Virchow. Uma perversão dos intuitos da Sciencia é tambem essa actividade esteril que lhe impõe o Estado, exercendo-a na descoberta de instrumentos de morte para aperfeiçoar os recursos da guerra, em machinas de devastação, e em apparelhos para a propria manutenção da estabilidade do governo, como os telegraphos, que são uma ex-

ploração privativamente sua. A Industria está tambem sujeita a uma condição passiva pelo proteccionismo dos governos, pela concorrencia do estado com os seus extraordinarios recursos da riqueza publica com os industriaes particulares, e pelo desvio da legitima actividade productora em monstruosos arsenaes de guerra e nos assombrosos armamentos. Além de outras considerações, são estas as que primeiro occorrem para evidenciar a difficuldade do accesso do regimen industrial, e da disciplina scientifica dos espiritos; mas a evolução d'esta nova phase das sociedades começou, e esse resto de agitação revolucionaria que nos ficou do Protestantismo e da Convenção, desapparecerá espontaneamente com a pacificação das consciencias pela unanimidade da Sciencia, e pelo bem estar levado ao maior numero pela organisação da Industria.

Ha porém uma situação na Sciencia e na Industria, que parece contradizer a unanimidade de uma, e a generalidade do bem estar determinado pela outra; a Sciencia apresenta de vez em quando o deploravel espectaculo das contradicções ferrenhas dos espiritos mais lucidos entre si, muitas das suas theorias são expostas em um tom polemico e aggressivo, chegando ás vezes a reflectir-se no campo impessoal das doutrinas os conflictos internacionaes, como a pretendida sciencia allemã e franceza, nas polemicas entre Virchow e Quatrefages; outras vezes a personalidade do homem de sciencia torna-se repugnante por um exclusivismo auctoritario, por um rigorismo intratavel, por um ciume de originalidade, como em Leverrier; outras vezes os problemas scientificos são o campo onde se debatem interesses de classe, alheios ao desenvolvimento da razão humana, como o antagonismo entre os monogenistas e biblicistas contra os transformistas; emfim a critica, que é o instrumento disciplinador, fecundante e sugestivo do trabalho scientifico, exerce-se caindo tão facilmente em expansão de sentimentos da personalidade, servindo intuitos pejorativos ou glorificações de favor. Póde-se dizer, que a Sciencia se acha perturbada no seu fim moral, o estabelecimento da unanimidade dos espiritos, pelos *conflictos doutrinarios,* e pelos *resentimentos pessoaes*. Sobretudo, estes ultimos preponderam na Litteratura, onde os sentimentos são o objecto da morphologia artistica, e onde as emoções são o resultado que se procura.

Na Industria o conflicto toma o caracter de um combate no momento indizivel do grito: *Sauve qui peut!* Cada um que produz, não tem em vista satisfazer a necessidade pelo modo

mais accessivel, mas sim ir de encontro á producção analoga e extinguil-a, deprecial-a, deixal-a sem procura, e ficar só em campo. Para este fim falsifica-se a producção para *concorrer* pela barateza; não importa que á satisfação da necessidade se apresente um veneno, e se ataque a salubridade, se arruine mesmo a especie, comtanto que a mercadoria supplante a marca mais procurada. É na *concorrencia* industrial, que os economistas classicos consideram como o factor principal do trabalho, que se vê claramente em pratica o aphorismo de Hobbes — o homem lobo do homem; a *concorrencia* é uma monstruosidade que se póde bem definir — o conflicto dos interesses na exploração das necessidades. E quantas vezes esse conflicto se converte em uma liga? o que é ainda muito peior. Bem caracterisada esta situação anarchica da Sciencia e da Industria, será possivel submetter estes problemas perturbadores a uma disciplina moral? Crêmos que sim.

Toda a actividade humana se exerce em duas condições, por especificidade de funcções, e como reacção do maior motivo; no primeiro caso pertencem os actos do automatismo espontaneo ou de inconsciencia, hoje tão amplamente estudados pelos physio-psychologistas; ao segundo, os actos determinados por um estimulo subjectivo ou propriamente voluntario. A actividade humana oscila entre o automatismo e a consciencia; actos automaticos ou especificos tornam-se conscientes, como a elaboração da linguagem, dos costumes, das tradições, e vice-versa, os actos conscientes tornam-se automaticos, como a pericia artistica. Todos os actos voluntarios tendem a conformar-se com uma norma ideal, e a capacidade de conceber essa norma, e de aperfeiçoar a acção reproduzindo-a ou *imitando-a,* é o que constitue a noção moral. Assim concebida a Moral, ella não existe exclusivamente nos costumes, influe em tudo o que póde conformar-se com um certo ideal; é por isso que a Sciencia e a Industria têm tambem a sua Moral. A Sciencia tem os seus processos logicos de investigação, tem as suas leis deductivas de previsão, tem o seu nexo dogmatico com as sciencias de que depende e para que contribue, mas além de todas estas condições tem tambem a sua Moral. Qual será pois a Moral da Sciencia, isto é, além do seu fim pratico, o seu fim ideal? A Sciencia procura a mais clara comprehensão do meio cosmico, a nossa dependencia com esse meio, e até que ponto podemos adaptal-o á nossa existencia, mas além de tudo isto ella tende a um fim ideal, a estabelecer a *unanimidade* das convicções. Tal é a Moral da Sciencia. Não comprehende esta noção moral, aquelle que exerce a sua acti-

vidade intellectual sem um plano, ponto de vista geral ou philosophia; a intelligencia exercendo-se em uma especialidade, cáe na intolerancia dogmatica, no pedantismo tão bem caracterisado nos humanistas, na superstição da lettra, no despreso por todas as outras fórmas da actividade mental, e em um horror inqualificavel pelas generalisações. Este estado mental torna um homem desgraçado, e a alteração doentia do caracter é que se reflecte nos constantes conflictos doutrinarios, que se tornam conflictos pessoaes. Comte achava tão lamentavel o mathematico que dispende a sua vida a fazer calculos, como o artifice que em uma fabrica consummiu a sua vida fazendo bicos de alfinetes; e como esta especialidade do mathematico quantas outras especialidades, ou propriamente erudições, não vêm tornar talentos apreciaveis tristemente odiosos, convertendo a severidade do methodo em grosseria brutal, que é tambem uma manifestação do pedantismo. Estes reagem contra a philosophia, e quanto mais se firmam na sua situação especial, tanto mais se afastam do fim moral da Sciencia. A Philosophia positiva, além da subordinação hierarchica das sciencias entre si, pela qual fundou o verdadeiro regimen mental temperando a especialidade pela educação encyclopedica, descobriu tambem o fim ideal das sciencias—a unanimidade das convicções pela verificação; e essa Philosophia, colligindo de todas as sciencias as conclusões verificaveis, é que está destinada a fundar a unanimidade. Quer como methodo, estabelecendo a dependencia mutua das sciencias, e eliminando do trabalho intellectual o incogniscivel, quer como synthese de todas as conclusões verificaveis, a Philosophia positiva é de todas as philosophias a que nos dá um ideal mais elevado da Sciencia, e por isso, pela sua disciplina mental é a que melhor subordina o trabalho scientifico a um fim moral.

Tambem pela subordinação dos complexos phenomenos sociaes ao criterio scientifico, a Philosophia positiva é a que está mais no caso de propôr o modo de eliminação da anarchia na esphera industrial.

Ao inverso de todos os principios racionaes da mechanica é que os movimentos, que se effectuam nas sociedades humanas, têm sido empiricamente dirigidos pelos que dispõem das forças d'esses aggregados. A lei evidente—ganhar tempo á custa de força—perverteu-se no mechanismo social pelo interesse dos que o dominam; a fórmula a que se reduzem todos os actos politicos dos governos resumem-se em—perder tempo á custa de força. O desenvolvimento social foi sempre sacri-

ficado a questões accidentaes, cuja resolução importava uma violação da natureza a bem de uma vantagem pessoal. Que somma de esforços, que dispendio de legitima actividade, que ruinas e que atrazos a recuperar, não têm produzido na vida das nações as *questões dynasticas?* Que mutua desconfiança entre os povos, que ciume egoista não produzem os sophismas diplomaticos, que cumprem á risca o torpe anexim de que a palavra foi dada ao homem para encobrir a verdade? Que vigor extraordinario dispendido em conflictos de religião, em destituição de dogmas, e ainda hoje em derrocar e implantar *fórmas de governo,* prevalecendo sempre o vicio intimo e de essencia, a personalidade na auctoridade? Que somma de sacrificios de sangue e de mortandade exigidos a este pobre sêr que precisa de sociedade, cegamente immolado pela vaga fascinação da palavra *patriotismo?* Que seculos de atrazo não tem produzido as differentes *Restaurações* nos estados da Europa, e essas vergonhosas concessões do poder absoluto chamadas *Cartas Constitucionaes?* Eis a simples indicação das questões politicas que têm esgotado e desmoralisado a vida social, desviando-a do seu desenvolvimemto evolutivo. Adam Smith chegou a concluir, que um estado progrediria infallivelmente se fôsse deixado a si mesmo, com pequenos impostos para os diminutos serviços sociaes e com uma facil justiça distributiva. A moral na politica só poderá fundar-se, primeiramente, quando a auctoridade tiver a impersonalidade de uma magistratura, e em segundo logar, quando a obrigação ou o dever forem cumpridos com maior exigencia segundo a superioridade das hierarchias sociaes; a realeza e as aristocracias vivem na ociosidade e na dissolução dos costumes, e pela força armada, policial e clerical, conservam as classes proletarias e burguezas na obediencia passiva de uns certos deveres; segundo a moral positiva a disciplina das acções deve dar-se de cima para baixo, da mesma fórma que nos orgãos mais importantes de um corpo vivo as funcções se exercem com mais perfeição, sob pena de ser prejudicada a vida. A anarchia moral na politica traz comsigo a perturbação da synergia de outras funcções sociaes. Se interrogarmos as questões economicas, acha-se o mesmo dispendio de forças, a mesma perda de tempo. Apoz o apparecimento historico do proletariado levantou-se a dolorosa questão do *pauperismo;* porém o elemento catholico apoderou-se d'ella complicando-a e perpetuando-a para conciliar os seus dogmas com o sentimento humanitario; conservaram o mal para o explorarem, decretando-se a caridade official, na fórma de asylos,

de monte-pios, de taxas de pobres. O jornalismo explora a bem da lista dos seus subscriptores o que ha de sentimental no pauperismo. O cancro lavra, e os que dispõem do poder não sabem vêr que essa manifestação pathologica local revela a profunda diathese na constituição social. Apoz o pauperismo levanta-se a questão das subsistencias, que se resolve com palliativos de momento, taes como leis de exportação de cereaes, celleiros do estado e emigração para as colonias. Segue-se o problema do *Trabalho,* em que as leis proteccionistas se contentam em satisfazer os productores, que por esse meio podem diminuir ou augmentar os salarios. A questão do capital chega por seu turno a perturbar a inconsciencia dos governos, tornando-se o vampiro medonho dos rendimentos publicos; e por seu turno os governos, para se manterem contra esta inevitavel absorpção realisaram a concepção do *Imposto* em todas as suas fórmas as mais abstractas, as mais imaginosas, cotisando as diversas entidades moraes do mesmo individuo, e os seus diversos actos, mesmo ainda os indirectos, chegando a ultrapassar o regimen administrativo da Edade media, arvorando o principio governativo da — exploração do homem pelo Estado.

A sciencia economica, a do periodo classico, decretada officialmente no ensino dos estabelecimentos publicos, acceitou todos estes vicios da organisação social, converteu-os em principios fundamentaes, deduzindo as suas leis dos phenomenos que se estavam passando, sem curar se elles eram normaes ou aberrativos. O phenomeno da *concorrencia* foi abandonado ao capricho de todas as necessidades ficticias e de todos os interesses indisciplinados: de um lado a preoccupação louca, degradante e insensata do luxo, como apparencia do valor da personalidade, do outro lado a riqueza tomada como fim exclusivo da existencia, e considerando-se a base da superioridade individual. É difficil descobrir o modo de estabelecer a disciplina moral para subordinar estes desordenados factores. Tentemol-o. Os dois polos entre os quaes oscila toda a phenomenalidade da sciencia economica — a producção e a consummação — acham-se viciados na sua essencia pelos estimulos porque se exercem: A producção tornou-se para a maioria prestante da sociedade, isto é, a classe operaria, *uma necessidade fatal;* a consummação tornou-se para a minoria parasita uma satisfação abusiva como *acto livre.* As consequencias d'esta inversão dos termos economicos manifestam-se em tudo; da parte da *producção fatal* vêmos impôr-se o despotismo do capital sobre o salario, do commercio sobre a industria, e a

impossibilidade do operario se poder educar e se desenvolver, privação irremediavel de um futuro descanço para aquelle que, desde que tem força se usa em produzir e morre sem treguas para a sua caducidade e para a familia que formou em volta de si. Da parte da *consummação livre*, as consequencias são sobre duras, odiosas: estabelecem-se as falsas necesidades, para satisfazer as quaes se sacrificam innumeras vidas em fabricar artigos sumptuarios; o trabalho, já de si exposto ao despotismo cego da concorrencia, vê os seus productos apreciados ou rejeitados segundo o capricho da moda. Em vez de se satisfazerem as necessidades que pezam fatalmente sobre a nossa natureza, essas necessidades tornam-se como um pretexto de alarde, um caracteristico de classe ou de jerarchia superior. O luxo, a sumptuosidade, a magnificencia chegaram a ser admittidos pelos economistas como factos normaes, por isso que mediam as forças de uma nação não pelo desenvolvimento das faculdades de uma raça, não pela elevação do senso moral de um povo, não pelas creações da intelligencia que assignalam a sua altura, mas pelo numero de braços votados ao trabalho e pelas estatisticas da maior producção. *Nem só de pão vive o homem;* este principio affirmado por uma religião contemplativa, que veiu atacar a civilisação greco-romana, paralisando a intelligencia humana durante a Edade media, exprime uma necessidade da natureza, que precisa ser comprehendida: além das necessidades do organismo animal o homem tem necessidades estheticas. A contemplação é um trabalho; do devaneio se parte para a especulação mental, para a intraspecção psychologica, para o aperfeiçoamento de si mesmo pela aspiração de um certo ideal. Como quem trabalha precisa de repouso, o que quizer educar-se precisa de contemplação. As classes operarias pelo esgotamento muscular são quasi inhabeis para reflectir. O que mais gasta é o que menos produz; esse não tem tempo senão para gastar, não tem habilidade, nem tem a moralidade para se envergonhar do seu parasitismo, não tem a capacidade para dominar os impetos da sua animalidade, dispende por que ignora o que a producção custa, desvirtua o trabalho por que pelo seu ocio dissolvente tira-lhe a generalidade e o converte em lei de maldição, em stigma affrontoso que caracterisa as classes separadas a que elle chama inferiores. O trabalho justo, disse Proudhon, não dá para mais do que poder sustentar-se o obreiro, e quando muito, tambem a sua familia; e vê-se todos os dias, na chamada alta sociedade, cada individuo dispender improficuamente valores que dariam para manter dez familias

dentro do mesmo tempo. Os moralistas abstractos buscam as suas comprovações nos factos isolados do individuo ou de uma classe; mas os individuos são o que as instituições os fazem ser, adaptam-se ao meio em que nasceram e que os domina. Os que temem a revolução fundam-se na corrupção dos costumes individuaes para rejeitarem qualquer transformação; mas como é possivel regenerar-se o homem dentro de instituições corruptas? Uma sociedade cujas bases economicas se fundam sobre o *capricho* da Consummação, e a *fatalidade* da Producção, perdeu as suas condições naturaes de equilibrio, perdeu esse accordo mutuo por onde em uma sociedade se realisa a justiça; a ordem hade ser um resultado apparente de violencias parciaes. Hade necessariamente dar se um conflicto permanente, uma divisão, uma antinomia entre o que produz e o que consomme; o nosso tempo assiste a essa lucta sem querer comprehender-lhe a causa, e empregando contra ella meios estupidos de repressão, como a lei draconiana de Bismarck. Mas quem póde ir contra a marcha do tempo? Uma parte da sociedade conhece que inutilisa a sua vida inteira em produzir. para uma outra parte, e em menor numero, sobre os diversos sophismas de capital, de juro, de renda, de dominio directo, de imposto, de lista civil, de bens da corôa, de auctoridade, absorver na inercia esse producto, gastando uma parte d'elle em conservar sob pretexto de ordem as injustiças tradicionaes, transmittidas de outras sociedades, no seu pé de immobilidade. A chamada questão social é esta queixa profunda contra uma injustiça de seculos; as soluções propostas pelos metaphysicos do socialismo são hypotheses, que no campo dos phenomenos concretos de uma sociedade se chamam utopias.

Desde que pela Sociologia se chegou ao conhecimento que o facto da sociedade humana era uma formação natural, que tinha o seu desenvolvimento organico e um certo numero de funcções staticas que nenhuma vontade póde alterar, e que as condições de coexistencia ou de harmonia residem na propria natureza dos sêres que constituem essa entidade, para de logo a intelligencia moderna foi levada a comprehender a uma outra luz os phenomenos que se exercem dentro d'esse meio. A noção de *auctoridade*, ligada desde os primeiros rudimentos das civilisações ás castas sacerdotaes, ás hierarchias da força, ás tradições egoistas das familias dynasticas e á impetuosidade dos habeis generaes, *(imperatores)* substitue-se espontaneamente pela simples comprehensão do fim social; não póde haver privilegio onde todos são eguaes perante a mesma

necessidade de união. A aspiração revolucionaria da egualdade torna-se uma noção positiva d'onde se deduz a base de todos os poderes, a soberania nacional. Trazer á sua evolução natural as fórmas da actividade que se exerce dentro do meio social, é restabelecer a synergia das funcções ou, menos figuradamente, a sua moral. Submettamos a este processo os phenomenos fundamentaes da Economia politica; vêmos pelos factos quotidianos, que o trabalho é tanto mais admiravel, imponente e fecundo quanto mais o provoca a liberdade; n'esta condição especial o trabalho dá ao homem a consciencia de que tambem é criador, confirma-o no seu poder; o trabalho livre leva o homem á saude physica e ao bem estar moral. O trabalho já não póde ser esse mytho da condemnação do homem, com que a Biblia fez do judeu um povo esteril, e com que a Egreja manteve na Edade media as classes servas; pela noção positiva é o meio pelo qual o homem affirma de um modo util a sua força, a sua capacidade transformadora e consequentemente a sua independencia individual. Dentro das sociedades actuaes, fundadas ainda sobre a inversão dos termos economicos, quasi que se não comprehende esta noção do trabalho, mas existe uma ou outra fórma de actividade que nos leva a prevêr o que seja o trabalho livre; exemplifiquemos com o trabalho artistico. Indispensavel para manter o nexo moral dentro da sociedade, pela elaboração das tradições, e pela satisfação das necessidades affectivas, aquelle que trabalha n'esta ordem de actividade, tira a concepção da propria liberdade, affirma a sua individualidade pela creação original, ama o seu trabalho desinteressadamente preferindo-o a tudo, e chega a realisar em si mesmo a perfeição idealisada. Hoje, na sociedade burgueza, chata e mesquinha, esta ordem de trabalho é julgada como excepção. No trabalho agricola ha tambem uma certa liberdade, que se reflecte no profundo amor pela sementeira, pela arvore plantada por aquelle que envelheceu com ella, ha a variedade de movimentos, uma fecunda ociosidade no intervallo das colheitas, ha a saude physica, e um instincto da solidariedade humana na hospitalidade. Estes dois exemplos são os extremos; que differença para o trabalho que torna o homem que o exerce rachytico ou deformado na sua estructura, e imbecil e odiento na sua mentalidade atrophiada por falta de tempo, vinculado á officina pela necessidade de manter-se a si e a sua familia, fechado no dilemma mortal—ganhar pelo trabalho o salario com que hade adquirir forças para dispender outra vez no trabalho.

Portanto para corrigir este vicio, ou melhor, para fundar

a moral na Industria, é necessario tornar o *trabalho* ou a *producção livres,* como vimos nos dois exemplos mencionados. Toda e qualquer fórma de actividade manual é susceptivel de ser tão liberal e educadora como o trabalho que exige o esforço especulativo da intelligencia. Só por este meio, é que se extinguirá esse outro vicio da consummação abusiva, reduzindo-a á satisfação simples das necessidades imprescriptiveis ou fataes, que são bem poucas. Os valores sumptuarios serão reduzidos a quinquilheria risivel, acabarão as theorias preventivas da população subordinada ás subsistencias, e a existencia do proletariado em vez de ser um terror tornar-se-ha uma força consciente. Consideremos os phenomenos estheticos.

A philosophia positiva eliminando dos seus processos o incognoscivel, e só acceitando conclusões unanimes e verificaveis, estabelece a crença admiravel da solidariedade humana e da progressiva perfectibilidade realisada pela Sciencia. A crença, que sob a fórma religiosa leva á intolerancia, aos odios de seita e aos desvarios proselyticos, sob a fórma de adhesão scientifica conduz ao sentimento da humanidade e por conseguinte á dedicação altruista. Era a crença que inspirava as obras de arte, quando a tradição religiosa exercia sobre a sociedade o poder espiritual de conciliar todas as emoções; mas desde que o christianismo tomou um caracter politico e se definiu dogmaticamente no Concilio de Trento, as crenças populares cederam o logar aos dogmas sophisticos e auctoritarios, e a religião de Jesus nunca mais inspirou uma concepção artistica séria. A pintura veiu perder a sua inspiração no maneirismo idylico; a architectura sob a erudição das ordens gregas facilmente se deixou falsificar pelos Jesuitas; calaram-se os grandes hymnographos como Jacopone da Todi ou Thomaz Celano, substituidos pelas affectadas e correctas strophes de Santolius. A Egreja procurou encobrir a sua pobreza do sentimento sob a riqueza da devoção opulenta das basilicas e das mundanas capellas reaes. Póde-se dizer que as religiões vivem pelo sentimento; e logo que ellas já não inspiram obras de Arte estão mortas, ou apenas com a existencia apparente, como uma concha sem pérola. A corrente scientifica não póde voltar atraz; e a Arte nada mais tem a receber da crença religiosa, que vae perdendo o seu caracter de generalidadade. A Arte serviu de expressão plastica a todas as phantasmagorias religiosas desde o fetichismo até ao monotheismo; foi ella que tornou communicaveis todos os dogmas abstractos; nunca existiu por si nem serviu a causa do desenvolvimento social senão indirectamente. O Direito e

a Moral estiveram tambem sob esta tutela servil; mas o direito como um facto urgente e de uma vitalidade immediata facilmente se tornou de divino em civil, e a moral foi-se constituindo systematicamente até se reduzir a uma philosophia.

A Metaphysica veiu restituir á Arte a sua missão independente; Aristoteles presentiu que os factos que a constituiam eram susceptiveis de se subordinarem a leis, e systematisou-os na *Poetica*. Mas aos metaphysicos allemães, sobre tudo a Schelling, cabe a gloria de terem vulgarisado a mais alta concepção philosophica da Arte. Schelling considerava-a a synthese e o fim ultimo de todas as sciencias, e para elle o universo era um grande poema que devia identificar-se com a consciencia do Eu, ou do mundo subjectivo. A influencia da concepção de Schelling foi decisiva sobre o estudo das litteraturas antigas e das grandes tradições seculares. Hegel, procurando na theoria da Arte uma comprovação para o seu systema, ainda assim seguiu o criterio positivo indo buscar á historia as diversas manifestações das fórmas de Arte, como grandes factos involuntarios, e por isso aptos para conduzirem á previsão das leis e sua codificação scientifica. Mas os metaphysicos chegaram a um ponto em que a sciencia não progrediu mais; quizeram partir de um principio absoluto, isto é, da essencia do Bello, e ficaram sempre a marchar no mesmo terreno; cada metaphysico comprehendeu o Bello definindo-o a seu modo, e não entrando em accordo possivel. Novidade, caracteristica, harmonia de vontades, não passaram de palavras vagas, que explicam tanto a natureza do Bello, como se explica a gravidade dizendo que os corpos tendem para o centro da terra. No meio da grande renovação metaphysica do fim do seculo XVIII para XIX, as sciencias experimentaes alcançaram um largo desenvolvimento e até certo ponto introduziram-se no plano da educação publica. Sob esta influencia a consciencia moderna recebeu uma nova direcção, antes mesmo de Comte ter achado a systematisação positiva, a que elle chegou mais cedo por vir n'esta corrente. Podemos com Littré explicar o porquê do apparecimento do positivismo: «A terra reconhecida pela circumnavegação, a posição do planeta determinada no espaço, a Physica e a Chimica creadas, a Biologia ligada pela Chimica á serie das sciencias, a historia esclarecida e explicada pela critica, o estudo das linguas tornado pela comparação uma fonte de luzes, eis aqui em bem poucas palavras como se explica a ruina do que está desabando, e o progresso do que agora avança. Que podiam fazer no meio de noções tão positivas e tão novas, as velhas e incoherentes noções que tiveram

sua edade de grandeza e de fortuna no tempo em que ellas satisfaziam a todas as exigencias da intelligencia humana?»[1] É por isto que o positivismo não é uma eschola individual, mas uma systematisação do estado dos espiritos, que se vae fazendo á medida que as sciencias vão dando mais largas provas ás nossas convicções. Este estado dos espiritos hade forçosamente sentir a necessidade de formular novas concepções do Direito, da Moral, da Industria, e da Arte. O genio de Comte presentiu esta necessidade quando lançou as primeiras bases da Sociologia; mas organisar scientificamente o problema o mais complicado do mundo, o mais complexo e o menos reductivel a uma lei unica, como é o facto sociologico, e além d'isso deduzir das suas tendencias o que virá a ser effectivo, é um trabalho para o qual não basta a vida de uma geração. Cada obreiro que tome uma particularidade da grande sciencia sociologica e a explore em todos os sentidos; Comte fundando a verdadeira philosophia da historia, apenas esboçou algumas ideias para a constituição scientifica da Esthetica, e o que mais assombra é vêr que os principios mais vagamente expostos por elle dominam com uma imponente verificação através dos estudos mais detalhados e severos. É por isso que partimos para a organisação da Esthetica positiva d'esta simples proposição: «A Philosophia positiva, com o seu systema de opiniões fixas e unanimes, só ella poderá offerecer ao largo desenvolvimento das Bellas-Artes *uma base* verdadeiramente *popular* e *em harmonia com o espirito da civilisação moderna.*»[2] *Base popular,* ou o fundo das tradições humanas como objecto da morphologia artistica, e espirito scientifico ou o sentido novo e intencional servindo a civilisação que avança e vulgarisando todas as conquistas da intelligencia, taes são os fundamentos da Esthetica positiva: a base popular como statica imprime á obra de Arte o cunho de auctoridade secular; o espirito scientifico é a corrente dynamica que vivifica as tradições mortas e não deixa que empeçam o desenvolvimento da consciencia humana. Quando o artista realisar o justo equilibrio entre estas duas forças eguaes e contrarias, póde se dizer que attingiu o Bello, da mesma fórma que o moralista que consegue equilibrar essa força statica individual o *egoismo* com essa outra força dynamica ou social o *altruismo* attingiu o Bem. Tal é a nova *Synthese affectiva.*

---

[1] *Applications de la Philosophie positive,* p. 19.

[2] *La Philosophie positive, d'Auguste Comte,* condensée par Miss Martineau, t. II, p. 262.

Vejamos mais particularmente a verdade da fórmula presentida por Comte.

A *realidade* só se nos manifesta pela *apparencia;* conhecer a realidade seria possuir a essencia do que é, seria alcançar a noção absoluta do sêr, livre de todas as relações, que são a fórma e condicionalismo da sua existencia. Isto está fóra dos meios que emprega a razão para chegar a qualquer conhecimento; mas a *realidade* é como a quantidade constante, da qual as apparencias se podem aproximar sem comtudo chegarem a ser rigorosamente eguaes. No periodo theologico o estado syncretico da intelligencia tomava a apparencia como a realidade completa, identificava-as ou considerava tantas as realidades quantas as apparencias; d'aqui veiu a creação dos deuses, e o dogmatismo religioso que dava a explicação subjectiva de todos os phenomenos do universo. No periodo metaphysico a realidade existia subordinada á apparencia, e até se chegava a negar a existencia do real por isso que este só era conhecido pela impressão subjectiva.

No periodo positivo dá-se a justa descriminação entre estes dois termos; a *realidade* é o facto irredutivel da existencia, e a analyse parcial de cada *apparencia* sob que ella se nos mostra leva-nos ao conhecimento das relações, as quaes pelo seu maior numero e pela sua mais logica connexão, nos aproximam quanto é possivel d'essa realidade. Cada grupo de relações constitue um todo unitario e systematico a que se chama Sciencia; mas n'essas relações existem algumas por tal fórma vagas e peculiares ao organismo humano modificado pelo meio sociologico, que se distinguem pelo effeito de passividade agradavel. Este grupo de relações, em que a apparencia nos faz como que sentir a miragem da realidade, em que a apparencia nos dá uma impressão total, vem a constituir o objecto da Esthetica. Assim como para o nosso orgão visual existe uma distancia optica, indispensavel para vêr bem, assim este limite existe entre a apparencia e a realidade, constituindo todos os phenomenos da Arte. A cutis mais delicada de uma mulher, observada pelas lentes poderosas, mostra-nos papilas e cavidades que destroem toda a impressão de encanto; é preciso a vista geral a distancia para que se restabeleça o effeito do bello. Taes são as sciencias no seu trabalho da aproximação da realidade; as relações quanto melhor discriminadas tanto mais nos affastam d'essa impressão total indispensavel tambem para o conhecimento; a Esthetica estudando-as, vem completar a systematisação philosophica das sciencias. A Arte estabelecendo a educação esthetica como uma necessi-

dade da nova crise dos espiritos, restabelece essa distancia harmonica entre a apparencia e a realidade, corrige pela contemplação os habitos da analyse fragmentaria, e sem nos illudir, como nas creações do periodo theologico ou metaphysico, faz-nos sentir toda a verdade da apparencia como apparencia, isto é, como o effeito complexo e consciente da realidade. Esta é que é a Arte positiva, e o estudo d'esta ordem de phenomenos fórma a Esthetica.

O mundo só se nos dá a conhecer por phenomenos exteriores e momentaneos, incompletos e truncados para caberem dentro da intermitencia sensorial e dos limites da nossa observação; essa observação materialmente imperfeita, é variavel tambem nos seus processos e nos seus resultados, que dependem da força adquirida pelo desenvolvimento. Desde o momento que o homem fundou um methodo de observação, é porque desenvolveu as faculdades criticas, creou a Philosophia; quando essa Philosophia se examinar como instrumento unico para a verdade, hade reconhecer como definitivo, que nenhum conhecimento é possivel além das meras *relações* da phenomenalidade. Tomemos qualquer phenomeno do universo, estudemol-o en todas as suas manifestações, sigamol-o na acção que exerce, só chegamos no fim a descrever bem as qualidades ou caracteristicas por onde nos tocou, e nunca se chega a penetrar a essencia do facto, a lei primordial, o fim superior que rege aquella manifestação particular. Analysamos, por exemplo, a linha recta; sabe-se que a recta é a mais curta distancia entre dois pontos, sabe-se mais, que a recta girando sobre si não produz superficie. Conclue-se por ventura d'aqui qual seja a lei essencial d'este phenomeno? não, vê-se sómente que nos fôram accessiveis aos nossos meios de observação algumas qualidades da linha recta, e que o conhecimento sobre que operamos é de mera *relação*. Se tomarmos um a um todos os phenomenos da evolução do universo, chegamos sempre a esta conclusão fatal: que a intelligencia humana não póde attingir o conhecimento das causas. Então para que difficultaremos o conhecimento com hypotheses metaphysicas, se as noções sobre que a metaphysica trabalha são postulados gratuitos, que repugnam a toda a confirmação experimental? Acceitando a posição inferior mas franca, da origem relativa dos nossos conhecimentos, vejamos como se chega á verdade, aproximando-nos d'ella pelo maior numero de *relações* colligidas e estudadas na communicação com a natureza. Chegámos a descobrir que através dos phenomenos existe uma lei ou causa que os determina; em vez de nos atirarmos de frente

para essa lei, estudemos parcialmente as modalidades em que se effectua. Nos phenomenos da natureza ha um justo equilibrio entre a força e a materia; chama-se a isto harmonia, imperturbavel, grande e fatal. Dá-se no homem o mesmo justo equilibrio, porém na parte fatal ou organica, chama-se *estado synergico;* na parte intellectiva ou de liberdade, é esta tendencia a conformar-se por motu proprio com a lei do sêr deduzida intellectualmente, e é ao que se chama—o amor para a *verdade.* Por isso podemos pôr a par do instincto da conservação da especie, (movel fatal) a tendencia constante do homem para a verdade, como o movel livre da sua actividade. Este movel exerce as forças do homem desde o principio da sua existencia na terra, já como instincto da casualidade, tornando todos os phenomenos causas de si mesmo, confundindo os momentos da observação, vendo as leis eternas em estado de *immanencia,* e é n'este periodo que elabora as grandes creações poeticas; já, quando as faculdades estão desenvolvidas mas não rectificadas pela critica, e pela força da generalisação e da inducção cria *relações,* que estão fóra da natureza, como por exemplo: Infinito, Espirito, Finalidade, Principio, Essencia; referindo os phenomenos a forças fóra d'ellas, em estado de *transcendencia.* É finalmente este movel da verdade que leva o homem a destituir-se de todas as suas illusões, e a palpar a realidade, e a descobrir que lhe é impossivel attingir a verdade absoluta, mas que póde aproximar-se d'ella indefinidamente, quanto maior fôr o numero de *relações* que tiver com o universo.

Pela rectificação das nossas faculdades, chega-se á conclusão—de que nenhum momento da existencia do universo, nenhum acto phenomenal existe independente de uma relação anterior e de uma consequencia, que se torna a relação determinativa de outro phenomeno. É como nos problemas da distribuição de forças, como n'um tecido; esta não solução de continuidade é que dá a duração; é esta transformação e modificação insensivel, que produz tanto na natureza como na historia a Evolução. Póde-se affirmar, que assim como o globo terrestre não perdeu até hoje um atomo da sua materia, tambem na vida phenomenal, nenhum acto divergiu do que o motivou, nem ficou em si. Tudo é continuo, successivo, ininterrupto. Diante d'este facto capital é que temos de examinar os nossos meios de observação e corrigil-os; dividimos para comprehender, por um processo logico, e dividimos, pelos limites fatidicos de espaço e tempo dentro dos quaes operamos. D'aqui resulta a illusão intellectual de suppôrmos que a

natureza é fragmentada; corrige-se hoje este duplo defeito pela creação da *Historia*. O individuo, que tem uma vida circumscripta a uma dada época, procura a generalidade humana, e vive e observa pela historia épocas remotas, civilisações inteiras, phenomenos seculares, chegando a conclusões superiores, que sem este recurso, seria impossivel descobrir. É por isso que a Philosophia positiva trabalha sobre o criterio *historico*. Como se poderia chegar a formar uma sciencia das Religiões, ou uma sciencia comparativa da linguagem, ou uma sciencia da Sociologia, sem o criterio historico? Assim a Philosophia positiva só podia constituir-se em um seculo em que a intelligencia humana, depois da actividade do syncretismo poetico, ou do syncretismo metaphysico, chegasse a alcançar uma direcção scientifica. Quem diz Sciencia, diz facto, methodo, resultado; se os conhecimentos de *relação* são que aproximam o homem da verdade, empreguemos todo o methodo na acquisição de *relações* e será mais definitivo o resultado. Cada phenomeno tem suas ordens de *relações*, que se agrupam analogicamente; as relações de uma dada ordem é que vêm a constituir uma sciencia.

D'aqui surge uma base racional para a classificação dos conhecimentos humanos; a complexidade innumera das relações tornaria o conhecimento inductivo de tal fórma dispersivo e infecundo, que a tentativa de uma unificação em agrupamento taxonomico é hoje uma das maiores necessidades da intelligencia. Augusto Comte partiu d'estes principios para a *Classificação dos conhecimentos humanos*, agrupando em uma serie de complicação crescente as relações mais simples do universo (numericas, geometricas e mechanicas) até ás relações mais particulares aos individuos, mais concretas e exclusivas dos agregados sociaes. A Sociologia comprehende as relações geraes e abstractas do meio humano; mas esta sciencia fundamental é formada sobre grupos de relações concretas, que fórmam sciencias descriptivas, taes como as relações motivadas pelo interesse individual em harmonia com a sociabilidade, (Direito) as relações altruistas modificando o egoismo natural a ponto de limitar e disciplinar o interesse pessoal, (Moral) as relações resultantes de actos de producção, de consummação e de troca, (Economia politica) emfim todas essas relações ou fórmas da actividade humana, de que a Arte é tambem uma das mais elevadas manifestações. Só depois de systematisadas em sciencias as diversas relações que o homem observa na natureza, é que existem os elementos para uma Philosophia. Segundo Comte e Cournot, a Philosophia não é Scien-

cia, mas um processo de unificação mental, uma generalisação deduzida de muitas particularidades de relações phenomenaes. Os cerebros que philosopharam antes do regimen scientifico esgotaram-se em miragens que os tornaram improgressivos. Só hoje é que o trabalho de unificação da infinda variedade das relações se exerce como uma necessidade effectiva; e se as Sciencias se dividem á medida que as relações phenomenaes se especialisam, a Philosophia concentrando-se na relação geral da materia com o movimento, disciplina as sciencias pela concepção dynamica ou monistica do universo.

Posto isto, vejamos qual o logar que a Esthetica hade occupar na Philosophia positiva: d'esta simples collocação resulta a theoria completa da phenomenalidade artistica. Não fazemos da Arte uma apotheose como Schelling, um fim ultimo para a Sciencia, como elle queria na theoria da identidade. Servimo-nos do concreto como do meio para chegarmos pela revelação phenomenal á continuidade da evolução e d'ahi á unidade da existencia. Applicando os methodos positivos, determinemos primeiro a ordem de factos que hão de formar a sciencia da Esthetica. É principio assente, que nos aproximaremos da verdade, tanto mais, quanto maior fôr o numero de *relações* que conhecermos; ora, estudado o universo na pluralidade das *relações* que nos são accessiveis, ha um dado grupo de *relações* que só muito tarde se offerece á nossa observação. Foi esse caracter excepcional e apparentemente mysterioso, que provocou em Schelling a sua theoria idealista. Caracterisemos essas *relações* por um exemplo: Um observador está diante de um dado phenomeno da natureza — o mar; adquire tantos conhecimentos quantos os pontos de vista em que se colloca; póde ser impressionado como physico, como chimico, como economista, como nautico, como commerciante, como legislador, como mechanico, como medico, como historiador, finalmente agrupem-se todas as *relações* que lhe podem trazer um conhecimento, escapa ainda uma relação, essencial para completar esse conhecimento geral que hade constituir a Philosophia, e vem a ser a relação passiva de bem estar moral, de agrado, de suavidade, que leva o homem a identificar a synergia do seu organismo com a harmonia da natureza. Esta relação descobre-se em todo e qualquer phenomeno da natureza; a arvore, a ceara, a nuvem, mesmo os phenomenos da ordem social, em tudo ha um aspecto que só póde ser achado por intelligencias que têm esse caracter que Herder e Goëthe encontraram em João Paulo Richter —

o de descobrir as mais inesperadas *relações*.[1] Estes são os artistas, que reproduzem voluntariamente a sensação fatal, e põem em evidencia a *relação* intima da natureza que só elles acharam. A Esthetica vem completar as outras Sciencias, porque descobre mais uma *relação* extranha a todas as outras; corrige a intelligencia, dando-nos a comprehensão synthetica que tende a obliterar-se pelos habitos logicos da divisão e da analyse. Historicamente vê-se que esta sciencia foi a ultima a formar-se, por que só depois de um conhecimento experimental da natureza, é que se póde estudal-a pelo seu lado contemplativo, isto é, através das impressões. O conhecimento d'esta *relação* esthetica tem a sua historia; confundiu-se nos periodos primitivos da vida do homem com todas as suas observações, viciou-lhe o criterio, mas provocou-lhe essas profundas criações poeticas das theogonias, da linguagem, do direito e do symbolismo; foi ella que nas épocas em que predominava a critica, melhor retratou a vida moral do homem nas suas luctas para a civilisação, e quem venceu o egoismo das individualidades fortes. No periodo actual ou scientifico, é ella que vem contribuir com novos elementos para hypotheses sugestivas e sobre tudo com o espirito synthetico para a organisação e generalisação de uma Philosophia.

Todos os problemas, o que é o Bello, o que é o Ideal, qual é o fim da Arte, do bello na Natureza, e do Bello na intelli-

---

[1] Nas notas sobre o *Divan,* Goëthe caracterisa João Paulo Richter: «Espirito tão bem dotado, lança sobre este mundo, de uma maneira verdadeiramente oriental, olhares cheios de audacia e de vivacidade; *elle cria relações as mais imprevistas, combina as cousas as mais incompativeis;* mas isto de maneira, misturando-lhes um fio moral que que conduz o todo a uma certa unidade.» Este poder de descobrir as relações das cousas foi tambem notado por Herder, quando diz de João Paulo: «O que acima de tudo amo n'elle, *é a extrema penetração com que se apodera dos caracteres de outrem.*» Tal é a missão do artista; Maudslay, explicando physiologicamente as operações do espirito, chega a esta mesma conclusão fundamental da manifestação superior da intellectualidade: «Todo o poeta que é sensivel a uma subtileza ainda não revelada do sentimento humano, todo o philosopho que apercebe e revela na natureza *uma relação até ali desconhecida,* abrem uma porta a novas descobertas, e ajudam, cada um pelo seu modo, o progresso geral. A sua arte é uma nova evolução da natureza, desenvolvendo-se por elles; etc.» (*Physiol. de l'Esp.,* 124). Bacon tambem caracterisa a intelligencia por este poder de estabelecer relações entre as cousas: «—as grandes e radicaes divisões do espirito no que respeita a philosophia e as sciencias, acham-se no genio penetrante que alcança as cambiantes as mais tenues, e no genio sublime e discursivo que reconhece as minimas analogias que existem nas cousas que parecem as mais oppostas.»

gencia, da relação entre a ideia e a fórma, da classificação das fórmas particulares da Arte, tudo isto difficil, e quasi intangivel dentro dos methodos metaphysicos, torna-se de uma comprehensão clara deixando os caracteres absolutos que lhes dão os transcendentalistas, e estudando-os como relações de phenomenalidade. É o que vamos tentar.

Este modo de considerar a Arte, como a systematisação de um grupo de relações não comprehendidas no campo das sciencias fundamentaes, não é inteiramente nosso. Isto é já uma garantia para uma generalidade. O genio profundo de Diderot tratou incidentemente questões de Arte na Encyclopedia, e nas suas *Investigações philosophicas sobre a origem e a natureza do bello,* (Ed. Assezat, x, 200) apresenta esta definição luminosa, postoque não desenvolvida: «Eu chamo Bello, fóra de mim, tudo o que em si contém com que despertar no meu entendimento a ideia de relações, e Bello em relação a mim tudo o que desperta esta ideia.» Procurando qual seja o caracter d'esta relação, que Diderot não particularisa, vêmos que ella póde ser de duas maneiras; ou as relações entre as cousas são expressas com um caracter de necessidade, e então é a lei na sua expressão scientifica, ou as relações são expressas pela sugestão de uma imagem caracteristica, e a sua determinação é o que constitue o processo artistico. N'estas duas relações de natureza tão diversa existe comtudo uma certa reciprocidade; a lei scientifica produz pela sua universalidade uma emoção de harmonia, do mesmo modo que a sugestão da imagem artistica é pela sua parte susceptivel de previsão. Diderot considerava na sua definição esta segunda cathegoria de relações; o *objecto* que desperta no entendimento a ideia de relações é o que na linguagem esthetica se chama a *imagem,* ou a sua morphologia; mas esse poder sugestivo da imagem pertence á aptidão do artista achal-o, como lhe pertence ao seu genio intuitivo o perceber as relações das cousas, que essa imagem hade mais ou menos perfeitamente exprimir. Ha por tanto um conhecimento, que se formúla e se transmitte: assim como o conhecimento racional se expressa pela relação entre duas ou mais noções, de natureza concreta ou abstracta, assim o conhecimento esthetico, ou sensorial se exprime pela relação entre a imagem e a sensação que se pretende reproduzir. A capacidade de estabelecer maior numero de relações entre noções ou ideias é por onde se revela a intelligencia; a mesma capacidade applicada ás sensações e imagens é uma outra fórma da intellectualidade, que se exerce pela Arte. Diderot presentiu na

sua vaga definição uma extensa verdade, e por isso não admira que outros philosophos viessem ferir o mesmo ponto, pela necessidade de se libertarem do vago metaphysico; assim Herbart é mais explicito: «O Bello reside unicamente na percepção das relações que unem os objectos, e nas fórmas que exprimem estas relações. A ideia, a materia, o conteudo ou o assumpto do objecto bello é indifferente.» Herbart comprehende já a capacidade receptiva da percepção, tal como Goëthe define o genio artistico, e em segundo logar, a aptidão para determinar a imagem caracteristica, por onde se háde estabelecer a relação cogniscitiva. Differimos de Herbart apenas no caracter especial d'esta ordem de relações, que fazem da ideia do bello um conhecimento particular.

A Arte filia-se em toda a hierarchia das sciencias positivas; a relação de *quantidade* da Arithmetica, toma um caracter novo na relação do rythmo na Musica; a altura dos sons correspondendo ao maior numero de vibrações, na Acustica, torna-se a relação vital da paixão na Arte. A lei physica das côres pela decomposição do espectro solar, sob uma nova relação dá os effeitos da Pintura; as leis geometricas sob outra relação dão á symetria essa expressão imponente da Architectura, que se serve da distribuição das forças da Mechanica para d'ahi tirar as condições da sua estabilidade. O elemento fundamental de toda a elaboração artistica é essa impressionabilidade nervosa e receptiva que constitue um dos principaes problemas da Biologia; o caracter de generalidade das obras d'arte provém do objecto d'ellas, que é a vida nas suas collisões originadas pelo meio sociologico. Um dos instrumentos da Poesia é a linguagem, creada fatalmente pelas necessidades da dynamica social; é por isso que, para a constituição da sciencia da Sociologia, é indispensavel que o philosopho penetre o sentido da historia pelo sentimento das creações estheticas. O artista, como vêmos pela grande época do seculo XV para XVI em que o genio tomou a fórma encyclopedia, deve ter uma educação geral, um justo accordo entre as faculdades affectivas e intellectuaes, isto é, o sentimento altruista na sua mais alta expressão e o espirito generalisador. A obra de Arte, nascida d'estas condições é o agente activo da elevação do homem, é o orgão assimilador dos progressos realisados pela sciencia.

A arte é positiva não só pela sua filiação hierarchica, como pelos meios que emprega para conseguir a expressão da generalidade. A arte antiga servia para traduzir por uma fórma intelligivel a todos as *crenças* de cada um; e foram as cren-

ças que tornaram irreconciliaveis certas raças; a Arte positiva terá as *convicções,* com que todos racionalmente se harmonisam. A inspiração antiga era produzida pela hallucinação religiosa, o *enthusiasmo;* a inspiração moderna nasce d'essa profunda convicção da solidariedade humana através da historia.

A arte é um dos principaes promotores do estado positivo, desde que ella acompanhe as evoluções da nova concepção do mundo; a Arte exprimiu as impressões fataes no periodo *theologico,* dando fórma aos deveres e inventando as cerimonias e os hymnos do culto; ella exprimiu as necessidades do espirito *metaphysico,* materialisando as noções absolutas de justiça, de dever por meio de symbolos geraes, que tinham poder por isso que alludiam a um ideal que todos acceitavam. N'estas duas phases a Arte estava dominada por um fim, que era extranho á sua natureza; essencialmente *altruista,* a Arte provocava o sentimento *egoista* de separação por via das crenças religiosas, como vemos em Israel, e o sentimento egoista da vantagem de classes que se mantinham á custa do maior prestigio do symbolo. No periodo positivo é que a Arte se torna plenamente *altruista:* assim como o individuo e a nação tem a sua lingua, assim essa entidade real que se nos manifesta idealmente,—a Humanidade—tem uma linguagem complexa, universal, intelligivel para todos, que exprime as aspirações do tempo, os esforços para a civilisação, emfim a solidariedade entre o homem e o universo: tal é o fim actual da Arte.

Já se não criam os poemas hymnicos, como os Vedas ou como o Avesta, desdobrando-se nas epopêas mythico-historicas, porque a intelligencia em vez de perder faculdades saiu d'esse estado de syncretismo, que caracterisa o estado *theologico;* acabaram as grandes individualidades subjectivas, que cantavam em um lyrismo transcendente as suas noções pessoaes, por que passou o estado *metaphysico.* No dia em que a cooperação das sciencias chegou ao resultado assombroso da unidade das tradições humanas, nas raças, nas linguas, nos dogmas, nas fórmas sociaes e na revolução historica, achou-se a synthese suprema que hade constituir o ideal e a obra da Arte positiva. Da mesma fórma que uma nação funda a sua litteratura nas tradições dos seus elementos populares, da mesma fórma a Humanidade hade exprimir pela Arte a consciencia das suas tradições, que fundaram a sua solidariedade.

O facto predominante em toda a serie das Bellas-Artes, é a impressionabilidade agradavel; mas não é esta condição exclusiva do agrado o que separa a impressão do campo pura-

mente physiologico; ha mais alguma cousa. A impressão organica apresenta-se na biologia como fatal, como o estimulo de toda a sensibilidade; essa mesma impressão para se tornar artistica precisa que o primeiro que a sente consiga o poder fixar conscientemente a sua passividade, e ao mesmo tempo reproduzir voluntariamente a sua vibração tornando-a communicativa com a mesma intensidade e com um sentido livre. A impressão physiologica é rapida, com uma intermitencia organica, produzida pelas relações com o meio ou o mundo exterior; a impressão artistica é lenta e tanto mais profunda, quanto se repete ou se recorda. Este caracter de reminiscencia da impressão artistica é tão essencial, que o objecto que produziu a primeira impressão só por si póde avivar a lembrança, e só como symbolo reproduzir esse estado de passividade agradavel. Porque é que os povos amam as suas tradições? porque é que essas tradições seculares nos parecem sempre bellas, senão pelo que ellas têm de reminiscencia, de saudade, e de auctoridade de perstigio? Sobre este caracter da impressão recordada, são de valor decisivo as palavras de Max-Müller, que tem estudado as grandes concepções primitivas, linguagem, mythos e poesia: «Ainda ninguem o soube explicar, mas encontrar-se, tornar-se a achar, recordar-se, eis o segredo de quasi todas as alegrias, de todas as felicidades. Aquillo que se vê, que se ouve, que se gosa pela primeira vez, póde ser bello, póde ser grande ou agradavel; porém, esta novidade surprehende-nos, a primeira impressão é muito viva, não a gosamos com serenidade, e o esforço do prazer é mais sensivel do que o proprio prazer. Mas, ouvir pela segunda vez um trecho de musica que se julgava totalmente esquecido, e do qual cada nota que passa é saudada como um antigo conhecido; ou, o achar-se pela segunda vez diante da madona de San Sixto, em Dresde, e sentir despertarem-se em si todos os sentimentos que o olhar infinito do divino infante já havia feito nascer; ou mesmo, respirar de novo o perfume de uma flôr outr'ora amada; sentarmo-nos a uma meza em que, desde os tempos da escola nunca mais tornamos a pensar, eis aqui uma fonte de alegria tão profunda, que em verdade não se sabe se se gosa mais com a impressão presente, se com a lembrança.»[1]

Depois d'estas palavras de Max-Müller, comprehende-se melhor o facto consignado na biographia de Haydn; o velho

---

[1] *Amour allemand*, p. 36. Trad. franc.

compositor vivia retirado em um bairro de Vienna, alheio a todos os successos extraordinarios dos ultimos annos da sua vida, indifferente á gloria da sua carreira artistica, e em quanto pelo mundo se repetiam as creações do genio que mais actuara no desenvolvimento da musica, havia apenas uma cousa no seu passado que o enlevava: era a recordação das melodias tradicionaes que ouvira cantar na infancia a sua mãe. Os compositores que lhe succederam, tambem reconheceram essa fonte natural de inspiração, e a elevação da arte musical na Allemanha, em Mozart, Beethoven e Weber explica-se pela relação entre as suas obras e os *lieds* populares a que deram profundidade.

Por aqui se vê, que o thema de toda a creação artistica deve ser a tradição, que anda sempre ligada ás aspirações da humanidade através da historia. A propria natureza das impressões pessoaes está indicando esta via. Os resultados da sciencia nos estão mostrando cada dia, que, assim como nenhuma molecula da materia se tem perdido desde a origem cosmica do mundo até hoje, assim tambem nenhuma tradição humana se perdeu, apezar de se transformarem successivamente, á medida que vão recebendo os sentidos novos das civilisações. Os mythos religiosos, as linguas, as fórmas sociaes, os contos populares não são mais do que os desdobramentos de formas anteriores, sem solução de continuidade entre si. É por isso que o criterio sociologico da *filiação historica* é a base de uma verdadeira critica da arte.

Fixada a tradição como o objecto da Arte, a creação artistica perde esse vago do capricho arbitrario das épocas doentes de aberração sentimental, e só por esta via o artista tem sempre presente o fim da sua concepção, a qual por isso mesmo que tem uma *base verdadeiramente popular,* é que realisa a condição mais vital e difficil: a de uma communicabilidade unanime. Os phenomenos da Arte são tão immutaveis como os phenomenos da physica ou da biologia; pela descoberta da generalidade d'esta lei fundou Comte a Sociologia. A Arte, como um dos grandes factos sociologicos, é tambem independente de qualquer arbitrio, cousa que as Academias nunca comprehenderam. Diz Littré: «Toda a sciencia deixa suppôr que os phenomenos que ella estuda são independentes de quaesquer vontades e obedecem unicamente a condições de existencia, a que chamamos leis. Emquanto se não comprehende isto nitidamente, têm logar as concepções theologicas e metaphysicas e nunca as concepcões scientificas. Porém, desde que este passo se deu, a Sciencia constitue-se, e a pre-

visão começa.» [1] Todos sabem que o Bello é hoje objecto de uma sciencia, mas ninguem determinou ainda o facto peculiar d'esse dominio scientifico com as condições de invariabilidade e de serie que revelem a lei; é certo que a Arte nasceu subordinada ás concepções theologicas, e que a Arte deveu o seu principal desenvolvimento ás aspirações metaphysicas. Como e quando tornar-se positiva? Determinado o facto ou a ordem de phenomenos que pertencem á Arte, isto é, a tradição, vemos como collabora no regimen scientifico vindo descriminar o justo limite e mesmo a harmonia entre a *apparencia* e a *realidade,* completando o conhecimento com uma nova *relação* da natureza que escapava a todas as sciencias, e tornando susceptivel de se prevêr como dadas paixões podem ser suscitadas e dirigidas.

É immensa a importancia de se fixar o campo da Arte, dando-lhe como elemento constitutivo a *tradição.* Nenhuma sciencia é capaz de progresso e systematisação emquanto os phenomenos que estuda se confundem invadindo a área e o criterio de outras sciencias. A Physica só progrediu quando se recusou a explicar os phenomenos chimicos; a Chimica avançou, depois que rejeitou o explicar as hypotheses biologicas; a Biologia constituiu-se em sciencia depois que se emancipou da tutella psychologica. O que resulta d'esta direcção para a Arte, e portanto para o seu agente, o homem e o facto social? Um progresso incalculavel: é certo que a tradição, é aquillo que existe de mais presistente e ferrenho na vida do homem, individual e collectivamente; a tradição abafa-nos ainda hoje na esphera religiosa, apezar de todos os esforços da educação scientifica; a tradição sob a fórma do costume, o *mores majorum,* embaraça-nos na realisação do direito; a mesma tradição torna esteril a moral pela sua immobilidade; a tradição é que dá a sua força ás fórmas as mais abusivas e repugnantes da auctoridade; é a tradição que mantém o isolamento das castas e o odio das nações no facto social, como vêmos pelas raças malditas; é a tradição que sob a fórma de rotina impede o desenvolvimento industrial e economico. Isto é evidente e constitue o fio de todas as luctas da historia. Mas se a tradição é persistente e inherente ao homem, porque é que o perturba em todos os seus actos? Porque está deslocada. Restituil-a ao seu campo proprio, á exploração artistica, é tornal-a fecunda e fazer d'esta força perturbadora uma coad-

[1] *Applications de la Philosophie positive,* p. 8.

juvação dos esforços do homem para realisar a obra da sua perfectibilidade.

A *tradição,* apezar da sua importancia social, é um facto de ordem biologica, completamente explicavel pela physiologia; é pelos processos psycho-physiologicos que deve começar o seu estudo. A *tradição* comprehende o phenomeno da persistencia e revivescencia da impressão e até certo ponto a orientação cerebral, que faz com que ella se transmitta inconscientemente; comprehende o phenomeno da repetição subsequente, como um automatismo espontaneo que se exerce sobre elementos sugeridos, e cuja conservação respeitosa produz o prazer que anda ligado a todos os actos coordenados; comprehende finalmente uma actividade peculiar, que estimula a especificidade de certas funcções, como a dança na locomação, o canto na loquella, o jogo mimico na expressão physionomica, e é n'esta condição de actividade especifica que a transmissão tradicional dá logar a actos de *imitação,* de adaptação ou referencia ao meio actual, e de transformação ou perfeição artistica. Certos povos não têm dadas tradições porque não receberam a impressão directa que ellas relatam; assim no Egypto não se encontra a tradição diluviana. Na transmissão das tradições, umas ficaram em costumes sociaes, com o respeito da consagração moral, e outras desceram na importancia publica até aos jogos infantis e aos contos domesticos. As crianças, como quem sente o mal estar de uma descoordenação de movimentos, reclamam sempre pela conservação da primeira fórma com que ouviram a tradição; Goëthe, como notavel philosopho, já havia observado este facto. Os mythos religiosos, cosmogonicos e theogonicos, foram o elemento quasi primario e exclusivo das tradições humanas; a decadencia d'esses mythos emquanto á sua efficacia religiosa deixou á transmissibilidade da tradição mais espontaneidade, mais syncretismo, e tornaram-se poesia. Havia uma orientação cerebral nas raças e épocas primitivas da historia em que se criaram as grandes epopêas nacionaes; a repetição automatica produziu os contos populares, e o aperfeiçoamento do acto irreflectido pela *imitação* deu logar aos typos das litteraturas. Quem procurar as fórmas concretas da arte, encontra este mesmo encadeamento evolutivo; a arte egypcia deriva-se de fórmas tradicionaes ante-historicas, como as construcções com troncos de palmeira, e propaga-se para a Grecia, onde pela imitação canonica attinge a maxima perfeição, como vêmos com a ordem dorica já conhecida na decima terceira dynastia.

Por esta concepção do facto privativo da Arte se estabelece

não só a base de uma critica comparativa, como, proseguindo uma educação affectiva sobre o exercicio bem dirigido do automatismo espontaneo e da especificidade de certas funcções, se submettem á disciplina racional actos physiologicos bem complexos, que desde o homem primitivo até hoje foram exercidos inconscientemente.

A perpetuidade da *tradição* domina na sua fórma mais séria e constante as grandes creações humanas. A Philologia moderna estabelecendo o criterio comparativo da linguagem demonstra que nenhuma das linguas existentes começou originalmente, todas são desdobramentos de linguas anteriores, que por seu turno succederam tambem aos radicaes primitivos: assim, por exemplo, as linguas romanas são uma tradição das fórmas populares latinas, como o latim, o grego e o allemão, são tradições de uma lingua, de que o sanskrito é a mais proxima, e que se suppõe hoje ter sido o árico. Nas linguas domina o espirito da tradição sobretudo na parte dialectal, e nos archaismos. A sciencia das religiões, mostra-nos tambem actuando permanentemente as mesmas fórmas theogonicas, a ponto de se poder assignalar á vida da tradição essas tres grandes phases geraes do fetichismo, do polytheismo e do monotheismo; cada mytho particular, cada cerimonia liturgica, transmittiu-se sempre, recebendo os novos sentidos de cada civilisação, umas vezes renovando-se pela intenção philosophica, como acontece com os mythos védicos que os doutores alexandrinos converteram pela tradição da doutrina vedantica no christianismo, outras vezes decaindo de importancia, mas persistindo apezar de todas as condemnações como se vê nos *Pagi* da Edade media que a Igreja anathematisou como heterodoxos. Os symbolos juridicos são os mesmos em quasi todos os povos; e o proprio direito romano viveu pela tradição nos costumes da Edade media. As fórmas litterarias communs a todos os povos, a epopêa, o lyrismo e o drama, derivam-se da mesma tradição mythica, em que os nomes dos deuses se tornam heroes epicos, em que os cantos hymnicos se tornam expansões sentimentaes, e em que as cerimonias liturgicas se tornam acções scenicas, como vemos ainda nos *Ludi* da Edade media. Sempre a *tradição* persistindo e acompanhando o homem em toda a sua vida; e é tal a força d'este monstro de Tenedos que envolve e Laocoonte, que até nos factos mais insignificantes, como os contos populares, Benfey chega a estabelecer a solidariedade da tradição: os contos populares, fórma puranicas ou legendares dos mythos védicos, são recebidos pelo proselytismo budhico e entram na tradição chineza e mongolica; os Persas

os communicam aos Arabes, que os introduzem no sul da Europa, na Hespanha e na Italia; pelo seu lado os Mongóes introduzem esses contos indianos nos povos slavos; a erudição medieval renova a tradição grega e romana, de modo que no tempo de Boccacio, de Sacchetí e de João Fiorentino, as litteraturas modernas estabeleciam a unidade dos typos dos contos com a mesma vitalidade da tradição popular. E pela grande força da tradição na sua fórma nacional, é que F. Wolf explica a independencia moral dos povos, sobretudo nas creações originaes de suas litteraturas; a imitação, que distingue as litteraturas que se não basêam sobre tradições nacionaes, resulta tambem da auctoridade tradicional dos canones rhetoricos.

Tradição e *Imitação* são as duas fórmas espontaneas e inconscientes por onde a Arte se eleva até á expressão ideal. A determinação historica das transformações evolutivas da Arte começa hoje a ser feita pela erudição do nosso seculo, que possue novos elementos comparativos. Pelos marmores de Xantus, guardados no Museu britanico, se estabelece a connexão entre as fórmas de arte da Assyria e da Persia, da Persia e da Asia Menor, da Asia Menor e da Grecia. Os baixos relêvos da Assyria conservam a immobilidade hieratica dos typos tradicionaes, e os artistas imitando esses typos consagrados sem preoccupação de originalidade chegam a conseguir uma espontaneidade technica com que produzem os effeitos do mais audacioso realismo. O cinzel ninivita dirige pela imitação o cinzel hellenico até ao periodo dos Egynetas; só depois d'esta acquisição do automatismo espontaneo do processo artistico é que a liberdade civil dá ao genio grego a elevação ideal. Na architectura grega, como o prova Beulé, prepondera tambem a immobilidade tradicional, e precedendo o Egypto dous mil annos a Grecia com o seu estylo *proto-dorico* das columnas dos tumulos de Beni-Hassan, determina-se a corrente de filiação evolutiva que fez com que a Grecia pelo caminho da imitação chegasse á descoberta da concepção ideal na Architectura. Violet le Duc, abandonando as velhas explicações subjectivas da origem da Architectura, estabelece a relação concreta entre as fórmas da casa primitiva com os elementos fornecidos pela situação cosmica e com o typo tradicional imitado depois na obra monumental. De facto na quarta dynastia do Egypto começa a apparecer o typo tradicional das casas feitas com troncos de palmeira e de sycomoro das povoações primitivas reproduzido na pedra em columnas, architraves e relêvos ornamentaes. A Grecia communicou directamente com a civilisação do Egypto, e através da Asia

Menor com a Assyria; tambem a Europa da Edade media recebeu da arte assyrica através dos Arabes as construcções architectonicas com tectos em fórma de terraço, com ameias e cupulas coroando-as, e com as paredes forradas de azulejos, uso que persiste em Portugal e Hespanha, onde estacionou a raça arabe.

Por isto se vê que a Arte, mesmo na sua mais alta idealisação é condicionada pela filiação evolutiva; é este o trabalho moderno da erudição historica, feito sobre o conhecimento da arte da Assyria e do Egypto, da Persia e da Etruria. Assim o artista aprende a venerar a tradição primeiramente como um criterio de perfeição e disciplina da sua propria originalidade, e depois como o fundo geral e inexaurivel de todos os themas para a creação esthetica.

Bem discriminado este elemento de disciplina sentimental e elaboração creadora, a originalidade consistirá no modo de ser do Eu psychologico do artista, incapaz de se confundir com qualquer outra individualidade. Elle verá o que todos vêem, mas pelos seus olhos; exprimirá o que todos sentem, mas segundo as modificações de um individualismo seu. É este o nexo que nos liga ás obras de arte, por onde ellas nos impressionam, nos dirigem e nos elevam.

Assim como as paixões são o elemento individual sobre que trabalha a Arte, as tradições não são mais que as paixões collectivas que a humanidade sentiu, e perpetuou como o typo e norma do seu modo affectivo. A tradição tem isto de sagrado: é sempre mais generosa, mais digna, mais educadora do que a paixão individual, e pela continuidade da sua transmissão através dos tempos, e da verificação constante que vae tendo das versões de cada raça, ella torna-se uma como crença commum, em que o homem se liga, e se sente solidario do homem, não obstante as separações de nação, de religião, de territorio e de raça. Por isso podemos dizer com Mill: «As paixões constituem no individuo uma força mais energica do que a simples condição intellectual; mas as paixões tendem a desunir e não a unir os homens; só uma crença commum é que póde reduzir as paixões a obrarem de accordo e convertel-as em força collectiva em logar de deixal-as no estado de forças neutralisando-se umas ás outras.»[1] Quando as religiões vão perdendo a posse da consciencia humana e as scien-

---

[1] Stuart Mill, *Auguste Comte et la Philosophie positive*, p. 116. Bibl. philosoph.

cias fortalecendo as convicções intellectuaes, qual será a crença possivel, que sem ir de encontro á disciplina intellectual, tenha o poder de conciliar em uma grande synthese harmonica todas as paixões humanas? Eis o destino da Arte.

O conjuncto de todas as descobertas scientificas, no campo da ethnologia, da historia, das religiões, das litteraturas, está mostrando a perpetuidade das tradições; ellas são as mesmas em todos os povos, e em todos os tempos, conservando inalteravel a fórma, mas recebendo o espirito novo de cada civilisação. As tradições são o objecto d'essa crença vasta e conciliadora, que já não póde ser explorada pelas religiões, mas que pertence á Arte como o principal agente dynamico do *altruismo*. Como diz Comte, a conformidade dos sentimentos é uma condição para a creação esthetica; o conhecimento das tradições leva-nos á convicção d'esta conformidade de sentimentos através da historia; e assim como o simples *sentimento nacional* originou os poemas eternos de Homero, de Virgilio, de Dante ou de Camões, qual não hade ser a grandeza das producções da Arte, quando ellas forem inspiradas pelo *sentimento da Humanidade,* e expressas pelas fórmas sempre communicaveis e venerandas em que a propria humanidade se sentiu solidaria—as tradições?

A concepção da *Humanidade* na sua unidade collectiva, é um producto da civilisação moderna; pela evolução historica, achou-se que os maiores progressos, encetados sempre individualmente, tinham-se reduplicado por este poderoso organismo, não só conservando a tradição, senão operando com esta força inconsciente nas fórmas sociaes, na realisação do direito e do criterio moral.

A humanidade fez o que isoladamente excederia as forças de um deus. Pascal formulou esta ideia: «por uma prerogativa particular, não só cada homem avança de dia a dia nas sciencias, mas que todos os homens conjunctamente fazem um continuo progresso á medida que o universo envelhece, porque a mesma cousa acontece na successão dos homens como nas edades differentes de um particular. De maneira que, *toda a serie dos homens durante o curso de tantos seculos deve ser considerada como um mesmo homem que subsiste sempre e que aprende.*»[1] Pelo facto da concepção da Humanidade, um novo horisonte se abre; a paixão individual, que era a verdade da

[1] *Frag. d'un Traité du Vide.* Ap. Littré, *La Science au point de vue philosophique.* P. 420, 4.ª edição.

vida na obra de arte, torna-se mais profunda, na descripção das luctas, das conquistas da actividade humana para a posse de si mesmo pela consciencia e pela liberdade. A obra de arte, que era creada dentro da fatalidade estreita da raça, do meio ethnologico e da civilisação, e que era bella, pelo esforço com que, acima d'estes vestigios da fatalidade, apparecia o sentimento livre, tornar-se-ha a manifestação dos novos sentimentos, que a humanidade, conhecendo-se na sua unidade collectiva e progressiva, tem, e que só pode ter, quando comparada com o individuo ou mesmo com um povo.

Desde que se concebeu a ideia de *Humanidade,* immediatamete se offereceu á intelligencia o problema de uma communicação geral, isto é a creação de uma linguagem universal. Os empiristas propuzeram-se resolver o problema, adoptando uma convenção inorganica e arbitraria; inutilisaram-se no impossivel. Antes da creação ser livre hade ser primeiro necessaria, dominando por fim a necessidade para crear voluntariamente.

De facto, tomando individualmente todos os povos cada um tem a sua linguagem commum e intelligivel, que são os factos da civilisação; hoje, sem sermos indianos, egypcios, persas, gregos ou romanos, percebemos o sentido que elles exprimiram pelas suas obras de arte. E comtudo a Arte estava dominada pela fatalidade de raça, e de ethnologia. Passou-se o periodo da necessidade. O novo organismo Humanidade, para sentir-se, para communicar-se e ter consciencia, tem de criar uma linguagem; é a Arte no seu momento livre que vem satisfazer este fim[1] como a verdadeira *Synthese affectiva.*

---

[1] «Na nova situação dos corações e dos espiritos nasce um Ideal esplendido, a Humanidade, cuja concepção é devida á sciencia, mas cuja creação esthetica é reservada á imaginação. Poesia, musica, pintura, esculptura, architectura alimentar-se-hão n'esta fonte commum. Do mesmo modo que estas divindades hirtas e immoveis do estylo egypcio só tomaram um encanto ineffavel depois de transformadas e animadas pelo cinzel grego, do mesmo modo o typo immovel e severo que dá a Philosophia deve receber das mãos da Arte estes caracteres de grandeza sublime e de belleza infinita cuja acção é tão poderosa para tocar os homens e os levar... Idealisar a Humanidade, afim de que este Ideal embellezando a nossa existencia, typos mais perfeitos e mais expressivos surjam para a edade seguinte, tal é a obra inesgotavel da Arte.» Littré, *Applications de la Philosophie positive,* p. 111.

No periodo artistico da nossa actividade tentámos a realisação da Epopêa da Humanidade, publicada sob o titulo de Visão dos Tempos, nos volumes: ***Antiguidade homerica, Tempestades sonoras, Ondina do Lago, Torrentes*** e ***Miragens seculares,*** (1864 a 1883) a que falta dar a coordenação philosophica em uma edição definitiva.

A ella compete propagar a solidariedade humana, narrar as luctas que trouxerem a esta conquista de universal reciprocidade, destruir os antigos simplices que sustendo o edificio social se agarraram a elle impondo-se como indispensaveis, e levar á convicção de que o desenvolvimento é uma fórma da vida, e que a perfectibilidade é indifinida.

III

No momento mais activo da dissolução do regimen catholico-feudal, quando se generalisavam as doutrinas do negativismo dos Encyclopedistas, o eminente Condorcet proclamou a necessidade de uma construcção moral derivada da conformação entre os factos e os principios; era ao que elle chamava uma nova synthese. As doutrinas dos Physiocratas e Economistas estabeleciam essa synthese na actividade industrial, mas ao reorganisarem o trabalho entravam no dominio do sentimento, onde a imaginação desvairava architectando systemas sociaes como o phalansterio de Fourier, ou o novo christianismo de Saint Simon. A actividade mental era incessante, porém as tentativas da nova synthese tomavam uma fórma exclusivamente affectiva; Lessing com a intuição d'esta crise da humanidade, não se elevava a cima de uma systematisação religiosa, e Schelling fazia da Arte a comprovação da theoria da identidade, reduzindo as concepções cosmologicas a um grande poema. A necessidade da nova synthese não tinha sido comprehendida. Existia uma grande somma de ideias positivas, comprovadas pelos processos scientificos da mathematica e da astronomia, pelas experiencias da physica e da chimica, e os phenomenos vitaes observados por eminentes physiologistas revelavam a universalidade e immutabilidade das leis da materia; todo este conjuncto de ideias dispersas entre os diversos especialistas, que estabeleciam uma dissidencia entre as noções objectivas e as concepções subjectivas do passado, é que originavam esse estado mental e moral de um negativismo, que se prolongava quando Condorcet presentiu a necessidade de uma reorganisação synthetica. Para delinear a grande synthese era preciso possuir uma vastidão de conhecimentos scientificos especiaes e geraes; ter uma comprehensão clara dos antecedentes historicos para deduzir d'elles as ten-

dencias da civilisação moderna; e ter uma penetração critica para definir os processos psychologicos nas suas relações entre a subjectividade e a objectividade, cujas proporções mais ou menos regulares explicam as fórmas das concepções humanas. Augusto Comte, educado sob o regimen polytechnico, achou-se nas condições exigidas, comprehendendo que a grande synthese tinha de ser *especulativa.* Ao reunir os grupos de inducções que constituem as sciencias experimentaes, procurou-lhes as suas relações dogmaticas, formando a serie do seu encadeamento doutrinario na *classificação hierarchica dos Conhecimentos humanos;* foi assim que se elevou á *synthese objectiva,* que lhe serviu de methodo para poder examinar com segurança as diversas *syntheses subjectivas* formadas em varias épocas da humanidade, quer no *estado theologico* das divindades immanentes, quer no *estado metaphysico* das entidades transcendentes. Chegando a esta altura especulativa, pôde Comte deduzir a diminuição crescente da influencia das noções subjectivas, que se contradictavam entre si nos varios systemas theologicos e metaphysicos, e verificar a crescente preponderancia das noções objectivas, que pela comprovação scientifica conduziam á unanimidade intellectual. Por este processo, a synthese especulativa converteu-se em uma Philosophia. Como na marcha da Civilisação europêa o conflicto das noções subjectivas se revelou sempre por uma negação, como entre a Razão e a Fé, nas heresias, como entre a Theologia e a Sciencia experimental desde a renascença da cultura hellenica propagada pelos Arabes, até que no fim do seculo XVI esse negativismo espontaneo se converte na dúvida philosophica proclamada pelo portuguez Francisco Sanches no *Quod nihil scitur,* continuada por Descartes, Loke e Hume e pela critica dos Encyclopedistas, Comte procurou formar a synthese especulativa unicamente com os dados inductivos verificaveis fóra de toda a negação, e d'ahi derivou o titulo da *Philosophia positiva.*[1] Subordinando as deducções ás inducções, Comte poz de parte as questões ontologicas de principio, e as questões logicas de finalidade ou teleologia, sobre que a intelligencia humana se exerceu formando noções inverificaveis como resposta ao *Porque?* e *Para que?* Ratificando o criterio subjectivo pelos dados objectivos, concebeu a Philo-

[1] Nas *Cartas de Comte a Stuart Mill,* p. 7 e 207, vem explicado o sentido historico e philosophico da palavra *Positivismo,* de que se falla com tanta inintelligencia.

sophia como uma synthese resultante das Sciencias, e como tal coordenando as deducções sempre no limite da *relatividade*.

Tal foi o primeiro periodo da *Synthese especulativa* realisada na Philosophia positiva; é este o mais conhecido pelos criticos fragmentarios, e que concedem á philosophia de Comte a importancia de um methodo. De facto se a Philosophia positiva se limitasse á disciplina do criterio da relatividade, pouco adiantava á escola sceptica. Os philosophos antigos e modernos tinham julgado sempre inconciliaveis entre si as noções subjectivas e as objectivas; d'aqui provinha a solução de continuidade entre os phenomenos do mundo physico e os do dominio moral. O proprio Kant, que adiantara o negativismo aperfeiçoando a critica, considerava absurda toda a esperança de vir a explicar a organisação vital pelas *cegas leis naturaes*. Por aqui se vê quanto não era difficil vencer esse preconceito, e restabelecer pelo encadeamento das inducções scientificas as relações de continuidade das leis physicas com o mundo moral. A subordinação dos phenomenos moraes e sociaes ás leis universaes que regem os phenomenos cosmicos, derivou-a Comte da synthese *objectiva* das Sciencias, e desenvolveu-a na creação da Sociologia como complemento da serie inductiva e como campo de deducção para uma fórma segura da synthese *subjectiva*. A creação da Sociologia é considerada pelos espiritos mais profundos do nosso seculo como a obra que attesta a superioridade de Comte, sem comtudo notarem que a importancia da Sociologia resulta do seu destino completando a synthese especulativa, até ao nosso seculo sempre fragmentaria. Os elementos objectivos eram philosophicamente elaborados sem dependencia de uma coordenação subjectiva, e como concepção absoluta formara-se o systema do *Materialismo*. Na Grecia vêmos a Escola jonica confirmar-se unicamente nos factos experimentaes. Para outros pensadores, os elementos subjectivos da racionalidade ou do eu consciente eram tudo, partindo de um principio logico tomado *a priori* para explicarem o universo; na sua fórma absoluta formaram o systema do *Espiritualismo*. Tambem na Grecia se encontra este exclusivismo na Escola eleatica. A incompatibilidade entre as duas ordens de noções aggravou-se com os conflictos theologicos da Edade media, ficando durante seculos as concepções objectivas elaboradas sem nexo pelo empirismo scientifico, e as concepções subjectivas sendo o campo do apriorismo dos philosophos. A separação das duas fórmas da mentalidade humana apparece-nos reconhecida por Locke e Berkeley, cada um impondo como exclusivo o seu modo de vêr; Locke sus-

tentava que o objecto do conhecimento provém do mundo exterior pela impressão no espirito, atacando por este meio o caracter subjectivo da Philosophia; Berkeley sustentava que o mundo exterior ou a objectividade só era conhecida pela sensação subjectiva, e portanto que o mundo exterior só existia conforme o representava essa impressão. Em ambos os philosophos existia uma certa verdade critica, prejudicada pelo exclusivismo doutrinario. Só depois de ratificado o criterio subjectivo pelos factos objectivos é que elle póde exercer o seu destino racional, que é a *preponderancia da synthese sobre a analyse*. Augusto Comte tendo subordinado a Philosophia ás Sciencias, reconheceu como missão final do positivismo submetter as sciencias a uma systematisação e destino philosophico, ou a reorganisação da *Synthese subjectiva*. É este o terceiro periodo do Positivismo, mal comprehendido, e infelizmente confundido pelo proprio Comte com praticas cultuaes de uma religião affectiva ou a socialatria. Eis em traços largos como Augusto Comte realisou a necessidade social da *Synthese especulativa*. A verdade da sua concepção não está só nos antecedentes historicos, e na necessidade dos espiritos superiores, verifica-se nas bases populares do Positivismo.

Os modernos fundadores da physiologia psychologica analysando o trabalho das cellulas cerebraes, cuja vibração sensorial se transmitte de cellula a cellula como uma fórma de *resonancia*, reconhecem que n'esse trabalho as cellulas adquirem uma orientação especial que determina uma receptividade peculiar para a sensação e uma relação perceptiva para as ideias. D'aqui provém a variedade do mesmo processo intellectual nos individuos; facto já constatado pelo proloquio vulgar—tantas cabeças quantas as sentenças. A orientação cerebral é uma fórma de determinismo psychologico; ella adquire-se pela hereditariedade na familia, do mesmo modo que a orientação morbida, e determina as aptidões e talentos individuaes, cujas capacidades se admiram como extraordinarias. Mas a orientação cerebral que se fixa em uma familia, e que, manifestando-se successivamente e com mais intensidade pela acção do exercicio individual ou tambem pela provocação do meio, chega a realisar-se como caracter privativo do genio na sua expressão a mais surprehendente, essa orientação provém sempre da situação mental de uma dada época historica e do impulso resultante da complexidade dos conflictos sociaes. Posto assim o problema, elle tem de ser estudado na sua dupla acção individual e collectiva, isto é, a orientação do cerebro do individuo, ou acto determinado, e pela corrente social, ou actos condicionados; assim se o phenomeno psycholo-

gico do assombroso genio musical de Sebastião Bach póde ser explicado pelo facto hereditario que caracterisa a sua familia, onde apparecem mais de cincoenta nomes illustres na musica, a fixação d'esta orientação determinista liga-se á revolução dos costumes da sociedade allemã, desde que Luthero introduziu na egreja o choral protestante, vulgarisando-se até ás mais pequenas aldêas o uso do canto de orgão, e o habito de aproveitar para as composições os themas melodicos dos *lieder* populares. Se a hereditariedade das aptidões é muitas vezes evidente, como em Raphael filho de um pintor, em Mozart e Rossini filhos de musicos de profissão, se outras vezes essa orientação se observa nos membros da mesma familia, como os dois Grimm, os dois Humboldt, os dois Schlegel, os dois Thierry, ou se transmitte como um privilegio dynastico, como nos cinco Jussieu ou nos Saint-Hilaire, este facto está por si reclamando como base positiva da pedagogia a apropriação do ensino ás fórmas da orientação cerebral. Foi este o pensamento prematuro mas luminoso do hespanhol Huarte, proclamado máo grado o obscurantismo da Inquisição, no seu livro *Exame de Ingenios*. Não tiramos as consequencias da these de Huarte, fundamentada modernamente pelas descobertas da physiopsychologia.

A parte que na orientação cerebral compete ao relativismo social é altamente surprehendente, e é essa que procuramos esclarecer. As épocas historicas distinguem-se por fórmas particulares de actividade, taes como as grandes navegações, a fixação das nacionalidades e garantias do terceiro estado, as heresias precedendo o movimento philosophico, a paixão pelo estudo das obras litterarias da antiguidade greco-romana, o desenvolvimento do espirito critico nas observações da astronomia e da physica no seculo XVI e XVII, da chimica no seculo XVIII, emfim da biologia e da sociologia no seculo actual. Esta acção do meio social, que orienta os espiritos em uma determinada direcção, uma vez bem comprehendida tira ao facto do apparecimento dos chamados Grandes Homens o *quid* maravilhoso que os colloca acima do seu tempo; esta mesma acção explica-nos a simultaneidade das descobertas, filhas da mesma preoccupação mental, como ainda modernamente se deu entre Darwin e Wallace, entre Le Verrier e Adams, e portanto leva-nos tambem a julgar com mais acerto as questões de originalidade. A consideração do relativismo sociologico na orientação cerebral dos individuos, que pelas suas ideias chegaram a reagir sobre a sociedade em um dado sentido, é que um dia reduzirá á normalidade evolucionista a manifestação dos grandes factos historicos apparentemente extraordi-

narios. O que é o messianismo se não a orientação individual provocada pelo syncretismo das religiões da Asia anterior estabelecido pela violencia conquistadora da Persia? O apparecimento do Christianismo é precedido por seis seculos de elaboração dogmatica e mataphysica das escolas de gymnosophistas, essenios, therapeutas, pythagoricos, orphicos e orgiasticos, que tiram dos cultos kuschito-semitas os dogmas da immortalidade, das penas e recompensas, do sacrificio e da expiação. Os theurgos e os theosophos appareceram simultaneamente; póde-se dizer que n'esses seis seculos, de que o Christianismo foi a ultima manifestação, preponderou uma mentalidade theologico-methaphysica; a parte *theologica* era puramente asiatica, como se vê nas fórmas mythicas do deus que se sacrifica, e a parte *metaphysica* era hellenica, como se demonstra pela systematisação dogmatica dos primeiros padres da egreja.

A corrente do meio social, que determina as fórmas da actividade mental na opportunismo dos Grandes Homens, e na hereditariedade das aptidões fixadas na orientação cerebral, a essa corrente poderosa e até certo ponto inconsciente daremos o nome de *Mentalidade*. E por que? Por que nenhum movimento social se produz sem ser motivado pelo estimulo de uma noção; a palavra mentalidade exprime com toda a clareza essa capacidade motriz, funcção immediata da marcha historica de uma época. Este fundo social de noções modifica-se constantemente; passou já o tempo em que o homem elaborava mythos complicados e creava radicaes linguisticos; passou o estado de espirito em que se formaram cosmogonias, theologias, e vastas producções tradicionaes, como epopêas e lendas zoologicas. Variou a mentalidade, mas persiste sempre uma parte como acquisição definitiva, já por um certo automatismo espontaneo dos actos cerebraes, como a transmissão das tradições, já pela verificação successiva, como as ideias moraes e logicas do bom senso popular. Podem as theologias aberrar do condicionalismo racional e impôrem violações á natureza, essa mentalidade espontanea do bom senso hade persistir e desenvolver-se. Cabanis, no seu ensaio da *Influencia do regimen sobre os habitos moraes,* explica o desenvolvimento d'esta mentalidade do bom senso: «Os homens laboriosos distinguem-se pelos *habitos* de razão, de ordem e de probidade.» E um pouco abaixo: «o trabalho, dando a esta palavra a sua significação mais geral, não póde deixar de ter uma influencia infinitamente util sobre os habitos da intelligencia, e por consequencia sobre os actos da vontade.» (§ xv.) As classes especulativas, á medida que se isolaram separando-se das classes votadas ao trabalho, assim foram aberrando

tambem na sua elaboração mental, como ainda hoje vemos nas velhas theologias, nos systemas philosophicos, e em épocas historicas de falsa actividade litteraria. Adiante seremos mais explicitos sobre a necessidade de harmonisar a especulação individual com a mentalidade collectiva. Na natureza cosmica nenhuma energia se perde; no campo sociologico essa somma de energia que lhe compete, revelando-se na fórma de multiplicação dos effeitos, chama-se progresso. A mentalidade espontanea tem sido progressiva, pela apropriação lenta das leis cosmicas subordinadas ao serviço da especie; o cerebro humano, em estado saudavel, rejeita o criterio sobrenaturalista, que ainda hoje seduz as crianças e as mulheres hystericas; desde que as transformações industriaes forem desenvolvendo pela comprovação pratica o criterio physicista, podemos declarar que a mentalidade humana se torna positiva. Tal é a situação moderna da intelligencia.

Os homens que recebem uma educação scientifica especial, que verificam pela experiencia as suas observações, que vão pelo processo mental inductivo eliminando as deducções de pura subjectividade metaphysica, esses homens embora não tenham systematisado as suas ideias, nem respondido aos problemas da sua consciencia, acham-se em um estado de intelligencia a que repugna a explicação theologica e o teleologismo metaphysico; não são philosophos, mas estão n'essa orientação dada pela sciencia, a que Littré com lucidez chamou *positividade*. Nós definiriamos Positividade, o estado mental dos individuos educados na observação do condicionalismo phenomenal e na experiencia do determinismo dos effeitos. Este estado, caracteristico nos homens de sciencia, manifesta-se tambem collectivamente em uma sociedade que tira a sua força das industrias através das quaes communica com a sciencia. O povo ignora a mathematica, mas reconhece nas obras da mechanica esse poder novo; a esse estado de emancipação theologica chamaremos *mentalidade positiva;* estabeleçamos as relações d'este estado com as systematisações philosophicas. As obras de uma litteratura, quando são productos de imitação academica e do gosto transitorio ou convencional de uma época, por mais perfeitas e adscriptas aos canones rhetoricos admiram-se como habeis curiosidades, mas não exercem influencia sobre o espirito nacional, por que não derivam d'elle, porque não se inspiram nas fontes tradicionaes da nação, porque não assentam sobre uma base popular. Isto que se dá com as creações do sentimento, observa-se em iguaes condições nos productos complexos da razão, ou mais propriamente nos systemas philosophicos: para que

uma opinião racional se vulgarise e actue sobre a sociedade é preciso que ella seja a fórmula resultante de qualquer aspiração geral, ainda a mais indefinida. É admiravel a identidade d'este relativismo sociologico para as creações artisticas e philosophicas; o individuo, sem relação com a sentimentalidade nem com a mentalidade social, é impotente na sua obra; quando julga ser mais original entra na aberração doentia do imprevisto, quando julga ser mais profundo passa para o illuminismo morbido do iniciado. Tanto a arte ou a litteratura como a philosophia, não subsistem sem uma base popular; a litteratura da côrte de Luiz XIV desconhecia a nação franceza, e ignorava as riquezas tradicionaes das Gestas e dos Fabliaux, e á falta de um estimulo proprio imitou a Italia e a Hespanha, escravisou-se ás pautas rhetoricas da Grecia e de Roma, esgotando-se na tragedia banal, no falso idyllio até cahir na chateza didactica. Emfim, desde que os Jesuitas se apoderaram do ensino publico nas diversas nações catholicas da Europa, fizeram consistir o nervo da sua educação no exagerado desenvolvimento do *humanismo:* o latim ensinado em seis annos, a rhetorica e os exercicios de poetica em tres, com a competente logica aristotelica alexandrista, esgotavam o cerebro da mocidade que ficava idiota. Compôr hexametros latinos e fazer tragicomedias allegoricas era o summo desenvolvimento litterario, e quem chegava a uma tal altura realisava o seu destino e ficava reservado para grandes fins sociaes. A creação litteraria, pelo regimen humanista dos Jesuitas, ficou separada de todas as relações sociaes, exerceu-se no vago, conformando-se servilmente com as regras das apostillas collegiaes; os resultados d'esta absoluta ausencia de uma *base popular* estão patentes na historia da civilisação europêa n'esse periodo denominado do máo gosto, que em Hespanha se chama o *culteranismo,* em Portugal o *seiscentismo,* na Italia o *marinismo* ou *concetti,* na França o *preciosismo,* e até na Inglaterra o *euphuismo.* A generalidade d'este phenomeno está por si indicando não um contagio, mas a persistencia de uma mesma causa; foi no meado do seculo XVI, quando a razão humana se emancipava pela observação e pela experiencia, que os Jesuitas se apoderaram do ensino, isolaram-no em um esteril humanismo; assim ficaram os povos separados do unico orgão que lhes poderia communicar as grandes e successivas descobertas das sciencias. Os poetas e prosadores ficaram moldados pela rasoura de uma invencivel mediocridade, mais preoccupados em vencer as regras do que em communicar o sentimento. Os litteratos eram os abbades, os academicos, os marquezes e titulares, ás vezes os reis, que

viviam a vida peculiar de uma classe, com interesses exclusivos, com sentimentos egoistas, com relações de uma falsa mas apparente cortezia. O que seria a litteratura n'este meio, sem base popular? um frivolo passatempo, uma expressão da lisonja impudente, um meio de captar as boas graças dos potentados, mas no fundo um esgár de violencia moral.

O que foi a litteratura fechada nas côrtes ou nas academias, fôra tambem a philosophia clausurada nas escolas monachaes, uma subtileza, uma argucia sem intuito de verdade. Se a base popular da creação artistica é a tradição, a philosophia será uma construcção desequilibrada e monstruosa se não tiver por base o bom senso, que é a fórma da razão popular, que precisa que a systematisem, mobilisando-a com deducções progressivas. O philosopho inglez Mackintosh, nas suas *Considerações sobre a Historia da Philosophia,*[1] reconheceu primeiro que ninguem a necessidade de fundar qualquer systema philosophico sobre uma base popular: «Emquanto as sciencias só são estudadas por um pequeno numero de homens e no silencio das escolas, nada se oppõe a que ellas degenerem, quer em subtilezas logicas, quer em sonhos brilhantes; e todas as vezes que a razão não inflige um castigo a estes defeitos, podem prolongar-se indefinidamente. Emquanto a philosophia esteve concentrada nas escolas, os philosophos eram ou puros Dialecticos ou Mysticos visionarios, que despresavam o mundo e eram por elle despresados; o renascimento das lettras produziu simultaneamente *uma revolução no estado social e na maneira de philosophar*. A litteratura introduziu-se em todas as classes da sociedade, e os homens estudiosos foram insensivelmente conduzidos da eloquencia para a poesia, para a moral e para a philosophia. Foi então que, depois de um periodo de perto de mil annos, durante o qual tudo ficara em lethargo, os philosophos e os moralistas conheceram que se podiam dirigir á totalidade do genero humano com a esperança de lhe ser util e de adquirirem reputação. Ao mesmo tempo que esta communicação com o publico forneceu aos philosophos observações novas, ella lhes impoz novos esforços. Os sentimentos humanos, o senso commum e os negocios ordinarios da vida apresentaram-se de novo ás meditações do moralista.—Os philosophos forçados a fallarem uma linguagem clara e agradavel aos seus novos ouvintes, viram-se na

[1] Publicado na *Revista de Edimburgo*, n.º 53, de 1816, como juizo critico da obra de Dugald-Stewart, intitulada *Historia geral dos progressos das Sciencias metaphysicas, moraes e politicas, desde o renascimento das Lettras na Europa.*

necessidade de abandonarem a giria scholastica, e de conciliar os seus estudos e a maneira de raciocinar com os sentimentos e com o espirito do seu seculo. A litteratura tirou a philosophia das escolas, pôl-a em condições de instruir o genero humano e de lhe ser util; e afastando os philosophos das distincções subtis e das visões brilhantes, ella os chamou á experiencia e á utilidade. Foi então que os philosophos começaram a escrever nas linguas modernas.» Mackintosh, nas palavras em que esboça o progresso da philosophia explica pela historia como espontaneamente se estabeleceu a relação dos espiritos especulativos com a sociedade, deduzindo d'aqui um mutuo progresso; mas differente é a acção suggestiva dos phenomenos sociaes na critica philosophica, e differente é a influencia que uma doutrina philosophica póde exercer sobre as noções preponderantes em uma sociedade dirigindo a por esse meio nas suas transformações intimas. Uma philosophia desenvolvida entre pensadores separados do contacto da vida real nunca terá acção sobre uma collectividade social; uma philosophia formada sobre elementos objectivos recebidos do conflicto quotidiano, das paixões e dos interesses do homem, dos seus meios de subordinar a si a natureza, essa philosophia ha de achar um dia a base popular, por onde actuando nas noções humanas póde dirigir conscientemente e activar em certa fórma as transformações de uma sociedade que progride. Esta relação do meio social com a concepção philosophica é tão fatal, que conforme a base popular das noções condiz com o estado de atrazo da especie, assim as syntheses ou systemas philosophicos se equivalem. Se existem theologias ou systemas de explicação do universo attribuindo-lhe uma creação, modo e tempo em que foi creado, por quem foi creado e com que intuito, descrevendo Deus e os seus attributos, e reservando-se o privilegio de explicarem a sua vontade, se estas theologias um dia se apoderam das sociedades e lhes impõem uma moral contra a natureza, e o absurdo do milagre contra a ordem physica, e exigem a atrophia da razão diante do phantastico mysterio, emfim se ellas subsistem não é pela coherencia doutrinaria mas por que se desenvolveram sobre um fundo espontaneo da mentalidade do homem primitivo, que vendo o mundo através de apparencias sensoriaes viveu em um sincero supernaturalismo. Póde-se dizer, que o animismo antigo, tão extensamente analysado por Tylor, que o fetichismo tão bem caracterisado por Comte, que as superstições populares europêas, restos ou sedimentos de polytheismos extinctos, foram e são ainda hoje a base popular sobre que assenta o dominio das concepções theologicas. Littré, no seu estudo sobre o *Des-*

costume das especulações sobre a origem e finalidade do mundo e dos sêres,[1] determina claramente esta base popular das theologias e bem assim o motivo da sua intervenção nas sociedades: «Pelas necessidades da aprendizagem humana nas vias da civilisação, houve desde longe, graças ao fetichismo e ás religiões rudimentares, um *solo theologico popular* sobre o qual foi possivel levantar construcções solidas e duraveis. Foi d'esta maneira que as theologias fundaram governos moraes, em quanto os metaphysicos não fundaram senão escolas.—Um solo analogo, isto é, um solo popular faltou sempre aos metaphysicos. Assim não têm sido senão subsidiarios, bem que uteis e mesmo indispensaveis na evolução historica.» As theologias não fundaram os governos, nem a moral, nem o direito, nem a arte, nem nenhuma fórma de manifestação social, mas apropriaram-se de todos esses agentes desnaturando-os, pondo-os ao serviço de uma classe, que ao poder temporal reuniu uma outra força, o poder espiritual. A evolução historica da humanidade revela-nos como o direito se vae separando da fórma sacramental, como a arte deixa de ser hieratica, como os governos se emancipam da invasão espiritual, como a moral se torna leiga fundando o seu imperativo fóra da sancção religiosa, de sorte que o fundo popular das theologias vae faltando a essa ordem anachronica de concepções, que se mantiveram não por si mas pela força social que desviaram para o seu serviço. A parte tradicional das religiões, como fetichismos infantis, polytheismos nos costumes e lendas, seria ainda por muito tempo a base popular das theologias, se não competisse á Arte apoderar-se d'esses elementos e por via d'elles introduzir o espirito novo nas camadas atrazadas da sociedade. Os povos criaram os seus mythos, e as theologias dominaram pelo interesse das *interpretações;* foi esta a relação mutua, o mytho uma concepção vaga, e a systematisação dogmatica da religião a definição philosophica adequada. Os mythos transformaram-se, e outras explicações se succederam; os povos ouviram com encanto os seus poetas, e para não perder a sua preponderancia a theologia foi-se successivamente apoderando de todas as fórmas da actividade social, da poesia, da litteratura, até que vinculou a si a philosophia, n'esse periodo desolador da vacuidade da Scholastica. Concordamos com Littré, que existe um fundo popular theologico nos fetichismos primitivos; mas vamos um pouco adiante considerando que esse fundo se transforma, e n'essas transformações encon-

[1] Vid. *Positivismo*, vol. I, n.º 3, pag. 158. Porto, 1879.

tramos um fundo popular metaphysico, que faz com que ainda hoje as theologias as mais abstractas e os governos empiricos dominem ligados entre si, fiados unicamente nas forças conservadoras da sociedade. O que ha de popular nas especulações metaphysicas é pouquissimo: um vago habito de teleologismo, uma aspiração da immortalidade da alma do primitivo fetichismo animico, e uma intervenção providencial como resto do deismo separado das fórmas polytheistas e monotheistas: mas esta base popular é bastante para que os empiristas da governação conservem o privilegio casual da hereditariedade na suprema magistratura politica, para que o accidente do nascimento seja uma superioridade de classe, para que as funcções sociaes sejam umas entregues ao absurdo da sorte, e outras regulamentadas como sacramentos ou com juramentos religiosos, de que ás vezes o vulgo mófa. Na penalidade é que se vêem os absurdos da intervenção metaphysica, onde a responsabilidade assenta sobre a convicção absoluta do livre arbitrio do homem. A instrucção superior de todos os paizes civilisados está ainda geralmente entregue á direcção metaphysica. Mas a base popular sobre que se apoiam estas especulações dos governos empiricos vae diminuindo, e entre os terrores dos que julgam manter a ordem, o maior é o da emancipação moral dos povos, ou como elles dizem, do *freio da religião,* e do *respeito ao principio da auctoridade.*

A mentalidade positiva desenvolve-se; Littré propõe esta nova face da questão, investigando se a Philosophia positiva tem uma base popular por onde venha a ter efficacia nos factos sociaes. Diz Littré: «A Philosophia positiva tambem falta ainda um solo positivo popular; mas, diversamente dotada que não é a metaphysica, ella tem os meios de o crear e está em via de executar esta grande operação. A concepção scientifica do mundo, que não deixa logar algum á concepção theologica, e que faz tocar palpavelmente a vacuidade das concepções metaphysicas, é a base d'onde parte para conquistar os assentimentos intellectuaes e moraes que realisam as mutações sociaes. A Philosophia positiva, nascida do que ha de mais pacifico entre os homens, isto é, a sciencia, e em um tempo em que o ardor da grande guerra contra as antigas doutrinas se affroixa pelo proprio successo, nada tem de aggressivo nem de revolucionario. É pelo progresso da educação que ella hade crear para si este solo positivo popular de que fallo. Não se lhe póde impedir o caminho; embora o emprehendam, as sciencias sempre têm de ser ensinadas; e, directa ou indirectamente, as sciencias ensinam a Philosophia positiva.» Propômos este grande problema por uma fórma mais simples: a

educação scientifica tornou-se a necessidade fundamental do nosso seculo, e nenhum governo por mais reaccionario e obscurante poderá violar directamente esta necessidade? D'onde provém esta necessidade? Não resulta sómente da maior somma de necessidades materiaes que as Sciencias satisfazem pelas applicações industriaes, mas tambem em grande parte d'esse estado de consciencia e de intelligencia que descrevemos com o nome de mentalidade positiva. Pela educação scientifica, os individuos disciplinados pelos seus methodos inductivos adquirem esse estado mental superior a que se dá o nome de *positividade,* estado perfeitamente caracterisado em Claude Bernard, desligado de toda a systematisação philosophica mas livre de todo o criterio theologico e metaphysico. É esta a orientação mental das mais distinctas individualidades. Da educação scientifica resulta para a sociedade grande somma de applicações industriaes, que orientam as multidões em uma direcção em que as theologias lhes apparecem grotescas e as phraseologias metaphysicas como vazias. Em um comicio politico onde um metaphysico discorrera sobre a arvore da liberdade, ouvimos a um homem do povo este eloquente protesto: «Não é com aquellas batatas que como o meu bacalháu.» Quem uma vez observa uma machina de vapor, ou um fio telegraphico, ou a extincção de um virus epidemico, ou uma luz electrica, ficou em dissidencia com as velhas cousas, e entrou n'esse estado de mentalidade positiva. A medida que este estado se for tornando preponderante ahi terá a philosophia uma base popular; mas essa base popular se de um lado coadjuva a efficacia de uma mais rapida transformação racional pela direcção da Philosophia positiva no espirito moderno, por outro lado garante essa Philosophia das aberrações especulativas das escolas, por isso que ella exercerá sempre as suas deducções sobre a realidade das cousas.

A formação de *systemas philosophicos* corresponde a uma necessidade da intelligencia humana, necessidade que resulta da dispersão da actividadc mental na investigação dos complicados phenomenos do universo, e por isso representa a tentativa constante de concentrar o conhecimento pela simplificação, buscando a unidade na variedade.

A palavra *Philosophia* foi formada para designar esta ordem superior do conhecimento, como a palavra *Sophia* exprimira no mundo hellenico a especialisação crescente dos phenomenos observaveis e susceptiveis de serem previstos.

São duas actividades correlativas, e dependentes entre si para se desenvolverem; sem uma *generalisação* successiva nenhuma especialisação é fecunda. As sciencias separadas do

espirito de generalisação, estacionam, como a Mathematica na kabala, a Astronomia na astrologia, a Physica na theurgia, a Chimica na alchimia, a Biologia nas panacêas, a Sociologia na pedantocracia.

A generalisação separada dos elementos inductivos ou scientificos converte as hypotheses individuaes em dogmas, em theologias cosmogonicas, e em metaphysicas dissolventes. Uma justa subordinação entre o processo logico da variedade inductiva e da generalidade deductiva, fará com que as Sciencias attinjam o seu maximo de especialidade, e que como resultado final se institua a sua unidade synthetica em um unico systema ou Philosophia. A maior somma de descobertas scientificas corresponde a maior possibilidade de uma systematisação integral; portanto o progresso philosophico consiste na eliminação dos systemas ou escolas philosophicas, simplificando todas as syntheses especulativas em uma só Philosophia.

No estado actual dos conhecimentos humanos e sua constituição em sciencias, somos levados pelas *variedades* de manifestação dos differentes equilibrios da materia á concepção philosophica da sua *unidade:* pela variedade das affinidades, á unidade dos equivalentes (Chimica); pela variedade das transformações do movimento se descobre a unidade das forças (Astronomia e Physica); pela variedade morphologica a unidade protoplasmica (Biologia); pela variedade das aptidões individuaes a egualdade social (Sociologia). Tal é a fórma com que se vae esboçando a nova *Synthese subjectiva.*

Para que se chegasse a este resultado importante, que tornou as sciencias o unico poder espiritual da sociedade moderna, foram precisos bastantes seculos de tentativas de unidade systematica.

Primeiramente os phenomenos foram subordinados a uma unidade causal, ou á immanencia de Deus. Comte analysou este estado mental do subjectivismo theologico; porém as variações das fórmas divinas, theismo, pantheismo e atheismo, produziram dissidencias que fizeram buscar a unidade cosmica em uma teleologia, realisada por entidades metaphysicas; e assim theologias e metaphysicas se conciliaram sobre a especulação do *Incogniscivel.* A sciencia desenvolveu-se accidentalmente, porque o incogniscivel estava fóra do seu alcance.

As syntheses metaphysicas pelo seu numero e caracter pessoal da sua constituição, prejudicaram o seu intuito, porque a unidade procurada cada vez se confundia em novas hypotheses. As inducções scientificas criaram a sua disciplina tirando dos processos experimentaes o primeiro esboço de systematisação, restringindo-se ao conhecimento das *relações* das cousas.

O criterio da relatividade foi a base da constituição da Philosophia positiva de Augusto Comte; mas essa *relatividade* era empirica, dependia das descobertas de cada dia, das revoluções de cada sciencia, e portanto a *Synthese objectiva* distinguia-se pela sua natureza progressiva. A marcha das sciencias veiu descobrir um principio commum a todos os phenomenos, isto é as modificações de movimento explicando os equilibrios da materia; portanto está achada uma unidade philosophica, o relativo deixou de ter um caracter empirico.

Conhecer a materia pelo movimento, ou conhecer o movimento pela materia, eis a relação, por assim dizer absoluta, com que inductiva ou deductivamente se podem conhecer os phenomenos do universo. É esta a *unidade* definitiva sobre que se deve constituir a Philosophia ou propriamente a *Synthese subjectiva;* esta descoberta tem as mais profundas raizes no passado humano, e uma exposição historica precedendo a fórma dogmatica deve tirar-lhe todo e qualquer vicio dos modos de vêr da personalidade.

Herbert Spencer, fortalecido com um saber scientifico assombroso tentou a formação de um systema de Philosophia, construindo-o sobre essa unidade demonstrada pela sciencia moderna; a obra é digna do seculo, mas está viciada por um resto de habitos metaphysicos. Começa a sua construcção pela unificação dos problemas metaphysicos no *Incogniscivel,* e reconhecendo-o como existindo de um modo absoluto, explica assim a essencia das Religiões e o intuito das Sciencias, mostrando que estas duas actividades do espirito são harmonicas e não antinomicas. No estudo do Cogniscivel, provando a evolução pela multiplicação dos effeitos, ou a homogenia convertendo-se em heterogenia, vicia a lei do progresso com explicações de finalidade.

A construcção philosophica sobre essa unidade dynamica será tanto mais perfeita, quanto na systematisação se eliminarem as noções subjectivas do nosso anthropomorphismo instinctivo e tradicional; o primeiro processo a fazer é investigar as origens impessoaes d'esta concepção de unidade com que o homem hade vir a explicar racionalmente a natureza.

Quando se chega ao conhecimento de que todas as fórmas da materia não são mais do que equilibrios de movimentos que se modificam redistribuindo as suas energias; quando os phenomenos biologicos, na sua complicação mais intima, sensoriaes e sociaes, se simplificam determinando os movimentos de que são funcção, uma miragem se produz no nosso espirito, suppondo que pelo raciocinio humano a materia adquiriu *consciencia* de si!

É esta miragem que desvaira os cerebros mais especulativos; porém esse phenomeno apparentemente extraordinario da consciencia desapparece remontando-nos á origem historica da concepção dynamica.

Vamos achal-a na sua fórma concreta entre a raça áryca no periodo anterior á constituição védica, formulada de um modo intuitivo, claro e preciso, como o espectaculo da natureza a póde suscitar, antes de qualquer degeneração cultual das religiões ou de qualquer subjectivismo theologico e metaphysico. Foi no maior gráo de inconsciencia que o homem possuiu o maior germen de verdade.

Comprehende-se como da degeneração cultual e theologica entre os povos árycos, se chegasse ás profundas especulações metaphysicas da Escola de Kanada, e como se conservassem as mesmas allegorias naturalistas nas escolas sacerdotaes do Egypto e Chaldêa. O culto do sol entre estes povos explica-nos a evolução da theoria dynamica ou atomismo. As intimas relações do Egypto com a Grecia indicam a origem das syntheses hellenicas de Moschus, Leucippo, Democrito, Aristipo e Epicuro, sobretudo das bellas concepções d'este ultimo conservadas na fórma artistica que lhes deu Lucrecio no poema da *Natureza das Cousas*.

Esta serie de deducções metaphysicas, por isso que não tinha a base da verificação scientifica foi infecunda; começou-se por uma reconstrucção experimental, e os progressos definitivos da concepção dynamica do universo datam das descobertas positivas de Gallileo, Harvey e Bacon.

A primeira synthese subjectiva tentada, apezar de prematura, é a maior glorificação do genio de Descartes; nos seus pequenos tratados *O Mundo* e *Discurso a respeito do Movimento*, previu todas as deducções da sciencia moderna.

O universo para elle é uma serie de movimentos, que classifica em *movimento local*, (oscilação) *movimento de quantidade*, (dilatação, contracção) *movimento de qualidade*, (alteração, combinação) *movimento de fórma* (geração). As affirmações fundamentaes d'esta doutrina, por isso que precederam dois seculos as demonstrações scientificas, produziram uma grande indisciplina mental, derivando-se da mesma escola cartesiana os ramos metaphysicos e criticistas, e os vitalistas e organicistas.

O trabalho de Augusto Comte consistiu então em restabelecer as justas dependencias entre as Sciencias e a Philosophia, dependencias que estavam desconhecidas da parte dos homens de sciencia pelo espirito de estreita especialidade em que se achavam, e da parte dos philosophos pelo abuso das vagas especulações recompondo o universo *a priori*.

Tal é a missão de Comte na historia intellectual e social da humanidade, reorganisando a *Synthese especulativa.*

O modo como organicamente se radica a mutua dependencia entre as Sciencias e a Philosophia depende da propria marcha da intelligencia humana; foi isso o que se começou a dar com as grandes descobertas scientificas encetadas depois de terminado o *Curso de Philosophia positiva* em 1842; Meyer e Joule descobrem o equivalente mechanico do calor, Groves estabelece a correlação das forças, Carpenter desenvolve essa mesma equivalencia das forças nas funcções organicas, e o americano Carey applica essas ideias aos phenomenos do mundo economico, dando-nos assim primeiro do que ninguem ideias seguras sobre o trabalho, sobre o valor e sobre a creação da riqueza.

Esta serie immensa de contribuições scientificas estava provocando uma synthese fundamental; como a constituição positiva das seis sciencias abstractas consistira em um complicado processo de *especialisação crescente,* faltava tirar d'essa marcha dispersiva uma *unificação racional,* que é propriamente em que consiste o processo philosophico da *synthese subjectiva,* entrevista pelo genio de Comte.

Cada uma das seis sciencias apresenta principios inductivos sobre os quaes já se podem basear deducções para o conhecimento integral do universo. Assim a Mathematica, apresenta a verdadeira fórma do conhecimento funccional (equação demonstrativa) e as leis abstractas e geraes do movimento. A Astronomia chegou á demonstração do principio—que a acção é egual á reacção, e d'aqui já se póde deduzir a lei da persistencia da energia; do mesmo modo a lei da coexistencia e independencia dos movimentos, nos dá a razão dos mais complicados equilibrios. A Physica demonstrou desde muito cedo a impenetrabilidade da materia, e só muito tarde é que pôde deduzir a lei da sua indestructibilidade, e portanto a concepção positiva da sua reciprocidade e equivalencia. A Chimica, pela analyse ou demonstração quantitativa provou a indestructibilidade da materia, e portanto das suas combinações se deduz a lei da redistribuição das energias. A Biologia, pelos phenomenos de transformação organica, leva á deducção do movimento no sentido da menor resistencia, que por seu turno explica a especialisação das funcções. A Sociologia, pela marcha historica descobre a multiplicação dos effeitos ou, como diz Spencer, a passagem da homogenia para a heterogenia; o sentido d'essa transformação, abstrahindo de teleologias, será o phenomeno de progresso.

Diante d'esta somma de bases inductivas fornecidas pelas

sciencias abstractas, comprehende-se a necessidade de um processo philosophico, que ha de consistir em procurar a unidade através d'essa heterogenia. O conhecimento só terá caracter scientifico quando fôr reductivel a uma *funcção;* a materia conhecida pelas modificações do meio, ou forças,—e o meio modificando a materia, ou equilibrios, tal é o campo de toda a actividade scientifica, que só póde ser bem definida pelo titulo de *correlatividade.*

A synthese philosophica só será definitiva quando nas deducções se podér substituir o espaço pelo tempo, como na investigação dos diversos equilibrios da materia,—ou se podér substituir o tempo pelo espaço, como na reconstrucção da evolução organica.

Estes dous bellos processos, que já se empregam, resumem-se na palavra *relatividade,* e d'aqui resulta uma disciplina mental profunda: A noção subjectiva de espaço (questão de infinito) subordina-se á noção objectiva de Meio; a noção subjectiva de tempo, recebe uma natureza objectiva na continuidade da evolução; e a falsa miragem da Fatalidade com que os metaphysicos querem viciar a concepção dynamica do universo, recebe a mais clara subordinação racional na noção positiva do *determinismo,* ante a qual se eliminam como phantasticas as entidades tradicionaes de Causalidade, Finalidade, Fatalidade e Acaso.

A necessidade de convergencia mental resulta da maior somma das descobertas scientificas; isto justifica a opportunidade da reorganisação da *Synthese especulativa,* sem a qual não é possivel conseguir o concurso simultaneo de factores sociaes para a fundação do Estado normal da Humanidade.

Recapitulando estas conclusões, apresentamos em seguida uma *Classificação dos systemas philosophicos* deduzida das concepções geraes humanas e da sua successão historica, que põe em evidencia qual será a fórma definitiva da *Synthese especulativa:*

I. As primeiras concepções humanas são exclusivamente subjectivas, e organisando-se em systema tomam por base ou a causalidade, ou a finalidade, formando:

A Synthese subjectiva.. { THEOLOGICA ..... { Theogonias / Cosmogonias } / METAPHYSICA..... { Espiritualismo / Idealismo } }

II. Os factos observados dão logar a noções empiricas, contradictando ou ratificando as noções subjectivas, e agrupando-se em Sciencias, conduzem á formação de uma:

Synthese objectiva ..... { *Physicismo*, com o caracter absoluto da Metaphysica, embora contraposto ao subjectivismo } Materialismo

III. A relação das noções subjectivas e objectivas discrimina-se com a actividade mental do homem, estabelecendo-se a incompatibilidade entre ellas, dando logar a um estado de:

Negativismo..... { Scepticismo / Criticismo }

IV. Com o progresso dos conhecimentos psychologicos e com a subordinação dos phenomenos moraes ás leis invariaveis, estabelece-se a mutua relação e dependencia necessaria entre as noções objectivas e as subjectivas, chamando-se por isso este estado normal da:

Synthese especulativa... { POSITIVISMO.

CAPITULO V

DO ADVENTO DA HUMANIDADE AO SEU ESTADO NORMAL

(Unanimidade de Doutrina)

Do ascendente da Synthese especulativa na Civilisação moderna.—A concepção de Condorcet realisada por Augusto Comte: I. A *Synthese subjectiva* espontanea da humanidade definida com evidencia historica e comprovação psychologica na *Lei dos tres estados.* As concepções positivas tendem á ratificação e preponderancia final do criterio subjectivo.— II. A *Synthese objectiva,* lentamente elaborada pelo desenvolvimento das Sciencias fundamentaes, foi primeiramente constituida pelo plano de *Classificação hierarchica dos Conhecimentos humanos.*— Comprovação da taxonomia positiva das sciencias pelas doutrinas dynamicas— III. Estabelecido o criterio da relatividade, e completada a Synthese objectiva pela subordinação dos phenomenos sociaes á invariabilidade das leis naturaes, existem as condições para fundar a nova Synthese subjectiva consciente: A concepção monistica como o resultado da mutua dependencia das duas Syntheses. — Possibilidade de uma doutrina, que estabeleça a unanimidade nos espiritos: Missão sociocratica da Philosophia positiva.

Quando o illustre Condorcet esboçou o *Quadro dos Progressos do Espirito humano,* teve a alta intuição de que a marcha da civilisação era uma resultante do desenvolvimento das ideias. Para conhecer o caracter de cada época, para deduzir das vacilações dos factos incoherentes um progresso constante, e para d'esse progresso inferir as tendencias sociaes, é a principal condição o conhecimento dos sentimentos, das ideias, e das concepções dos individuos que compõem essa sociedade. Diz Condorcet: «Este progresso está submettido ás mesmas leis geraes que se observam no desenvolvimento individual das nossas faculdades, por isso que elle é o resultado d'este desenvolvimento considerado conjunctamente em um grande numero de individuos reunidos em sociedade. Este quadro é portanto historico, por isso que submettido a perpetuas variações, é formado pela observação successiva das sociedades humanas nas differentes épocas que ellas têm percorrido. Deve apresentar a ordem das mudanças, expôr a

influencia que exerce cada instante sobre aquelle que o substitue, e mostrar assim nas modificações que recebeu a especie humana, renovando-se sem cessar no meio da immensidade dos seculos, a marcha que ella tem seguido, os passos que ella tem dado para a verdade ou para a felicidade. Estas observações sobre o que o homem tem sido, sobre o que é actualmente, conduzirão depois aos meios de garantir e de accelerar os novos progressos que a sua natureza lhe permitte esperar ainda.» Estas linhas, em que está completo o pensamento de Condorcet, são de uma lucidez immensa; aquelle sublime espirito não pôde desempenhal-o por causa das condições do seu tempo, mas a situação e o genio de Augusto Comte levaram-no á clara comprehensão do problema proposto e á sua realisação fundamental.

Augusto Comte estabeleceu a relação intima dos estados sociaes para com os estados psychologicos ou mentaes; conforme o caracter d'essas concepções, em que se observa uma constante diminuição da influencia subjectiva e preponderancia crescente da comprovação objectiva, assim definiu esses estados representados pelas organisações sociaes theocraticas e theologias primitivas, pelas dissidencias metaphysicas e pelo criterio da realidade, sob o titulo de *Lei dos tres estados*. É vergonhosa a inintelligencia com que tem sido apreciada esta segura critica da synthese subjectiva espontanea da humanidade como a esboçou Comte; nem comprehenderam, geralmente, o logar que ella occupa na reorganisação da Philosophia moderna, nem a importancia capital para coordenar em fórma scientifica os phenomenos sociaes. A prova é que aquelles mesmos que combatem a *Lei dos tres estados* por empirica ou por imperfeitamente comprehendida repetem-na sob outras designações. Augusto Comte fez a exposição da Lei dos tres estados deduzindo-a da successão historica; os progressos realisados depois da sua morte no dominio da Psychologia physiologica vêm comprovar a verdade d'essa concepção destinada a estabelecer a justa relação entre a elaboração subjectiva e os dados objectivos, que constitue a positividade.

Só depois que Augusto Comte terminou a analyse da synthese subjectiva espontanea dos estados *theologico* e *metaphysico,* é que pôde deduzir da tendencia mental da humanidade uma eleminação do regimen da ficção e um accordo sobre as bases da realidade. Esta serie de observações e applicações foram-se agrupando em sciencias concretas, cujo apparecimento caracterisa as principaes épocas da Civilisação

humana. Augusto Comte procurou as relações historicas e dogmaticas que existiam entre essas noções scientificas, e pelo encadeamento phenomenal sob o criterio da realidade, fez a *Synthese objectiva* pela primeira vez concebida por elle na *Classificação hierarchica dos conhecimentos humanos*. É tambem deploravel a inintelligencia com que tem sido julgada esta base da Philosophia positiva, e o prurido de originalidade com que tem sido retocada sem destino sério. Só depois de organisada a synthese objectiva é que Augusto Comte conheceu a mutua dependencia dos dados objectivos ou impressões do mundo exterior com a elaboração psychologica ou noção subjectiva. A morte não o deixou ver esclarecida a sua concepção pelas grandes descobertas thermo-dynamicas, que obrigaram os physicos ou naturalistas á reorganisação da synthese subjectiva denominada o *Monismo*.

Só depois de conhecida no seu conjuncto a vasta construcção de Comte, é que se alcança o valor philosophico e sociologico da *Lei dos tres estados* e da *Classificação dos Conhecimentos humanos*. A lei dos tres estados revela-nos qual hade ser a fórma da synthese especulativa que tem de dirigir as sociedades humanas e de accelerar o seu estado normal; a classificação dos conhecimentos humanos está destinada a dirigir o desenvolvimento intellectual dos individuos, eliminando essa anarchia mental das noções metaphysicas e das especialidades sem ponto de vista, que têm sempre exercido uma acção negativa na sociedade. Pedagogia e Politica são as duas applicações praticas, esta como funcção coordenadora dos factores sociaes considerados no seu conjuncto, a outra como disciplina das capacidades individuaes tendo consciencia da sua cooperação n'essa collectividade de que dependem. Consideradas como duas syntheses perfeitas, subjectiva e objectiva, a *Lei dos tres estados* e a *Classificação dos conhecimentos humanos*, realisam a ideia de Condorcet como uma completa dynamica social; esse desenvolvimento evidente das nossas faculdades indica com toda a segurança quaes serão as previsões scientificas da Sociologia. Para que esta sciencia consiga o seu fim consciente da Organisação definitiva da Europa, Augusto Comte procurou qual a acção que ella devia exercer na intellectualidade, na affectividade e na actividade do homem, isto é, nas manifestações completas e harmonicas do seu sêr. Para que a Sociologia exista e dirija as sociedades humanas ao seu estado normal, é preciso que estabeleça para os espiritos uma doutrina commum, um systema uniforme de educação geral conformando os costumes, e um poder temporal que

subordine á collectividade o concurso individual. (Vid. p. 18.) Essa doutrina commum, que tende a estabelecer a unanimidade dos espiritos e o accordo entre a synthese objectiva e a subjectiva, é a *Philosophia positiva,* que fornece as bases racionaes e historicas para um systema de *Educação integral* como disciplina dos individuos, e que dá um destino sociocratico á actividade temporal dirigida por uma nova *Politica,* que confórma os actos com os principios.

Vamos accentuar os traços geraes da Philosophia positiva, isto é, d'essa doutrina que tem de ser commum a todos os espiritos, facilitando pela Pedagogia uma mais rapida conformação dos costumes, e pela Politica uma mais espontanea convergencia das energias sociaes.

I

Antes da *observação* dos phenomenos, a mente do homem foi absorvida na sua *contemplação;* a actividade da imaginação foi suscitada pelas apparencias do mundo exterior, e quando a razão começou a discriminar, já o habito de tomar a apparencia como realidade falsificava os meios de conhecimento da pura realidade. N'este estado de espirito nos apparecem os mais vastos systemas de explicação do universo, chamados *Theogonias* e *Cosmogonias;* o homem entra em todos os intuitos de cada phenomeno, fórma uma theoria para cada força, determina ao certo o porquê da sua existencia, o para quê da sua manifestação ou finalidade. As *Theogonias* do Egypto, do Mexico, da India, da Persia, da Judéa, da Grecia, de Roma, da Germania, respondem a tudo quanto é susceptivel de ser proposto pela intelligencia humana, e pela fórma a mais cathegorica e particularisada, que só a força da imaginação póde compôr. Todas estas creações existem e estudam-se historicamente, e foram inventadas em épocas em que o criterio scientifico da observação e da experiencia ainda não havia despontado no cerebro humano. Não existia sciencia, e pelo seu systema de explicações universaes e absolutas, bem se vê que entre a multiplicidade dos problemas que a intelligencia humana é susceptivel de propôr ainda não surgira a distincção disciplinadora entre o *desconhecido* e o *incognoscivel.* Estes dois limites constante e variavel que suscitam e disciplinam a actividade intellectual, confundiam-se em

um unico termo, e como dois raios visuaes que se aproximam, produziram esse estado de vertigem da imaginação predominando sobre a razão. Como todas as explicações universaes se reduziam á força ou vontade de um deus, immanente em cada phenomeno, chama-se por isso a essa philosophia que assentava as suas convicções sobre crenças gratuitas *estado theologico*. N'este estado não existia o conhecimento do mundo objectivo, porque não se exercia a observação; não existia o conhecimento do mundo subjectivo, porque não havia passado historico; finalmente não existia a discriminação entre o desconhecido e o incogniscivel, porque não havia sciencia. Como n'este *estado theologico* se crearam um certo numero de instituições staticas da sociedade, taes como linguagem, fórma religiosa, familia, nação, é por isso que ainda hoje nos apparecem muitos caracteristicos do *estado theologico* nas locuções da lingua, como *Deus o queira, se Deus quizer*, etc., no mixto de fetichismo que amesquinha o sentimento religioso, e no exclusivismo da classe sacerdotal; nas feições de sacramento impostas aos actos do nascimento, casamento e morte, e no juramento nos contractos e tribunaes; e finalmente na origem divina da soberania ou legitimidade, e na confusão entre educação e instrucção no ensino moderno. Taes são os restos do *estado theologico*, que ainda hoje subsistem, produzindo a anarchia moral, intellectual e social, os quaes só podem ser eliminados pelo regimen verdadeiramente philosophico.

Apezar d'estes restos do *estado theologico*, deu-se na intelligencia humana um periodo de indisciplina e revolta contra as explicações staticas da contemplação religiosa; foi um trabalho em que a imaginação continuou ainda no fervor primitivo, mas em que procurou systematisar-se, simplificando a multiplicidade das suas hypotheses submettendo-as a *entidades* geraes separadas dos phenomenos particulares. Para que se entrasse n'esse estado novo da intelligencia era preciso que já existissem certos conhecimentos do mundo objectivo, e algumas observações do mundo subjectivo, ou do Eu; mas ainda continuava a subsistir a confusão entre o desconhecido e o incogniscivel, e o trabalho philosophico consistiu nas especulações do mundo subjectivo separado do conhecimento da natureza e da sua mesologia. Mais ou menos o *estado metaphysico* tem andado sempre em dissidencia com o theologismo, já na negação absoluta da divindade ou atheismo, já na affirmação absoluta da materia, ou na sua negação no idealismo, já na confusão absoluta da identidade entre os sêres e a sua origem divina, ou pantheismo; além d'estas tres grandes cathe-

gorias de escholas metaphysicas, o *atheismo,* o ***materialismo*** e o *pantheismo,* a base hypothetica de todas as suas especulações produz tantas dissidencias quantos os pensares individuaes; o *idealismo,* o *espiritualismo,* o *mysticismo* e o *racionalismo,* são systemas completos de explicações do universo partindo do ponto que não existe incogniscivel, e por isso procurando cada systema a solução do que diz respeito á origem causal, ou *porquê,* e á finalidade ou *para quê,* deixando o *como?* que é que nos revela o desconhecido. O *estado metaphysico* começou na civilisação indiana, depois de longos seculos de actividade theologica dos brahmanes; nunca nenhuma philosophia foi mais longe nas suas affirmações gratuitas do que no periodo da heterodoxia brahmanica; d'esta dissidencia nasce a philosophia *Sankya,* que com um caracter pratico origina a philosophia do *Nirvana* no budhismo, e produz por um antagonismo de eschola a philosophia *Vedanta.* Mas a grande phase do *estado metaphysico* foi justamente no fim da época em que as sciencias fixavam os seus methodos, do fim do seculo XVIII para o seculo XIX, e no povo que mais qualidades moraes e ethnicas ainda apresenta do grande tronco árico d'onde se desprendeu nas migrações indo-europêas. Kant, reconstitue a metaphysica, que da especulação das entidades fôra insensivelmente levada á tradição auctoritaria da Eschola e á superstição da palavra na Dialectica; Fichte e Schelling especulam ácerca do Eu independente do conhecimento do mundo exterior, e até submettendo a existencia d'este á consciencia subjectiva; Hegel veiu ainda na mesma corrente, mas procurando explicar tudo pela *ideia* no seu estado absoluto, ou these, já obedeceu á força da positividade da civilisação apoiando as suas affirmações com factos historicos. O *estado metaphysico,* como se viu pelas quatro grandes escolas do principio d'este seculo, nunca pôde chegar a constituir uma philosophia unanime; mas é tambem evidente que a actividade intellectual que essas escholas despertaram provocou o advento do periodo da positividade. O seu alto merecimento está n'este destino transitorio; a obra do estado metaphysico consistiu em investigar as noções de essencia, de substancia, de causalidade, de finalidade, de espiritualidade, de immortalidade, de infinito, de Deus ou do absoluto, méras entidades ideaes totalmente incogniscíveis; d'este trabalho resultou apenas uma grande conclusão, comprovada por mais de tres mil annos de actividade mental, e vem a ser—que a unica affirmação absoluta que se póde fazer, é que só podemos conhecer o relativo; o *estado metaphysico,* abandonando o conhecimento do mundo

objectivo ou da realidade, organisou a sua *Ontologia,* a noção dos entes sem os dados unanimes ministrados pela Astronomia, Physica, Chimica e Biologia; organisou uma *Ideologia,* antes dos trabalhos scientificos da anatomia do systema nervoso cerebro-spinal e da descoberta da importancia dos thalamos opticos; fundou uma *Psychologia* antes de existir a Physiologia relacionada com a Pathologia; estabeleceu uma *Grammatica geral,* antes da Glottica começar o estudo comparativo da linguagem, criterio provocado pela descoberta do sanskrito; formou uma *Logica* sem realidade, ignorando a constituição racional da Mathematica, e os methodos especiaes achados pelas necessidades de cada sciencia; finalmente fundou uma *Theodicêa,* antes da sciencia comparativa das religiões; um *Direito natural* antes de ser achada a lei evolutiva da Sociologia; e uma *Moral* imperativa antes de ser determinada a força dynamica da vida social nas suas creações collectivas, e por isso uma Moral sempre submettida á coacção religiosa.

Todas estas descobertas scientificas, ignoradas na maior parte e em parte desprezadas pelo estado metaphysico, pertencem ao nosso seculo; a vida incompleta do individuo alargou-se para as suas observações por meio da descoberta da solidariedade humana, perfeitamente revelada pela Historia. Grandes factos, como a creação da linguagem e da ideia do direito, que não podem ser estudados sómente na actividade do individuo, foram estudados na vida das gerações pelo criterio historico. Todas estas descobertas, que assignalam a civilisação do seculo XIX, reclamavam uma reorganisação philosophica, que tivesse por fim eliminar do dominio da sciencia e da philosophia o incogniscivel, e reconstituir uma synthese unanime pela mutua relação entre o conhecimento objectivo e o criterio subjectivo. É ao que se chama *estado positivo;* determinou-o Augusto Comte, espirito mais encyclopedico do que Bacon ou Leibnitz, que pela sua organisação especial estava destinado a systematisar a aspiração de um seculo, no estabelecimento de uma doutrina commum. Pela primeira vez se mostrou a dependencia em que as sciencias e a philosophia estavam entre si, e que nenhum progresso será verdadeiro se elle fôr conseguido por qualquer d'estes meios isolados. A tendencia positiva de algumas sciencias, como a Astronomia, a natureza essencialmente deductiva de outras, como a Mathematica, mostram que a positividade não appareceu repentinamente no nosso seculo, e que ella veiu formando-se naturalmente desde remotos tempos; que houve genios,

como Aristoteles, Hippocrates, os philosophos arabes, Bacon, Descartes, Newton, Locke, Hume e alguns outros, que imprimiram uma direcção positiva ás sciencias. É esta a alta superioridade do *Positivismo,* porque lhe tira o caracter individual e o torna um estado de disciplina mental a que só as épocas de grandes riquezas scientificas podem chegar.

A *Lei dos tres estados* tem sido discutida, primeiramente por Littré, nas *Palavras de Philosophia positiva,* e mais tarde por Huxley, no ensaio *Do Positivismo nas suas relações com a sciencia.* Nem um nem outro escriptor rejeita esta lei fundamental da philosophia moderna; Littré considera-a como uma systematisação scientifica para agrupar os factos da filiação historica, mas não phases naturaes do espirito humano, porque não abrange nem o desenvolvimento industrial, moral, nem esthetico.[1] Para Littré esta pretendida lei é a expressão abstracta dos factos historicos, é uma lei empirica porque converte os factos em principio, e precisa da comprovação racional que lhe tire o caracter de explicação provisoria.[2] Littré propoz a seguinte modificação á *lei dos tres estados:* «Eu concebi sob um outro ponto de vista esta mesma analyse mental, e estabelecendo-a como ponto de partida da analyse sociologica, fui levado a uma *lei racional,* que sem alterar a *lei empirica* de Augusto Comte, lhe fornece uma interpretação. Pelo que me parece, que a historia se divide em quatro edades fundamentaes: a mais antiga é aquella em que a humanidade está sob o imperio preponderante das *necessidades;* em seguida á mais antiga, ou edade das *religiões,* é aquella em que a moral desenvolvendo-se suscita as primeiras creações civis e religiosas; a terceira, ou *edade da arte,* é aquella em que o sentimento do bello, tornado por seu turno capaz de ser satisfeito, cria as construcções e os poemas; emfim a quarta, ou *edade da sciencia,* em que a razão deixando de ser empregada de um modo exclusivo no exercicio das tres funcções antecedentes, trabalha por si mesma, e caminha para a investigação da verdade abstracta.»[3] Por estas palavras se vê que o espirito moderno sente a necessidade de uma ratificação da *lei dos tres estados;* a proposta de Littré não satisfaz tal urgencia porque deduz essa successão de caracteristicas não só das instituições sociaes, como Augusto Comte, mas tam-

---

[1] *Auguste Comte et la Philosophie positive,* pag. 50.
[2] *Fragm. de Philosophie positive,* pag. 119
[3] Ibidem, *loc. cit.* Adiante veremos como Schiller esboçou esta mesma ideia.

bem de algumas creações produzidas no meio social. Aqui a comprovação deve ser toda de ordem *psychologica,* emquanto á acção dos individuos sobre a sociedade; é este o caracter natural da lei, fortalecida pela continuidade *historica,* que é a acção do meio social sobre a direcção da actividade psychologica dos individuos. A lei dos tres estados, tal como a propoz Augusto Comte, não podia ser senão de *empirismo* historico, porque no seu tempo ainda não existia uma psychologia positiva, ou os elementos para ella na physiologia e anatomia do systema nervoso cerebro-spinal, que a vieram comprovar.

Huxley ataca a *lei dos tres estados* unicamente na fórma como a redigiu Augusto Comte, criticando-a «*como uma verdade imperfeitamente comprehendida.*»[1] Contenta-se em oppôr-lhe algumas contradicções por aproximações de textos truncados de Comte, e sobre uma das fórmas mais antigas da redacção da lei dos tres estados (1825) propõe uma modificação, em que corrige a exclusiva manifestação *historica* por uma exposição *psychologica* dos processos criticos mentaes. Porém Huxley traduz uma manifestação por outra que lhe parece mais proxima da verdade, sem observar sequer que são ambas necessarias para darem á lei empirica o caracter abstracto. Huxley resume assim as contradicções que acha na lei dos tres estados como Comte formúla na primeira lição:

«*a)* A intelligencia humana está submettida á lei por uma necessidade invariavel, o que demonstra *a priori* a natureza e a constituição da intelligencia; e ao mesmo tempo nós podemos constatar historicamente que a intelligencia humana tem sempre estado submettida a esta lei.»

«*b)* Todos os ramos dos conhecimentos humanos passam por estes tres estados, começando necessariamente pelo primeiro.»

«*c)* Os tres estados excluem-se mutuamente por isso que são essencialmente differentes, e até radicalmente oppostos.»

A estes aphorismos compendiados por Huxley, contrapõe-lhe elle estes outros deduzidos das phrases de Comte em outros logares:

«*a)* Com effeito a intelligencia humana não esteve invariavelmente submettida á lei dos tres estados, e por consequencia a necessidade da lei não póde ser demonstrada *a priori.*»

«*b)* Um grande numero dos nossos conhecimentos de todas as especies não passaram pela lei dos tres estados, e particularmente pelo primeiro.»

---

[1] *Les Sciences naturelles,* pag. 218.

«*c)* O estado positivo coexistiu mais ou menos com o estado theologico nos primeiros alvores da intelligencia humana.»

Estas contradicções, não provêm, como quer Huxley, de uma verdade imperfeitamente comprehendida, mas sim de um facto incompletamente observado, as ideias concretas sugeridas pela acção pratica das necessidades. Nas primeiras affirmações Comte explorou apenas o campo da *historia;* nas affirmações da lição LI, alguns pontos de vista provenientes da critica psychologica, e que de nenhum modo devera omittir, levaram-no a modificar o caracter absoluto da manifestação *historica,* reduzindo o por essa mesma contradicção a uma dependencia variavel da necessidade *psychologica.* Como já observámos, o defeito não era propriamente de Comte, mas da falta de uma psychologia positiva no seu tempo, circumstancia que o levou a estabelecer a grande lei sociologica sobre uma exclusiva base historica. Huxley, que floresce em uma época mais avançada, modifica a lei dos tres estados em duas phases psychologicas naturaes e em uma terceira transitoria, que participa das duas anteriores: assim á manifestação historica chama *tendencia theologica,* e ao phenomeno psychologico *interpretação anthropomorphica;* na segunda phase, o facto historico é *tendencia para a sciencia,* e o psychologico é a *interpretação physica;* a phase transitoria ou metaphysica, é um meio termo produzido pela *personificação* anthropomorphica, *(entidades?)* e pela exclusão da vontade pessoal pela subordinação ao physicismo.

Esta modificação prova-nos que o proprio Huxley foi levado pelas ultimas lições de Comte a procurar para a *lei dos tres estados* uma comprovação psychologica. De modo que o ataque contra essa lei sociologica proposta por Comte, provém de não se reconhecer as condições em que elle a formulou. O valor fundamental da *lei dos tres estados* só póde ser bem apreciado procurando-se a origem d'esta concepção tradicional, cujas grandes deducções philosophicas levaram Comte á reorganisação da synthese subjectiva; assim torna-se inatacavel como base de um systema philosophico.

Procurando as origens d'esta lei, que se vae tornando racional á medida que surgem as comprovações psychologicas, se responde ás objecções de Littré, mostrando que ella comprehende tambem o desenvolvimento industrial, moral e esthetico, e que se póde determinar em muitas outras instituições sociaes.

Por Herodoto sabe-se que os egypcios dividiam os seus

annaes em tres grandes cyclos ou edades, segundo o caracter das instituições, *edade dos deuses, edade dos heroes* e *edade dos homens,* a que correspondiam tres linguas, a dos *hieroglyphicos* ou caracteres sagrados, a dos *symbolos* ou caracteres heroicos, e a dos caracteres graphicos ou demoticos, pertencente ao povo.[1] Varrão tambem seguiu estes contornos geraes nas épocas da humanidade, dividindo-as em tempos *obscuros* ou dos deuses, tempos *fabulosos* ou dos heroes, e tempos *historicos*.[2] Vico, na *Sciencia nova,* fundou sobre estas bases uma philosophia da historia, com o defeito de uma erudição atrazada mas subtil; no quarto livro intitulado *Da marcha das nações,* confessa: «Adoptamos a divisão dos *tres estados,* estabelecida pelos egypcios, a saber: a *edade dos deuses,* dos *heroes,* e dos *homens,* porque nós temos observado entre todas as nações tres especies de naturezas. Estas naturezas produzem tres especies de *costumes,* d'onde derivam tres especies de *Direito natural das gentes,* que produzem tres *estados civis* ou de republicas. Para se communicarem estas tres especies de cousas principaes, os homens reunidos em sociedade compozeram *tres especies de linguagens,* e tres especies de caracteres, depois do que crearam *tres especies de jurisprudencias,* que precisaram para a sancção de tres especies de auctoridades e de *tres especies de razões ou de direitos,* por meio dos quaes se formassem *tres especies de julgamentos.*»[3] Vico interpreta, grande numero de vezes com immensa felicidade, a historia atrazada para comprovar estas divisões inconscientes dos maiores espiritos da antiguidade, que elle acceitou da tradição para base de uma philosophia da historia. A comprovação historica está a accumular se de dia a dia pelas descobertas da sciencia da linguagem, pelo estudo comparativo dos mythos e das religiões, das constituições das sociedades primitivas, das fórmas da arte, do direito, da moral, das litteraturas e dos factos psychologicos. Se o espirito de Vico não estivesse viciado pela metaphysica, Augusto Comte teria mais cedo achado a base racional para a Sociologia.[4]

---

[1] Vico, *Sciencia nova,* pag. 7.

[2] Já no seu tempo, Cicero condemnava as concepções caracteristicas do estado theologico: «*magna stultitia est earum rerum Deos facere effectores causas rerum non quaerere.*» Ap. D'Holbach, *Systeme de la Nature,* t. I, p. 157.

[3] Vico, *Sciencia nova,* liv. IV, pag. 322. Trad. franceza, 1844.

[4] Augusto Comte tendo lido a obra de Vico em 1844, diz d'ella: «nada lhe teria servido vinte annos antes para facilitar o seu caminho, antes por ventura o teria difficultado ou desorientado momentanea-

Turgot, na *Historia dos progressos do espirito humano,* (pag. 294) procura submetter esta divisão tradicional a uma causa psychologica, e por isso foi elle o precursor de Comte na proposição da *lei dos tres estados.* Eis as suas memoraveis palavras: «Antes de reconhecer a relação dos effeitos physicos entre si, nada houve de mais natural do que suppôr que eram produzidos por sêres intelligentes, invisiveis e similhantes a nós; pois com que se pareciam elles? *Tudo o que acontecia, sem que os homens o fizessem, teve um deus,* ao qual o temor ou a esperança fez immediatamente prestar culto, e este culto foi imaginado segundo as attenções que se podia ter para com os homens poderosos, porque os deuses não eram senão homens mais poderosos e mais ou menos perfeitos conforme eram obra de um seculo mais ou menos esclarecido sobre as verdadeiras perfeições da humanidade. Logo que nos phenomenos reconheceram o absurdo d'estas fabulas, sem comtudo haverem alcançado luzes verdadeiras da historia natural, *imaginaram explicar as causas dos phenomenos por expressões abstractas, como essencias e faculdades;* explicações que com certeza nada explicavam, e sobre que se raciocinava como se fossem sêres, novas divindades substituidas ás antigas. Seguiu-se estas analogias e multiplicou-se as faculdades para explicar cada effeito. Só muito tarde observando a acção mechanica que os corpos exercem uns sobre os outros, é que se tirou d'esta mechanica outras hypotheses, que as mathematicas poderam desenvolver e a *experiencia verificar.*»

A concepção de Turgot é mais profunda do que a de Vico, porque nos reduz essas phases da humanidade a uma evolução psychologica; mas se abstrahirmos da tradição antiga, Turgot não tinha ainda no seu seculo os elementos fundamentaes para formular tão claramente a successão dos estados mentaes; como Huxley, Turgot observa essas phases como successão da interpretação, as quaes Augusto Comte alargou em outras tantas philosophias, isto é *Theologias, Metaphysicas* e *Sciencia geral.* Para o ponto de vista de Augusto Comte, que era a systematisação de todos os elementos objectivos ou de positividade, a sua caracteristica bastava, porque d'essa successão deduzia a necessidade do advento de uma Philoso-

---

mente.» Comtudo confessa a importancia do ponto de vista de Vico: «alguns dos seus axiomas ou *degnita* preliminares parece-me indicar n'elle um primeiro passo para o sentimento da verdadeira evolução social, posto que o seu estado de christão ou de crente abafasse n'elle promptamente um similhante germen.» *Cartas a Stuart Mill,* pag. 272.

phia definitiva ou positiva; foi por isso que na primeira lição estabeleceu a antinomia radical entre os tres estados mentaes ou philosophicos. Schiller, nas suas *Cartas sobre a Educação esthetica do Homem,* tambem reconhece «tres differentes momentos ou gráos de desenvolvimento que o homem individuo, assim como a especie inteira devem transpôr necessariamente e em ordem determinada se elles querem percorrer o circulo inteiro do seu destino.» (n.º XXIV.)

No meio da effervescencia metaphysiça saint-simoniana, Comte presentiu o alcance da theoria dos tres estados mentaes, que por ventura tambem não era desconhecida de Saint-Simon; em uma nota á vida de Saint-Simon, Hubbard affirma: «No numero das ideias mães, de que falla Augusto Comte, importa mencionar a lei do desenvolvimento de todas as concepções principaes, passando successivamente por tres estados, theologico ou ficticio, metaphysico ou abstracto, scientifico ou positivo.»[1] Littré debalde procurou nos escriptos de Saint Simon vestigios d'essa sugestão; pela nossa parte encontramos essas vagas allusões aos differentes estados mentaes: «Os primeiros phenomenos que os homens observaram de uma maneira seguida foram os phenomenos astronomicos; a razão mais forte para que começassem por elles, é porque são os mais simples. No começo dos trabalhos astronomicos, o homem *misturava* (syncretisava) os factos que elle *observava* com aquelles que elle *imaginava,* e n'este cahos elementar fazia as melhores combinações que podia para satisfazer as necessidades da predicção; successivamente se foi desembaraçando dos factos creados pela sua imaginação, e depois de muitos trabalhos terminou por adoptar uma marcha certa para aperfeiçoar esta sciencia.»[2] Ha n'estas phrases clarões que sugerem mais ideias do que as que encerram, e se porventura Augusto Comte desenvolvesse os germens aqui contidos, daria á lei dos tres estados uma comprovação psychologica. É frequente negar a importancia da *lei dos tres estados,* repetindo automaticamente criticas vagabundas; porém, abstrahindo da concepção de Comte, esta lei psychologica e historica, acha-se formulada sob outras designações por philosophos eminentes como Blainville, Ampère e Spencer. Descrevendo a evolução do criterio humano, Ampère chama estado *autoptico,* aquelle subjectivismo mental, ou syncretismo tão bem

[1] *Saint-Simon, sa vie et ses travaux,* pag. 98, not.
[2] Saint-Simon, *Deuxième lettre d'un habitant de Genève,* ap. Hub. pag. 133.

revelado historicamente no estado theologico; chama depois estado *cryptoristico,* ou da investigação das causas occultas, ao criterio que veiu a prevalecer no destino das metaphysicas; e finalmente sob o nome de criterio *troponomico,* ou da observação da variabilidade dos phenomenos, e *etiologico* ou do encadeamento das causas e effeitos, designa esse espirito de relatividade tão felizmente definido por Comte no estado positivo. Esta concordancia deriva da profunda verdade do facto psychologico. Pelo seu lado Herbert Spencer reorganisa a Lei dos tres estados sob outros nomes; a *unanimidade dos ignorantes,* historicamente realisada nas crenças theologicas; o *dissentimento dos investigadores,* como se vê nos problemas ou theorias especulativas e nas heresias; e a *unanimidade dos sabios,* proveniente das verificações experimentaes. Outros espiritos extranhos ás especulações philosophicas, chegaram a esta mesma concepção fundamental; Renan, diz que o espirito humano não começa a sua actividade nem pela *synthese,* nem pela *analyse,* mas pela *confusão syncretica.*[1] Por muito tempo ainda hade haver quem mantenha pyrrhonicamente a negação da lei dos tres estados. Geoffroy Saint Hilaire, definindo os progressos das sciencias naturaes, tambem accentúa tres periodos psychologico-historicos: o de *confusão,* o de *analyse* ou de divisão, e o de *synthese* ou de associação. Feuerbach, caracterisando o seu desenvolvimento psychologico simultaneamente com o seu systema philosophico, diz: «*Deus,* foi o meu primeiro pensamento; a *razão,* o meu segundo; o *homem,* o meu terceiro e ultimo.» Lange, na *Historia do Materialismo* critica estes elementos da evolução mental de Feuerbach: «Esta theoria apresenta uma analogia notavel com a que procurava estabelecer, pelo mesmo tempo em Paris, o nobre Comte, pensador e philosopho solitario em lucta com a indigencia e com a melancholia.»[2] A superioridade de Comte está no modo como logicamente foi levado do criterio da relatividade á fundação da Sociologia.[3] Sem ousar alterar a fórma historica d'esses tres estados mentaes, que Augusto Comte estabeleceu como base da Sociologia descriptiva,

---

[1] *Hist. générale des Langues semitiques,* p. 103.

[2] *Hist. du Materialisme,* t. II, p. 89.

[3] Feuerbach presentia uma egual conclusão, mas não pôde dar-lhe fórma scientifica; diz elle: «A nova Philosophia faz do homem, comprehendendo n'elle a natureza como base do homem, objecto unico, universal e supremo da philosophia; a anthropologia então, comprehendendo tambem a physiologia, torna-se a sciencia universal.» *Principios da Philosophia do futuro.*

(Theocracia, transições revolucionarias, e *Sociocracia)* vamos investigar a sua manifestação psychologica ou origem organica, fortalecendo-a assim com a lei racional. Começamos pelos rudimentos de toda a actividade cerebral, a sensação.

Os orgãos peripherico recebem a impressão bruta do mundo exterior ou da materia, que se revela como uma resistencia; essa impressão toma um caracter particular de uma sensação especial nos thalamos opticos, e recebe um maior ou menor relêvo no sensorium. D'aqui resulta, que existe sempre uma differença entre a *realidade* ou a origem da impressão, e a *apparencia* ou sensação resultante d'essa impressão. Emquanto o cerebro não estiver bem fornecido de noções empiricas para ratificar as sensações, hade dar-se sempre a confusão entre a *apparencia* e a *realidade,* ou como vimos na phrase de Saint-Simon «a mistura dos factos observados com os factos imaginados». Huxley antes do *estado theologico* de Comte viu uma phase mais geral de confusão, a que chamou *interpretação anthropomorphica,* mas isto é apenas um dos modos particulares de confusão de um estado mental que manifesta o seu syncretismo por fórmas inopinadas. De facto, o *estado theologico* exprime uma confusão systematica, sobretudo na construcção philosophica dos dogmas; a *interpretação anthropomorphica* abrange fórmas da linguagem, manifestações artisticas e um meio facil de materialisar as noções mais abstractas. Porém a confusão é mais vasta, e este estado mental do individuo explica-nos o *estado de syncretismo* nas sociedades, e ao mesmo tempo a coexistencia de tendencias syncreticas especiaes nos individuos ainda hoje mais aperfeiçoados pelo regimen scientifico.

O *estado syncretico* comprehende a confusão da *realidade* com a *apparencia,* emquanto ás creações sentimentaes; e a confusão do *abstracto* com o *concreto,* emquanto ás noções racionaes. Aqui temos todas as grandes ordens da actividade psychologica. A fórma sentimental do syncretismo, tem a sciencia moderna da philologia e das litteraturas attribuido as leis da imaginação, que ainda se buscam,[1] assim como da simplificação do syncretismo racional se achou a lei de classificação dos conhecimentos humanos. As fórmas do syncretismo sentimental reduzem-se a typos fundamentaes tão bem interpretados por Vico: confusão do inanimado com o animado,

[1] Taes são a *comparação por differença, comparação por analogia* e *comparação por plausibilidade,* expressas por meio das *Fabulas, Contos Epopêas* e *Parabolas.*

confusão do similhante com o assimilhado, que produzem essas manifestações importantes da Metaphora, d'onde se originaram os primeiros radicaes da linguagem, os primeiros esboços dos mythos, as manifestações poeticas, e os primeiros sentimentos da unificação social. Tal é a importancia d'este estado syncretico, que a Esthetica positiva se tornará uma sciencia preliminar da Philosophia. A evolução mental d'esta phase psychologica resume-se na phrase—conversão do concreto em abstracto, como vêmos nos *Mythos* sideraes tornarem-se epopêas, legendas e contos, ou como as *Religiões,* que se convertem em theologias, theogonias e dramas, ou mesmo certas fórmas de *Arte,* que se convertem em symbolos.

Este resultado comprehende uma segunda phase mental, em que a *realidade* é subordinada á *apparencia,* e em que o abstracto prevalece sobre o concreto. Chamaremos a este estado, a que Augusto Comte deu o nome de *metaphysico,* o nome de *estado discretico.* Aqui dá-se a relação da parte com o todo, da materia com a fórma, do determinado com o indeterminado; é a que os rhetoricos antigos chamaram Synedoche, e que Vico admiravelmente interpretou como uma concepção poetica. Na elaboração metaphysica do genio indiano o mundo foi reduzido a uma grande apparencia ou illusão, *(Maia)* e Berkeley dava ao mundo uma existencia subjectiva, e Fichte fazia-o depender do Eu. Os elementos do physicismo, ou leis personificadas em entidades, por seu turno destacam-se por essa mesma tendencia discretica, a que Comte chama dissolução metaphysica. Alguns espiritos, em dadas ordens de actividade, conseguem estabelecer a relação entre a apparencia e a realidade, segundo as suas differenças e segundo as suas similhanças, como distinguiu Bacon; as similhanças agrupam-se na *serie inductiva* das Sciencias, e as differenças phenomenaes submettem-se pela *lei deductiva* a um systema subjectivo ou Philosophia. A esta phase racional tão distincta, da mais alta civilisação, chamou Comte *estado positivo,* mas por isso que o trabalho mental se distingue pela *conversão do abstracto em concreto,* se lhe deve dar o nome significativo de *estado concretico.* De facto a relação de similhança entre o essencial e o accidental, entre o signal e a cousa, e a relação de differença entre o effeito e a causa, pertencem a esse estado logico do espirito tantas vezes exemplificado pelo nome rhetorico da Metonymia.

Tal é a comprovação psychologica da lei dos tres estados, os quaes podem coexistir no mesmo espirito apesar da sua antinomia, tornando-se a causa natural do *Erro.* O processo

logico e a methodologia é que estabelecem a sua separação; assim temos visto mathematicos catholicos, physicos deistas e monarchicos. O que se dá nos individuos reproduz-se na collectividade humana, nas sociedades, na fórma e espirito das instituições, e no intuito das creações. A lei do progresso sociologico, persentida por Comte, começando pelo desenvolvimento intellectual, causa do desenvolvimento moral e economico, deduz-se da acção que póde exercer sobre uma sociedade a maior somma de noções concretas, sobre o syncretismo das multidões e o discretismo pedantesco dos que não têm educação scientifica.

Na civilisação ingleza, uma grande tendencia para converter as abstracções em factos concretos fez com que a velha metaphysica que se conservou mais tempo na Allemanha, se dissolvesse espontaneamente; de todas essas entidades ou personificações que ficou? Apenas o facto psychologico, em toda a sua realidade. É por isso que o espirito positivo moderno na Inglaterra parte do conhecimento do Eu para o conhecimento do mundo objectivo.[1] Isto o separa do Positivismo francez, que segue uma ordem mais racional, porém menos historica, e n'isto se reconhece a acção da individualidade de Comte, individualidade que tem sido a causa dos ataques vehementes dos positivistas inglezes Stuart Mill, Herbert Spencer e Huxley. Este ultimo escriptor, que discute de um modo dialectico a lei dos tres estados, acceitando-a sob outras caracteristicas, descreve assim a passagem das *personificações anthropomorphicas,* ou entidades metaphysicas, para o *physicismo* (positivismo): «Mas com o curso dos seculos os limites do physicismo se alargam. O dominio inteiro das entidades bastardas é annexado á sciencia; e mesmo a theologia, nas suas fórmas as mais puras, deixa de ser anthropomorphica, apesar dos seus protestos. O anthropomorphismo refugiou-se no seu ultimo reducto, no proprio homem. Portanto a sciencia ataca de perto a praça, os philosophos preparam se para a lucta, e se arrojam de encontro ao maior dos problemas especulativos, o problema ultimo: Possue a natureza humana um elemento de liberdade, um livre arbitrio, vontades suas, elemento verdadeiramente anthropomorphico? ou não é ella mais do que o mais curioso e o mais complicado dos mechanismos do uni-

[1] Na Psychologia ingleza destacam-se duas escholas, a *aprioristica,* ou subjectiva, a que pertencem Hamilton, W. Whewell, Mansel e Ferrier, e a *associonista,* tendendo para a objectividade, a que pertencem Stuart Mill, Bailey, Herbert Spencer, Bain e Lewis.

verso? Uns, a cuja opinião me acosto, pensam que é uma batalha que hade sempre durar, e, no ponto de vista das necessidades da vida, a prolongação da lucta equivale praticamente ao triumpho do anthropomorphismo.»[1] Será essa a solução do positivismo inglez, por se embaraçar prematuramente nos problemas da psychologia; mas as questões de liberdade, de livre arbitrio, de finalidade humana, á medida que se forem explorando desassombradamente as leis cosmologicas, biologicas e sociologicas, dissolver-se-hão em transformações especiaes da energia com que começou a mover-se o nosso planeta.

A *lei dos tres estados,* presentida como synthese por Turgot, verificada pela historia em todas as civilisações, e ainda modernamente pela variação das concepções nas edades de cada individuo, recebeu na philosophia a sua verdadeira importancia desde que Augusto Comte se serviu d'essa descoberta para partir d'ahi para a constituição do positivismo. Depois de um *estado theologico* succedeu uma dissidencia mental contra as velhas explicações auctoritarias: essa dissidencia já materialista ou atheista, já espiritualista e racionalista, constituiu uma nova phase de negativismo das intelligencias, a que se chama *estado metaphysico;* com o progresso das noções scientificas, principalmente por via da mathematica e da astronomia bastante completas na civilisação grega, a intelligencia humana entrou em um *estado de positividade,* isto é, em uma tendencia para acceitar sómente as affirmações verificaveis. Só um seculo fecundo em actividade e descobertas scientificas é que podia reunir todos esses elementos de positividade em uma vasta e definitiva synthese especulativa. A reunião d'estes elementos dispersos, fornecidos por cada uma das sciencias do nosso seculo, chegou Augusto Comte por um meio directo e seguro, que foi o estabelecer a dependencia e classificação hierarchica das sciencias ou formar o quadro dos conhecimentos humanos. Sem a descoberta da *lei dos tres estados,* as sciencias seriam agrupadas por meio de relações exteriores ou ficticias, como tentaram antes de tempo Aristoteles, Sam Boaventura, Raymundo Lullo, Bacon, d'Alembert e Ampère; estabelecendo a hierarchica das sciencias pelo maior ou menor gráo de positividade a que ellas chegaram, é que Augusto Comte fundou essa admiravel base de generalidade decrescente, que torna irreprehensivel a sua classificação, a qual coincide pelo poder da sua verdade com a marcha historica

---

[1] Huxley, *op. cit.*, pag. 230.

da actividade intellectual da humanidade, e com a mutua dependencia dogmatica das leis fundamentaes de cada sciencia. Uma vez achada a classificação das sciencias pelo exame das suas noções sob o ponto de vista da lei dos tres estados, estava por uma clara deducção descoberto o criterio peculiar de cada ordem de phenomenos, da *observação, experiencia, comparação* e *filiação,* isto é, fundada a methodologia da synthese positiva, e estabelecida a mutua dependencia de complicação crescente entre os phenomenos cosmologicos, biologicos e sociaes, estavam achadas as relações inseparaveis do mundo objectivo com o subjectivo ou o Eu, e assim se tornou universal essa synthese constituindo-se em uma *Philosophia.*

SCHEMA DA LEI DOS TRES ESTADOS

CONDIÇÕES SUBJECTIVAS OU PSYCHOLOGICAS	CONDIÇÕES OBJECTIVAS OU HISTORICAS	
I	**REGIMEN DA THEOCRACIA**	
Syncretismo Confusão da apparencia com a realidade, e do abstracto com o concreto. (*Unanimidade dos credulos*).	*Estado theologico:* *a*) Animismo — Fetichismo..... (*Fabulação*).	**Manituismo** Sabeismo Totemismo
	b) **Anthromorphismo** — Polytheismo (*Mythificação*).	Chtonismo Siderismo Magismo
	c) **Evhemerismo** — **Monotheismo**... (*Allegorisação*).	Budhismo Jehovismo Christianismo
II	**DISSOLUÇÃO REVOLUCIONARIA**	
Discretismo: Subordinação da realidade á apparencia, e do concreto ao abstracto. (*Dissentimento dos investigadores*).	*Estado metaphysico:* *a*) Immanencia (Ontologismo) *b*) Transcendencia (Idealismo) *c*) Teleologia (Racionalismo)	Deismo Atheismo
III	**REGIMEN NORMAL DA SOCIOCRACIA**	
Concretismo: A. Relação critica entre a apparencia e a realidade (*Notandas similitudines*): Serie inductiva, — Sciencias. (*Unanimidade dos experimentadores*).	*Estado positivo:* *a*) Positividade..... *b*) Physicismo ..... *c*) Dynamismo.....	Concepções baseadas sobre a verificação experimental: *Synthese objectiva.*
B. Conversão do abstracto em concreto (*Notandas differencias*); Processo deductivo.	Philosophia positiva: Accordo final entre a actividade subjectiva e os dados objectivos.	*Synthese subjectiva.*

Augusto Comte n'este trabalho, que será com certeza a maior creação do nosso seculo, pelo seu vasto saber encyclopedico teve o poder mental para estabelecer precócemente esta suprema deducção dos numerosos factos de positividade manifestados inconscientemente por todos os que têm uma educação scientifica. Esta philosophia não póde tornar-se esteril nem estacionaria, porque os phenomenos sociaes e scientificos d'onde foi deduzida dão-se e actuam intimamente na civilisação moderna. Se por acaso as applicações cessassem, nem por isso o criterio da positividade deixava de progredir ainda que lentamente.

A verdadeira importancia dos factos que constituem o dominio de qualquer sciencia, só começa quando entre esses factos isolados e desconnexos se descobre uma relação intima ou coordenação systematica, que leva a formar a theoria ou o modo de previsão das leis que regem esses factos. A este trabalho subjectivo de systematisação, de theoria e de determinação de leis, mesmo na sua fórma mais restricta, dá-se o nome de *philosophia;* ou melhor, ha tantas *philosophias* quantas as ordens de phenomenos que se possam agrupar constituindo uma sciencia; n'este caso a philosophia é uma synthese particular por meio da qual se descobre a generalidade dos principios em cada sciencia, e se determina o justo limite das hypotheses que hão de formar a theoria, que por seu turno influe na direcção das observações. Assim, o methodo peculiar de cada sciencia é propriamente uma philosophia restricta, que domina o desenvolvimento de cada sciencia, mas que se hade subordinar a uma synthese universal e superior, logo que cada ramo dos conhecimentos humanos esteja disciplinado methodicamente. É por isso que uma philosophia, no sentido mais geral e completo d'esta palavra, só poderá existir n'uma época em que se acharem já formadas tantas philosophias, quantas as cathegorias fundamentaes dos conhecimentos humanos. A palavra Philosophia foi inventada e usada em uma época em que não existiam os dados indispensaveis para a constituição de uma synthese universal; d'aqui veiu o dar-se o nome de philosophia ás especulações cosmogonicas e religiosas, e ás affirmações individuaes de escolas que amavam as sciencias. Ainda hoje é difficil comprehender-se a ideia de Philosophia independentemente das personalidades[1] ou das

[1] Todos aquelles que ignoram as bases da Philosophia positiva e os antecedentes intellectuaes e historicos que a produziram, ao critical-a ou para amesquinhal-a, chamam-lhe *Comtismo.*

crenças de uma época; e d'esta dependencia das personalidades ou das crenças vem a incerteza constante do objecto da philosophia, e d'aqui a falsificação das suas syntheses geraes deduzidas dos seus pontos de vista particulares. A verdadeira noção de Philosophia formou-se lenta e espontaneamente no espirito humano, á medida que cada sciencia particular foi precisando os seus principios e conclusões geraes; o seculo XIX herdeiro dos trabalhos scientificos do seculo XVII e XVIII consummou a synthese que Bacon, Descartes e os Encyclopedistas não poderam fazer, por não terem determinadas as leis scientificas indispensaveis. Só depois de achada a lei de gravitação na Astronomia, e de precisados os factos geraes da Physica na barologia, thermologia, optica, acustica e electrologia; conhecidas as combinações chimicas e as condições essenciaes á vida na Biologia; e finalmente depois de achar a lei moral, na evolução progressiva das sociedades humanas, revelada pela historia, depois de tudo isto, e só no nosso seculo se acharam reunidas as condições para, pela primeira vez na vida do homem e na altura actual da sua intelligencia, se constituir uma Philosophia geral, á qual pela precisão do seu methodo e dependencia dos dados objectivos se chama *positiva*.

Portanto, á philosophia no sentido restricto podemos contrapôr a philosophia propriamente dita, definindo-a: uma Synthese do universo formada sobre todas as leis verificaveis da ordem cosmica, biologica e moral, tendente a fortificar a consciencia humana pela separação entre o desconhecido e o incogniscivel, e pelo accordo entre a objectividade e a subjectividade.

D'esta definição resulta uma mais clara noção da philosophia em quanto á sua *origem, objecto* do conhecimento, e seu *fim*.

Emquanto á sua *origem,* só póde existir uma philosophia geral, quando tiver havido uma actividade scientifica, que pelas suas investigacões leve a conclusões unanimes sobre a ordem physica e biologica ou do mundo exterior ou *objectivo,* e da ordem biologica e moral, ou do mundo interior ou *subjectivo*. E por isso é impossivel formar uma Philosophia geral sobre especulações unicamente subjectivas; e para que qualquer affirmação seja susceptivel de verificar-se, condição sem a qual não póde ser unanime, é preciso que ella se derive e assente sobre uma realidade; ora a realidade é propriamente o facto scientifico em qualquer gráo do seu conhecimento. A Philosophia resulta ou tira a sua origem das sciencias; e as-

sim como a Mathematica se constitue pela abstracção partindo da consideração de certas quantidades ou valores concretos, as sciencias com relação á philosophia são as verdades concretas que conduzem a esse estado intellectual chamado abstracção, sem o qual as sciencias não progrediriam, se assim como a Philosophia depende das sciencias, estas não recebessem a direcção das descobertas syntheticas da Philosophia.

Emquanto ao seu *objecto,* em parte já determinado pelas condições da origem, a Philosophia na sua influencia sobre as sciencias tem em vista estabelecer a justa e indispensavel discriminação entre o desconhecido e o incogniscivel; e na sua dependencia para com as sciencias, o organisar a synthese permanente sobre as descobertas successivas que alargam e firmam o conhecimento do mundo exterior ou natureza physica, e as descobertas do mundo moral, ou o Eu, relacionando sempre as mutuas dependencias d'estas duas ordens de conhecimentos, trabalho que não póde ser realisado no dominio de qualquer sciencia particular.

Emquanto ao seu *fim,* a Philosophia corrigindo pela variedade dos seus methodos geraes os processos particulares de cada sciencia, e relacionando estas pela solidariedade dos phenomenos que estudam, alarga as nossas forças intellectuaes, e eleva-nos a uma comprehensão mais alta das nossas relações physicas e animaes com o universo, restabelecendo essa harmonia de uma lei que se exerce pela fatalidade que a razão torna uma consciencia. Só a philosophia é que nos leva á convicção da perfectibilidade indefinida do homem, e a dar aos seus actos um motivo perfeitamente livre, que é o attingir a perfectibilidade nas suas creações. O fim da philosophia positiva é de tal fórma surprehendente na sua acção sobre o progresso futuro da humanidade, que, não tendo existido até ao nosso seculo uma verdadeira Philosophia geral e completa, ainda assim, se póde affirmar que nenhum progresso humano foi ainda realisado por via da auctoridade, mas quanto o homem tem avançado se deve sómente ao impulso de algumas ideias que tiraram a força da sua verdade da verificação scientifica. No dia em que as sociedades modernas receberem o ensino das sciencias, não pela tutella da auctoridade, mas pelo regimen e organisação philosophica, para que ellas caminham, então as sociedades realisarão o maior progresso possivel, tornando a philosophia o legitimo poder espiritual dos sêres racionaes, separando o facto da auctoridade do arbitrio individual, e submettendo a vontade do que governa ás necessidades da previsão scientifica sociologica, como está já submettida a

vontade do juiz á previsão juridica dos modernos codigos.

Da verdadeira comprehensão da *origem, objecto* e *fim* da philosophia, se deduz a critica das varias phases especulativas porque tem passado a intelligencia humana; e ao mesmo tempo se fixam as bases para a constituição de uma Philosophia que da impersonalidade das suas affirmações tira o caracter geral positivo, e da verificação scientifica ou objectiva e da constante elaboração synthetica ou subjectiva tira a segurança das suas verdades.

Não basta descrever as fórmas das concepções subjectivas do estado theologico e metaphysico taes como se observam na successão historica das sociedades, para reconhecer a sua conveniente dependencia das noções objectivas; é preciso examinar os orgãos e as funcções que elaboram essas relações superiores da vida animal em uma sciencia concreta e especial chamada a Psychologia. O desenvolvimento dos orgãos e a complicação das funcções intellectuaes observados nos individuos, conduz á clara comprehensão do que se passa nas differentes épocas da sociedade, cujo progresso é uma resultante de todas essas energias. Ha creações intellectuaes, que nunca o cerebro humano poderia descobrir separado da corrente social, taes como a linguagem, a representação artistica, o estabelecimento do direito, o consenso moral, a divisão do trabalho, emfim as instituições que dão ao individuo as condições para a plena expansão das suas capacidades; por outro lado, existem ideias que impulsionam immediatamente as sociedades, que só poderiam ser concebidas por um individuo, como a theoria da gravitação universal, como o equivalente mechanico ou correlação das forças, como a analyse quantitativa. Esta reciprocidade de phenomenos intellectuaes foi reconhecida por Herbart, quando propunha que os estudos da Psychologia fossem iniciados sobre as collectividades humanas; e tambem por Stuart Mill, quando considerava a Psychologia como condição para se constituir scientificamente a Sociologia. Por esta reciprocidade se explicam phenomenos extraordinarios da historia, e uma vez conhecida a intima dependencia entre as sociedades e os individuos, será então possivel estabelecer um accordo n'essas energias, fazendo que o atrazo da collectividade não influa de um modo deprimente sobre os individuos, nem que estes exerçam uma acção perturbadora sobre a collectividade. Exemplifiquemos: um Galileo, um André Vesale, e tantos outros martyres do pensamento, são sacrificados pela força da estabilidade social; ou-

tras vezes a hallucinação individual propaga-se a uma sociedade inteira, como a mania dos *Flagellantes* no seculo XIV, a dos *Camisards,* a das *Cruzadas,* a da *Demonomania* do seculo XVI e XVII, o *Mesmerismo* do seculo XVIII, a do *Spiritismo* no seculo XIX, não fallando em productos morbidos que se fixaram como o *monachismo,* e os *exercitos permanentes.* Como estabelecer o accordo entre estas energias? Conhecendo o seu modo de funccionamento; a Psychologia experimental e physiologica explica-nos esses complicados processos mentaes. N'estas condições a Psychologia é uma contribuição essencial da Sociologia, que virá estabelecer a unanimidade das ideias como estimulos das vontades, manifestadas em acções conscientes. Só depois de conseguida a normalidade intellectual nos individuos, é que será possivel o estado normal da humanidade, ou Sociocracia.

O processo psychologico do conhecimento revela-se no modo como se adquire a consciencia da realidade do mundo exterior pela sensação recebida. O conhecimento não provém sómente da elaboração da sensação, como querem os Sensualistas; muitas vezes a sensação illude os sentidos, ou os sentidos pelo seu lado são insensiveis ou não podem transmittir ao cerebro dadas modificações da materia. Ha no cerebro um trabalho especial de ratificação dos proprios sentidos, pelo qual se deduz das diversas apparencias uma realidade ideal. Quer dizer, tão importante é o elemento *objectivo* como o *subjectivo* do conhecimento para existir a consciencia psychologica. Os idealistas conheceram o valor do elemento *subjectivo* do conhecimento e exageram-no, convertendo a realidade do mundo objectivo em uma grande illusão ou modificação especial dos nossos sentidos. Tal era a concepção de Leibnitz, Berckeley e depois de Schelling. Os nossos sentidos são limitados, e o conhecimento limitado á sua receptividade sensorial seria sempre phantastico; não podemos observar por meio d'elles o agrupamento molecular, que constitue esses equilibrios que se nos revelam como corpos; não podemos observar os seus movimentos atomicos directamente, que nos revelam a temperatura, o som, a côr; não podemos notar os gráos da evolução no crescimento momentaneo do germen. E comtudo existe uma realidade, que não é a que sentimos quotidianamente, e por isso pareceu aos metaphysicos ideal; essa realidade é objectiva por que é revelada pela experimentação scientifica, e é subjectiva porque esses meios de conhecimento vêm de um trabalho logico de ratificação dos sentidos e de uma generalisação. Assim por este progresso ultimo do conhecimento acaba o motivo

fundamental da Metaphysica, que passará a ser em vez de um criterio um erro; e o conhecimento, por sua natureza *relativo,* será tanto mais proximo da realidade quanto a noção objectiva ou natural se ratificar pela noção subjectiva ou scientifica.[1] N'estas fórmas do conhecimento observam-se os *tres estados* mentaes: a simples noção objectiva, produz o syncretismo da apparencia com a realidade; a exclusiva noção subjectiva produz o predominio da apparencia sobre a realidade, como nas concepções metaphysicas; só pela comprovação mutua das duas noções objectiva e subjectiva, é que se adquire o conhecimento positivo, verificavel e por isso unanime.[2] E, effectivamente, o conhecimento integral que podemos ter da materia funda-se na relação das duas fórmas por onde se nos revela: já como uma resistencia sentida (noção objectiva), já como equilibrios de forças (noção subjectiva); e o methodo de investigação apresenta a mesma relatividade no processo inductivo e deductivo, d'onde provêm as duas ordens mais altas do trabalho intellectual, Sciencias e Philosophia.

No desenvolvimento das Sciencias, que vieram a determinar o estado positivo da humanidade, se reflectem os *tres estados,* nas suas caracteristicas psychologicas. Exemplifiquemos com o progresso das sciencias naturaes, como o definiu admiravelmente Is. Geoffroy SaintHilaire:[3]

I. Periodo de confusão	Accumulação de factos Producção de Systemas
II. Periodo de analyse ou de divisão	Especialisação de factos Predominio do Methodo
III. Periodo de synthese ou de associação	Demonstração dos factos Theoria philosophica

A *accumulação dos factos* provêm das sugestões do mundo exterior; a *producção de systemas* é uma coordenação espon-

---

[1] A inintelligencia com que é julgada a Philosophia Positiva é manifesta na accusação de que Augusto Comte ao esboçar a *Synthese subjectiva* retrogadara para a metaphysica!

[2] Este principio é a base da critica da razão por Kant, pervertido pelos seus discipulos nas fórmulas da unidade do objectivo e do subjectivo e na celebre *petitio principii,* da unidade do sêr e do pensamento. Lange, *Hist. du Materialisme,* t. II, 119.

[3] *Hist. naturelle générale,* t. I, p. 120.

tanea e necessaria d'essas sugestões, para fixar o conhecimento do facto que mais interessa *especialisando-o*. Da *especialisação do facto* resulta a critica dos diversos systemas arbitrarios ou hypotheticos, e assim a creação de um systema definido e geral ou o *Methodo*. Uma vez estabelecido o *Methodo*, está achado o caminho mais breve para a *demonstração do facto* ou deducção da lei n'elle implicita, e reunidos os elementos para um conhecimento mais profundo ou a *theoria*. É n'esta altura, que as Sciencias se tornam capitulos essenciaes de uma Philosophia, unificando-se como o presentiu Condillac, e modernamente a concepção monistica.[1]

II

O estudo da Psychologia não se faz exclusivamente nos orgãos sensoriaes e relacionadores do individuo, mas nos seus processos de exame e systematisação dos phenomenos por onde se nos revela a materia. São outras tantas excitações virtuaes d'essa motricidade chamada consciencia. A determinação d'esses objectos de conhecimento só póde operar-se pelas Sciencias, e sob um tal aspecto a *Classificação dos conhecimentos humanos* será sempre uma parte da Psychologia positiva, em que se estuda o Eu pensante como modificado pela phenomenalidade do mundo exterior. As classificações precoces tentadas por Aristoteles, Sam Boaventura, Lullo, Sam Thomaz, Bacon, d'Alembert e Diderot, em épocas em que a philosophia era pura psychologia, resultaram da comprehensão d'esta analyse indirecta da intellectualidade. As bases que os philosophos antigos e modernos tomaram para a *Classificação dos conhecimentos humanos* ou das sciencias, explicam por si a causa da sua imperfeição, e como é que chegou a realisar-se de um modo definitivo na systematisação hierarchica de Comte; os phenomenos do mundo exterior foram classificados sob um ponto de vista *subjectivo*, segundo as faculda-

---

[1] «É preciso não esquecer, que ha só uma sciencia propriamente, e se nós conhecemos verdades que nos parecem desligadas umas das outras, é porque ignoramos o nexo que as reune em um todo.» Condillac, *Art de raisonner*, intr. Este nexo é o que constitue o scopo da synthese subjectiva, a que obedecem os *evolucionistas* e os *monistas*, desconhecendo a sua situação mental para com o Estado positivo.

des que os recebiam e relacionavam, e só muito tarde sob o ponto de vista *objectivo,* ou conforme a generalidade e dependencia dos phenomenos que constituem as sciencias. Seguindo a primeira base, as classificações foram arbitrarias e sempre incompletas. Foi preciso que Descartes fundasse o *Methodo,* para que o principio matheseologico viesse impôr-se como base de classificação;[1] esse principio ficou longo tempo infructifero, por causa do subjectivismo baconiano e pelo atrazo em que estava a chimica e a biologia, mas veiu a inspirar em 1795 os organisadores do Instituto nacional, de França, e as divisões fundamentaes da materia em *corpos brutos* e *corpos organisados,* admittidas por Bichat (1801) e por Lamarck (1802.) Pela adopção da base *objectiva,* que prevalecia na sciencia, Augusto Comte, servindo-se das sciencias novamente constituidas, organisou a classificação definitiva; é possivel que desconhecesse que realisava o pensamento de Descartes, mas obedecia á marcha da intelligencia impulsionada por elle.[2]

Não sendo possivel conhecermos mais do que *relações,* esta condição psychologica obriga-nos: 1.° a agrupal-as, como constituição scientifica dos conhecimentos do mundo objectivo; 2.° formando series distinctas, conforme a sua complicação crescente e estabelecendo assim a technica mental ou artificio logico para deduzir a verdade.

1.° — CONSTITUIÇÃO SCIENTIFICA DOS CONHECIMENTOS DO MUNDO OBJECTIVO.

Ainda que a philosophia se limitasse á antiga divisa moral — *Conhece-te a ti mesmo,* tornando o homem o unico objecto das suas especulações, (base tradicional do positivismo inglez) de certo chegaria um tempo em que a dependencia em que o homem está para com o *meio* em que vive havia de tornar indispensavel o estudo d'esse meio; o conhecimento da influencia dos climas nas raças humanas, e das disposições geographicas nas fórmas sociaes e nacionalidades, e do atavismo nas qualidades moraes, isto bastava para fazer sentir a necessidade de começar toda e qualquer especulação philosophica da nossa natureza subjectiva por um conhecimento preparatorio da natureza physica ou objectiva. O mundo exterior é a mesolo-

---

[1] Consiste em: «elevarmo-nos pouco a pouco, como por gráos, dos objectos mais simples e mais faceis de conhecer até ao conhecimento dos mais compostos.» *Discurso sobre o Methodo.*

[2] Is. Geoffroy Saint Hilaire, *Hist. naturelle generale,* t. 1. p. 238.

gia dentro da qual se opéram todos os actos da vida e da consciencia humana na solidariedade a mais indissoluvel; é elle que modifica e limita as aspirações da nossa liberdade, e que em parte provoca uma grande actividade das nossas forças, e nos proporciona as condições para o exercicio e desenvolvimento das nossas faculdades. O conhecimento d'esta mesologia humana fez-se por necessidade pratica, á medida que o homem foi procurando na natureza o conhecimento das leis que lhe aproveitavam, como a gravidade na sua fórma de equilibrio, a impenetrabilidade, a thermologia, etc., ou o conhecimento dos seus productos de que podia aproveitar-se e do modo de os produzir dispondo voluntariamente as condições em que lhe appareceram. É coherente com este estado rudimentar a concepção anthropocentrica do mundo, como tendo sido creado para o homem, como o affirmam algumas cosmogonias. D'esta concepção theologica até á comprehensão da importancia mesologica que o mundo tem para o estudo do Eu, vae um longo percurso, em que o homem teve de perder muitas illusões *(ideias imaginadas)* e de achar na realidade as intimas compensações da descoberta da verdade, *(ideias observadas)*. Sómente depois que o homem pôde exercer materialmente a sua actividade sobre os productos do mundo exterior pelo *trabalho,* e transformar esses productos adaptando-os á satisfação das suas necessidades pela *industria,* e que conseguiu simplificar e racionalisar os seus processos tradicionaes transmissiveis pela *arte,* foi então que se elevou a considerar esses productos independentemente das vantagens ou fins particulares; esta nova ordem de trabalho, puramente de especulação abstracta, levou a procurar a constituição intima, e sobre a maior ou mais perfeita segurança de processos mentaes, se chegou a uma concepção particular e restricta, chamada *sciencia*. Como o unico processo seguro para adquirirmos o conhecimento do mundo objectivo é a sciencia, nenhuma Philosophia podia operar sobre esta mesologia sem que se houvesse chegado a esse avançadissimo estado mental do regimen scientifico; este estado é muito moderno na historia do homem, e por isso quasi todas as philosophias despresaram o conhecimento do mundo exterior, ou falsificaram as suas conclusões por se basearem nas erradas concepções do sentimento tradicional. D'aqui resultaram as variedades de escolas e de systemas philosophicos; só depois que as sciencias chegaram a um certo numero de leis que explicam unanimemente o *como* das manifestações da natureza physica, é que se póde fundar uma Philosophia geral e definitiva destinada

a acabar com todos os systemas individuaes. Além d'esta importancia da mesologia natural, ella vem dar á philosophia a maxima segurança nas suas especulações determinando-lhe de uma maneira experimental a extensão do desconhecido e onde começa o *incognoscivel,* e por ultimo, vem collocar sob um novo ponto de vista, mais claro e verdadeiro, o problema do Eu, ou da natureza subjectiva. O estudo da sciencia deve preceder na pedagogia a disciplina philosophica emquanto á synthese geral, mas deve ser acompanhado simultaneamente por ella em quanto ao methodo, que é uma philosophia especial inherente a cada sciencia. É por este meio que as sciencias attingirão a unidade philosophica, emquanto aos processos de investigação da natureza e emquanto ao fim d'essa investigação, *(Synthese objectiva)* por isso que todas collaboram para a formação de uma synthese superior, *(Synthese subjectiva)* e correlativamente a Philosophia adquirirá um caracter positivo, de unanimidade e verificação, porque todos os elementos geraes sobre que operar terão o valor de uma generalidade scientifica. Esta mutua dependencia entre as Sciencias e a Philosophia é um dos caracteristicos do estado de positividade a que chegou a intelligencia humana. Provada a importancia e necessidade do conhecimento do mundo exterior como base e disciplina para o trabalho philosophico, vejamos como esse conhecimento se constituiu scientificamente. Este longo trabalho não foi obra individual, mas collectiva; realisou-se lentamente e em periodos que ultrapassam os nossos limites de observação, e é por isso que o criterio *historico* vem supprir aqui a fraqueza e limitação da intelligencia do individuo, que se amplia na humanidade. O criterio historico não é esse luxo de apparato erudito de um banal encyclopedismo; e, além d'isso, o criterio historico não pertence sómente aos factos humanos: toda a observação do que é mutavel e successivo, e que excede os limites de uma vida seria impossivel se não houvesse a perpetuidade da existencia na humanidade; esta perpetuidade é que é propriamente o interesse da historia. As épocas geologicas, as revoluções sidericas, as creações de evolução sociologica ultrapassam a vida de muitas e muitas gerações, e comtudo o individuo póde observal-as. Quando na philosophia positiva se analysam as phases diversas porque passou a intelligencia humana, e se determina a lei dos tres estados em *theologico, metaphysico* e *positivo,* como já vimos, ficou determinada a disciplina rigorosa do criterio historico e de um modo verificavel até nos minimos accidentes.

A distincção entre o mundo objectivo e subjectivo é uma d'aquellas manifestações primeiras em que se exerce a actividade do cerebro na sua normalidade. O mundo exterior é conhecido por um dado numero de fórmas ou qualidades que têm relação com a nossa impressionabilidade, isto é, revela-se-nos por uma resistencia sentida; d'aqui vem o sermos primeiramente levados á contemplação, e depois o vêrmos essas fórmas ou qualidades segundo o nosso modo de sentir passivo, e não segundo a realidade. A medida que fomos abstrahindo das nossas impressões, e já sob um ponto de vista critico, é que se pôde considerar as manifestações do mundo exterior de um modo abstracto, isto é, como *phenomenos*. Esta palavra tem já um alto valor scientifico; mas as modificações da materia, o desdobramento das suas propriedades, não poderam ser estudados em si, no modo do seu apparecimento ou propriamente estado *dynamico*, e no modo da sua constituição, ou estado *statico;* faltava o justo limite do incogniscivel, e por isso em vez de se procurar o *como?* os problemas da origem e *principio*, de causa e *finalidade* levaram a uma falsa comprehensão do phenomeno. Todas as theogonias são um monstruoso esboço philosophico da creação do mundo, cujo corollario é o quadro monstruoso do seu acabamento. No estado theologico, o phenomeno é já observado, mas em um syncretismo mental, que produz uma aberração phantasmagorica; para o genio e civilisação indiana a phenomenalidade objectiva é a *Maya*, a illusão dos sentidos pelas manifestações do mundo exterior, uma miragem continua no meio da qual vivemos. D'aqui tiraram os brahmanes o seu dogma da primeira personificação da divindade no momento da creação, seguindo-se as suas encarnações ou avatars para obstar ao fim do mundo; os buddhistas tiraram d'esta concepção physica o seu ascetismo. Os metaphysicos, como Platão e Epicharmo tomaram esta concepção do syncretismo como percepções primarias e secundarias provocadas pela divindade immanente nas creaturas. Todas as fórmas corporaes se acham em uma condensação ou substractum, chamado *Prakriti*, especie de cellula primordial d'onde toda a creação tira a origem plastica motivada pelo principio primordial ou *Pradhana*. Tal é a comprehensão da phenomenalidade no universo, perturbada pelo precoce problema da origem, em que o genio indiano ficou, pela persistencia definitiva do seu estado theologico. Ao problema da origem segue-se o problema do fim; *Pralaya* é a dissolução do mundo, do mesmo modo que no *Millennio* catholico; a successão dos phenomenos, opera-se dentro d'estes

dois extremos, um motivado pela vigilia ou outro pela somnolencia do creador. O estudo dos atomos como origem dos equilibrios da materia nasceu de uma concepção individual da phenomenalidade pelo aspecto *metaphysico*, (desde Epicuro até Kant) o qual se continuou até ao nosso tempo com as vibrações e ondulações do *ether*, para se explicar os phenomenos da luz e do calor, e hoje por demonstrações positivas as combinações chimicas e leis biologicas.[1] A constituição lenta de cada sciencia foi facilitando o estudo dos *phenomenos* separando-os dos problemas *incognisciveis;* e á medida que os phenomenos foram sendo mais claramente comprehendidos, mais depressa se descobriram as suas mutuas relações ou analogias, com mais segurança se deu a *previsão* das leis de cada grupo de phenomenos, ficando assim constituida em um todo systematico e independente cada Sciencia fundamental.

Do mesmo modo que o individuo, as Sciencias, na descoberta das leis que regem os phenomenos do universo, tambem passaram por esses tres estados fataes da concepção pheno-

---

[1] Huxley, combatendo a personalidade de Augusto Comte no ensaio *Do Positivismo nas suas relações com a Sciencia,* exclama sem justiça: «Que pensar de um contemporaneo de Yung e de Fresnel que nunca deixa passar uma occasião de tratar com desdem a *hypothese de um ether* base fundamental da theoria das ondas luminosas e de tantas outras cousas em physica moderna, e que respeita tão pouco o valor intellectual dos homens mais eminentes da sua época, que pensa que refuta a theoria das ondas simplesmente com a existencia da noite.» *Les Sciences naturelles,* p. 216. Esta accusação funda-se no silencio do meio scientifico a que Augusto Comte obedeceu; dominava do modo mais absoluto a theoria das emissões de Newton, que exercia nas sciencias physicas a mesma acção que Cuvier ainda exerce nas sciencias biologicas com a sua theoria dos cataclysmos e o seu monogenismo. A sciencia official não reconheceu a verdade da theoria de Fresnel como ainda hoje não quer reconhecer as theorias de Darwin. Augusto Comte que tanto se emancipou da acção do seu meio, não pôde deixar de lhe obedecer em alguns pontos, e no architectar a grande synthese especulativa sobre factos positivos não podia acceitar esse, cuja demonstração só se fez gradualmente por deducções de toda a ordem physica. Por esta mesma razão não acceitou a theoria cellular, rejeitando o facto de um protoplasma; é certo que se trabalhava com o microscopio, mas ainda não existia a histo-chimica. Toda a severidade do methodo ao organisar esta primeira synthese positiva era necessaria, para corrigir a precocidade das deducções imaginosas. Huxley mede a intelligencia de Comte pelos sacrificios a que o forçou o seu methodo, e desconhece o intuito da sua missão philosophica, que era completar pela Sociologia a *Synthese objectiva,* e pela subordinação das deducções philosophicas ás inducções scientificas ratificar a *Synthese subjectiva.* De outra fórma cahiria em um Neo-metaphysicismo, em que cáem Darwin, Spencer, e tantos outros espiritos superiores.

menal; o estado theologico antes de Comte, era já conhecido nas sciencias pelo nome de *periodo mystico.* A Mathematica, a mais positiva de todas as Sciencias, e, pela severidade das suas deducções, o verdadeiro typo da positividade mental, tambem passou pelo estado theologico, como vemos pela virtude dos numeros que andava ligada á doutrina astrologica dos Chaldeos e dos Chinezes, ás especulações de Pythagoras e Platão, até vir a formar pela tradição successiva a *Cabala* dos Judeos. De uma Mathematica metaphysica, como a noção ácerca da perfeição ideal do Circulo, deduziram os gregos os movimentos circulares dos corpos celestes, que a observação contradictou. A Astronomia, a sciencia que pela sua utilidade immediata recebeu um caracter positivo, passou pelo longo trajecto de desvarios na Astrologia judiciaria; Diodoro Siculo expondo o conhecimento que os Chaldeos tinham dos astros, diz que elles: «conhecem os seus movimentos e influencias, predizendo aos homens os successos que lhes devem acontecer. Consideram sobretudo, como um ponto difficil e importante a theoria dos cinco astros que elles chamam *interpretes,* e que nós chamamos planetas. Observam particularmente aquelle que os gregos chamam Chronos, posto que digam que o sol é o que dá mais predicções sobre os grandes acontecimentos... Chamam-lhes interpretes, porque uns pelo seu apparecimento, outros pelo seu occaso, outros pela côr, annunciam cousas differentes áquelles que os observam, etc.» Esta errada observação dos phenomenos astronomicos obstou a que a sciencia se constituisse, e a que um grande numero de leis moraes entrassem em exercicio; e comtudo ás primeiras *observações* directas dos phenomenos, deduziu-se o conhecimento da redondeza e movimento da terra, alargou-se a concepção cosmogonica, descobriu-se a gravitação, achou-se na Astronomia uma mathematica effectiva e concreta, e a intelligencia humana pôde apoiar-se sobre o criterio positivo.[1] A sciencia da Physica foi longo tempo theurgica, e a noção theologica do milagre obstou a que se procurasse na immutabilidade das leis do universo ou da materia a primeira condição da sua previsão; auxiliada pela Mathematica e pela Astronomia, a Physica, por isso que é essencialmente *experimental,* encontrou

---

[1] Diz Herschel: «A Astronomia ministra-nos a prova da mudança operada na direcção das faculdades humanas.» *Disc. sur l'Étude de la Philosophie naturelle,* § 104. É este estado de positividade que Augusto Comte synthetisou em uma Philosophia, emquanto que outros não poderam desembaraçar-se da dispersão critica.

menos obstaculos para se constituir no seu estado positivo. A Chimica, em vez de estudar o simples mas vastissimo phenomeno das combinações dos corpos, foi impellida desvairadamente para o problema insoluvel ou precoce da transformação dos metaes dos alchimistas; d'ahi para as noções metaphysicas do phlogistico de Stahl, elevando-se pela theoria dos *typos* á theoria da *atomicidade,* a que Berthelot chamava construcções symbolicas, e por fim a tornar-se positiva pela sua systematisação sob o ponto de vista dynamico. A Biologia teve o seu periodo das concepções teratologicas, de que ainda restam exemplos nas figuras e representações de certos mythos primitivos; a medicina curava com aguas santas, ensalmos e carantulas, até que veiu ao periodo metaphysico das entidades morbidas, como tambem a Biologia veiu ao problema das gerações espontaneas e da origem das especies antes de existir uma Geologia evolutiva. Por fim, mesmo os phenomenos sociaes foram dominados pela auctoridade sacerdotal ou theocratica, o poder foi derivado de origem divina, e muitos povos acreditaram nas prophecias da sua futura grandeza e no maravilhoso dos grandes homens. Mas o conhecimento do mundo exterior que só nos advem pelo regimen scientifico, desde que foi comprehendido como a mesologia dos phenomenos sociaes, immediatamente simplificou o estudo dos complicadissimos phenomenos moraes do homem na sua vida collectiva, como primeiro o observou Comte, e assim existem hoje já os elementos positivos para fundar uma Philosophia unanime.

Desde que o criterio positivo nos mostra a impossibilidade nas questões absolutas de *principio* ou causa, e de *essencia* ou finalidade, os phenomenos com que se nos revela o mundo exterior apparecem-nos sob uma nova luz: o phenomeno é uma *relação,* e portanto para nos levar a um conhecimento é necessario que não seja observado isoladamente; como nenhum phenomeno existe no universo que não seja consequencia de outro phenomeno anterior, e que não dê origem a outras modificações, por isso que nenhuma energia se perde, esta solidariedade inextrincavel da phenomenalidade é de tal fórma harmonica e extensa, que o modo como se opéra e as condições em que se exercem, são o *como?* isto é, o objecto nunca esgotado das Sciencias; os phenomenos da gravitação, de peso, calor, luz, magnetismo e electricidade, de affinidade chimica, de vida organica e animal, e de consciencia são de tal fórma vastos, que por muito que se estudem só os podemos conhecer na sua *relação* de como se exercem e se derivam, e nunca na sua essencia. Desde que a intelligencia humana reconhece este

limite do que lhe é cogniscivel, tira forças da propria fraqueza: reune o maior numero de particularidades para poder elevar-se a um conhecimento geral; d'este modo a verdade estará no maior numero de *relações,* e o conhecimento de cada phenomeno será tanto mais completo quanto se reunirem as condições em que foi produzido e as consequencias que se derivam d'elle até ao ponto de poder ser *previsto* racionalmente, ou ás vezes, verificado experimentalmente. Como a aproximação da verdade está n'este maior numero de *relações* que importa observar, esse grande numero parece complicar a sua comprehensão; d'aqui vem a necessidade de classificar dogmaticamente essas relações, e cada grupo de relações de uma dada ordem hade mais facilmente levar á previsão do phenomeno, e por isso constituir-se de um modo natural e independente em uma Sciencia. Com relação á ordem historica já acima vimos a sua importancia para os phenomenos de uma evolução remota. D'aqui resulta que o quadro dos Conhecimentos humanos, proposto por Aristoteles, Sam Boaventura, Bacon, d'Alembert, antes de uma completa constituição positiva das Sciencias era impossivel, porque ainda não tinha sido achada a relação dogmatica de generalidade decrescente que domina os phenomenos do universo, primeiro determinada por Comte. A classificação dos Conhecimentos humanos não é um luxo scientifico, ou uma curiosidade como o foi para os escriptores acima nomeados; é o quadro mais geral e organico com que se póde systematisar as relações da phenomenalidade do universo, é ao mesmo tempo, o meio pratico de disciplinarmos o nosso espirito conduzindo-o logica e gradualmente na exploração do mundo real, relacionando as especialidades em uma Synthese objectiva.

2.º — GENERALIDADE DECRESCENTE DOS PHENOMENOS DO MUNDO OBJECTIVO: CLASSIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS HUMANOS

O principio da *generalidade decrescente* da hierarchia positiva das Sciencias deriva do grande movimento experimental communicado pela Italia á civilisação moderna, desde o seculo XVI; as descobertas de Galileo foram inspiradas pela concepção mais geral da materia, deduzindo um grande numero de explicações e de leis das tres condições sem as quaes a materia não póde ser concebida, *figura, extensão* e *movimento.* Tal foi a origem do criterio matheseologico adoptado por Descartes, partindo da especulação mathematica como dos phenomenos mais simples da materia, e ligando essa sciencia á

physica, e as outras sciencias então conhecidas. Foi assim que elle póde construir a synthese do universo explicando a inorganomia e a organomia pelas leis de movimento. O ponto de vista *objectivo,* iniciado por Descartes, tem recebido uma constante comprovação das inducções scientificas modernas, e a Augusto Comte cabe a gloria de ter realisado uma perfeita classificação dos conhecimentos humanos partindo da MATHEMATICA para seguir a série da complexidade crescente. Os phenomenos sobre que a Mathematica especula não precisam de observação nem de experiencia para serem considerados;[1] não apresentando ensejo para inducções, começou muito cedo o trabalho deductivo de equação entre essas tres noções geraes e abstractas, e por isso a Mathematiça é não só a sciencia mais positiva, mas encerra o processo logico com que todas as outras sciencias devem ser constituidas, e como devem ser inflexiveis e independentes nos seus methodos. Como primeira na generalidade dos phenomenos que estuda, e que são o modo do sêr da existencia universal, como a mais completa das sciencias da antiguidade, como base de toda a disciplina mental, a Mathematica occupa o primeiro logar na serie objectiva das Sciencias. Depois de Comte outros espiritos seguiram esta base matheseologica, e atacal-o por isto é desconhecer a direcção que a intelligencia moderna recebeu desde o seculo XVI, direcção que nos trouxe até verificar-se a concepção dynamica da Materia.

Como no estudo da natureza se descobre a continuidade e mutua dependencia dos phenomenos, esta descoberta constantemente verificada pelas novas relações de que vamos adquirindo o conhecimento, hade guiar a intelligencia a procurar a lei ou nexo d'essa continuidade; para isso irá procurar o phenomeno mais simples e geral que domine a manifestação dos outros phenomenos produzidos em condições cada vez mais particulares e complicadas; onde um novo phenomeno se tornar inexplicavel pelas simples relações do antecedente, ahi começa um novo estudo colligindo todas as suas manifestações especiaes e peculiares. Assim se podem constituir varias cathegorias de phenomenalidade, sempre solidarias, até ao ponto de vermos a ligação intima que existe entre as relações do

---

1 Diz J. F. W. Herschel, no seu *Discurso sobre o estudo da Philosophia natural:* «Um homem intelligente entregue a si mesmo e com tempo á disposição, póde comprehender todas as verdades mathematicas partindo d'estas simples noções de espaço e de tempo, de que é impossivel que se despoje sem cessar de pensar.» (Part. II, c. I, § 66.)

mundo subjectivo. As contribuições de cada sciencia, no estado actual dos progressos humanos, mostram que existem phenomenos geraes ou modificações de movimento que dominam toda a actividade do universo; a gravitação, o calor, a electricidade, a affinidade, a morphologia organica, a racionalidade consideradas como forças, e reductiveis a uma dada unidade de origem, devem ser o ponto de partida d'onde se começará a agrupar as multiplicadas relações da phenomenalidade. Mas d'estas cathegorias, a gravitação está para nós em uma relação ainda mais simples do que as outras forças, exerce-se sobre nós, sem que nos seja possivel submettel-a aos nossos meios de experimentação. É por consequencia este phenomeno o que exige um methodo de observação mais simples; a lei geral que o domina é de tal fórma clara, que pela sua mesma evidencia levou longos seculos a ser descoberta: «*Os corpos movem-se como attrahindo-se na razão directa das massas e na razão inversa do quadrado das distancias.*» Como uma força ou estado dynamico tende a exercer-se, os corpos são equilibrios estaticos modificados por ella; estuda-se como essa força actua sobre os corpos celestes, sem ser preciso conhecer d'esses corpos as suas relações de calor, de peso, de electricidade, de constituição chimica, de fórma geometrica. O conhecimento da gravitação resulta da simplificação do phenomeno, que já nos apparece complicado na *gravidade,* que domina os phenomenos terrestres. Será portanto a ASTRONOMIA, a primeira sciencia constituida sobre a previsão dos phenomenos geraes, simples, abstractos e independentes, que resultam da gravitação. E esta prioridade na hierarchia intellectual não provém sómente da correlação logica ou dependencia dogmatica em que estão para com a Astronomia as outras sciencias; deduz-se tambem do criterio historico ou da marcha normal da propria intelligencia humana: as primeiras concepções que o homem tentou formar ácerca do universo foram provocadas pela Astronomia; essas concepções são-nos hoje conhecidas pela fórma dos mythos sidericos; as personificações do sol repetiram-se tradicionalmente desde os periodos árico, egypcio, mexicano, grego, germanico, slavo e celta até aos modernos contos populares. As especulações sobre os movimentos dos corpos celestes fixaram a propriedade pela fórma sacramental da *orientação,* determinaram a marcha das grandes migrações indo-europêas de leste a oeste, tornaram possivel a navegação, e prestaram os primeiros rudimentos para a imaginação elaborar as suas creações artisticas.

A Astronomia é que nos póde levar pelas deducções ma-

thematicas a constituir uma cosmogonia, e as grandes phases da evolução da materia; a comprehendermos que o infinitamente grande é tão irreductivel como o infinitamente pequeno, cuja discontidade é produzida pelas nossas relações com o espaço, mas não porque realmente existam. No estudo da natureza, é pela Astronomia que entraremos mais facilmente no estado de contemplação philosophica que desperta na intelligencia o interesse de observar e deduzir; é pela Astronomia que mais facilmente o homem adquire a ideia da sua solidariedade com a natureza, e da legitima parte que lhe compete na realisação das leis do universo. Um ponto de vista sobre os phenomenos dos corpos celestes de movimento e de espaço considerados em abstracto e subordinados á quantidade, produzirá uma nova ordem de ideias; a Mathematica, que procura a relação entre as differentes grandezas, e que pela sua abstracção e diversidade de processos logicos se deve considerar o typo completo de uma technica mental, póde receber uma fórma concreta e experimental na Astronomia.

Mas os grandes phenomenos universaes do calor, da luz e da electricidade e dos actos chimicos apezar de se darem nos corpos celestes, e de serem ali observaveis em um dado limite de experimentação pelo spetroscopio, escapam a toda a experiencia directa, ao passo que apparecem nos corpos terrestres, produzindo-os, modificando-os, actuando immediatamente sobre nós, de um modo tal, que os podemos submetter e modifical-os dentro da immutabilidade das suas leis. Este novo caracteristico d'esta ordem de phenomenos leva a agrupal-os como pertencendo aos corpos terrestres; dão-se conjunctamente sobre qualquer corpo, são as suas propriedades, ou aspectos mechanicos, e por estas relações fundamentaes é que se nos revela a PHYSICA; o peso dos corpos ou a condição dynamica que os leva a procurar o estado estatico da gravidade, é uma relação fecunda,[1] d'onde se deduzem outras relações, como densidade, cohesão, resistencia, volume, e muitas outras relações especiaes que se agrupam em um todo systematico, como subdivisão da Physica, chamado *Barologia*. O phenomeno do calor, que é a consequencia dynamica do movimento, é estudado em todas as suas relações dependentes e tão complicadas que se tornam essenciaes aos phenomenos organicos, hade constituir uma segunda sub-cathegoria, ou a *Thermologia*, hoje thermo-dynamica. Os corpos apresentam-nos uma

[1] Sabe-se como Lavoiser constituiu a Chimica com a balança, analoga á influencia do pendulo na Astronomia.

outra qualidade ou relação especial, que em nada modifica a sua constituição, é a producção e conductibilidade do som; esta fórma do movimento ethereo mais submettida ás leis da quantidade, desdobra-se em relações complexissimas pelas quaes o homem chega pela formação da gama a exprimir as suas paixões; essas relações na parte puramente mechanica constituem um todo analogo chamado *Acustica*. Os phenomenos da luz, como fórma mais especial do movimento modificado pelas condições do espaço, nas suas leis geometricas; a sua decomposição mechanica no espectro, e a absorpção de determinados raios formando as côres são relações complexas dos phenomenos terrestres ou physicos, que se agrupam constituindo a *Optica*. Esse outro phenomeno immanente nos corpos, que se desenvolve pelo atrito, produzindo o movimento que se propaga em fórmas de correntes instantaneas, produzindo acções mechanicas, o calor e a luz, ou que tambem é produzido por qualquer d'estes outros agentes, e que modifica o seu peso nas attracções e repulsões, esta força que se torna tambem estatica no magnetismo, hade constituir um grupo de relações chamado *Electrologia*.

Todos estes quatro grupos de phenomenos e relações têm de commum entre si que nos dão a conhecer os corpos sob um aspecto mechanico, sem modificarem a sua constituição; portanto os phenomenos que se derem nos corpos alterando-os ou transformando-os em um movimento de combinação ou desagregação hão de constituir entre os phenomenos terrestres uma cathegoria á parte ou sob o aspecto chimico. Todas essas quatro ordens de phenomenos de pezo, calor, luz, som e electricidade se dão mais ou menos nas combinações chimicas. A CHIMICA é n'esta parte dependente da Physica, mas começa onde a explicação das relações physicas termina; as modificações sobre um corpo só se dão pela acção de outro corpo, é por isso que os actos chimicos começam mais claramente pela binaridade; os phenomenos da gravitação e da gravidade exercem-se ainda, complicados em uma fórma mais dependente, que é a *affinidade*. N'estas combinações sempre dynamicas, em que ha desenvolvimento de calor ou de electricidade, ha estados que permanecem estaticos, como o dos crystaes; é talvez n'esta ordem de relações onde mais claro se vê a variedade incalculavel das modificações do movimento, em harmonia com a conservação da energia. Os elementos das combinações binarias e ternarias ou polyatomicas produzem os diversos phenomenos da *chimica inorganica*. Os mesmos elementos das combinações inorganicas alterados no seu nu-

mero, tendo sempre a base quaternaria ou tetratomica, produzem novos corpos mais faceis de decompôr-se e mais difficeis de analysar, e que se distinguem por entrarem na formação dos sêres organisados e vivos; tal é o grupo de relações denominado *Chimica organica.*

O azote, o carbone, o hydrogeneo e o oxygeneo na multiplicidade das suas combinações chegam a produzir elementos radicaes de cuja combinação resulta um facto novo e inexplicavel fóra d'estas condições da materia — a vida. Este phenomeno inexplicavel na Chimica, é de tal fórma complicado que vae ser base de um novo grupo de sciencias particulares, que se distinguem por interessar directamente o homem. Os phenomenos dos corpos organisados hão de dividir-se em duas cathegorias, os relativos ao *individuo,* e os relativos á *especie.* Esta ordem de phenomenos baseados sobre o facto irreductivel vida, constitue-se em um todo scientifico chamado Biologia; dá-se aqui a variação do individuo na immutabilidade da especie. A relação complexa de *individuo,* completo e independente, é uma condição da vida; a perpetuidade do typo é a condição da *especie,* que é uma feição da vida collectiva ou estatica. A vida apresenta-se-nos sob tres fórmas fundamentaes, corpos organisados, sensiveis e conscientes; os vegetaes pertencem á primeira cathegoria, e as immensas relações ou phenomenalidade vital estuda-se na *Botanica;* aqui os conhecimentos da especie só servem para nos explicarem melhor o individuo. Os phenomenos rudimentares que nos apparecem nos vegetaes, como nutrição e reproducção, tornam-se mais complicados nos animaes, e entram em novas relações pela locomoção. Mas como na vida animal o facto irreductivel se complica pela condição da individualidade e não póde ser reproduzido experimentalmente, é preciso, para que se conheça, que se comparem muitos organismos. O homem distingue-se por um outro facto mais particular, a consciencia, mas é pela comparação que o seu organismo póde ser explicado. Assim temos os apparelhos e as funcções que elles exercem, e portanto as duas ordens de phenomenos, os estaticos, que são estudados pela *Anatomia,* e os dynamicos, que pertencem á *Physiologia;* como estes phenomenos, sempre difficeis de serem explicados, precisam do criterio da comparação, assim se procurará o como dos typos normaes nas proprias aberrações da natureza ou nas alterações morbidas; para a Anatomia temos essa outra parte excepcional das monstruosidades ou *Teratologia,* que vem tambem ajudar a explicar a concepção na *Physiologia;* e com relação a esta ultima

sub-sciencia está a *Pathologia,* que trabalha sobre o funccionalismo anormal, tambem considerado como physiologico para a comparação. Nenhum dos phenomenos anteriores deixou de transmittir-se em complicação crescente; de modo que os phenomenos dos corpos organisados, já difficeis de serem explicados pelas suas particularidades complexas, precisam ainda de serem considerados com relação ao meio em que se produzem. Muitas alterações se dão nos sêres organisados que não são motivados pelo estado dos seus apparelhos mas pela mesologia.

Mas no estudo do homem, além do facto da *vida,* ha um outro facto irreductivel, a que chamamos *Consciencia,* que é uma noção racional da propria individualidade;[1] mas nenhum dos factos por onde primeiro se nos revela o homem como consciente é produzido pelo individuo; a concepção mythica da natureza, a creação da linguagem, das fórmas religiosas e sociaes pertencem a certos grupos ou partes collectivas da especie. Portanto, já vêmos que os factos relativos á especie são particularissimos, complexissimos, essencialmente concretos, subordinados ás manifestações fataes de todos os phenomenos anteriores. Ora o phenomeno primordial d'esse todo que não póde ser considerado senão collectivamente, é a necessidade de viver em sociedade. D'este facto resultam phenomenos fataes, ou desenvolvimento da *população,* e creações moraes e conscientes de tal fórma interessantes, que por ellas se deve caracterisar a sciencia que estuda essas novas relações, á qual Comte poz o nome de Sociologia. Emquanto á ordem historica veremos que é esta tambem a ultima sciencia a constituir-se. Na sociedade ha um facto estatico, condição do desenvolvimento da especie, que é a ordem; sem esta continuidade das relações sociaes, nenhum progresso seria alcançado pelos individuos ou propriamente cidadãos, que se modificam incessantemente pela herança do passado e pelas phases perfectiveis da educação ou regimen intellectual. A verdadeira e completa constituição scientifica hade dar-se quando entre as creações da continuidade ou estatica social, a que se chama geralmente instituições, se conseguir um consciente equilibrio com os esforços individuaes para o progresso. Este equilibrio tende a estabelecer-se pela propria força

[1] Esta noção estabelece-se pela solidariedade dos nervos de movimento com os de sensação; entre o systema nervoso peripherico e o systema cephalico; e na concordancia autonoma dos dois hemispherios cerebraes.

das circumstancias, que são as relações complexas da civilisação; tende a ser conscientemente reconhecido, porque na vida sociologica, pelos trabalhos da historia, pela comparação das grandes épocas fecundas, se vae tornando evidente a previsão na ordem dos phenomenos politicos, economicos, industriaes, moraes e artisticos. Desde que a vida das nações seja submettida a este equilibrio, realisado pela unica auctoridade legitima, a competencia scientifica, *(Politica positiva)* poder-se-ha concluir, que os progressos que vêmos serem alcançados pelo individuo por influencia do meio sociologico, *(Pedagogia)* influirão pela primeira vez na marcha da humanidade, e por seu turno n'esse meio tornando immediatos os progressos que o corpo social vae fazendo pela força lenta da sua propria evolução. A constituição scientifica da Sociologia hade ser o resultado de um estado geral de positividade da intelligencia humana, conduzindo para um estado normal da Humanidade ou *Sociocracia*.

Por tanto, na Sociologia termina o quadro das Sciencias fundamentaes, ou dos grupos de relações particulares em que se dá um determinado numero de previsões. Os phenomenos sociologicos distinguem-se, além da sua extrema particularidade, pela complicação individual e sobre tudo pelo gráo de consciencia. É no facto consciencia que se affirma a liberdade humana, através das condições impostas pela fatalidade do meio, que são os phenomenos anteriores que se exercem n'uma mutualidade harmonica. Para procurar estes caracteristicos dos phenomenos complexissimos da Sociologia, precisamos servir-nos de um criterio mais alto, que saiba deduzir a generalidade da particularidade sempre crescente; é o criterio da *filiação*, tambem chamado da connexão historica. Nenhum facto sociologico se comprehende isoladamente: são motivados por uma determinação consciente, e realisam mais ou menos perfeitamente uma vontade; por isso qualquer facto é o elemento conhecido, cuja intelligencia ou comprehensão completa só começará quando estiver relacionado com o seu intuito e determinação, e com o seu resultado ou consequencias. Emquanto á historia o nosso seculo já comprehendeu este processo, e com o nome de Philosophia da Historia tem procurado através dos factos das civilisações particulares e da influencia das grandes individualidades, as leis geraes do progresso humano. Portanto, a *Sociologia* hade procurar os seus factos staticos na tradição e na historia, e os factos dynamicos na marcha actual das sociedades; e as suas syntheses hão de exercer-se sobre o individuo, constituindo um grupo de rela-

ções chamado *Psychologia,* com applicações praticas na *Pedagogia,* e sobre a especie ou *Humanidade,* no que diz respeito ás creações anonymas ou collectivas, e como reacções do conjuncto sobre as individualidades ou a *Politica.*

Depois d'este quadro dos Conhecimentos humanos classificados sobre as suas relações dogmaticas e historicas das sciencias, tal como a marcha do seculo XIX o suggeriu a Augusto Comte, é que se vê como só ao nosso tempo coube a missão de formular uma Philosophia geral, com as condições de immutabilidade emquanto ás verdades unanimes e verificaveis sobre que assenta, mas sempre modificavel emquanto ás syntheses successivas e permanentes que se vão formulando sobre as descobertas quotidianas. Recapitulando esta exposição, reduzimol-a ao seguinte schema:

CLASSIFICAÇÃO HIERARCHICA DAS SCIENCIAS

I

SCIENCIAS GERAES

(Desenvolvidas e extranhas ao Homem)

Ordem Historico-dogmatica

Consideração da Materia na sua concepção mais geral, *numerica, geometrica* e *mechanica*..... — MATHEMATICA (*Equação*)

A. PHENOMENOS DOS CORPOS INORGANICOS:

a) *Phenomenos dos corpos celestes:* (geraes, simples, abstractos, independentes. Ex: (*Gravitação.*) — ASTRONOMIA (*Observação*)

b) *Phenomenos terrestres:* (Dependentes e complicados:

1.º Sob o aspecto mechanico..... (Ex: *Forças repulsivas.*) — *Barologia, Thermologia, Acustica, Optica, Electrologia* — PHYSICA (*Experiencia*)

2.º Sob o aspecto chimico..... (Ex: *Affinidade.*) — *Inorganico, Organico* — CHIMICA (*Experiencia*)

II

SCIENCIAS PARTICULARES

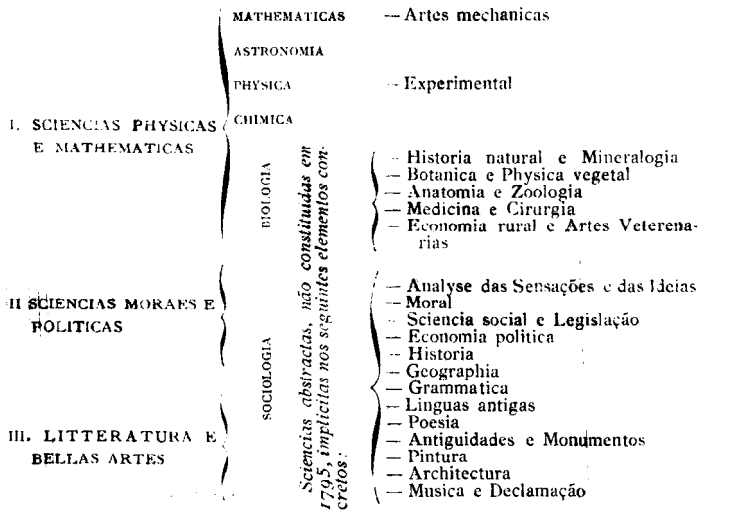
(Phenomenos complexos, interessando directamente o **Homem**)

B. PHENOMENOS DOS CORPOS ORGANISADOS:

a) *Relativos á especie* (Ex: *Vida.*)..... — *Botanica, Zoologia, Physiologia* — BIOLOGIA (*Comparação*)

b) *Relativos aos individuos:* (Particularissimos, os mais complexos, concretos, e dependentes de todos os anteriores: Ex: *Consciencia.*) — *Direito, Moral, Politica, Commercio, Industria, Arte, etc.* — SOCIOLOGIA (*Filiação*)

A base da classificação de Comte, da *generalidade decrescente,* é um principio cartesiano, partindo-se dos objectos mais simples para os mais compostos, como se estabelece no *Discurso sobre o Methodo;* racionalmente para Descartes a Mathematica devia occupar na hierarchia dos conhecimentos a prioridade logica, por isso que por ella temos a noção physica mais geral dos corpos ou da materia. Por este principio do methodo, Descartes chegou a prevêr quasi a hierarchia positiva, e pela filiação historica vamos vêr como elle veiu a disciplinar o espirito de Comte. A ultima obra da Convenção Nacional em 1795 foi a creação do *Instituto nacional,* onde as sciencias se acham dispostas na ordem hierarchica demonstrada por Comte; porém onde falta uma sciencia abstracta, por não estar ainda creada, estão agrupadas as sciencias concretas d'onde ella veiu mais tarde a ser deduzida. Pertence essa organisação do *Instituto* a Donnou, Boissy d'Anglas, Lanjuinais, Lagrange e Laplace; isto basta para se conhecer como o principio de Descartes veiu a prevalecer n'aquella fundação, cujo schema reproduzimos:



Em 1795 a *Biologia* e a *Sociologia* ainda não estavam constituidas; a influencia de Descartes é evidente nos gráos da hierarchia, como o reconheceu I. Geoffroy Saint Hilaire,[1]

[1] *Hist. naturelle generale,* p. 239.

e a organisação do *Instituto nacional das Sciencias e das Artes* veiu influir na educação da sociedade moderna que succedeu á Revolução,[1] da qual Augusto Comte é um dos eminentes representantes. A classificação das sciencias, uma vez criada a *Biologia* e esboçada a futura *Sociologia,* tornou-se definitiva pela demonstração, e como disciplina completa da intelligencia ficou a base de uma philosophia abrangendo a universalidade dos phenomenos da materia. Por este trabalho é que Augusto Comte se achou o fundador da *Philosophia positiva,* estabelecendo uma disciplina mental, perdida nas aberrações metaphysicas e no especialismo empirico das escolas cartesianas, subordinando assim as deducções da Philosophia ás inducções das Sciencias.

Por aqui se vê que a classificação dos conhecimentos humanos não é creação exclusiva de Augusto Comte, e como tal está acima das emulações contra a sua personalidade; como complemento logico e historico da primitiva concepção encyclopedica cartesiana essa classificação deve encontrar nas theorias etherodynamicas modernas uma comprovação plena, como adiante veremos. Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire, servindo-se do criterio historico, formulou esta mesma classificação sobre uma fórma *subjectiva* das noções psychologicas:[2]

VERDADES	absolutas e abstractas.....		*Sciencias Mathematicas*	PHILOSOPHIA
	relativas	á Materia.....	*Sciencias physicas*	
		á Vida (ou aos sêres vivos)	*Sciencias biologicas*	
		á Humanidade.....	*Sciencias Moraes*	

Desde a morte de Augusto Comte as sciencias tem tido um desenvolvimento imprevisto; a spectroscopia alargou os limites da experimentação humana, desappareceu a phrenologia sendo substituida pela physiologia psychica, a astronomia, a physica e a chimica subordinaram-se ás mesmas leis do movimento etherodynamico, o microscopio revelou os elementos chimicos da histologia e a estrutura da cellula vegetal e animal, formou-se a embryogenia, a anthropogenia e provou-se a existencia definitiva do homem ante-historico, constituiu-se

---

[1] Depois do ensino religioso das Escolas das Collegiadas, e do humanismo das Universidades seculares, a Convenção inaugurou a terceira phase da Pedagogia europèa com as especialidades scientificas das Polythechnicas.

[2] *Histoire Naturelle generale,* t. I, p. 226, nota.

uma geologia baseada sobre o grande factor *tempo,* e a theoria transformista sobre primeira prova tentou a synthese das sciencias biologicas; finalmente novas industrias vieram revelar propriedades ignoradas da materia; grandes transformações sociaes, como apparecimento de nacionalidades, e hypotheses sociologicas, como o socialismo, vieram contribuir para uma activa elevação da consciencia. Qual o logar da Philosophia positiva diante d'estes extraordinarios progressos? Ella apenas soffre leves modificações de factos accidentaes, (como a observação de Huxley do futuro da phrenologia) mas a architectura fundamental recebe as mais eloquentes comprovações. Já vimos como a *Lei dos tres estados* em vez de ser eliminada pela sciencia é fortificada pelos phenomenos da Psychologia; a *Classificação dos conhecimentos humanos* tambem foi atacada pelos physicistas inglezes Spencer e Huxley, mas essa hierarchia diante da tendencia monistica da etherodynamica recebe além da sua realidade historico-dogmatica uma comprovação final. Spencer modificara a hierarchia das sciencias pela distincção de *abstractas, abstracto-concretas* e *concretas,* mas a refutação de Littré foi de tal evidencia que Stuart Mill deu a questão como vencida pelo discipulo de Comte. Pela sua parte Huxley renova a questão com esta affirmação absoluta: «para mim a sua *classificação das sciencias,* quer sob o ponto de vista da historia, quer sob o ponto de vista da logica, é absolutamente sem valor.»[1] Já este modo de dizer *para mim* não revela habitos nem direcção philosophica; e prova-se pela critica da separação estabelecida por Comte entre sciencias *abstractas* e *concretas* ou descriptivas, fazendo para o estudo systematico depender as segundas das primeiras. Huxley critica os exemplos apresentados por Comte para caracterisar as duas ordens de Sciencias, e querendo provar que não podem existir sciencias abstractas sem terem saido das sciencias concretas, condensa assim o seu pensamento: «E se as sciencias abstractas comprehendem todos os casos concebiveis da operação das leis que lhe dizem respeito, não comprehendem necessariamente o objecto das sciencias concretas, que deve ser concebivel, porque existe? De facto uma distincção do genero d'esta de M. Comte não se póde sustentar, e immediatamente esta classificação se desmorona por falta de construcção.» Uma sciencia concreta é sempre descriptiva, e no seu processo *inductivo* precede, é verdade, toda a sciencia abstracta; mas uma vez

[1] *Les sciences naturelles,* p. 248. Note-se que Huxley admira Descartes.

agrupado um grande numero de factos, começa a exercer-se o criterio *deductivo,* estabelece-se a previsão dos phenomenos, e é então que possue o caracter de geral e fundamental, isto é, que merece o nome de abstracta, porque consta das leis que regem os phenomenos. Mas apezar de attingir o processo deductivo não se segue que a sciencia esteja completa; nas suas deducções ella hade precisar de novos factos fornecidos pelas sciencias concretas para comprovar as theorias e a correlação das suas leis com outras ordens de phenomenos. É por isso que no estudo dogmatico das sciencias descriptivas, deve-se ir dirigido pelo intuito das sciencias abstractas. Emquanto as sciencias se constituem *historicamente,* prevalecem as sciencias concretas; porém Huxley objectando com esta verdade deslocou-se do ponto de vista dogmatico, que é o seguido por Comte, quando as sciencias se acham baseadas sobre leis geraes bastantes para dirigirem as investigações para complemento da serie, e para isso traçam uma methodologia, já promptas a relacionarem-se entre si para uma deducção subjectiva ou Philosophia. Não houve da parte de Comte defeito nas bases de construcção, e por isso a *Classificação dos Conhecimentos humanos* mantem-se inteira diante da propria renovação das sciencias modernas. Huxley comprehendeu o valor da aproximação da hierarchia para a nova concepção da phenomenalidade, e por isso transcrevemos as suas proprias palavras: «Se ha cousa evidente, com relação ao progresso da sciencia moderna, é a sua tendencia a reduzir todos os problemas scientificos, á excepção dos problemas puramente mathematicos, ás questões de physica molecular, quer dizer, ás attracções, ás repulsões, aos movimentos das particulas ultimas da materia, e á coordenação d'estas particulas entre si. Os phenomenos sociaes são o resultado da acção reciproca dos homens, parte componente da sociedade, uns sobre os outros, e sobre o universo que alcançam. Mas na linguagem das sciencias physicas, necessariamente materialista pela natureza mesma das cousas, as acções dos homens, tanto quanto a sciencia póde estudal-as, são o resultado de mudanças molleculares na materia que os compõe, e por fim de contas acabam por entrar no estudo das sciencias physicas. *A fortiori,* os phenomenos biologicos e chimicos são, em ultima analyse, questões de physica molecular. Assim todos os chimicos, todos os biologistas, que vêem além do que faz o objecto immediato de suas occupações, reconhecem este facto. Importa tambem considerar que os phenomenos biologicos estão em relação com a physica molecular de uma maneira tambem directa e

tão immediata como os da chimica. A physica ordinaria, a chimica, a biologia não são tres divisões successivas na escala dos conhecimentos, como quer M. Comte, mas tres ramos de um tronco commum, a physica mollecular.» Fallando da Astronomia como sciencia descriptiva, accrescenta Huxley, reduzindo-a ao ponto de vista molecular: «Comprehende mais, uma explicação d'estes phenomenos, que nos é subministrada pelas leis de uma força, a gravitação, cujo estudo faz parte integrante tambem da physica, como a do calor ou da electricidade. Seria tão racional fazer do estudo do calor solar uma sciencia preliminar do calorico, como collocar o estudo da attracção dos corpos que compõem o universo em geral, antes do estudo dos corpos terrestres particulares que nós só podemos conhecer experimentalmente. Por isso que é possivel exprimir por fórmulas mathematicas a grande maioria dos phenomenos astronomicos, é que a Astronomia chegou a uma tão grande perfeição, e ainda hoje, porque se póde explicar a maior parte dos seus phenomenos pela applicação de leis physicas muito simples.» Caracterisando as Mathematicas, diz Huxley, que Augusto Comte confunde sob esta denominação as relações puras de espaço e de quantidade, com a mechanica racional e statica, desenvolvimentos mathematicos das noções de força e de movimento, as mais geraes das concepções physicas; subordinando ás sciencias physicas estas noções mais geraes, ficam as Mathematicas puras, especie de logica que como ella tanto importa usal a no começo como no fim da hierarchia scientifica. Taes são as objecções fundamentaes do physiologista inglez Huxley contra a classificação de Augusto Comte, que ora extratámos textualmente ora summariámos; elle inverteu a serie positiva, e subordinando todas as sciencias desde a Sociologia até á Mathematica a um unico facto positivo — modificações de movimento,— mostrou involuntariamente a profunda correlação natural das sciencias na hierarchia de Comte![1] Se essa obra de systematisação não estivesse feita, as theorias etherodynamicas conduziam á sua

[1] Na *Politica positiva* (t. III, p. 304) diz Comte: «a Mechanica racional constitue necessariamente o laço principal do dominio mathematico com o conjuncto da philosophia natural.» Caducam por tanto as objecções de Huxley, que, como Spencer, nunca leu a doutrina que impugnou.

«O phenomeno o mais geral que nós conhecemos, aquelle que se apresenta o mais constantemente nas investigações que nos occupam, é o *movimento* e a sua *communicação*. Assim a dynamica, ou a sciencia das forças e do movimento está collocada a cima de todas as scien-

descoberta; a correlação dos phenomenos no facto movimento tem conduzido outros espiritos a estabelecer a continuidade das sciencias sob a designação de *monismo*. Mas por maiores desenvolvimentos que as descobertas modernas accumulem para o conhecimento da materia, esse conhecimento hade ser sempre *relativo;* portanto, um grupo de phenomenos (consideração mathematica da materia) como mais simples e geraes será o meio de penetrar nos phenomenos mais complicados. Os grupos phenomenaes de hierarchia scientifica de Comte não podem ser confundidos, porque realmente o mesmo *movimento* da oscillação universal da materia modifica-se já nas massas sideraes, já nos átomos, molleculas, cellulas, centros nervosos e mesmo sociedades. Vamos desenvolver esta comprovação da classificação scientifica e terminaremos concluindo que, mais do que nunca, no meio do assombro das gigantes descobertas actuaes importa buscar apoio na hierarchia positiva para não cair no neo-metaphysicismo, que está falsificando a preponderancia final do criterio e *Synthese subjectiva.*

No estado actual dos nossos conhecimentos chegamos ás seguintes concepções da Materia: 1.ª Como um systema de forças atomicas em estado estatico, ou de *equilibrio,*—contraposto ao estado dynamico, ou essas mesmas forças em quanto buscam novos equilibrios, ou *movimento.* 2.ª Como uma causa de resistencia sentida. Esta concepção é particularmente relativa aos sêres sensiveis, em cujos phenomenos organicos predomina o caracter de movimento no sentido da menor resistencia. Por tanto ao systematisar o estudo da Materia pelos methodos scientificos, começaremos pelos phenomenos mais geraes, e é por isso que o estudo do calor, apesar da sua generalidade, revelando-se por sensação organica, deve ser precedido pelo phenomeno simples de movimento—a gravitação. Porém este phenomeno observa-se em dados equilibrios materiaes, e para conhecel-o importa préviamente estudar os modos ou leis da passagem de um equilibrio para outro equilibrio; este estudo do movimento, ou mechanica racional, não

---

cias; mas felizmente para os conhecimentos humanos, é tambem uma d'aquellas em que se póde chegar ao mais alto gráo de certeza; certeza que não cede á demonstração mathematica. Os axiomas são pouco numerosos, simples, distinctissimos, bem definidos, e têm ao mesmo tempo uma relação immediata com a quantidade geometrica, o espaço, o tempo e a direcção. Prestam-se tambem com uma facilidade notavel aos raciocinios geometricos. Póde-se por esta via, levar a uma certa extensão as suas consequencias por argumentos puramente mathematicos.» Herschel, *Discurso sobre o estudo da Philosophia natural,* § 87.

precisa considerar a materia se não como um movel que se desloca no *espaço,* deslocação comprehendida por outras relações como a de *numero* e de *tempo.* Esta é propriamente a mathematica, ou physica na sua concepção mais geral; a mathematica pura não é mais do que o artificio complicado que se inventou para os casos em que os problemas mechanicos não podem ser trazidos a uma equação simples ou evidente. O principio fundamental do positivismo — se alguma cousa se póde affirmar de um modo absoluto, é que o nosso conhecimento é sempre relativo, — predomina na constituição hierarchica das sciencias, ou systematisação do conhecimento do universo. O conhecimento da Materia só é possivel deduzindo-o da relação de Movimento; mas para ter noções claras do movimento é necessario observar a Materia como simples movel que se desloca. Assim conhecido o Movimento nas tres condições de *espaço, numero* e *tempo,* os varios equilibrios moleculares e oscilações da materia caracterisam-se sob essas tres condições simples, mas que exercem modificações profundas no seu estado, ou corpos. Traduzimos o nosso pensamento na fórma schematica para ser comprehendida de relance a seguinte *Classificação objectiva:*

Movimento considerado abstractamente nas tres condições de *Espaço, Numero* e *Tempo*			MATHEMATICA
Materia, considerada nas condições do *Movimento*	*Espaço* ou *direcção*	Condensão	ASTRONOMIA
		Repulsão	PHYSICA
	Numero ou *disposição*	Combinação diatomica	CHIMICA
		Combinação tetratomica, etc	
	Tempo ou *menor resistencia*	Evolução	BIOLOGIA
		Edade — Hereditariedade	SOCIOLOGIA

Consequentemente podemos organisar uma *Classificação subjectiva* dos conhecimentos humanos, em que as criticas de Huxley se baseam em contradições apparentes:

I. Phenomenos *relacionados:*	
Pelas equações de espaço, numero e movimento	MATHEMATICA
II. Phenomenos *condicionados:*	
a) Aos equilibrios do movimento em massa	ASTRONOMIA
b) Aos equilibrios de agrupamento	PHYSICA
c) Aos equilibrios de numero, ou combinações atomicas	CHIMICA
III. Phenomenos *determinados:*	
d) Em equilibrios instaveis, por acção do meio e da hereditariedade em typos individualisados	BIOLOGIA
IV. Phenomenos *coordenados:*	
e) Pela realisação da ordem, ou coexistencia do individuo com a collectividade	SOCIOLOGIA

A concepção phoronomica é antiga; em Huyghens encontramos: «Todas as causas dos phenomenos naturaes devem conceber-se como *acções mechanicas,* se é que quizermos comprehender alguma cousa de philosophia natural.» E Newton, na sua *Optica,* tambem havia dito: «Deduzir dos phenomenos da natureza dous ou tres *principios geraes do movimento,* e depois explicar as propriedades de todos os corpos, e como os phenomenos são consequencia d'estes principios manifestos, seria fazer um grande progresso na philosophia, ainda que as causas d'estes principios não fossem conhecidas.» Porque não baseou Augusto Comte a classificação dos conhecimentos humanos sobre estes principios tão claros de Huyghens e Newton, ou antes a sua philosophia? pela mesma razão que estes naturalistas não poderam constituir uma physica deductiva. Depois de terminado o *Curso da Philosophia positiva* é que começou a tentar-se a synthese objectiva ou physica com as dissertações longo tempo desaproveitadas de Julio Robert Mayer, ás quaes se seguiram as descobertas de Joule, Waterton, Thompson, Grove, Runkine, Hirn, Helmoltz, Clausius, etc. Por isso se vê que a critica de Huxley é uma deslocação historica, embora verdadeira se abstrairmos d'essa applicação forçada, e por isso injusta. Pela critica do grande physiologista se vê que é necesssrio determinar uma segunda época na evolução da philosophia positiva, época a que chegámos mais cedo do que o proprio Comte previa; quando Comte procurou systematisar em uma Philosophia todos os elementos dispersos do estado positivo da consciencia e da intelligencia moderna, subordinou a Philosophia ao criterio e aos limites do cognoscivel das Sciencias;—hoje existe um principio fundamental e positivo, por meio do qual a Philosophia póde dirigir as Sciencias tornando-as em grande parte deductivas. É esta necessidade que faz com que espiritos de ordem dos de Spencer e Huxley se insurjam com menos justiça contra a obra de Comte. Newton presentia a necessidade de dous ou tres principios de movimento para explicar os phenomenos da natureza. Desde Comte até hoje esses principios foram achados, e resumem-se—na desegual transmissão do movimento.

Além d'estes resultados definitivos que conduzem as sciencias a um novo criterio de deducção, a Philosophia positiva recebe d'elles uma comprovação ultima da sua base de relatividade; pelas sciencias physicas e biologicas chegou-se á prova da plena integralidade da materia, e da integralidade do movimento; nenhum atomo se perde, nenhuma energia se extingue, tudo se conserva e se transforma. Eis o grande horisonte

positivo, que se desdobra em duas ordens de conhecimentos da Materia: 1.º Um conhecimento inductivo: *Transformação,* derivada da equivalencia e reciprocidade das forças; e *Conservação,* derivado da integralidade da materia e integralidade do movimento. 2.º Um conhecimento deductivo, baseado sobre os factos anteriores: Exclusão da ideia de *principio* e de *fim; relatividade* do conhecimento racional: isto é concepção da Materia pelo Movimento e do Movimento pela Materia. Sem esta disciplina positiva, homens de sciencia como Secchi, Hirn, Tyndall, Trémaux, deixaram-se desvairar quando tentaram a synthese dynamica suppondo ora um impulso inicial, ora uma força psychica, ou entidades atomicas.

CONCEPÇÃO DA MATERIA

A Materia póde ser por nós comprehendida sob dois aspectos:

1.º *Abstracto,* ou geral .....
- *a*) Como systemas de equilibrios moleculares, cujas forças em estado statico são os *Corpos.*
- *b*) Como systemas de equilibrios moleculares, cuja transição dynamica é o *Movimento.*

2.º *Concreto,* ou relativo aos sêres organicos.....
- *a*) Como uma *causa de resistencia sentida,* por isso que os equilibrios que constituem os corpos organicos se fazem *no sentido da menor resistencia.*
- *b*) Como *funcção* do Movimento, tornado sensivel nas forças mechanicas, thermicas, chimicas e electricas, que cooperam no equilibrio organico.

Este conhecimento de Materia, sempre *relativo,* torna-se o objecto das Sciencias e da synthese philosophica, cujas conclusões são:

1.º Conhecimento inductivo..... — Equivalencia e reciprocidade das forças..... ..... TRANSFORMAÇÃO

Synthese objectiva — Integralidade da Materia e integralidade do Movimento — CONSERVAÇÃO

2.º Conhecimento deductivo..... *Synthese subjectiva* — Exclusão da ideia de *principio* e de *fim.* Relatividade do conhecimento racional pela explicação da *Materia pelo Movimento* e do *Movimento pela Materia.*

III

Ao historiarmos a origem da *Lei dos tres estados,* na concepção philosophica de Comte, transcrevemos as celebres palavras de Turgot, onde esses estados se acham admiravel-

mente caracterisados. Agora procurando como a nova concepção positiva da materia deve influir na *Classificação das Sciencias,* reproduzimos esse periodo que encerra a base da synthese subjectiva: «Só muito tarde, observando *a acção mechanica que os corpos exercem uns sobre os outros,* é que se tirou d'esta mechanica outras hypotheses, que as mathematicas poderam desenvolver e a experiencia verificar.» A affirmação de Turgot já formulada por Descartes, só veiu a actuar na direcção da synthese objectiva das sciencias depois de 1842, quando o genio de Mayer explicou os phenomenos cosmologicos e biologicos experimentalmente pela correlação das forças. As theorias dynamicas imprimiram ás sciencias fundamentaes uma direcção deductiva, emquanto ao seu methodo; porém emquanto ao conjuncto dos seus principios, pretenderam fazer uma neo-metaphysica como Hirn, ou uma philosophia *monistica,* quando o seu destino é ratificarem a synthese subjectiva que tem de pervalecer na mentalidade humana.

A ideia de Turgot deriva-se immediatamente da renovação philosophica de Descartes, cuja influencia se determina nos grandes espiritos do seculo XVII como em Newton e em Leibnitz, nos do seculo XVIII, como em Locke, Hume, Priestley e Kant.

Se pretendermos remontar á concepção mechanica dos phenomenos do universo, deve-se abandonar a concepção theologica dos Arias, que attribuiram ao calor solar todas as fórmas de actividade sobre o planeta, e as admiraveis especulações metaphysicas dos Epicuristas. Bacon teve presentimentos vagos do valor do phenomeno do *movimento,* mas é em Descartes que a applicação dos methodos mathematicos á concepção mechanica e integral dos phenomenos do universo adquire toda a importancia de uma grande synthese philosophica. Por que se não constituiu ainda essa synthese? Porque do cartesianismo derivaram duas correntes simultaneas, a do *idealismo* de Berkeley e de Kant, e a de um *empirismo,* como a dos creadores da physica, chimica e biologia, e especialmente de Hume. Além d'isso, como Descartes applicou a concepção mechanica á comprehensão do organismo vivo e aos factos psychologicos, uma nova scisão se deu sobre este campo entre os espiritos que acceitam a lei mechanica como causa efficiente dos phenomenos cosmicos e biologicos, mas nulla diante dos phenomenos psychologicos ou da espiritualidade; tal é o estado mental de Hirn, de Secchi, de Trémaux, e de outros. Isto que ainda hoje se vê n'uma indisciplina justamente chamada

neo-metaphysicismo,[1] produziu durante o seculo XVII e XVIII uma separação radical entre a philosophia e as sciencias, fechando-se uns no campo do transcendentalismo e outros no campo do empirismo. A obra de Augusto Comte não consistiu em continuar de um modo definitivo a synthese racional encetada por Descartes; a sua obra resume-se em dois trabalhos fundamentaes: 1.º em estender o dominio da sciencia até abranger a complexidade dos phenomenos sociaes, e assim terminou a serie inductiva; 2.º em subordinar as deducções da philosophia á relatividade das sciencias.[2]

Depois d'esta forte disciplina do espirito, realisou-se no campo das sciencias a profunda verificação experimental da explicação dos phenomenos cosmicos e biologicos pelas leis mechanicas do *movimento;* resta agora submetter as sciencias unificadas na sua unidade phenomenal ou dogmatica aos methodos deductivos da Philosophia. Tal será a terceira e ultima phase do Positivismo construindo a necessaria *Synthese subjectiva,* que será para o estado normal da humanidade na

---

[1] Como consequencia d'esta indisciplina, é que se operou um regresso ao criticismo de Kant, como ponto de orientação na dissolução metaphysica, tanto dos espiritualistas como dos materialistas. Otto Liebmann proclamava: «*Voltemos a Kant!*» E Carl Twesten depois de ter adoptado o Positivismo reconcilia-se com as doutrinas de Kant. Vê-se de tudo isto que existe a necessidade de uma nova synthese philosophica, que os neo-metaphysicos desconhecem a missão synthetica do *Positivismo,* e que outros na sua desorientação volvem ao *criticismo* kantiano, cujo caracter analytico e de discussão negativa não satisfaz essa eminente necessidade, como o empirismo na sciencia não póde substituir o methodo deductivo.

[2] Depois da synthese realisada por Augusto Comte grandes descobertas scientificas vieram alargar o campo da positividade; taes foram a analyse spectroscopica, pela qual se encetou a experimentação nos phenomenos sideraes; a unidade das forças physicas, tornando deductivas a physica e a chimica pela comprovação mathematica; a theoria atomica, a sua structura mechanica (Gaudin); a determinação dos radicaes organicos nos carburetos de hydrogenco (Berthelot); a theoria cellular normal e pathologica, precedida do transformismo geologico; a embryologia; a descoberta do homem pre-historico e das fórmas rudimentares da sua civilisação; as civilisações turaniana e egypcia, pela leitura dos cuneiformes e hieroglyphos; o zend e o sanskrito, com a dos *Vedas* e da *Avesta;* a sciencia das religiões e da mythologia comparada; a Linguistica, a Anthropologia e a Ethnographia; as grandes explorações nas regiões selvagens comparando as civilisações ante-historicas; as vastas applicações industriaes derivadas das theorias scientificas, como a fabricação de aço, cabos submarinos, etc.; a revivescencia de unidades nacionaes, como a Italia e Allemanha, etc. Nada d'isto altera a concepção fundamental de Comte, mas vem dar mais largueza ao criterio submettendo as sciencias á unidade philosophica.

Sociocracia, o que foi a synthese subjectiva espontanea para o regimen da Theocracia. Pela evolução da Philosophia moderna se vê que está na ordem das cousas esta reorganisação da intelligencia humana; pelo criterio historico se explica a causa da indisciplina mental e a separação das Sciencias da Philosophia; pela influencia das escholas cartesianas se comprehende o logar de Augusto Comte na constituição da synthese definitiva, e como a Philosophia positiva tem de alargar-se pela unidade das inducções scientificas. Esse diagramma ajudará a comprehender o nosso pensamento:

SCHEMA HISTORICO DA PHILOSOPHIA MODERNA

I. *A* Synthese objectiva *e a* Synthese subjectiva *organisando-se independentemente uma da outra*:

- DESCARTES (1636)
  - 1. Concepção mechanica dos *phenomenos cosmologicos* (sobre as *inducções* de GALILEO)
    - Direcção empirica e critica: Newton, Huyghens, Locke, Hume, Laplace, Condillac
    - Influencia metaphysica: Berkeley, Mallebranche, Leibnitz, Spinosa, Kant
  - 2.) Concepção mechanica dos *phenomenos biologicos* (sobre as descobertas de HARVEY)
    - Eschola iatromechanica e iatrochimica (*Empirica*): Borelli, Willis, Sylvius, Boerhaave
    - Eschola animista (*Metaphysica*) e vitalista: Stahl, Barthez

II. *Estabelecimento da dependencia mutua das duas Syntheses: (Complemento* da Synthese objectiva):

- COMTE (1822-1851)
  - Subordinação da Philosophia ás Sciencias, como necessidade de disciplina mental: *Lei dos tres Estados*; *Classificação hierarchica dos Conhecimentos humanos*
  - *a) Preponderancia da Synthese objectiva* (grupo de LITTRÉ)
  - 3.) Complemento das inducções scientificas pelo criterio da observação applicado aos *phenomenos sociaes*: *Constituição da* SOCIOLOGIA
  - *b) Reconhecimento da necessidade da Synthese subjectiva* (grupo de LAFFITTE)

III. *Condições para a reorganisação da* Synthese subjectiva *(Subordinação das Sciencias á Philosophia)*:

- A. Concepção integral da Materia como modificações de Movimento: (*Phenomenos cosmologicos*)
  - Comprovação inductiva: Mayer, Joule, Thompson, Groves, Clausius, Tyndall
  - Syntheses neo-metaphysicas: Secchi, Hirn, Groves, Trémaux
- B. Concepção mechanica dos *Phenomenos biologicos*
  - Comprovação inductiva: Mayer, Carpenter, Marey
  - Synthese monistica: Haeckel
- C. Concepção mechanica dos *Phenomenos sociologicos*
  - Comprovação inductiva: Carey, Peschine Smith, Buckle, Quetelet
  - Synthese dynamica: Spencer

Á grande renovação do espirito scientifico no seculo XVII pelo impulso do genio italiano, corresponde a primeira grande synthese philosophia moderna separada da dependencia da theologia e dando uma preponderancia especulativa á civilisação Occidental; a investigação experimental fez com que se regeitassem a auctoridade tradicional e o syllogismo pela prova de *demonstração,* e a primeira tentativa de synthese philosophica, feita por Descartes, despresa as velhas noções geocentricas e anthropocentricas, com que nos embaraçava a theologia. Pela primeira vez se continuou o trabalho positivo da antiguidade, paralisado desde Aristoteles. Pela observação, Galileo descobre o movimento da terra, a posição do planeta no espaço, e a lei da gravidade; a applicação da mathematica aos phenomenos celestes leva-o á clara concepção da materia como modificação do movimento. Diz elle como principio fundamental: «No universo physico e sensivel não ha senão materia em movimento ou em repouso. A materia não póde ser concebida sem figura, extensão e continuidade.» D'estes principios deduziu que os corpos não tinham de per si os cheiros, os sabores, as côres, mas sim *certos movimentos* que se communicavam a nós sob fórma de sensações taes.[1]

Podemos dizer com Cournot, que depois de assim estabelecida uma mechanica celeste é que se tornou possivel uma me-

[1] Secchi, *L'unité des forces physiques,* pag. 70.

chanica physica «ponto de partida de toda a explicação scientifica dos phenomenos naturaes.»

É tambem sob a direcção experimental das escholas de Italia, que Harvey acha esse extraordinario phenomeno da circulação do sangue, d'onde começou o estudo do movimento dos corpos organicos; Harvey pela direcção das valvulas descobre o mechanismo da circulação, (1610) e lança o aphorismo fundamental: *Omne vivum ex ovo,* onde começa o movimento biologico.

São estes os precursores scientificos que prepararam a synthese philosophica de Descartes; diz Huxley: «Descartes viu que as descobertas de Galileo significavam, que leis mechanicas governam os factos mais remotos do universo, e que as de Harvey lhe fizeram comprehender que estas mesmas leis presidem ás operações d'esta parte do mundo mais proxima de nós, a saber, a nossa propria structura.»[1] No *Discurso sobre o Methodo,* nos *Principios* e no *Tratado do Homem,* desenvolveu esta concepção mathematica em uma synthese integral do universo, synthese que fecundou as sciencias trazendo-as á verificação experimental das modernas doutrinas etherodynamicas.

O quadro da elaboração scientifica do seculo XVII acha-se traçado n'estas poucas palavras do Dr. Wallis, em 1696, como o meio em que se constituiu a *Philosophia nova:*[2] «Tinhamos por assumpto das nossas conversas: a circulação do sangue, as valvulas das vêas, os vazos chyliferos e os vazos lymphaticos, a hypothese de Copernico, a natureza dos cometas e das estrellas novas, os satellites de Jupiter, a fórma oval de Saturno, as manchas do sol e a rotação d'este astro sobre o seu eixo, as desegualdades e a descripção da lua, as differentes phases de Venus e de Mercurio, os melhoramentos a fazer nos telescopios e na fabricação das suas lentes, o pezo do ár, a possibilidade ou impossibilidade do vazio, que se manifestaria na natureza, a experiencia de Torricelli por meio do mercurio, a queda dos corpos pesados e o gráo de acceleração que apresenta este movimento, assim como muitas outras cousas do mesmo genero, algumas das quaes eram então (1645) descobertas recentissimas e outras não eram conhecidas e geralmente admittidas como o são agora; e bem assim outras cousas concernentes ao que hoje se chama a *Philoso-*

---

[1] *Les Sciences naturelles,* p. 467.
[2] Apud Huxley, *op. cit.,* p. 5.

phia nova...» Foi n'este poderoso meio intellectual que Descartes fundou a grande synthese philosophica; e é para notar a accumulação dos factos inductivos reunidos na ultima metade do seculo XIX, como acima vimos, que vem provocar a reconstituição da synthese cartesiana por uma necessidade espontanea da intelligencia.

Como um dos creadores da mathematica moderna, Descartes submette o conhecimento da materia á equação das suas varias condições de existencia, as questões de *qualidade* ás de *quantidade,* reduzindo os phenomenos a leis de movimento. Foi elle que teve a comprehensão mais lucida da Mechanica, considerando-a como uma parte essencial da physica: «esta mechanica que até agora tem estado em uso, não é outra cousa mais do que uma verdadeira Physica, a qual por não ter podido encontrar logar entre os sectarios da philosophia vulgar, se refugiou entre os mathematicos. Ora, esta parte da Philosophia permaneceu mais verdadeira e menos corrompida do que as outras...»[1] Era o principio de Galileo, que a materia não podia ser concebida sem fórma, e esta sem a delimitação no espaço; pela consideração mathematica d'estas condições, Descartes introduziu o espirito de deducção na Physica: «Entendi que era preciso que o conhecimento que os homens podem ter da natureza fosse tirado dos principios da Geometria e da Mechanica, porque todas as outras noções que nós temos das cousas sensiveis sendo confusas e obscuras, não podiam servir para nos dar o conhecimento de nenhuma cousa.»[2] A dependencia dos phenomenos do universo da explicação mathematica levou-o á tentativa da grande synthese dynamica: «Eu descobri que todas as sciencias que têm por fim a investigação da ordem e da medida se ligam ás Mathematicas, pouco importa que seja nos numeros, nas figuras, nos astros, nos sons ou em outro qualquer objecto que se procure esta medida.»[3] Descartes submetteu systematicamente a Physica á deducção mathematica para provar por demonstração «que todos os phenomenos podem ser explicados por esse meio.»[4] As deducções realisadas por Descartes foram assombrosas, mas faltava-lhes a verificação de Sciencias que ainda não estavam creadas; assim elle affirma a divisibilidade da materia, e como tal as suas propriedades como modificações de mo-

---

1 *Principes,* P. IV, (t. III, 518.)
2 *Réponse aux objections de Fromondus,* 1637.
3 *Regle pour la direct. de l'esp., Regl.* IV.
4 *Principes,* P. II (t. III, 178.)

vimentos operados no espaço: «Todas as variedades que existem na materia dependem do movimento das suas partes.» E partindo de especulação em especulação sobre as condições geometricas da materia, chega á affirmação estupenda da sua unidade, quando ainda não existia analyse chimica: «todos os corpos são feitos de uma mesma materia, e nada ha que estabeleça diversidade entre elles, a não ser que as particulas d'esta materia que compõem uns, têm outras figuras ou são differentemente arranjadas em aquellas que compõem os outros.»

A Chimica moderna veiu a demonstrar esta diversidade das particulas differentes que influem na diversidade dos corpos; taes são as *moleculas elementares,* ou mais geralmente *corpos simples;* e as *moleculas heterogeneas,* que explicam as affinidades. A existencia do *ether,* demonstrada pelo phenomeno da dupla refracção, surgiu na synthese de Descartes como uma hypothese mathematica da divisibilidade da materia. Era ao que elle chamava *Materia subtil,* hoje carecterisada pelo seu estado de repulsão nas forças thermicas e electricas: «A materia subtil que enche os intervallos que estão entre as partes dos corpos, é de tal natureza que ella nunca cessa de se mover em toda a parte, rapidissima, não sendo comtudo exactamente essa velocidade a mesma em todos os logares e em todos os tempos.»[1] A diversidade d'estes movimentos ethereos explica hoje as diversas manifestações do calor, da luz, da electricidade e do som; o proprio Descartes presentiu theoricamente esta demonstração, quando disse: «este movimento que, segundo os differentes effeitos que produz, se chama umas vezes calor, outras luz.»[2]

Nada faltava para que o espirito humano achasse a synthese definitiva do universo, senão a verificação experimental das sciencias. Foi esse o longo trabalho de tres seculos; a parte especulativa desenvolveu-se pelo impulso de Descartes e veiu parar na metaphysica de Leibnitz; a parte empirica fundou sciencias novas, como a Chimica, em Boyle e Dalton, e a Biologia, que accumulavam as provas para a demonstração da synthese cartesiana. Podemos dizer, que o methodo mathematico de Descartes disciplina o criterio de Newton e de Huyghens; diz este creador da theoria das ondulações, baseadas sobre a existencia do ether: «Todas as causas dos phenomenos naturaes devem conhecer-se como acções mechani-

[1] *Le Monde,* cap. II.
[2] *Les Méteores,* Disc. prel.

cas, se é que quizermos conceber alguma cousa de Philosophia natural.»[1]

Em Newton é bem clara a disciplina cartesiana: «Deduzir dos phenomenos da natureza dous ou tres *principios geraes do movimento,* e depois explicar como as propriedades de todos os corpos e os phenomenos são consequencia d'estes principios manifestos, seria fazer um grande progresso na Philosophia, ainda que as causas d'estes principios não fossem conhecidas.»[2] Foi este tambem o criterio seguido pelos creadores das sciencias experimentaes, e tal é hoje o espirito predominante nas sciencias cosmologicas e biologicas; Secchi formando a sua synthese da *Unidade das Forças physicas* sobre as descobertas de Mayer, Séguin, Joule, Thompson, Grove, Hirn, Lamé, Tyndall, Clausius, Dumas, Maxwell, Fusinieri, Zantedeschi, Bixio, Turazza, Graham, Bunsen, Foucault, Dupré, Cantoni e outros creadores da thermodynamia, formúla como conclusão experimental: «a nosso vêr, até ao presente, a unica força que a experiencia tem reconhecido como pertencendo propriamente á materia é a sua *massa animada de velocidade,* e nós consideramos como jogo de imaginação outra qualquer força que se não reduza a isto.»[3] A ideia cartesiana fecundou toda a actividade intellectual do mundo moderno; produzindo pela especulação psychologica um fervor metaphysico, conduziu Kant á bella concepção da cosmogonia depois subordinada á mathematica por Laplace.[4] Esse exclusivo metaphysicismo fez com que os homens de sciencia se fechassem nas suas especialidades, e d'ahi resulta que por inducções parciaes accumuladas lentamente, é que se formou a moderna synthese dynamica ignorando-se o impulso iniciador de Descartes. Não fazendo aqui a historia d'esta synthese, enumeramos comtudo a serie dos factos inductivos que a produziram: em 1665, Grimaldi estabelece que a luz é um *fluido em movimento;* em 1706, Newton, segue a mesma concepção, mas Fresnel produz a

---

[1] *Tractatus de Lumine,* p. 2.
[2] *Optica,* lib. III, quest. 31.
[3] Secchi, *op. cit.,* p. 412, (2.ª ed. franç.)
[4] Kant laborou no mesmo equivoco de Voltaire com relação á originalidade da doutrina philosophica de Newton, a qual pelo seu lado especulativo pertencia a Descartes. Na sua theoria cosmogonica, de 1755, Kant subtitulou-a: *Ensaio de explicação da constituição e da origem mechanica do Universo, conforme os principios de Newton.* A contradicção das conclusões d'este livro como o *deismo* sustentado por Kant, patenteia a incongruencia do Criticismo como doutrina synthetica, incapaz de supprir uma construcção philosophica definitiva.

theoria verdadeira das ondulações; em 1798, Rumford observa *o movimento transformando-se em calor;* e Montgolfier conhece a *força viva do choque;* em 1824, Carnot e Clapeyron estabelecem a *relação entre o movimento e o calor;* em 1827, Huyghens affirma o principio philosophico do *movimento como causa;* em 1839, Marc Séguin estabelece a *relação entre o trabalho effectuado e o calor perdido;* Cauchy formúla a theoria do movimento molecular. Em 1840, Mayer começa as suas profundas observações dynamicas na *relação entre o trabalho funccional e as combustões internas do organismo,* e em 1842 descobre o *equivalente mechanico do calor,* ou o principio da conservação das forças na sua equivalencia e reciprocidade. Em 1844, Joule comprova as descobertas de Mayer dando-lhe uma base verificavel e estabelecendo as condições da equivalencia; até 1853 Mayer e Joule applicam a theoria mechanica aos phenomenos biologicos e cosmicos, estabelecendo a *correlação das forças:* em 1853 e 1855 Watereton e Thompson fazem applicações aos phenomenos sideraes. Seguiu-se a adhesão plena de todos os naturalistas a esse grande principio do movimento, comprovando-o e demonstrando-o em toda a ordem de applicações, como se vê em Grove, Runkine, Bunsen, Hirn, Helmoltz, Holtzman, Clausius, Tyndall, Secchi, Liebig, etc.

A consequencia natural d'estas inducções capitaes da sciencia seria a tentativa de uma difinitiva synthese philosophica; de facto Hirn, Secchi e Trémaux emprehenderam-n'a, mas as suas preoccupações metaphysicas viciaram-lhes o criterio, levando uns para o deismo e outros para o animismo. O jesuita Secchi admitte o *movimento* como explicação integral de todos os phenomenos do universo, mas deduz da somma de todas as energias a necessidade de um primeiro impulso, reservando esse papel a Deus; porém o illustre astronomo não quiz vêr, que se a inducção scientifica demonstra que as forças se transformam, *nada começa* e tudo é evolutivo, e a lei da conservação das forças leva tambem a deduzir que *nada acaba.* Portanto as ideias de origem ou primeiro impulso, e de fim, são phenomenos ou miragens subjectivas, porque na continuidade dos modos de ser da materia não se descobre por onde a materia acabe, nem por onde comece, ou melhor, não ha *creação* nem *destruição* que os theologos consideraram como os poderes maximos e exclusivos da divindade.

A ideia de *creação* é tão particularmente subjectiva, que se póde determinar a sua origem historica na metaphysica do christianismo. Diz Burnouf; «não ha em sanskrito uma pala-

vra sequer que signifique *crear* no sentido que os christãos dão a este vocabulo.» Em nota dá a prova tirada dos hymnos vedicos, nos quaes Viçwakarman é denominado o organisador e productor das cousas. (*Science des Religions,* p. 121, ed. 3.ª) A ideia de *destruição* ou de *nada* é tambem subjectiva; a theoria do *Nirvana,* como pertencendo a dogmas religiosos de emanação, nunca significa mais do que absorpção. Sobre este ponto continúa Burnouf: «Observarei que a ideia do *nada,* assim como a de *creação* é extranha ao pensamanto indiano...» (*Ibid.,* p. 139).

O outro erro da nova synthese é querer procurar uma nova força para explicar os movimentos organicos (hoje explicaveis pelas leis mechanicas) e especialmente os actos da racionalidade e da vontade. É aqui bem cabida a celebre phrase de Newton: *Physica, guarda-me da Metaphysica!*[1] A ausencia do criterio da evolução no exame dos phenomenos racionaes é que os tem tornado manifestação maravilhosa de forças occultas; analysando as faculdades mentaes nos animaes inferiores, a sua vida social, procurando as origens das noções moraes entre as raças selvagens, seguindo o curso das ideias concretas até se tornarem abstractas, como a ideia de justiça ou de dever, remontando aos radicaes linguisticas, aos germens naturaes dos mythos que se tornaram theologias, artes e philosophias, estabelecendo a acção excitadora e progressiva dos varios meios sociaes, por esta via se chegará a submetter esse orgão relacionador das sensações á lei geral da materia, na fórma profunda da hereditariedade, por onde se nos revela esta força adquirida. O que Lyell fez para a Geologia é preciso que se faça para a Psychologia: só assim se formará a synthese dynamica.

As condições que temos visto em que se manifesta o phenomeno *vida,* ligam-se a um certo numero de transformações histochimicas, e de variações no conjuncto cellular do organismo individual, como o crescimento, a propagação e a morte; todos estes actos, ou movimentos organicos, já no morphismo cellular, já no *typo* da especie, são definidos ou fataes no sentido de uma certa *orientação.* Isto nos revela que a origem

[1] Tal é a situação em que cahiram Fechner, Redtenbacher, Buchner, com relação á theoria physica dos atomos; Mach e Zoellner com relação á ideia de espaço, e outros, como Gans e Neumann, discutindo a solidariedade da força e materia. Por esta tendencia, os sabios que não regressaram ao *criticismo* de Kant, lançaram-se na construcção de uma Neo-metaphysica, como Fechner e Hartmann, especulando sobre as ideias tradicionaes de causalidade e finalidade.

do movimento organico deve-se procurar n'uma equivalencia thermica, por isso que nos corpos inorganicos o amorphismo vae desapparecendo á medida que as variações de temperatura se vão succedendo com regularidade. O arrefecimento repentino occasiona as fórmas vitrosas sem plano regular, ao passo que a structura crystalina, com os seus typos geometricos, com uma *orientação* atomica definida só se produz com o arrefecimento lento. Esta correlação intima entre a regularidade da variação de temperatura e as fórmas da materia, fez com que o estado crystalino fosse considerado como um rudimento organico. Mas determinado hoje o limite maximo de temperatura em que póde dar-se a constituição organica, deduz-se das variações thermicas do nosso globo, que houve um periodo de arrefecimento tão especial que determinou o agrupamento do oxygenio, hydrogenio, carbone e azote em um equilibrio que constituiu o primeiro esboço da materia organica ou o *protoplasma*. Esta condição especial de temperatura não se tornou a repetir, e por isso cessou a producção do protoplasma: a creação dos organismos faz-se á custa do protoplasma existente no nosso globo, que é restituido á massa commum d'onde saem todas as fórmas da vida, pelas fermentações e putrefacções. O caracteristico especial da materia organica, isto é, uma fórma definida, e a acção d'essa fórma prevalecendo sobre os elementos assimilados da materia, revelam uma força de orientação especial do equilibrio chimico, a que se póde chamar *força vital*. Este equilibrio que se dá entre o oxygenio e o carbone pela acção de presença do azote, é altamente instavel; na sua alternancia de desenvolvimento em todos os actos da vida, elles desprendem-se do seu apoio para darem logar ao agrupamento de outros corpos, (carburetos de hydrogenio) produzindo por este acto o *calor animal*. A instabilidade d'este equilibrio, que se conhece pela facil decomposição dos corpos organicos, não póde ser conservada se não á custa da *menor resistencia* em que esses elementos chimicos se alternem; d'aqui a *transformação* dos organismos que procuram desenvolvêr os seus movimentos no sentido da menor resistencia, e portanto adaptação dos seus orgãos. Uma vez achada a menor resistencia, o movimento organico conserva-se n'esse alveo em uma persistencia immutavel, que se conhece pela fórma de *typo* da especie, e por uma orientação adquirida pela acção do tempo, a que se chama *hereditariedade*. O primeiro movimento até á fixação do typo morphologico é a vida organica, que para Müller se revelava por uma intelligencia das suas fórmas, mas que não é mais

do que um impulso transmittido ao ovulo; o segundo movimento, ou hereditariedade, é complexo, porque se compõe da coexistencia de muitos movimentos adquiridos por onde se chega aos actos de intellectualidade e de consciencia.

Os iniciadores das doutrinas dynamicas ao encontrarem o movimento da impressão sensorial e da sua reacção motriz da vontade, abandonam o principio geral da synthese physica, e lançam-se na hypothese de um principio animico, como Hirn e Trémaux. Elles procuram o impulso material exterior para explicar os actos collectivos da racionalidade, a transmissão do movimento psychico, e como o não acham immediatamente concluem por uma nova força. Na synthese physica não ha solução; todos os movimentos da materia se explicam por ella; assim como nas combinações atomicas do carbone elle se combina com atomos de si mesmo completando a sua qualidade tetratomica, assim no corpo organico e racional ha tambem o poder de produzir em si movimento, de se excitar, de crear impulso, recebendo da propria *acção do tempo* sobre o organismo fontes de energia. A sexualidade, é uma phase physiologica, e segundo os physiologistas, é ella que dá o seu verdadeiro relêvo ás sensações, ás ideias; consequencias sociaes da sexualidade, como o amor, que é um foco de energia psychologica, de movimento sensorial e de reacção motriz da vontade, desenvolvem-se no proprio organismo; emfim, a mulher, nas sociedades civilisadas, é um foco de idealisação e de actividade, de aperfeiçoamento moral, e provoca esses impulsos que levam o individuo a contribuir mais ou menos conscientemente para a obra da civilisação. Além d'estes impulsos de energia existem tambem as forças adquiridas, taes como tendencias de uma época; a força accumulada, como as impressões conservadas em reminiscencia, em lembrança e memoria, por onde se estabelece a translação do movimento das cellulas cerebraes.[1]

Por isso, ao estudar o movimento como lei fundamental da materia, em vez de abandonal-o diante dos phenomenos psychicos, é só preciso saber como o movimento se modifica ao partir desde a dissociação atomica da materia até á sua maior condensação nas cellulas nervosas, modificação em que

---

[1] A linguagem, creada inconscientemente por estimulo de necessidades physicas, torna-se tambem um agente de actividade psychologica, e um meio mechanico de desenvolvimento mental. A arte, creada por actividade especifica, é por seu turno uma força de unificação sentimental.

o factor *tempo,* e a independencia e coexistencia de movimentos não deixam logo vêr a inalterabilidade da lei.

Assim como na composição chimica dos corpos organicos os elementos binarios só se combinam em equilibrios moleculares, ternarios e quaternarios, e a materia é submettida á unidade da cellula, assim tambem os movimentos que resultam d'esta força viva nascem de um acto mechanico, ou impressão elaborada, mas complicam-se em reacções motrizes actuaes ou sugeridas, que tornam o movimento da *vontade,* de uma natureza reflexa. D'aqui resultou, que mesmo os modernos physicos têm querido considerar a vontade como manifestação de um principio immaterial; vejamos os seus argumentos; diz Trémaux: «Para dar a prova de que o movimento voluntario não é o resultado inevitavel de uma influencia material, não será isso difficil: que uma pessoa conserve a mão em uma posição tal que a um signal dado a certa distancia, ella a possa mover, conforme a indicação, em todos os sentidos, para cima, para baixo, para a esquerda, para diante, para traz, ou mesmo nada. O individuo poderá conformar o seu movimento ao signal dado, sem que este signal possa ser em nada uma causa determinante como é uma força viva, porque é evidente que este signal não creou immediatamente a força material que determinou o movimento em tal ou tal sentido contrario, ou que o póde suspender.»[1] Em outro logar, (Ib., p. 196) Trémaux fortifica este exemplo com a ordem escripta de um director de caminho de ferro que com um traço de penna põe em acção a força material de uma locomotiva; poderia tambem accrescentar a ordem do general que dispõe da força material de milhares de homens, antes de perguntar onde está aqui o impulso material equivalente á acção provocada.

Respondemos á sua objecção com um exemplo physico em que a acção mechanica não equivale á força material desenvolvida: o movimento que determina a explosão de uma materia fulminante é nullo comparado aos seus effeitos, e comtudo ninguem vê n'essa materia uma força immaterial, mas sim um deposito de força viva em estado de tensão, cujo equilibrio se desarranja por um leve atrito. A força material não se produziu no instante da explosão, já existia no agregado chimico pela maxima densidade da materia fulminante. Por este exemplo se comprehenderá bem a acção da *vontade;* a equivalencia material não está no incitamento da occasião,

[1] *Principe universel du Mouvement,* p. 193. Ed. 3.ª

mas na predisposição hereditaria das cellulas cerebraes, na tensão adquirida pela educação, nas noções racionaes que predominam no meio social, nos sentimentos individuaes de honra, dever, interesse e defeza propria, no accordo prévio ou contracto, no temor, emfim, em mil factores que coopéram na fórma de civilisação na actividade do individuo. Tudo isto se deriva de causa material da impressão, cuja reacção motriz, a vontade, participa da natureza da sua origem.

O phenomeno *Consciencia* é uma condição psychica especial resultante do phenomeno *vida,* que se produz nos corpos organicos.[1] A origem dos corpos organisados, comparada com a dos corpos brutos ou mineraes, apresenta uma divergencia por onde se penetra melhor a natureza do phenomeno *vida.* Os elementos que se agrupam em um equilibrio mechanico, de estado *solido* e *liquido,* em um equilibrio thermico, de *temperatura,* em um equilibrio chimico ou tetratomico, constituem um producto novo e individual chamado *cellula:* entre as *paredes da cellula* e o seu *conteúdo* estabelece-se um trabalho de assimilação de elementos chimicos e de desassimilação, ou movimento organico oscillando limitado entre esses dois extremos: este movimento transforma-se em calor animal que produz a irritabilidade, e esta em actos mechanicos de relação, limitados entre outros dois extremos mais especiaes, a dôr e o prazer, ou actividade instinctiva. E assim como o organismo começa na unidade da *cellula,* e nenhum elemento chimico entra na constituição organica sem ser reduzido a essa unidade fundamental, assim o corpo organico distingue-se da materia pela persistencia de um *typo,* que se torna *hereditario,* typo que se estabelece por transformações e modificações graduaes periodicas, e pela tendencia que tem a materia a desequilibrar-se d'essa fórma *cellular* em cuja evolução é arrastada. A nova força que a materia leva n'este equilibrio cellular a que foi submettida, é propriamente o phenomeno *vida,* transitorio pela natureza excepcional do agrupamento atomico, e por isso dissolvendo-se em actos chimicos normaes, como fermentação e putrefacção, ou morte. A conservação da força *vida* por meio de impulsos separados ou *germens,* assim como nos revela o caracter transitorio do individuo, mostra-nos a

[1] Diz Mayer, no seu opusculo *O Movimento organico:* «O acto psychico que se designa sob o nome de Consciencia corresponde a uma funcção (*somatica*) dos nervos; estes advertem o homem de nada emprehender de encontro ao seu modo de ser.» (Pag. 110. Trad. Pérard).

continuidade da *especie,* onde esta força uma vez produzida se conserva indefinidamente. Foi da continuidade da especie que veiu a adaptação a um meio em que se conserva a vida, e que sobre o individuo veiu a estabelecer-se um conhecimento inductivo das excitações do mundo exterior, das reacções motrizes que ellas incitam, e a coordenação d'estes dois elementos de actividade organica é que veiu a produzir uma synergia mais profunda, a que se chama *Consciencia.* No mundo exterior ainda se encontra a *vida* sem manifestação de *Consciencia,* como nos vegetaes, e por isso póde-se dizer com clareza que a *Consciencia* é um producto, um desenvolvimento da energia vital, cujo rudimento começa na motricidade e se eleva até á vontade.

O problema da immortalidade explica-se pela mesma lei inductiva, que nenhuma força se perde, mas todas se transformam; nos organismos individuaes a *vida* dissolve-se nas forças componentes que constituiam esse equilibrio especial, e no impulso que se perpetua na especie. E assim como a vida não se extingue na especie, é tambem n'ella que existe a immortalidade da consciencia na fórma de noções racionaes e moraes, de descobertas e usos que facilitam as condições da existencia, e que como um meio mais do que material ou sociologico, torna a influir no individuo augmentando-lhe a vida dentro do periodo fatal do tempo por uma maior intensidade de estimulos e de reacções motrizes, que são a mais clara e elevada consciencia psychologica.

O movimento animal é egual, apezar da sua complicação de forças, ao movimento que se dá em todos os corpos submettidos á lei mechanica; como se sabe, o movimento é a passagem de um para o outro equilibrio, e estes dois extremos são evidentes no organismo que oscilla entre a dôr e o prazer. A descoberta das *fibras doloriferas* vem revelar-nos um dos maiores motores da actividade animal, sendo o outro já conhecido como factor da maior somma de progresso humano realisado á custa da procura da *satisfação* das necessidades organicas. A par d'este movimento animal, o movimento organico oscilla tambem entre os dois extremos — assimilação e desassimilação.

É aqui que se revela em todo o seu esplendor o genio de Descartes, que teve a coragem de submetter á concepção mechanica os phenomenos organicos e psychologicos. No estado em que estavam as sciencias abstractas, chimica e biologia, é facil de vêr quantos erros de particularidades commetteria Descartes na sua vasta synthese; mas acima de tudo paira,

como diz Biot, «a grande ideia de submetter todos os phenomenos naturaes, á condição de um simples desenvolvimento da mechanica.» No *Tratado do Homem,* resume Descartes a sua concepção, que se verá comprovada pelas descobertas da physiologia moderna: «Desejo que considereis depois d'isto, que todas as funcções que attribui a esta machina (o corpo humano) como a digestão das carnes, a pulsação do coração e das arterias, a nutrição e crescimento dos membros, a respiração, a vigilia e o somno; a recepção da luz, dos sons, dos cheiros, dos gostos, do calor e de outras taes qualidades nos orgãos dos sentidos externos; a impressão de suas ideias no orgão do senso commum e da imaginação, a retenção ou a estampa d'estas ideias na memoria, os movimentos interiores dos appetites e das paixões: e, emfim, os movimentos exteriores de todos os membros que seguem tanto a tempo já as acções dos objectos que se apresentam aos sentidos como as paixões e impressões que se encontram na memoria, que imitam o mais verdadeiramente possivel o que faz um homem real... todas estas funcções derivam naturalmente n'esta machina da unica disposição dos seus orgãos... de sorte que não é preciso conceber n'ella nenhuma outra alma vegetativa nem sensitiva, nem nenhum outro principio de movimento e de vida a não ser o seu sangue, e os seus espiritos agitados pelo calor de fogo que arde continuamente no seu coração, e que não é de natureza diversa dos outros fogos que existem nos corpos inanimados.» O physiologista Huxley commenta esta passagem com as descobertas inductivas modernas: «O espirito d'estas passagens é exactamente o que anima a physiologia a mais avançada do dia de hoje; para as fazer coincidir com a physiologia actual, basta representar os detalhes do trabalho da machina animal em linguagem moderna e com o auxilio das concepções modernas. Com certeza a digestão dos alimentos no corpo humano é uma pura operação chimica, como a passagem das partes nutritivas d'estes alimentos no sangue é uma operação physica. É fóra de duvida que a circulação do sangue é simplesmente uma questão mechanica; ella resulta da estructura e do arranjo das partes do coração e dos vasos, da contractilidade d'estes orgãos, e de que esta contractilidade é regulada por um apparelho nervoso obrando automaticamente. Demais, os progressos da physiologia fizeram vêr que a contractilidade dos musculos e a irritabilidade dos nervos resultam simplesmente do machinismo molecular d'estes orgãos, e que os movimentos regulares dos orgãos da respiração, da digestão, como o de todos os outros, os orgãos

internos, são dirigidos e governados da mesma maneira mechanica, pelos centros nervosos que lhes são apropriados. O rythmo regular da respiração de cada um de nós depende da integridade da structura d'uma certa região da medulla alongada, assim como o tic-tac de um relogio depende da integridade da scapula. Podeis tirar os ponteiros do relogio, quebrae a campainha e martello, mas o tic-tac continuará, e um homem póde ser incapaz de sentir, de fallar, de se mover, e comtudo elle continuará a respirar. Assim, e isto concorda inteiramente com a affirmação de Descartes, é certo que os modos de movimento que constituem a base physica da luz, do som, do calor, são transformados pelos orgãos dos sentidos. As affecções são, por assim dizer, uma especie de ideias physicas que os orgãos centraes retêm; ellas constituem o que se poderia chamar memoria physica; podem combinar-se de uma certa maneira que corresponde á associação das ideias e á imaginação; podem, emfim, produzir contracções musculares n'estas acções reflexas que são os representantes mechanicos das volições.»[1]

Esta comprovação moderna mostra-nos a razão porque a biologia e psychologia esboçadas por Descartes produziram uma acção profunda nos estudos physiologicos e medicos do seculo XVII e XVIII, dando origem, como na synthese physica, a duas escolas contradictorias, dos *iatromechanicos* e *iatrochimicos*, a que se contrapoz a dos *animistas*. A phase positiva da doutrina pertencem Sanctorius, Borelli, Sylvius, Willis, e o grande Boerhaave; Stahl representa a phase metaphysica. D'aqui resultou uma indisciplina mental, que separou as sciencias biologicas das especulações philosophicas, e a Philosophia, no illustre Kant, acceitando o movimento como explicação dos phenomenos da materia, rejeitou-o como não explicando os phenomenos da espiritualidade, e estacionou n'um criticismo fragmentario. Hoje que os homens de sciencia demonstraram a unidade das forças physicas equivalendo-se em modificações diversas do mesmo movimento, ao tentarem a synthese dynamica obedecem ainda a essa velha miragem mental, fazendo do Eu uma nova entidade metaphysica. Huxley define admiravelmente este estado mental sob as fórmas das *personificações anthropomorphicas* que vão cedendo o logar ás noções physicistas; de facto a propria theologia já deixa hoje

---

[1] Huxley, *Les Sciences naturelles*, p. 473.

de ser anthropomorphica,[1] e sómente a Psychologia é que ainda lucta para impôr-nos uma energia especial do universo revelada exclusivamente no Eu humano. Desde que os actos intellectuaes se resolvem em processos de actividade nervosa, forma-se uma physiologia do cerebro, como a do systema respiratorio ou muscular; tal é o grande trabalho de Luys. E como na mechanica a reacção é egual á acção, os processos da actividade cerebral consistindo em um movimento oscillatorio de absorpção de forças (incitações sensoriaes) e restituição das mesmas, (reacções motrizes ou vontade) dever-se-ha achar um dia o *equivalente mechanico da racionalidade,* como o presente Huxley,[2] segundo a lei da resultante egual á somma das componentes.

Até aqui a parte historica da synthese dynamica, que deve preceder a sua exposição dogmatica. Importa precisar agora as noções mais geraes da mechanica racional, ou de physica abstracta, á qual já se pretendeu dar o nome da *Phoronomia;* pela comprehensão clara do que é o *movimento* e das fórmas variadas da sua propagação ou *transmissibilidade,* é hoje possivel explicar a successão dos varios estados da materia em todos os seus equilibrios.

Todo o movimento é passagem de um para outro equilibrio. A fórma a mais geral do movimento reduz-se a uma *oscillação,* pela qual o movel chega de um ao outro extremo; a oscillação modifica-se em *vibração,* quando o movel trepída em volta de um mesmo equilibrio, ou em *elasticidade,* de pressão ou de tracção, quando as vibrações são ampliadas. Lamé demonstra esta unidade das diversas fórmas do movimento, quanto formúla: «*A gravitação* e a *elasticidade* devem ser consideradas como effeitos de uma mesma causa, que tornam solidarias e dependentes todas as partes do universo.»[3] Exemplificando estas tres cathegorias do mesmo movimento, temos como equilibrios de toda a phenomenalidade da materia, ab-

---

[1] O padre Secchi accusado por um ouvinte das suas conferencias astronomicas de ser pantheista, foi defendido pelo theologo francez P. Frullet com a seguinte pergunta: «*Crêdes vós que Deus é um cavalheiro bem educado?*» Secchi commenta: «O illustre theologo, o padre Frullet talvez não fosse comprehendido, mas provou quanto a potencia divina differe bem dos emblemas que empregam os artistas para a representar.» *Unité des Forces,* p. 596, not.

[2] *Op. cit.,* p. 479. Unificando tambem os equivalentes thermico e chimico, que se avaliam separadamente.

[3] *Theorie de l'Elasticité,* P. 2. Ap. Secchi, *op. cit.* p. 547. — Kretz modifica as theorias dynamicas pela noção de um meio elastico

straindo dos equilibrios particulares de cada corpo, a *Repulsão* e a *Condensação,*[1] entre as quaes a materia oscilla. Do segundo movimento, conhece-se o estado de vibração do ether, tomando a fórma de correntes electricas, de projecções luminosas, de ondulações de som. Do terceiro movimento são-nos accessiveis as dilatações e differentes densidades dos corpos physicos, segundo as passagens para os estados gazoso, liquido e solido, conforme as pressões a que são submettidos.

A passagem de um para outro equilibrio não póde ser comprehendida sem a acção de um *par de forças,* que produz um terceiro equilibrio, ou estado de *tensão.* Este par de forças confundindo-se em um mesmo movimento origina a *rotação,* d'onde se deriva pela propulsão centrifuga o movimento de *translação.* É na *translação* que o problema da transmissibilidade do movimento começa, e pelas diversas condições em que essa transmissibilidade se effectua se explicam todos os diversos estados, fórmas ou equilibrios por onde se nos revela a materia. Todas estas variedades de movimento, *tensão, rotação* e *translação* são já secundarias e complicadas pela coexistencia de movimentos geraes anteriores, e pela dimensão do movel em que se exercem. Estes movimentos são communs tanto ás massas sideraes como ás simples aggregações atomicas; a orbita de um astro que leva milhares de annos a ser descripta não differe na fórma do movimento da orbita de um atomo percorrida em millessimos de instante, como o observa Gaudin.

Na Mechanica racional duas leis fundamentaes dirigem o movimento integral da Materia; a primeira, formulada por Newton, é a da *Acção egual á reacção,* principio abstracto que abrange as leis inductivas da equivalencia e reciprocidade das forças; a segunda, formulada por Galileo, é a lei da *Independencia e coexistencia dos movimentos,* que se verifica nos aggregados moleculares e sobretudo no difficil equilibrio dos corpos organicos. Pela primeira lei vêmos a *conservação* da energia como condição essencial da materia; pela segunda lei vêmos a *transformação* como consequencia do desequilibrio, desde que certos movimentos não possam coexistir. Dentro d'estes dois polos dynamicos oscilla a Materia em uma varie-

---

[1] Dalton exprimiu a mesma ideia: «Além da força de *Attracção,* que sob uma fórma ou sob outra pertence aos corpos ponderaveis, achamos uma outra força, que é tambem geral, ou activa sobre todas as materias conhecidas, é a força da *Repulsão.*» *Novo systema de Philosophia chimica.*

dade infinda de movimentos, que, apesar da sua incalculavel complicação podem ser reduzidos á lei geral do modo da sua *transmissibilidade.*

Os movimentos geraes e simples da materia modificam-se sobretudo conforme as condições em que são transmittidos; se a transmissão é completa, dão-se as *repulsões,* as *pressões* desaggregativas, os *choques* até se aproximarem do movimento *explosivo;* se a transmissão se faz parcial ou incompletamente, as pressões tomam a apparencia de *attracção,* como acontece com a *affinidade,* que se dá entre corpos dissimilhantes. D'estes phenomenos se devia deduzir a lei dos equilibrios diversos da materia; a intelligencia elevou-se gradualmente a esta descoberta, como vamos vêr historicamente.[1] A theoria da *incompleta transmissão do movimento entre corpos differentes* tinha de dominar e impôr um caracter deductivo ao estudo dos phenomenos da physica e da chimica, desde que Humphry Davy descobriu que: *as electricidades* similhantes *se repellem, e as electricidades* differentes *se attraem.* Este importante phenomeno, tão claro sob o ponto de vista experimental da mechanica, provocou as explicações as mais metaphysicas; a natureza das duas electricidades positiva e negativa explica-se como uma mesma materia diversamente impulsionada, como se póde vêr comprovado já pelo diverso impulso thermico ou pelo diverso impulso chimico: «Seebeck descobriu que barras metalicas homogeneas uma vez elevadas a *temperaturas differentes,* encostando-se umas ás outras se tornam galvanicas, e que uma simples barra metalica *diversamente aquecida nas suas duas extremidades,* mostra phenomenos de electricidade.»[2] Berzelius foi levado a formular a lei da theoria electrochimica sobre a mesma differença de transmissibilidade de impulso: «*Se se decompõe pela pilha um corpo binario, um dos seus elementos vae para o polo positivo,* (Acido) *e o outro vae para o polo negativo.* (Base)» Para a mais clara comprehensão do facto observado por Seebeck, temos a descoberta de Newton, ou lei do equilibrio de temperatura: «*Os abaixamentos de temperatura que soffre um corpo na unidade de tempo, variam proporcionalmente aos excessos de temperatura d'este corpo sobre a do meio ambiente.*» Por aqui se vê, que o movimento electrico na fórma de corrente resulta não só

---

[1] Em Aristoteles acha-se um primeiro esboço d'esta concepção expressa por uma fórma vaga: «A geração e a corrupção não têm logar senão entre contrarios.»

[2] Ap. Muller, *Man. de Physiologie,* t. I, p. 57. (Ed. fr. 1844).

de uma differença chimica, ou impulso de metaes heterogeneos communicado ao ether, mas tambem da differente temperatura, e por tanto o movimento repulsivo desegual produz no lado menos aquecido um equilibrio de integração, com fórma apparentemente attractiva, similhante ao equilibrio de liquidos em vasos communicantes. Priestley e Dutrochet tambem explicaram por esta lei mechanica da incompleta transmissibilidade *a mistura mais facil dos liquidos com maiores differenças de densidade*. Baudrimont demonstra, que os *equivalentes chimicos, segundo as suas differenças* assim modificam o estado gazoso, liquido ou solido, a fusibilidade, a volatilidade e fixidez, a transparencia ou opacidade, o brilho metalico, a conductibilidade do calor e da electricidade, a densidade e um grande numero de propriedades chimicas. Nas manifestações dos phenomenos da materia, á medida que as forças se complicam, os equilibrios são subordinados á lei de coexistencia; taes são as transmissões de impulso *electro-positivo* e *electro negativo, acidos* e *bazes, radiação calorifera* ou *frigorifera,* determinando transição no equilibrio, *desegualdade dos equivalentes,* na alternancia constitutiva dos corpos; accresce a esta complicação, a acção do meio ethereo ou atmospheras moleculares transmittindo diversamente os movimentos, de modo que estes equilibrios, embora da mesma natureza, produzem os mais variados phenomenos. Exemplifiquemos esta complicação de movimentos por um phenomeno organico.

O movimento da circulação do sangue, além das causas mechanicas do coração e das valvulas, tem tambem como agentes causas thermicas e chimicas coexistentes e independentes. Segundo as experiencias de Davy, confirmadas por Mayer, e comprovadas por Becquerel e Breschet pelo multiplicador thermo-electrico, o sangue arterial é mais quente do que o sangue venoso um gráo a gráo e meio Farheneit, como média.[1] Esta differença de temperatura estabelece a propagação do movimento, e produz um estado electrico, como se sabe hoje pelo principio de Seebeck; durante o somno o calor do sangue baixa gráo e meio (F) segundo Autenrich, o que em parte nos prova que o influxo nervoso é uma resultante electrica d'esta differença da temperatura dos dois sangues, por isso que esse influxo diminue com o abaixamento do estado de repouso. Sob o ponto de vista chimico, o san-

[1] Muller, *Man. de Physiologie,* t. 1, p. 73. (1844).

gue arterial é *alcalino* e o sangue venoso é *acido,* e isto estabelece ou coopéra para o movimento do sangue partindo dos dois centros pulmão e coração, d'onde são repellidos por similhança e como attrahidos por differença. A acidez e alcalinidade têm propriedades electricas diversas, uma é electropositiva e a outra negativa; estas propriedades coopéram com as differenças de temperatura dos dois sangues, e por ellas se produz o influxo nervoso, que é uma fonte de energia mais particular, por onde se nos revelam os phenomenos da *vida* e da *consciencia.*

As complicações do movimento resumem-se na seguinte lei da sua transmissibilidade: «*A força viva transmitte-se completa e subitamente entre corpos similhantes; e parcial e successivamente entre corpos differentes.*» A fórmula d'esta lei tão simples, e implicita nas descobertas que ennumerámos, pertence a Trémaux, que um dia será equiparado a Mayer pela profundidade das suas deducções, e pela desgraça a que ás vezes estão sujeitas as maiores intelligencias. Exemplifiquemos as fórmas do movimento segundo a differente transmissibilidade da força viva entre corpos differentes: estado *repulsivo* no ether, e *attractivo* em relação aos atomos simples, cuja velocidade de repulsão ou vibração diminue com a maior densidade; *repulsão* das electricidades do mesmo nome, e *attracção* das electricidades de nome contrario; radiação calorifera estabelecendo o equilibrio de temperatura; combinação ou *affinidade* entre acidos e bases, segundo a sua natureza electrica positiva e negativa; circulação de liquidos organicos segundo a differença de densidades, de acidez e alcalinidade, e de temperaturas diversas.

N'estes movimentos entre corpos differentes, e que os não transmittem totalmente, a parte não transmittida é a *reflexão,* a qual tambem se confunde com uma força *attractiva;* assim as forças thermicas, electricas e chimicas são directamente *repulsivas,* e na sua incompleta transmissão reflexamente *aggregativas;* é d'esta ultima condição que provêm as densidades, as affinidades chimicas e o equilibrio organico, apesar de predominarem no universo as forças repulsivas.

Na passagem de um para outro equilibrio, o movimento faz-se, segundo a lei attribuida a Maupertuis, sempre no *sentido da menor resistencia.* Observa-se esta condição mais claramente nos liquidos, e portanto é ella que predomina no movimento organico, que começa pela endosmóse. O principio da *menor resistencia,* explica a *transformação* e a *adaptação* da fórma organica, emquanto procura essa condição essencial

do seu equilibrio instavel; porém uma vez achada essa via, estabelecido esse alveo, é impossivel abandonal o, e por isso persiste o *typo da especie,*[1] e apparece uma nova força, puramente organica, a orientação especial da *hereditariedade,* sem a qual nenhum progresso physiologico, psychologico e sociologico póde ser comprehendido. Sem a *hereditariedade* tornam-se mysterios o movimento evolutivo do germen, o movimento voluntario pelo estimulo da sensação nas cellulas encephalicas, o movimento progressivo das sociedades dominando as condições fataes do meio cosmico, d'onde provieram todas as energias. Nos sêres vivos o movimento organico opera-se ainda entre dois equilibrios, a *assimilação* e a *desassimilação;* nos sêres racionaes as relações com o mundo exterior fazem-se por oscillação, ou marcha centripeta da impressão e reacção motriz centrifuga, ou vontade; a *dôr* e o *prazer,* ou a necessidade e a satisfação, são os dois equilibrios dentro dos quaes oscilla o movimento consciente de determinação.

A necessidade da moderna synthese objectiva dynamica manifesta-se em alguns espiritos, e já existe o termo destinado a exprimir o conjuncto da phenomenalidade do universo sob a lei do movimento; tal é o valor da palavra *Monistica;* poder-se-hia usar o vócabulo que segundo Comte exprime a concepção philosophica do movimento, ou *Phoronomia.* Mas seja qual fôr a designação para o facto da reorganisação da intelligencia e da consciencia moderna, é certo que a synthese dynamica está destinada a exercer uma profunda alteração na marcha das Sciencias, tornando-as *deductivas* em vez de serem estreitamente *descriptivas,* como ellas ainda se acham no ensino publico;[2] e na Philosophia, libertando-a do anthropomorphismo, dar-lhe-ha a plena impersonalidade, e por isso ella virá a estender a sua acção disciplinadora do individuo

---

[1] D'este modo o *transformismo* deixa de ser uma hypothese individual, tornando-se uma base racional da Biologia; as provas materiaes nunca poderão ser directas, mas cessa a inconciliavel antinomia entre a *variação* e a *immutabilidade* da especie. Fechner explica a perfectibilidade organica como uma condição da estabilidade da natureza.

[2] Lange aponta a Chimica como entrando em um periodo *deductivo* iniciado pelas descobertas de Kolbe, e proclamado por Lothario Meyer: «a Chimica, pelas suas concepções hoje dominantes, está pela primeira vez posta em condições de predizer a existencia de corpos que ainda não foram procurados segundo os principios da theoria, e por consequencia, de proceder deductivamente até um certo gráo.» *Hist. du Materialisme,* t. II, p. 212. A *lei periodica* de Mendélejeff veiu avançar esta situação da Chimica.

para a sociedade, fazendo que nenhuma energia se desperdice, como nas épocas da ficção theologica, e das entidades metaphysicas. *Sciencia* e *Philosophia* serão os dois polos entre os quaes oscillará todo o movimento superior da intellectualidade, na intima relação dos dados objectivos com a subjectividade.

Esboçaremos aqui, ainda que prematuramente, a fórma *deductiva* com que devem ser reorganisadas as Sciencias, seguindo as manifestações das forças no sentido da sua equivalencia coexistente nos mais complicados equilibrios; em seguida esboçaremos os aphorismos da synthese philosophica.

Estudando as Sciencias as *forças,* como modos de movimento, e o *movimento,* como causa dos equilibrios por onde se nos revela a Materia, agrupal-as-hemos na sua successiva complicação:

I. *Das forças mechanicas:* 1.°—A *pressão* embaraça progressivamente a *affinidade* chimica. (Cailletet) 2.°—Quando se aproximam as moleculas de um corpo solido por *compressão,* predomina a força *repulsiva,* (Daguin): os fulminantes são por isso formados pelos corpos mais *densos.* (Cheneau) 3.° A *pulverisação* determina a maior solubilidade. (Pelouze, Changeux).

II. *Das forças thermicas:* 4.°—O abaixamento de temperatura reduz ao estado solido a quasi totalidade dos gazes. (Jamin) 5.°—O calor especifico de um corpo está na razão inversa do seu peso atomico ou equivalente chimico (Dulong e Petit); por esta lei a chimica converte-se em uma mechanica; pelo facto da invariabilidade e permanencia da força thermica, o calorimetro torna-se um meio de conhecimento da constituição dos corpos, como o foi a balança. 6.°—A *condensação* augmenta a *temperatura.*

III. *Das forças chimicas:* 7.°—O trabalho chimico da *affinidade* depende da força mechanica, (Vid. 1.° a 3.°) e da força thermica (4.° e 5.°). 8.°—As forças chimicas começam nas modificações de movimento pela *diversidade* dos agrupamentos ou systemas moleculares. 9.°—Os atomos de cada systema molecular têm o seu impulso inicial proprio; d'aqui os movimentos definidos de *orientação,* taes como affinidades, crystalomorphismo, clivagem, proporções definidas, equivalentes, isomerismo, etc. 10.°—As desegualdades de transmissão do movimento alternam-se em equilibrios de *acidos* e *bases,* ou compostos binarios staveis, e compostos quaternarios, ou equilibrios instaveis, ou organicos. 11.°—Além das modificações do movimento pelas differenças dos espaços interporicos, ou producção de electricidade, existe uma orientação me-

chanica, no sentido da *menor resistencia,* origem das forças rudimentares organicas. 12.°—N'estas condições a Materia revela-se como uma *resistencia sentida;* os compostos chimicos são sensiveis á acção mechanica (densidades, ascensão capillar, catalysis, imbebição); á acção thermica, (dilatação, dissociação molecular, contracção hygrometrica) á propria acção chimica (endosmóse, alteração da côr, estado nascente, corrente electrica); á acção electrica, (decomposição pela pilha); sensiveis á luz, (como o chloro, o colodium) e ao som, como na resonancia. Todos estes movimentos coopéram em uma nova fórma de movimento organico, ou *irritabilidade.*

IV. *Das forças electricas:* 13.° —Movimento electrico produzido por forças mechanicas (attritos, orientação magnetica, solenoides); por força thermica ou differenças de temperatura; por forças chimicas, (a pilha) operando no rompimento do equilibrio do ether.

V. *Das forças organicas:* 14.°—Cooperação das forças mechanicas, segundo a menor resistencia. (James Hinton) 15.° —Cooperação thermica, (temperatura animal egual á somma dos calores especificos dos elementos chimicos componentes). 16.°—Cooperação das forças chimicas (na combustão do protoplasma, na respiração, digestão, etc.) 17.°—Cooperação electrica,(na irritabilidade muscular, e conductibilidade nervica com influxo intermittente.) 18.° — Movimento adquirido, tal como a hereditariedade, modificada pela acção do meio, automatismos e actos reflexos ou conscientes.

São estes os exemplos mais simples e accessiveis d'estas differentes modificações do movimanto, ou forças; as varias sciencias que as estudam chegaram á conclusão inductiva da sua reciprocidade, e da conservação do movimento. É preciso estudal-as nos equilibrios particulares e transitorios (corpos) por meio dos quaes a Materia oscilla no eterno vae-vem da Condensação para a Repulsão; assim se formarão outras tantas sciencias ou capitulos de sciencia sob as divisões de *mechanica sideral, mechanica molecular, mechanica atomica, mechanica cellular, mechanica sensorial* e *mechanica social.*

A Philosophia alargando o campo das hypotheses positivas sobre a base de que—*o inverificavel não é incogniscivel*—póde deduzir das forças que nos são accessiveis os movimentos geraes da Materia. Os equilibrios existentes são gráos transitorios e fortuitos d'esses movimentos, que se operam sem que as fórmas de nebuloses, de massas sideraes, de corpos chimicos, ou de sêres vivos sejam uma condição essencial da passagem entre a Repulsão e a Condensação. Obtido este

conhecimento abstracto, importa submettel-o ao processo philosophico das deducções que interessam directamente o homem, taes como a disciplina mental pelo criterio da relatividade, e a eliminação das noções subjectivas de creação e de fim.

Eis alguns postulados como esboço da synthese dynamica, a que nos conduzem as leis chimicas de Dalton, de Gay-Lussac, de Avogrado, de Dulong e Petit, de Mitscherlich, de Mendelejeff, de accordo com as leis thermo-dynamicas e da mechanica racional:

A *Materia* não é infinita na condição do espaço, por isso que a *fórma* é o modo da sua existencia; a fórma é a funcção dos seus diversos estados, e por ella se modifica a constituição em *corpos*. Na condição de numero, a Materia está subordinada á fórma.

A limitação da Materia leva á concepção de um *Meio,* em que é contida; a importancia d'esse *Meio* ambiente, como actuando sobre as modalidades da Materia, é tanto mais essencial, quanto maior fôr a sua grandeza ou incommensurabilidade.[1]

Materia e *Meio* exercem-se acções mutuas; estas acções, ou movimentos modificados por um ou por outro agente, conhecem-se como estados de equilibrios extremos, ou fórmas da materia oscillando entre os dois equilibrios extremos — Repulsões e Condensações.

Considerado o Meio como incommensuravel, homogeneo e isotropo, os movimentos da Materia, pela egual transmissão dos impulsos, são reduzidos á identidade de *repulsões;* n'estas condições existe uma repulsão integral da Materia que a leva á sua ultima tenuidade.— Considerado o *Meio* apenas como limite que circumscreve a Materia, e portanto tambem modificado segundo a relação de densidades da mesma Materia, o Meio influe sobre a diversa transmissibilidade dos movimentos, já como Ether, como Photosphera, como Atmosphera ou como Plasma, desenvolvendo-se assim as forças indirectamente aggregativas (consequencia da deformação elastica, segundo Kretz) ou de progressiva *condensação.*

---

[1] Esta ideia foi apresentada por Kretz no seu opusculo *Materia e Ether,* como base de uma modificação das theorias dynamicas, chamando ao que Hirn designa *elemento dynamico* o *Meio ambiente:* «todas as questões do movimento da Materia são reduzidas ao estudo das deformações elasticas do Meio, em condições definidas, e todos os resultados devem exprimir-se em funcções dos dados especiaes a cada caso, e das constantes que determinam a constituição do meio elastico.» (*Op. cit.* p. 41.)

Antes de considerar qualquer dos extremos da oscillação da Materia, convêm partir da sua fórma mais simples, como movel em que se exerce ou que descreve o Movimento. A Materia reduzida á ultima desaggregação, isto é, anterior á constituição atomica, distingue-se de toda e qualquer fórma pela absoluta egualdade de massa. N'este sentido a Materia é *imponderavel,* porque sendo o peso resultante das maiores ou menores pressões da massa, dissociada a Materia até á identidade de volume, as pressões não têm termo de comparação para serem conhecidas, como acontece na electricidade. Póde-se comprehender a Materia n'este estado por um artificio geometrico, representando a como espheras eguaes, que se chocam transmittindo entre si egual e completamente o seu impulso. Tal é o movimento de Vibração, que se propaga entre dois equilibrios (Repulsão e Condensação) e por isso uma parte da Materia permanece em constante vibração, actuando como pressão *(Ether)* no sentido de attingir qualquer d'esses equilibrios; outra parte, segundo as condições de espaço, transforma a vibração em translações, que se propagam em rotações, constituindo-se assim em systemas alternantes diversos, ou *Atomos simples,* centros de energia repulsiva, com capacidades caloriferas differentes, e differentes equivalencias de ponderabilidade. Os atomos simples estabelecem-se em equilibrios de *pares de forças,* cuja tensão ou força viva produz as *moleculas integrantes.*

Se o Meio fosse unicamente vacuo absoluto, a Materia permaneceria em estado de Repulsão; como espaço modificado pela dissociação, (meio ethereo) transmitte desigualmente as pressões repulsivas, e formam-se os grupos de atomos ou *Moleculas elementares,* a que geralmente se chama *Corpos simples,* centros de condensação da Materia.

Uma vez differenciada a Materia pela desegualdade de *volume,* que transmitte incompletamente os choques ou as pressões, manifestam-se as forças aggregativas dos corpos simples ou *affinidades,* e constituem-se as *moleculas heterogeneas* ou chimicas, com diversos calores especificos e latentes e suas propriedades caracteristicas. Aqui o Ether é como a atmosphera em que se equilibra cada atomo.

O Ether contido nos espaços interporicos ou ethereo-esphera, é tambem modificado nos seus movimentos pela diversidade d'esses agrupamentos das *moleculas heterogeneas;* assim quando o movimento do Ether segue a direcção longitudinal, produzem-se os phenomenos da electricidade; seguindo a direcção transversal, produzem-se os phenomenos da luz, se

é de radiação em todos os sentidos, manifesta se o calor e a propagação do som. É por estes movimentos internos do Ether, que as forças physicas se equivalem sem perda de energia, dando logar a toda a diversidade de equilibrios, que são a variedade dos phenomenos da Materia.

Constituida a Materia em uma primeira dissimilhança, ou *Moleculas elementares,* começa por incompleta transmissão do movimento repulsivo a condensação em Moleculas, em Materia cosmica, obedecendo ás repulsões, como nos phenomenos cometarios; actuando já a ponderabilidade proveniente da desegualdade de volume, produz-se o movimento turbilhonar de *rotação,* que se propaga de molecula a molecula por *translação.* É assim que se constituem os nucleos solares, pela queda das moleculas da Nebulose em um centro de rotação, cujo movimento acceleram produzindo o calor de irradiação, a luz, a ignição, e a projecção de planetas a uma distancia que é a funcção da força repulsiva da Nebulose primordial. Estas diversas massas de Materia equilibram se mutuamente em systema, actuando o espaço interestellar como pressão contra as repulsões thermicas dos centros solares, produzindo se a resultante que determina as translações planetarias.

A massa modificando os movimentos no sentido de pressões, determina gráos successivos de condensação da Materia, ou equilibrios moleculares, como nos estados gazoso, liquido e solido; ou fazendo tambem que os menores espaços intermoleculares se tornem menos densos, e por isso modifiquem esse equilibrio. Esta variação do Meio ambiente influe nas densidades dos corpos, suas propriedades thermicas, electricas, acusticas, luminosas, forças indirectas de condensação da Materia, como se vê pelas combinações chimicas.

A uma maior condensação da Materia corresponde uma mais variada transmissibilidade do movimento; por isso nas combinações chimicas ha simultaneamente repulsões e affinidades, e sobretudo os corpos organicos são caracterisados por um equilibrio altamente instavel. Os sêres organicos ou vivos são um dos estados de maior condensação da Materia, como se observa no germen, que contem a tensão e orientação dos impulsos que formam a especie inteira; movimentos variados, a ponto de apparentemente se separarem das leis mechanicas, como os que se propagam na fórma de instinctos, de vontade individual e de razão. A instabilidade de fórma ou equilibrio organico é inherente á vida, modificada por um novo factor, o tempo.

Na synthese dynamica não ha solução de continuidade entre

os movimentos da materia physica e os da materia organica na sua condensação nervosa ou racional; ambos derivam da energia que o tempo vae pondo em acção; a sexualidade é uma phase physiologica, em que as sensações recebem o seu maior relêvo e as noções se relacionam mais profundamente; como consequencia social da sexualidade, o amor torna-se um fóco de energia psychica de vontade no agrupamento da familia, continuando-se historicamente na linguagem, primeiro agente de actividade mental, na Arte, na Industria, e emfim nas diversas forças da civilisação. Assim como nas varias condensações da Materia, como vemos nas moleculas integrantes, existe uma certa orientação de força adquirida, assim tambem na condensação organica existe o predominio da hereditariedade, e por isso complicação do movimento pela acção mesologica e pelo tempo. As cellulas cerebraes têm tambem uma dada orientação que determina o modo especial da sua energia ou capacidades.

A materia attingirá successivamente maiores gráos de *condensação,* até ao ponto do seu trabalho interno, pela maior contiguidade das moleculas, se identificar em um mesmo movimento; então será outra vez lançada pela *repulsão* no extremo opposto, seguindo de equilibrio em equilibrio esta oscillação infinita.

D'esta marcha dos phenomenos do universo deduzem-se duas conclusões fundamentaes; a primeira é comprovada por todas as Sciencias inductivas. Tal é a *integralidade do Movimento,* revelado pela *equivalencia e reciprocidade das forças.* A segunda conclusão é deduzida philosophicamente das inducções anteriores: Por isso que a Materia se nos revela por forças que se *transformam* e se *conservam,* hade o *conhecimento racional* ser *limitado pela concepção relativa da Materia pelo Movimento e vice-versa,* e por tanto devem ser excluidas como de um subjectivismo erroneo as ideias de principio ou creação e de fim ou destruição, bases de toda a theologia, e da teleologia ou finalidade metaphysica. Tudo conduz para o estabelecimento d'esta doutrina commum a todas as Sciencias fundamentaes; é ella a base da *Synthese subjectiva,* destinada pela sua indole relativa a harmonisar todas as energias sociologicas.

CAPITULO VI

DAS PREVISÕES SOCIOLOGICAS

As noções scientificas completadas em uma synthese objectiva, levam á formação de novas concepções ácerca da Sociedade. — A unanimidade de Doutrina estabelece a distincção entre os factos negativos provenientes da dissolução da *Theocracia*, e os factos positivos tendendo á construcção da *Sociocracia*. — A fórmula de Vico: *A Humanidade é obra de si mesmo*, é a expressão synthetica do regimen normal das sociedades, presentido por Kant, Condorcet, Chateaubriand, Lange e Draper. — Da unanimidade de Doutrina deriva uma *Pedagogia* como disciplina individual, e uma *Politica* como reacção do conjuncto social incorporando em concurso simultaneo as capacidades individuaes. — Ideia geral da Educação positiva. — Fundação de um espirito relativo em Politica: Como dos antecedentes sociaes se estabelecem as condições para as previsões da Sociologia. — Enumeração das previsões immediatas, objecto do destino pratico da acção politica.

Percorrendo o circulo das transformações da Materia, nos seus equilibrios secundarios por meio dos quaes oscilla entre a Repulsão e a Condensação, chega-se por fim a uma concepção geral do universo destinada a influir nas concepções mentaes, quer nas opiniões dos individuos quer na organisação das sociedades humanas. As concepções formadas de um modo syncretico dirigiram as sociedades theocraticas, e da actividade mental unicamente sugerida pela espontaneidade subjectiva disse Heraclito: «O espirito humano não póde chegar a conhecimento algum com o auxilio exclusivo dos seus unicos recursos interiores.» As observações successivas que foram conduzindo para o methodo experimental, accumularam-se sem plano em uma variedade incoherente; era impossivel a concepção, expressa pela primeira vez por Leibnitz, da *unidade na variedade*, por que ainda não estava completa a serie dos

elementos objectivos do conhecimento. A sua mutua subordinação tornava-se irrealisavel, porque a distincção entre phenomenos materiaes e phenomenos moraes quebrava a continuidade de uma lei universal; assim os phenomenos cosmicos entraram muito cedo no regimen da observação, e os phenomenos moraes e sociaes ficaram sob o dominio exclusivo da phantasia, como se evidenceia pela designação de *physica* a que se contrapoz a *metaphysica*. Para que se acabasse com esta solução de continuidade foi preciso o longo percurso de actividade scientifica que chegou a estabelecer as duas grandes divisões geraes da Materia, ou essas duas ordens de equilibrios, o *estavel*, dos corpos brutos, e o *instavel* comprehendendo os corpos organicos. Assim se descobriu que as leis que regem os corpos brutos não são contradictadas na evolução dos corpos organisados, a ponto de se não poder estabelecer uma distincção clara entre o elemento chimico e o radical organico, entre o mineral e o primeiro rudimento vegetal, entre o movimento e sensibilidade do vegetal e o organismo vivo, entre as sensações inconscientes e actos automaticos com as manifestações complexas da racionalidade. Aquelles mesmos observadores e experimentalistas que foram simplificando a complexidade das leis naturaes, sentiram a necessidade da sua unificação em uma nova synthese subjectiva, em condições differentes d'aquella que Heraclito repellia; Humboldt, no seu esboço de synthese objectiva a que chamou *Cosmos*, chega á conclusão fundamental: «o termo para o qual as Sciencias devem tender é a descoberta das leis, do principio de unidade que se revela na vida universal da natureza.»[1] A marcha do desenvolvimento das sciencias inductivas consiste em trazernos através dos differentes equilibrios da materia e da variedade de manifestação, á concepção philosophica da sua unidade: pela variedade das transmissões do movimento se descobre a unidade das forças *(Astronomia* e *Physica)*; pela variedade das affinidades, a unidade dos equivalentes *(Chimica)*; pela variedade morphologica a unidade protoplasmica *(Biologia)*; pela variedade das aptidões individuaes a concepção juridica e a realisação historica da egualdade social *(Sociologia)*. Esta concepção da universalidade de uma lei natural commum aos phenomenos cosmologicos e moraes, conduziu alguns espiritos superiores a procurarem a sua immutabilidade nas manifestações historicas das sociedades humanas; Bossuet,

[1] *Cosmos*, t. I, p. 43.

sob o seu ponto de vista theologico, e Kant por uma abstracção metaphysica, tiveram a intuição de que a corrente social no seu conjuncto e em um grande numero de instituições estava fóra do arbitrio da intervenção do homem; Augusto Comte destaca-se d'entre todos os espiritos especulativos, por ter achado o meio de restabelecer essa continuidade das leis cosmicas nos factos sociaes, completando a synthese objectiva pela fundação da *Sociologia* como uma physica social.

As novas ideias scientificas levam o homem a formar uma concepção positiva do universo, e consequentemente a possuir uma consciencia mais clara do seu logar na natureza; se as noções theologicas, geocentrica e anthropocentrica, fizeram do homem um anjo cahido, subsistindo pela misericordia divina, as noções positivas da situação do nosso planeta, e da subalternidade do nosso organismo ás leis biologicas, levam-nos ao conhecimento da solidariedade com que temos vencido pelos progressos scientificos a maior parte d'essas fatalidades. A historia d'esta elevação contida em todo o passado humano resume-se n'essa sublime phrase de Vico: *A humanidade é obra de si mesmo.* O homem no seu periodo de inconsciencia submetteu-se ao regimen sacerdotal da *Theocracia,* ou da lei em nome da vontade de Deus; no seu desenvolvimento successivo, as sociedades em vez de procurarem nas entidades ficticias a base da sua organisação, foram estabelecendo-a no conhecimento do seu meio e de si mesmo; a dissolução da hierarchia sacerdotal, fez-se por uma agitação negativa de seculos, e pela substituição de organisações provisorias, como a da aristocracia militar, feudal e monarchica, como a da intervenção do suffragio na fórma democratica, e toda esta agitação tem sido servida por uma Arte ideal, por uma sciencia experimental e por uma metaphysica criticista. Qual será o termo d'esta agitação negativa? O conhecimento da solidariedade humana, dando convergencia aos esforços da collectividade, longo tempo perdidos em luctas dynasticas; e o accordo final entre as noções objectivas e subjectivas, nas intelligencias individuaes, esterilisadas por falta de disciplina, eis esse estado normal que tende a organisar-se sob a fórma de *Sociocracia.*

É esta a primeira previsão fundamental da sciencia sociologica; Kant entreviu-a: «um commum sentimento começa a penetrar em todos os membros (refere-se ás arbitragens resolvendo os conflictos dos estados) em que cada um se interessa na conservação do todo; e isto leva a esperar que depois de muitas considerações, se estabelecerá uma *associação politica da hu-*

manidade, que será o seio em que se desenvolverão todas as disposições primordiaes da especie humana.» Condorcet não foi menos explicito n'esta previsão: «Tudo nos diz, que chegamos á época de uma das maiores revoluções da especie humana.» A fórma d'esta revolução foi definida por Comte, que demonstrou como as verdades scientificas eliminam as ficções theologicas, preponderando a unanimidade sobre a credulidade. É por isso que a transição para o regimen normal da Humanidade se opéra sem ruinas; Lange reconheceu esta reorganisação impassivel: «A época em que nós vivemos está na espectativa de uma reforma completa e grandiosa de todas as concepções e de todas as relações, reforma que por ventura se effectua silenciosamente e serenamente.»[1] A creação da *Pedagogia,* como sciencia da Educação, corresponde a esta necessidade de universalisar as novas concepções ligadas á cultura e destino do desenvolvimento intellectual; a necessidade da reorganisação da *Politica* como uma sciencia applicada ás relações do conjuncto social deriva das novas relações em que o homem se acha para com a terra, para com a raça, para com os antecedentes historicos que determinam o seu arbitrio. Leibnitz presentia a acção transformadora das noções mentaes em um povo, quando tomava a Educação como o instrumento d'esse processo. E de facto, antes da realisação de um plano de ensino geral na Europa, a cultura individual tem unificado intellectualmente a sociedade européa; diz Draper, accentuando este phenomeno: «As invenções das Artes tendem sem cessar a egualar por toda a parte as condições climatologicas e metereologicas, e esta egualisação tem por effeito não sómente nivelar os costumes, mas tambem apagar as divergencias que tambem apresenta a propria constituição physiologica. O resultado geral d'estas invenções é de identificar as influencias ás quaes está exposta a raça humana. O homem aproxima-se assim de mais em mais e por toda a parte de um typo medio, e esta progressão para uma conformação commum, é essencial notal-o, traz necessariamente uma progressão semelhante para a communidade dos sentimentos, dos costumes e da maneira de pensar.»[2] Estas consequencias só se podem entender com referencia ao ensino scientifico; quando a Europa conheceu apenas o ensino *religioso* das Collegiadas, a aristocracia fazia orgulhoso alarde da sua ignorancia; quando as Universidades iniciaram o ensino *humanista,* ou secular,

---

1 *Hist. du Materialisme,* t. II, p. 131.
2 *Hist. du développement intellectuel de l'Europe,* t. I, p. 45.

destacou-se a classe media dos jurisconsultos, que fundaram a independencia de esphera civil; os Jesuitas conseguiram confundir estas duas fórmas de ensino nos seus Collegios, e dirigindo durante tres seculos o ensino na Europa não lograram estabelecer uma unanimidade mental, saindo das suas classes espiritos em revolta, como Voltaire, d'Alembert e Diderot. Só depois que a Convenção franceza generalisou o ensino *scientifico* na fórma polytechnica, e em menos de um seculo, é que se produziu a tendencia para essa conformação tão bem definida por Draper. Falta ainda entrar no periodo da Pedagogia em que as sciencias sejam ensinadas segundo a sua generalidade decrescente e complicação crescente, graduando a analyse e a synthese segundo o seu destino de abstracção ou de applicação.[1] As modernas descobertas psychologicas revelando-nos as phases do nosso desenvolvimento cerebral dão ao methodo pedagogico uma segurança de resultados, um como *Faciamus hominem* do novo genesis. Diz Comte: «Effectivamente a theoria sociologica põe immediatamente em principio, sobre este assumpto, que *a educação do individuo deve essencialmente reproduzir a da especie,* ao menos em cada uma das grandes phases successivas, segundo a

[1] Apresentamos em schema o esboço d'esse encadeamento dogmatico:

CLASSIFICAÇÃO DAS SCIENCIAS

A. SCIENCIAS GERAES DE ESPECIALISAÇÃO CRESCENTE:

Graos successivos da *Synthese objectiva*	I. *Sciencias abstractas, tendendo para a* deducção:	II. *Sciencias concretas constituidas pela* inducção:
	1. *Phoronomia,* sciencia dos Movimentos que explicam os equilibrios da Materia.	Mathematica Geometria Mechanica
	2. *Cosmologia,* sciencia dos equilibrios da Materia, segundo os aggregados sideraes, moleculares e atomicos.	Astronomia Physica Chimica
	3. *Biologia,* sciencia dos equilibrios instaveis dos organismos vivos.	Histologia Physiologia Hygiene Psychologia
	4. *Sociologia,* sciencia da coordenação das collectividades humanas.	Esthetica Moral Economia Politica

B. PHILOSOPHIA, OU PROCESSO DEDUCTIVO DE UNIFICAÇÃO:

5. *Diacosmologia,* ou *Synthese subjectiva* formada sobre as conclusões fundamentaes e verificaveis das Sciencias.

evidente similitude de origem, de natureza e de desegualdade de rapidez.»[1] Quer biologicamente, quer socialmente essa successão acha-se bem definida. Ha uma phase organica de um aos sete annos, em que termina a primeira dentição, e á qual deve corresponder um ensino de *imitação* espontanea e automatica, e coordenação de elementos objectivos; ha uma segunda phase dos sete aos quatorze annos, que comprehende a segunda dentição até á puberdade, e á qual deve corresponder o ensino *intuitivo* pelo estabelecimento de noções geraes e pela sugestão esthetica; ha a terceira phase dos quatorze aos vinte e um annos, da puberdade á adolescencia, em que prepondera o ensino das noções dogmaticas, com o desenvolvimento da associação de ideias, da *abstracção,* e da sociabilidade fóra do lar domestico, por onde se entra no conhecimento da vida publica. É n'esta nova situação que se estabelece o predominio da capacidade quer para a vida especulativa ou theorica, quer para a vida pratica, pelas duas fórmas finaes da Sciencia, a geral e a applicada ou concreta, vindo por seu turno a constituirem os dois novos Poderes espiritual e temporal. No desenvolvimento historico da mentalidade humana, tambem vemos as noções transmittidas pela *auctoridade,* o *magester dixit* dos scholasticos, cuja tradição prevaleceu no ensino dos Jesuitas; seguiu-se a liberdade critica, ou o *autodidactismo,* sustentado por João Jacques Rousseau, Pestalozzi e Froebel, e pelos que entram nas questões pedagogicas sem uma doutrina ou habitos philosophicos; finalmente Comte definiu o que ha de dogmatico nas sciencias que está fóra do arbitrio individual, conciliando assim a *auctoridade* com o *autodidactismo,* e estabelecendo uma *elementaridade* das sciencias accessivel a todas as classes e a todas as edades, base da universalidade e do destino encyclopedico do ensino. Visando a todas as partes do nosso sêr physiologico, o ensino dirige a relacionação das ideias ou *Instrucção,* a subordinação dos sentimentos ou *Educação,* e a coordenação dos movimentos ou *Adestração* technica; d'esta fórma a organisação pedagogica será a consequencia de todos os progressos, disciplinando para um fim social, e não unicamente individual como acontece hoje, todas as capacidades intellectuaes, moraes e economicas, cujo concurso constitue a Civilisação.

Vejamos as novas relações da Politica, impostas pelo conhecimento das leis immutaveis e eliminação das noções absolutas.

---

[1] *Cours de Philosophie positive,* t. VI, p. 596.

Quanto mais atrazada estava a humanidade mais se acreditava no poder do homem sobre os phenomenos da natureza; no fetichismo primitivo o homem sabia as fórmulas para esconjurar as chuvas, o frio, o vento. as pestes, e mesmo para destruir as cearas, ou evocar os mortos; na Biblia falla-se do poder de Josué fazendo pela acção da sua vontade parar o sol no espaço para continuar uma batalha. Por esta illusão primitiva fez-se preponderante essa concepção fundamental anthropocentrica, em que tudo no universo fôra creado não só para o goso do homem, como ficára submettido á sua vontade caprichosa. As noções experimentaes, scientificas e positivas foram-nos destruindo continuamente esta prolongada illusão sobre que se basearam as theocracias; e á medida que o homem substituia o predominio da imaginação pela razão, das visualidades subjectivas pelas realidades objectivas, sentiu-se decahido da sua importancia ficticia, e foi descobrindo que todos os phenomenos do universo estavam submettidos a leis eternas, immutaveis, ás quaes a sua propria vontade tambem obedecia inconscientemente.

A marcha e a historia da humanidade consistem n'esta continua desillusão; o homem resignou-se á sua posição subalterna, e ao perder a miragem ultima do livre arbitrio, trata de conhecer essas leis cosmologicas e procura reproduzil-as como forças de que se apropria pela sua industria.

Ninguem hoje se envergonha de reconhecer a sua impotencia no meio da phenomenalidade universal, e é por isso que esses poderes sobrenaturaes dos magicos, dos videntes, dos sacerdotes, das pessoas de virtude, estão substituidos pelo conhecimento das leis mechanicas, physicas e chimicas, que eliminaram a crença nos milagres, deixando em seu logar as demonstrações unanimes.

Esta longa evolução mental estende-se por fim aos phenomenos sociaes. O homem imaginou no seu orgulho pessoal, que os destinos da sociedade dependiam da acção da sua vontade privilegiada; d'aqui vieram esses sêres monstruosos chamados reis ou sátrapas, pharaós, imperadores ou czares, que dispuzeram das energias sociaes, na vergonhosa illusão de que a ordem, a segurança, a riqueza, a justiça publicas dependiam dos impetos irresponsaveis da sua vontade.

No meio das pompas exteriores da sua grandeza, essas personalidades regias revelam-se na mais absoluta impotencia, a não ser na perturbação; nunca nenhuma personalidade, por mais despotica, pôde decretar uma lingua, fundar uma religião, crear uma arte, organisar uma sciencia, fomentar uma

industria, e perante a critica moderna, os estadistas ainda os mais celebres nunca passaram de entidades estereis, quando não desorganisadoras. Esta vergonhosa illusão tomou na politica o nome de *poder pessoal,* a cujo sentido anda ligado o espirito de retrocesso, como primeiro symptoma da sua condemnação.

O principio da hereditariedade das funcções da soberania é simplesmente o milagre no campo da politica; o privilegio dynastico, que é senão esse milagre personificado em uma determinada familia? a sancção regia para as leis terem vigor, que é senão a preponderancia irrisoria do arbitrio de uma personalidade somnambula senão corruptora sobre a marcha complexa dos phenomenos que constituem a actividade de uma nação? Assim como a illusão anthropocentrica caiu pelo desenvolvimento do criterio scientifico, assim o preconceito monarchico, a que anda ligada o absurdo mais ou menos mascarado do poder pessoal, hade cair, ao passo que os phenomenos politicos se forem coordenando n'essa sciencia emancipadora da Sociologia.

A evolução da sociedade moderna consiste em ir substituindo o poder de um homem pelo poder impessoal da lei; não é outra cousa a Democracia, e é esse o espirito da fórma da republica, em que o interesse geral não está sacrificado ás vantagens de um individuo. Chateaubriand, apesar de catholico e monarchico, isto é, partidario do poder pessoal, do milagre e do privilegio dynastico, formulou a tendencia politica do seculo XIX sob estas caracteristicas: «A Europa corre para a democracia. Os symptomas da transformação social abundam. Debalde tenta reconstituir-se um partido para o governo absoluto de um só; os principios elementares d'este governo não se acham. Os homens mudaram simultaneamente com os principios... A antiga sociedade pereceu com a politica d'onde saiu. Em Roma, Cesar substituiu o governo da lei pelo governo de um homem: passou-se da republica para o imperio. A revolução resume-se hoje em sentido contrario: a *lei* desthrona o *homem;* passa-se da realeza para a republica. A éra dos povos é chegada.»

Os factos comprovaram a previsão politica de Chateaubriand; a liga do poder pessoal da Santa Alliança, para embaraçar o progresso social da Europa, dissolveu-se na impotencia; hoje os imperadores da Russia, Allemanha e Austria, debalde procuram fazer outra liga para salvarem o seu despotismo agonisante. Quem poderá impôr-se a esta corrente, que é uma consequencia de evolução historica? A crença no

poder pessoal acabou com a grande somma de reis desthronados que foram dissolver em orgias no exilio o resto do perstigio da sua casta. Os espiritos superiores procuram remodelar as instituições politicas de modo que o poder do arbitrio seja substituido pela magestade da lei formada pelo accordo da vontade de todos.

Todo o progresso nas instituições sociaes e politicas, como se deduz da evolução historica da humanidade, tem consistido em eliminar as noções absolutas, que serviram de base ás antigas civilisações empiricas. e tomar como motivo dos actos collectivos a razão de dependencia das duas grandes relações de *espaço* e *tempo,* isto é, do *meio* e da *época* em que cada sociedade se encontra. Assim como a verdade na sciencia depende da consideração do maior numero de relações do phenomeno sobre que se estabelece a deducção final; assim como a justiça depende da consideração da maior somma de circumstancias a que está ligado o acto responsavel, ao qual se hade applicar a equidade; da mesma fórma em Politica todas as luctas e discussões especulativas tem visado á fundação de um criterio de relativismo como meio de attingir, sem conflictos, a mutua subordinação do individuo e do estado. O valor da noção absoluta da origem da auctoridade derivada de Deus, *(Omnis potestas a Deo)* hade apreciar-se nas suas inauditas monstruosidades nas sociedades atrophiadas pelos governos theocraticos; as monarchias, como representantes do primitivo regimen militar, que supplantou as theocracias, herdaram tambem essa mesma noção absoluta da auctoridade, *(Per me reges regnant)* e declarando a sua soberania de direito divino, exerceram a regressão do canibalismo nas guerras de invasão, de conquista e de ambições dynasticas, explorando os povos como um rebanho inconsciente, sacrificando-os ao grado dos arbitrios desvairados do despotismo, do absolutismo e do cesarismo.

A noção do relativo só muito tarde dirigiu o cerebro humano, subordinando-o á observação dos factos concretos, e é por isso que a evolução scientifica da Grecia só pôde ser continuada ao fim de tantos seculos de apathia mental e desvairamento dialectico na éra nova da Renascença.

A emancipação das noções absolutas da theologia só podia dar-se pelo encontro de muitas religiões, que, invadindo-se mutuamente, produzissem um estado de descrença capaz de pôr em discussão os principios abstractos da religião. Uma vez attingido este estado mental começou a dissolução metaphysica, cuja incoherencia theorica e contradicções hypotheti-

cas, levaram a razão humana a procurar o seu apoio na observação concreta dos factos positivos. A mesma evolução mental se deu em Politica, porém com maior difficuldade, por isso que os que exerciam o exame especulativo estiveram sempre affastados da acção temporal. É admiravel a intuição como os grandes espiritos da antiguidade e ainda dos tempos modernos deram por base á critica das instituições sociaes e politicas do seu tempo o ponto de vista relativo da comparação. No meio da dissolução da sociedade imperial romana, Tacito, reagindo contra os sophismas da metaphysica politica dos jurisconsultos, toma como termo de comparação e como thema de protesto a simplicidade social dos povos germanicos, no seu extraordinario livro — *De Germania*. Mal sabia o grande historiador que essa raça conservava os typos sociaes primitivos, communs a todas as nacionalidades provenientes do tronco árico, e que é pelo restabelecimento das relações entre a sociedade moderna e esses typos primitivos que a liberdade se tornará um resultado consciente da civilisação. No meio do despotismo dos invasores allemães e francezes que subjugaram a Italia, Macchiavelli reage contra a decadencia da sua patria applicando o processo comparativo no estudo das instituições romanas no seu profundissimo *Discurso sobre Tito Livio*. Tambem em França, no crasso e insensato despotismo do antigo regimen, Montesquieu eleva-se contra o exercicio da auctoridade absoluta, investigando as instituições constitucionaes de Inglaterra, d'onde resultou mais tarde a implantação d'essa inconsciente parodia do systema representativo entre todos os povos onde a monarchia absoluta teve, para se manter, de falsificar as exigencias da liberdade. A Restauração foi essa época da *pedantocracia* em que, não se atrevendo a ir de encontro a todos os resultados da revolução, a realeza simulou as formalidades exteriores do parlamentarismo; é n'esta situação deprimente e anarchica do absolutismo agonisante que Tocqueville estuda as instituições democraticas da America, que vieram a influir na fundação da segunda e terceira republica da França, centro hegemonico da Civilisação occidental.

Tacito, Macchiavelli, Montesquieu e Tocqueville oppuzeram, por uma admiravel intuição, ás monstruosidades das noções absolutas da auctoridade da sua época, a relação concreta com as fórmas sociaes de outros povos. Como se operou este criterio comparativo? Pela idealisação da sociedade germanica, romana, ingleza e americana. Freemann, na sua *Politica comparada*, recompondo este fundo commum das instituições eu-

ropêas, determinou o verdadeiro espirito de relatividade que tira ás questões sociaes a hallucinação e intransigencia partidaria.

As noções absolutas no governo das sociedades eliminam todos os estimulos de progresso, e as instituições são consideradas immoveis além do seu legitimo momento historico. A realeza, ou a fórma da soberania monarchica, considerada sob o seu aspecto relativo, pertence a uma época atrazada da humanidade, quando preponderava o regimen da guerra, e quando as dependencias individuaes eram detidas pela disciplina militar. A queda do Feudalismo envolveu tambem em si a da realeza; e se ella se mantem ainda hoje, na éra da paz e da actividade industrial, é á custa da monstruosidade dos exercitos permanentes, de recrutamentos bestiaes e das absurdas e criminosas guerras diplomaticas. Na relação de *espaço*, os reis não têm logar, por que as nacionalidades estão definidas nas suas fronteiras naturaes, e o movel de conquista está fóra do direito; na relação de *tempo* os reis estão tambem deslocados, por que os seus instinctos bellicos não tem destino na éra da democracia trabalhadora e industrial. Só quem conserva uma irracional noção absoluta da realeza é que póde admittil-a na sociedade moderna; esses espiritos não têm ideal, e obedecem ao instincto animal da conservação na fórma automatica da imposição do passado. O ideal em politica é essa tendencia que leva o homem a realisar pelas instituições a maior somma de liberdade; para os politicos gregos a Republica era o ideal das fórmas governativas; esse ideal está em parte realisado no principio da isonomia, ou *egualdade perante a lei*. A democracia trabalhando para tornar effectivo o principio da autonomia ou *egualdade na formação da lei* pelo suffragio, completa essa noção ideal da Republica, em que todas as vontades individuaes, como elementos relativos, cooperam para que o bem estar da collectividade se funde em instituições progressivas.

Então, reorganisada a sociedade sem Deus nem reis, como dizia Comte, entra a Humanidade no regimen normal da *Sociocracia*, previsto por Kant, por Condorcet, por Chateaubriand, por Lange, mas só perfeitamente deduzido e caracterisado na Philosophia positiva. Antes porém de entrarmos no regimen da Sociocracia, previsão que se deduz da marcha da Civilisação occidental, outras transformações sociaes se vão operando, as quaes a Sociologia indica com clareza, devendo esta sciencia sugerir as applicações praticas na Politica. Não competindo esboçar aqui esta sciencia concreta, indicamos simples-

mente a somma de *previsões* que devem dirigil-a em uma actividade que não é a interferencia regulamentar, nem os expedientes occasionaes do governo.

Na sociedade moderna é evidente o phenomeno complexo de uma activa *decomposição* de instituições tradicionaes e empiricas, e de uma espontanea *recomposição,* modificando os costumes pelas noções racionaes. Esta oscilação social manifestada nas suas fórmas extremas pelo conservantismo ou regressão instinctiva ao passado, e pelo radicalismo ou aspiração irreflectida do futuro, só deixará de ser uma agitação revolucionaria quando o espirito relativo ou scientifico estabelecer pelos antecedentes sociaes as condições naturaes da Ordem e os gráos de successão das fórmas do Progresso. Destruiu-se o systema inicial da Theocracia, mas a sociedade acha-se perturbada com a sobrevivencia de elementos theocraticos, que embaraçam o advento do regimen final da Sociocracia: taes são a religião de estado, impondo pela força bruta a unanimidade de crença, e as fórmas cultuaes em contradicção com o estado mental, taes como, as fórmulas de juramento, as preces officiaes e o sacramentalismo dos actos civis, não fallando na revivescencia do velho antagonismo entre o Sacerdocio e o Imperio denominado hoje o ultramontanismo. Por outro lado erradas noções metaphysicas, suscitando uma agitação revolucionaria sem plano reconstructivo, dispersam as forças individuaes, como a vindicação do principio das maiorias, (Hobbes) da soberania popular, (San Thomaz, Calderwood, Malville) da revolta e intransigencia, (Buchanam, Milton, Humbert, Languet e Marianna) ou de uma egualdade social originaria, (Rousseau.) Estas doutrinas formadas antes da creação do espirito positivo das sciencias objectivas, antes da relacionação dos phenomenos physicos com os moraes, e da comprehensão da continuidade historica, embaraçaram por um negativismo critico a concepção e realisação de um estado normal da Humanidade, tornando incompativeis entre si o presente e os antecedentes sociaes, isto é, o Progresso com a Ordem. Já se não podia restabelecer o regimen da Theocracia, ou do direito divino, mas a prolongada agitação deu logar á intervenção de um estado social militar, representado pelas monarchias. A *recomposição* operou-se na Europa de um modo espontaneo pelo desenvolvimento natural do Proletariado e pela preponderancia crescente da actividade industrial; foi então que o criterio scientifico, restabelecendo os antecedentes historicos pôde achar a direcção normal proseguida pela especie através d'essa incoherencia de actos e negativismo de opiniões:

A sociedade europêa basea-se no amalgama de dois typos de agregação, a *tribu genealogica,* que funda os seus direitos no privilegio do nascimento, e a *tribu local,* que estabelece a sua liberdade por garantias territoriaes, onde todos eram eguaes pela mutua defeza e cooperação. (Vid. p. 169.) No conflicto das instituições derivadas d'estes dois typos sociaes organicos, (p. 176, 181, 188) deu-se o phenomeno notavel da decadencia e eliminação natural da *tribu genealogica,* e a preponderancia progressiva da *tribu local,* (p. 139.) Aqui as previsões estão implicitas na propria coordenação dos factos. Nada obsta que se complete a extincção das *Aristocracias,* como se deu na Grecia, em Roma, em Veneza, e na Edade media da Europa, e por consequencia se elimine da actividade social o mister das armas que lhes era caracteristico, (p. 149, 283, 45.) e ao mesmo tempo, que se complete a eliminação da Realeza, que tem abdicado gradualmente pela força das circumstancias o seu primitivo poder espiritual de pontifice, o seu poder temporal de general em chefe, o seu poder executivo de ministro, e o seu poder judiciario de magistrado, não lhe restando mais que o logradouro esteril da lista civil, para fazer da côrte um centro de degradação dos caracteres.

A preponderancia da tribu local (*Demos,* a planicie, e a communa) que resistiu sempre pelas instituições municipaes, e que se manifesta hoje pela Democracia, impõe-se á civilisação moderna pela actividade pacifica da Industria, pela concorrencia do merito ou capacidade, pelo bem estar do maior numero e pela independencia dos pequenos Estados. Emquanto prevaleceu na Europa a tribu genealogica, com as instituições fundadas no privilegio pessoal, as casas ou familias dynasticas tentaram a formação dos grandes Estados, produzindo catastrophes e quebrando a solidariedade da Civilisação occidental. A impossibilidade de levar a Europa para essa unificação monarchica, não subsistindo a obra de Carlos Magno, Carlos V, ou Napoleão, prova-nos que não existiam as condições naturaes d'esse equilibrio, ao passo que os pequenos Estados subsistiram sempre, influenciando directamente na marcha da civilisação, como Portugal nas grandes navegações, a Suecia na politica secular da Europa, a Polonia na salvação de Vienna invadida pelos Turcos. Se a subordinação hierarchica das pessoas, ou o *Feudalismo,* se extinguiu na ignominia da historia, o *Federalismo,* ou liga voluntaria da tribu territorial, tende a preponderar na fórma normal dos pequenos estados.

A circumstancia apparentemente accidental da extensão de um Estado, influe de um modo directo nas fórmas da sua

actividade, na intensidade do seu progresso, e na realisação da sua liberdade. Todos os sociologistas antigos e modernos, Platão e Turgot, Fergusson e Tocqueville, presentiram a importancia d'este problema, e quasi que determinaram a extensão normal que um estado deve occupar para ser um organismo vigoroso. O poder absoluto da auctoridade está na razão directa da grandeza territorial de uma nação; para que a sua acção se exerça, para que a unidade material se conserve, para que a ordem se mantenha, é preciso empregar um regimen de violencia, atrophiando todo o desenvolvimento local, toda a iniciativa individual, substituindo a vida da nação pela força do governo, sacrificando a liberdade ao principio da auctoridade. Os grandes imperios asiaticos, se exemplificam o despotismo dos chefes, são tambem o documento claro da depressão da individualidade humana reduzida ao bando inconsciente congregado apenas pelo sabre que o domina. Os grandes imperios da antiguidade cahiram, dissolveram-se por causa da sua propria grandeza, porque precisando da acção constante de um despota, essa acção dissolveu os caracteres, degradou os individuos, perscindiu das qualidades moraes reduzidas á obediencia passiva, e por fim a sociedade afundou-se por falta de energia individual, como o extraordinario collosso que se esborôa sobre o pedestal de areia. A grandeza territorial de Roma coincide com o despotismo da época dos Imperadores, e simultaneamente com a extincção dos sublimes caracteres individuaes antigos dá-se a desmembração do Imperio, que trouxe comsigo a tremenda desgraça do eclipse da civilisação greco-romana. Ao desmoronamento do imperio romano corresponde o facto contrario da formação espontanea de pequenos nucleos de nacionalidades, que vieram a constituir-se nos tempos modernos; este movimento social provocado pelas guerras de invasão de tribus barbaras, nascido na violencia de conquistas, dando logar á manifestação das qualidades mais distinctas dos chefes militares, que se tornaram vitalicios e hereditarios na sua soberania electiva, teve como consequencia o vir a prevalecer na moderna constituição das nacionalidades o vicio da incorporação de diversos estados em um todo compacto, que embaraçou até á Revolução franceza a realisação da liberdade individual nas instituições sociaes. A Europa actual soffre ainda hoje nos seus conflictos politicos a consequencia d'este regimen empirico da organisação dos grandes estados; a Hespanha decaiu depois de fixada a sua unificação; a França, em virtude do seu errado centralismo, já trez vezes ensaiou a

fundação da Republica, e não terá a segurança de estabilidade emquanto se não apoiar nas liberdades locaes; a Italia perdeu a sua existencia historica com a annexação das Republicas da Edade media; os grandes Estados da Austria, Allemanha e Russia precisam da organisação militar para se conservarem na agregação nacional, e tendo de sacrificar a este regimen atrazado a sua actividade industrial, recorrem ao expediente das guerras como recurso economico para sairem dos embaraços financeiros.

Assim como o aphorismo popular limita a propriedade civil dizendo—Terra quanta vejas,—assim a extensão do territorio nacional será medida pelo gráo de liberdade dos individuos em justo accordo com a auctoridade. Desde que para o governo de um povo seja preciso submettel-o á acção constante de um poder central, o seu territorio é excessivo, e está por isso provocando o desenvolvimento do absolutismo sobre a decadencia dos elementos organicos da nacionalidade. Os fócos mais potentes da civilisação humana formaram-se nos pequenos estados, como em Athenas, como na Roma republicana, como na republica de Florença, como em Veneza, como em Portugal, como na Hollanda, quando a humanidade era ainda barbara, ou quando ainda não conhecia a autonomia individual.

O esplendor artistico, litterario, poetico, social e historico da Hespanha deu-se até ao fim do seculo XV quando os estados livres luctavam pelos seus fóros e mantinham a sua independencia contra a absorpção centralista de Castella; uma vez feita essa unificação, a Hespanha foi o grande theatro do poder pessoal de Carlos V e de Filippe II, mas como nação ficou um povo morto, extemporaneo, retrogradado por systema, e como tal lucidamente idealisado por Cervantes no typo de Quixote. As nações pequenas, como Portugal, como a Belgica, como a Hollanda, visinhas dos grandes estados, tem vivido sempre sob o risco das annexações, das incorporações, da conquista; no dia em que o principio scientifico do Federalismo fôr a base da reorganisação dos grandes estados, ficará para sempre garantida a autonomia das nações pequenas, porque emfim os grandes estados, abandonando o despotismo centralista, serão na realidade uma unidade nacional attingida pela fórma tradicional e racional da Confederação.

Mignet observou que a organisação federalista preponderava em certa zona da Europa, tal como as federações do Imperio germanico, das Cidades hanseaticas, dos Cantões suissos, das Provincias unidas da Hollanda, e que se não forma-

ram fóra d'esta zona puramente germanica, por causa do principio de incorporação unitaria imperial da civilisação romana. D'aqui facil foi cahir na illusão de que a fórma federativa era puramente germanica, e o pensamento unitario dos grandes estados era romano. É certo que a Federação é superior á influencia dos accidentes do territorio, formando-se em paizes planos, nas montanhas, costas, cidades a grandes distancias e sob latitudes diversas; é superior á fórma politica, porque apparece constituida pelo poder senhorial dos Barões, dos Bispos, dos Abbades soberanos, dos Mercadores da Hansa, dos Pastores da Suissa e dos Burguezes da Hollanda; é superior ás circumstancias da época, como se vê pela federação germanica no seculo IX, ou pela das Provincias unidas no seculo XVI.[1] Mignet não observou que as federações foram a organisação politica da Grecia, a base da resistencia das cidades italicas, bem como dos Gaulezes e Iberos contra a invasão romana.

Vê-se que esta fórma politica é commum a todas as raças da Europa, e que a constituição unitaria dos grandes estados foi um accidente excepcional determinado pela situação de Roma, e pelo triumpho dos chefes militares da invasão germanica. Esgotada essa corrente, as cousas voltam ao natural, pela eliminação da tribu genealogica, e pela imposição da propria mesologia da Europa que favorece a limitação dos pequenos estados, correspondendo á necessidade da independencia local. Uma vez determinada a corrente da fórma politica de pequenos estados, isto mesmo provoca a necessidade de uma acção politica de conjuncto, partindo da ideia de que a Europa é um todo organico, como o entreviu Gervinus, e que Augusto Comte exprimiu pela palavra *occidentalidade* (p. 256 e 162). A descoberta da unidade das instituições da Europa coadjuvando esta solidariedade, fornece uma base natural de conservação, que se apoia na conformidade geral dos costumes. O Progresso tem de determinar-se segundo o movimento se passa na collectividade social, ou se exerce na elevação das capacidades individuaes; o desconhecimento da dependencia d'estes dois termos apparece nos factos antinomicos que se dão entre a esphera civil e politica, como se observa na Historia antiga. Existem Civilisações esplendidas, como no Egypto e em Babylonia, sob as quaes ficou abafado todo o Progresso individual; hoje póde-se affir-

[1] *Mem, de l'Acad. des Sciences Morales et Politiques,* t. II, 2.ª serie, p. LXIV a LXVI. 1839.

mar que desde o seculo XVI o Progresso individual excedeu o nosso estado de Civilisação, produzindo-se esses cataclysmos sociaes, como o da Revolução franceza, como o da retrogradação da Santa Alliança, como o da dictadura plebiscitaria do bonapartismo, e do esgotamento militar da Prussia. É por isso que ainda existem instituições que repugnam ao estado de elevação da consciencia moderna. Nas sociedades antigas, era a acção do conjuncto que impulsionava as capacidades individuaes, isto é, o Progresso derivava unicamente da Ordem; hoje as modificações politicas ou de conjuncto resultam das aspirações individuaes, devendo portanto a Ordem ser uma consequencia do Progresso. A mutua dependencia dos dous factores é a condição definitiva do regimen da Sociocracia, harmonisando entre si a Civilisação e o Progresso.

O Progresso individual apresenta os seguintes gráos successivos: é primeiramente *esthetico,* depois *scientifico* e por fim *philosophico.* É o que se observa na biographia dos grandes homens, como em Diderot, ou n'essa geração extraordinaria que creou a Arte moderna no seculo XV, a Sciencia experimental no seculo XVI, e a synthese philosophica no seculo XVII. É esta uma lei pedagogica, que deve dirigir a sugestão da actividade cerebral como meio de vencer a apathia natural do encephalo; no desenvolvimento d'estas tres ordens de actividades mentaes reside a plenitude do nosso sêr consciente.

O Progresso social é primeiramente *moral,* como se observa nas sociedades primitivas da China e da India; depois *industrial,* como no Egypto e Chaldea; alfim *politico,* como na Grecia e em Roma. Esta successão repete-se com evidencia na grande Civilisação occidental, preponderando na Edade media a subordinação *moral* pela propagação das doutrinas do Christianismo; a Edade moderna definiu-se pelo desenvolvimento *industrial* do proletariado, que tornou o trabalho livre; o progresso *politico* iniciado pela revolução dos Paizes Baixos e da Inglaterra, continuou-se na independencia da America e na crise franceza de 1789. Tal é a phase social em que a Europa se acha, tendo de resolver o problema da sua reconstituição politica, não pelas negações anarchicas, mas pelas noções positivas ou scientificas. O destino do progresso individual é a *Autonomia,* como o do progresso social é a *Isonomia,* termos lucidamente creados pelo genio especulativo da Grecia, e que correspondem ás noções modernas de Liberdade e de Auctoridade. Pela successão historica das fórmas da Liberdade (pag. 195 e 143) é segura a *previsão* sociologica que resulta da deducção dos antecedentes sociaes: depois da liberdade

civil, creada pelos jurisconsultos da Edade media, e da liberdade *politica,* vindicada pelos litteratos do seculo XVIII, segue-se a liberdade *philosophica,* ou de estado de consciencia, a que os inglezes chamaram *self-governement,* traducção da Autonomia.

O Progresso social manifestado pela Isonomia ou a egualdade perante a lei, *(responsabilidade)* e pela egualdade na formação da lei, *(suffragio)* conduz-nos á previsão de que o regimen normal da Humanidade realisará a egualdade na execução da lei *(mandato soberano temporario)* (pag. 302.) Assim se se estabelecerá o accordo da acção com a força consultiva da opinião, acabando de vez esse falso systema de Opposições contra o poder executivo, oscilando ora em golpes de estado parlamentares, ora ministeriaes, em que se dispende o talento e o tempo por falta da disciplina de que a especulação é incompativel com a acção, e que a acção prática depende do impulso sugestivo da previsão theorica. É sob este ponto de vista que a Sociocracia consegue pôr em accordo o Poder temporal e o Poder espiritual (isto é, esthetico, scientifico, e philosophico) que no regimen inicial da Theocracia se achavam confundidos. No estado actual dos progressos individuaes e da civilisação estão implicitas as seguintes previsões evidentes: Na *Synthese activa,* a força militar, (pag. 324) submetida gradualmente pela razão no Direito das Gentes, tende a ser eliminada ficando substituida pelo trabalho industrial com destino pacifico (p. 329); na *Synthese affectiva,* as religiões ficticias, impostas á consciencia na fórma de culto official, são substituidas pelas noções universaes da Moral, sendo a principal aquella em que o Direito de cada um consiste em conhecer e cumprir o seu Dever; na *Synthese especulativa,* as ficções theologicas e as miragens metaphysicas são substituidas pelas noções verificaveis e unanimes derivadas do accordo dos dados objectivos *(Sciencias)* com a elaboração subjectiva *(Philosophia)* (p. 416.) Esta disciplina mental vem terminar esse negativismo revolucionario proveniente do desaccordo entre as aspirações e as opiniões, entre os sentimentos e as ideias, entre os interesses individuaes e o conjuncto social, tão evidente na separação entre a vida domestica e a vida publica. A doutrina positiva, como uma synthese da civilisacão humana, é a que das numerosas deducções do passado tira as bases da construcção, definindo a fórma final do regimen da Sociocracia, ponto de convergencia de todos os esforços conscientes.

FIM

INDICE DOS AUCTORES

CITADOS N'ESTA OBRA

Adam Smith, 61, 79, 372.
Ad. Pictet, 139, 175.
Alembert, 30, 32, 434, 442.
Alfred de Vigny, 156.
Ampère, 9, 14, 429, 434.
Ampère (J. J.), 227.
Ardigó, 364.
Ardant du Picq, 313.
Aristippo, 31, 413.
Aristoteles, 13, 14, 42, 93, 200, 232, 295, 307, 378, 424, 434, 487.

Bacon, 9, 13, 31, 74, 262, 302, 312, 385, 423, 432, 434, 468.
Bailey, 433.
Bain, 15, 433.
Barch, 169.
Bastiat, 147, 154, 298, 299, 330.
Baudrimont, 488.
Baur, 150.
Becker, 182.
Bellarmino, 283.
Benfey, 393.
Berkeley, 400, 432, 468.
Berthelot, 33.
Berzelius, 487.
Beulé, 394.
Bichat, 443.
Biot, 483.
Blainville, 10, 429.
Blumenbach, 40.
Bluntschli, 313.
Boaventura (S.), 14, 434, 451.
Bodin, 93, 196.
Boyle, 474.
Bonstetten, 218, 219.
Bopp, 15, 433.
Bossuet, 91.
Boucher de Perthes, 167.
Brésson, 298.
Bucchanan, 283.
Buckle, 93, 121, 147, 471.
Bunsen, 92.
Burnouf, 476.

Cabanis, 311, 403.
Campanella, 131.
Carey, 16, 26, 32, 36, 37, 59, 103, 104, 114, 201, 209, 216, 220, 221, 253, 326, 414.
Carpenter, 32, 414.
Cástren, 99.
Charrière, 110, 163, 203, 221, 226, 242, 257.
Chateaubriand, 298, 504.
Cicero, 76, 427.
Claude Bernard, 29, 53, 54, 410.
Claudiano, 208.
Comte (Aug.) 2, 8, 9, 11 a 17, 21, 26, 59, 73 a 77, 86 a 88, 93, 115 a 119, 126 a 135, 147, 152, 155, 160, 165, 171, 179, 200, 227, 260 a 263, 266, 275, 277, 286, 293, 305, 308, 314, 329, 379, 383, 390, 396, 399 a 401, 407, 411 a 414, 418 a 426, 429 a 434, 441, 447, 459 a 463, 469, 501, 507, 512.
Comte (Ch.), 230.
Condillac, 442.
Condorcet, 161, 262, 277, 286, 310, 398, 417, 419, 507.
Cournot, 134, 383.
Cousin, 151.

Cruveilhier, 51.
Cuvier, 28, 97, 102, 447.

Daguin, 491.
Dalton, 474, 486.
Dante, 211.
Daremberg, 93.
Darwin, 26, 64, 117, 119, 121, 165, 402, 447.
Daumas, 313.
Davy, 487.
De Candolle, 155.
Democrito, 31, 413.
Demosthenes, 42.
Denis, 48.
Descartes, 13, 31, 156, 157, 174, 399, 413, 424, 443, 459, 468, 473, 484, 488.
Diderot, 386, 444.
Draper, 500.
Dugald-Stewart, 406.
Dunker, 315.
Dunoyer, 16, 314, 329.

Eckstein, 108.
Edwards, 117, 128.
Egger, 217.
Emile Chasles, 234.
Epicuro, 31, 413.
Eschines, 42.
Eschylo, 42.
Esquirol, 74.

Fergusson, 14, 96, 110, 196, 207, 510.
Ferrier, 433.
Feuerbach, 430.
Fichte, 433.
Firmin Caballero, 237.
Fourier (Ch.), 96, 329, 360, 398.
Freemann, 139, 164, 175, 176, 506.
Fremy, 33.
Fresnel, 31, 447.
Fustel de Coulanges, 183, 309, 318.

Galileo, 13, 64, 174, 196, 211, 262, 413, 439, 450.
Geoffroy Saint Hilaire, 28, 155, 165, 430, 441, 443, 459.
Gervinus, 162, 166, 284, 286, 292, 312, 512.
Goethe, 36, 384, 385, 392.
Godwin, 120.
Grimaldi, 31.
Grimm, 164.
Grove, 414, 466.
Guizot, 37.
Gustave Le Bon, 128, 219.
Guyot, 37.

Hamilton, 433.
Haeckel, 40.
Harrisson, 255.
Hartmann, 26, 209.
Harvey, 413, 472.
Havet, 133.
Hegel, 151, 166, 378, 422.
Henriques Nogueira, 243, 270.
Helmotz, 466.
Heraclito, 497.
Herbart, 2, 15, 26, 387, 439.
Herculano, 241.
Herder, 93, 204, 205, 384.
Herodoto, 426.
Herschel, 448, 451, 464.
Hinton, 492.
Hippocrates, 93, 114, 424.
Hirn, 466.
Hobbes, 370, 508
Holbach, 14, 394, 427.
Huarte, 402
Hubbard, 429
Humbert, 283, 508.
Humboldt, 100, 498.
Hume, 13, 14, 262, 314, 399, 424, 468.
Huxley, 2, 11, 84, 116, 121, 132, 424 a 428, 433, 441 483.
Huyghens, 31, 461 466, 474.

Ioule, 32, 466, 476.

Jacoby, 155, 157.
Joaquin Costa, 238.
Juvencel, 77, 123.

Kant, 13, 31, 145, 157, 168, 400, 468, 475, 484, 499.
Karl Ritter, 93, 204.
Kretz, 493.
Kuhn, 175.

Laffitte, 154, 265.
Lagrange, 459.
Lamarck, 19, 28, 64, 165, 443.
Lamcke, 38.
Lamé, 485.
Lange, 182.
Lange, 430, 441 500, 507.
Languet, 283, 508.

Laplace, 459, 475.
Lassen, 107.
Lavelleye, 231, 232.
Lavoisier, 453.
Leblois, 360, 464.
Leibnitz, 31, 84, 423, 474, 497.
Lenormant, 98, 332.
Leonardo de Vinci, 157.
Leucippo, 31, 413.
Le Verrier, 402.
Lewis, 15, 17, 26, 433.
Littré, 6, 14, 53, 167, 264, 378, 390, 397, 407 a 409, 424, 426.
Locke, 468.
Lubbock, 197, 361.
Lullo, 434.
Luys, 26, 74, 141.
Lyell, 161, 477.

Macauley, 256.
Macchiavelli, 14, 35, 196, 259, 312, 506.
Mackintosh, 406.
Mahaffi, 156.
Malte-Brun, 100.
Malthus, 60, 93, 115, 120, 122, 127, 134.
Mansel, 433.
Marco Aurelio, 196.
Marianna, 283, 508.
Marquardt, 282.
Maspero, 105, 106.
Maudsley, 26, 65, 385.
Maupertuis, 30, 489.
Maury, 162, 358.
Max Muller, 44, 169, 389.
Mayer, 2, 32, 116, 414, 468, 476, 481.
Menandro, 217, 307.
Michelet, 62, 93, 227.
Mignet, 245, 511.
Milton, 283, 508.
Miss Martineau, 114, 379.
Mommsen, 194.
Montesquieu, 14, 93, 196, 272, 506.
Moreau de Jonnès, 95, 105, 106, 213.
Morus, 131.
Moschus, 413.
Müller, 38, 128, 141, 478.
Müller (J.), 203, 212.

Napoleão, 224.
Newton, 13, 123, 157, 424, 466, 475.

Obry, 98.
Oppert, 98.
Ottfried Müller, 102.
Owen, 121.

Pascal, 85, 396.
Paul Broca, 44, 128.
Peschel, 99.
Peschine Smith, 201.
Philarète Chasles, 252.
Platão, 42, 110, 131, 207.
Pleyte, 350.
Plinio, 76.
Plutarcho, 158, 196, 357.
Polybio, 249.
Pott, 175.
Prichard, 97, 103.
Proudhon, 272, 329.

Quatrefages, 340.
Quetelet, 31, 93, 121, 147.

Ranke, 156, 160, 161, 179, 203.
Raynouard, 283.
Réclus, 178, 209.
Renan, 107, 157, 171, 179, 430.
Réville, 139.
Ribeiro de Macedo, 327.
Ricardo, 15
Robin, 11, 368.
Roscher, 169.
Rousseau, 133, 291, 502.
Rumford, 31.

Saint Martin, 274.
Saint Simon, 151, 398, 429, 431.
Salisbury, 296.
Santo Agostinho, 85, 87, 91, 282.
Savigny, 63, 164.
Schelling, 378, 384, 398.
Schiller, 56, 311, 429.
Schrader, 98.
Secchi, 29, 32, 471.
Seneca, 196.
Shakespeare, 158, 336.
Sismondi, 218, 221, 222.
Soares, 283.
Socrates, 307.
Sophie Germain, 52.
Sophocles, 42.
Spencer, 15, 20, 22, 26, 32, 33, 36, 74, 84, 116, 128, 164, 209, 340, 412, 429, 430, 447, 461, 466.
Spinosa, 157.
Stheinthal, 164.
Strabão, 250.

Stuart Mill, 2, 13 a 15, 126, 130, 294, 363, 395, 433, 439, 461.

Tacito, 77, 169, 197, 198, 281, 506.
Thierry, 102.
Thomaz (S.), 211, 281, 295, 442, 508.
Thompson, 32.
Tocqueville, 110, 208, 506, 510.
Trémaux, 32, 467, 476, 479, 489.
Tubino, 237.
Turgot, 14, 207, 208, 326, 428, 467.
Tylor, 164, 407.
Tyndall, 32, 467.
Twesten, 469.

Varrão, 427.
Vauvenargues, 353, 354, 357, 358.
Vermorel, 270.
Vicente de Beauvais, 296.
Vico, 14, 92, 333, 427, 428, 430, 499.
Violet le Duc, 394.
Voltaire, 291, 475.

Waitz, 93.
Wallis, 472.
Wallace, 121, 402.
Watereton, 32.
Whewell, 433.
Wildenow, 102.
Wildmeyster, 155.
Wirchow, 368.
Wolf, 394.
Wyrouboff, 232.

Yung, 447.

INDICE ANALYTICO

Acção governativa, empirica, 71. VI e VII.
— inconsciente dos Grandes Homens, 146.
Actividade social, suas fórmas, 308.
Adaptação das raças, 128.
Ager, 186.
Akkad e Sumnir, designações sociologicas, 98.
Aldeias, 199.
Altruismo, 359.
Amphyctionias, 176.
Analogias dos factos sociologicos, com a mechanica, 52.
— com a biologia, 53.
— com o apparelho locomotor, x.
— com a curva hyperbole, 54, not.
Anarchia dos espiritos, 6, 8, 17.
Antiguidade como sancção moral, 65.
Antrustiones, 176.
Apotheose dos poderosos, 149.
Arias, seu caracter, 171.
— sua evolução historica, 172.
— fórmas das suas civilisações, 173.
— suas linguas, 174.
— pastoraes, 177.
— suas concepções especulativas, 468.
Arimanias, 176, 199.
Aristocracias, sua decadencia e extincção, 35, 95, 115, 134.
— chineza, 42, 124.
— em Roma, 95.
— suas perturbações na Grecia, 278.
— decadencia em Inglaterra e Veneza, 95.
Aristocracias como fórma social, 305.
— elemento de perturbação na politica moderna, 297.
— do dinheiro ou plutocracia, 317.
Armas, sua historia, 323.
Arte, como synthese social na Grecia, 89.
— fórma da synthese affectiva, 377.
— o que deve á Metaphysica, 378.
— realisa o accordo da emoção subjectiva com os dados objectivos, 380.
— como disciplina synthetica, 383.
— evolução na sua morphologia, 394.
— hereditariedade, 390.
— relação imprevista das cousas, 385.
Associação, 131.
— local, 201.
— voluntaria, 202, 216.
Associonismo, 329.
Astronomia, sua acção nas faculdades do homem, 448, 452.
Automatismo da tradição e da imitação, 67.
Autonomia, 275, 514.

Balança do Commercio, 327.
Banda guerreira, e pastoral, 160
Banquetes publicos, 312.
Bardit, 197.
Bases da Philosophia positiva, 7
Basileus, 334.
Bem, sua etymologia, 360.
Beneficium, 283.

Biologia, sua systematisação, 459.
— seu estado theologico e methaphysico, 10.
— elementos geraes, 455.
Bonapartes, sua acção retrograda, 265.
Burgos, 170, 284.
Burguezia, ou tribu local, 133, 298.

Cantonalismo, 35, 186.
Caput, ou direito pessoal, 189, 190.
Cartas constitucionaes, seu caracter, 79.
— outorgadas, 269, 276, 295, 372.
Carthago, seu mercantilismo, 321.
Casa de Austria, 268, 276, 285.
— reinante, 285.
— de Saboya, sua influencia na Italia, 226.
Casamento exogamico, 37.
Castas, 137.
Catholicismo, sua organisação romana, 133.
Cavalleria, 317.
Celtas, seu estado social, 35.
Cem familias, 118.
Centenarios, seu destino social, 17.
Centralismo politico, 202.
Centros nervosos em relação com as syntheses sociaes, 86.
Cesarismo, 280, 303, 313.
Chaldèa, 106.
Chimica, seus elementos geraes, 454.
— mineral e organica, 33.
— caracter deductivo, 490.
— forças, 491.
Christianismo, sua duplicidade, 281.
Cidade, base de unificação social, 87, 188, 192.
— nos logares altos, 168.
— na Grecia, 171.
— entre os povos italicos, 193.
— estado politico de, 192.
Civilisação em accordo com o regimen politico, 88.
— hellenica, 49.
— Occidental, seus elementos, 162, 179.
— — seus periodos historicos, 179, 264.
— — sua expansão em peninsulas, 209.
— — unidade, 256.
— — causas da decadencia, 221.
Civilisação occidental, renascenças, 221.
— d'onde se deriva, 417.
Classe media, 134.
Classes, 314, 137.
Classificação dos Conhecimentos, 9,
— (Vid. Sciencias).
Clientella romana, 191.
Clima, 125.
Collectividade, sua força, 61.
Communa, 170.
Comparação em Sociologia, 83.
Companhias, 328.
Complicação, caracter dos phenomenos sociaes, 20.
Condicionalismo, 28, 137.
Confederação do Rheno, 257.
Conflicto pela vida, 119, 121.
Conservação, 24, 145, 201, 508.
Consciencia, 481, 482.
Constituição da sociedade romana, 182.
Constitucionalismo, 269, 276, 295, 372.
Continuidade historica, 160.
Costumes, 356.
— derivados do conflicto da População, 123.
— convertidos em leis, 77.
Couvade, 67.
Crise dos espiritos, 1, 2, 4.
Criterio historico, 164.
— comparativo em politica, 506.
— deductivo nos phenomenos sociaes, XII, 20.
Criticismo, relações com o Positivismo, 441.
— causas da sua renovação, 469.
— como reacção contra a Neo-Metaphysica, 477.
— sua incongruencia, 475.
Culto sociolatrico, sua origem, 16.

Decadencia da Civilisação occidental, 202.
Deducção sociologica, 22.
Deltas, sua formação, 104.
— sua influencia social, 42, 102.
Demiurgos, 182.
Democracia nos campos, 233.
Determinismo, seu valor philosophico, 29.
Descobertas que activaram a fundação da Sociologia, 6.
— maritimas, 324.

Descobertas geologicas, 167.
Despotismo, origem divina, 81, 149.
— formula governativa, 78.
Destino social da Industria, 129.
— da Moral, do Direito, do Commercio, *ib.*
Differenciações progressivas, 36.
Direito romano, seu dualismo, 188.
Divisão do trabalho, 117, 119, 126.

Economia politica, v, 16.
— seu destino social, 129.
— theoria, 60.
Edade media, seu caracter, 180, 204, 261, 264, 267, 314, 318.
Egreja, sua origem democratica, 287.
— fórmas da sua reorganisação, 286.
— seu mercantilismo, 325.
— invade a sociedade civil, 345.
Egualdade, 142.
— perante a lei, 155, 301.
Elementos sociaes communs á Europa, 46.
Ephorato, 315.
Equidade, sua noção, 195.
Equilibrio europeu, 209, 270, 277, 301.
Equivalencia do movimento cosmico em progressão social, 27.
Equivalente mechanico da racionalidade, 485.
Era da Industria, 263.
Escravidão, 325.
Especialisação de funcções, 87.
Especificidade de funcções, 68.
Estado, noção de Auctoridade, 271.
— mental da éra religiosa, 339.
— pequenos, 207, 212, 509.
Estatuto territorial, 193.
Eupatridas, 176, 181.
Europa, sua mesologia, 101, 203.
— configuração das suas tres peninsulas meridionaes, 109.
— caracter da sua civilisação, 204.
— sua unidade moral, 46, 162, 260.
— suas phases historicas, 205.
— causas da sua actividade industrial, 206.
— divisões geographicas, 206.
— — em pequenos estados, 207.
— campo de observações sociologicas, xi.
Evolução organica, 55.
Exercitos permanentes, 319.

Familia, elemento primordial em Sociologia, 57.
— persistencia na tribu genealogica, xii.
— como nucleo social, 137, 200.
— em Roma, 193.
— extincção em Roma, 194.
— dynasticas, sua decadencia, 136.
Fara, o territorio germanico, 193.
Fatalismo, 55, 137, 185, 189.
Federação, 263, 273.
— sua distribuição na Europa, 258.
— na Grecia, 42, 89.
— na Italia, 219.
— na Hespanha, 243.
— nas Gallias, 227.
— na Chaldêa, 107.
— na Austria e Allemanha, 270.
— sua influencia na Europa, 205.
— na Suissa, 251, 276.
Federalismo, 141, 509.
— sua tradição commum a toda a Europa, 512.
— não é privativo das raças germanicas, *ib.*
Ferias latinas, 186.
Fetichismo, 66.
Feudalismo, 283, 509.
Filiação, criterio sociologico, 84.
Foedus æqum, 187.
França, seus elementos nacionaes, 227.
— influencia das suas planicies, 234.
— sua ethnologia, 234.
— divisões territoriaes, 228.
— divisões feudaes, 233.
— unificada pela Realeza, 230.
— por que não são federaes as suas Republicas, 231.
— sob a fórma imperial, 233.
— seu futuro federalista, 232.
— sua hegemonia no occidente, 265.
— influe na Civilisação, 230.
— a grande Revolução, 261, 269, 275, 286, 291.
Fraternidade, seu destino social, 275.

Garantias, 138.
Gau, terra commum, 191.
Gemeos, 67.
Genio nacional expresso pelo estrangeiro, 43, 44.
— sociologico contraposto ao genio mathematico, 21.

Geomeros, 182.
Germanos, suas fórmas sociaes comparadas com os romanos, 191.
— invasões do Occidente, 265.
— instituições communs ás suas tribus, 45.
Gmeind, 176.
Grandes Homens, 76, 147.
— em uma época theologica, 148.
— no periodo metaphysico, 150.
— concepção positiva, 154.
— sua classificação, (Schema), 153.
Grandes Nacionalidades, 101, 113, 269, 292, 510.
Grecia, como orgão da Civilisação occidental, 110.
— sua face oriental, 110.
— sua consciencia da solidariedade occidental, 162.
— a sua synthese objectiva e subjectiva, 180.
— o elemento cidade, 181.
— suas renascenças na Civilisação occidental, 211.
— divisões geographicas, 212, 214.
— sua aristocracia, 279.
— resistencia contra a Persia, 280.
— suas origens artisticas, 394.
Guerras sociaes, 186.
— dos trinta annos, 285.
— suas fórmas, 313, 314.

Habitat das raças humanas, 103.
Hegemonia da humanidade, 109.
— Arias, 109.
Helotas, 315.
Hereditariedade psychologica, 155.
Hespanha, seus relêvos orographicos, 235, 237.
— sua ethnologia, 238.
— oscilação politica entre a unificação e desmembração, 239.
— independencia de Portugal, 242.
— condições para o federalismo hispanico, 243.
— estados federaes, 244.
— unificação politica, 245.
— seu esplendor quando dividida em pequenos Estados, 511.
Heterogenia coherente, 32, 39.
Heterogenias psychologicas, 157.
Historia, conduzindo a Previsões sociologicas, 161.
— seu valor politico, 163.
— contornos geraes, 304.
Historia, sua preponderancia no século XIX, 165.
— erros theologicos e metaphysicos da, 166.
— Ante-historia, 167.
— Proto-historica, 168, 170.
Historiador, seus requesitos, 161.
Historia, 23, 83.
— com nomes, 146.
Homenagem, 191, 198, 335.
Homegeneidade incoherente, 32, 259.
Honra, 334.
Hostis, 43.
Humanidade, sua historia implicita na das Nações, 160.
— como thema da Arte, 396.
— esboço d'uma epopêa, 397.
— presentida pelos philosophos romanos, 196.
Hundred, 176.
Hygiene, como missão social, 51, 60.
Hypotheses sociologicas, 84.
Hypocrisia liberal, 303.

Ideal, como movel de acção, 156.
Idéas de Diderot sobre Arte, 386.
Ilhas, 107.
— sua civilisação primordial, 108.
Imitação, como acto moral, 158, 357.
— na Arte, 392, 394.
Immortalidade, noção fetichista, 66.
Imperador, sua origem, 280, 219.
— romanos, sêres pathologicos, 77.
Individualismo, 47, 195.
Individuo, 271.
— e Estado, 90.
— e Raça, 136.
Industria, seu estado passivo, 369.
Instabilidade organica, 23.
— dos phenomenos sociaes, 83.
Inglaterra, unificada territorialmente, 254.
— estado mercantil egoista, 320.
— sua exploração da escravatura, 325.
— sua pacificação pelo federalismo, 255.
Iniciadores divinos das civilisações, 165.
Insociabilidade sociavel, 168.
Isolamento dos povos, causa de decadencia, 36.

Instituições em conflicto, 39.
Italia, sua fórma peninsular, 217.
— configuração do solo influindo na fórma federal, 223.
— suas federações antigas, 219.
— civilisações industriaes, 218.
— unificada pelos romanos, 224.
— o seu esplendor na época federativa, 222.
— acção deprimente do Papado, 224.
— divisões antes da Republica franceza, 224.
Isonomia, ou lei egual para todos, 514.

Jesuitas, 288.
— como se fizeram espiritos fortes, 289.
— reagem contra a corrente scientifica, 346.
— o seu ensino, 405, 501.
Juntas, fórmas do governo local, 237.
Jurisconsultos da Edade media, 275.
Jus Sacrorum, 194, 312.
— suffragii 195.

Kuschitas, 103, 107, 170.

Latifundia, 76.
Latium, nas Nacionalidades federadas, 219.
Lei da occupação da terra, 104.
— impessoal, 504.
— da População, 122.
Lei dos tres Estados, 418, 445, 467.
— sua origem psychologica, 420, 431.
— suas fontes historicas entre os Egypcios, 426.
— — entre os Romanos, 427.
— — comprovada na evolução das Sciencias, 448.
— discutida e modificada por Littré, 424.
— regeitada por Huxley, 425.
— recebida com modificações por Huxley, 426, 433, 484.
— apresentada por Vico, 427.
— exposta por Turgot, 428.
— concebida por Schiller, 429.
— presentida por Saint Simon, 429.
— adoptada por Blainville, 10.
Lei—remodelada por Spencer, 430.
— seguida sob outras designações por Ampère, 430.
— por Geoffroy Saint Hilaire, 430, 441.
— por Feuerbach e Renan, 430.
— Schema da lei, 485.
Liberdade, sua definição, 143.
— civil, politica e philosophica, 143, 195.
— definida pelos jurisconsultos romanos, 190.
— de cultos, 347.
— épocas, na historia moderna, 196.
— sua fórma em Roma, 194.
— Egualdade e Fraternidade, 273.
Liga acheana, 216, 276.
— hanseatica, 276.
— lombarda, 221.
— da Santa Alliança, 504.
Linguas, seus typos, 41.
— áricas, 174.
Litteratura grega, 217.
Localisações cerebraes, 74.

Marck, 176.
Materia e Movimento, 25.
— sua concepção, 464.
— — dynamica, 466.
— fórmas dos seus equilibrios, 493.
— Schema da sua concepção, 466.
Materialismo, seu caracter metaphysico, 416.
Maternidade, regimen social, 332.
Mathematica, seu caracter deductivo, 449, 463.
Mechanica racional, 463.
— concepção cartesiana, 473.
— social, 52.
Mediterraneo, sua acção na Civilisação europêa, 205, 258.
Mentalidade, 403.
Messianismo, 150.
Metaphysica, suas escholas, 422.
— em Politica, 508
Metoeques, 176, 189.
Militarismo na Europa, 290.
— em Sparta, 315.
— em Roma, 317.
Ministerio publico, 196.
Monarchia universal, 102, 163, 290.
— na Europa, seus effeitos, 112.
— como separação do Poder temporal, 134.

Monogamia, 37.
Montanhas, sua influencia social, 38, 97.
Moral, sua origem, 348.
— no estado theologico, 349.
— com caracter negativo, 350.
— imperativa, 350.
— metaphysica ou independente, 354.
— positiva, 352, 355.
— seu caracter relativo, 362.
— negativismo catholico da, 365.
— na Sciencia e na Industria, 367, 373.
Mores Majorum, 185, 189.
Movimento, como funcção do conhecimento, 26, 31, 463, 468.
— sua analyse, 485.
— organico, 481, 492.
— explicando os phenomenos do universo, 487.
Multiplicação dos effeitos na sciencia social, 72.
Mundo physico e moral, sua solidariedade, 92.
Municipio, 170, 180.
— sua persistencia, 201.
— sua revivescencia na civilisação, 220.
Mythos intermedios ás Religiões e ás Litteraturas, 343.

Nação, sua origem familista, 139.
Nacionalidade, 141.
— seus elementos, 189.
— romanicas, seus progressos, 260, 284.
Napoleão I, sua acção negativa, 292.
Narikas, 107.
Naturalismo árico, 184.
Negativismo, 416.
— decomposição social, 508, 513.
Neo-metaphysicismo, 447, 477.
Noções absolutas em Sociologia, 73.
Nomadismo, 168.
Numero statistico, 31.

Objecções de Huxley contra o Positivismo, 12.
Objectividade do conhecimento, 440.
— separada dos dados subjectivos, 446.
Objectividade, accordo dos dois elementos, 441.
Occidentalidade, 162, 163, 164, 262, 512.
Oppidum, 183.
Ordem, seu caracter relativo, 75.

Pagi, 199, 345.
Paleontologia da linguagem, 175.
Panionias, 187.
Patria, noção moral, 322.
Parlamentarismos, 300.
Partidos medios, 293.
Patriarchas, 137.
Pater-familias, 190.
Patriciado romano, 188.
Pedagogia, seus elementos, 364.
— ensino religioso das Collegiadas, 460.
— — humanista das Universidades, 460.
— confusão do ensino jesuitico, 346, 501.
— ensino scientifico, das Polytechnicas, 449, 501.
— fórma autodidatica e auctoritaria, 502.
— como applicação da Sociologia, 459.
Pedantocracia, 151, 294.
Peninsulas, 109.
— da Europa, 209.
— da Grecia, 212.
— da Italia, 217.
— da Hespanha, 235.
Persia, 178.
Phenicios, sua acção no Occidente, 108.
— na Grecia, 109.
Phenomenos sociaes fóra da acção individual, 503.
Philosophia positiva, sua missão social, 331, 371, 377.
— sua base natural, 410, 434.
— origem historica d'este estado mental, 423.
— valor d'esta designação, 399.
Philosophia no ensino official, 3, 423.
— scholastica, 80.
— moderna, sua evolução, 470.
Phraetrias, 176.
Physica, seus elementos, 453.
— segundo as leis dynamicas, 491.
— social, 52.
Physiologia de Descartes, 483.
Physiocratas, 326.

Planaltos, 40, 98.
Planicies, 99, 100.
Plano de Sociologia de Comte, 16.
Plutocracia, 318, 319.
Poder temporal e espiritual, 131, 281, 319.
— sua confusão, 291.
— pessoal, 504.
Politica comparada, 175.
— sciencia de applicação, 82, XIV, 200, 509.
— externa ou de conjuncto, 266.
— européa, sua unidade moral, 268.
— suas contradicções, 277.
Pomerium, 192.
População, 59, 95.
— como conjuncto social, 115, 122, 456.
Positividade, 410, 423, 434.
Positivismo, sua impersonalidade, 13.
Povo, 187, 297.
Previsões sociologicas, 509; XIII, XV, 19, 82, 161.
Prigorod, 189.
Progresso, 97, 144, 513.
Proletariado, 125, 127.
Protestantismo, 288.
Provincias unidas, 253, 276.
Propriedade, 134, 139.

Questão do salariato, 327.
— social, 329.

Raças, seus cruzamentos, 38.
— agricolas e pastoraes, 39, 138, 168, 177.
— classificação e caracteres sociaes, 41.
— na Europa, 44.
— germanicas, seus typos sociaes, 45, 197.
— sua invasão no Occidente, 199.
— habitat, 103.
— adaptação ao meio, 128.
— antagonismo na Grecia, 213.
— typo brachycephalo e dolichocephalo, 170.
Razão de estado, 78, 296.
Rebelião, 283.
Recomposição social, 508.
Recrutamento, 320.
Reforma religiosa, seu caracter politico, 289.
Regimen catholico-feudal, 286, 398.
Regimen constitucional, 135.
Rei, sua origem patriarchal, 190.
— hereditario, 191.
— germanico, 283.
Relativismo politico, 505.
— sociologico, 21, 30, 402, 407.
Religião, como synthese social, 57, 70, 311.
— em relação com o estado social, 58, 309, 336.
— nos actos civis, 337.
— sua decadencia, 343.
Republicas federaes, sua duração, 231.
Republicas italianas da Edade media, 221.
Repulsão, lei universal do movimento, 486, 487.
Revolução franceza, 261, 269, 275, 286, 291.
Rios, 107.
Roma, tribus que a constituiram, 43, 187.
— refugio das tribus genealogicas dos estados italicos, 183.
— differenças da Grecia, 185.

Sacerdocio e Imperio, 285, 286.
Santa Alliança, 293.
Schemas dos movimentos sociologicos, 27.
— das fórmas da Liberdade, 143.
— da theoria dos Grandes Homens, 153.
— dos Systemas philosophicos, 416.
— da lei dos tres estados, 435.
— da classificação das Sciencias, 458.
— — objectiva e subjectiva, 465.
— da concepção da Materia, 467.
— da Philosophia moderna, 470.
— da unificação das Sciencias, 501.
Sciencias, sua unidade segundo Condillac, 442.
— segundo Humboldt, 498.
— segundo a concepção dynamica, 465.
— sua classificação objectiva, 442, 443, 465.
— — — subjectiva, 465, 460.
— abstracta e concreta, 461.
— origem da hierarchia objectiva, 459.
— elaboração no seculo XVII, 472.
— sua successão historica, 14.

Sciencias sociaes, falta de coordenação geral, v, x.
— sua fórma deductiva, xii.
Self-governement, 272.
Segredo dos misteres, 326.
Semita, seu caracter, 171.
— seu beduinismo, 179, 321.
— acção religiosa, 341.
Senado, sua origem, 190.
Senso moral, 106.
Sentimento nos actos sociaes, 331.
Serie inductiva na Historia, 159.
Sociocracia, 18, 164, 306, 435, 457, xvi, 507.
Sociologia, causas que a motivaram, 135.
— como se fundou, 456, 457, 460, vii.
— opinião de Huxley sobre a fundação de Comte, 12.
— de Spencer, 116.
Solidariedade objectiva da especie, 166.
Statica social, 24.
— presentida por Kant, 499.
Stathouders, 226.
Suecia, sua acção como pequeno estado, 268.
Suissa, sua liberdade, 79.
— acção das montanhas, 99.
— elementos ethnicos, 253.
— constituição federal, 251, 276.
— seu caracter defensivo, 211, 253.
Syntheses sociaes ou consensus, 15.
— activa, 308, 312, 313, 325, 326.
— affectiva, 309, 332, 358.
— especulativa, 309, 310, 400, 414.
— entre os povos áricos, 173.
— no Occidente, 180.
Syntheses mentaes: objectiva, na Grecia, 180, 400.
— subjectiva, 401, 411, 413.
— confundida com a Metaphysica, 441.
— reclamada por Humboldt, 498.
— reorganisada por Comte, 447.
— sua preponderancia final, 464, ii.
Systemas sociaes subjectivos, 131.
— philosophicos, sua classificação, 415, 416.
Subsistencias, 119.

Tempo, como factor cosmico, biologico e social, 62, 63, 479.
Terceiro estado, 297.
Ternario sagrado, 274.
Terror branco, 300.
Theocracias, 133, 305, 338, 334.
Theorias politicas: da Cidade de Deus, 282.
— das Duas Espadas, 282, 286.
— das grandes Nacionalidades, 292, 294.
— da Rebelião, 283.
— do Equilibrio europeu. (Vid.)
— da Pedantocracia. (Vid.)
Trabalho livre, 376.
Tradição, como thema da Arte, 392, 393.
Transição da synthese activa para a affectiva, 330.
Tribu genealogica, 176, 335.
— patriarchal, 50, 120, 193.
— na Etruria, 183.
— sua influencia na Politica europêa, 278.
Tribu local, ou agrupamento de Cidade, 120.
— Filho da terra, 149, 169.
— Demos, na Grecia, 102.
— A Fara ou garantia territorial, 193.
— A visinhança, 139, 169.
Trogloditismo, 168.

União iberica, 235, 246, 248, 251.
Unidade imperial, 208.
— das Forças physicas, 475, 476.
Unificação da Europa, 283.
— da Italia sob os romanos, 186.
— depois da Edade media, 225.
— sua consequencia sob a Casa de Saboya, 227.
Unitarismo politico, 140.

Veneração, suas fórmas, 334.
Ver sacrum, 123.
Veto, 295.
Visinhança, 139, 169.
— como origem federativa da Amphyctionia, 176.
Vista de conjuncto, vi.
— em Biologia, iniciada por Hippocrates, 93.
— no phenomeno social da Populaçao por Malthus, 93.
— na sciencia social por Comte, 112, ix.
— em Historia, segundo Ranke, 160.

Westphalia, a paz de, 285.
Witenagemot, 45.

INDICE

PROLOGO..... PAG. V

PRELIMINARES

OPPORTUNIDADE DA PHILOSOPHIA POSITIVA NA SYSTEMATISAÇÃO DA SOCIOLOGIA

I. A crise dos espiritos: Necessidade da dependencia das idéas subjectivas das noções objectivas. II. As bases fundamentaes da Philosophia positiva: *Lei dos tres estados* e *Classificação historico-dogmatica dos Conhecimentos humanos,* intervindo na disciplina mental. — Comprovação diante dos progressos scientificos actuaes. III. A crise dos espiritos continuada nas perturbações sociaes: Destino final da Philosophia positiva na fundação de uma Sociologia. IV. Estabelecimento das tres syntheses sociaes de accordo com os dados da Psychologia, segundo Herbart, Mill e Bain. — A disciplina da actividade social: a *synthese activa,* éra da industria e fim das actividades militares destructivas; a *synthese affectiva,* éra dos deveres como fonte de todos os direitos, ou da Moral fundada na solidariedade humana; a *synthese especulativa,* a éra da racionalidade ou do accordo entre os principios e os factos. — Applicações á sciencia concreta da Politica..... 1 a 18

CAPITULO I

OS PRINCIPIOS DEDUCTIVOS DA SOCIOLOGIA

Decomposição das energias sociaes nos seus factores originarios: I. Do condicionalismo cosmologico: A lei de *Conservação* e a lei de *Transformação* continuadas no facto social da *Ordem* e *Progresso,* em mutua coexistencia. II. Do determinismo biologico: A passagem do *Automatismo* organico para a *Consciencia,* repete-se na transformação das instituições *tradicionaes* em *pactos voluntarios.* III. Do relativismo sociologico: Eliminação do absoluto nas noções psychologicas e factos sociaes. — Coexistencia do Individuo e do Estado pelo accordo da Auctoridade com a Liberdade..... 19 a 90

CAPITULO II

DADOS INDUCTIVOS DA SOCIOLOGIA

Das relações do meio cosmico, biologico e psychologico com os phenomenos sociaes: I. Mesologia das Civilisações: os planaltos e os valles, as ilhas, as peninsulas; a orographia da Europa. II. O problema da População e o empirismo do Estado: instituições provenientes do conflicto da população, e civilisações resultantes do genio das raças. III. Do limite da intervenção individual na marcha das sociedades humanas: Theoria dos grandes homens..... 91 a 158

CAPITULO III

THEORIA DO CONCURSO SUCCESSIVO

(*Estabelecimento da Continuidade historica*)

A Historia como fórma de consciencia: I. Classificação das Civilisações segundo os caracteres das raças: Raça amarella, ou *activa* (Accadios, Turanianos, Chinezes, Kmers, Peruanos, Mexicanos); Raça negroide ou *affectiva* (Kuschitas e Kuschito-Semitas); Raças brancas, ou *especulativas* (Semitas, Arias e Indo-Europeus) — Desenvolvimento da organisação social, segundo os elementos naturaes do Familismo (*tribu*) ou do Cantonalismo (*cidade*). Cooperação successiva da Sociedade grega, romanica e germanica na Civilisação occidental. — II. A marcha da civilisação europea em relação ao destino da Civilisação occidental deduzida da situação e acção mesologica. — A doutrina politica dos pequenos

Estados. — III. A politica individual perturbando a marcha da Europa pela tradição imperialista. — O regimen da força e da incorporação militar: Alexandre, Cesar, Carlos Magno. — O universalismo religioso, ou o poder espiritual em conflicto com o poder temporal. As duas correntes de unificação européa: *Catholicismo* (Innocencio III, Gregorio VII, Bonifacio VIII, Dominicanos e Jesuitas) e *Monarchia* (Carlos V, Richelieu, Napoleão). — A dissolução catholico-feudal (*Heresias* e *Revoluções politicas*) e a crise violenta do Negativismo contra o Sacerdocio (Voltaire) e contra o Imperio (Rousseau) — A Pedantocracia prolonga o negativismo na forma parlamentar, e na retrogração ultramontana. — As novas concepções positivas e a systematisação da Sociologia. 159 a 306

CAPITULO IV

THEORIA DO CONCURSO SIMULTANEO

(Coordenação dos Factores sociaes)

A evolução psychologica do individuo repete-se na dynamica social no accordo progressivo entre a subjectividade e a objectividade: I. *A Synthese activa,* comprehende na sua fórma empirica a actividade militar offensiva e defensiva, o trabalho do escravo e o trafico ou commercio sem concorrencia. A evolução militar define-se pelo desenvolvimento material das armas e abandono completo do sêr moral. — Na successão do periodo industrial repete-se o mesmo facto no aperfeiçoamento das machinas e decadencia moral e physica do operario. Necessidade de restabelecer os principios da Moral positiva. — II. *A Synthese affectiva:* A submissão dos fortes aos fracos pela protecção. — A veneração dos fracos pelos fortes explica-nos as fórmas da sociedade antiga. — Como as Religiões fizeram o accordo entre a vida domestica e a vida publica. — Fim das Religiões como fórma de uma mentalidade atrazada. Systematisação da Moral positiva. — Destino da Arte, partindo das emoções estheticas como estimulo das especulações mentaes. — III. *A Synthese especulativa,* apparece-nos primeiramente formada de um modo empirico, preponderando as noções subjectivas (*Theologias, Metaphysicas*) — Estabelecimento de uma disciplina mental pela organisação do criterio objectivo (*Sciencias*). — Ratificação do criterio subjectivo (Philosophia). — O Positivismo é esta recomposição do criterio humano da synthese especulativa; a sua missão social..... 307 a 416

CAPITULO V

DO ADVENTO DA HUMANIDADE AO SEU ESTADO NORMAL

(Unanimidade de Doutrina)

Do ascendente da Synthese especulativa na Civilisação moderna. — A concepção de Condorcet realisada por Augusto Comte: I. A *Synthese subjectiva* espontanea da humanidade definida com evidencia historica e comprovação psychologica na *Lei dos tres estados.* As concepções positivas tendem á ratificação e preponderancia final do criterio subjectivo. — II. A *Synthese objectiva,* lentamente elaborada pelo desenvolvimento das Sciencias fundamentaes, foi primeiramente constituida pelo plano de *Classificação hierarchica dos Conhecimentos humanos.* — Comprovação da taxonomia positiva das sciencias pelas doutrinas dynamicas. — III. Estabelecido o criterio da relatividade, e completada a Synthese objectiva pela subordinação dos phenomenos sociaes a invariabilidade das leis naturaes, existem as condições para fundar a nova Synthese subjectiva consciente: A concepção monistica como o resultado da mutua dependencia das duas Syntheses. — Possibilidade de uma doutrina, que estabeleça a unanimidade nos espiritos: Missão sociocratica da Philosophia positiva..... 417 a 496

CAPITULO VI

DAS PREVISÕES SOCIOLOGICAS

As noções scientificas completadas em uma synthese objectiva, levam á formação de novas concepções acerca da Sociedade. A unanimidade de Doutrina estabelece a distincção entre os factos negativos provenientes da dissolução da *Theocracia,* e os factos positivos tendendo á construcção da *Sociocracia.* — A fórmula de Vico: *A Humanidade é obra de si mesmo,* é a expressão synthetica do regimen normal das sociedades, presentido por Kant, Condorcet, Chateaubriand, Lange e Draper. — Da unanimidade de Doutrina deriva uma *Pedagogia* como disciplina individual, e uma *Politica* como reacção do conjuncto social incorporando em concurso simultaneo as capacidades individuaes. — Ideia geral da Educação positiva. — Fundação de um espirito relativo em Politica: Como dos antecedentes sociaes se estabelecem as condições para as previsões da Sociologia. — Enumeração das previsões immediatas, objecto do destino pratico da acção politica..... 497 a 514